

150
Momentos
mais importantes
da história de
Passo Fundo



Osvandré Lech
(Organizador)

150
Momentos
mais importantes
da história de
Passo Fundo

Passo Fundo
2007

méritos
editora

© 2007, Academia Passo-Fundense de Letras, Osvandré Lech.

Méritos Editora Ltda.

Rua Padre Valentin, 564

Passo Fundo, RS, CEP 99070-100

Fone/Fax: (54) 3313-7317

Página na internet: www.meritos.com.br

E-mail: sac@meritos.com.br

Charles Pimentel

Editor

Ademir da Silva

Alessandro Batistella

Carmen N. Pimentel

Jenifer B. Hahn

Moacir P. Goelzer

Leo Hélio Dellazzari

Auxiliares de editoração e revisão

Afirmativas, datas, nomes e conclusões descritos nestes tópicos são de exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores. A editora, o organizador e a Academia Passo-Fundense de Letras se eximem de qualquer responsabilidade legal.

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

C397 150 momentos mais importantes da história de
Passo Fundo / organizado por Osvandré
Lech. - Passo Fundo: Méritos, 2007. - 416 p.

1. História de Passo Fundo 2. Historiografia
I. Lech, Osvandré (Org.)

CDU: 981.65

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN: 978-85-89769-40-2

Dedicamos este livro para todas as pessoas que, em diferentes épocas e com diferentes objetivos, ofereceram o seu melhor esforço e a fé mais firme no trabalho para o engrandecimento da cidade de Passo Fundo.

*Membros atuais da
Academia Passo-Fundense de Letras.*

***“Sirvam nossas façanhas de
modelo a toda terra”***

*(Estrofe do Hino Rio-Grandense,
letra de Francisco Pinto da Fontoura)*

*Agradeço aos colaboradores deste livro.
Sem dúvida, ele foi escrito a centenas de mãos!*

*Agradeço ao "corpus du spirit" da Academia
Passo-Fundense de Letras, e em especial aos con-
frades Paulo Monteiro e ao Gilberto Cunha; to-
dos entenderam a dimensão desta obra e assumi-
ram a missão com presteza, alegria e espírito de
contribuição.*

*Agradeço, como sempre, à Marilise, à
Graciela e ao Leonardo pela paciência e apoio.
Devo (novamente) muitas horas de convívio com
vocês. Valeu à pena!*

Osvandré Lech

Apresentação

Estamos diante de uma obra que procurou reviver o passado, ao fazer uma narração dos fatos notáveis ocorridos nesse período, deixando uma mostra para o presente e futuro. Isso é magnífico, principalmente por ser parte da história contada e documentada por pessoas da nossa gente. Assim é uma honra e satisfação muito grande iniciar o livro dizendo que Passo Fundo comemora seus 150 anos de emancipação política. O nosso município foi construído por pessoas empreendedoras, cada qual deixando um legado de realizações sociais, culturais, esportivas, econômicas e políticas.

A realidade de Passo Fundo, a sua pujança em agricultura, serviços, comércio, indústria, e suas dificuldades inerentes a uma cidade pólo regional, de porte médio, é parte de uma história de muito trabalho e dedicação de toda a nossa comunidade.

Nessa homenagem, destaca-se a forma em que todos os passo-fundenses que desenvolveram este município vêm, de forma brilhante, expresso, em 150 fatos marcantes e memoráveis registrados nesse livro. Além deles, queremos destacar as instituições públicas, privadas e associativas, muitas até centenárias, que foram instrumentos de desenvolvimento e mobilização social.

Nesse reconhecimento às instituições queremos destacar todas as empresas de comunicação, pois foram elas que também presenciaram, participaram, fizeram e contaram a história de Passo Fundo, em especial os tradicionais jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*.

Parabéns à Academia Passo-Fundense de Letras, pela iniciativa de editar essa memorável e festejada obra histórica, parabéns homens e mulheres de nossa terra, parabéns Passo Fundo pelo seu sesquicentenário.

Com muito orgulho,

Airton Lângaro Dipp
Prefeito Municipal

Passo Fundo, 7 de agosto de 2007



Passo Fundo revivido em 150 anos na obra da Academia Passo-Fundense de Letras

*A*s seguidas indagações que são feitas em busca da razão da existência, finalidade e objetivos da Academia Passo-Fundense de Letras encontrarão, agora, tudo o que se possa imaginar de suas finalidades e, principalmente, do valor de sua presença na própria história de nossa Passo Fundo. Numa feliz e inspirada manifestação, o acadêmico Osvandré Lech lançou a semente de mais uma obra, esta, agora, não de um, mas de todos os membros da Academia e os mais influentes da própria vida da comuna. Os festejos passarão, os próprios testemunhos do que marcará os 150 anos de Passo Fundo, também passarão. Ficará, porém, em páginas imortalizadas, a imagem mais perfeita e fiel das razões do progresso e liderança regional hoje ostentados pelo que Passo Fundo possui. Ninguém poderá viver distante desta obra se desejar inteirar-se da marcante e fulgurante caminhada de Passo Fundo e dos seus filhos, ao longo destes 150 anos tão progressistas, de conquistas em todas as áreas que até hoje perduram sendo razões maiores desta invejável posição que desfrutamos perante as demais comunas gaúchas. Vale o registro e o agradecimento, deste punhado de colaboradores que, chamados a dar um pouco de si, tudo largaram e voltaram-se inteiramente à concretização desta histórica obra. Recebemos, com os melhores agradecimentos a Deus, o que hoje a Academia Passo-Fundense de Letras a todos oferece. Uma dádiva que nunca mais sairá de nossos corações.

Antonio Augusto Meirelles Duarte
Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras



Prefácio

“Cultura é o que fica depois de se esquecer
tudo o que foi aprendido”.

André Marois

“Facta potentiora sunt verbis”.
(*Os fatos têm mais força que as palavras*)

Este livro é a síntese da alma do passo-fundense, da sua memória, da sua liberdade de expressão, das suas façanhas, das suas vitórias e derrotas, do seu amor pela terra onde nasceu ou escolheu para viver e produzir.

“Terra de Passagem”, “terra da dualidade”, “terra das múltiplas etnias”. Passo Fundo é uma mescla disto e muito mais. Os 150 tópicos descritos em ordem cronológica permitem a análise dos momentos que fizeram o coração do passo-fundense bater mais forte, levantar mais cedo, dormir mais tarde, vibrar, chorar, participar. Enfim, é como se a vida da comunidade pudesse estar toda contida num simplório diário.

A idéia deste livro é proporcionar ao leitor noções básicas de cada assunto abordado. Naturalmente que não se pode realizar uma análise profunda de um assunto em apenas duas páginas de livro. Este não é o objetivo do livro. Conhecer um pouco da nossa história e do passado, mesmo que de forma *superficial*, é essencial para entendermos melhor a cidade em que vivemos. Este é o objetivo do livro.

Não é simples organizar um livro com tantos colaboradores. O leitor perceberá facilmente as diferentes formas descritivas – técnica, poética, pessoal, histórica, revanchista etc. Todas estas formas são bem-vindas e compõem o universalismo do livro – tópicos tão distintos de épocas tão distintas.

Alguns tópicos são abordados por mais de um co-autor. Isso permitirá que o leitor tenha análises distintas.

Alguns textos necessitaram de extensa editoração e resumo. Uma tarefa difícil quando não se quer alterar a mensagem do autor. O objetivo, acima de tudo, era manter o tamanho uniforme de duas páginas por tópico.

Sinto-me feliz e realizado por contribuir com a cultura e o resgate histórico da minha cidade natal, a querida Passo Fundo Tchê!

Osvandré Lech
7 de agosto de 2007



Sumário

APRESENTAÇÃO	
<i>Airton Lângaro Dipp</i>	11
PASSO FUNDO REVIVIDO EM 150 ANOS NA OBRA DA ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS	
<i>Antonio Augusto Meirelles Duarte</i>	13
PREFÁCIO	
<i>Osvandré Lech</i>	15
O PROJETO APRESENTADO À ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS	27
O PROJETO ENVIADO À PREFEITURA MUNICIPAL	29
A PESQUISA CIENTÍFICA DOS 150 MOMENTOS MAIS IMPORTANTES DE PASSO FUNDO	31
COLABORADORES	33
TODAS AS SUGESTÕES DOS 150 MOMENTOS MAIS IMPORTANTES DE PASSO FUNDO	37
DE CAMPOS E MATAS ABERTAS À EMANCIPAÇÃO DE PASSO FUNDO	
<i>Paulo Monteiro</i>	49
ORIGENS E DESTINOS DO TERRITÓRIO DE PASSO FUNDO	
<i>Eduardo Belisário Finamore</i>	84
JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS: O PATRIARCA DE PASSO FUNDO	
<i>Dilse Piccin Corteze</i>	86
CONTRIBUIÇÃO ALEMÃ	
<i>Welci Nascimento</i>	88
EMANCIPAÇÃO DE PASSO FUNDO	
<i>Paulo Monteiro</i>	90
INSTALAÇÃO DA CÂMARA DE VEREADORES	
<i>Paulo Monteiro</i>	92
O PAÇO MUNICIPAL E SEUS MANDATÁRIOS	
<i>Welci Nascimento</i>	94



TERRENOS FOREIROS OU DE ALVARÁ	
<i>Paulo Roberto Magro</i>	96
CHAFARIZ DA MÃE PRETA	
<i>Pablo Morenno</i>	98
GUERRA DO PARAGUAI	
<i>Elisabeth Souza Ferreira</i>	100
A CASA BARÃO: SOLAR LOUREIRO	
<i>Ana Paula Wickert, Selma Costamilan</i>	102
AS PROCISSÕES E A RELIGIOSIDADE POPULAR	
<i>Welci Nascimento</i>	104
RAZÕES PARA A IMIGRAÇÃO ITALIANA	
<i>Santo Claudino Verzeleti</i>	106
ALGUNS FEITOS DA MAÇONARIA EM PASSO FUNDO	
<i>Sérgio André Maffessoni</i>	108
NICOLAU DE ARAÚJO VERGUEIRO	
<i>Osvandré Lech</i>	110
PRESTES GUIMARÃES, 1º PRESIDENTE DA PROVÍNCIA	
<i>Mariluci Melo Ferreira</i>	112
ECHO DA VERDADE – A IMPRENSA NASCE EM PASSO FUNDO	
<i>Rogério Moraes Sikora</i>	114
REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM PASSO FUNDO	
<i>Paulo Monteiro</i>	116
IGREJA MATRIZ DA CONCEIÇÃO	
<i>Pablo Morenno</i>	118
BATALHA DO PULADOR	
<i>Jabs Paim Bandeira</i>	120
A PRIMEIRA SANTA POPULAR PASSO-FUNDENSE	
<i>Paulo Monteiro</i>	122
IMIGRAÇÃO ITALIANA EM PASSO FUNDO	
<i>Pedro Ari Veríssimo da Fonseca</i>	124
TRANSPORTE FERROVIÁRIO EM PASSO FUNDO	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	126

O DOCE CHEIRO DA MARIA-FUMAÇA	
<i>Carlos Alceu Machado, Márcia H. Saldanha Barbosa, Mauro Gaglietti</i>	128
MARGHERITA DI SAVOIA, O CLUBE ITALIANO	
<i>Luísa Grigoletti Dalla Rosa</i>	130
O INÍCIO DA SAÚDE PÚBLICA NA CIDADE	
<i>Marco Antonio Damian</i>	132
CICLO DA MADEIRA	
<i>João Carlos Tedesco</i>	134
OS JUDEUS E A SUA COMUNIDADE EM PASSO FUNDO	
<i>Daniel Viuniski</i>	136
COLÉGIO ELEMENTAR	
<i>Santina Rodrigues Dal Paz</i>	138
BANCO DA PROVÍNCIA	
<i>Jabs Paim Bandeira</i>	140
PRAÇA TAMANDARÉ	
<i>Marco Antonio Damian</i>	142
COLÉGIO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	
<i>Alcides Sartori, Jurema Carpes do Valle</i>	144
HOSPITAL DA CIDADE	
<i>Paulo Adil Ferenci</i>	146
CERVEJARIAS SERRANA, CONTINENTAL E BRAHMA	
<i>Elisabeth Souza Ferreira</i>	148
A SÉTIMA ARTE	
<i>Marco Antônio Damian</i>	150
CLUBES DE FUTEBOL	
<i>Marco Antonio Damian</i>	152
CLUBE VISCONDE DO RIO BRANCO	
<i>Maria de Lourdes Isaias</i>	154
SPORT CLUB GAÚCHO	
<i>Meirelles Duarte</i>	156
HOSPITAL SÃO VICENTE DE PAULO	
<i>Welci Nascimento</i>	158



DE FOOTING A BOBÓDROMO, UMA INSTITUIÇÃO COMUNITÁRIA	
<i>Paulo Monteiro</i>	160
INSTITUTO GYMNASIAL - O "IE"	
<i>Osvandré Lech</i>	162
HOTÉIS DE PASSO FUNDO	
<i>Ana Paula Wickert , Atilio Tramontini (**)</i>	164
PARADA DA MOCIDADE	
<i>Meirelles Duarte</i>	166
ACISA	
<i>Sergio Cláudio Ricci</i>	168
O EXÉRCITO BRASILEIRO	
<i>Irineu Gehlen, Alori Batista Castilhos</i>	170
A REVOLUÇÃO QUE INICIOU EM PASSO FUNDO	
<i>Paulo Monteiro</i>	172
COLÉGIO NOTRE DAME	
<i>Helena Rotta de Camargo e Irma M. Gregórie Schwiegershausen (**)</i>	174
JORNAL O NACIONAL	
<i>Pedro Ari Verissimo da Fonseca</i>	176
CONSULADO ITALIANO	
<i>Aldo Alessandri</i>	178
PONTE FRANCESA NO RIO PASSO FUNDO	
<i>Jorge Alberto Salton</i>	180
FUNDAÇÃO LUCAS ARAÚJO	
<i>Santina Rodrigues Dal Paz</i>	182
UM CARNAVAL QUE PASSOU EM PASSO FUNDO...	
<i>Maria de Lourdes Isaias</i>	184
ESCOLA ESTADUAL NICOLAU DE ARAÚJO VERGUEIRO - EENAV	
<i>Helena Rotta de Camargo, Valesca Oliveira Brenner</i>	186
REVOLUÇÃO DE 1930: ASPECTOS LOCAIS	
<i>Alberto Antonio Rebonatto</i>	188
ESCOLA JOAQUIM FAGUNDES DOS REIS	
<i>Dilse Piccin Corteze</i>	190

A CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL NOSSA SENHORA APARECIDA <i>Dom Urbano Allgayer</i>	192
JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ <i>Santina Rodrigues Dal Paz</i>	194
CÍRCULO OPERÁRIO PASSO-FUNDENSE <i>Helena Rotta de Camargo, Irma Maria Trombini</i>	196
ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS: DADOS RELEVANTES <i>Welci Nascimento</i>	198
ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS: ATOS DE INSTALAÇÃO <i>Paulo Monteiro</i>	204
ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS: CONFRADES DE 1938 A 2007 <i>Santina Rodrigues Dal Paz</i>	206
ROTARY CLUB <i>Santina Rodrigues Dal Paz, José João Holsbac</i>	210
MENEGAZ S/A <i>Daniel da Silveira Menegaz</i>	212
BANCO DO BRASIL <i>João Carlos Lencines Bolner</i>	214
OS CAFÉS DE PASSO FUNDO <i>Meirelles Duarte</i>	216
LIGA PASSO-FUNDENSE DE FUTEBOL <i>Santo Claudino Verzeleti</i>	218
AEROPORTOS SÃO MIGUEL E LAURO KÖRTZ <i>Jabs Paim Bandeira</i>	220
BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL <i>Helena Rotta de Camargo, Marilza Bragagnolo</i>	222
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC): O ASSISTENCIALISMO SECULAR <i>Alessandro Batistella</i>	224
SURGIMENTO DO RÁDIO EM PASSO FUNDO <i>Meirelles Duarte</i>	228
A EDUCADORA MARIA FIALHO CRUSIUS <i>Paulo Sérgio Crusius</i>	230



Z. D. COSTI & CIA. LTDA. <i>Celi Maria Costi Ribeiro</i>	232
AS CARRETERAS E OS GRANDES PILOTOS <i>Marco A. Damian</i>	234
SERVIÇOS PÚBLICOS DE SEGURANÇA EM PASSO FUNDO <i>Hugo Roberto Kurtz Lisbôa</i>	236
GRAZZIOTIN S/A <i>Olanir Grazziotin</i>	238
IMPRENSA ALTERNATIVA EM PASSO FUNDO <i>Celestino Meneghini</i>	240
FRIGORÍFICO PLANALTINA <i>João Carlos Tedesco</i>	242
DOM JOÃO CLÁUDIO COLLING <i>Euclesio Eloy De Bortoli</i>	266
DO CONSERVATÓRIO MUNICIPAL DE MÚSICA À FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UPF <i>Mercedes Cogo, Nilza Rodrigues Giovanetti</i>	268
CTG LALAU MIRANDA <i>Welci Nascimento</i>	270
O PRIMEIRO PLANO DIRETOR <i>Haroldo Loguercio Carvalho</i>	272
CULTURA ARTÍSTICA E GRUPO ESCOLA DE TEATRO AMADOR DELORGES DE CAMINHA <i>Charles Pimentel</i>	274
FACULDADE DE FILOSOFIA DA UPF <i>Pablo Morenno</i>	276
FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE DIREITO <i>Luiz Juarez Nogueira de Azevedo</i>	278
PRIMEIRO CENTENÁRIO DE PASSO FUNDO <i>Marco Antonio Damian</i>	280
CULTURA DO TRIGO <i>Gilberto R. Cunha</i>	282
LIONS CLUBE <i>Nilo Fernandez</i>	284

HOSPITAL BENEFICENTE DR. CÉSAR SANTOS	
<i>Carlos Torres</i>	286
FERROVIA L-35	
<i>Santo Claudino Verzeleti</i>	288
SEMEATO S/A	
<i>Welci Nascimento</i>	290
TEIXEIRINHA	
<i>Paulo Monteiro</i>	292
ASSISTÊNCIA SOCIAL DIOCESANA LEÃO XIII	
<i>Pablo Morenno</i>	294
FACULDADE DE AGRONOMIA DA UPF	
<i>João Carlos Sandri Pires</i>	296
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UPF	
<i>Rui Getúlio Soares</i>	298
VITÓRIA PASSO-FUNDENSE NAS MIL MILHAS BRASILEIRAS	
<i>Marco Antonio Damian</i>	300
7º NÚCLEO DO CPERS	
<i>Selma Costamilan</i>	302
INSTITUTO ESTADUAL CECY LEITE COSTA	
<i>Santina Rodrigues Dal Paz</i>	304
A TRAGÉDIA DO VÔO 280	
<i>Marco Antonio Damian</i>	306
LUIS CARLOS PRESTES: A DERROTA DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA	
<i>Argeu Santarém</i>	308
AVANÇOS DA ORTOPEdia E TRAUMATOLOGIA	
<i>Osvandre Lech</i>	310
PASSO FUNDO SEDE DO GOVERNO ESTADUAL	
<i>Alberto Antonio Rebonatto</i>	312
CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS	
<i>Odilon Garcez Ayres</i>	314
NEVE EM PASSO FUNDO	
<i>Gilberto R. Cunha</i>	316



MARIA ELISABETH DE OLIVEIRA	
<i>Pablo Morenno</i>	318
GAÚCHO NA DIVISÃO ESPECIAL	
<i>Meirelles Duarte</i>	320
A INVASÃO E A RETOMADA DA UNIVERSIDADE	
<i>Luiz Juarez Nogueira de Azevedo</i>	322
APAE	
<i>Selma Costamilan</i>	324
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO	
<i>Rui Getúlio Soares</i>	326
FACULDADE DE MEDICINA	
<i>Carlos Antonio Madalosso</i>	330
SISTEMA PLANTIO DIRETO NA PALHA: UMA REVOLUÇÃO NA AGRICULTURA BRASILEIRA	
<i>Gilberto R. Cunha</i>	332
I FEIRA REGIONAL DE CIÊNCIAS	
<i>Luiz Eduardo S. Spalding</i>	334
COMPLEXO ROSELÂNDIA	
<i>Getulio Vargas Zauza</i>	336
O SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)	
<i>Selma Costamilan</i>	338
O KARTISMO EM PASSO FUNDO	
<i>Marco A. Damian</i>	340
EMBRAPA TRIGO	
<i>Gilberto R. Cunha</i>	342
O INÍCIO DA PSICOLOGIA	
<i>Getulio Vargas Zauza</i>	344
RESERVAS ECOLÓGICAS ARLINDO HAAS E MARAGATO	
<i>Rogério Benvegnú Guedes</i>	346
RIO PASSO FUNDO, O NILO PASSO-FUNDENSE	
<i>Rogério Moraes Sikora</i>	348
MONUMENTOS HISTÓRICOS	
<i>Dilse Piccin Corteze</i>	350

CENTRO CULTURAL ÍTALO-BRASILEIRO ANITA GARIBALDI	
<i>Santo Claudino Verzeleti</i>	352
MUSEU HISTÓRICO REGIONAL (MHR) E MUSEU DE ARTES VISUAIS RUTH SCHNEIDER	
<i>Dilse Piccin Corteze</i>	354
CLUBE DE ESPORTES DE PASSO FUNDO (CECON)	
<i>Santo Claudino Verzeleti</i>	356
AREVOLTA DOS MOTOQUEIROS	
<i>Rogério Moraes Sikora</i>	358
PRAÇA MARECHAL FLORIANO	
<i>Francisco Mello Garcia</i>	360
ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL (AHR)	
<i>Benhur Jungbeck</i>	362
TV UMBU - RBS TV PASSO FUNDO	
<i>Charles Pimentel</i>	364
ROMARIA DIOCESANA A NOSSA SENHORA APARECIDA	366
<i>Pablo Morenno</i>	366
O SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL (SENAC)	
<i>Selma Costamilan</i>	368
AS JORNADAS LITERÁRIAS E A CAPITAL NACIONAL DA LITERATURA	
<i>Tania Mariza Kuchenbecker Rösing</i>	370
SINDUSCON E O CRESCIMENTO IMOBILIÁRIO	
<i>Marco Antônio Lima</i>	372
1º RODEIO NACIONAL DE INTEGRAÇÃO GAÚCHA	
<i>Odilon Garcez Ayres</i>	374
1ª CARRETA DO AGASALHO	
<i>Odilon Garcez Ayres</i>	376
SISTEMA VIÁRIO PERIMETRAL	
<i>Fernando Carrion, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca</i>	378
CONSTRUÇÃO CIVIL	
<i>Marco Antônio Lima</i>	380
FAPLAN: FÁBRICA DE SONHOS E TALENTOS	
<i>Adilvo Sordi</i>	382



LEONEL BRIZOLA: É POR VELHO QUE O DIABO MAIS SABE	
<i>Argeu Santarém</i>	384
BRIZOLA – A VISITA TRIUNFAL A PASSO FUNDO	
<i>Rogério Moraes Sikora</i>	386
FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOLCLORE	
<i>Getúlio Vargas Zauza e Paulo Dutra</i>	388
COMITÊ MUNICIPAL DA CIDADANIA	
<i>Eloyza Goelzer de Almeida</i>	390
EFRICA - PARQUE WOLMAR SALTON	
<i>Jorge Alberto Salton</i>	392
NATAL SOM LUZ E AMOR	
<i>Neiva Bonamigo Tonial</i>	394
PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE AGRONOMIA	
<i>Jurema Schons</i>	396
COMERCIAL ZAFFARI E BELLA CITTÀ	
<i>Cleci Zaffari</i>	398
SEBRAE	
<i>Selma Costamilan</i>	400
FÁBRICA DE BIODIESEL - BSBIOS	
<i>Antônio Roso</i>	402
ALGUNS HERÓIS DO ESPORTE	
<i>Marco Antonio Damian</i>	404
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
<i>Eduardo Roberto Jordão Knack</i>	406
AHISTÓRIA DO RIO PASSO FUNDO E OS DESAFIOS PARA OS PRÓXIMOS 150 ANOS	
<i>João Grandó</i>	408

O projeto apresentado à Academia Passo-Fundense de Letras

Sugestões de títulos

- 1: *Passo Fundo 150 anos / 1857- 2007 / Os 150 momentos mais importantes da nossa história.*
- 2: *Os 150 momentos que mudaram a história de Passo Fundo.*
- 3: *Passo Fundo 150 anos: um olhar sobre os 150 momentos mais importantes da nossa história*

Possíveis temas a serem abordados

- A batalha do Pulador
- A influência de Nicolau de Araújo Vergueiro
- A fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras
- A morte do aspirante Jenner
- O centenário da cidade
- Cassino da Maroca
- A 1ª EFRICA
- A inauguração do Turis Hotel
- O heroísmo do Sport Club Gaúcho em 1966
- A nevasca de 1965
- O fenômeno Teixeira
- A UPF
- A construção das vias perimetrais
- A Jornada Nacional de Literatura

Objetivos

- 1) Identificar os 150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo por meio de pesquisa pública a 150 pessoas de reconhecido envolvimento com a cidade nos múltiplos setores que a compõem;
- 2) Produzir um livro de resgate histórico com o material coletado e lançá-lo durante as atividades alusivas aos 150 anos do município;
- 3) Permitir que a Academia Passo-Fundense de Letras (APL) seja reconhecida pela comunidade pelo serviço de preservação da cultura, resgate da história local e produção literária de grande interesse social;
- 4) Apoiar a prefeitura municipal na preservação e divulgação da sua rica história.



Pesquisa com rigor científico

- 1) Identificar 150 líderes nos diversos setores – administração, política, economia, artes, religião, educação, medicina, historiadores, tradicionalistas, professores, advogados, produtores rurais, imprensa etc., os quais serão identificados no livro, sendo considerados colaboradores;
- 2) Envio de carta-consulta com envelope-resposta com porte pago e data-limite para o envio à APL;
- 3) Classificação padronizada das sugestões de forma eletrônica e com rigorismo científico.

Estrutura do livro

- 1) Duas páginas para cada assunto, com a descrição fiel dos fatos, datas, personagens, fotografias e considerações sobre o(s) efeito(s) daquele momento histórico na vida da comunidade;
- 2) Cada assunto terá como autor um membro da APL ou outro(s) colaborador(es) que tenha(m) se envolvido de fato na pesquisa;
- 3) A editoração deverá ser “profissional” para evitar que o livro tenha uma apresentação simplória;
- 4) As datas-limites deverão ser respeitadas por todos.

Orçamento

Editora Méritos e outras editoras.

Encontrar patrocínio *é essencial* para a sua execução.

Questão pessoal

O projeto deste livro já estava imaginado por mim há anos. É a grande contribuição à minha cidade natal. Compartilhar esse ambicioso projeto com os confrades da APL é uma alegria muito grande.

Osvandré Lech

Passo Fundo, 5 de abril de 2006

O projeto enviado à Prefeitura Municipal

Passo Fundo, 05 de abril de 2006.

Ilmo. Sr. AIRTON LÂNGARO DIPP
M.D. Prefeito Municipal de Passo Fundo

Ilmo. Sr. ADIRBAL CORRALO
M. D. Vice-Prefeito Municipal de Passo Fundo
Coordenador das Atividades de Comemoração do Sesquicentenário

*“Homens e Partidos se julgam não pelo que fazem
transitoriamente, mas pela herança que deixam.”*
(Valentin Paniagua)

*“A gente entende o PRESENTE conhecendo o PASSADO.
Então, temos de preservar as coisas de hoje para no FUTURO
sermos capazes de entender o presente.”*
(Progama Identidade Brasil, canal Futura, 2003)

A Academia Passo-Fundense de Letras reconhece que, embora esforços tenham sido realizados em todos os tempos, A RICA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO SEGUE COM MÍNIMA INFORMAÇÃO DISPONÍVEL, o que dificulta o entendimento de fatos, impede o aprendizado destes pelas novas gerações e remete ao esquecimento de acontecimentos muito importantes já acontecidos em nossa cidade.

A Academia Passo-Fundense de Letras é uma instituição que se propõe a colaborar com o resgate da rica história de nosso município.

A elaboração de um texto sobre os 150 MOMENTOS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DE PASSO FUNDO é uma oportunidade ímpar deste resgate pretendido. Este livro será um verdadeiro cartão-postal da cidade. Um dos pontos altos das comemorações dos 150 anos que teremos em breve.

A seguir, uma rápida descrição de TÍTULOS, OBJETIVOS, PESQUISA, e ESTRUTURA DO LIVRO, para a Vossa apreciação.

Atenciosamente,

Osvandré Lech

Academia Passo-Fundense de Letras



A pesquisa científica dos 150 momentos mais importantes de Passo Fundo

Osvandré Lech

A concepção e pesquisa dos dados deste livro obedeceram a critérios científicos. A imparcialidade e a ética foram perseguidos todo o tempo pela equipe de trabalho. A idéia original é a descrição dos **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo**.

Por que 150, e não 100, ou 200 *momentos*? Trata-se de um número simbólico apenas, em concordância com os 150 anos do município. Para alguns pode parecer muito pouco; para outros pode parecer demais. Os membros da Academia Passo-Fundense de Letras discutiram este tópico e concordaram com o número.

Quem deveria apontar estes *momentos*? Cada passo-fundense tem, com certeza, uma lista própria daquilo que considera os *seus* momentos importantes. Um desfile, uma exposição, uma entidade, uma estrada, um personagem. No imaginário de cada indivíduo ficam gravados fatos que ele considera realmente importantes. Nem que seja para si próprio! Quem não se lembra do primeiro peixe pescado ou do primeiro beijo roubado? Que momento importante e mágico àquele indivíduo e, ao mesmo tempo, tão banal aos demais! Assim é com a história de uma cidade. Existem momentos importantes para algumas pessoas, mas não necessariamente importante para outras.

Por isso, decidi realizar uma consulta popular com 150 pessoas que conhecem a nossa cidade a ponto de escolher 10 momentos importantes **no seu ponto de vista**. Uma tarefa simples, porém trabalhosa. A boa maioria entendeu a proposta. Outros, porém, pensavam que se tratava de alguma *corrente*, ou “isto vai terminar em *mordida*”, ou “não tenho tempo para isto agora”. Os membros da APL escolheram pessoas de todas as classes profissionais, credos religiosos e tendências políticas. Um verdadeiro *pout pourri* que representa a alma do cidadão que vive, trabalha e ama esta cidade. O quadro mostra esta lista de 150 pessoas que nos enviaram, em média, 10 sugestões, que foram incluídas em lista única e depois gradativamente agrupadas por semelhança. Com isso, obtivemos uma **verdadeira relação dos momentos mais importantes segundo 150 entrevistados**. Essa lista, também descrita na íntegra, serviu de base para este livro.

Os 150 tópicos mais votados ou considerados mais importantes pela Academia foram então descritos de maneira uniforme: **somente duas páginas para cada assunto**. Com isso, estava democratizado o espaço à informação. Apenas três exceções à regra: o período pré-emancipação, escrito por Paulo Monteiro; fragmentos da história da Acade-



mia, escritos por Paulo Monteiro, Welci Nascimento e Santina Dal Paz, e a história da Universidade de Passo Fundo, escrita pelo professor Rui Soares.

Não faltou quem sugerisse assuntos que não foram sequer mencionados na pesquisa. Não faltaram também interesses pessoais por este ou aquele assunto em especial. Com o rigorismo de uma pesquisa científica, tentamos durante todo o tempo valorizar o que foi obtido na consulta. Isso foi, felizmente, conseguido.

Boa leitura !



Colaboradores

Nome	Idade em 2006	Profissão
Adelarmo Marcondes	80	Comerciante
Ademir Aguiar	29	Representante comercial
Adirbal da Silva Corralo	58	Advogado e vice-prefeito
Adroaldo Leão Souto	50	Advogado
Airton Lângaro Dipp	56	Engenheiro e prefeito
Alberto Ângelo Tagliari	70	Agropecuarista
Alberto Antonio Rebonatto	62	Bancário e membro da APL
Alcides Sartori	63	Professor
Aldrian Ramires	53	Comerciante
Aldo Alessandri	77	Comerciante, repr. comercial
Aldo Battisti	68	Comerciante
Alice L. Costi	88	Líder comunitária
Almery Lech	79	Do lar, costureira casa "A Moda"
Alori Batista Castilhos	54	Advogado, bancário e membro da APL
Álvaro E. Dall'Ignol	47	Corretor de imóveis
Ana Carolina M. Silva	42	Professora membro da APL
Ana Maria Radaelli da Silva	58	Professora universitária
Aniello D'arienzo	70	Comerciante
Antonio Carlos Colussi	79	Médico
Antônio Valter Martins da Silva	53	Empresário
Anubis Graciela de Moraes Rossetto	31	Professora
Augusto Werner Goellner	84	Comerciante
Atílio Tramontini	57	Arquiteto
Benami Bacaltchuk	56	Eng. agrônomo, prof. universitário
Bruno Edmundo Markus	84	Odontólogo, ex-reitor, empresário
Carlos A. Madalosso	66	Médico, líder comunitário
Carlos Alberto Kauer	61	Representante comercial
Carlos Alberto Loureiro	59	Fotógrafo
Carlos Roberto Lago	52	Odontólogo
Carmem de Carvalho Rossetto	70	Professora
Cecília Borges Kneipp	94	Professora
Céia Giongo	52	Jornalista, advogada
Celestino Piovesan	57	Comerciante
Cláudio Chiaradia	69	Industrial
Cláudio Della Mea	54	Economista, diretor do SENAI



Nome	Idade em 2006	Profissão
Claudio Joaquim Wagner	80	Professor
Clelci Camozzato Zaffari	65	Empresária
Craci T. Ortiz Dinarte	73	Professora e membro da APL
Daltro Wesp	54	Radialista, administrador de empresas
Décio Ramos de Lima	56	Funcionário municipal aposentado
Delci Brum Lírio	54	Funcionário dos Correios e Telégrafos
Delmir José Di Domenico	41	Comerciante
Dilse Piccin Corteze	49	Professora e membro da APL
Dirceu Rebechi		Técnico em agropecuária
Doli Dalvit	53	Comerciante
Doris Maria Hexel	52	Médica Dermatologista
Edmar Vianeí Marques Daudt	47	Procurador de justiça
Édison Armando de Franco Nunes	58	Veterinário, prof. universitário
Eliane Lucia Colussi	43	Prof. universitária, vice-reitora UPF
Elizabeth Mafacidi	53	Professora
Elmar Luiz Floss	56	Eng. agrônomo e prof. universitário
Eloi Selesio Taschetto	73	Empresário
Eluyr José Reschke	79	Aposentado
Elydo Alcides Guareschi	75	Sacerdote, professor, ex-reitor da UPF
Enio Nunes Barte	69	Barbeiro
Ernani Bins Filho	52	Corretor de imóveis
Ernesto Pedro Zanette	57	Corretor de imóveis
Euclésio De Bortoli	76	Advogado
Fernando Tadeu Quaresemin de Oliveira	53	Representante Comercial
Firmino da Silva Duro	80	Médico aposentado
Florentina Schinestzki	56	Dona de casa
Getulio Vargas Zauza	76	Psicólogo e membro da APL
Gilberto R. Cunha	48	Eng. agrônomo e membro da APL
Gilnei Pimentel	38	Fisioterapeuta
Heinz Boor	75	Bancário
Helena Rotta de Camargo	67	Professora e membro da APL
Heloísa Goelzer de Almeida	80	Líder comunitária
Herlon Goelzer de Almeida	50	Eng. agrônomo, assessor ministerial
Hugo Roberto Kurtz Lisboa	58	Médico e membro da APL
Iduir Comim	55	Livreiro
Ignes F. Bernardon	78	Dona de casa
Ilário Jandir De David	58	Administrador
Irineu Gehlen	64	Advogado e membro da APL
Irma Maria Trombini	72	Professora
Ítalo Portaluppi	90	Telegrafista VFR
Itamar A. Moretti Basso	37	Advogado e contabilista

Nome	Idade em 2006	Profissão
Ivânio Grespan	59	Eng. agrônomo
Ivo Francisco Ferrão	75	Ex-vereador, aposentado
Ivo Pacheco	70	Construtor
Jairo Davoglio	52	Administrador de empresas
Jesus Almeida	70	Professor
João Carlos Ignaczak	57	Eng. agrônomo
João Carlos Sandri Pires	52	Eng. agrônomo
José Antonio Ariotti	53	Advogado
José A. Cavalheiro	65	Atleta, funcionário público
José Carlos Gomes Paes	45	Funcionário público
José J. Holzback	80	Industrial
Joseph B. Estacia	80	Aposentado
Juarez de Souza Moreira	56	Advogado e magistrado
Jurema C. do Valle	69	Professora e membro da APL
Leandro Coleti	37	Agente de viagens
Leofrida T. Barbieux	94	Dona de casa
Lindolfo Kurtz	75	Bancário e membro da APL
Luiz Eduardo Schardong Spalding	43	Professor
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo	66	Advogado, professor universitário e membro da APL
Luiz Soldatelli Neto	67	Eng. civil
Lurdes Canelles	56	Professora
Marcel Esquivel Hoppe	63	Magistrado
Maria de Lourdes Isaias	67	Professora e historiadora
Maria Lucina Busato Bueno	69	Professora universitária
Marco Antonio Damian	50	Jornalista e membro da APL
Marco Lima	50	Eng. civil
Marconi De Cesaro	81	Aposentado, romancista
Marie Grégórie Schwiegershausen	95	Professora, religiosa
Martin A. Moura	39	Enfermeiro
Nataniel Viuniski	44	Médico
Neiva Bonamigo Tonial	55	Professora
Neuto Benito Patussi	77	
Neusa da Silveira Machado	67	Professora e empresária
Nilo Fernandez	78	Empresário
Nilo Ganzer	68	Advogado
Norberto A. Wentz	61	Agropecuário, advogado
Odilon Garcez Ayres	63	Escritor
Olanir Grazziotin	55	Administrador
Osvandré Lech	50	Médico, escritor e membro da APL
Pablo Morenno	45	Funcionário público federal, escritor e membro da APL
Paulo Augusto Farina	76	Sacerdote e jornalista



Nome	Idade em 2006	Profissão
Paulo César Serena	45	empresário
Paulo D. da Silva Monteiro	51	Funcionário público, escritor e membro da APL
Paulo Fernando Bertagnolli	54	Eng. agrônomo
Paulo Roberto Magro	58	Advogado
Paulo Roberto Trentin da Silva	40	Empresário
Paulo S. Crusius	61	Médico
Pedro Ercílio Simon	64	Religioso, bispo diocesano
Plínio Mena Barreto do Amaral	81	Aposentado, tradicionalista
Renato Rech Justi	53	Professor
Rodrigo Pimentel	33	Jornalista e professor
Rogério Moraes Sikora	40	Advogado, assessor jurídico e membro da APL
Ronaldo Assumpção Goelzer	46	Comerciante
Ronaldo Czamanski	59	Fotógrafo
Rui Getúlio Soares	63	Odontólogo e reitor da UPF
Rui Menegaz	62	Comerciante
Ruy Carlos Donadussi	69	Médico
Sabino Arias	89	Médico e industrial
Santina Rodrigues Dal Paz	76	Professora, escritora e membro da APL
Santo Verzeletti	70	Contabilista, escritor e membro da APL
Selma Costamilan	80	Professora, escritora e membro da APL
Sergio Cláudio Ricci	63	Empresário
Sérgio De Cesaro	68	Economista
Sérgio Simão	54	Médico oftalmologista
Silvana Alba Scortegagna	46	Psicóloga
Tânia Genoveva Schneider dos Santos	45	Professora, mestre em Educação
Tania Mariza K. Rösing	62	Professora, doutora em Educação e coordenadora das Jornadas Nacionais de Literatura
Tercílio Pietroski	51	Advogado e escritor
Walfrido Azevedo Fonseca	77	Bancário
Walfrido Honório da Silva	77	Comerciário
Welcy Nascimento	74	Professor, historiador e membro da APL
Zélia Guareschi Fioreze	58	Professora universitária
Zélia Vasconcellos Machado	69	Escritora
Zilá Kurtz Lisboa	84	Dona de casa

Todas as sugestões dos 150 momentos mais importantes de Passo Fundo

Votos	Sugestão
85	Fundação da UPF
65	Jornada de Literatura
54	Fundação do Hospital São Vicente de Paulo
45	Inauguração da estrada de ferro
32	Teixeirinha
29	EFRICA
31	Festival Internacional de Folclore
33	Inauguração da Embrapa em Passo Fundo
26	Batalha do Pulador
21	O primeiro centenário de Passo Fundo
23	Emancipação do município de Passo Fundo
21	Criação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, depois denominada "Academia Passo-Fundense de Letras"
16	Inauguração do Colégio Notre Dame
15	Inauguração do Colégio Conceição
16	Inauguração do Instituto Gymnasial, atual "IE"
15	Criação do Bispado - Dom Cláudio Colling
18	Inauguração da TV Umbu / RBS TV
14	Instalação da Sociedade Pró-Hospital de Caridade (Hospital da Cidade)
15	Fundação do jornal Diário da Manhã
15	Fundação do jornal O Nacional
13	Inauguração da Diocese
13	Cultivo da soja e trigo/plantio direto/indústria/máquinas agrícolas
12	Emissoras de rádio e televisão
13	Instalação do Aeroporto Regional Lauro Körtz
11	Instalação do governo do Estado por decisão do governador Ildo Meneguetti
12	Criação da Faculdade de Direito da UPF
9	Inauguração do Clube Caixeiral/Fundação da Soc. Iolanda Margherita Di Savóia
11	Inauguração da Catedral Nossa Senhora Aparecida
9	Instalação do ensino superior, incluindo todas as instituições
9	Trajetória esportiva de Felipão, Kita, Gustavo Endres, Danilo Endres, Marcos Daniel
4	Luiz Felipe Escolari (Felipão)



Votos	Sugestão
1	Família Endres (Gustavo, Murilo)
8	Instalação do Terceiro Regimento de Cavalaria da Brigada Militar
8	Nevada em Passo Fundo
8	Cinemas de Passo Fundo: Coliseu, Real, Imperial, Pampa e Coral
10	Parque de Rodeio Internacional
8	Criação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda
7	O Barão, Antonio José da Silva Loureiro e a Casa Barão
7	Campeões das Mil Milhas Brasileiras no autódromo de Interlagos com as carreteiras
8	Inauguração da ferrovia do trigo, a L35
8	Criação do MAHR – Museu e Arquivo Histórico Regional
7	Queda de avião nos arrabaldes da cidade, com a morte de D. Felipe de Nadal
6	Imigração de estrangeiros - Johann Adam Schell
6	Teatro Delorges Caminha
6	Fixação do cabo Neves
6	Instalação do Frigorífico Z. D. Costi Ltda.
8	Romaria de Nossa Senhora Aparecida
9	Instalação da fábrica da Semeato
6	Pólo de saúde, serviços e cultura
1	Saúde
1	Desenvolvimento da área da saúde, pólo de saúde, HSVP
1	Aumento do número de hospitais e clínicas modernas
6	Inauguração do Turis Hotel
9	Cervejarias em Passo Fundo, da Família Barbiex à Brahma
6	Instalação da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo
5	Introdução da triticultura com Mário Goelzer
5	Fundação da Sociedade Recreativa dos Trabalhadores
5	Criação da Fundação Lucas Araújo
5	Inauguração da Biblioteca Pública Municipal
5	Vinda do Exército Nacional e Brigada Militar
1	Exército
6	Ciclo econômico da madeira
5	Anel rodoviário ao redor da cidade
6	Fundação da Comercial Grazziotin
5	Kartódromo – Roselândia
5	Escola Normal Oswaldo Cruz (ENOC) – anexa à EENAV
5	Fundação do Colégio Cecy Leite Costa
4	Imigração italiana
4	Participação de Passo Fundo na Revolução
4	“Parada da Paz” (Mocidade) / Desfiles semana da Pátria
4	Criação da Faculdade de Filosofia da UPF
4	Fundação da Faculdade de Agronomia da UPF

Votos	Sugestão
4	Sport Clube Gaúcho na primeira divisão (do futebol gaúcho)
4	A revolta dos motoqueiros – devido a um incidente envolvendo motoqueiros
4	Primeira Mostra de Pequenos Animais
4	Ginásio Poliesportivo Teixeira
4	Rio Passo Fundo e a construção das suas pontes
3	Rio Passo Fundo
4	Praça Marechal Floriano com a cuia e a bomba e o “guardinha” Peri
1	Construção da Cuia na Praça Marechal Floriano
4	Inauguração da Usina do Capingüi
4	Inauguração da Usina de Ernestina
1	Barragens da Corsan e o saneamento básico
4	Escola Leão XIII
4	Peregrinação ao túmulo de Maria Elizabete
4	Fundação da ACISA
8	Pedra Fundamental para a construção da Fábrica Biodiesel – BSBIOS
4	Inauguração do Bella Città Shopping Center
4	Inauguração das perimetrais sul e leste
4	Inauguração da agência do Banco do Brasil
4	Autorização dos <i>campi</i> universitários em Palmeira das Missões, Soledade, Lagoa Vermelha, Carazinho e Casca
4	Fundação do primeiro jornal - <i>Echo da Verdade</i>
4	Construção do Colégio Fagundes dos Reis
6	Fundação da Faculdade de Medicina da UPF
3	Congresso Eucarístico
4	Instalação da Câmara Municipal de Passo Fundo
3	Participação de Passo Fundo na Guerra do Paraguai
3	Fundação do Sport Clube Gaúcho, o Periquito
3	Intervenção na Sociedade Pró-Universitária
3	Vida e obra do dr. Nicolau Araújo Vergueiro
3	Construção do Hotel Glória e do Hotel Avenida
4	Retirada dos trilhos da Av. 7 de Setembro
1	Pavimentação da Av. 7 de Setembro
3	Desfiles da Semana da Pátria
3	Instalação das escolas SENAI, SENAC, SENAR, SEBRAE, SESC, SESI
1	ESCOLA SENAC
1	SESC
1	As sedes sociais
3	Instalação da ZYF5, Rádio Passo Fundo
4	Inauguração Hospital Municipal César Santos
3	Jogos de futebol nos estádios do 14 de Julho e Gaúcho
3	Os Cafés Elite e Maracanã



Votos	Sugestão
3	Os terrenos de alvará da área central ("terrenos foreiros"), e sua cessão e transferência entre a Mitra Diocesana e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo
3	Monumentos da cidade
3	Criação da Matriz Nossa Senhora da Conceição
3	Asfaltamento das estradas de Vacaria-Passo Fundo, São Borja-Porto Alegre
4	Revolução Federalista
3	Inauguração do Banco da Província (Banrisul)
3	Programa Fome Zero em Passo Fundo a partir de Betinho/Heloísa Almeida
3	Emancipações dos distritos de Passo Fundo
2	Descoberta por João de Barros da estrada das tropas, atual Avenida Brasil
2	Revolução Farroupilha em Passo Fundo
2	Criação da Comarca de Passo Fundo
2	Fundação do Clube Amor à Instrução
2	Inauguração da antiga prefeitura (Intendência Municipal)
2	Chegada do primeiro trem
2	Construção da usina do Taquari
2	O cerco à cidade de Passo Fundo em 1923
2	Soldados do III / 8º R.I. para integrar o contingente da FEB
2	Instalação do Consórcio Universitário Católico
2	Fundação da Faculdade de Odontologia da UPF
1	Nova Faculdade de Odontologia
3	Fundação da APAE
2	Inauguração do Estádio Vermelho da Serra
2	Autorização do MEC para instalar o serviço de residência médica no Hospital São Vicente de Paulo
2	Desativação do Cine Pampa
2	Doação por Dom Cláudio da Faculdade de Filosofia à Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo
2	Desfiles antigos de 7 de Setembro do IE
2	Construção da estrada da produção por Leonel Brizola
2	Telefonia
2	Implantação das ferrovias e rodovias
2	Início das corridas de carreteiros nas vias públicas
2	Instalação da fábrica de pregos da Gerdau
2	Os tropeiros gaúchos em direção a São Paulo
2	Internet
2	Fundação do Clube Visconde do Rio Branco
2	Fechamento da Cia. Cervejaria Brahma
2	Criação da Cultura Artística
2	A lenda da Mãe Preta
3	Hotéis de Passo Fundo

Votos	Sugestão
2	Lojas de Passo Fundo
3	Indústrias
2	Reativação do Museu Histórico (MHR)
2	Parque da Gare
2	Festa dos viajantes
2	Colégio Círculo Operário
2	Freguesia
2	Instalação da Junta de Conciliação e Julgamento (Justiça do Trabalho)
2	Construção da rodovia Transbrasiliana (BR 386) Passo Fundo/POA
2	Grupos de teatro de Passo Fundo
3	Fábrica da Coca-Cola
3	Fábrica da Pepsi-Cola
5	Construção civil
2	Estrada Passo Fundo–Roca Salles
2	Visita do presidente Geisel
2	CPERGS, com suas lutas, suas greves
2	A indústria Menegaz
2	Espaço Cultural Roseli Doleski Pretto
2	Centro Hípico Gehlen
3	Primeiro plano diretor urbano da cidade de Passo Fundo
3	O Boka, misto de bar, lancheria e ponto de encontro aprovado por gerações
3	Teatro Múcio de Castro
2	A instalação da Polícia Federal
2	Chegada dos jesuítas em Passo Fundo
2	Escola Estadual Protásio Alves, a mais antiga de Passo Fundo
1	Coopasso
1	Casas comerciais João Café
1	Casa comercial Schmidt
1	Casa comercial Sirotski
1	Comercial Ughini
1	FAPLAN - Faculdades Planalto
1	Radiais
1	Ligação entre bairros
1	Ginásios esportivos nos bairros
1	Educação
1	Escolas de Passo Fundo (EENAV, IE, Notre Dame, Fagundes, Cecy, Bom Conselho etc.)
1	Inauguração da Metasa no distrito industrial
1	Kuhn Metasa
1	Feira Livre da Gare
1	Criação do campus da UPF, sede da universidade
1	A preservação de prédios históricos com a restauração



Votos	Sugestão
1	Chegada dos bandeirantes, mamelucos, negros e tupis
1	Fixação dos negros nas terras de Passo Fundo
2	Praça Tamandaré
2	Supermercado Zaffari & Bourbon
1	Praça Itália
1	Criação dos colégios particulares: Conceição, Notre Dame, IE
1	Capitão Fagundes dos Reis
1	Fundação da Sociedade Emancipadora de Crianças Negras do Sexo Feminino
1	Abolição da Escravatura
1	Posse do primeiro intendente constitucional, Frederico G. Kurtz, consolidando o regime republicano
1	João Battisti
1	Viagem inaugural do trem Húngaro Passo Fundo - Porto Alegre no governo Firmino Duro
1	Participação de Passo Fundo na Exposição Nacional
1	Época da modernidade (lâmpadas elétricas, rede telefônica, bancos, cinemas)
1	Inauguração da Cervejaria Serrana
1	Instalação da Agenzia Consolare D'Itália
1	Inauguração da Capela St ^o . Antônio da Vila Ricci
1	Construção do primeiro pavilhão do Hospital São Vicente de Paulo, na Rua Teixeira Soares
2	Fundação do Grêmio Esportivo Recreativo 14 de Julho
1	Fundação da Sociedade União Israelita
1	Desfile militar do 8 ^o Regimento de Infantaria
1	Início da Revolução de 1923, sob liderança do deputado estadual Arthur Caetano
1	Preparação e desencadeamento do movimento revolucionário contra a reeleição de Borges de Medeiros
1	Nascimento de Maurício Sirotski Sobrinho
1	Início da construção da Capela de Santa Terezinha
1	Inauguração da Escola Complementar
1	Primeiro Concurso de Miss Passo Fundo – Elle Ely, a primeira rainha
1	Inauguração da Hidroelétrica do Taquari
1	Inauguração da Capela da Santa Terezinha
1	Construção do Moinho Rio-Grandense
1	Fundação do Sindicato dos Contabilistas
1	Primeira Exposição de Gado Leiteiro e de Corte
1	Perseguição aos descendentes ítalo-germânicos
1	Primeira Exposição Agropecuária, Industrial e Comercial
1	Liga Passo-Fundense de Futebol
1	Criação da área Industrial do Valinhos
1	Fundação do Independente Grêmio Atlético de Amadores
1	Alfabetização realizada no quartel, pela professora Maria F. Crusius

Votos	Sugestão
	Tenente-coronel Lucas José de Araújo
	Visita de Getúlio Vargas na campanha presidencial
	Fundação do primeiro CTG do Planalto
	Lançamento do primeiro plano diretor urbano
	Criação da Faculdade de Belas Artes da UPF
	Inauguração da Churrascaria do Lago
	Permuta com a RFFSA terrenos pela área da 7 setembro c/ Governo Municipal
	Arborização do bairro São Cristóvão
	Calçamento da Avenida Presidente Vargas
	Festa Nacional do Trigo
	Inauguração do Bairro Jaboticabal
	Chegada da família Trombini
	Inauguração da Escola de Auxiliares de Enfermagem do Hospital São Vicente de Paulo
	Cia. Lago, Iaione, Indústria e Comércio
	O nome do município "Passo Fundo" (origem)
	Ampliação da área de internados do Hospital São Vicente de Paulo
2	Instalação da CDL
	Passagem das tropas do Exército para o Centro do país
	Conquista do título estadual de futebol de salão na categoria adulto
	Instalação da unidade da Mapa
	Início das feiras de ciência no Brasil e em Passo Fundo
	Convênio do Hospital São Vicente de Paulo com a UPF para o Hospital-Escola
	Realização do primeiro transplante de córnea no Hospital São Vicente de Paulo
	Inauguração do maior silo de grãos
	Aprovação do estatuto da UPF pelo Conselho Federal de Educação
	Fundação do Grupo Literário Nova Geração
	Criação do N.P.O.R.
	Centro Cultural Itálico-Brasileiro Anita Garibaldi
	Início do Programa de Pesquisa de Aveia
	Criação da Mavepal, que gerou a Frangosul
	Instalação da empresa Frangosul
	Clube de Esportes de Passo Fundo – Cecon
	Experiência pioneira dos cursos de férias (licenciatura)
	Inauguração da Rádio Atlântida FM
	Primeiro transplante de rim no Hospital São Vicente de Paulo
	Inauguração da Rádio Uirapuru
	Criação do Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa)
	Fundação do Esporte Clube Passo Fundo
	Clubes de futebol: Gaúcho e Passo Fundo
	Visita de Leonel Brizola após o exílio político



Votos	Sugestão
1	Primeiro transplante cardíaco realizado fora de uma capital brasileira pelo dr. Luiz Sérgio Fragomeni e pelo dr. Paulo Azambuja, no Hospital São Vicente de Paulo
1	Aprovação do Curso de Mestrado em Agronomia, implantado com a colaboração do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa
1	Aprovação do curso de Mestrado em Filosofia, convênio com a PUCRS
1	Inauguração do Centro de Diagnóstico do Hospital São Vicente de Paulo
1	Flexibilidade do horário do comércio
3	Comércio de Passo Fundo
1	Consolidação da cidade como pólo comercial
1	Comemoração dos 125 anos da imigração italiana
1	Primeiro transplante de fígado no interior do Estado (Hospital São Vicente de Paulo)
1	Academia de Ciências Contábeis do Rio Grande do Sul
1	Inauguração do serviço de radiologia do Hospital São Vicente de Paulo
3	Conquista de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura
1	Chuva de pedra de 2006
1	Movimento em homenagem a todas as etnias
1	Chegada da imigração europeia alemã
1	Pedro Lopes de Oliveira – coronel Lolico
1	Francisco Antonino Xavier e Oliveira
1	Dr. Armando Torres de Vasconcellos
1	Fórum Literário
1	Primórdios de Passo Fundo
1	A política nos primeiros 100 anos de Passo Fundo
1	Edifício Planalto – primeiro prédio alto
1	Edifício Fiori – primeiro elevador
1	Quebradeira em Passo Fundo devido à morte de Getúlio Vargas
1	Lenine Junqueira Rocha
1	As portas e janelas da antiga prefeitura
1	Velho pavilhão de madeira do IE
1	Paulo Siqueira – O Escultor
1	Clube de serviços administrado por leigos ou religiosos
1	Construção do prédio redondo da Policlínica
1	Mecanização da agricultura
1	Implantação do telégrafo
1	Saneamento básico – água e esgoto
1	Medalhas no esporte
1	Fundação da SOCREBE
1	Presença da irmã Guiomar na Vila Santa Marta
1	Cinema do SESI ao ar livre
1	Olimpíadas Metodistas do Colégio IE
1	Viagens de trens de passageiros

Votos	Sugestão
	Transporte urbano
	Implantação da incubadora tecnológica do Cecy Leite Costa, terceira do Estado
	Início dos programas de empreendedorismo
	Instalação do CACT, atual João Decésaro
	Instalação do ensino de pós-graduação, <i>lato sensu e stricto sensu</i>
	Semana Municipal da Consciência Negra
	Fechamento do Frigorífico Z. D. Costi Ltda.
	Fechamento do Frigorífico das Indústrias Reunidas Planaltina
	Desativação do transporte ferroviário de passageiros
	Fechamento do Jutifício Passo-Fundense S/A
	Fechamento da Fábrica de Pregos Gerdau
	Lançamento do livro <i>Passo Fundo das Missões</i> , de autoria de Jorge E. Cafruni
	Semana do livro
	Reportagens, resgate da história de Passo Fundo com fotos
	A falta de uma banda municipal
	Criação do conservatório de música
	Prefeito Mario Menegáz, que colocou patrolas da prefeitura em frente à Faculdade de Direito
2	Importância das pousadas de tropeiros
	Vôos diários a São Paulo
	Desenvolvimento imobiliário da cidade
	Inauguração do Memorial da Paz
	Movimento Tradicionalista em Passo Fundo
	Poder Legislativo
	Capela de São Miguel, Nossa Senhora da Conceição, Festa do Divino
	Religião afro-brasileira
	Grupo afro-brasileiro Zumbi dos Palmares
	Fazenda Divino Espírito Santo (tropeiro João da Silva)
	Carnaval de rua de Passo Fundo
	Projeto O Negro e a Educação
	Jornal <i>O Expresso</i>
	Restaurantes de Passo Fundo
	Armazéns de secos e molhados e importados
	Farmácias
2	Parque Turístico da Roselância
	Guilhermina Z. Borges – implantou primeiras aulas de pintura em Passo Fundo
	Fundação da SINDUSCON
	Inauguração da atual prefeitura
	Natal Som e Luz
	Tráfego de trens na Gare nos anos de 1940 a 1950
	Os arriamentos da bandeira na Semana da Pátria



Votos	Sugestão
	Atuação da rádio na praça
	Fazenda Charqueadas do Rio Grande do Sul
	Banhados da Vila Vergueiro para chegar ao cemitério
	Procissões de Corpus Christi
	Turismos (religioso)
	Futebol na Praça Marechal Floriano
	Início das corridas de automóveis pela Avenida Mauá
	Criação da Rádio Municipal e sua história
	Início dos primeiros loteamentos que desenvolveram os principais bairros
	Paulo Rossato na criação da Mecânica Agrícola Rossato
	Construção do chaminé da Brahma
	Transformação das papelarias em livrarias
	Instalação do Grupamento de Bombeiros
	Instalação do 3º RPMON
	Túlio Fontoura – Múcio de Castro
	Deputado Beto Albuquerque, por suas realizações
	O teatro mambembe
	A instalação do Regimento Coronel Pelegrini
	Os desfiles dos bixos
	As bandas marciais
	Atuação do professor Cláudio Wagner como líder esportivo
	Padre Carino Corso na música
	Oswaldir e Carlos Magrão
	Compra da Menegaz pela KUHN, maior fabricante mundial de implementos agrícolas
	Crime do Cartório
	Crime do Fórum
	Inauguração do Cassino da Maroca
	Garrafadas na sede do antigo PTB
	A morte de Aspirante Jenner
	A morte de Clodoaldo Teixeira
	Projeto "Prefeito por um dia", de Juarez Paulo Zilio
	A excelência da ortopedia e traumatologia iniciada por Alberto Lago, seguida por Isaac Matone e mantida pelo Pronto Socorro de Fraturas e Instituto de Ortopedia e Traumatologia de Passo Fundo.
	O <i>Footing</i> (caminhada despreocupada) ao redor da Praça Marechal Floriano.
	A respeitabilidade de Carlos Galves no meio universitário e jurídico
	O trabalho silencioso das lojas maçônicas e seus membros nos principais momentos vividos pela cidade e na busca do bem-estar social
	O empreendedorismo de Ivo Bertol
	Bertol (fábrica de latas)
	Ciclo da soja. Instalação da Bertol S/A

Votos	Sugestão
1	Momento cultural do IE e do Conceição em Passo Fundo
1	Escola Menino Jesus
1	Os madeireiros
1	Inauguração do Hospital de Olhos Diógenes Martins Pinto
1	Grandes bailes do Clube Comercial
1	Clube Comercial
1	Músicas dos filmes de Teixeira, que falam de Passo Fundo
1	Nomeação do general Prestes Guimarães a presidente da Província
1	Capela do Pulador e do monumento
1	Criação da Expositur, com a realização do 1º Rodeio Crioulo de Integração
1	Tombamento do Cemitério Fagundes dos Reis, na BR 285
1	Tombamento de prédios antigos
1	Inauguração da nova sede do Centro Administrativo Municipal
1	Criação do Sistema de Saúde Pública em Passo Fundo
2	Inauguração da Boate Cacimba
1	Primeiro atendimento de psicologia clínica
1	Primeiro atendimento de ortopedia e traumatologia
1	Eleição do prefeito Osvaldo Gomes, com apenas 60 votos de diferença
2	Turma do banquinho
1	Remodelação da Catedral Nossa Senhora Aparecida, por Dom Cláudio Colling
1	Jogos esportivos do IE, EENAV e Conceição
1	João José Andrade – “Bandeira do Trabalho”
1	Maria Degolada “da cruzinha”
1	Instalação da Companhia Nacional de Merenda Escolar – Ide Della Mea
1	Comitê da Fome e Miséria – Heloísa Almeida
1	Demarcação dos lotes e construção de marcos sinalizadores
1	Movimento ao esporte – projeto localizado na Câmara e Vereadores
1	Destruição de monumentos históricos e sua irreparável descaracterização
1	Movimento para a libertação dos escravos (década de 1880)
1	Criação do Pólo de Produção de Software do Planalto Médio (2005)
1	Transforma em E. M. Padre Vieira em patrimônio histórico Cultural
1	Diploma de honra ao mérito concedido ao Sport Clube Gaúcho, o mais antigo da Região das Missões
1	Realização da Primeira Carreta do Agasalho, pelo CTG Lalau Miranda
1	Carta-testamento de Getúlio Vargas na Praça Marechal Floriano
1	Instalação de “Tribuna Popular para Sociedade Civil” – “Boca Maldita” no Calçadão central e tombamento do local
1	Morte do dr. Carlos Augusto Hexsel
1	Reserva Ecológica Maragatos
1	Abertura política (primeira eleição após a Revolução)
1	Clicos de estudo da ADESG (5 ciclos)



Votos	Sugestão
1	Tombamento, reforma e restauração do prédio da Academia Passo-Fundense de Letras
1	Visitas do presidente Getúlio Dornelas Vargas (a Passo Fundo)
1	Rota do tropeirismo – Cruz Alta a Sorocaba
1	Beneficiadoras: Jutifício Passo-Fundense e Lapasa
1	Pull Petroquímico
1	Fundação do Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas
1	Igreja Metodista e IE
1	Reserva Ecológica Arlindo Haas
1	Escola de samba Visconde do Rio Branco
1	Fundação da Escola Neeja
1	Prestes Guimarães
2	Inauguração do Cine Teatro Pampa
1	Inauguração do Cine Coral
1	Chegada dos primeiros médicos, com ou sem recursos
1	Conservatório de Música
1	Criação do Colégio Nicolau de Araújo Vergueiro
1	Interiorização do ensino superior na Loja Maçonica Concórdia do Sul
1	Passagem de políticos importantes por Passo Fundo – Getúlio Vargas, Luiz Carlos Prestes, Leonel Brizola, Ernesto Geisel e Lula.

De campos e matas abertas à emancipação de Passo Fundo

Paulo Monteiro (*)

Os portugueses e os descobrimentos

Portugal é um país latino. Sua e nossa língua é originária da língua falada pelos soldados e o probrerio romanos, uma língua neolatina. Há milhares de anos mantém relações culturais e comerciais intensas com as demais nações mediterrâneas. E, através delas, com os países do Oriente, inclusive, a China e a Índia. Em 1453, os turcos tomaram Constantinopla e impuseram limites ao comércio europeu com o extremo Oriente. A partir daí, os governos europeus procuraram encontrar um novo caminho que lhes permitisse negociar direto com as Índias, como era popularmente conhecida aquela distante parte do mundo. Uns acreditavam que a terra era achatada e ser possível, contornando a África, chegar às Índias. Pensavam assim os portugueses. Outros, como Cristóvão Colombo, um marinheiro italiano a serviço dos reis da Espanha, acreditavam que a Terra era redonda e que, navegando para o Oeste, era possível, também, alcançar o mesmo lugar. Os portugueses, que se lançaram antes à procura do caminho marítimo para as Índias, chegaram, em 1488, com Bartolomeu Dias, ao sul da África, descobrindo a possibilidade de alcançar o extremo Oriente. Exatamente dez anos depois, com Vasco da Gama, aportavam às Índias. Nesse mesmo ano, a 12 de outubro, os espanhóis, com Cristóvão Colombo, tocaram na América Central.

O descobrimento do Brasil – No dia nove de março de 1500, à frente de uma grande armada, com 13 navios e 1.200 tripulantes, Pedro Álvares Cabral, saiu de Portugal em direção às Índias. Não seguiu o mesmo caminho de Vasco da Gama, afastando-se bastante da costa africana. A 21 de abril, os portugueses aproximaram-se do litoral. No dia seguinte, avistaram aves marinhas e à tarde, um monte, que recebeu o nome de Monte Pascoal. A 23, exploraram a margem próxima, encontrando um porto para abrigo da esquadra. Dois nativos subiram a bordo e Nicolau Coelho desembarcou com alguns homens.

Pensando ou fazendo pensar que tinham chegado a alguma região das Índias, os portugueses chamaram os nativos brasileiros de *índios*, nome que, à época, se dava aos moradores daquele país oriental, conhecidos por *indianos*.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Até hoje se discute se a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao atual Estado da Bahia foi casual, um mero acaso, com os navios arrastados pelas correntes marítimas devido à falta de vento, ou se foi intencional. Há notícias de que outros marinheiros estiveram antes em nosso país. É o caso de Duarte Pacheco Pereira, que no seu livro *Esmeraldo de situ orbis*, afirma que esteve no Brasil, em 1498.

O historiador brasileiro Capistrano de Abreu, estudando a manobra realizada pela esquadra para chegar a Calicute e de Gaspar de Lemos, para retornar a Portugal, levando a notícia da chegada ao Brasil, concluiu pela impossibilidade de serem realizadas por quem estivesse perdido.

A divisão da América – O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha, em 1494, antes que o Brasil fosse *descoberto*, também fortalece a idéia de que os portugueses já sabiam da existência do continente americano.

O Tratado de Tordesilhas estabelecia um meridiano marcando 370 léguas dos arquipélagos de Cabo Verde ou dos Açores, além das quais, ao oeste, os territórios ficariam pertencendo à Espanha. Com esse tratado, parte do Brasil, o Atlântico Sul e o Oceano Índico ficaram pertencendo a Portugal.

O Tratado de Tordesilhas, pela imprecisão com que foi redigido, causou muitos problemas diplomáticos entre os dois reinos ibéricos. Tradicionalmente, admite-se que o meridiano de Tordesilhas passaria, em solo brasileiro, entre Belém do Pará e Laguna, em Santa Catarina. Assim, o Rio Grande do Sul ficaria pertencendo à Espanha. Mapas antigos, porém, apresentam esse meridiano, cruzando pela costa chilena, deixando a maior parte da América do Sul e Antilhas para Portugal.

Os aborígenes

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o território do nosso país já era habitado há milhares de anos. Segundo alguns historiadores, seriam mais de 12 milhões de habitantes, divididos em centenas de nações indígenas, falando centenas de línguas e dialetos.

As principais tribos pertenceriam aos grupos chamados tupis e jês. O tupi, por ser a língua mais falada no Litoral, também ficou conhecida como *língua geral*. Nos primeiros dois séculos da colonização portuguesa, falava-se uma verdadeira mistura de português e tupi. Os diversos grupos africanos também se fundiram numa espécie de *língua geral africana*, encorpada com elementos portugueses e indígenas. Em meados do século XVIII (1700/1799), o governo de Portugal tornou obrigatório o uso do português, processo importantíssimo para a futura unificação territorial do Brasil.

O longo período em que a *língua geral*, o *nheengatu* (o tupi amazônico), e o *abanaeega*, dos guaranis, foram falados no Brasil contribuiu para que milhares de pala-

vas de origem tupi fossem incorporadas ao vocabulário português empregado deste lado do Atlântico, especialmente nomes de plantas, animais e acidentes geográficos. Notam os lingüistas que o indígena exerceu influência, inclusive, sobre a sonoridade do português falado em nossa pátria. A mesma lição se aplica às línguas trazidas da África.

Ademais, a miscigenação, cruzamento entre os colonizadores portugueses e as mulheres nativas, criou um dos tipos humanos mais característicos do Brasil, o *mameluco*, também conhecido como *caboclo*. Alguns antropólogos nominam como *caboclo* ao filho de índios.

E visto estarmos falando sobre cruzamentos entre as raças formadoras da nação brasileira, abramos um parêntese. Outro tipo humano característico de cruzamentos interraciais é o *mulato*, conseqüência da união entre brancos e negros. O mulato ao unir-se ao negro gera o *cabra*. Nascido no Brasil, filho de negros é *crioulo*. A mistura de todos esses intercruzamentos é o *pardo*. Outro tipo característico da miscigenação é o *cafuzo* ou *curiboca*, fruto do índio cruzado com o negro.

As crenças originais dos indígenas, apesar da repressão desenvolvida pelas ordens religiosas cristãs, misturaram-se (sincretismo religioso), com as antigas crenças dos negros.

A influência dos índios também se manifestou no folclore, com o curupira, a iara, a boitatá e tantas outras lendas e contos populares, conforme é lembrado pelos folcloristas. Além disso, hoje, a grande maioria dos brasileiros carrega em suas veias alguma quantidade de sangue indígena.

A ocupação do Brasil – Durante os primeiros anos que se seguiram à chegada dos portugueses ao Brasil, como aqui não encontrassem as especiarias que buscavam às Índias, nem ouro, pedras preciosas ou qualquer outra mercadoria que oferecesse lucros reais e imediatos, o novo território foi relegado a segundo plano.

Apenas o comércio de pau-brasil, que servia para a indústria de tinturaria, e era cortado pelos índios do Litoral, em troca de machados e outras ferramentas, interessava aos negócios com a metrópole. Entretanto, a presença de embarcações francesas, que negociavam o produto com os nativos, levou o rei de Portugal a realizar expedições militares para reprimir esse tipo de pirataria e, no ano de 1534, iniciou o sistema de Capitânicas Hereditárias, seguindo experiências já postas em prática nas colônias africanas. Os donatários incentivaram a vinda de colonos portugueses e a produção de açúcar, porém, só as capitânicas de Pernambuco e São Vicente, em São Paulo, prosperaram.

O trabalho escravo – Para a indústria de açúcar os colonizadores precisavam de mão-de-obra. E só podiam usar o trabalho escravo. Começaram por escravizar os nativos, mas os índios não se submetiam facilmente, fugindo para o meio das florestas. Muitas vezes realizaram grandes revoltas, pondo em risco a própria presença do homem branco no solo brasileiro.



Diante disso, restou apenas aos colonizadores apelarem para a escravidão dos africanos, em cujos territórios os portugueses estavam assentados há mais tempo. Transportados para um continente estranho, sem a possibilidade de encontrar refúgio entre parentes ou aliados, aos negros não restou, de início, outra alternativa além de submeterem-se ao regime escravocrata. Mais tarde, quando já aclimatados ao solo brasileiro, é que fugiam para as florestas, especialmente em locais protegidos por acidentes geográficos e se organizavam em *quilombos*.

Os quilombos – Os contrabandistas de “gado humano”, como eram classificados os escravos, não precisavam esforçar-se para conseguir a vergonhosa mercadoria. Rivalidades tribais faziam com que populações inteiras fossem presas pelas etnias inimigas e trocadas por fumo, cachaça e outras quinquilharias. Nesse hediondo comércio, os ingleses firmaram as bases da revolução industrial e a estabilidade da *democracia ocidental*.

Quilombo era, na África daquele tempo, nome aplicado ao local em que os prisioneiros ficavam concentrados até que os navios negreiros, em que eram transportados os escravos, aparecessem para conduzi-los ao lugar onde seriam vendidos. Os *quilombos* eram praças fortificadas, cercadas de fossos e paliçadas, impedindo que os presos conseguissem evadir-se.

No Brasil, esse tipo de fortificação, ainda que conservando o mesmo nome, adquiriu finalidades diametralmente opostas: servir como refúgio e proteção dos escravos fugidos, impedindo a entrada dos escravagistas. Quando nos aprofundamos no estudo da história ficamos sabendo que *quilombo* encerra um sentido eminentemente técnico. Na África, era a fortificação que impedia a saída dos prisioneiros e, no Brasil, o mesmo tipo de praça forte não permitia que os caçadores de escravos fugidos entrassem. Hoje, mais do que uma obra de engenharia, *quilombo* adquiriu um conteúdo político recentíssimo, significando qualquer local habitado por famílias de origem africana.

Na região de Passo Fundo, desconhecemos notícias de *quilombos* no sentido original do termo. Os negros buscaram a liberdade refugiando-se no interior das florestas, e eram acolhidos nas próprias aldeias indígenas. Acabaram consorciando-se com os nativos e absorvidos pelos seus hospedeiros, especialmente, os caingangues. Por isso, muitos índios têm a pele mais escura do que outros do mesmo grupo, numa clara demonstração de mestiçagem racial.

Os portugueses e a miscigenação

Há milhares de anos o sul de Portugal era povoado por povos de pele escura, *negróides*. Povos de pele branca invadiram, por diversas vezes, a região e se fundiram com os primitivos moradores, originando os *trigueiros*, correspondentes lusitanos dos nossos caboclos. A trigueira, chamada carinhosamente de “trigueirinha”, é uma constante e eter-

na fonte de inspiração para os poetas portugueses, a exemplo da cabocla e da caboclinha, responsável por muito do lirismo brasileiro.

A atração do português pela mulata, vem dessa época. Até parece um verdadeiro complexo de Édipo.

Essas invasões de Portugal deram origem a um povo mestiço, convivendo e encastilhando loiros, de olhos azuis, e trigueiras, de olhos negros, mistura que fez surgir os famosos “olhos verdes, matadores”, cantados pelos grandes românticos portugueses. E foi exatamente esse povo de mestiços que descobriu e colonizou o Brasil.

A poliandria – Aqui a mistura continuou ativada pela facilidade com que os índios aceitavam a presença dos estrangeiros.

A poliandria, isto é, o *casamento* de uma mulher com vários homens, que aparece nos relatos de viajantes e missionários como autêntica promiscuidade sexual, facilitou a miscigenação. Os índios costumavam entregar suas mulheres, filhas e irmãs para que passassem as noites com os visitantes, costume que facilitou o cruzamento inter-racial.

A liberdade sexual entre os índios (ou mais precisamente entre as índias) era de tal monta que não conseguiam entender o celibato sacerdotal. Há relatos de que seminários precisaram ser murados para evitar o assédio das índias aos religiosos.

Tudo isso contribuiu para facilitar a miscigenação entre portugueses e índios, mistura que se ampliou com a vinda de africanos e a presença de piratas franceses, ingleses e holandeses, que também concorreram, desde os primeiros anos da colonização, para ampliar toda essa mistura racial.

A ocupação do Sul

A ocupação do que viria a ser o Rio Grande do Sul começou pelo litoral de Santa Catarina e Paraná. O local foi visitado por piratas franceses, que fizeram amizade com os índios patos ou carijós, que habitavam o Litoral, de Cananéia, em São Paulo, à Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul.

Os patos ou carijós, formavam uma tribo da nação guarani, originária do Paraguai. Esses índios, extremamente místicos, realizavam grandes migrações, instigados por seus pajés. Estes tinham momentos de êxtase e revelavam que numa determinada direção ficava Yvy-maraey, a terra sem males, uma espécie de paraíso. Numa dessas revelações, apontaram a ilha de Santa Catarina como a “terra sem males”. Ali contataram com os brancos; primeiro os franceses, depois os espanhóis e, posteriormente, os portugueses, que acabaram dominando o território.

A explicação mais coerente para o nome carijó, é que viriam a formar uma espécie de subetnia originária da mistura entre os marinheiros europeus (*caari*, brancos) e os ín-



dios (*yu* ou *yo*, acobreados), nome (*carijó*), que passou a denominar as galinhas e outras aves domésticas, com a mistura de plumas brancas e pretas.

Em 1516, o navegador espanhol Juan Díaz Solís, descobridor do Rio da Prata, manteve contato com os índios charruas, no Uruguai. Desceu à praia. Foi morto e, juntamente com outros sete integrantes de sua marinhagem, devorado por esses nativos. Pouparam apenas o marujo mais jovem, Francisco del Puerto. Diante da cena assustadora, os demais marinheiros fugiram com seus navios, um dos quais afundaria perto da Ilha de Santa Catarina, sobrevivendo onze marinheiros.

Os sobreviventes foram acolhidos pelos patos, misturando-se aos hospedeiros, começando a dar origem aos *carijós*. Um desses marinheiros, o português Francisco Pacheco, era mulato, gerando *tapuyunas*, isto é *tapuya* (índio), *una* (preto), índios pretos.

Os aborígenes gaúchos – Como vimos antes, os primeiros contatos dos portugueses com os indígenas do Rio Grande do Sul foram com os patos. Cedo estes índios se misturaram com os brancos e passaram a ser mais conhecidos como *carijós*. Nem sempre esse contato foi amistoso. Logo os colonizadores precisaram de mão-de-obra para as suas lavouras de cana-de-açúcar e começaram a escravizar os índios do litoral do que viriam a ser Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os índios fugiram para o interior, passando a disputar espaço com outras tribos, como foi o caso dos caingangues, que, escapando aos escravizadores, teriam migrado de onde hoje estão os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Os *carijós*, em 1600, dominavam toda a região do Campo do Meio, no que viria a ser o futuro município de Passo Fundo.

Extremamente religiosos, os *carijós* praticavam a feitiçaria. Feitiços com sapos, para matar desafetos, que ainda se recomendam em magia negra, eram praticados por esses índios. Viviam em constantes guerras com os guaianases, ao norte, e os charruas e tapes, onde hoje se situa o Rio Grande do Sul.

Aliás, nas décadas iniciais do século XVII (1600), quando os primeiros brancos, jesuítas vindos do Paraguai, fixaram-se em Passo Fundo, aqui encontraram os tapes, onde atualmente é a nossa cidade, e os caingangues, mais ao norte, ao leste e ao sul, chegando até onde hoje se situam a Vila Luiza e a Vila Carmem. Além, é claro, como já vimos, dos *carijós*, no Campo do Meio.

Portanto, vamos deixar bem claro, quando os brancos chegaram a Passo Fundo, aqui estavam fixadas três *nações* indígenas bastante distintas: os *carijós*, de origem guarani, procedentes do Paraguai, pelo antigo caminho de Peabiru, que partindo do litoral de Santa Catarina e Paraná, chegava à Cordilheira dos Andes; os tapes, que eram índios guaranizados, possivelmente de origem andina, e os caingangues, também conhecidos como coroados, botocudos ou bugres, do grupo jê.

O escravismo no Brasil – Quando se fala de escravidão é preciso deixar bem clara uma coisa: na África e no Brasil, os escravagistas sempre contaram com aliados entre os nativos. As lutas entre as diversas etnias, tanto de negros quanto de índios, favoreceram a escravidão.

Eram negros caçando negros e índios caçando índios, para venderem aos traficantes de seres humanos.

No município de Passo Fundo, as coisas não se passaram de maneira diferente. Os carijós, em especial, costumavam empreender guerras às outras tribos, particularmente aos tapes e charruas, e vendiam os aprisionados como escravos aos bandeirantes.

A disputa pelo território passo-fundense – Desde o início da povoação branca da América do Sul, portugueses e espanhóis disputavam o território passo-fundense. Como não tinham notícias de existência de metais ou pedras preciosas, o território ficou entregue aos seus habitantes nativos.

Quando o desinteresse acabou, em 1631, Portugal e Espanha estavam unidos sob a coroa espanhola. É um detalhe pouco salientado pelos historiadores. O domínio castelhano sobre a pátria de Camões durou de 1580 a 1640, período em que os bandeirantes, numa ousadia geopolítica única na história universal, aproveitando-se da condição, que eles sabiam passageira, de *súditos espanhóis*, ampliaram seus domínios através de entradas e bandeiras. Essa *ocupação*, pelos “súditos espanhóis” de fala portuguesa, assegurou, mais tarde, pelo *utis possidentis* (espécie de usucapião internacional), a posse de vastíssimas regiões, inclusive Passo Fundo, para Portugal. Direito que se transmitiu ao Brasil, herdeiro natural das conquistas bandeirantes, bandeirantes que eram, fundamentalmente, brasileiros, ou seja, brancos, mamelucos, crioulos e negros.

Reduções passo-fundenses – Com a criação da província do Paraguai, em 1607, a política espanhola com relação à região onde surgiria Passo Fundo, mudou bastante. Em 1609, jesuítas espanhóis penetraram na região de Guairá, estabelecendo missões entre os índios, dentro de uma política de contenção do avanço paulista para o interior. Em 1628, bandeirantes destruíram as 13 reduções ali organizadas pelos padres castelhanos, aprisionando milhares de índios e provocando a fuga dos demais para as regiões do Uruguai e do Tape.

O padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, dois anos antes, já havia estabelecido uma redução em São Nicolau, no atual Estado do Rio Grande do Sul.

O desinteresse acabou em 1631 quando os jesuítas espanhóis estabeleceram a redução de San Carlos del Caapi, nas proximidades de Pinheiro Mercado, perto das nascentes do Jacuizinho, um afluente do Jacuí Mirim, hoje no município de Carazinho. E esse é um ponto importantíssimo: os primeiros conquistadores eram jesuítas, mas estavam a



serviço dos reis da Espanha. Foi a primeira fixação de brancos em território passo-fundense.

A localização dessa redução ainda é discutida por historiadores. Levando em consideração antigos mapas, alguns afirmam que ficaria perto da atual cidade de Santo Cristo. E que o próprio “caminho do Caapi”, por ali se localizaria. Relatos jesuíticos, porém, afirmam que San Carlos del Caapi ficaria a um dia de caminhada de Santa Tereza del Curiti, o que seria impossível, caso se situasse nas proximidades de Santo Cristo.

No ano seguinte, 1632, os mesmos jesuítas fundaram outra redução: Santa Teresa del Curiti, também conhecida como Santa Tereza de los Piñales, de início no Povinho Velho, próximo às nascentes do Rio Jacuí Grande ou Jacuí Verdadeiro e do Rio Passo Fundo ou Uruguai Mirim, que significa Uruguai Pequeno. A proximidade com os caingangues, que dominavam as matas e serras adjacentes e com os carijós, no Campo do Meio, que não aceitaram a pregação dos padres espanhóis e passaram a hostilizá-los, instigados por seus pajés, fez os jesuítas, também temendo um ataque dos bandeirantes, mudarem a redução para o Rincão do Pessegueiro, hoje pertencente ao município de Ernestina, em pleno território controlado pelos índios tapes, que, mesmo amigos dos guaranis, dos quais os carijós eram originários, viviam em guerras com as tribos vizinhas.

Religião e política – Contam alguns historiadores que os jesuítas espanhóis vieram para Passo Fundo a pedido do cacique tape Guaraé, desejoso de que seus governados recebessem os ensinamentos cristãos. Como os bandeirantes já incursionavam à Depressão Central gaúcha e, usando pombeiros, nome dado a espíões, que se aproveitando da hospitalidade indígena, efetuavam levantamento das tribos para posterior ataques dos escravizadores de índios, é possível que Guaraé chamasse os padres para fortalecer-se contra os paulistas, aliados aos carijós, tradicionais inimigos dos tapes.

Não se pode esquecer que os jesuítas portugueses, dentro do chamado “direito divino”, eram fiéis ao governo de Portugal e os jesuítas espanhóis, também dentro do mesmo “direito divino”, serviam aos reis de Espanha. Todos eles pregavam a chamada “guerra justa”: o direito de que os “gentios”, nome dado aos índios não cristianizados, que não aceitassem o cristianismo, poderiam ser escravizados. Na região de Passo Fundo, os jesuítas espanhóis armavam os índios por eles convertidos ao catolicismo para combaterem os nativos que não aceitavam suas pregações ou que se aliavam aos portugueses, como eram chamados os bandeirantes.

Com a vinda dos jesuítas espanhóis para a região de Passo Fundo, a rivalidade entre os três povos indígenas só aumentou. Como os padres castelhanos aldearam os tapes tanto os carijós quanto os caingangues não gostaram. Seus sacerdotes, os pajés, revoltaram-se contra os inacianos, e chegaram a provocar um levante, conhecido como “Revolta dos Pajés”. Atacaram a redução de Santa Teresa, que ficava no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina, mas terminaram repelidos pelos jesuítas e os tapes.

Além da união dos padres espanhóis com os seus tradicionais inimigos, carijós e caingangues não aceitavam a monogamia imposta pelos religiosos cristãos, querendo continuar o tipo de regime familiar a que estavam acostumados, baseado na poliandria (uma mulher vivendo com vários homens) que, talvez por influência dos brancos, estava se transformando na poligamia (um homem vivendo com várias mulheres).

Além disso, tanto carijós quanto caingangues, praticavam o politeísmo (acreditavam em vários deuses) e desenvolviam a magia negra (bruxaria e feitiçaria), que contrariavam os princípios bíblicos preconizados pela Igreja. Os tapes também eram politeístas.

Sabedor de que os paulistas tramavam uma investida às reduções espanholas, o padre Cristóban de Mendonza, considerado o introdutor do gado entre os tapes e o primeiro tropeiro gaúcho, quando tentava converter os índios da região de Caixas do Sul e lançá-los contra o bandeirante Raposo Tavares que, entrando pelo Litoral gaúcho, ameaçava as reduções espanholas, foi trucidado, juntamente com os catecúmenos (índios convertidos) que o acompanhavam.

Diante da impossibilidade de converter carijós e caingangues e da tradicional hostilidade destes aos tapes, que habitavam o local onde hoje se situa a cidade de Passo Fundo, era inevitável que os portugueses, como os espanhóis chamavam os bandeirantes paulistas, atacassem as reduções montadas pelos jesuítas espanhóis, em nossa região.

A religião dos aborígenes – Os três povos indígenas que habitavam Passo Fundo eram politeístas. Os carijós, também conhecidos como “ibianguaras”, criam numa divindade protetora chamada “Munhã” e nas almas dos mortos, a que davam o nome de *Anga*, e tinham duas classes de sacerdotes: os *iroquiarias*, que eram dançarinos, para ser mais claro: deveriam promover certos rituais ancestrais assemelhados a alguns praticados pela umbanda e o candomblé, e os *apicarés*, mágicos, que seriam algo parecido com a personagem central da novela *O Profeta*, exibida recentemente pela Rede Globo. Com certeza, praticavam alguns exercícios de magia negra, como amarrar um sapo em uma árvore, até que morresse, ou enterrar um ovo sob a rede dos desafetos.

Os caingangues, também conhecidos como coroados, botocudos e bugres, acreditavam em *Topen*, uma divindade boa, em *Detcori*, um deus mau, correspondente ao diabo dos cristãos e em *Acupli*, a alma dos mortos, mais ou menos como os espíritos desencarnados dos espíritas ou os santos católicos. Eram espíritos protetores.

Igualmente idólatras, os tapes acreditavam em muitos mitos, entre os quais um animal fabuloso, parecido com um carneiro, dotado de garras e dentes, como as onças, e muito feroz, chamado *Ao*.

Foi esse território habitado por nações inimigas entre si, com costumes familiares e idéias religiosas tão diferentes do que era pregado pela Igreja Católica, o lugar em que o padre Francisco Ximenes organizou as reduções de San Carlos del Caapi (1631) e de Santa



Teresa del Curiti, no ano seguinte. Aqui também morreria, nas mãos de índios que não aceitavam a presença dos tapes e dos seus aliados, os jesuítas espanhóis, o padre Cristóban de Mendonza, introdutor do gado em nossa região e, por isso, considerado, o primeiro tropeiro gaúcho. O gado trazido pelo padre Cristóban de Mendonza daria origem à Vacaria dos Pinhais.

Bandeirantes expulsam espanhóis – A idéia de anexar, definitivamente, o território do atual Estado do Rio Grande do Sul à província do Paraguai provocou imediata reação dos bandeirantes paulistas, que já controlavam o litoral norte gaúcho e mantinham relações com os índios que se opunham aos tapes, aliados dos espanhóis.

Em 1865, Solano Lopes ressuscitaria o sonho de dois séculos e tanto atrás. Invadiu o Rio Grande do Sul, provocando nova reação armada dos brasileiros. Se Igaí, no século XVII, constituiu-se num baluarte da reação dos brasileiros às pretensões paraguaias, Passo Fundo contribuiu com o concurso do sangue de seus filhos para repelir a invasão guarani e durante toda a guerra contra o Paraguai.

O bandeirante André Fernandes atacou a redução de Santa Teresa, no Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. No dia 23 de dezembro de 1637, o aldeamento caiu em mãos daquele bandeirante, comandando um exército de paulistas, índios carijós e negros. Não houve resistência alguma. Aprisionaram mais de 4 mil índios. Os jesuítas espanhóis acabaram expulsos e o comando espiritual passou para o padre jesuíta Francisco Fernandes, filho do próprio capitão André Fernandes.

Uma vez dominada Santa Teresa, os bandeirantes “assolaram” o Tape, segundo a expressão consagrada pelos historiadores, e dominaram todas as reduções existentes na região. André Fernandes permaneceu em Passo Fundo durante quatro anos, mudou o nome do lugar de Santa Teresa del Curiti ou Santa Teresa de los Piñales para Igaí, como os nativos nominavam o atual Rio Jacuí.

Pouco depois de André Fernandes chegava outro bandeirante, Fernão Dias Paes Leme, imortalizado por Olavo Bilac em sua obra *Caçador de esmeraldas*. Veio pela trilha indígena do Mondecaá (mato das armadilhas), entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, conhecida como Caapi (caminho da floresta), de Passo Fundo, na direção da Fronteira. Tratava-se de um velho caminho indígena.

Fernão Dias Paes Leme permaneceu pouco tempo na região. Encontrando resistência em reduções situadas ao sul de Passo Fundo retornou a São Paulo com grande número de cativos.

Em 1641, nova bandeira desceu pelo Uruguai com centenas de brancos e índios bem armados para expulsarem os jesuítas espanhóis das margens do rio. Na quinta-feira santa daquele ano, quando se encontravam na confluência do Uruguai com o Mbororé, sofreram ataques de centenas de índios comandados pelos padres castelhanos. Os bandeiran-

tes, fragorosamente derrotados, destruíram 100 das suas 250 canoas e se refugiaram no entrenchamento de Igaí, em Passo Fundo.

Apesar da vitória, os espanhóis e os guaranis não esperaram para ver. Mudaram-se para terras que hoje pertencem ao Uruguai e para a margem direita do rio, nas hoje províncias argentinas de Corrientes e Entre-Rios.

Passo Fundo dos bandeirantes – Os ataques holandeses ao Nordeste, que culminaram com a invasão de Pernambuco, em 1630, e do Maranhão, em 1641, levaram à diminuição do ímpeto bandeirante no Sul, pois suas forças precisaram ser mobilizadas para a expulsão dos protestantes holandeses. Mesmo assim, os brasileiros, sob a liderança espiritual e, possivelmente, também militar do jesuíta português, o paulista Francisco Fernandes, continuaram fustigando os jesuítas espanhóis, os tapes e os guaranis.

Até 1669 há notícias de que os bandeirantes continuavam atuando através do fortim montado em Passo Fundo.

A presença bandeirante no nosso município foi de extrema importância tanto que fortaleceria os argumentos do barão do Rio Branco na famosa “Questão das Missões”, arbitrada pelo presidente norte-americano Cleveland, em 1895, dando ganho de causa ao Brasil.

O fortim de Santa Teresa, aqui construído por André Fernandes e seu filho, o padre Francisco Fernandes, contribuiu para assegurar o princípio do *uti possidetis* em favor do Brasil, garantindo-nos vastas áreas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Como vimos antes, os primeiros brancos que chegaram a Passo Fundo foram os jesuítas espanhóis, estabelecendo as reduções de San Carlos del Caapi (1631), esta de localização controversa, onde hoje fica o município de Carazinho, e Santa Teresa del Curiti (1632), no Povinho Velho, proximidades do atual município de Mato Castelhano, mudada logo a seguir para o Rincão do Pessegueiro, em Ernestina. Em 1637, Santa Teresa foi tomada pelo bandeirante André Fernandes e rebatizada com o nome de Igaí, cuja guarda espiritual foi entregue ao jesuíta paulista Francisco Fernandes. Este aqui permaneceu durante vários anos.

Durante pouco mais de cinco anos os jesuítas espanhóis ficaram estabelecidos em Passo Fundo; os bandeirantes paulistas por mais de trinta anos, possivelmente até um meio século. Razões estratégicas e econômicas inviabilizaram a colonização portuguesa de Passo Fundo. Entre essas, pode-se destacar as lutas contra os invasores holandeses no Nordeste; a procura e descoberta de minerais preciosos no centro do país e a tentativa de dominar o atual território uruguaio, com a Colônia do Santíssimo Sacramento, a partir de 1680.

O destino dos aborígenes – Dos tapes, em território passo-fundense, ao que tudo indica, restou uma pequena aldeia próxima ao acampamento de Igaí, no Rincão do Pes-



segueiro. O grosso desses primitivos habitantes passam a fazer parte da história argentina, onde iremos encontrá-los, como combativos lanceiros sempre socorrendo Buenos Aires durante ameaças e invasões estrangeiras.

Os carijós passo-fundenses perdem-se na noite dos tempos, aparecendo apenas como personagens literárias nos primeiros romances gaúchos, como foi o caso de *O Vaqueano*, publicado em 1872 por Apolinário Porto Alegre, sob a marcada influência de *O Gaúcho*, editado em 1870 por José de Alencar.

Os caingangues são mais persistentes, encontramos-os, em plena Revolução Farroupilha, enfrentando as forças imperiais.

A flora passo-fundense - Quando os jesuítas espanhóis chegaram a Passo Fundo, aqui encontraram uma paisagem verdadeiramente paradisíaca.

O historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, nascido em cinco de agosto de 1876, que ainda adolescente, conheceu muito bem essa velha paisagem, como tropeiro, conta que o vastíssimo sertão do Alto Uruguai era costeadado por uma vasta campanha recamada de butiazeiros. E que as pastagens eram excelentes em toda a parte. Descreve a vegetação como “luxuriante e variadíssima”, destacando o pinheiro brasileiro, predominante em toda a parte. Salienta a presença da erva-mate, através de grandes ervais, encontrados no sertão do Alto Uruguai e mais disseminados, mas também em grande quantidade, em todas as matas do município.

Antonino enumera outras madeiras: o angico, a aroeira, o bugre, a cabreúva, o cambará, a canela preta, a cangerana, o cocão, a guajuvira, o ipê, a piúna, o tarumã, o cedro, a grapeapunha, o louro, o açoita-cavalo, a canela-loura, a caroba, o guatambu, o alecrim, a cereja, o carvalho, o coronilho, a guajuvira, a cabreúva, o sassafráz, a figueira-brava, o pau-ferro, o rabo de bugio, o araçá, o branquilho, todas empregadas comercialmente.

Entre os frutos silvestres lembra o pinhão, o butiá, o buriti, o ariticum, a cereja, o gerivá, a goiaba, o guabiju, a guabiroba, o guamirim, a jabuticaba, a ovaia, a pitanga, o sete-capotes, a amora, duas variedades de maracujá e o melão de São Caetano.

Todos esses espécimes vegetais foram intensamente explorados. As madeiras de lei, como era o caso dos pinheiros, do angico e do cedro, eram cortadas e transformadas em tábuas ou, em especial, sob a forma de toras, eram amarradas, formando balsas, transportadas durante as grandes cheias para os portos do Rio da Prata, particularmente, na Argentina, de onde eram exportadas para os mais diversos pontos do globo.

A fauna passo-fundense – A fauna silvestre passo-fundense também era riquíssima. O mesmo historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que a conheceu ainda bastante preservada, destaca os seguintes animais, entre os mamíferos: o bugio, o mico, o macaco, a irara, o guaraxaim, o mão-pelada, a lontra, o coati, a ariranha, o zorrilho, a raposa, a raposa-d’água, o cateto, o porco-do-mato, o tamanduá-mirim, o tamanduá-ban-

deira, a cotia, a paca, o preá, o coelho, a lebre, o rato do campo e do banhado, o morcego, a capivara, a anta, o guará, o gato-do-mato, a jaguatirica, o leão-baio, o leão-de-cara-rajada, o tigre-pintado e o preto, o cervo e os veados branco, pardo, virá e bororó e os tatus etê, mulita, canastra e do rabo mole.

Entre as aves silvestres, podiam ser encontrados, o corvo-rei, o corvo-comum, o caburé, o carancho, o gavião, a coruja, o corujão, o penacho, o quiri-quiri, o tesourão e o urutaguá, todos rapineiros; o tucano e diversos tipos de pica-paus; o periquito, o maracanã, a tiriva, a baitaca e o araguari; o suruquá, o sangue-de-boi, o pirro, a andorinha, a noturna, o sudário, o tenente, o chupim-velho, sanhaço, tapena, gralha azul, gralha amarela, bosteiro, pintassilgo, patativa, caboclinho, bem-te-vi, cardeal, araponga, dragão, tesourinha, corruíra, tico-tico, canário, inhapim, diversos tipos de pombas, jacu perma e jacu vermelho, jacutinga, perdiz, codorna, macuco, inhandu, gaviota, garça, saracura, curicaca, maçarico, pato, mergulhão e biguá.

Representativos dos répteis eram o cágado, lagarto comum e do papo-amarelo, lagartixa, camaleão; entre os anfíbios, diversos tipos de rãs, sapos e pererecas e as cobras jararaca, jararacuçu, cuatiara, cascavel, cipó, jararacaí, coral e papa-pinto.

Havia abundância de peixes nos rios passo-fundenses, salientando-se o surubim, o muçum, a joaninha, o pintado, o mandi, o roncador, o jundiá, o bagre, o dourado, a traíra, a voga, a piava, o tambicu, o crumatã, o cará, a saicanga e o lambari.

A variedade de insetos era enorme e a exportação de peles de animais silvestres se constituiu em grande negócio.

As riquezas hídricas

Não se pode esquecer as riquezas hídricas, especialmente num período em que se fala tanto em aquecimento global e poluição das águas. À exceção do Uruguai, que banhava o original município de Passo Fundo, nunca possuímos volumosos cursos d'água, mas deve-se lembrar a grande quantidade de banhados e pântanos, responsáveis pela conservação da umidade do solo e a reprodução de inúmeros espécimes animais. Passo Fundo, tendo por centro a Coxilha Geral, é um divisor de águas. A mais importante bacia hidrográfica do Estado é a do Uruguai. Em Passo Fundo, além do rio que dá nome à bacia, destacavam-se o Rio do Peixe (Pirarucê), o Passo Fundo (Uruguai Mirim), que têm praticamente a mesma extensão, cerca de 200 quilômetros cada um, o da Várzea (Uruguai Pitã ou Uruguai Puitã) e o Rio Turvo, todos afluentes da margem esquerda do primeiro.

O Uruguai e seus afluentes banham dezenas de municípios originários de Passo Fundo, tendo sido responsáveis pela elevada produção agrícola, do Alto e Médio Uruguai.

O Jacuí, que nasce há poucos quilômetros da cidade, na mesma coxilha de onde manam o Rio do Peixe e o Rio Passo Fundo, corre na direção central do Estado, desaguan-



do na Lagoa dos Patos, tendo como principais afluentes, no município, o Portão, o Pinheiro Torto, o Arroio Grande (Marupiara), o Glória, com seus afluentes Herval e Colorado, o Arroio Grande e muitos outros. O principal afluente, porém, é o Jacuí Mirim, que separava Passo Fundo de Cruz Alta, também conhecido como Jacuizinho. Todavia, o verdadeiro Jacuizinho é um afluente da margem esquerda do Jacuí Mirim.

Outro rio importante de Passo Fundo é o Taquari, também, conhecido como Capingüí, afluente do Rio das Antas, que tem como afluentes o Camargo, o Branco e o Marau. Também banhava o município de Passo Fundo, o Rio Carreiro.

Território dividido

Como vimos, os jesuítas espanhóis dominaram o município de Passo Fundo entre 1631 e 1637, quando foram expulsos pelos bandeirantes. Diante do afastamento definitivo dos paulistas, voltaram a ocupar o noroeste e oeste do Rio Grande do Sul, a partir de 1682, quando fundaram São Borja. Permaneceram no Estado até pouco depois de 1750. Entregando as reduções ao bispo de Buenos Aires, afastaram-se definitivamente da região. Os índios não aceitaram esse afastamento e iniciaram a Guerra Guaranítica, liderados por Nicolau Neenguiru e Sepé Tiaraju.

O Tratado de Madri acabou não entrando em vigor e Passo Fundo continuou sob domínio espanhol até 1801, quando José Borges do Canto e seus companheiros expulsaram os espanhóis, ocupando as Missões, onde se incluía Passo Fundo, ficando definitivamente em poder dos portugueses.

O período entre 1750 e 1801 foi muito importante para consolidar Passo Fundo como ponto estratégico. Como os limites entre Portugal e Espanha, a partir dos tratados de El Pardo (1761) e Santo Ildefonso (1777) passavam por Passo Fundo, mais precisamente pelo Campo do Meio, os espanhóis montaram uma guarda no Mato Castelhanos, daí ali situar-se um local conhecido como Capão da Guarda, e os portugueses outro além, onde hoje fica o município de Caseiros, no Mato Português.

Vale repetir: até 1801, Passo Fundo pertenceu à Espanha.

Os nomes de Passo Fundo

Nesse período, deram-lhe diversos nomes: Curiti, que significa pinhais, em guarani; Santa Teresa del Curiti e Santa Teresa de los Piñales, conforme documentos dos jesuítas castelhanos. A partir de 1637, durante a ocupação bandeirante, recebeu o nome de Igaí, enquanto os espanhóis conheciam o local simplesmente como Piñales (Pinhais). No começo do século XIII (1700 e poucos), já aparece como Campo das 20 Mil Vacas e Vacaria dos Pinhais, até 1765. Já no final da ocupação espanhola era conhecido como Pinarés.

Depois que os portugueses tomaram posse definitiva de Passo Fundo, em 1801, conferiram diversos nomes à região: Alto Jacuí da Vacaria, no princípio do século XIX, Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo, a partir de 1843, Passo Fundo da Cruz Alta e Passo Fundo das Missões, em documentos farroupilhas, entre 1835 e 1845, Nossa Senhora Aparecida do Passo Fundo, até 1889, e simplesmente Passo Fundo, de 1889 para cá.

O Rio Passo Fundo, que deu nome à cidade e ao município, aparece com as seguintes denominações: Goio-en (água funda), pelos caingangues, Curiti, pelos tapes e guaranis, Uruguai-Mirim (para diferenciar do Uruguai-Açu, Uruguai Grande, o Rio Uruguai), Goio-en-Mirim (mirim, significa pequeno em guarani) e Passo Fundo, até hoje.

Domínios sobre Passo Fundo

No início da ocupação espanhola, Passo Fundo passou à jurisdição de Buenos Aires, quer dizer, como território argentino, até 1609, quando integrou a Província do Paraguai, sendo ocupado pelos portugueses (bandeirantes paulistas), entre 1637 e 1680, aproximadamente. Depois que os bandeirantes deixaram Passo Fundo, retornou ao controle de Buenos Aires até 1801, quando, definitivamente, anexaram-no ao território português. De 1801 a 1809, sua administração coube ao Comando Militar de São Borja. Pertenceu ao município de Rio Pardo de 7 de outubro de 1809 a 11 de março de 1833. E, de 11 de março de 1833 a 28 de janeiro de 1857, integrou o município de Cruz Alta. Em 28 de janeiro de 1857, emancipado, adquiriu autonomia, assumida plenamente no dia 7 de agosto de 1857 com a instalação da Câmara Municipal.

O primeiro morador a fixar residência onde hoje é a cidade, nas proximidades da Praça Tamandaré, chamava-se Manoel José das Neves, conhecido como Cabo Neves, em fins de 1827 e inícios de 1828. Concluída a primeira Igreja, tomou foros de Freguesia, em 26 de janeiro de 1847, de Vila, em 28 de janeiro de 1857, com a emancipação, e de Cidade no dia 10 de abril de 1891.

O gado e os ervais

Quando os bandeirantes expulsaram os jesuítas castelhanos das reduções de Santa Teresa del Curiti e de San Carlos del Caapi, no final de 1627 e princípios de 1638, ficaram, espalhadas pelos campos de Passo Fundo, centenas de cabeças de gado bovino, equino e ovino. Das ovelhas não se sabe notícia. Os bovinos, porém, reproduziram-se de tal maneira que, a partir de 1682, quando os inacianos espanhóis retornaram ao Rio Grande do Sul, Passo Fundo chegou a ser conhecido como “Campo das 20 mil Vacas”. Em plena Guerra dos Farrapos, de quando por aqui passou, acompanhado de sua mulher Anita e do filho Menotti, Giuseppe Garibaldi, conta que, no Campo do Meio, os famosos “lanceiros negros”



farroupilhas laçaram e domaram às pressas os cavalos selvagens, para substituir as montarias estropiadas e cansadas que serviam ao exército republicano rio-grandense.

Com a destruição das reduções castelhanas em Passo Fundo, os caingangues tomaram conta da região, chegando a tal ponto o controle e a extensão do poder dos bugres que os primeiros moradores brancos da atual cidade de Cruz Alta precisaram transferir a povoação do atual local para outro. A atual Cruz Alta situa-se perto de onde existia um bosque dominado pelos botocudos. Os historiadores não precisam a data desses fatos. Seguramente, foram antes de 10 de junho de 1821, quando foi requerida à Junta Governativa da Província, pelos moradores que sabiam assinar a constituição do povoado.

Depois de 1632, os jesuítas e os guaranis missioneiros exploravam os ervais do primitivo município de Passo Fundo, especialmente no Alto Uruguai e no Botucaraí (Soledade). Depois que retornaram, só o conseguiam com expedições compostas por dezenas de homens fortemente armados. Caso contrário, acabariam trucidados pelos guerreiros caingangues. O corte da erva-mate nativa obedecia a regras especiais, seguidas à risca pelos índios. Cortavam apenas os galhos das árvores adultas, e de quatro em quatro anos. Exportavam o produto pelo porto de Buenos Aires e os recursos ficavam em poder da Companhia de Jesus, que administrava as reduções. Os jesuítas, que garantiam a subsistência dos índios, controlavam os recursos auferidos com o gado e outros produtos das reduções.

A conquista das Missões

A conquista das Missões, em 1801, constituiu-se num dos episódios mais interessantes da História do Brasil. Com a saída dos jesuítas espanhóis, depois da Guerra Guaranítica, o território ficou sob a responsabilidade de administradores nomeados pelas autoridades coloniais castelhanas.

Esses delegados do poder bonaerense passaram a explorar descaradamente os índios, dilapidando, em proveito próprio, bens e produtos das reduções. Some-se a isso o fato de que os rio-grandenses compravam dos índios esses bens e produtos, aumentando a indignação dos guaranis contra as autoridades castelhanas. Estava, pois, pronto um rastilho de pólvora capaz de explodir com o domínio castelhano. Bastava um palito de fósforo para provocar a explosão.

E esse palito apareceu na pessoa do rio-pardense José Borges do Canto. Desertor do Regimento dos Dragões de Rio Pardo, conhecia muito bem a região missioneira e sabia onde encontrar aventureiros suficientemente corajosos, audazes e com ligações entre os guaranis. Recebeu anistia, armas e munições do coronel Patrício José Correia da Câmara, comandante dos Dragões de Rio Pardo, para que hostilizasse as Missões através da guerra à gaúcha. Juntou um pequeno grupo, obteve o concurso do estancieiro mameluco Manuel dos Santos Pedroso, com uma partida de 20 homens, agregando-se-

lhes o tenente Antônio de Almeida Lara, com 12 homens, e o furriel Gabriel Ribeiro de Almeida.

Num ataque fulminante, esses legionários, conseguindo o apoio de caciques e outros índios, em pouco mais de três meses, expulsaram os administradores espanhóis. No dia 23 de novembro de 1801, toda a Província das Missões, onde Passo Fundo estava inserido, passou definitivamente para o domínio português.

Os desertores anistiados, que conquistaram as Missões, foram reincorporados ao Exército Português e generosamente premiados com grandes extensões de terras, formando a base da aristocracia estancieira da região conquistada.

A povoação das Missões

Uma vez dominadas as Missões, urgia povoá-las. As terras foram doadas a militares e pessoas que dispusessem de recursos para ocupá-las e enfrentar a ameaça de invasões castelhanas. Ofereceram terras também a homens casados, com experiência militar, o que levou muitos soldados a casarem-se às pressas com índias, dando origem ao missioneiro característico dos nossos dias, com sua cor acobreada, barba rala, bigodão preto caído sobre os cantos dos lábios e cabelos igualmente negros e grossos.

Ao mesmo tempo em que soldados casavam com as índias, os novos conquistadores retiravam grupos inteiros de guaranis e os transmigravam para outras partes do Estado, como Osório e a atual Gravataí. Na prática, reeditava-se a mesma política bandeirante, afastando os índios do seu local nativo, quebrando a ligação deles com a “terra mãe” e enfraquecendo o seu poder de rebelar-se contra os dominadores.

Argentinos e uruguaiois não aceitaram pacificamente a conquista das Missões Orientais. Como conheciam a região anexada ao Rio Grande do Sul, conscientes disso, as autoridades portuguesas, adotaram as medidas acima e trataram de procurar um caminho que encurtasse as distâncias entre São Paulo e a “Província das Missões”.

A alternativa que consideravam mais plausível era a descoberta (ou redescoberta) de um caminho que passava pelo centro do campo dos biturunas, também conhecido como Ibitiru ou Ibiturana, que significa “serra negra”, a densa floresta do Alto Uruguai. Tratava-se, na verdade, de um antigo caminho indígena, que teria sido percorrido por jesuítas e guaranis, depois que os bandeirantes tomaram as Missões do Guairá, em 1630.

No atual território do Rio Grande do Sul esse “Caminho de Ibitiru” entraria pelo Passo do Goi-en, nas proximidades da atual cidade de Nonoai, encurtando em muito a distância até as Missões.



A “redescoberta” de Passo Fundo

Para abrir uma passagem que desse direto de São Paulo até as Missões, no Rio Grande do Sul, o governo daquela província determinou que o alferes curitibano Atanagildo Pinto Martins, em 1815, chefiasse uma expedição, que saindo dos Campos de Palmas, penetrasse no Rio Grande, aproximadamente onde hoje está situada a ponte do Goi-en.

Guiava essa força um índio de nome Jongongue ou Jonjong. Pouco sabemos sobre esse vaqueano, mas o que chegou até nós é suficiente para afirmar que ele conhecia profundamente o oeste catarinense e o norte do Rio Grande do Sul. Como essas regiões estavam sob o controle dos caingangues, que opunham pertinaz resistência à presença do homem branco, Jongongue se negou a conduzir a expedição rumo ao passo do Goio-En, preferindo seguir para o leste e depois para o sul, na direção dos Campos Novos, em Santa Catarina. Vadeou o Rio Uruguai, num local que ficou conhecido como Passo do Pontão, depois mudado para Passo do Barracão. Aí ingressou em território gaúcho, saindo nos Campos de Vacaria, atravessou o Campo do Meio, cortou Passo Fundo, rumando para as Missões.

A expedição de Atanagildo Pinto Martins apresentou-se ao comandante militar de São Borja das Missões no dia 17 de abril de 1816, noticiando a *descoberta* de um novo – e mais curto – caminho, ligando a *Província das Missões* ao centro do país. Na verdade, esse trajeto já era conhecido dos índios e, ao que tudo indica, os próprios bandeirantes já o utilizaram para destruir as primeiras reduções espanholas e conduziram índios para São Paulo.

Alguns historiadores acreditam que esse *novo caminho* (também conhecido como Mondecaá, Caapi e “vereda das Missões”) já fosse usado por tropeiros e contrabandistas de mulas. A insistência das autoridades paulistas em *descobrir* o caminho pelo Goi-en também leva a crer que fosse conhecido pelos bandeirantes, pois era utilizado, há séculos, pelos índios.

Uma vez cumprida sua incumbência, Atanagildo Pinto Martins regressou a São Paulo, pelo mesmo caminho, cruzando, de novo, por Passo Fundo. Entre Passo Fundo e Cruz Alta, determinou que os civis integrantes de seu grupo, à exceção de um índio, Antônio Pahy, prosseguissem na direção norte. Enquanto Atanagildo, os demais militares e Antônio Pahy seguiam a salvo de índios hostis, Jongongue e outros seis homens partiram na direção de Nonoai para nunca mais serem vistos.

Anos depois, os primeiros brancos que contataram com os caingangues e participaram das iniciativas para aldear os índios do Alto Uruguai, encontraram testemunhas do massacre de Jongongue e seus companheiros.

Certo é que a decisão de Atanagildo Pinto Martins desagradou a *Junta* paulista responsável por essa expedição. O alferes foi afastado do Exército e nomeado *capitão-comandante* de um *corpo* de *guerrilhas*, composto de sessenta homens, para lutar contra a invasão das Missões pelo índio guarani são-borjense Andrezito Artigas. Atanagildo permaneceu no Rio Grande do Sul lutando contra os guerrilheiros de Andrezito Artigas, e nessa luta perdeu seu próprio filho, Antônio Ribeiro Martins, de 17 anos.

A permanência de Atanagildo no Rio Grande e sua luta contra a invasão castelhana fizeram com que ele conhecesse a região e decidisse mudar-se para as Missões. Retornou a São Paulo para trazer os filhos, a segunda esposa, irmãos e demais parentes. Aproveitou as relações travadas com as autoridades rio-grandenses para obter grandes concessões de terras para si próprio e aparentados seus, em áreas do original município de Cruz Alta. Atanagildo fixou-se onde hoje é Santa Bárbara, seu irmão Rodrigo Félix Martins, montou fazenda em Pinheiro Mercado, hoje Carazinho; José Antônio de Quadros, outro parente dos Martins, recebeu imensa gleba de terras em área lindeira.

Antes disso, diversos militares ganharam grandes áreas de terra no que viria a ser o município de Passo Fundo.

A povoação de Passo Fundo

No primeiro quartel do século XIX, podem ser lembrados entre os militares que receberam grandes áreas de terras no futuro município de Passo Fundo, o sargento-mor Domingos da Silva Barbosa, entre Marau e Soledade, Antônio Rodrigues Chaves, pai, Antônio José Landim, Anastácio José Bernardes, Florentino José Soares, Fabrício José das Neves, pai, Atanagildo Rodrigues da Silva, pai, e Antônio José de Mello Bravo, no Rincão do Botucaraí, depois Soledade.

Como vimos, a povoação do primitivo município de Passo Fundo começou pela área rural, pelas *bordas* de Carazinho e Soledade. E continuou facilitada pela ação de tropas paulistas, curitibanas e lajeanas, que, passando pelo passo do Pontão, cruzavam pelo Mondecaá (Mato das Armadilhas, Mato Castelhana) e Caapi (Caminho do Mato).

A chegada do “cabo” Neves – Por aqui passou um dia o cabo de milícias Manoel José das Neves, nascido, perto de 1790, ao que tudo indica em São José dos Pinhais, distrito de Curitiba, Estado do Paraná, para participar da Guerra da Cisplatina, acabando ferido no combate do Rincão das Galinhas, em 24 de setembro de 1825. O Rincão das Galinhas é formado pela confluência do Rio Negro, que nascendo em solo gaúcho vai desaguilar em pleno território uruguaio.

Ferido de guerra, Manoel José das Neves requereu uma área de terras em Passo Fundo, fixando-se exatamente no local onde, no ano de 1826, o major Manoel da Silva Pereira do Lago, administrador militar de São Borja, havia se escondido, amedrontado com a aproximação do caudilho uruguaio Frutuoso Rivera. Este saqueou São Borja e seguiu seu próprio rumo com as carretas cheias de tudo quanto pôde carregar. Talvez não seja mera coincidência o fato de que o “cabo” Neves escolhesse o lugar próximo à fonte do Goioxim (água pequena) (Chafariz da Mãe Preta), onde o major fujão se protegeu. Acompanhavam-no famílias que formaram um grande acampamento. É possível que entre essas famílias estivesse a de Manoel José das Neves.



Essa possibilidade fica evidente, pois a pressa do cabo Neves (que, na verdade, seria *capitão de milícias*) em tomar posse da terra solicitada era tanta que nem esperou pela autorização. Pegou a esposa, Reginalda da Silva, parentes, escravos, os tarcos que deixara em São Borja e se mandou para Passo Fundo.

Chegando às terras que requerera, no final de 1827 ou princípios de 1828, Manoel José das Neves construiu um rancho provisório, segundo informações de seus filhos, onde hoje está o cruzamento das ruas Uruguai e 10 de Abril, proximidades da atual Praça Tamandaré.

Pouco sabemos sobre a vida de Manoel José das Neves. Ao que tudo indica nasceu em Curitiba no ano de 1787 e faleceu em Passo Fundo por volta de 1852. Era casado com Reginalda do Nascimento Rocha ou Reginalda Silva. Segundo o genealogista César Lopes, o casal teve os seguintes filhos: Salvador Neves Paim, Madalena Maria dos Santos, Fabrício José das Neves e Maria das Neves. Esta última casou-se com José Prestes Guimarães, deixando os seguintes filhos: Emília, batizada por Joaquim Fagundes dos Reis em 7 de novembro de 1848; Virgília; Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que chegou à presidência da província e a general maragato, e Maria Prestes Annes, casada com Gezerino Annes.

Apesar de passar para a história como “cabo”, é apresentado como “capitão de milícias” pelo historiador Hemetério José Velloso da Silveira e aparece como capitão do Exército Imperial em documentos do período farroupilha.

O fundador de Passo Fundo – Ao redor da casa do novel fazendeiro, agregados e escravos ergueram suas moradias. Apenas a 30 de novembro de 1831 saiu o documento concedendo quatro léguas quadradas de terras para o cabo Neves.

Sua propriedade abrangia a maior parte da atual área urbana de Passo Fundo, do Rio Passo Fundo ao Pinheiro Torto, mais os campos dos Valinhos, segundo as melhores fontes.

O que distingue a fazenda de Manoel José das Neves das demais fazendas da região é que ele permitiu a fixação de outros moradores, perto de sua casa, ao longo da *estrada das tropas*. A maioria dos historiadores assegura que a estrada das tropas corresponde à atual Avenida Brasil; outros dizem que seria a Rua Lava-pés.

O certo é que a cidade cresceu às margens da Avenida Brasil. Em 1834, o 4º Quarteirão de Cruz Alta, correspondente a Passo Fundo, contava com 104 fogões, isto é, 104 famílias de pessoas livres, não levando em consideração os escravos e, provavelmente, muitos agregados. Tal crescimento permitiu a autorização para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição, que se localizava em ponto fronteiro à atual Agência dos Correios, porém com a frente voltada para o nordeste.

Perto da Capela, correspondendo mais ou menos ao quarteirão hoje formado pela Avenida General Neto e as ruas Coronel Chicuta, Independência e General Osório, fica-

va o cemitério onde só católicos eram sepultados. Com a chegada dos primeiros luteranos alemães, surgiu o Cemitério dos Acatólicos, às margens da antiga estrada para o Goien (Nonoai), hoje Rua Teixeira Soares. No local situa-se o Estádio Fredolino Chimango.

Tropeiros e paulistas – Como vimos antes, o *caminho das tropas* ou *vereda das Missões*, que atravessando Passo Fundo levava ao *Passo do Barracão*, era uma picada usada há séculos pelos índios. Por ela passaram as forças de Raposo Tavares, em 1638; o tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu também o teria percorrido, em 1738, e seria atravessado por ousados contrabandistas de tropas em décadas posteriores.

Redescoberto por Atanagildo Pinto Martins, em 1816, três anos depois o tropeiro paulista João José de Barros, que lideraria a criação de Cruz Alta, passou por aqui transportando uma tropa de mulas. Em 1822, Manoel Francisco Xavier e seu filho Francisco, juntamente com escravos e índios ervateiros, palmilharia o Mondecaá para montar um carijo em Palmeira, e comprar mulas na Fronteira, que levou para vender em Sorocaba.

A passagem das tropas de muares, o trânsito de forças militares, a produção de erva-mate e o comércio de couros de animais silvestres, associados à generosidade do cabo Neves em permitir a concentração de moradores em suas terras, viabilizaram o surgimento da atual cidade de Passo Fundo, sendo os fatores determinantes para a prosperidade do município.

Outro ponto que se deve salientar é o tipo humano que colonizou o original município de Passo Fundo: famílias com tradição de colonização, descendentes de homens e mulheres que, com o trabalho dos seus escravos, tinham desbravado os planaltos paranaenses. Os fundadores do município de Passo Fundo estavam amoldados à exploração do solo e das riquezas naturais, acostumados ao confronto com quem quer que fosse (índios ou espanhóis) que se opusesse aos seus objetivos de conquista do solo. Acostumados a ampliar seus domínios pessoais a ferro e fogo, aparentados entre si, todos carregavam em suas veias maior ou menor percentual de sangue indígena. Parece que a memória genética lhes assegurava a solidariedade tribal dos ancestrais nativos. Ameaçar a um desses pioneiros, era provocar todos eles.

Crescimento vertiginoso

O crescimento de Passo Fundo, nos seus primeiros anos, foi vertiginoso. O poder público logo tomou medidas administrativas para assegurar a cobrança de impostos, instalando pontos para cobrança de tributos ao longo do caminho das tropas (Passo Fundo-Lagoa Vermelha), do caminho do Botucaraí (Passo Fundo-Soledade).

Nesse processo de submeter a incipiente sociedade civil nascente, representada por Manoel José das Neves, teve papel importante Joaquim Fagundes dos Reis, verdadeiramente nosso primeiro *político*, responsável por liderar a subscrição para a criação da Ca-



pela (em terras cedidas pelo “cabo” Neves), exercendo diversos cargos públicos e *articulando* a emancipação de Passo Fundo, através de *acerto* com líderes dos dois partidos, o Conservador e o Liberal, que monopolizavam o sistema político brasileiro da época.

Joaquim Fagundes dos Reis nasceu em Curitiba, onde foi batizado a 21 de dezembro de 1793. Em 1828, encontrava-se em Cruz Alta, onde batizou seu filho José. Estava casado com Vicência Pereira de Lima, com quem teve dez filhos. Casou em segundas núpcias com Emília Francisca de Borba, que lhe deu os filhos Lucrecia, Anacleto e Quirino.

Com o surgimento do povoado em terras de Manoel José das Neves, foi designado comissário de Polícia de Passo Fundo, em 1830, e juiz de paz, em 1834. Apoiou os farroupilhas, sendo preso e encaminhado para o Rio de Janeiro. Sua libertação foi *paga* pelos revolucionários. Participou dos movimentos para que Passo Fundo chegasse à condição de capela e à emancipação de Cruz Alta. Foi vereador na primeira legislatura, falecendo a 23 de julho de 1863.

Em 1834, uma força exploradora comandada por Bernardo Castanho da Rocha, descobriu os campos de Nonoai, e o *quarteirão* era elevado à categoria de 4º Distrito de Cruz Alta, sendo eleito Joaquim Fagundes dos Reis como Juiz de Paz, tendo como suplentes, Bernardo Castanho da Rocha, Rodrigo Félix Martins e João dos Santos. As autoridades religiosas, nesse ano, aprovavam construção da Capela, que já estaria concluída no final do ano seguinte.

Diariamente aqui chegavam paranaenses, lajeanos (catarinenses) e paulistas em busca de terras. Partidas de índios mansos, mamelucos e negros, comandados por brancos que conseguiam juntar alguns *mil-réis*, enfiavam-se pelos matos e serras à procura de ervais nativos a serem explorados e de peles animais silvestres. Logo, descobriram pedras semipreciosas, que acabariam exportadas para a Europa por comerciantes alemães. Talvez isso explique a presença de tantos *brummers* entre nossos imigrantes alemães. Caboclos tomavam posse de *terras de ninguém*, afastando os caingangues a ferro e fogo.

Assim, quando a Revolução Farroupilha estourou em Porto Alegre no dia 20 de setembro de 1835, encontraria Passo Fundo em franco desenvolvimento.

A Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha representou o que de pior poderia ter acontecido para a florescente povoação de Passo Fundo. À exceção de alguns *políticos*, como Joaquim Fagundes dos Reis, a maioria dos passo-fundenses e cruz-altenses acabaram apoiando as forças imperiais.

Os habitantes do Planalto Médio Gaúcho, em sua maioria paulistas e paranaenses, não tinham os mesmos interesses dos fazendeiros da Fronteira. Estes, homens com propriedades no Brasil e no Uruguai, dependiam do charque. Ao contrário, a base da eco-

nomia planaltina assentava-se no comércio de animais com o centro do país, o extrativismo ervateiro e de peles de animais silvestres e alguma produção de cereais.

Passo Fundo, em 1835, se constituía numa extensão da Província de São Paulo. Grande parte dos moradores locais retornou para suas regiões de origem ou aderiu às forças leais. Sirvam de exemplo, Manoel José das Neves, pelo menos por duas vezes preso pelos farroupilhas, no posto de capitão do Exército Imperial, e Atanagildo Pinto Martins (e seu clã familiar), que rompeu com os farrapos. Atanagildo conduziu os caramurus gaúchos, numa incursão a Santa Catarina, derrotando os revolucionários no combate de Curitiba.

Por aqui passaram forças revolucionárias e legalistas, inclusive acampando em variados pontos do município.

Não ocorreram combates importantes, mas alguns episódios pouco divulgados aconteceram, como a derrota do general Pierre Labatut, mercenário francês, herói da Guerra da Independência. Humilhado pelos ataques que sofreu dos índios serranos, respondeu a conselho de guerra. Mesmo absolvido e reintegrado ao Exército Imperial, acabou com depressão profunda. Recolheu-se à capital baiana, onde faleceu.

A verdadeiramente esfarrapada e faminta infantaria de Pierre Labatut foi uma das diversas forças envolvidas na Revolução Farroupilha que passaram por nossa cidade.

Um povo em armas – A conquista das Missões, em 1801, marca a consolidação territorial, humana e econômica do Rio Grande do Sul. A exitosa expedição da cavalaria gaúcha, que imortalizou Borges do Canto, consolidando a imagem do *centauro gaúcho*, presença constante e base de toda a literatura gauchesca de língua portuguesa, praticamente delimitou as fronteiras sul-rio-grandenses e consolidou o poderio dos estancieiros-militares.

A conquista das Missões e a partilha do seu território entre veteranos das guerras de Fronteira transformou a nova unidade territorial brasileira em área ocupada por *um povo em armas*. Esse fato, como conquista militar de brasileiros – e muitos desses brasileiros naturais da própria província de São Pedro do Rio Grande do Sul – será fundamental para garantir a integração definitiva da região ao Brasil. Será, também, fundamental para integrar seus habitantes a todas as campanhas militares posteriores do Brasil e em todas as revoluções. Seis delas: 1835, 1893, 1923, 1924, 1926, 1930, aqui surgidas e lideradas pelos gaúchos; outras duas, 1932 e 1964, com participação marcante dos sul-rio-grandenses.

A revolução do charque – A Revolução Farroupilha foi obra e arte dos estancieiros gaúchos, em defesa dos seus interesses como produtores de charque. O charque era o petróleo daquela época. Os serviços, a indústria, a agricultura – toda e qualquer atividade econômica – eram movidos pela mão-de-obra escrava. E o combustível que fazia essas máquinas humanas moverem-se era o charque produzido no Rio Grande do Sul e nos pa-



íses platinos, mormente no Uruguai. E isto, também, é importante porque a maior parte das fazendas uruguaias de criação de gado pertenciam a estancieiros sul-rio-grandenses.

Para baixar os custos de produção do café, do açúcar e de outros produtos exportados pelo Brasil era importante que o preço do charque fosse baixo. Isso prejudicava grandemente e revoltava os estancieiros gaúchos de 1835, que controlavam todos os cargos públicos da Província. Com a nomeação de Antônio Rodrigues Braga para presidente da Província do Rio Grande, em 1834, os cargos públicos da província passaram para os conservadores, adversários políticos dos liberais, partido de Bento Gonçalves da Silva.

A demissão dos companheiros de Bento Gonçalves da Silva e dos demais *farroupilhas*, como eram apelidados os liberais, foi a gota d'água. O que aparece como “despotismo”, nos manifestos, discursos e outros documentos dos *farroupilhas*, significa exatamente isso: a substituição dos seus correligionários pelos conservadores. A partir daí, a história é conhecida: o Rio Grande do Sul, durante dez anos (1835 a 1845), foi varrido pela mais demorada revolução brasileira, uma verdadeira guerra civil que ficou conhecida como Revolução Farroupilha.

Terra promissora – Passo Fundo, ao estourar a Revolução Farroupilha, começa a ser povoada há menos de sete anos. E cresce vertiginosamente. Acabou reduzida a cinco ou seis ranchos, segundo o testemunho recolhido pelo historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira entre pessoas que aqui viveram e, portanto, conheceram Passo Fundo daquela época.

O comércio de gados e outros animais, a erva-mate e as madeiras nobres eram as principais atividades econômicas do nascente Passo Fundo. Tropas de animais, atravessando o Mato Castelhanos, o Campo do Meio e o Mato Português, cortando os atuais Estados de Santa Catarina e Paraná, seguiam para a Feira de Sorocaba, em São Paulo. Carretas com erva-mate, atravessando Cruz Alta, seguiam para os comércios na Fronteira. Cargueiros, *em lombo de burro*, alternando-se com carretas, tomavam o caminho do Botucaraí até Rio Pardo, e dali a erva-mate e o chá-de-mate, eram levados para os mais diversos pontos onde existissem consumidores para essas abundantes riquezas passo-fundenses.

Se o comércio de animais e de erva-mate representava a principal atividade econômica de Passo Fundo, quando começou a Revolução Farroupilha, diversos produtos agrícolas começavam a ser produzidos em abundância. A lavoura, ainda que incipiente, produzia milho, feijão, batatas, amendoim e arroz.

Em 1835, Passo Fundo possuía dois comerciantes: Manoel José das Neves, o primeiro morador, e Adão Schell, alemão, primeiro imigrante estrangeiro a instalar-se na área urbana da cidade. Ambos, fiéis ao governo do Império, abandonaram o município. Manoel José das Neves, no posto de capitão do Exército Imperial, aderiu às forças que combati-

am os farroupilhas, e Adão Schell exilou-se no Uruguai, de onde, pacificado o Rio Grande do Sul, retornaria definitivamente para Passo Fundo.

A Revolução Farroupilha dividiu o Rio Grande e também dividiu Passo Fundo. Joaquim Fagundes dos Reis, José Antônio de Quadros, João Floriano de Quadros, Rodrigo Félix Martins, Manoel Antônio de Quadros e Manoel Joaquim de Britto apoiaram a Revolução Farroupilha, o que deveria ser natural, pois todos tinham ligação com a Guarda Nacional, que formou a base inicial do exército farrapo.

Terra dividida – Fiéis ao Império ficaram outros fazendeiros passo-fundenses que também deixaram numerosa descendência: Manoel José das Neves, Bernardo Paes de Proença, Manuel de Souza Duarte, Manuel José de Araújo e João da Silva Machado, Barão de Antonina, que residia em Curitiba, dono das fazendas do Arvoredo, do Cedro e do Sarandi.

Outros potentados da região que, de início, apoiaram a Revolução Farroupilha, mais tarde passaram para o lado governista, acompanhando Bento Manoel Ribeiro. É o caso de Atanagildo Pinto Martins, de Cruz Alta, e todo o seu “clã”, que incluía muitos moradores de Passo Fundo e tiveram grande importância no combate aos revolucionários, inclusive em Santa Catarina.

Primeiros combates – Em 1838, o presidente em exercício da República Rio-Grandense, José Mariano de Mattos, teve de abandonar Porto Alegre, assediada pelas tropas legalistas. Seguiu para Lajes, pelo primitivo Caminho das Tropas, regressando ao Rio Grande pelo Caminho das Missões. Chegando em Passo Fundo, tomou o Caminho do Botucaraí (hoje Soledade), seguindo para o centro da província, assediando militarmente a capital gaúcha. Nesse mesmo ano, em fevereiro, o então coronel farroupilha João Antônio da Silveira estava em operações sobre o Mato Castelhana, para desalojar uma força imperial cruz-altense, comandada por Manoel dos Santos Loureiro, que ali se aquartelara.

Em 12 de janeiro de 1839, no Passo do Pontão, estrada de Campos Novos e Curitiba, uma força imperial da qual faziam parte muitos passo-fundenses e cruz-altenses, guiados por Atanagildo Pinto Martins, que abandonara os farrapos, derrotou uma tropa farroupilha comandada pelo tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes e seus valentes lanceiros negros, vingando a derrota que os imperiais tinham sofrido, pouco tempo antes, no mesmo local diante do incansável campeador republicano.

No final do ano seguinte, passariam outras forças por aqui. No dia 5 de dezembro de 1839, o coronel Agostinho Melo pede a Ricardo Antônio de Melo para comunicar a Bento Manuel Ribeiro que, tendo mandado um contingente de 50 homens reunir-se ao tenente-coronel Manuelito Aranha. Essa força foi atacada “para cá da estância do Lara”. Agos-



tinho Melo afirma que a tropa era comandada pelo capitão Lima e que foi completamente destroçada, ficando prisioneiro o tenente Saraiva. Apenas o capitão, com dois oficiais e oito soldados conseguiram escapar. Como eram poucos os farroupilhas estacionados em Passo Fundo, o que seria confessado pelos prisioneiros, ordenou que se retirassem para o Botucaraí (Soledade).

Francisco Antonino Xavier e Oliveira registra que a força imperial vinha de São Paulo e era comandada pelo capitão Hipólito Machado Dias. Segundo o *pai da história passo-fundense*, o farroupilhas eram comandados por um capitão de nome Felisberto, alcunhado de Carne Preta. Os caramurus fizeram 42 prisioneiros, que não opuseram resistência maior. Eram legalistas *reunidos a ponta de espada*.

O massacre das bugras – Hipólito Machado Dias deixou em Passo Fundo um contingente com 150 homens, comandado por um tenente de nome Lúcio. Este, ao que tudo indica, procurando *reunir índios a ponta de espada*, atacou uma aldeia de índios, matando e violentando mulheres, e, ainda, abandonando as crianças indígenas nas ruas de Passo Fundo. Em princípios de 1840, Bento Manoel Ribeiro passa por Passo Fundo, recolhe os pequenos órfãos e os remete para Domingos José de Almeida, um dos mais representativos líderes farroupilhas. Recomendava que as crianças fossem entregues a pessoas filantrópicas, que se responsabilizassem pela criação e educação dos adotados. Bento Manoel recomenda que as crianças, sob maneira alguma, fossem tratadas como escravos.

Domingos José de Almeida, que pretendeu escrever uma história da Revolução Farroupilha, ainda em 1860, preocupava-se com o destino dos bugrinhos passo-fundenses. Mais precisamente, queria saber como estavam uma “bugrinha tomada ao pé de Passo Fundo” por Bento Manuel Ribeiro “para mandar criar e educar” e uma “menina achada no mato” pelo major Antônio Vicente da Fontoura.

Antônio Vicente da Fontoura, que seria encarregado, em 1844, de acertar a paz com o Império, no Rio de Janeiro, esteve em Passo Fundo, durante largo período. Aqui recolheu dinheiro entre proprietários rurais e manteve uma guarda, no Mato Castelhana, para a cobrança de impostos. Aqui, sua esposa deu a luz a Bento Porto da Fontoura, que ao publicar o livro de poemas *Flores Incultas*, em 1872, tornou-se o primeiro escritor passo-fundense a editar um livro.

O *massacre das bugras* e o caso dos órfãos sensibilizou Domingos José de Almeida, que respondeu que os pequenos órfãos índios deveriam ser cuidados à custa da nação, pois os nativos deveriam merecer apreço de todos. A ação legalista contra os índios apenas aumentaria a revolta dos mesmos contra os brancos.

A operação Passo Fundo – O português Francisco José de Souza Soares de Andréa, legalista, exerceu a presidência da Província do Rio Grande do Sul, em duas oportuni-

des: entre 24 de junho de 1839 e 27 de junho de 1840 e entre 17 de abril de 1841 e 9 de novembro de 1842. Intransigente, aferrou-se ao plano de que os farroupilhas somente poderiam ser derrotados militarmente se conseguissem ser atraídos para um único local. Postos entre dois fogos, não resistiriam.

Um desses planos, poderíamos denominar exatamente de “operação Passo Fundo”. Aparentemente simples, consistia em atrair para cá o exército farroupilha, cuja maior parte, sob o comando de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, mantinha um cerco sobre Porto Alegre e *trazer* em auxílio daqueles dois generais os farroupilhas da Fronteira. Para *chamar* os farrapos veio de São Paulo uma força com mais de mil homens, comandada pelo mercenário francês Pierre Labatut, herói das Guerras da Independência.

Bento Gonçalves e Davi Canabarro, temendo que Labatut, descendo pela primitiva *estrada das tropas*, que passava por Torres, fosse atacá-los, favorecendo que as forças de Andréa, estacionadas em Rio Pardo, cercassem o exército farroupilha, adotou uma estratégia ousada. Abrindo picadas pela serra das Antas, saiu no Campo do Meio, então pertencente a Vacaria, quase caindo na armadilha pensada pelo presidente da Província. Enquanto isso, os republicanos da Fronteira marchavam às pressas para Cruz Alta.

Herói humilhado – Pierre Labatut viu sua tropa esfacelar-se nas serras de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tiveram de abandonar artilharia, armamento da infantaria e munições. Contribuiu para esse esfacelamento a dissolução do corpo militar formado por passo-fundenses e cruz-altenses comandado pelo coronel Antônio de Melo Albuquerque e o afastamento daquele oficial legalista. Além disso, sofreram ataques dos cain-gangues, no Mato Português e no Mato Castelhana.

Quando aqui chegou, em 7 de dezembro de 1840, seu exército estava reduzido a pouco mais de 300 homens, “todos mal armados e em um verdadeiro estado de nudez que faz pejo apareça em uma tropa da legalidade, e demais uns três grupos de homens a cavalo intitulados Corpos de Cavalaria e uma bagagem então numerosa de bestas em carga”, segundo deixou registrado o tenente-coronel Francisco de Arruda Câmara, que fazia parte dessa força.

Pierre Labatut pouco permaneceu em Passo Fundo. Temendo a aproximação das forças de Bento Gonçalves da Silva e David Canabarro, pelo *caminho das Missões* e a subida de outros contingentes farroupilhas, que já dominavam Cruz Alta, tomou o *caminho do Botucaraí* (Passo Fundo/Soledade) e marchou na direção de Rio Pardo.

Imperiais esfarrapados – De Passo Fundo, onde estava acampado, em 5 de janeiro de 1841, Bento Gonçalves informa a Domingos José de Almeida, ministro do Interior que



A deserção de Labatut foi espantosa; sua força reduziu-se a 400 homens; em sua fuga lançou seis bocas-de-fogo no Rio das Antas, grande porção de munições etc., etc. O depósito que tinha em Lajes ficou em nosso poder; nele acharam-se 800 armas de infantaria, 40 pistolas, algumas espadas, munições, 200 serigotes e outras miudezas. O povo lajeano e bem assim quase todos os homens que acompanhavam o estrangeiro, de Cima da Serra a Vacaria, ou que estavam asilados nos matos se têm apresentado, e mui breve terei uma boa divisão na Vacaria.

Bento Gonçalves também pouco ficou aqui. Logo seguiu para Cruz Alta. Das forças farroupilhas que passaram por Passo Fundo, faziam parte o revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, sua mulher catarinense, Anita, e o filho gaúcho de ambos, Menotti. Ficaram acampados onde hoje é a Praça Tamandaré e abrigados numa casa, que pertencia ao Cabo Neves.

Enquanto a divisão paulista de Pierre Labatut era esfacelada pelos caingangues e *desertores*, na definição do Barão de Caxias, dois anos depois, os farroupilhas, que vieram atrás de Labatut, mesmo cruzando em áreas controladas pelos coroados, não foram atacados pelos selvagens. Segundo historiadores, como Evaristo Afonso de Castro, apenas o fato de que esses índios tenham sido forçados a abandonar suas terras no Paraná, pelos paulistas, justifica a violência com que atacaram o Exército Imperial, sem que tenham tomado qualquer atitude hostil contra os farrapos, conforme descrição de Garibaldi em suas memórias.

A *operação Passo Fundo* redundou em grande fracasso para as forças imperiais, representando uma vitória das tropas farroupilhas.

Outros combates – No dia 26 de janeiro de 1842, o tenente-coronel Francisco de Melo Bravo, liderança imperial do Botucaraí (Soledade), marchou para o Passo do Jacuí. A 31, uma tropa bastante superior de farroupilhas atravessou o referido passo, embaixo de vivo fogo, obrigando os legalistas a recuarem, deixando quatro mortos.

Já no dia 10 de março do mesmo ano, uma partida farroupilha, comandada por João Antônio da Silveira entrou em Passo Fundo, destroçando uma guarda de fronteira do 10º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, comandado pelo mesmo tenente-coronel Francisco de Melo Bravo.

Os legalistas tiveram um morto e outro inválido para sempre. O *anarquista* José Bernardo, como também eram chamados os farroupilhas, foi preso pelo tenente Antônio Portelo, tendo sido encaminhado preso ao comandante da 1ª e 2ª Divisão do Exército Imperial. Saliento que no documento oficial daquela época está grafado “tenente Antônio Portelo”, o que pode ser um erro, podendo chamar-se “Antônio Portela”.

A história da Revolução Farroupilha em Passo Fundo guarda a notícia de outros dois combates, um no Arroio Miranda e outro, que teria sido o mais violento, na coxilha entre

o Arroio Lava-Pés e o Mato do Jabuticabal, possivelmente onde hoje estão localizadas a Vila Independente, o Bairro Edmundo Trein e a Vila Dona Júlia.

A Revolução Farroupilha representou uma verdadeira tragédia para a nascente povoação de Passo Fundo. Quando iniciou, contávamos com 140 residências; a agricultura começava a desenvolver-se, exportávamos diversos produtos, entre os quais a erva-mate e o chá de mate. Com a revolução, muitas famílias migraram ou se exilaram no Uruguai. Passada a insubordinação, os colonizadores deram um exemplo, tanto que, no ano de 1836, a estatística oficial registra 1.159 moradores livres em Passo Fundo e 1.207, no Botucaraí, que seria distrito de Passo Fundo.

A estrada das Missões

A nascente povoação de Passo Fundo enfrentava dois graves problemas de ordem prática: as péssimas qualidades do Caminho das Missões e os constantes ataques dos cain-ganges a viajantes e moradores no meio rural. Esses dois problemas ganharam repercussão nacional e a transformação do Caminho das Missões em estrada chegou a ser considerada a obra mais importante e necessária de toda a Província. De início, as passagens pelo Mato Castelhana e Mato Português eram picadas que não davam passagem a carretas.

Em 1º de dezembro de 1832, ao listar diversas obras de infra-estrutura importantes para a Província do Rio Grande do Sul, o presidente Manoel Antônio Galvão, assim se expressava:

De todas as empresas desta Ordem, a que me parece dever reclamar a vossa imediata atenção, he a abertura da estrada que conduz ao Registro de Santa Victoria: são guaridas de Bugres as matas denominadas Portuguez e Castelhana: soffrem nas suas Fazendas os viandantes; correm iminentes riscos as suas vidas, e o dispendio de seis contos de reis em que se orçou a obra, quantia de que bem depressa seria indemnizada a Nação com os direitos que cessa de perceber pelas hostilidades do gentio garante tantos males.

Pouco depois, o Caminho das Missões foi transformado em estrada, mas o empreiteiro realizou um serviço da pior qualidade, como se lê no famoso relatório apresentado pelo presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, à Assembléia Provincial, no dia 20 de abril de 1835. É o relatório onde denuncia a conspiração farroupilha.

Fernandes Braga assim se refere ao Caminho das Missões:

A nova estrada do Matto Castelhana e Portuguez, que atravessa de Missões para a Provincia de São Paulo, foi dada por concluida pelo arrematante, porem, por



informações do Engenheiro que a foi examinar, e de varios Juizes de Paz, consta-me que ella não satisfaz o fim a que se destina, por que não tendo as arvores sido bem cortadas bem junto do terreno, ficarão grandes tóros, que impedem o transito de carretas.

Por este motivo estou deliberado a não mandar satisfazer ao arrematante a ultima prestação, que se lhe deve, em quanto não cumprir exactamente as condições a que se obrigou pelo contracto.

Questão de segurança pública – Pacificada a província e já terminada a Revolução Farroupilha, em 1º de março de 1846, ao abrir a segunda Legislatura da Assembléa Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o conde de Caxias informava aos deputados que

Para afugentar os Bugres selvagens que atacavam os viajantes nas picadas dos mattos Portuguez e Castelhana, ordenei ao Tenente Coronel Antonio Maria, Commandante do 2º Batalhão de Caçadores, e da Guarnição de Cruz Alta, que mandasse alargar com mais de 30 braças as ditas Picadas, na extensão de 2 legoas e meia legoa pelo matto Portuguez, e de meia legoa pelo Castelhana, empregando nesse serviço para maior economia, 100 praças do dito Batalhão, vencendo a gratificação de 200 reis diarios, e authorisando-o a chamar paisanos habilitados a esse trabalho, vencendo, alem de uma etapa, 320 reis diarios; esta obra está feita; e é mais uma sofrivel estrada que tem a Provincia.

Podemos concluir que a transformação do Caminho das Missões, no Mato Castelhana e no Mato Português, picadas onde somente cruzavam animais, em estrada carretável, num total de aproximadamente 20 quilômetros, levou mais de uma década para ser concluída. Contribuiu para isso, a negligência do empreiteiro e o transcurso da Revolução Farroupilha. A obra só terminou com o concurso do Exército Imperial e paisanos contatados pelo Exército.

Luiz Alves de Lima e Silva, conde de Caxias, tinha uma grande preocupação com melhorias na Estrada das Missões, no combate aos ataques dos bugres e no aldeamento desses nativos. Em plena Revolução Farroupilha, no dia 28 de agosto de 1844, escrevendo de Caçapava ao marechal Thomas José da Silva, comandante militar de Porto Alegre, comunicava àquele oficial que tinha recebido comunicação do coronel Melo, poucos dias antes, de que índios e desertores, aliados, cometiam roubos pelas estradas e estâncias de Santo Antônio da Patrulha, a partir do Mato Castelhana e do Mato Português, aprovando a nomeação do tenente Vila para comandante da Polícia de Cima da Serra. Os ataques

eram contra moradores dos atuais municípios de Lagoa Vermelha e Vacaria, então pertencentes a Santo Antonio da Patrulha.

O caminho das Missões e a guerra aos caingangues – Os constantes ataques dos caingangues constituíram o grande problema enfrentado pelos colonizadores de Passo Fundo. Ao contrário da Fronteira e das Missões, onde os primeiros brancos que ali se fixaram eram homens e acabaram, de início, unindo-se às índias, aqui estabeleceram-se famílias de colonizadores. A exemplo de Manoel José das Neves, Rodrigo Félix Martins e tantos outros, aqui chegavam acompanhados de mulheres, filhos, parentes e escravos.

Como tinham famílias a zelar, essa preocupação aumentava. Daí a violência confrontando colonizadores e nativos. Na Fronteira e nas Missões, os brancos, ao se unirem com as índias, tornavam-se aparentados com os aborígenes, fazendo menos traumática a ocupação. Aqui, os colonizadores não se aproveitaram do “mus”, regime segundo o qual todo aquele que se une a uma mulher da tribo passa a fazer parte da família da índia.

Assim, os ataques dos índios contra as habitações dos brancos eram comuns. Os colonizadores, por sua vez, uniam sua *tribo* e investiam contra as tribos indígenas, realizando verdadeiros massacres, como testemunha o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que conheceu muitos desses pioneiros.

O historiador preservou algumas passagens, até curiosas desses primórdios de nossa colonização. Conta, por exemplo, o caso de José Domingues Nunes de Oliveira, que morava na entrada do Mato Castelhana e fez amizade com os caingangues, conseguindo que não assaltassem as comitivas por ele conduzidas. Quando não podia acompanhá-las, emprestava-lhes seu pala, vestimenta que, reconhecida pelos índios, deixava passarem incólumes os viajantes.

Outra feita, pretendendo os índios atacarem o povoado, postaram um espião no alto de um pinheiro. O povoado aparentava deserto. De repente, uma multidão saiu de uma casa. Temendo que todas as casas estivessem cheias, os bugres não atacaram. Era dia de missa. A casa era a Igreja.

Uma guerra escondida – O principal problema enfrentado pelos colonizadores paulistas de Passo Fundo foi o conflito com os índios. Trata-se de uma etapa de nossa história que ainda está por ser escrita. Nesse período, o território passo-fundense era integralmente ocupado pelos caingangues. Ao falarmos em qualquer uma de nossas nações indígenas, pensa-se que estas guerreavam entre si, mas que os índios da mesma *nacionalidade* eram unidos, o que não é verdade.

Os caingangues viviam em constantes guerras entre eles. Guerras que aumentaram em grau de violência, em princípio dos anos de 1800, quando foram expulsos do Planalto de Guarapuava pelos colonizadores brancos. Só lhes restou um lugar para onde fugirem:



Ibitiru, Ibiturana, a *serra negra*, o Médio e Alto Uruguai Rio-Grandense. Grande parte dessa região ficou pertencendo ao território passo-fundense.

Nonoai, Doble e Condá, nomes de caciques que se tornaram famosos, os dois primeiros dando nome a municípios do Rio Grande do Sul, eram originários do Paraná. Nonoai, facilmente se aliou aos brancos, dando nome à mais antiga reserva indígena do Estado e a um município gaúcho. Doble, também nome de cidade, esteve entre os que mais relutaram a se *entregar* aos brancos. Dos mais violentos, chegou a apoiar os brancos no massacre de uma dissidência de sua tribo, liderada por um negro conhecido como João Grande. Nessa chacina, uma de suas filhas foi morta. A violência de Doble era de tal monta que, ele próprio, nesse episódio, com suas próprias mãos, matou dois netinhos seus a bordunadas (cacetadas, para ser mais claro).

Em 1846, mal terminada a Guerra dos Farrapos, foi organizado oficialmente o aldeamento de Nonoai, em homenagem a um velho cacique caingangue desse nome. Dois anos depois, tinha início o povoado, origem da atual cidade de Nonoai. Era uma tentativa de reunir as hordas indígenas que perambulavam pelo território de Passo Fundo, entrando em confronto com os colonizadores.

A iniciativa de aldear os cainganges em Nonoai enfrentou sérias dificuldades pelas divergências entre os vários caciques, que travavam verdadeiras guerras entre seus grupos, e a ação dos brancos, usando as divisões entre os cainganges em proveito pessoal.

O massacre dos três serros – Sirva de exemplo o chamado “Massacre dos Três Serros”, ocorrido no dia 6 de janeiro de 1856. Até o presente, mereceu tratamento resumido e unilateral, omitindo-se a participação de brancos como instigadores da chacina.

Desde 1854, os índios da tribo do cacique Pedro Nicofé ou Pedro Nicofin estavam acampados nos campos de Arechi, como era conhecida a atual região de Erechim. Esses campos eram separados por uma restinga de outros campos que o alferes Clementino dos Santos Pacheco, havia comprado do major Antônio de Mello Rego.

Era um período bastante conturbado em termos de relações entre índios e brancos, entre índios e índios e entre brancos e brancos.

O primeiro diretor do aldeamento de Nonoai, João Cipriano da Rocha Loures, enfrentou sérias denúncias. Fora acusado de apropriar-se de recursos públicos destinados à manutenção do acampamento e de empregá-los para comprar a fidelidade de alguns caciques, para que se apropriasse de terras da região. Foi substituído por José Joaquim de Oliveira, outro paranaense, o qual, achando pouca a remuneração, demitiu-se. Nomearam como seu substituto o padre Antônio de Almeida Leite Penteado, que já fizera sérias acusações contra João Cipriano da Rocha Loures.

A politicagem dos brancos em torno do aldeamento de Nonoai só aumentava os conflitos, inclusive com o emprego de escrituras que materializavam negócios simulados.

O padre Antônio de Almeida Leite Penteado era amigo do alferes Clementino dos Santos Pacheco, que queria expandir seus domínios para os citados campos de Arechi, onde estavam os índios de Pedro Nicofé. E os índios diziam que nos campos comprados pelo alferes ficava um antigo cemitério caingangue, objeto de profanação pelos brancos.

No dia 6 de janeiro de 1856, os índios de Pedro Nicofé ocupavam as terras de Clementino dos Santos Pacheco e rondavam a sede da Fazenda Três Serros. Às primeiras horas da manhã, chegaram na sede e foram convidados para entrarem na casa e se alimentarem. Estavam na moradia o fazendeiro Clementino, José Pacheco de Carvalho, sobrinho do proprietário, o menor Manuel Pacheco dos Santos, os escravos Vicente, João, Ambrósio e Isidoro, estes dois menores. Também se achavam no local Maria das Dores, mulher do capataz José Antônio de Oliveira, Vitorino, menor de idade e filho de ambos, um escravo do casal, também menor, de nome Manuel, e, como agregados, os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana.

Os recém-chegados, recebidos por Clementino, eram João Grande, sua mulher Maria, além de Agostinho, Pedro, Salvador, Vicente, Francisco, José Crespo, Inácio, Querubino e Rosa. De repente, enquanto comiam, usando as facas cedidas pelos hospedeiros, avançaram sobre estes, salvando-se apenas o escravo Vicente, que comia na cozinha com o índio Agostinho. O negro conseguiu desarmá-lo e fugir juntamente com os crioulos Ambrósio, Manuel, Isidoro e Maria das Dores ou Maria do Carmo. Esta, no cavalo de que apeava seu filho, Vitorino, mortalmente ferido pelos atacantes.

Os índios Joaquim Manuel, Brandina e Ana, agregados de Clementino dos Santos Pacheco, foram denunciados como cúmplices do massacre.

Bernardo Castanho da Rocha, pessoa importante à época, possuía um comércio no Pinheiro Torto, aproximadamente onde hoje está a Capela de São Miguel, e muitos interesses em terras do futuro município de Erechim. Ele e sua amásia e ex-escrava, Maria Camila, que estava grávida, foram acusados de mandantes do crime, presos e recolhidos à cadeia pública de Cruz Alta. Acusada também foi a índia Rita, criada de Bernardo, e que estava grávida de seu filho natural Manuel Castanho.

Os autores do massacre dos Três Serros sofreram perseguição da cavalaria da 1ª Cia. da Guarda Nacional de Passo Fundo, comandada pelo tenente João Schell, e uma Esquadra de Pedestres, comandada por João Marcelino do Carmo, com trinta praças, mais um grupo de índios chefiados pelo major Antônio Prudente, um dos caciques de Nonoai, amigos do padre Antônio de Almeida Leite Penteado.

No dia 13 de janeiro de 1858, os perseguidores encontraram os assassinos escondidos num mato. Enquanto a cavalaria da Guarda Nacional, constituída por brancos, permanecia no campo *para proteger* os índios do major cacique Antônio Prudente, este, seus liderados e um oficial de Justiça entravam no mato. Os primeiros a serem capturados fo-



ram Antônio Crespo e Joaquim Manuel. A seguir, prenderam outros 30 índios, entre os quais 13 mulheres e Pedro Nicofé.

O tenente João Schel, que ficara no campo, com sua cavalaria, *para proteger* os índios do major Prudente, ao retornar para Passo Fundo, temendo um ataque numa picada que deveria atravessar, mandou na frente um grupo de índios comandados por um índio conhecido como “tenente Portella” (havia muitos índios conhecidos por esse sobrenome), escoltando os quatro presos considerados mais perigosos. Ao cruzarem num lugar conhecido como “Restinga do Papudo”, os quatro presos teriam se rebelado, sendo mortos pelos índios que os conduziam. Entre as vítimas, contaram Pedro Nicofé e Antônio Crespo.

Diante dos constantes e violentos conflitos envolvendo índios e brancos, o governo da província determinou a substituição do padre Antônio de Almeida Leite Penteado, como diretor do aldeamento de Nonoai, recolocando em seu lugar major João Cipriano da Rocha Loures, até que convencessem o ex-diretor, comendador José Joaquim de Oliveira, a reassumir o cargo.

O próprio diretor geral dos Índios, José Joaquim de Andrade Neves, acusava o padre, diante do presidente da Província, de achar-se endividado com todos, embriagar-se até cair e de que o próprio bispo poderia informar sobre a *imoralidade* do sacerdote. Ao que parece, as animosidades contra o religioso teriam outras causas. Ele queria que as autoridades punissem os verdadeiros culpados pelo massacre dos Três Serros, os mandantes brancos, e que libertassem índios não indiciados, muitos deles crianças. Entre o padre bêbado e o major corrupto, a solução política optou pelo segundo.

A confusão continuou, pois João Cipriano de Rocha Loures era acusado pelo cacique Vitorino Condá e outros caingangues de adonar-se de terras indígenas da região de Guarapuava.

Todos esses fatos aconteceram cerca de um anos antes que Passo Fundo, a 28 de janeiro de 1857, fosse elevado à categoria de município, separando-se de Cruz Alta.

As disputas de terras, nos anos que antecederam à emancipação de Passo Fundo, intensificavam-se, também, pela procura de campos para inverno e criação de muare, destinados ao próspero comércio com São Paulo. A disputa pelos campos era intensa entre os brancos e entre estes e os índios. Muitos caingangues trabalhavam como tropeiros, atividade que se adequava ao tradicional nomadismo aborígene. Outros, acabaram sendo absorvidos pela *civilização branca* e usados como agregados, especialmente como posteiros das invernações, dando origem aos caboclos serranos.

Os conflitos entre os índios e as forças militares dos primeiros colonizadores, máxime paranaenses e paulistas, no Paraná, permanecendo na memória desses primitivos habitantes de Passo Fundo, contribuíram para que eles, durante a Revolução Farroupilha, atacassem a divisão imperial comandada pelo marechal Pierre Labatut, deixando passar

incólumes os farroupilhas de Bento Gonçalves e David Canabarro. Serviram também, a que, mais tarde, apoiassem os federalistas. E mais, talvez aí encontremos uma certa aver-são pelos paulistas.

A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos. Ao permitir que outras famílias se instalassem ao longo do que hoje é a Avenida Brasil, nas proximidades do Colégio Notre Dame, contribuiu para o crescimento acelerado da povoação. Tanto isto é verdade que a 28 de maio de 1834 Passo Fundo passou à condição de 4º Distrito de Cruz Alta; menos de três anos depois, em 26 de janeiro de 1847, por lei provincial, a povoação passava à categoria de Freguesia. Finalmente, a 28 de janeiro de 1857, através do decreto nº 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo era elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta.

Esse crescimento acelerado se deve a diversos fatores, além da disponibilização da área para a formação da cidade. Entre os quais pode-se destacar a posição geográfica privilegiada. Passo Fundo já era um centro viário, pois aqui se encontravam os dois principais caminhos usados pelos aborígenes desde tempos imemoriais: o caminho que ligava a Serra à Mesopotâmia Argentina e dali aos Andes, conhecido como Mondecaá (Mato das Armadilhas), da atual Vacaria a Passo Fundo e daqui, na direção de Cruz Alta, como Caapi e o caminho do Botucaraí, que se encontrava com o Mondecaá/Caapi, no Povinho Velho, seguindo dali, passando por onde hoje ficam diversos bairros de Passo Fundo, entre os quais São Luiz Gonzaga, Santa Maria, Don Rodolfo, Vila Carmem e Vila Luiza, seguindo pelo Rincão do Pessegueiro, cortando o município de Soledade até o centro do Estado, em Rio Pardo. Outros fatores: o tipo humano que colonizou Passo Fundo, com uma tradição de desbravadores, além das riquezas minerais, vegetais e animais encontradas do primitivo território passo-fundense.

Estavam, pois, definitivamente postas as premissas para a emancipação de Passo Fundo que no ano de 1857. Hoje, 150 anos depois, apesar dos pesares, o núcleo urbano passo-fundense ampliou essa representatividade, constituindo-se numa das mais importantes metrópoles regionais do interior brasileiro.



Origens e destinos do território de Passo Fundo

Eduardo Belisário Finamore (*)

O território do Rio Grande do Sul, em 1809, foi dividido inicialmente em quatro municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha. Por ocasião da Guerra dos Farrapos, eram 14 os municípios gaúchos; em 1833, Rio Pardo, deu origem a Cruz Alta; em 28 de janeiro de 1857, foi criado o município de Passo Fundo, por meio da lei nº 340. A área atual dos 173 municípios que se originaram de Passo Fundo, incluindo o próprio, totaliza, hoje, 41.200,9 km², como mostra a Figura 1. A partir daí, nota-se que a área *original* de Passo Fundo é bem menor do que a área de 80 mil km², sustentada por alguns.

Os municípios que se desmembraram de Passo Fundo, e que mais tarde deram origem a outros foram: Palmeira das Missões (1874), Soledade (1875), Guaporé (1903), Erechim (1928), Carazinho (1931), Getúlio Vargas (1934), Sarandi (1939), Marau (1954), Tapejara (1955), Sertão (1963), Ibiaçá (1965), Ciriaco (1965), David Canabarro (1965), Ernestina (1988), Coxilha (1992), Gentil (1992), Pontão (1992) e Mato Castelhano (1992). O território atual de Passo Fundo é de 761,1 km², inalterado desde 1992 (1,85% da área inicial). Essas emancipações ocorreram por vários fatores, sendo o argumento mais importante o de que a descentralização permitiria melhorar a gestão do território. Nas emancipações mais recentes, alegou-se abandono pelo poder público do *município-mãe*; interesse no acesso ao Fundo de Participação dos Municípios e outras fontes transferidas; o cuidado para evitar o êxodo rural; a maior aproximação do contribuinte na gestão pública local; aplicação dos recursos na comunidade local; e, efeito demonstração das emancipações anteriores. Houve críticas a essas emancipações, acusando-as de não ter sido devidamente comprovada a viabilidade das áreas emancipadas nem tampouco que a área remanescente do município de origem não restaria prejudicada.

Apesar da perda territorial observada ao longo dos anos, Passo Fundo exerce uma forte influência

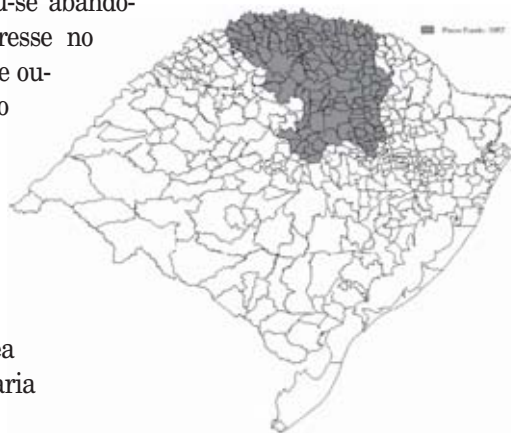


Figura 1 - Passo Fundo em 1857 – território de 41.200,9 km².

(*) Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de Passo Fundo.

sobre a região. Segundo um estudo do IPEA, IBGE e UNICAMP (2001), Passo Fundo foi classificada como cidade *muito forte* em nível de interação espacial em nível de centralidade; observou-se, ainda, que Passo Fundo apresenta somente uma dupla subordinação a Porto Alegre e a São Paulo e quando se analisa o número de cidades *subordinadas* a Passo Fundo, verifica-se um total de 132 cidades que demonstram um caminho preferencial da população na busca de atendimento de suas necessidades de consumo de bens e serviços em nosso município.

Passo Fundo é pólo em saúde contando com um dos mais modernos centros médicos do Brasil. Possui o 3º maior e mais moderno centro de radiologia e radioterapia do sul-brasileiro. Possui, também, o único banco de tecido ósseo do Rio Grande do Sul. Passo Fundo é também considerada a Capital Nacional da Literatura, desde janeiro de 2006. Segundo o IBGE, cada habitante lê cerca de seis livros por ano – uma das maiores médias do Brasil (cerca de 3 por habitante) e superior ao Rio Grande do Sul (5). A taxa de analfabetismo, em torno de 3,56%, é inferior à taxa média do Brasil, que é de aproximadamente 11,40%. A cidade é considerada pólo emergente em produção de *software* e, em 2007, entrou em funcionamento a maior Indústria de Biodiesel da América Latina (BSBios). Hoje, Passo Fundo é considerada a Capital do Planalto Médio.

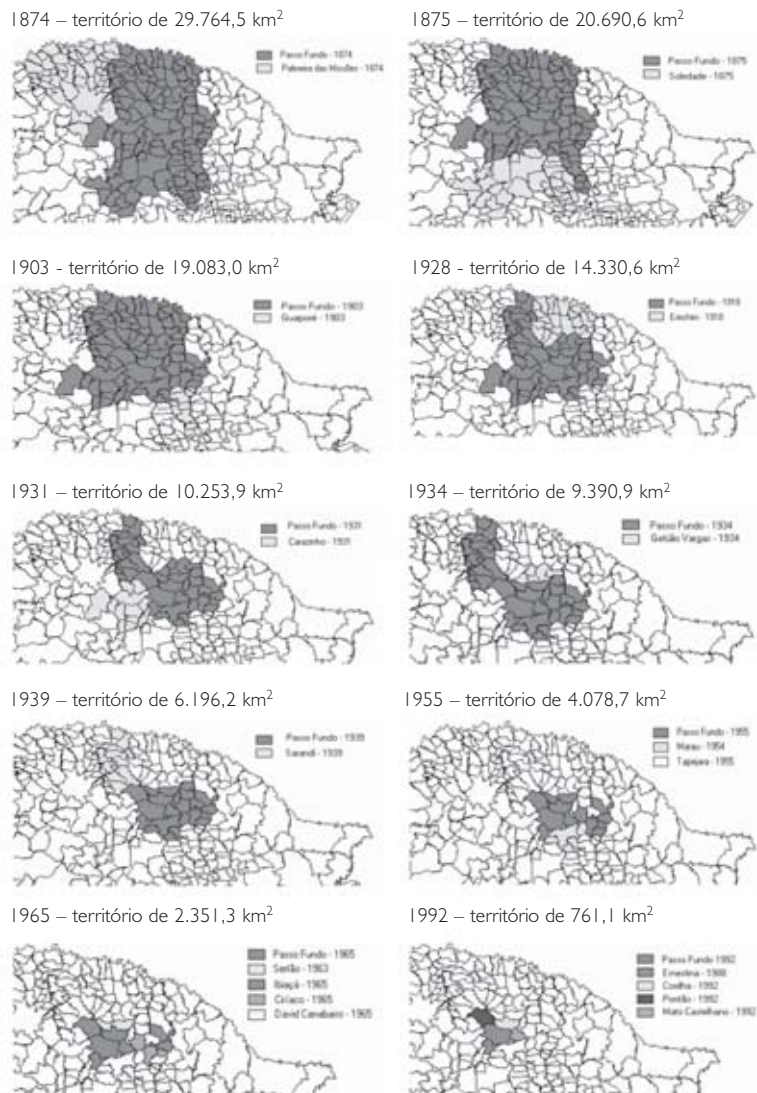


Figura 2 - Transformações territoriais de Passo Fundo de 1874 a 1992.



Joaquim Fagundes dos Reis o patriarca de Passo Fundo

Dilse Piccin Corteze ()*

Segundo o historiador passo-fundense Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Joaquim Fagundes dos Reis pode ser considerado o “patriarca da terra”, por ser um dos pioneiros; pela sua coragem, espírito aventureiro e por estar sempre disposto a fazer com que o povoado prosperasse e se tornasse município.

Em 1827, antes da chegada de Joaquim Fagundes dos Reis ao futuro povoado de Passo Fundo, foi Manoel José das Neves quem aportou por estas bandas, trazendo uma carta de doação de uma gleba de terra, doada pelo Império por serviços prestados. Instalou-se ao longo da estrada dos tropeiros com seus escravos e agregados e denominou sua terra de “Fazenda Nossa Senhora da Conceição Aparecida”. Assim nascia Passo Fundo.

Logo chegavam outros paulistas e curitibanos, fixando-se nas proximidades da residência do cabo Neves, nas imediações da atual Praça Tamandaré.



FOTO RAFAEL CZAMANSKI

Túmulo de Joaquim Fagundes dos Reis, à margem da BR 285, na entrada de sua antiga fazenda.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 1830, foi a vez de Joaquim Fagundes dos Reis chegar ao atual município de Passo Fundo, vindo de Cruz Alta para ocupar o cargo de inspetor do Quarteirão e logo em 1834 passou a juiz de Paz.

Nascido a 17 de agosto de 1785 em Curitiba, foi a primeira autoridade nomeada pelo Império do Brasil para administrar as terras e as gentes passo-fundenses.

Em 1832, como capitão da Guarda Nacional, encaminhou uma petição à autoridade eclesiástica para levantar a primeira capela de Passo Fundo, com a denominação de “Nossa Senhora da Conceição Aparecida”.

Joaquim Fagundes dos Reis lutou na Revolução Farroupilha, ao lado dos revolucionários farrapos e contra Manuel José das Neves, legalista, imperialista. Por esse motivo foi preso e enviado às autoridades da Corte, ficando detido no Rio de Janeiro.

Segundo Delma Rosendo Gehm, em 1842, ao retornar a Passo Fundo, ele encontrou um ambiente empobrecido e desolado, infestado de bandoleiros, grassando por toda parte a insegurança dos bens e da propriedade, bem como a segurança da família.

Logo iniciou uma luta pelo desenvolvimento do povoado, caminho obrigatório dos tropeiros, realizando o comércio de gado com destino à província de São Paulo. Segundo historiadores locais, Joaquim Fagundes dos Reis “proporcionava aos tropeiros garantia de hospedagem, um bom chimarrão e uma caninha de boa qualidade”. Em 1845, ao término da Revolução Farroupilha, o povoado de Passo Fundo já contava com mais de cem almas, moradores de origem paulista, curitibanos e imigrantes alemães afastados do local pelos ataques revolucionários.

Joaquim Fagundes dos Reis foi um homem que se destacou pela grande habilidade em lidar com autoridades do governo provincial, bem como com tropeiros e o povo morador da localidade. Destacava-se pela sua cultura, força moral elevada e fidelidade para com a terra que o acolheu, tornando-se o primeiro líder local e implementando uma luta pela emancipação político-administrativa de Passo Fundo, que se emancipou de Cruz Alta.

Em 07 de agosto de 1857, foi instalada a primeira Câmara de Vereadores de Passo Fundo, formada por seis vereadores, entre eles, Joaquim Fagundes dos Reis, autoridade líder do povoado e da emancipação política do município.

Joaquim Fagundes dos Reis faleceu em 1863 e seus restos mortais repousam num jazigo próximo à Fazenda da Brigada Militar, ao longo da BR 285, que liga a cidade de Passo Fundo a Mato Castelhano, antigo caminho do gado.



Contribuição alemã

Welci Nascimento ()*

Johann Adamm Schell e Anna Christina Schell foram o primeiro casal de origem alemã que chegou ao território de Passo Fundo, em 1836. Atraído pelo Brasil, João Schell, como passou a ser chamado em Passo Fundo, deixou sua Pátria no ano de 1828, em vistas à colonização de São Leopoldo; era solteiro e contava com apenas 20 anos de idade. Aquela que seria sua esposa, Anna Christina Schell, já residia no Brasil, em Bom Jardim, na colônia pertencente a seus pais. Moraram no município de Rio Pardo e mais tarde vieram para Passo Fundo. Quando aqui chegou, a cidade estava em guerra (Revolução Farroupilha). E, por ser defensor do Império, migrou para a República Oriental do Uruguai.

Segundo anotações de Francisco A. Xavier e Oliveira, a segunda família que para aqui veio foi a de João Neckel, de Lages, Santa Catarina, de onde saíra com destino a Santo Ângelo. Ele trouxe sua esposa Ana Bárbara Neckel, seu pai Jacob e o irmão João Neckel, todos alemães natos. Segundo nosso historiador, a seguir, sucessivamente, vieram Matias Tein, Pedro Müller e Antônio Neckel, trazendo consigo esposa e filhos.

No começo da Guerra do Paraguai, em 1865, chegou a Passo Fundo Matias Müller, vindo do Litoral gaúcho; Pedro Walendorf, vindo de São Paulo; Pedro Schultz; Jorge Hein, irmão de dona Anna Schell; Jorge Sturm; Carlos Gosch; Guilherme Beuthack; Luiz Morsch; João Lewy; Frederico Guilherme Kurtz, este, mais tarde, eleito o primeiro intendente municipal da era republicana. No final da Revolução Federalista (1893/1895), chegaram outros imigrantes alemães vindos pela estrada de ferro e alguns imigrantes italianos, como os das famílias Lângaro, De Fellipo e Floriani.

No ano de 1897 foram fundadas importantes colônias alemãs no Alto do Jacuí, pela firma Schmidt e Cia., situadas na Serra do Jacuí, 20 km ao sul da estação da estrada de ferro de Carazinho, então distrito de Passo Fundo. O povoamento de Selbach teve início em fim do século XIX, pelo coronel Jacob Selbach Junior. Os colonos alemães que compraram terras vieram das antigas colônias de São Sebastião do Caí, Estrela, Anta Gorda e Santa Cruz do Sul.

O povoado da antiga Fazenda Boa Esperança, hoje município de Colorado foi colonizado em 1897. Seus primeiros moradores eram da Igreja Luterana, cujo pastor era o alemão Theophil Dictsch.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Os alemães colonizaram os municípios de Tapera, Não-Me-Toque, Victor Graeff, Ernestina e Tio Hugo. Luteranos e católicos se irmanavam lutando pelo desenvolvimento das povoações do território de Passo Fundo.

Na Vila de Passo Fundo, o comércio e a indústria eram lideradas pelos alemães, como, por exemplo, a Casa Kurtz, de Eduardo Kurtz; o Armazém Gaúcho, de Walter Helmuth Rien; a Casa Schmidt, propriedade de Carlos Schmidt; entre outros. Em matéria de selaria e curtume, havia um importante comércio liderado pela casa J. P. Kieling, cujos proprietários eram os cidadãos José Pedro Kieling e José João Holzbach.

O território de Passo Fundo era muito rico em pedras preciosas. Lapidarias, como a de Rudolfo Opavski, engenheiro alemão, que aqui chegou por volta de 1930. Havia fábricas de caramelos como a de Augusto Neuhaaus, que vendia por atacado a toda a região.

Uma das maiores indústrias instaladas em Passo Fundo foi a fábrica de pregos Hugo Gerdau, em 1933, sendo seu proprietário (de mesmo nome) proveniente da Alemanha.

O espaço é curto para destacar a imensa família de imigrantes alemães que vieram residir em Passo Fundo, como, por exemplo, os Kneipp, Schell, Sturm, Lech, Goelzer, Hexel, Issler, Morsche, Scheleder, e tantas outras famílias. A verdade é que os imigrantes alemães, os primeiros a chegarem ao agreste território de Passo Fundo, trouxeram para esta terra o trabalho, a vida religiosa, as festas alegres das bandinhas, os clubes de tiros, as cervejarias, a galinha assada no forno, o assado de porco, o chucrute. Esses e outros alimentos se misturaram com o aipim, a batata-doce, o feijão-preto e com o churrasco, enriquecendo a culinária gaúcha regional.

As novas gerações de descendentes de alemães deram continuidade ao trabalho realizado pelos ancestrais. Por isso, esse fato é digno de registro, no ano em que comemoramos o sesquicentenário de Passo Fundo.



Emancipação de Passo Fundo

Paulo Monteiro ()*

A ocupação da área urbana de Passo Fundo começou em 1827, quando Manoel José das Neves aqui se fixou com a família e escravos. Ao permitir que outras famílias se instalassem ao longo do que hoje é a Avenida Brasil, nas proximidades do Colégio Notre Dame, contribuiu para o crescimento acelerado da povoação. Tanto isso é verdade que a 28 de maio de 1834 Passo Fundo passou à condição de 4º Distrito de Cruz Alta; menos de três anos depois, em 26 de janeiro de 1847, por lei provincial, a povoação passava à categoria de Freguesia. Finalmente, a 28 de janeiro de 1857, através da Lei 340, do então presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, Passo Fundo, é elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Cruz Alta.

“Lei nº 340, de 28 de janeiro de 1857

O conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, presidente da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, etc. etc.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa provincial decretou e eu sancionei a seguinte lei:

Art. 1º. – São elevadas à categoria de vilas as freguesias de Passo Fundo e Cangussú.

Art. 2º. – Os limites da Vila de Passo Fundo compreenderão não só o distrito que tinha quando freguesia, como todo o território da nova freguesia da Soledade.

Art. 3º. – A Vila de Cangussú compreenderá em seus limites, além do distrito da freguesia deste nome, os da freguesia de Cerrito, todos com as divisas que atualmente têm.

Art. 4º. – São revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento, a execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário desta província a faça imprimir, publicar e correr.

Palácio do Governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre, aos 28 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império.

(ass) Jerônimo Francisco Coelho

Carta de lei pela qual V. Exa. Sancionou o decreto da Assembléia Legislativa provincial, elevando à categoria de vilas as freguesias do Passo Fundo e do Cangussú, e marcando os seus limites como acima se declara.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Para V. Exa. Ver
(ass) Germano Severino da Silva, a faz
Na secretaria do governo foi selada e publicada a presente lei em 28 de janeiro de 1857.
O oficial maior, servindo de secretário
(ass) João da Cunha Lobo Barreto
Registrada no livro 1º. 3 de Leis Provinciais.
Secretaria do governo em Porto Alegre, 28 de janeiro de 1857.
(ass) José Gonçalves Duarte”

Uma vez separado de Cruz Alta adotaram-se as providências para a eleição dos vereadores e a instalação da Câmara, o que ocorreu no dia 7 de agosto daquele mesmo ano, com a posse dos primeiros vereadores do município.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Rosendo Gehm, que escreveram sobre a história passo-fundense, afirmam que o comissário Joaquim Fagundes dos Reis liderou o movimento emancipacionista. Esse movimento inciou-se no ano de 1840, obteve êxito 17 anos depois, com o apoio de comerciantes e outros habitantes do povoado.

Os emancipacionistas contaram com o apoio dos deputados provinciais Antônio de Mello e Albuquerque e Antônio Gomes Pinheiro Machado, pai do futuro senador José Gomes Pinheiro Machado, um dos comandantes pica-paus da Revolução Federalista. Antônio Gomes Pinheiro Machado, em 1857, não compunha a Assembléia Provincial, reassumindo a deputação no ano seguinte.

O município original limitava-se, ao norte, com o Rio Uruguai, ao leste e ao sul, sem uma determinação precisa, com os municípios de Santo Antônio da Patrulha, Taquari, Rio Pardo, Cachoeira do Sul e Santa Maria, ao oeste pelos rios Jacuí Mirim e Várzea e trechos também indefinidos com Cruz Alta. Sua área era de 80 mil quilômetros quadrados e uma população estimada de 7.586 habitantes, segundo Antonino, e 41.200,90 km², conforme geógrafos de hoje.

No ano seguinte, efetuada sua organização administrativa, assim ficou dividido: 1º distrito: Passo Fundo (sede); 2º distrito: Campo do Meio; 3º distrito: Nonoai; 4º distrito: Jacuizinho (Carazinho); 5º distrito: Restinga; 6º distrito: Soledade; 7º distrito: Lagoão.

Conforme a legislação do Império, as atuais funções de prefeito eram exercidas pelo presidente da Câmara de Vereadores. Assim, o primeiro “chefe do Executivo municipal” foi Manoel José d’Araújo. Ainda de acordo com a mesma legislação, somente no dia 10 de abril de 1891, como homenagem à data natalícia do coronel Gervásio Lucas Annes, chefe republicano do município, Fernando Abott, presidente do Estado, conforme ato nº 258, reconhece Passo Fundo como cidade.



Instalação da Câmara de Vereadores

Paulo Monteiro ()*

A Câmara de Vereadores de Passo Fundo foi instalada no dia 7 de agosto de 1857. A solenidade foi presidida pelo capitão Lúcio Alves de Castro, presidente da Câmara de Vereadores de Cruz Alta, e a ata redigida pelo secretário daquela Câmara, Manoel de Assumpção e Silva. Ei-la:

Ata da instalação e posse da Câmara Municipal da nova Vila de Passo Fundo

“Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e cincoeta e sete trigésimo sexto anno da Independência e do Império aos sete dias do mês de Agôsto de mil oitocentos e cincoeta e sete do dito anno nesta Villa de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, Comarca de São Borja Província de São Pedro do Rio Grande do Sul nos Paços da Câmara Municipal da Vila da Cruz Alta o Capitão Lucio Alves de Castro commigo Secretário da Câmara da mesma Villa abaixo nomeado para o fim de instalar e dar posse a nova Câmara Municipal desta Villa, segundo foi determinado por portaria de Sua Exa. O Senhor presidente da Provincia datada de três de Fevereiro do corrente anno, que manda proceder as eleições para Vereadores da nova Villa, e bem assim que fosse executada a Lei número trezentos e quarenta de 28 de Janeiro do corrente anno pela qual a Assembléia Legislativa Provincial elevou a cathegoria de Villa a Freguezia do Passo Fundo com os limites que tinha quando freguezia, como todo o território da nova Frequezia da Soledade, segundo he expresso no artigo segundo da referida Lei, ficando assim dividido os limites desta Villa com o municipio da Cruz Alta; reunidos os Vereadores Senhores Manoel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antonio de Mascarenhas Camello Junior, Manoel da Cruz Xavier, e Cezario Antonio Lopes como Vereador Suplente no empedimento dos proprietários José Joaquim de Oliveira, Antonio Ferreira de Mello Pinheiro, e José Ignacio do Canto Landim que participarão não poder comparecer para prestarem juramento por incommodos de saúde que privarão de poder assistir na presente sessão, Segundo dispõe o Decreto de 13 de Novembro de 1832 passou o presidente a deferir o juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles em que puzerão suas mãos direitas sob cargo do qual lhes encarregou que desempenham-se as obrigações de Vereadores da Câmara Municipal da Villa do Passo Fundo; de promoverem quanto em

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

si couber, os meios de sustentar a felicidade pública – segundo he prescrito no artigo dezecete do referido decreto, e deo posse aos Vereadores pela maneira assima dito. E para constar mandou o presidente lavrar o prezente auto de juramento e posse que assinou com a nova Câmara fazendo-se público por Editais para que conste. E eu Manoel Assunmpção e Silva Secretário da Câmara Municipal da Villa de Cruz Alta o escrevy.

Lucio Alves de Castro – pre. Da Câmara da Cruz Alta
Manoel José D’Araujo
Joaquim Fagundes dos Reis
Cezario Antonio Lopes
Manoel da Cruz Xavier
Antonio de Mascarenhas Camello Junior”

O comerciante Manoel José d’Araújo foi eleito presidente da Câmara, assumindo, também, as funções de administrador do município.

Para comemorar a instalação da Câmara Municipal foram realizadas intensas festividades. A repercussão da festança, no meio acanhado de então, continuou sendo recordada nos anos seguintes. A lembrança da entrada em funcionamento do legislativo local se transformou nas solenidades da emancipação. O hábito acabou fazendo o monge. A parte, a Câmara, assumiu às vezes do todo, o município, numa sinédoque histórica, que acabou se consolidando na década de 1950. Aproximando-se o centenário do município, o Executivo municipal consultou o Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, que, erroneamente, informou que o município, foi criado a 7 de agosto de 1857.

Durante o Império, Passo Fundo teve os seguintes presidentes de sua Câmara de Vereadores, como visto, também “prefeitos”: capitão Manoel José d’Araújo (7.08.1857 a 7.01.1865); tenente-coronel Francisco de Barros Miranda (7.01.1865 a 7.01.1869); capitão João Schell (7.01.1869 a 7.01.1873); Jerônimo Savinhone Marques (7.01.1873 a 7.01.1877) capitão João Vergueiro (7.01.1877 a 7.01.1881); Francisco Xavier de Castro (7.01.1881 a 7.01.1883); Antônio Ferreira Prestes Guimarães (7.01.1883 a 7.01.1887) e João Issler (07.01.1887 a 22.12.1889). Com a proclamação da República, a Câmara de Vereadores foi dissolvida e substituída por uma tróica da qual faziam parte Gabriel Bastos, Gervazio Luccas Annes e José Pinto de Moraes, todos filiados ao Partido Republicano Rio-Grandense. O primeiro assumiu as funções hoje desempenhadas pelo prefeito. Essa comissão elaborou e outorgou uma Constituição Municipal (Lei Orgânica).



O Paço Municipal e seus mandatários

Welci Nascimento (*)

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Jerônimo Coelho, assinou, em 28/01/1857, o ato nº 340, a partir do qual o território passo-fundense passa a formar um dos maiores municípios gaúchos. No mesmo ano, a 7 de agosto, era instalada a câmara de vereadores, uma vez que nesse meio tempo ocorreu eleição para a escolha dos cidadãos que viriam a ser os primeiros vereadores, constituindo o Conselho Municipal, responsável pelos destinos do novo município, por quatro anos, tendo como presidente Manoel José d' Araújo, no período de 7/08/1857 a 1860. A Constituição brasileira, no regime imperial, determinava que o presidente do Conselho Municipal exercesse o Poder Executivo (prefeito municipal).

Segundo Delma Rosendo Ghem, em 1902, quando intendente o coronel Pedro Lopes de Oliveira, fora adquirido, pelo município, o terreno de Lourenço de Barros, onde seria edificada a ex-Intendência na Avenida Brasil e se limitava, ao sul, com a Rua Moron, a leste, com terrenos de Jesuino Bondallo, ao norte com a Avenida Brasil e, a oeste, com os de Herculano Trindade, sendo o terreno “um poteiro onde eram colocados animais”.

O terreno da velha Intendência e a casa que serviu como primeiro Paço Municipal, até o ano de 1911, estavam localizados também na Avenida Brasil, onde hoje se ergue o edifício Elaine, em frente a Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis.

Em 1910, o coronel Gervásio Lucas Annes, intendente municipal, iniciou a construção da nova casa do governo, festivamente inaugurada em 1911, com a presença de importantes lideranças dos partidos políticos republicano e federalista (chimangos e maragatos). Segundo registros, essa obra foi orçada em 34 contos de réis.

Em 1976, o Paço Municipal (Prefeitura e Câmara de Vereadores) se transferiam para as cercanias do Rio Passo Fundo, onde atualmente se encontra. Era prefeito municipal o coronel Edu Vila de Azambuja e vice o dr. Juarez Paulo Zillio.

Governantes do Paço Municipal de Passo Fundo, 1857-2007.

<i>Data</i>	<i>Governantes</i>	<i>Data</i>	<i>Governantes</i>
<i>No Império:</i>			
1857	Manoel José d' Araújo		
07/01/1861	José Joaquim Marques de Souza	07/01/1877	João Vergueiro
07/01/1865	Francisco de Barros Miranda	07/01/1881	Francisco Xavier de Castro
07/01/1869	João Schell	07/01/1883	Antônio Ferreira Prestes Guimarães
07/01/1873	Jerônimo Salvinhone Marques	07/01/1887	João Issler

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Data	Governantes
<i>Na República (de 1889 a 1930 – República Velha):</i>	
15/11/1889	Gabriel Bastos, presidente da Junta Governativa
15/11/1891	José Pinto de Morais, intendente provisório
01/03/1892	Amâncio de Oliveira Cardoso, presidente da Junta Governativa Federalista
17/06/1892	José Pinto de Morais, intendente provisório
16/08/1892	Frederico Guilherme Kurtz, primeiro intendente constitucional
17/04/1893	Gabriel Bastos, intendente
Ago. 1893	João Gabriel de Oliveira Lima, intendente
16/11/1893	Gervásio Lucas Annes, intendente nomeado
16/11/1896	Gervásio Lucas Annes, intendente eleito
16/11/1904	Pedro Lopes de Oliveira, intendente eleito / vice: Gervásio Lucas Annes
16/11/1908	Gervásio Lucas Annes, intendente eleito / vice: Gabriel Bastos

Na Estado Novo (1937):

16/01/1938	Antero Marcelino da Silva Junior, prefeito nomeado
22/03/1938	Arthur Ferreira Filho, prefeito nomeado
17/12/1941	Victor Graeff, prefeito nomeado
17/04/1944	Moacir Indio da Costa, prefeito interino

(Redemocratização do Brasil)

01/12/1947	Armando Araújo Annes / Daniel Dipp
01/01/1952	Daniel Dipp / Mário Menegaz
02/01/1955	Mário Menegaz (continuação do mandato)
20/07/1955	Pedro dos Santos Pacheco (no impedimento do titular)
01/01/1956	Wolmar Antônio Salton / Benoni Rosado
01/01/1960	Benoni Rosado / Sinval Bernardon
01/01/1964	Mário Menegaz / Adolfo João Floriani
01/01/1968	Mário Menegaz, mandato prorrogado até 1969
31/01/1969	Cesar José dos Santos / Guaraci Barroso Marinho (mandato até 31/01/1973)

Data	Governantes
16/11/1912	Pedro Lopes de Oliveira, intendente eleito / vice: Gervásio Lucas Annes
16/11/1916	Pedro Lopes de Oliveira, intendente reeleito / vice: Gervásio Lucas Annes
16/11/1920	Nicolau de Araújo Vergueiro, intendente eleito / vice: Gabriel Bastos
16/11/1924	Armando Araújo Annes, intendente eleito / vice: Scarpellini Ghezzi
16/11/1930	Henrique Scarpellini Ghezzi (por afastamento do titular)
27/10/1931	Henrique Scarpellini Ghezzi, primeiro prefeito municipal com esse título
21/10/1932	Armando Araújo Annes, prefeito municipal nomeado
03/12/1934	Maximiliano de Almeida, prefeito municipal nomeado
17/10/1935	Nelson Pereira Ehlers, prefeito eleito

21/11/1945	Francisco Antonio Xavier e Oliveira, prefeito nomeado
19/02/1946	Arthur Ferreira Filho, prefeito nomeado
03/12/1947	Ivo Pio Brum, prefeito nomeado

31/01/1973	Edu Vila Azambuja / Juarez Paulo Zílio
03/01/1977	Volmar Antônio Salton / Firmino da Silva Duro
16/01/1980	Firmino da Silva Duro, vice-prefeito eleito, com prorrogação do mandato, por força da Constituição
31/01/1983	Fernando Machado Carrion / Lourenço Pires
01/01/1986	Airton Lângaro Dipp / Carlos Armando Salton
31/12/1992	Oswaldo Gomes / Júlio Teixeira
31/12/1993	Júlio Teixeira / Mauro Sparta
31/12/1997	Oswaldo Gomes / Mauro Sparta
31/12/2002	Airton Lângaro Dipp / Adirbal Corralo



Terrenos foreiros ou de alvará

Paulo Roberto Magro (*)

A história de Passo Fundo conta que o cabo Manoel José das Neves e sua esposa Reginalda da Silva prometeram, verbalmente, fazer a doação de uma parte do campo adquirido por posse para a construção de uma capela, em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. O local é onde hoje está a região central da nossa cidade. O registro de tal gratuidade nunca foi encontrado, a não ser uma escritura pública de ratificação e retificação feita pela filha do casal, Maria da Rocha Prestes, lavrada no 1º Cartório de Notas em 11 de novembro de 1884, firmando que há mais de 40 anos seus pais fizeram doação dessas terras à padroeira dessa paróquia.

As licenças para edificar sobre os terrenos devolutos da Vila de Passo Fundo tiveram início em janeiro de 1862, com autorizações expedidas pelo presidente da Câmara Legislativa, mais tarde, a partir de 1892, pela própria Intendência Municipal. Pois anterior a essa data, a Presidência da Província negava competência para concessão de terrenos devolutos na área da vila. Porém, em 4 de janeiro de 1860, através da lei provincial 545, entrou em vigor o Código de Posturas do município, elaborado pela Câmara Municipal. Assim, apoiando-se na lei, a Intendência continuou a fazer tais autorizações de uso e licenças para construir nas áreas devolutas. O termo *devoluto*, usado na ordem desses licenciamentos, significa o que se encontrava vago ou desocupado, confundindo-se com o *foreiro*, que é o derivado de foro e está obrigado ao cumprimento dos encargos correspondentes pela pessoa que tem o domínio útil do imóvel, devendo pagar os foros devidos ao senhorio direto, a Intendência Municipal. As primeiras licenças foram de 9 e 11 de janeiro de 1862, respectivamente requeridos por Anna Prudêncio de Barros e Maria Catarina de Jesus, para uso nos terrenos frente à Rua de Santa Clara (mais tarde Ladeira, atual 15 de Novembro), sendo confrontantes ao sul com a Rua Moron (denominação de rua que, em 1862, já constava nos registros). Quanto às autorizações das ocupações em frente à Praça da Matriz (atual Marechal Floriano), aconteceu nos anos de 1893 a 1906. A denominação *alvará*, nesses livros, apareceu a partir de fevereiro de 1903. Nas primeiras ocupações licenciadas para edificação em volta da Praça Matriz, encontramos as seguintes pessoas: João Cora, João Baptista Petracco, Faustino Silveira, Theodorico Kurtz, Sociedade Italiana Iolanda Margheritta di Sávaio, Antonio Mesetta, Luiz Ricci, Oscar Pinto de Moraes, Francisco Mاتيotti, Gervásio Lucas Annes, Fermina Rodrigues Martins e Etelvina de Araújo Annes. Com o passar dos tempos, esse direito de propriedade que se mantinha em nome da paróquia tornou-se um problema quase secular, entravando o progresso da área central e ocasionando o retardamento do desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da cidade. Pois

(*) Advogado e diretor da CODEPAS.



FOTO: AROUJO AUTOR

Alexandre Lago efetuou pagamento de transferência de alvará (1929).

Intendente Nicolau de Araújo Vergueiro assinou o alvará de Alexandre Lago (1929).



FOTO: AROUJO AUTOR

como o uso dos terrenos eram concedidos somente por alvarás de licença e não por ato de transmissão de propriedade, proibia-se o titular dessa concessão de firmar transferência para com terceiros sem a autorização do governo municipal. Daí que o desfecho do problema desses terrenos somente teve uma solução favorável em 1954, na administração do prefeito Daniel Dipp, e graças a um estudo jurídico realizado por parte de renomados juristas passo-fundenses, advogados Carlos Galves e Verdi De Cesaro. Daquele parecer, fez-se com que o município viesse a celebrar um acordo definitivo com a Mitra Diocesana. A primeira providência veio através da lei 519, de 8 de novembro de 1954, autorizando o município de Passo Fundo a receber da Mitra Diocesana, a cessão e renúncia por escritura pública a favor do município, de todos e quaisquer direitos que ela tenha ou possa ter sobre os terrenos. Em 6 de dezembro de 1954, foi feita escritura no 2º Cartório de Notas pelo tabelião Honorino Malheiros e averbada no Cartório de Registro Geral de Imóveis sob o nº 4.523, fl. 225, livro 3-Q. A partir da lei 525, de 11 de dezembro de 1954, os concessionários passaram a adquirir por escritura pública o domínio e direito de propriedade desses terrenos edificados mediante um valor muito inferior àquele que vigorava para uma simples transferência de alvará.



Chafariz da Mãe Preta

Pablo Morenno ()*

Se eu sair de meu edifício, e fizer uns cinqüenta passos, na Rua 10 de Abril, esquina com a Rua Uruguai, encontrarei uma praça e uma fonte. Se estiver chovendo, e eu não quiser pegar chuva, posso simplesmente olhar pela janela de meu quarto, e lá estará o Chafariz da Mãe Preta com sua lenda e sua bica. A lenda está contada em bronze e sua bica, conforme se reconta na cidade, mesmo quando nem chuva nem garoa apareceram por meses nunca secou. E quem beber de sua água ficará com os pés e o coração para sempre ligados a Passo Fundo. “Quem bebe da água da Mãe Preta a Passo Fundo sempre retorna”, diz o ditado.

O primeiro chafariz foi construído pela Câmara Municipal, em 1863, em terras doadas pelo cabo Neves. Em 1926, foi reconstruído pelo intendente Armando Araújo Annes. Em 1963, o prefeito Mário Menegaz o restaurou e, Firmino Duro, em 1982, legalizou e urbanizou a área. Atualmente, a manutenção e o ajardinamento se devem a uma parceria entre a Unicred e a Unimed – cujo prédio foi construído em frente – e o município de Passo Fundo.

Entre as lendas que contam a origem da fonte, há aquela que diz que Mãe Preta era uma escrava do cabo Neves, que, o qual, pelo também contam, era dono de Passo Fundo inteirinha, no “antigamente”.

Mãe Preta chamava-se Mariana e tinha um único filho, muito pretinho como ela. Peralta, arteiro, mas, como todo filho, era quem fazia nascer todas as alegrias nos olhos de sua mãe.

Um dia, vai saber por que, o jovem tomou as bandas do Boqueirão. Mãe Preta ficou atirada no mundo, sozinha demais. Esperou dias e dias, e naquela solidão da vida, quando quase não tinha mais lágrimas, apareceu-lhe o filho próprio de Nossa Senhora – que sabia muito bem o que era o sofrimento de uma mãe.

– Não chora, minha filha! – disse o filho de Maria – Seu menino encontra-se lá na casa de Deus Pai e vive muito feliz correndo pelos poteiros. Como sei o que é uma mãe sofrer, porque já vi a minha, como recompensa da tua dor, faça-me um pedido. Como sou filho de Deus tenho essa facilidade de realizar os pedidos das mães.

Mãe Preta, enxugou com a mão o restinho de água dos olhos, olhou bem para aquele menino todo reluzente, e fez o seu pedido:

– Dá-me a felicidade de ir para junto de meu filho, lá na casa de Deus Pai, pra gente correr junto pelos poteiros. Mas como lembrança, quero deixar uma fonte, para que todo

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

aquele que dela beber, sempre retorne a esse lugar e não seja como meu filho que saiu para as bandas do Boqueirão e me deixou esperando até hoje.

A última lágrima de Mãe Preta escorreu pela face, foi rolando, rolando e se despejou na terra ressequida. Daquela lágrima nasceu a vertente que nunca mais secou. Depois do desejo realizado, Mãe Preta deixou este mundo para ir com seu filho lá para a casa de Deus Pai e, decerto, correm felizes pelos descampados.

Ao redor da fonte, a cidade cresceu, cresceu. Nasceram prédios, casas, ruas, clínicas. Por razões que os mortais desconhecem, a bica da Mãe Preta continua correndo dia e noite.

Se é verdade ou não que quem bebe da água da Mãe Preta sempre volta a Passo Fundo, nesses últimos tempos, está difícil de provar. Ontem à tarde, quando fui até a Praça para ler a lenda acima contada, pude ler uma placa muito clara escrita pela prefeitura: “Cuidado! Água contaminada, imprópria para o consumo”.

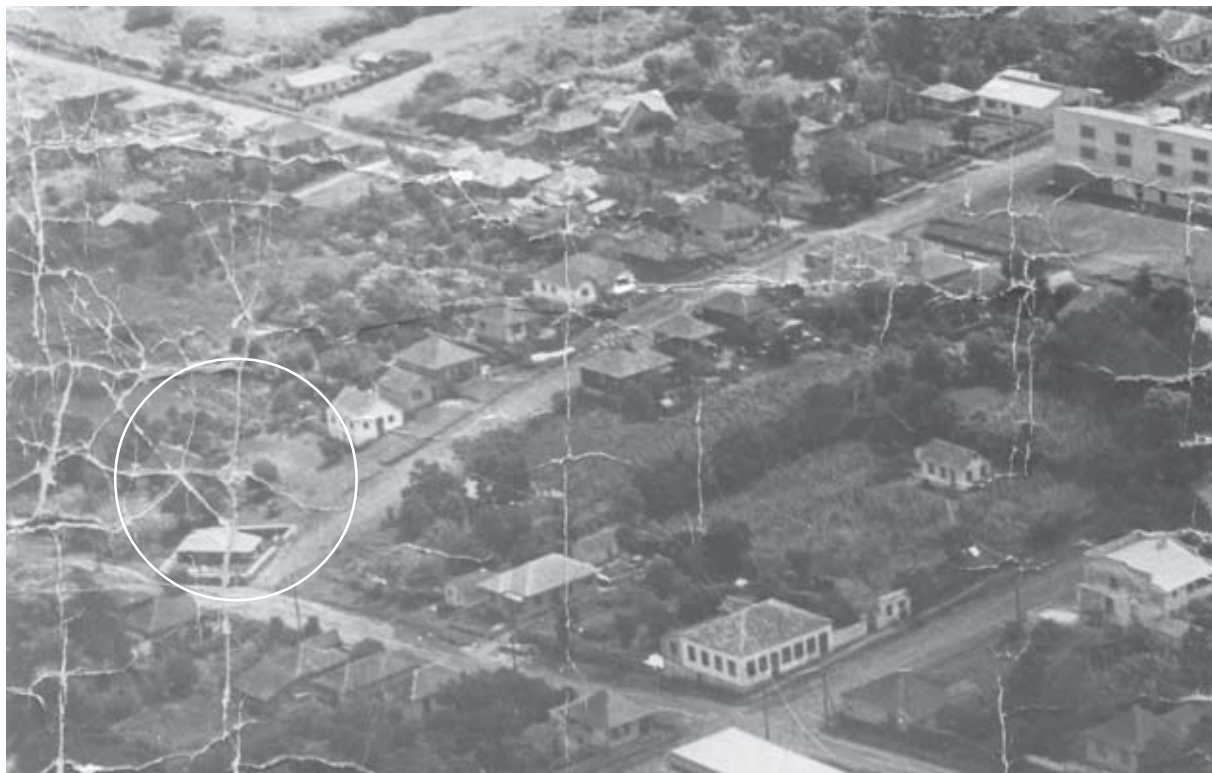


FOTO: AUTOR DESCONHECIDO - ARQUIVO FOTO SOUZA OU CARLITOS

Vista aérea, onde se pode ver o Chafariz da Mãe Preta, no início da década 1960, na esquina das ruas Uruguai e 10 de Abril.

Guerra do Paraguai

Elisabeth Souza Ferreira ()*

Uma esquadra brasileira encontrava-se entre os rios Paraná e Paraguai quando, repentinamente, surgiu a sua frente uma flotilha paraguaia com 2.500 homens distribuídos entre duas corvetas, sete vapores e seis chatas com 44 canhões a bordo. Era domingo, 11 de junho de 1865, quando iniciou-se uma das maiores batalhas navais do continente. O violento combate teve mais de dez horas de duração.

O Paraguai possuía o maior e o mais poderoso exército do continente e vinha se preparando há anos para um conflito armado. O seu ditador, Francisco Solano López, ambicionava tornar o seu país uma grande potência. E isso se chocou de frente com os interesses do Império brasileiro.

Nos quatro anos seguintes à Batalha do Riachuelo, Brasil, Argentina e Uruguai se uniram pelo Tratado da Tríplice Aliança e acabaram totalmente com a pretensão do Paraguai. Foi uma guerra insana entre ex-colônias que sonhavam com a possibilidade de se tornarem metrópoles. Guerra que usou escravos, índios, mulheres, crianças e velhos, lutando em pântanos e alagadiços contaminados, onde muitos desses combatentes não morreram da guerra propriamente dita, mas de tifo, malária e cólera.

Desde a fundação da Colônia do Sacramento em 1680 até a invasão brasileira do Uruguai, a paz nunca reinou na Pampa. Portugal e Espanha jamais deixaram de lutar pelos seus interesses. Em 1810, o Paraguai tornou-se o primeiro país independente da região. A Argentina conseguiu sua independência em 9 de julho de 1816 e o Uruguai em 29 de agosto de 1828. De 1830 até o final do século XIX, houve uma série de conflitos-guerras de caudilhos, guerrilhas, guerras a cavalo e guerras de degolas.

O Brasil estava presente em todas elas. A Argentina, sob o comando de Juan Manuel Rosas, e o Uruguai, sob a direção de Frutuoso Rivera, iniciaram uma guerra que durou dez anos, terminando em 1851, deixando um saldo de 800 homens degolados. Em julho de 1851, Duque de Caxias, da província do Rio Grande do Sul, invadiu o Uruguai com 16 mil homens, derrubando Oribe, em outubro.

A Guerra do Paraguai começou com o Brasil tentando invadir o Uruguai para combater os frequentes ataques às estâncias do Rio Grande do Sul. O ditador paraguaio, Solano López, decidiu, então, reagir à política expansionista do Brasil no Prata. Aprisionou um navio brasileiro em Assunção, invadiu o Mato Grosso e pediu autorização à Argenti-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

na para passar com suas tropas a fim de atacar o Rio Grande do Sul e o Exército Brasileiro que invadira o Uruguai, mas a Argentina não deu permissão. Ele, então, declarou guerra à Argentina.

Muito embora sendo menor, o Paraguai estava pronto para a guerra. Tinha 64 mil homens armados e 28 mil reservistas. O Brasil possuía 18 mil soldados; a Argentina, 8 mil e o Uruguai, apenas mil.

A Marinha Brasileira destruiu a paraguaia na Batalha do Riachuelo. Mas os paraguaios resistiram ainda por mais cinco anos. Após a destruição do Exército Paraguai em Tuiuti, em 1866, o conflito se estendeu até a morte do líder paraguaio em 1870.

As tropas paraguaias eram formadas pelos descendentes dos guaranis, que no século XVII foram escravizados pelos bandeirantes paulistas. Os militares brasileiros saíram desse conflito fortalecidos e preparados para a república.

Os oficiais passo-fundenses que prestaram serviços na guerra contra o Paraguai são os seguintes: coronel Antonio de Mascarenhas Camello Júnior, tenente-coronel Francisco de Barros Miranda, major Nicolau Falkembach, major Cesário Antônio Lopes, tenente-coronel Ireneo José Topázio, tenente Benedito Pinto de Moraes, capitão Gaspar Xavier Teixeira, capitão João Luís dos Santos, tenente Francisco José dos Santos, major João Cypriano da Rocha Loures, tenente Floriano José Rodrigues, capitão Lúcio da Silva Portella.

Além desses, que participaram da guerra, várias pessoas contribuíram com várias quotas em dinheiro para a compra de armas e munição, roupas e alimentos para vários familiares de soldados e outros pobres da região. Em consequência da feira na Província de São Paulo, aumentou no município a exportação de erva-mate e pedras preciosas, estimulando o crescimento do comércio.

Voltou com vida da Guerra do Paraguai apenas a quarta parte de soldados que marcharam para lá, porque a maioria teve a sua vida ceifada nos campos de batalha ou por epidemias. Felizmente, souberam honrar o nome de Passo Fundo e as tradições da pátria nessa cruzada do patriotismo brasileiro.

A Câmara Municipal da Vila de Passo Fundo rendeu um voto de gratidão aos que mais se destacaram. Foram eles: João de Freitas Noronha, João Cypriano da Rocha Loures, Francisco de Barros Miranda, Cesário Antonio Lopes e Ireneo José Topázio.



A Casa Barão: Solar Loureiro

Ana Paula Wickert (*), Selma Costamilan (**)

A Avenida Brasil, antiga Rua do Comércio, é um dos lugares que marcaram a história de Passo Fundo, por sua paisagem pitoresca com largos canteiros arborizados, e sua importância na vida cotidiana da cidade. Em direção ao Boqueirão há casarões de outras épocas, hoje escondidos em meio a elevados edifícios. A conhecida Casa Barão constitui um desses lugares da memória, lembrando como era a paisagem daquele local; é considerada um dos marcos históricos mais importantes da cidade, especialmente porque compõe a cena da avenida há 142 anos.

Antônio José da Silva Loureiro (o “Barão”), construtor da casa, nasceu em Braga, Portugal, em 1835. Conta-se que aos 13 anos fugiu para o Brasil – Rio de Janeiro – onde trabalhou numa casa da Praça da Alfândega. Tentou também a sorte em Minas Gerais, atraído por notícias de facilidades e bons negócios. Não logrando êxito, migrou ao Rio Grande do Sul, estabelecendo-se às margens do Rio Uruguai, próximo à fronteira com a Argentina e depois em Nonoai onde negociava madeira. O transporte do produto era feito em balsas através do Rio Uruguai e a abundância de madeira lhe fez prosperar. Um grave acidente fez com que perdesse o maior lote já vendido de madeira, levando-o a falência. Então, voltou-se ao comércio de balcão, vendendo também produtos de Passo Fundo, quando numa visita à cidade conheceu a filha de seu freguês Johann Adam Schell, principal comerciante da cidade na época. O interesse por Filipina Hein Schell e o conseqüente noivado trouxeram-no definitivamente à cidade, onde se estabeleceu em 1865. Formou uma família de 12 filhos com Filipina; desenvolveu várias atividades econômicas na cidade, como comércio, criação de gado, indústria do ramo de curtume, sapataria e artefatos de peles de animais domésticos e silvestres. Construiu, como considerou-se na época, a “melhor casa da cidade”, em alvenaria com mobiliário de primeira qualidade.

Era cidadão ativo na comunidade, com posições políticas e sociais bem definidas. Participou da sociedade abolicionista, em 1871. Já em 1879, participou com outros comerciantes de uma representação à Câmara, encaminhada à Assembléia Legislativa, solicitando que o comércio da vila fosse proibido de vender aos domingos, das 9 às 17 horas. Politicamente, foi defensor da monarquia, o que lhe causou adversidades tais como sua prisão numa estrebalaria, ameaças de morte e, finalmente, o exílio voluntário para a Argentina em 1893, apoiado pela família. Com sua ausência, a propriedade, que ficara sob responsabilidade de Filipina, foi saqueada, e as casas da área rural destruídas. Após três anos, com a pacificação da situação política no Brasil, Loureiro retornou da Argentina com 500 cabe-

(*) Arquiteta, professora e pesquisadora da UPF.

(**) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

ças de gado, e de Porto Alegre com mercadoria para sua loja, recomeçando sua criação de gado, os trabalhos de curtume e o comércio. Seus negócios voltaram a prosperar, e com o avanço de sua idade passou-os para responsabilidade de seu filho Adão, cujo falecimento precoce levou à extinção dos mesmos.

Em 1888, Passo Fundo contava com 22 casas comerciais, contando a de Loureiro, cujo nome aparece na lista de comerciantes com a insígnia “Barão”. Conta-se que essa distinção, devida ao seu trato educado e gentil, acompanhou-lhe até a morte (no decorrer de 1919, já viúvo e doente). Sua enfermidade foi tratada por Nicolau de Araújo Vergueiro, que após exames concluiu ser esta um “mal da idade”, vindo a falecer em 25/11/1919, aos 84 anos.

A casa dos Loureiro (Casa Barão) foi construída em 1865, com tipologia térrea, de planta em “L”, típica da casa brasileira da primeira metade dos anos 1800, inspirada na arquitetura luso-portuguesa. Implantada no alinhamento da Rua do Comércio, estabelecia o limite entre a área urbana e a rural, já que atrás da mesma, ao norte, havia o chamado “Mato do Barão”. A edificação de uso misto abrigava a residência e o estabelecimento comercial. Na área do mato foi construído um curtume, residências para funcionários e outras edificações de uso rural. Quando da construção, não havia casas mais formais elaboradas em Passo Fundo, assim, a decoração da fachada em estuque (argamassa especial para ornamentos), marcando a esquina com expressiva pilastra, além dos frisos e molduras nas esquadrias, transformaram a casa em referência de elegância e bom-gosto. A sobriedade formal revela uma mescla colonial com influências acadêmicas neoclássicas, especialmente na decoração, provavelmente feita depois, assim como a platibanda. Sabe-se que a casa foi construída em partes, explicando assim a fusão dos estilos. Porém, segundo conta Reis Filho, a casa não tinha as principais inovações da época, como porão alto e afastamentos laterais, que apareceram em Passo Fundo só no século XX. Mesmo assim, a casa diferenciava-se por suas peças amplas e bem iluminadas e pelo *glamour* do conjunto de residência bem construída e bem mobiliada, sendo conhecida também como “Solar Loureiro”.

Em fins do século XX, um projeto moderno de edificação previu a implantação de duas torres de apartamentos junto à Casa Barão, porém preservando-a, fato que configurou-se como o que talvez tenha sido uma das únicas iniciativas de conciliar a memória histórica local com os avanços do mercado imobiliário.



Casa Barão em 2005. Observar o equilíbrio entre novo e antigo, preservando o patrimônio histórico. Entretanto, a comunicação visual do comércio implantado na casa prejudica sua percepção. Fonte: Fábio Eduardo Woitchunas.

FOTO: ANA PAULAWICKERT

As procissões e a religiosidade popular

Welci Nascimento (*)

O senso religioso do povo passo-fundense encontrou, em todas as épocas, sua expressão em pessoas diversas de piedade que circundam, primeiramente a vida sacramental da Capela São Miguel, depois, da Igreja Nossa Senhora da Conceição e do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. São as procissões que fazem progredir no conhecimento do mistério de Jesus Cristo.

A procissão de São Miguel nasceu com os negros escravos em torno de 1865-66. Eram as famílias pobres que buscavam, todos os anos, fortalecer sua fé a ser ressuscitada. O anjo São Miguel Arcanjo era o intermediário daquele povo sofrido. Por ser uma procissão eminentemente organizada pelas famílias pobres, organizavam-se segundo a tradição transmitida pelos ancestrais. Os mais antigos relatam que era difícil ver uma família de classe mais abastada participar na procissão de São Miguel, a não ser quando era para “pagar” alguma promessa. Os mais pobres da cidade de Passo Fundo tinham um dia por ano para festejar. Nesse dia, o de São Miguel, além da procissão que levava o andar do Santo Anjo, até a velha capela no Pinheiro Torto, lugar que marca os anais da história de Passo Fundo, além, repito, as pessoas festejavam saboreando galinha assada que levavam, preparada no dia anterior. Quem podia um pouco mais, comprava um suculento churrasco que ali era preparado. O festejo popular seguia pela manhã e tarde com trovas, cantorias e muita animação, a toque de gaita e de violão.

Hoje, a procissão de São Miguel é coordenada pela Paróquia São Vicente de Paulo e o que se observa é a participação, não só do povo mais sofrido, mas também de outras camadas sociais da cidade. No entanto, a tradição dos festejos permanece. O importante é que o povo não esqueceu de caminhar no dia de São Miguel.

A Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida da Conceição, construída no início do século XX, nas cercanias da Praça Almirante Tamandaré, por ser a Igreja mais antiga da parte Norte do Rio Grande do Sul, sempre realizou a tradicional procissão em honra de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro, dia em que a Igreja proclamou a Imaculada Conceição, isto é, Maria, mãe de Jesus, foi concebida por Deus Pai sem pecado original.

A procissão em honra de Nossa Senhora, realizada todos os anos em 8 de dezembro, tinha a participação das famílias da vila, pois que não havia outras paróquias. Depois da manifestação de fé das crianças, jovens e adultos, era realizada a missa campal em frente à Igreja. A seguir, tendo por local a Praça Almirante Tamandaré, eram realizados os festejos populares, havendo no centro da praça o “pau encebado”, onde os meninos tenta-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

vam alcançar o topo do mastro para ganhar um merecido prêmio. Enquanto isso, o quiosque localizado no centro da praça vendia gasosa e balas ao som de músicas dedicadas aos namorados. A praça ficava toda enfeitada com bandeirinhas confeccionadas pelas famílias.

Havia também a procissão em louvor ao Espírito Santo. Era a procissão do Divino, cuja organização estava a cargo das famílias de origem portuguesa que antigamente eram em grande número na cidade.

Outra grande festividade era dedicada a Nossa Senhora do Rosário, situada, hoje, na Vila Carmem. Segundo o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira dela participávamos negros, honrando sua protetora.

A procissão de Corpus Christi, realizada também todos os anos, após as solenidades da Páscoa, era magnificamente organizada pelas famílias católicas que costumavam enfeitar a frente das casas por onde passava o Santíssimo Sacramento. A festa do Corpo de Deus vem desde o ano de 1264 e veio para Passo Fundo desde a inauguração da primeira capela erguida em honra a Nossa S. da Conceição.

Hoje, a grande procissão acontece no dia 12 de outubro. É a romaria em honra a Nossa Senhora Aparecida, padroeira da Diocese de Passo Fundo. Nesse dia, todos os párocos da Diocese se irmanam com sua catedral; o povo sai em procissão, numa caminhada de fé, depois da celebração da eucaristia, até o santuário localizado no Seminário Diocesano.

A Romaria Diocesana começou em 12 de outubro de 1980 objetivando incentivar a devoção a Nossa Senhora. Inicialmente, foi ao redor do Seminário, posteriormente a procissão partia da firma Bertol, localizada no km 3 da RST 153. Era reitor do Seminário o padre Ercílio Simon, hoje bispo Diocesano. Somente a partir do ano de 1983 é que a Romaria teve como ponto de partida a Catedral Nossa Senhora Aparecida, incentivando a devoção a Nossa Senhora Aparecida, o compromisso cristão pelas vocações e ajuda ao Seminário Diocesano de Passo Fundo.

Transcorridos 27 anos, a Romaria Diocesana em honra de Nossa Senhora da Conceição Aparecida é um marco de manifestação de fé do povo e da Igreja Diocesana de Passo Fundo.



1922: Chegada da procissão à Capela de São Miguel, a mais antiga romaria de Passo Fundo.

FOTO: ARQUIVO MUSEU HISTÓRICO REGIONAL DE PASSO FUNDO

Razões para a imigração italiana

Santo Claudino Verzeleti (*)

Com a unificação da Itália no ano de 1870, os problemas do país se avolumaram e o descrédito nas autoridades se tornou ainda maior. Revoluções, levantes, ódios e vinganças entre grupos adversários aconteciam com frequência. A convulsão social, econômica e política jogou na miséria os trabalhadores agrícolas, beneficiando a burguesia. O índice de analfabetismo era altíssimo e os que sabiam ler demonstravam precária instrução. Somavam-se a isso as péssimas colheitas e os baixos preços dos produtos agrícolas.

O quadro era desolador e incitava os italianos a fugir da pátria antes que o inverno lhes batesse à porta, sempre com tremenda escassez de alimentos. Não se importando o governo com a miséria evidente, não restava ao povo outra alternativa. E o grito de revolta soava uníssono entre os camponeses: *Viva la Merica e muoiano i signori!* (Viva a América e morram os patrões!)

Referendando o pensamento de todos, escreveu o poeta Berto Barbarini: *Ma a star quà, no se magna nò, per Dio, / Bisognarà per farlo sto passo.* (Mas, ficar aqui, não se come, por Deus, / É preciso dar o grande passo).

A vinda dos italianos para o Rio Grande do Sul se deve à iniciativa de d. Pedro II, e ocorreu segundo normas e critérios governamentais. Ao chegarem, todos eram instalados em galpões, numa espécie de quarentena, donde seguiam para as terras que lhes eram destinadas. Para o norte, foram os imigrantes com força braçal, os assalariados; ao sul, dirigiram-se os que queriam ser donos do próprio nariz. Todos com uma vontade inabalável de trabalhar, criar sua família e viver em paz. Os primeiros a chegar receberam as terras gratuitamente, além da ajuda em ferramentas e sementes. Mais tarde uma lei retirou tais vantagens.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, com a invasão de Uruguaiana, São Borja e Itaqui, entre 1865 e 1870, o imperador d. Pedro II percebeu a necessidade de colonizar aquele território, até então habitado somente por índios, e pelo gado alçado que vivia no pasto. Foi então que assinou o decreto 3.784, de 19 de janeiro de 1867, regulamentando a formação de colônias, no Estado do Rio Grande do Sul, uma vez que os fazendeiros de gado nada entendiam de agricultura.

Assim se abriram as portas da América para mais de um milhão e meio de emigrantes do norte da Itália. O governo e os políticos brasileiros foram tomados de perplexidade ante

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

a avalanche de forasteiros que, por várias décadas, aqui aportaram, fugindo da tirania dos próprios irmãos europeus. *Rubare o emigrare!* (*Roubar ou emigrar!*) era o lema que movia esses trabalhadores que, embora produzissem em sua terra, viam-se extorquidos do direito de comer o fruto do próprio suor.

O ano de 1875 marcou, nas Américas, a conquista do Eldorado para aquele povo: *Nel Merica se gà cucagna, se beve e se magna* (*Na América se tem riqueza, se bebe e se come*). Um sonho longínquo, mas possível de ser realizado, embora com muito sofrimento e muitas lágrimas, por ocasionar a dispersão das famílias. Houve ainda o agravante da exploração, por parte dos agentes de viagem, em sua totalidade recrutadores mercenários e gananciosos.

Os oriundos do Vêneto e da Lombardia, quando perguntados de onde vinham, só tinham uma resposta: *Noi siamo partiti dai nostri paesi* (*Nós partimos de nossos povoados*). Eles enfrentavam trinta e seis dias de travessia pelo Oceano Atlântico, até aportar na costa brasileira.

No Rio de Janeiro, os recém-chegados se alojavam, de início, na Ilha das Flores, para depois de alguns dias, continuarem a viagem até o Rio Grande do Sul e os outros locais de povoamento. Desembarcavam no porto de Rio Grande, para seguir rumo a Porto Alegre e, por fim, às colônias de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi e Santa Maria. A viagem prosseguia de barco até São Sebastião do Caí. O restante do trajeto era feito em cargueiro de mula, carreta-de-boi ou mesmo a pé.

Os imigrantes, por sua vez, não decepcionaram a quem lhes possibilitou o resgate da dignidade pessoal e familiar. Com sua garra de desbravadores, colonizaram os rincões de vários Estados do Brasil. Na nova pátria, expandiram-se pelos espaços inóspitos que aos poucos foram dominando. E prosseguiram sua vida de trabalho e amor aos entes queridos, marcas profundas desta brava raça. Em solo gaúcho, as localidades de Alfredo Chaves, Guaporé, Lagoa Vermelha, Passo Fundo e várias outras, também representam o berço da moderna expansão dos italianos.

O lema que predominava entre eles assim se resume: *Volersi bene, aiutarsi e congiarsi* (*Querem-se bem, ajudar-se e aconselhar-se mutuamente*). Ou, em síntese: “*A união faz a força*”.

Minha nona, Lúcia Casagrande, recordava os *vaporetos* (embarcações a gasolina), que subiam o Rio das Antas e o Taquari, vindos de Porto Alegre, carregados de produtos coloniais e tecidos de brim. Passavam por Santa Teresa, Muçum, Roca Sales, Arroio do Meio, Lajeado, Estrela, Bom Retiro, Mariante, Taquari, General Câmara e Triunfo. Esse foi o caminho percorrido por muitos imigrantes que se dirigiram às terras da Linha Leopoldina e da Pedernera, onde foi criado o loteamento das primeiras propriedades.



Alguns feitos da maçonaria em Passo Fundo

Sérgio André Maffessoni ()*

A maçonaria na cidade de Passo Fundo conta com quatro lojas instaladas, denominadas pela ordem de antiguidade: Loja Concórdia do Sul, Loja Luz do Planalto nº 65, Loja Antonino Xavier e Loja Estrela do Planalto.

A denominação “loja”, é importante esclarecer, teve origem na Idade Média, nas cabanas que os maçons pedreiros construía para suas moradias em torno do sítio em que trabalhavam e que eram chamadas pelos ingleses de “lodges”, significando à época, o lugar para morar ou alojar os pedreiros. Modernamente, para os maçons, o termo loja é mais comumente usado para designar a construção em que eles se reúnem e, ainda, a própria reunião de um grupo de maçons.

A maçonaria na cidade de Passo Fundo teve seu primeiro marco físico há mais de 130 anos. No dia 29 de abril de 1876, sob o nome de Loja Concórdia III, instalou-se na Rua Paissandu, esquina com 10 de abril, antiga travessa do chafariz. Passados 12 anos, em 11 de maio de 1898, sucedendo a Loja Concórdia III, foi instalada a Loja Concórdia do Sul, em atividade até hoje.

Como curiosidade histórica, em 1901 a Loja Concórdia do Sul contava com 47 membros, sendo 38 brasileiros, seis italianos, dois portugueses e um espanhol. O membro mais idoso contava 64 anos e o mais jovem, 23. Exerciam as mais diversas atividades profissionais, sendo: 26 negociantes; seis empregados públicos; três artistas; dois fazendeiros; dois médicos; um advogado; um agrimensor; um alfaiate; um construtor; um criador; um cutidor; um proprietário e um seleiro, designações de como eram conhecidas então.

O primeiro fato muito relevante, deu-se pouco tempo depois da instalação da Loja Concórdia III, em plena Revolução Federalista de 1893. Em 27 de junho de 1894, na localidade de Pulador, ocorreu uma batalha entre as tropas federalistas e republicanas, engajando em luta aproximadamente 6.700 homens, com baixas estimadas em 10%. O número de feridos foi expressivo e, diante disso, segundo os registros da Loja Concórdia III, os maçons decidiram em ato humanitário, socorrer e abrigar no recinto da loja os soldados feridos que pudessem, com a peculiaridade de não discriminarem o lado pelo qual lutaram, fazendo a primeira reunião de inimigos ao lado do campo de batalha.

No ano de 1900, os maçons homenagearam os combatentes erigindo dois monumentos no local do combate, um para cada tropa, gravando o símbolo maçônico nos obeliscos,

(*) Promotor de Justiça aposentado, professor universitário e doutor em Direito.

com uma particularidade: foram gravados invertidos. Um historiador maçônico afirma que a proposital inversão pretendeu simbolizar que os irmãos envolvidos na luta invertiram a filosofia da instituição, colocando a matéria acima do espírito, esquecendo a liberdade, igualdade, fraternidade e humanidade.

Relevância também teve o 17 de setembro de 1903, quando a educação no Brasil era fruto quase que exclusivo da iniciativa de sociedades religiosas. A Loja Concórdia do Sul instalou uma escola noturna na antiga Rua do Comércio, hoje Avenida Brasil, onde atualmente está edificado o Colégio Notre Dame. Essa escola não visava lucro e o intuito era oportunizar a escolarização das pessoas mais desassistidas.

Em 24 de dezembro de 1911, mantendo a postura de tentar ajudar naquilo que a sociedade mais carecia, a mesma loja inaugurou uma biblioteca.

Fieis aos princípios da ordem maçônica, os seus integrantes em Passo Fundo na segunda década do século XX, junto de outros segmentos, decidiram que era hora da cidade ter um hospital e passaram a concentrar esforços nesse sentido. Com denodo e perseverança, apesar das precárias condições financeiras e da dificuldade na coleta de fundos, mesmo sem eles, em 20 de julho de 1914 instituíram o primeiro hospital do município, que levou o nome de Hospital de Caridade, e a partir de 1960, denominado Hospital da Cidade. Diante da triste realidade que foi a epidemia chamada de “gripe espanhola”, também atingindo Passo Fundo, os idealizadores do Hospital de Caridade construíram em regime de urgência um galpão anexo ao prédio do hospital ainda em obras, onde internaram 70 pessoas pobres para o tratamento da enfermidade.

A sociedade que mantém o hospital nunca visou lucros e desde sua fundação teve 14 presidentes, na sua quase totalidade maçons de Passo Fundo.

Por derradeiro, é imperioso mencionar as primeiras tratativas para a implantação do ensino superior no município. De fato, na década de 50 do século XX, maçons estavam envolvidos na discussão sobre a importância de se dispor em Passo Fundo de cursos de ensino superior, só existentes então nas capitais dos Estados e em algumas raras cidades do interior.

Mais uma vez a tarefa parecia ir além das possibilidades fáticas dos idealizadores, no entanto, como se o desafio fosse o combustível para impulsionar as idéias e os desígnios daqueles homens, foi criada a Sociedade Pró-Universidade e, em 1956, instalado o primeiro curso superior da cidade, a Faculdade de Direito, mantida por essa sociedade.

Ainda que talvez não tivessem idealizado tanto, essa iniciativa foi o embrião da Universidade de Passo Fundo, pois dessa ação, em 1967, com a fusão da Sociedade Pró-Universidade com o Consórcio Universitário Católico, criou-se a Fundação Universidade de Passo Fundo, mantenedora da universidade, cuja importância é dispensável referir.

Foram esses alguns feitos que demonstram o quanto foi relevante a maçonaria para o desenvolvimento de Passo Fundo. Deixamos propositalmente de citar nomes, já que a maçonaria não se faz de identidades civis, mas de idéias e de ideais.



Nicolau de Araújo Vergueiro

Osvandré Lech ()*

Os atuais habitantes de Passo Fundo ainda são muito familiarizados com este nome devido à denominação do colégio estadual localizado em frente à Praça Tamandaré, local onde a cidade se originou; ao sofisticado bairro residencial, o “altos da Vergueiro”; à cidade que leva o seu nome, limítrofe à nossa, e à majestosa casa localizada na esquina entre a Avenida Brasil e a Rua Capitão Araújo (ao lado do Colégio Notre Dame) um verdadeiro tesouro arquitetônico do início do século passado, que foi literalmente destruído pela insólita e discutível “contrução civil moderna”.

Nicolau de Araújo Vergueiro nasceu na bucólica Passo Fundo no dia 7 de março de 1882, filho de João Campos Vergueiro e de Carolina Araújo Vergueiro; iniciou os estudos primários com o professor Eduardo de Brito, homenageado mais tarde com seu nome em uma rua da nossa cidade. Aos 11 anos de idade, em 1893, foi para São Leopoldo, onde ingressou no Colégio Nossa Senhora da Conceição; depois, em Porto Alegre, frequentou a Escola Brasileira do professor Inácio Montanha e o colégio particular do professor Emílio Meyer, onde completou o Curso Preparatório. O seu sonho era ser médico.

Ingressou na recém-fundada Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a segunda do país e sede de idéias positivistas, em 1900. Formou-se inicialmente em Farmácia, em 1903, como era uma *praxe*, e em Medicina, em 1905. Doutorou-se com a tese: “*Contribuição ao estudo da anesthesia geral pelo Keleno*”, estudando o uso de cloreto de etila em 106 pacientes. A tese foi aprovada com distinção e publicada em livro.

No ano seguinte, estabeleceu-se com clínica em Passo Fundo, desempenhando as atividades médicas até o final da década de 1940. Foi médico da Assistência Pública de Saúde por mais de 20 anos e idealizador e primeiro presidente da Sociedade Passo-Fundense de Medicina, fundada em 1931, um embrião do associativismo médico, que é tão influente e diversificado em Passo Fundo atualmente. Foi proprietário da Policlínica, anexa ao Hospital de Caridade. Como médico, foi zeloso com os pacientes, mantinha-se atualizado e granjeou grande respeito na comunidade local e arredores.

O dr. Nicolau de Araújo Vergueiro foi um dos políticos mais influentes da história de Passo Fundo em todos os tempos. Em 1908, foi nomeado conselheiro municipal pelo Partido Republicano; no ano seguinte, foi eleito deputado estadual e reeleito para mais cin-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

co sucessivas legislaturas, foi intendente municipal, em 1920 e 1928. Em 1928, foi eleito presidente da Assembleia dos Representantes do Estado; em 1929, em pleito memorável, foi eleito deputado federal, pelo Rio Grande do Sul, com reeleição, em 1935 e 1945. Na Câmara Federal, fez parte, com inequívoco brilhantismo da Comissão de Saúde Pública. Nesse período publicou o trabalho *Exame médico pré-nupcial Obrigatório*, que virou projeto de lei, apresentado à Câmara Federal, quando deputado. Destinou verbas públicas significativas para hospitais de Passo Fundo e região; trabalhou com afinco na construção de estradas e no ensino público; foi sócio benemérito do Hospital Previdência, de Marau e do Hospital São José, de Sertão; delegado estadual de Higiene, cargo que corresponde hoje à Secretaria da Saúde; sócio benemérito do Clube Pinheiro Machado, local altamente politizado e que reunia a intelectualidade da cidade, hoje Academia Passo-Fundense de Letras; presidente da Liga Passo-Fundense de Futebol e presidente de honra do Sport Club Gaúcho, a quem cedeu um campo de futebol, por mais de uma década. Foi presidente do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e do Partido Social Democrático (PSD), do qual foi um dos fundadores no Rio Grande do Sul; participou da Revolução Libertadora de 1923 e 1924, da Revolução de 1930 e, durante a Revolução Constitucionalista, esteve exilado na Argentina durante os anos de 1933 e 1934. Participou como deputado Constituinte em 1945, ajudando na elaboração da Carta Magna promulgada em 1946. Nessa legislatura, integrou a Comissão Permanente de Transportes e Comunicações da Câmara dos Deputados. Disputou reeleição em outubro de 1950, onde obteve apenas a suplência, mas assumiu no final da legislatura. Encerrou sua carreira política em 1951.

Teve influência decisiva para a construção da Escola Complementar, que hoje leva seu nome – Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro –, local onde sucessivas gerações obtiveram de forma gratuita o seu ensino. Valorizo hoje cada minuto dos sete anos que estudei no CENAV concluindo o ginásio e o científico. O espírito do velho Nicolau devia andar por lá.

O dr. Nicolau de Araújo Vergueiro faleceu no dia 16 de março de 1956 em Passo Fundo e deixou um legado de médico que melhorou a vida das pessoas da comunidade, ética na política, amor à terra natal e cidadania.



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO - ARQUIVO FOTO SOUZA

Nicolau de Araújo Vergueiro.

Prestes Guimarães, 1º presidente da província

Mariluci Melo Ferreira ()*

No dia 13 de junho de 1837, em Passo Fundo (4º distrito de Cruz Alta), nasceu Antônio Ferreira Prestes Guimarães, o sétimo filho do fazendeiro José Prestes Guimarães e Maria do Nascimento Neves. Integrante da elite política local, José Prestes ocupou uma das cadeiras da Câmara Municipal de Vereadores, entre os anos de 1860 e 1864, pelo Partido Liberal. No mesmo período, Prestes Guimarães foi nomeado comandante da Guarda Nacional.

O Partido Liberal era hegemônico na província nas últimas décadas da Monarquia. Sendo um liberal convicto, Prestes reunia as características necessárias para ocupar cargos públicos no âmbito local. Por todo o período imperial, as funções de delegado, subdelegados, chefes de política e juízes de paz eram ocupados por fazendeiros que também exerciam cargos de oficiais da Guarda Nacional (a qual, de inspiração francesa, foi instituída no Brasil no período regencial. O maior objetivo da Guarda era repelir as revoltas regionais que pipocavam no país), porém os titulados da Guarda Nacional não eram remunerados; tinham de prover o fardamento, a munição, o armamento além dos víveres para suas tropas particulares com recursos próprios; por outro lado, a guarda garantia aos senhores o controle da população nas localidades. Por isso, os postos da guarda eram bastante aspirados no âmbito local e provincial.

Em 1865, Prestes Guimarães assumiu o cargo de suplente de delegado de polícia. Convém aqui lembrar que a oficialidade da Guarda Nacional, os cargos públicos de delegado, subdelegado, juiz de paz e vereador não eram remunerados, mas simbolizavam *status* e poder ao seu detentor.

Em 1881 Prestes Guimarães foi eleito vereador respondendo também como presidente do Legislativo local, cargo que correspondia ao atual prefeito municipal. Permaneceu nesta função até 1886; entre 1877 a 1882 e 1885 a 1889, também foi deputado provincial. Na tribuna da Câmara Municipal e da Assembléia Legislativa, o liberal passofundense defendeu o abolicionismo e o ensino público, que, na sua visão, deveria ser ministrado por mulheres, ao menos a instrução primária.

Em seus discursos na Assembléia, Prestes Guimarães sempre combateu o posicionamento dos conservadores (que depois fundariam o Partido Republicano). Em 5 de abril

(*) Mestre em História e coordenadora pedagógica de História na Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo.



FOTO: ARQUIVO APL

General Antônio Ferreira Prestes Guimarães, comandante do Exército Libertador Serrano.

de 1888, na sala das sessões, em discurso dirigido ao então presidente da província, cel. Joaquim Pedro Salgado, Prestes Guimarães foi pontual: “é uma infelicidade pública que o partido conservador, em vez de sustentar-se dentro da esfera da moderação e praticar a justiça em todas as localidades da nossa querida província, durante o seu nefasto domínio só tenha promovido a desordem, fomentando a exaltação dos ânimos e praticando crimes e iniquidades de toda a sorte!”

As eleições de 1889 garantiram a presidência da província ao liberal Gaspar Silveira Martins. Já na presidência, Silveira Martins nomeou Prestes Guimarães para um de seus vice-presidentes. Entre 25 de junho e 8 de julho, o passo-fundense assumiu interinamente a presidência da província. Líder gasparista convicto, Prestes foi o primeiro serrano a assumir este cargo e, no plano das idéias,

sempre combateu os republicanos.

Durante os treze dias do seu governo, o jornal republicano *A Federação* publicava versos anônimos zombando da postura ideológica de Prestes Guimarães. A autoria dos versos satíricos intitulados “Triolets d’ocasião” era atribuída ao republicano Ramiro Barcellos. Eram composições do tipo: “Major meu, do Passo Fundo / Acho arriscado o teu passo; / Não é pra qualquer do mundo / Ser delegado do paço / Precisa ter algum fundo / Quem toma régua e compasso, / Major meu do Passo Fundo / *Acho arriscado o teu passo.*”

Pode-se perceber no verso, o tom de deboche de que o autor lançou mão. É possível também deduzir que tenham sido publicados como uma espécie de revanche aos ataques feitos por Prestes Guimarães aos conservadores na forma de discursos, enquanto deputado provincial e vice-presidente da província. Os versos foram escritos por um republicano ressentido, o que nos revela como os ânimos estavam alterados na esfera político-partidária nos últimos tempos da monarquia.

Inaugurada a fase republicana, em 1889, Prestes Guimarães continuou na ativa em termos de política rio-grandense. Em abril de 1891 candidatou-se a uma cadeira da Assembleia Constituinte pela União Nacional, opositora do Partido Republicano Rio-Grandense, de Júlio de Castilhos. Os constituintes escolhidos, todos republicanos, ao assinarem a Constituição Estadual, elegeram Júlio de Castilhos para governar o Estado. Logo que assumiu a administração, Castilhos nomeou para intendentess municipais correligionários seus, ou seja, apenas gaúchos filiados ao PRR.

Echo da Verdade – a imprensa nasce em Passo Fundo

Rogério Moraes Sikora (*)

Compreender o contexto histórico em que veículos de comunicação nascem em momentos específicos da trajetória de uma cidade, estado ou nação é fundamental para se resgatar a memória histórica destas localidades e levantar o papel da mídia na sociedade.

Importantes periódicos surgiram no país em períodos históricos marcantes no decorrer do processo político, econômico, cultural e social do Brasil. O jornal é um documento histórico. Além de contar a história da sociedade em suas páginas, conta sua própria história.

A tentativa de desenhar a trajetória da imprensa em Passo Fundo nos leva a uns dos períodos politicamente mais marcantes da formação do Estado. A segunda metade de século XIX que viu gaúchos levantarem armas contra o Império foi, também, palco para o surgimento do primeiro jornal impresso e redigido na Vila Passo Fundo, o *Echo da Verdade*, fundado em 1890, por iniciativa de Manoel Francisco de Oliveira. Tratava-se de um órgão do Partido Republicano, consolidando as idéias defendidas pela administração política do município em vigor. Era uma folha semanal, publicada aos domingos. A sede do jornal era na Rua Paissandu, esquina com a XV de Novembro, ala norte. O *Echo da Verdade* era editado e redigido pelo advogado Gervásio Lucas Annes, sendo Teodolino Vilanova, o caixista e impressor, o qual fundou a primeira tipografia do município; Manoel Francisco de Oliveira, o gerente. Eram colaboradores, também, Antônio José Pereira Bastos, cujo pseudônimo era Avelar Bastos; Gezerino Lucas Annes, Saturnino Victor de Almeida Pilar, Antônio Manoel de Araújo, Cândido Lopes de Oliveira, Gasparino Lucas Annes e Gabriel Bastos.

Na época de sua fundação, as notícias chegavam até aqui com grande atraso, através de jornais da capital ou de Cruz Alta. Contudo, sua circulação durou apenas dois anos, sendo substituído por outro impresso, o *17 de Julho*, também republicano, que teve curta vida, sendo paralisado e extinto em 1983, em consequência da revolução federalista que seguiu-se.

Em tempos de embates ideológicos fervorosos, o jornal *Echo da Verdade* nasceu em terras passo-fundenses com uma marca (o que caracterizava todos os órgãos de imprensa da época, que o definiria por inúmeras décadas), de ser considerado doutrinário, des-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

preocupado com imparcialidade, e de ser, eminentemente, a voz impressa dos embates político-partidários.

O jornal *Echo da Verdade* teve grande importância, porquanto foi o nascedouro do jornalismo passo-fundense. Cabe destacar que, apesar da evolução da imprensa e do jornalismo, certos princípios fundamentais conservam toda a sua importância. Hoje, a imprensa e o jornalismo guardam profundo respeito ao direito universal à liberdade de expressão. Há um apelo da sociedade para que todos reafirmem o seu compromisso em relação ao direito de procurar obter, receber e difundir, sem limitações de fronteiras, informações e idéias através de qualquer meio de expressão, consagrado no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A liberdade de imprensa é um bem da sociedade, antes mesmo de ser um direito de profissionais e de empresas ligadas a essa atividade e por sua própria natureza, exige mobilização constante, vigilância permanente e firme posicionamento diante de fatos que representam ameaça ou que efetivamente a atinjam.

A defesa da liberdade de imprensa certamente contribui para o fortalecimento das instituições democráticas no país. Esse é um trabalho incessante em favor da sociedade, sobretudo, que por ter direito constitucional à informação deve defender a imprensa livre e combater a impunidade dos crimes praticados contra profissionais e veículos de comunicação no Brasil.



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO CZAMANSKI

Prédio antigo, onde funcionava o Jornal *Echo da Verdade*, em Passo Fundo.

Revolução Federalista em Passo Fundo

Paulo Monteiro (*)

Passo Fundo é politicamente dividida desde o início. Manuel José das Neves, o primeiro morador, e Joaquim Fagundes dos Reis, a primeira autoridade, sempre estiveram em campos opostos. Durante o Segundo Império, dois partidos, o Liberal e o Conservador, polarizaram entre si a política rio-grandense. Os liberais dominaram a maior parte do tempo, sem deixar qualquer espaço aos vencidos.

Os conservadores cruz-altenses mandaram comandar a oposição passo-fundense, o rábula Gervasio Luccas Annes. Esse enfrentou o liberal Antônio Ferreira Prestes Guimarães. Em 23 de fevereiro de 1882, foi fundado o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), que quase nula influência exerceu em Passo Fundo, até que, pouco antes da proclamação da república, acabou engrossado pelos conservadores.

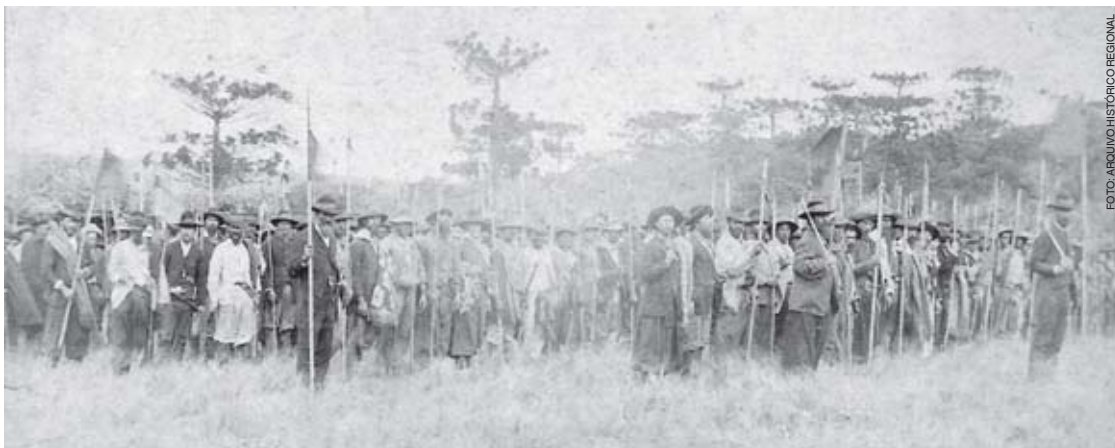
Uma vez no poder, os cristãos-novos do republicanismo, estimulados pelas idéias mal-digeridas do positivismo, preconizando a *ditadura científica*, foram à desforra contra os velhos adversários. Amplificaram a violência que perpassava a vida política passo-fundense. Já em novembro de 1891, à frente de caudilhos serranos, Prestes Guimarães ocupou militarmente a cidade, pondo em fuga os republicanos. Pouco depois, definida a Fronteira como centro da revolução que se avizinhava, o líder serrano imigrou para o Uruguai, com alguns companheiros de confiança. Antes organizou o movimento no interior paranaense.

Nos primeiros dias de fevereiro de 1893, Antônio Ferreira Prestes Guimarães foi um dos comandantes da invasão federalista. Participou de diversos combates na Fronteira, vencendo o Combate da Jararaca, em que foi aprisionado Santos Filho. Enquanto isso, os caudilhos Elisário Ferreira Prestes, Amâncio d'Oliveira Cardoso, Verissimo Ignacio da Veiga, Pedro Bueno de Quadros, José Antônio de Souza e José Borges Vieira, mantinham acessa a chama revolucionária em Passo Fundo.

Essa chama brilharia no dia 4 de junho de 1893, no Combate do Boqueirão. Após ocuparem a cidade, os maragatos enfrentaram uma força combinada de pica-paus de Passo Fundo e Cruz Alta, sendo derrotados. Tiveram 25 mortos em ação, seis na retirada e grande número de feridos. Os legalistas contaram seis mortos e três feridos.

Depois que Gomercindo Saraiva passou rumo ao Paraná, em setembro, vários combates ocorreram. Em 20 de novembro, no Combate do Arroio Teixeira ou do Guamirim, armados com lanças e cacetes, derrotaram uma força oficial, matando 34 republicanos. Exatamente um mês depois, no Combate do Passo do Cruz, em dois combates, um pela

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Lanceiros republicanos às margens do rio Passo Fundo, em novembro de 1891.

manhã e outro à tarde, mataram mais de 25 pica-paus, entre eles o capitão Eleutério de Carvalho, comandante da Brigada Militar, e Francisco Brizola, da Guarda Republicana.

Um dos combates mais renhidos, o do Umbu, ocorreu em 16 de janeiro de 1894, quando uma força vinda de Cruz Alta, comandada pelos intendentes Gervazio Annes e José Gabriel da Silva Lima foi desbaratada pelos maragatos. Gervazio fugiu ferido. Ficaram mais de 200 republicanos mortos, 42 prisioneiros que teriam sido degolados, e grande butim, contra cinco maragatos mortos e 17 feridos.

A derrota provocou a vinda da Brigada Santos Filho, com mais de 1.500 homens. Atraídos para os Valinhos, em 8 de fevereiro, os maragatos foram derrotados. Entre o local do combate e o fim da perseguição no Rio Carreteiro, tiveram 150 mortos. Os 120 feridos em combate foram executados ao som de banda marcial, enquanto os vencedores contabilizaram 35 mortos e 15 feridos. Já sob o comando pessoal de Prestes Guimarães, os maragatos deram o troco no Combate dos Três Passos (6 de junho de 1894). Derrotaram a temida Divisão do Norte matando 150 legalistas e ferindo um número incalculável, contabilizando 13 mortos e 17 feridos entre os seus. Vingaram Valinhos, degolando e despindo até os brigadianos mortos.

Unindo-se ao esfarrapado exército de Gomercindo Saraiva, que regressava do Paraná, os maragatos passo-fundenses participaram da Batalha do Pulador, em 27 de junho de 1894. A cavalaria serrana travou combate com a vanguarda republicana, às primeiras horas da manhã, mas foi impedida de operar com eficiência durante a Batalha, pela posição escolhida pelos legalistas. A batalha, durou das 6 às 16 horas e o coronel maragato Verissimo Ignacio da Veiga, que permaneceu no local contou 1.014 mortos. O número de feridos foi superior a mil.

Depois da Batalha do Pulador ocorreram combates menores nas serras. A perseguição e a matança de maragatos continuou durante anos.

Segundo cálculos do historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, contemporâneo dos acontecimentos, a revolução causou mais de 3 mil vítimas em Passo Fundo e arrasou a economia do município.

Igreja Matriz da Conceição

Pablo Morenno ()*

Discreta entre as folhas dos plátanos da Praça Tamandaré, a Igreja Matriz da Conceição, conserva-se como a mais antiga das igrejas do norte do Rio Grande do Sul. No princípio, a Conceição e o que hoje se conhece como Catedral Nossa Senhora Aparecida, eram uma só. Aliás, a imagem que pescadores encontraram num rio em São Paulo era de Nossa Senhora da Conceição, que passou a ser chamada por devotos de “A Nossa Senhora da Conceição Aparecida”. Foi para uma capela com este nome, a pedido de Joaquim Fagundes dos Reis, que o capitão Manoel José das Neves doou, dentre as terras que recebeu do Império, em 1827, uma área na parte mais alta da povoação Passo Fundo.

A Matriz da Conceição e a Igreja Nossa Senhora Aparecida passaram a ser duas, quando, em 17 de dezembro de 1891, o bispo do Rio Grande do Sul, dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, visitou a Paróquia de Passo Fundo, uma igreja em péssimas condições, onde hoje se situa a Catedral, aquela nas terras de Neves. Como a igreja estava de mal a pior, o bispo foi recebido no Clube Amor à Instrução. Nesse encontro, o povo do lugar manifestou o desejo de construir uma nova igreja e nomear como sua padroeira Nossa Senhora da Conceição.

Um ano após a visita do bispo, a pequena cidade se mobilizara, e, com o intuito de se recolher donativos, foi aberto o “Livro pró-construção da nova igreja matriz”. Com a ajuda de Ramon Ricco, que doou o terreno para o novo templo, a pedra fundamental da atual Igreja Nossa Senhora da Conceição foi lançada em 1º de janeiro de 1893, ano da Revolução Federalista, em um novo local, hoje próximo à Praça Tamandaré, uma vez que a cidade se desenvolvia mais para aqueles lados. Era pároco da cidade, na época, o padre José Ferreira Guedes, porém, com a revolução, as obras precisaram ser interrompidas.

O antigo terreno, aquele doado por Manoel das Neves, foi abandonado até 1930, quando o arcebispo dom João Becker visitou a cidade e começou-se pensar em instalar o bispado de Passo Fundo e erigir uma catedral.

Segundo a professora Delma Rosendo Gehm, não há registro da inauguração da nova igreja. “Deve ter sido entre 1907 e 1908”, relata, mas não há certeza. A dedução da professora se baseia na primeira ata de visita pastoral datada de 09 de fevereiro de 1908, na qual há uma referência “ao adiantamento das obras da construção da nova matriz e que em breve o povo de Passo Fundo seria datado de um tempo à altura de seus sentimentos religiosos”.

Embora com vistas para os plátanos da Praça Tamandaré, a Matriz da Conceição veio antes deles. As belas árvores, símbolo da medicina – merecidamente em local adequado

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



FOTO RAFAEL CZAMANSKI

Vista frontal da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, 2007.

uma vez que próximas a um dos maiores centros médicos do Estado – surgiram aproximadamente em 1926. A praça, com certeza a mais bela da cidade, foi inaugurada pelo intendente Pedro Lopes de Oliveira, em 1913. Os plátanos, acredita-se, foram plantados após o calçamento em forma de mosaico, em 1926.

Atualmente, graças a uma associação de amigos, a praça, além de ser a mais bela da cidade, é um dos principais pontos de encontro de amigos, e local de diversão para crianças. A “Associação dos Amigos da Praça Tamandaré” a mantém bela, florida e, à noite, iluminada.

Com certeza, a Matriz da Conceição e os plátanos da Praça Tamandaré formam uma única paisagem de esperança e vida. Das muitas vezes que estive na praça observei o movimento, de familiares de enfermos – aqueles que buscam o conforto da medicina no hospital ou nas dezenas de consultórios ao redor – sentarem-se um pouco nos bancos da praça e, logo após, adentrarem à capela para uma oração.

A Igreja Matriz da Conceição não é apenas a mais antiga das igrejas do norte do Estado. Os plátanos não são apenas árvores que desfolham no outono e rebrotam na primavera. Ambos sabem muitos segredos dos 150 anos da cidade. Com certeza, entre as confidências trocadas pelos dois, muitas esperanças brotam e rebrotam.

Batalha do Pulador

Jabs Paim Bandeira ()*

A Revolução Federalista de 1893, no Rio Grande do Sul, com sua violência nas lutas entre as facções, ainda é talvez o maior símbolo da força bruta na região do Prata no século XIX. Impressiona o alto número de mortos em combates, 10 a 12 mil, na época com população de um milhão de habitantes. O estigma dessa guerra civil produziu uma farta literatura que exhibe as marcas da guerra cruenta: as degolas, coletivas ou individuais, de soldados republicanos (*pica-paus*) e de federalistas (*maragatos*).

Foi sem dúvida a guerra civil, com duração de 31 meses, mais sanguinolenta da história do Brasil. O resquício do ódio desempenhou seu papel na política rio-grandense quase até o fim da República Velha. Uma das maiores tragédias é que famílias muitas vezes ficaram divididas: pai contra filho, irmão contra irmão. O ódio era tanto que impregnou e se perpetuou por anos, armazenando esse sentimento vivo de rancor em ambas facções, como demonstra a história. O fato mais marcante é de Francisco Manso de Paiva, oriundo do Rio Grande do Sul, depois de passados 10 anos de finda a revolução, em 8 de setembro de 1915, no Rio de Janeiro, capital federal, matou o mais importante senador da república, o gaúcho general Pinheiro Machado que chefiou as forças do norte, esperando-o na saída do Senado e, quando estava entrando no saguão do Hotel dos Estrangeiros o apunhalou mortalmente, fazendo persistir a dúvida: se matou a mando ou para se vingar de algum parente morto na revolução.

O distrito de Pulador, no município de Passo Fundo, foi palco da maior batalha desta revolução, a do Pulador, também a maior do Brasil. Muito pouco divulgada pelos historiadores, não obstante a grandiosidade e a importância desse evento nesse movimento. A Batalha do Pulador aconteceu a 27 de junho de 1894, não apenas chamando a atenção pelo grande número de feridos e mais de mil homens mortos, mas também pela estratégia desenvolvida por seus comandantes, sendo a última importante e definitiva para o final da revolução.

Deve-se informar que Gomercindo, chegando a Passo Fundo, (na véspera da batalha), com pouco mais de 1.200 combatentes, maltrapilhos, famintos, sem arma e sem cavalo, acoçados por Arthur Oscar e Pinheiro Machado, comandantes da divisão do norte, foram recebidos por Prestes Guimarães, que os socorreu com cavalos, roupas e alimentação, incorporando àquela força mais 1.500 homens. Nesse dia, o exército maragato, desfilou desde o túmulo de Fagundes dos Reis, vindo pela Avenida Brasil, atravessando a cidade, ao som de sua banda de música, pernoitando em São Miguel, junto ao Rio Pinheiro Torto. Fazia uma noite gélida e como não puderam acender fogueiras, morreram mais de 12 soldados de frio. Ao amanhecer do dia seguinte, reunindo perto de três mil homens,

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

iniciaram o combate do Pulador, enfrentando os pica-paus, comandados pelo gen. Lima, com quatro mil homens que organizou suas forças em três quadrados, cada qual com mais de mil combatentes, numa luta que durou oito horas, após terminar as munições dos federalistas, retiraram-se, permanecendo as forças governistas em seu próprio campo, não perseguindo os maragatos.

Nessa batalha foram exploradas pelos republicanos as geografias do terreno, a fim de dificultar e diminuir a eficácia da maior arma que dispunham os federalistas, a sua cavalaria, quase imbatível, que não pôde evoluir em razão do banhado e da ponta de mato, disposta num aclave, tornando-se barreira intransponível e as posições dos pica-paus quase inexpugnáveis, pois os cavalos se atolavam nos banhados, obrigando os gaúchos pelejarem a pé, munidos de lanças e armas de fogo, já à mingua de munição.

O mais interessante de todos os aspectos humanos desta revolução diz respeito à fidelidade canina que os soldados e oficiais tinham por seus comandantes, especialmente, a dedicação que devotavam ao gen. Gomercindo, um messias a seus subordinados. Como explicar um exército famélico, com falta de cavalos, provisões, material bélico, continuar de pé, inabaláveis em suas convicções, sem deserções, vezes sem roupas, semicongelados em pleno inverno, ou ainda, sem um prato de comida, alimentando-se de milho seco, ou mesmo pinhão, quando encontravam. Isso tudo sem contar as travessias dos rios, quando pereciam homens e cavalos, permanecendo intacta a fé. Qual a força telúrica desse homem condutor de almas e de soldados por cujos desígnios sacrossantos era odiado por uns, temidos por outros, amado por muitos e obedecido por milhares? É o que a história vem se perguntando há mais de um século. Seguramente, não é para ser respondida, mas sim sentida pelo espírito daqueles que foram heróis da disciplina e da fidelidade a si, a sua causa e a seus comandantes. Eles não lutavam por dinheiro, não era a soldo de ninguém, a sua paga, a sua recompensa, a moeda recebida era em defesa de sua própria dignidade.

Nessa batalha, no meu sentir, não houve vencidos, nem vencedores, mas sim magnitude, grandeza de alma, virtudes e heroísmo, regado com o sangue dos justos que tingiram os campos, santificando cada pedaço das terras do Pulador.

Depois de se retirarem, os maragatos rumaram para Soledade, enquanto os governistas foram para Cruz Alta. Destaque para maragatos de Passo Fundo das famílias Loureiro, Schell e Guimarães, e destaque governista para a família Annes, cujo patriarca foi Gervásio Lucas Annes.



Em 2007 ocorreu a terceira encenação da Batalha do Pulador pelos Cavaleiros do Mercosul, gaúchos da região e Brigada Militar.

A primeira santa popular passo-fundense

Paulo Monteiro (*)

A Revolução Federalista foi um dos períodos mais violentos e traumáticos da história do Rio Grande do Sul, de maneira geral, e de Passo Fundo, em particular. Joaquim Thomaz dos Santos e Silva Filho, quando entrou na cidade, ao entardecer de 8 de fevereiro de 1894, após o Combate dos Valinhos, encontrou uma cidade arrasada, com as casas comerciais arrombadas e cadáveres pelas ruas. Segundo o historiador Antonino Xavier e Oliveira, que participou daquela revolução ao lado das forças republicanas, o saldo foi devastador: mais de três mil vítimas, no município, e a economia aniquilada.

Como sempre, quem mais sofreu foram as mulheres, os velhos e as crianças, em especial, os mais pobres. Talvez porque as mulheres sejam contadas entre as maiores vítimas é que uma destas, Maria Meirelles Trindade, conhecida como “Maria Pequena”, tenha se transformado na primeira santa popular passo-fundense.

Até hoje, apenas um pesquisador, Gomercindo dos Reis, que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo, ao Grêmio Passo-Fundense de Letras, depois academia Passo-Fundense de Letras, pesquisou sobre a vida, a morte e os milagres de Maria Trindade.

Gomercindo dos Reis, dirigente do Partido Libertador (PL), herdeiro dos princípios parlamentaristas preconizado pelo Partido Federalista, de Gaspar da Silveira Martins, era um profundo conhecedor da literatura sobre a Revolução Federalista. Para reconstituir a biografia de Maria Pequena, ouviu pessoas que a conheceram e que lhe prestaram informações sobre as causas e circunstâncias de sua morte.

Tinha verdadeira fixação em descobrir as causas e as circunstâncias de duas vítimas civis da degola durante a Revolução Federalista, em Passo Fundo: Maria Meirelles Trindade e o padre Manoel Thomaz de Souza Ramos. O pesquisador conseguiu localizar a filha, a neta e o bisneto de padre Ramos, no Paraná. Pouco escreveu sobre o caso. Sobre Maria Pequena deixou, principiado e inédito, o romance *A tragédia da cruzinha*. A obra de Gomercindo dos Reis é a única fonte fidedigna sobre a primeira santa popular passo-fundense. Até prova em contrário, qualquer outra informação que não se baseie no poeta de *Jardim de urtigas* é pura e simples invencionice.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

No dia 28 de novembro de 1894, um piquete de cavalaria maragatos procurou pelo marido de Maria Pequena, que integrava as forças pica-paus, na casa da família. Não encontrando ninguém, ficaram sabendo que Maria estava lavando roupas no Arroio Raquel, entre a atual Rua Mato Grosso e a Rua 1º de Maio, na Vila Carmem.

O militar republicano, junto com o filho adolescente, havia procurado abrigo na casa de amigos na Coxilha dos Valinhos, esperando a melhor oportunidade para proteger-se num local mais seguro.

Maria Trindade foi dominada, e exigiam que confessasse onde se encontrava o marido. Afirmou que não o sabia. Recebeu uma punhalada para que confessasse. Continuou negando. Foi apunhalada mais uma vez. As negativas continuaram. Deram-lhe uma terceira punhalada. As negativas continuaram.

É possível que, nesse instante, a visão do esposo e do filho sendo degolados tenha passado pelos seus olhos. Parecia um pesadelo. Os algozes seguraram os seus cabelos lisos, que foram puxados para trás, deixando a garganta exposta. E a filha da índia Marcelina Coema sentiu a veloz ardência de uma faca, aparando as jugulares. Correu alguns metros e caiu de bruços - pois assim acontecia com todas as vítimas desse bárbaro martírio.

Os carrascos partiram. O corpo de Maria ficou, no gramado que margeava o Arroio Raquel. Mais um testemunho mudo da “revolução da degola”. Generosas mãos ali sepultaram a mulher que morreu para proteger o marido e o filho.

Numa época em que a mortalidade infantil era muito elevada, aos poucos, ao lado da sepultura da degolada, que dera sua vida, também pela do filho, foram sendo sepultados “anjinhos”, como eram chamadas as crianças falecidas antes dos sete anos.

E Maria adquiriu fama de santa. Passaram a atribuir-lhe milagres, a acenderem velas e a oferecerem flores em sua homenagem.

Na década de 1950 a cidade expandiu-se para além do Arroio Raquel. O Cemitério da Cruzinha, como era conhecido, foi extinto e as ossadas transferidas para o Cemitério Municipal da Vera Cruz. A imprensa da época registrou que os ossos de Maria Meirelles Trindade foram guardados na catedral de Passo Fundo, à espera de que construíssem um mausoléu, no Cemitério da Vera Cruz. O mausoléu não saiu e as relíquias da “santinha” desapareceram.

A professora Tânia Maria Trindade de Mello, bisneta de Maria Pequena, procurou durante anos descobrir o fim dado às relíquias de sua bisavó, sem sucesso. Nem mesmo a Mitra Diocesana sabe o que aconteceu com seus ossos. Os pesquisadores Heleno Damian e Marco Antônio Damian obtiveram do ex-padre Jacó Stein a informação de que os ossos de Maria Pequena foram depositados sob o antigo altar-mor da catedral de Passo Fundo, quando Jacó Stein era pároco daquele templo.



Imigração italiana em Passo Fundo

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca ()*

Os italianos começaram a estabelecer-se em Passo Fundo a partir da chegada de Luigi Ricci, oleiro e construtor. Fundou seu estabelecimento à margem esquerda do Rio Santo Antônio, e construiu uma olaria nos idos de 1896, onde hoje fica a residência de Ignês Bernardon, Rua Camilo Ribeiro, nº 1523. Ao mesmo tempo, Francisco Formighieri, vindo de Caxias do Sul, estabeleceu-se na margem oposta com um moinho de trigo, milho e soque de erva-mate.

A casa dos Formighieri ainda está lá e descendentes dos moradores da Vila Victório Vêneto, hoje na pessoa do empresário Eloi Tascheto, mantêm a casa de sólida construção. O nome da vila, dado pelos dois primeiros que ali se estabeleceram, é em homenagem à ilustre compatriota. Cidade próxima a Florença leva o mesmo nome, bem como bairro e avenida em Florença.

Na época, pelo passo do Rio Santo Antônio fluía todo o tráfego para o Passo do Cruz, Mato Castelhana e Lagoa Vermelha. O local tornou-se pouso dos carroceiros e dos tropeiros de mula. Por ali, os tropeiros demandavam ao Passo do Pontão, no Rio Pelotas; as prósperas colônias da região do Mato Castelhana traziam seus produtos para comerciar em Passo Fundo, e aqui se abasteciam de suas necessidades. A estrada para as ricas colônias de Marau, Casca e Guaporé foi por onde chegavam os produtos dessa região.

Tendo como referência as duas indústrias pioneiras, os italianos foram se fixando com estabelecimentos comerciais de um lado e outro dessa segunda via. E aí, estabeleceram-se os Rosseto, os Giavarina, os Patussi, os Reolon, os Pavan, os Lazareti, os Escortegagna, os Verardi, os Bilibio, os Ricci, com diferentes empreendimentos comerciais e industriais.

A via passou a se denominar Avenida Progresso, depois Mauá e hoje Presidente Vargas. Os nomes mudaram, mas as características não. Até hoje, nos pontos extremos estão os Rosseto e os Ricci. Toda esta parte de Passo Fundo é habitada predominantemente por descendentes de famílias italianas. De um lado e outro da Avenida Presidente Vargas, raramente há uma casa exclusivamente de moradia.

As famílias Formighieri e Ricci eram muito religiosas, e como a Igreja N. S. da Conceição ficasse distante construíram um capitel. Em 1915, erigiram uma capela dedicada a Santo Antônio de Pádua. A estátua, de um metro de altura, foi trazida de Portugal.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Francisco Formigheri, aqui não encontrando ensino para o preparo de seus filhos, mandou-os de volta para Caxias, onde Celeste tirou o curso de moinheiro; Eurico, de carpinteiro e Guilherme, de ferreiro. Celeste casou-se com Erina Serena e herdou o moinho. Este casal teve uma vida de destaque na formação de todos os moradores que aqui se estabeleceram. Com visão voltada para a educação das crianças, contratou a professora Antonina Andrade Fragoso. A criançada não sabia falar o português. Dona Celeste hospedou a professora. Fato que merece nota neste Rio Grande de forte colonização italiana: diante da energia inflexível da professora Antonina a criançada aprendeu a falar a língua brasileira sem sotaque. Dona Erina foi mãe de leite de muitas crianças.

Luigi Ricci logo ganhou dinheiro e construiu um galpão à margem da estrada que liga Passo Fundo a Marau e para ali se mudou com a família, onde está o Edifício Sérgio Ricci.

Após o estabelecimento destas duas famílias, os Verardi, do Passo do Cruz, os Pavan, da Itália, os Serena, os judeus Kwitko com sortida bodega, os Bilibio, com um hotelzinho com janelinhas pequenas, os Reolon, com uma casa de pasto onde hoje é a Brigada Militar, os Lazareti e os Rosseto até hoje no ramo de ferragens, os Patussi, os Giavarina e muitos outros.

Em 1926, chegou Inocêncio Scortegagna, com os filhos Domingos, Casemiro, Gioconda, Iria e Ernesto. Em Passo Fundo, o casal teve mais quatro filhos: Arlindo, Armando Antônio, Alberto e Osmar. A família Scortegagna se estabeleceu com a indústria de carne suína. Tornou-se exportadora de banha para São Paulo e de couro para Guaporé. Outros italianos como os De Césaró, os Lângaro e os Floriani estabeleceram-se onde hoje é o centro da cidade.

Giovani De Césaró foi personalidade marcante da época. Primeiro arquiteto e artífice, destacou-se pela grandiosidade das obras por ele criadas e ainda não superadas: Quartel do Exército, colégios Notre Dame e Protásio Alves, Clube Comercial, Clube Caixeiral e o prédio onde hoje está o Banco Itaú. O Clube Comercial foi o mais completo clube arquitetado e construído em Passo Fundo. Mais tarde, Dino Cãniva, vindo da Itália, montou seu consultório médico na cidade, exercendo a medicina até 1939.

Veio a Segunda Guerra Mundial. A Vila Victório Vêneto foi isolada pelos moradores de Passo Fundo. Os italianos, já brasileiros, foram proibidos de se comunicar na língua materna. Abrasileiraram os nomes para João, Luiz etc. Os homens de machado ao ombro chegaram, derrubaram a mata ciliar, assorearam o Rio Santo Antônio, a roda do moinho parou de funcionar e por falta da energia hidráulica, a olaria fechou. Forçados pelas circunstâncias, os moradores se dedicaram ao comércio.

Em consequência da guerra, a comunidade passo-fundense voltou-se contra os italianos e começou a atirar pedras na residência do dr. Cãniva; os clientes o abandonaram.

Apagou-se o nome de Victório Vêneto até da memória das novas gerações. A via da vila recebeu o nome de Avenida Progresso.



Transporte ferroviário em Passo Fundo

Adelar Heinsfeld (*)

Quando em 8 de fevereiro de 1898, a população passo-fundense ouviu o apito da maria-fumaça sabia que novos tempos estavam iniciando. A partir daquela data, o trem ligava Passo Fundo ao restante do Estado. Mas essa história começou em 1872, quando o engenheiro J. Ewbank da Câmara elaborou um projeto, embrião da malha ferroviária que cortaria o território rio-grandense. Em seu bojo havia preocupações estratégicas, políticas e econômicas e deveria ser um prolongamento da rede ferroviária nacional, proporcionando segurança às áreas de fronteiras. Nesse plano estavam previstas três grandes linhas, uma delas a Santa Maria-Passo Fundo. Já na República, a Constituição positivista rio-grandense, de 1891, previa um planejamento estratégico dirigido pelo Estado, possibilitando o domínio e construção do espaço gaúcho. Assim, desenvolve-se a concepção de um modelo viário e de colonização baseada na pequena propriedade, com sua produção tendo transporte assegurado, garantindo o progresso. Em novembro de 1889, o governo imperial decidiu construir a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, sob a responsabilidade do engenheiro João Teixeira Soares. Esta ferrovia colocava o Estado em contato com o restante do país. Quando foi decidida a sua construção, tinha vários objetivos: integrar o Sul ao Centro do país, servir como elemento de defesa tendo em vista a Argentina e promover a colonização de várias partes do território da região Sul.

O trecho Santa Maria-Marcelino Ramos foi construído, após diversas negociações, pelas empresas de capital belga, *Compagnie de Chemins de fer Sud-Ouest Brésilien* e *Compagnie Auxiliaire des Chemins de fer au Brésil*; foi iniciado em 1891 e em 1893 foi interrompido devido à Revolução Federalista. Em 1898, quando chegou a Passo Fundo, suspenderam-se, por tempo indeterminado, os trabalhos de construção do trecho Passo Fundo-Marcelino Ramos.

A chegada da ferrovia a Passo Fundo deu um novo impulso à região, que estava isolada do restante do Estado. No entanto, nos primeiros tempos, a ferrovia foi deficitária. Inúmeros acidentes e reparos constantes no seu leito aumentavam os prejuízos. O movimento na estação de Passo Fundo era tão pequeno, que no trem misto que partia, uma vez por semana, para Cruz Alta, havia um único vagão para passageiros, dividido ao meio para abrigar a 1ª e a 2ª classes. Este trem só passa a ser diário a partir de 1909. Com a chegada dos trilhos no Rio Uruguai, em outubro de 1910, completava-se a rede ferroviária do Rio Grande do Sul, ao menos nos seus grandes *troncos* e ligava o Estado ao restante do país. As preocupações do governo federal com a segurança da região Sul diminuam, pois

(*) Doutor em História, professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

O transporte ferroviário melhorou a economia e a auto-estima dos passo-fundenses no início do século passado.

a São Paulo-Rio Grande era uma ferrovia estratégica que funcionava como um elemento de defesa.

Alguns episódios marcaram a história da ferrovia, que passa por Passo Fundo: em 1917 os operários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul entram em greve, reivindicando aumento salarial, jornada de 8 horas e semana inglesa. Essa greve estendeu-se até Passo Fundo, onde inclusive chegaram a tomar a estação à mão armada. Em 1930, foi através dela que Getúlio Vargas foi ao Centro do país, para assumir o poder após a revolução vitoriosa.

Problemas foram enfrentados pela ferrovia, como os altos preços das tarifas e a falta de trens. Por outro lado, o controle acionário da rede ferroviária gaúcha passou por várias mãos: em 1905 foi arrendada à *Compagnie Auxiliaire des Chemins de fer au Brésil*, dando origem à VFRGS (Viação Férrea do Rio Grande do Sul); em 1920, foi encampada pelo Estado; em 1954, a VFRGS foi transformada em uma autarquia; em 1961, a rede ferroviária gaúcha foi incorporada à Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

Durante o período que esteve sob controle belga, a sigla VFRGS, gravada nos vagões, foi interpretada de uma forma irônica pela população, como “Viemos da França Roubar Grande Soma”. O fato dos belgas falarem o francês, na visão popular, era como se tivessem vindo da França.

Ao chegar em Passo Fundo, a ferrovia vai alterar o panorama regional. A colonização do norte do território gaúcho teve um enorme incremento. Ao redor de cada uma das estações, vilas e cidades surgiram... Colonos chegavam e começavam a organizar a sua vida. Havia a perspectiva de que a sua produção seria escoada pelo trem. A indústria madeireira também teve seu desenvolvimento ligado à ferrovia.... Assim, em *ordem* muitas regiões estavam sendo atingidas pelo *progresso*.

O doce cheiro da maria-fumaça

Carlos Alceu Machado ()*, *Márcia H. Saldanha Barbosa (**)*,
*Mauro Gaglietti (***)*

“um trem de ferro é uma coisa mecânica,
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,
atravessou minha vida,
virou só sentimento.”
(Adélia Prado)

A condição de fronteira política do Rio Grande do Sul teve grande relevância para o processo de ocupação do extremo meridional do Brasil. Além disso, existia a dicotomia campo/floresta, que caracterizava a cobertura vegetal original do Sul e que serviu para emoldurar os contornos de processos diferenciados de ocupação e uso da terra.

O Planalto sul-rio-grandense, que sofria isolamento geográfico em relação aos mercados consumidor paulista, constituía-se numa área para a qual os objetivos principais do governo português e, posteriormente, brasileiro eram de ordem estratégica ou geopolítica. Não por outras razões o trem, a ferrovia, a grande invenção tecnológica em termos de transporte, acabou chegando à região do Planalto no fim do século XIX (1898, especificamente) e melhorando extraordinariamente a situação então existente. Sua chegada a Passo Fundo, após muitos atrasos e enorme expectativa, foi motivo de tal comemoração popular que é possível afirmar, sem medo de exagerar, que a emoção sentida pela população da época foi superior à daquela que viu, muitas e muitas décadas depois, a aterragem do homem na Lua.

De fato, as portas do progresso e da civilização abriam-se para Passo Fundo. Uma locomotiva potente, puxando dezenas de vagões, abarrotados de viajantes procedentes de plagas distantes e, principalmente, de toneladas de mercadorias, animais e correspondências, vindo do centro do país e para lá voltando, descortinava um futuro promissor para toda a região. É possível dizer-se que a chegada do trem, puxado pela maria-fumaça, foi o evento mais importante da história passo-fundense em matéria de transporte, superando inclusive o advento do veloz avião.

Ah, a maria-mumaça! Não há, até hoje, qualquer outro nome de transporte tão conhecido. – A mãe das locomotivas, o “cavalo-de-ferro” dos índios norte-americanos. Pes-

(*) Advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Doutora em Literatura pela PUCRS e professora do Mestrado em Letras da UPF.

(***) Doutor em História pela PUCRS e professor colaborador do Mestrado em Direito da URI.

quiza mundial deixou o segundo lugar para o “fusquinha”, o sedan da Volkswagen. Maria, porque do gênero feminino: afinal, era uma locomotiva. E fumaça, porque passava lançando aos ares uma fumegante nuvem negra, oriunda do carvão queimado na sua caldeira, que parecia inebriar quem a cheirava. Tudo produzido por um foguista, que, durante as viagens, encarregava-se de manter o fogo aceso e a água fervendo.

A viagem mais longa que se podia fazer a partir de Passo Fundo era para São Paulo: três dias e duas noites, sem tréguas, apenas com algumas paradas ao longo do percurso, especialmente naqueles lugares onde ocorria uma baldeação (como se chamava, então, a passagem de um para outro vagão). Na fronteira entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, existia um desses famosos pontos: atravessava-se o Rio Uruguai pela única ponte férrea existente no Estado e, *voilà!*, já se estava em Marcelino Ramos, na época uma próspera cidade gaúcha, situada nas proximidades de Passo Fundo.

Podia-se escolher entre viajar em vagões de primeira e de segunda classes, nos quais variava o conforto dos bancos, havendo, ainda, para os mais abonados, uma outra opção: os vagões-dormitórios, em que existiam cabines com quatro camas, dispostas em formato beliche. Além desses, o trem era formado por um vagão-restaurante, por um vagão-correio e, em certas ocasiões, atrelados ao fim do comboio, iam vagões de carga. Não foram poucos os passo-fundenses que se foram para o mundo por esse (único) caminho.

A ferrovia, que saía da gare de Sorocabana, em São Paulo, serpenteava por todos os Estados do Sul, até chegar à gare de Passo Fundo, localizada exatamente onde, até então, se mantém preservada. E o trem, capitaneado pela maria-fumaça, ao adentrar em Passo Fundo passava a emitir seu característico sinal sonoro – o tuí-tuí, ainda hoje ensinado às crianças –, como era de praxe. Anunciava, assim, sua chegada, sendo saudado pela população com abanos e tirar de chapéus, e percorrendo, glorioso, em toda a sua extensão, a antiga “Rua dos Trilhos”, atual Avenida 7 de Setembro.

Eram ocasiões sempre festivas. Se hoje, nos aeroportos, podem-se ver famílias inteiras apreciando o levantar e o aterrissar dos aviões, sonhando com viagens talvez impossíveis, naquele tempo o mesmo ocorria com o trem. Não eram poucos os que saíam de suas casas, devidamente trajados, apenas para recepcionar aquela majestade de ferro, muitas com um número impressionante de vagões, e saudar seus passageiros, que gentilmente retribuía os acenos recebidos.

Conta-se que foram os ingleses os construtores das nossas primeiras linhas férreas, e que ganhavam por quilômetro de trilhos assentados. Dizia-se isso porque, em qualquer viagem, era quase impossível não se notarem as voltas que o trem dava para alcançar, finalmente, um determinado local da estrada, normalmente visível aos olhos. Era como se a reta não fosse o menor caminho entre dois pontos! Mas a história, como sempre, tem, pelo menos, dois lados: havia também quem garantisse que tais voltas eram indispensáveis, a fim de se evitarem subidas pelas quais a Maria Fumaça não teria força-motor suficiente para passar. Quem sabe?



Margherita Di Savoia, o clube italiano

Luísa Grigoletti Dalla Rosa ()*

O ano de 1901 marcou o surgimento de uma sociedade de ajuda mútua, a Società Italiana di Mutuo Soccorso Iolanda Margherita Di Savóia, que objetivava congregar os interesses de imigrantes italianos, tanto aspectos recreativos e de lazer como também dificuldades econômicas, doenças, entre outros aspectos que poderiam passar a existir a partir do estabelecimento desse grupo no município. Delineou-se, assim, uma certa representatividade e identidade. Foi fundada por doze imigrantes italianos residentes em Passo Fundo, possuindo algumas peculiaridades, como o caso da adoção da língua oficial italiano (conforme o estatuto da sociedade).

Entre as décadas de 1910 e 1920, aconteceram fatos significativos no município de Passo Fundo, como a construção de sobrados e palacetes na região central da cidade; a construção de sarjetas nas ruas; a preocupação com o embelezamento da cidade com a troca de postes de iluminação e melhoramento das praças; a construção de prédios para as casas de comércio; os hospitais; a instalação de uma linha de telefone etc. A preocupação com o embelezamento era notável. A elite local buscava isso para seus domicílios e casas de negócios, bem como para seus espaços de lazer, entretenimento e sociabilidade. A Sociedade Italiana nesse período estava em plena formação e traçando alguns objetivos próprios, como o caso da ampliação do quadro de sócios e a construção de sede própria. O projeto de construção da Società Italiana di Mútuo Soccorso Iolanda Margherita di Savoia iniciado na década de 1920 com intensas campanhas para angariar fundos se concretizou no ano de 1937. Pela imponência do prédio, localização e perfil arquitetônico, sua sede logo foi denominada de “Palácio Rosado”, em razão da cor de sua fachada e característica interior, estando localizada na Rua Bento Gonçalves em frente à Praça Marechal Floriano.

A Sociedade Italiana foi palco de diversos eventos culturais, destacando-se os bailes, reuniões dançantes, recitais, audições, jantares e comemorações. Foi também importante para a memória política do município, pois em sua sede ocorriam os escrutínios quando das eleições municipais.

Com a denominação de “Sociedade Italiana” funcionou até o ano de 1938, quando, reestruturada, passou a ser chamado de “Clube Caixeiral”. Tal mudança ocorreu por ra-

(*) Professora da UPF e mestre em História.

zões dispostas em decreto-lei de 1938, em pleno Estado Novo, sob a alegação da necessidade de sociedades estrangeiras se nacionalizarem a partir deste período para continuarem seu funcionamento no Brasil. Assim, conforme descrição feita nos estatutos deste clube aprovado em novembro de 1938, no artigo 5º: “O clube se compõem de um número ilimita-



FOTO: MODERNA. ARQUIVO AUTOR

O Caixaeral, primeiro sobrado à esquerda, na década de 40.

do de sócios, pessoas de ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade, crença política e religiosa, excetuadas as que, por qualquer motivo ou convicção, não admitam o caldeamento racial”. Percebe-se neste polêmico artigo uma abertura para que outros agrupamentos culturais, diferentes daquele que originou a sociedade, pudessem se afiliar como sócios, já que, anteriormente, era necessário falar italiano para ser admitido como sócio, o que restringia assim a prática de socialização multiétnica, mas que naquele novo contexto histórico havia a preocupação em deixar registrada nos documentos oficiais a ampliação da possibilidade de filiação de novos sócios de diferentes nacionalidades. Segundo depoimentos orais de pessoas que conviveram neste período, algumas etnias não podiam frequentar esta sociedade, como, por exemplo, os de origem judaica, neste sentido, essa lei obrigou, em grande medida, a abolição das restrições destas sociedades.

A denominação de Clube Caixaeral possui uma relação com outras sociedades, uma vez que estas existiam em vários municípios do Estado do Rio Grande do Sul. Essa denominação é proveniente da influência dos caixeiros-viajantes, que eram pessoas envolvidas com a atividade comercial e que tinham objetivos comuns, visando às atividades profissionais, assim como de lazer e entretenimento.

Foram com as atividades de lazer e entretenimento que o Clube Caixaeral marcou muito a sua história com festas anuais, relacionando com a história do município, pois, sendo os bailes de carnaval, o baile cívico Verde-Amarelo, o Baile Rosa e o Reveillon os mais concorridos e atrativos para uma boa parte da comunidade local. Algumas modalidades esportivas como a bocha e o bolão também aglutinaram gerações masculinas e femininas na associação.

O início da saúde pública na cidade

Marco Antonio Damian (*)

A saúde pública em Passo Fundo, segundo registros de relatórios municipais, foi criada em 1902. A municipalidade interessou-se pelo assunto, até então fora de cogitações, pelo sensível acréscimo da mortalidade nos primeiros dez meses daquele ano. Nada menos do que 48 óbitos contra 21 do ano anterior. Um aumento absolutamente desproporcional ao do número de habitantes. Dessa forma, o médico Custódio de Souza, sensibilizado com a funesta realidade, colocou à disposição do serviço público seus préstimos profissionais, gratuitamente. As doenças cardíacas e a bronquite eram a principal *causa mortis*.

A propagação, já adiantada em nosso ambiente, de uma enfermidade mais grave, a tuberculose, sobressaltou a municipalidade, que criou de forma profissional a rubrica Assistência Pública em 1915. O primeiro médico que ocupou o cargo foi Fernando de Carvalho, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, que havia chegado à cidade um ano antes. Até esta data, a Intendência apenas auxiliou nos casos especiais de epidemias, facilitando os meios de vacinação, feita de forma gratuita por médicos práticos e farmacêuticos. Entre 1902 e 1914, as verbas destinadas à saúde pública eram exíguas. A caridade particular e a benemerência dos médicos e farmacêuticos locais supriam as necessidades. Assim, criando definitivamente o cargo de médico da municipalidade, com vencimentos estabelecidos, deu-se, implicitamente, o primeiro passo para a evolução do departamento. E foi assim que a Assistência Pública, mesmo de forma rudimentar, foi criada na cidade. A invasão da tuberculose alertou a defesa.

Em 1918, a pandemia da gripe espanhola apressou o funcionamento dos hospitais de Caridade e São Vicente de Paulo, mesmo em caráter precário, inicialmente em casas alugadas para tal fim. Dessa forma, surgiram apressadamente dois gigantes da saúde em Passo Fundo.

O relatório municipal de 1924 acusa que 33% dos óbitos foram registrados como “sem assistência” médica, ou seja, em cada 100 pessoas que faleceram 33 não tiveram nenhuma assistência, sem atestado de *causa mortis*. Considerando que entre essas 100 pessoas, as ricas ou mesmo aquelas que dispunham de algum recurso, apelaram para a medicina particular, chegaremos à conclusão de que sobre esses 33% recaíram a pesada carga da miserabilidade inteiramente desprotegida.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

A partir de 1926, a saúde pública teve uma sensível melhora. O Departamento de Assistência Pública foi entregue ao médico Arthur Leite, que realizou uma série de melhoramentos.

Em 1930, assumiu o dr. Armando Torres de Vasconcellos, que tomou medidas práticas e eficazes em relação à saúde pública e à higiene, entre outras: transferir o consultório do prédio da Intendência para junto do Hospital de Caridade; visita diária de inspeção nas enfermarias dos hospitais, para atendimento aos indigentes; cirurgia feita pela assistência social somente quando de emergência, por acidente ou desastre, cabendo ao médico da assistência apelar para a magnanimidade de algum cirurgião da cidade, quando necessário fosse. Com relação à higiene municipal, algumas medidas, hoje curiosas, eram necessárias para a prevenção das moléstias, entre elas: limpeza das ruas; extinção das fossas sépticas por esgotos canalizados, para melhorar a qualidade da água dos poços; matança de ratos e cães vadios; desinfecção de prédios ocupados por pessoas com doenças contagiosas, no caso de cura ou morte do paciente. Na década de 1930, a maior reivindicação dos médicos passo-fundenses junto aos órgãos governamentais se chamava saneamento urbano. Era inacreditável que entre as grandes e mais importantes cidades gaúchas, somente Passo Fundo não possuísse sequer água encanada. A cidade era uma célula isolada no organismo progressista do Rio Grande do Sul. Em março de 1935, apareceram os primeiros casos da febre tifóide. Outras doenças surgiam e se multiplicavam, por uma simples razão: a insalubridade da água. A instalação da Cia. Hidráulica Rio-Grandense deu-se apenas no final dos anos 1940. A rede de esgotos, alguns anos mais tarde, quando começaram as canalizações, apenas no centro da cidade, fato que perdura até os dias atuais.

No dia 1º de janeiro de 1954, foi instalado em Passo Fundo o Serviço de Assistência Médica e Domiciliar de Urgência – Samdu. Foi um serviço de atendimento médico criado em fevereiro de 1950 pelo presidente Eurico Gaspar Dutra e tinha os limites pré-fixados de atendimento aos contribuintes e beneficiários dos institutos e caixas de aposentadorias e pensões. No governo Getúlio Vargas, graças à interferência do ministro João Goulart, o atendimento, uma vez conveniado pelas prefeituras, estenderia-se a todos, indistintamente. Em Passo Fundo, esse convênio foi firmado na gestão do prefeito Daniel Dipp, e assim o Samdu encampou o Serviço de Assistência Pública Municipal.

Assumiu a chefia do Samdu o dr. Paulo Fragomeni, que clinicava na localidade de Ciríaco. O serviço funcionava em duas salas do prédio do Círculo Operário, cedidas pelo Ministério do Trabalho. Contava com uma ambulância e dois jipes para locomover os médicos aos atendimentos domiciliares. O Samdu começou a funcionar oficialmente no dia 18 de janeiro de 1954. Além do atendimento médico, o Samdu distribuía remédios gratuitamente. Na primeira semana em funcionamento, o serviço atendeu mais de 100 pessoas por dia.



Ciclo da madeira

João Carlos Tedesco (*)

Não é exagero afirmar que o dito *ciclo da madeira* – extração, industrialização e comercialização – em Passo Fundo e em seu entorno regional foi um dos mais dinâmicos e expoentes do Sul do Brasil. A oferta abundante de pinhais (araucárias) e outras madeiras “de lei” atraiu grandes grupos de extração e comercialização, que tiveram presença marcante por aproximadamente meio século (entre 1910-1960) entre os quais, os da família Birman, Benincá, Yoschpe, Lângaro, Franciosi, Annoni Nedeff, Salton, Bonotto, Ceni, Tomasini, Bordignon, Della Méa, Quadros, Lunardi, Graeff, Zanatta, Bastos, Berthier, Brenner, Benvegnú, Dietrich, Bassegio, Scherer, Scheibel, Napp, Weisheimer, Ceratti, Sudbrack, Goelzer, Kerpen, Azambuja, Grando e centenas de outros.

O ciclo da madeira se desenvolveu em profunda correlação com a estrutura ferroviária e de navegação (Rio Uruguai principalmente); com a imigração e migração interna de colonos que buscavam estruturar sua propriedade num espaço colonial; com colonizadoras públicas e privadas; com a produção de trigo e de pastagens, pois para isso a terra precisava ser *limpa*; está correlacionada também com a constituição de vilarejos compostos por trabalhadores braçais, em geral, negros e caboclos, espaços esses que, com o passar dos anos, tornaram-se pequenos municípios, como Coxilha, Mato Castelhana, Erebangó, Pontão, Ernestina, ou, então, bairros da cidade, como o Rodrigues e o São José.

O corte irracional e o desperdício foram grandes. Índios e caboclos extrativistas, que habitavam a região, sabiam conviver com a mata utilizando-a como fonte de alimentação, proteção e de equilíbrio ecossistêmico e de fertilidade do solo. Pequenos agricultores – colonos migrantes –, ainda que tenham derrubando parte da mata para sua economia doméstica e mercantil, sabiam conservar parte significativa da mesma. Para eles, a permanência de grande parte da mata simbolizava reserva de madeira, proteção para cursos das águas e nascentes, em relação aos ventos fortes, aos animais etc.

Autores colocam que em 1902 intensificou-se a exploração de pinheirais, empregando milhares de trabalhadores. Jornais da época, especialmente *O Nacional*, não cansavam de mencionar esse *ouro verde*.

Em 1911, formou-se a União das Serrarias Serranas, congregando os interesses dos madeireiros. A entidade envolveu-se com a construção de estradas e de balsas em momentos de grande dinamismo no setor, como ocorrido durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, caso contrário haveria sérios problemas de escoamento da produção.

Eram constantes as preocupações dos madeireiros e proprietários de serrarias com as questões que envolviam a ferrovia, principalmente em torno do problema do preço do

(*) Pós-doutor em Ciências Sociais pela Università degli Studi di Verona e professor da UPF.

frete e falta de vagões. A madeira contribuiu muito para o desenvolvimento de uma concepção industrialista no país pós-década de 1930. As matas passaram a ser fonte da matéria-prima, mercadoria que tinha grande aceitação no circuito mercantil. O papel das estradas de rodagens (carretas e caminhões posteriormente), dos rios e, especialmente, do Rio Uruguai e da estrada de ferro foram importantes.

A madeira representou em 1932, 63% do valor bruto da produção de Passo Fundo; em 1942, 46,5%, e em 1953, 18,48%, e, em 1970, apenas 4,07% (Prefeitura Municipal – Produção industrial – 1932, 1942, 1953, 1970). A mesma fonte indicava que em 1939 havia no município 170 serrarias registradas, de tamanhos variados. Em Carazinho, em 1930, existiam 150 serrarias que exportaram, em 1934, 1.166 vagões de madeira aplainada. Na década de 1950, com a extração da madeira e a redução significativa da matéria-prima principal – o pinho – grandes madeireiras buscaram mercados externos mais dinâmicos. No ano de 1950, Passo Fundo registrou o corte de apenas 1.064 toras, 3.480 vigas, 474 postes e 3.142 dormentes (IBGE, Censos Econômicos de 1950).

Diz Antoninho Xavier que o “comércio de madeiras é avultado, exportando-se anualmente, para praças do Estado, em muitos milhares de dúzias de tábuas e outras peças do ramo”. O autor conta que, empurrados pelas necessidades criadas pela Segunda Guerra Mundial, centenas de caminhões transportavam não só para outras unidades da Federação, mas, sobretudo, para o Rio da Prata, o Uruguai e a Argentina: “A produção de 1946 foi de 1.079.521 m³ e a de 1951 de 3.130.000 m³. A exportação chegou a 274.287 toneladas em 1950 e a 281.840, em 1952. Em 1948, os sete primeiros produtores de madeira são os municípios do Planalto [...], as colônias do Planalto oferecem 77% dela [madeira]”.

A economia da madeira auxiliou em muito a constituição do espaço urbano de Passo Fundo e região. Havia uma logística na colocação de serrarias e depósitos de madeira ao longo da viação férrea, no trecho sul da ferrovia, próximo da estrada rodoviária para Marau, que liga Passo Fundo a Porto Alegre pelos municípios de colônia alemã e italiana.

Em termos econômicos, o setor madeireiro teve um significado profundo na região norte do Estado. Além de promover processos de ocupação do espaço natural (terra), criou vínculos produtivos e comerciais; ligou a região com mercados distantes; possibilitou uma rede de atores sociais e econômicos; originou conflitos e definições políticas locais; abriu espaços para o capital estrangeiro, para o acúmulo de capital e fortalecimento de um determinado segmento social; fortaleceu a diversificação econômica; destacou a economia regional e estadual; concretizou o princípio positivista do progresso com ordem social, sem atentar para a resolução das contradições sociais disso decorrentes.

Como a madeira demonstrou ser uma fonte de renda imediata, as serrarias se acumulavam na região, no entanto, à medida que foi se extinguindo a matéria-prima, as indústrias migravam, deixando para trás um rastro da destruição, o caminho aberto para a produção agrícola. Quem possuía terra pôde continuar; quem era trabalhador do ramo, principalmente caboclo, migrou junto com as serrarias, ou encontrou espaços sociais marginais em termos econômicos.



Os judeus e a sua comunidade em Passo Fundo

Daniel Viuniski ()*

A presença judaica no Brasil iniciou praticamente na época do descobrimento. Devido à intolerância religiosa, perseguições e pelo desenvolvimento econômico de um grande número de judeus, a imigração passou a ser mais efetiva, para alguns países das Américas. Um empreendimento de colonização foi criado pela ICA (Jewish Colonization Association) em 1891. A ICA comprou extensas terras na Argentina, no final do século XIX, trazendo milhares de imigrantes europeus. No Brasil, com o apoio do governo, que concedeu isenções e facilidades, foi comprada uma propriedade em 1902, próxima à Santa Maria, localidade que recebeu o nome de Philipson. Em 1910, a ICA comprou na região de Passo Fundo 94 mil hectares, localidade que recebeu o nome de Quatro Irmãos. Inicialmente, 90 famílias instalaram-se nos núcleos de Baronesa Clara, Barão de Hirsch, Rio do Padre e em Quatro Irmãos. Posteriormente, em 1913, chegaram mais 150 famílias da Rússia. Os colonos recém-chegados encontraram muitas dificuldades, próprias da época e em especial pela distância de maiores centros. As famílias foram crescendo, com casamentos, nascimentos e chegada de outros imigrantes oriundos da Argentina e de Philipson. Como consequência, iniciou-se a formação de outros núcleos, em Erebangó, Jacutinga, Erechim e Passo Fundo.

Aqui para Passo Fundo vieram centenas de judeus, não por problemas econômicos, mas sim em busca da formação educacional dos filhos. Aqui a comunidade judaica chegou a contar com mais de 500 pessoas, por volta de 1950 e, atualmente, está reduzida a 15 famílias, ou seja, pouco mais de 40 pessoas. Mesmo assim, os judeus mantêm sua sinagoga e preservam também, com muito zelo e dedicação, seu cemitério. Participaram e continuam envolvidos no desenvolvimento cultural, econômico, social e educacional de nossa cidade. Muitas famílias como: Winik, Ayzemberg, Baril, Bacaltchuk, Pargendler, Arenzon, Kwitko, Melnick, Viuniski, Raskin, Freitag, Engelman, Schwartzmann, Mester, Baibich, Strimban, Jovelovitch, Wainer, Kleimann, Sukster, Ioschpe, entre tantas outras que ajudaram no crescimento de Passo Fundo.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



FOTOS: AUTOR DESCONHECIDO - ARQUIVO AUTOR

Cerimônia religiosa na sinagoga, na década de 60.



Antiga sinagoga no centro da cidade, na Rua General Osório, década de 60.

Colégio elementar

Santina Rodrigues Dal Paz ()*

A situação do município de Passo Fundo, recém-criado em 1857, era precária em todos os setores e principalmente no da educação. Em 1874, o secretário da Câmara Municipal de nossa cidade, Antônio Ferreira Prestes Guimarães, assim expressou à Assembléia Legislativa Provincial: “É de lamentar profundamente o atraso da instrução pública neste município. Convém alguma coisa fazer que reanime a esperança abatida num assunto de tamanha gravidade. Quase se pode afirmar que a instrução não existe [...]”. Em 1886 foram abertas duas escolas particulares sob a orientação do professor Eduardo Augusto de Souza Brito (Eduardo de Brito) e de Jerônimo da Costa e Silva.

Em 1898, Passo Fundo recebe educadora disposta a ensinar, e é criada uma escola isolada, tendo como professora Ana Luiza Ferrão Teixeira (Dona Zoca). Ela, originou, em 1911, o colégio Elementar, primeiro da região, transformado em 1939 em grupo Escolar “Protásio Alves”.

Na época, o Poder Executivo era representado pelo intendente tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira e o vice-intendente coronel Gervásio Lucas Annes, que se empenharam com o presidente do Estado, Carlos Barbosa, para que fosse decretada a criação do colégio. Dia 1º de março, pelo decreto 1.706, foi criado o Colégio Elementar, que passou a funcionar na Av. Brasil com a Rua Marcelino Ramos num prédio construído de pau-a-pique (madeira gradeada e barro). No local onde existiu o prédio do Círculo Operário. O primeiro diretor foi Cristiano da Nóbrega Lins, e o corpo docente era constituído por Eulina Braga, Ana Luiza Ferrão Teixeira, Carolina de Lemos Schneider, Affonina Tuffson e Diná Dias Gomes. A matrícula naquele ano foi de 169 alunos de ambos os sexos.

No ano de 1927, devido ao péssimo estado do prédio do colégio, Antônio Augusto Borges de Medeiros, presidente do Estado, em atendimento ao pedido dos pais de alunos, do intendente Armando Araújo Annes, da direção e corpo docente, autorizou a construção do novo prédio em uma das alas da Praça da República (hoje Praça Professor Ernesto Tocchetto), no início da Avenida Capitão Jovino de Freitas (hoje Avenida Brasil).

A Direção do Colégio Elementar de Passo Fundo, juntamente com a comunidade escolar, participaram de um ato cívico, no dia 08 de abril de 1929, a fim de comemorar a instalação do referido colégio.

Em 1929, o corpo docente estava assim constituído: diretora: Eulina Bernardes Braga; professores: Ana Luiza Ferrão Teixeira, Arnoldina Caminha, Ibrahina Estivallet, Avelina Willig, Maria Ernestina Mattos, Julieta Dourado, Cecy Dourado, Francisca P. de

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Colaboraram os professores: Naura Junqueira da Rocha Pereira, Lenita de Quadros Ducois, Honorina P. de Quadros, Cecília B. Kneipp, Zilka Neff Rosa e Mário Braga Filho.

Oliveira, Otilia Neff Rosa, Alda Londero, Martha Paladino, Alda Saldanha, Adelina Tocchetto, Mauro Costa, Nair Marques Pereira, Ernesto Tocchetto, Luiza Silveira Neto e Didoné.

Na ocasião, foram proferidos discursos pelas autoridades presentes, entre as quais Nicolau de Araújo Vergueiro, que em seu inflamado discurso exaltou a primeira grande obra do governo, em benefício da educação em

nossa terra. O dia era festivo e a Banda de Música do 8º RI executou os hinos pátrios. Entre os presentes esteve a professora Delma Rosendo Gehm. A matrícula já estava com 1.180 alunos de ambos os sexos. Na época, o ensino elementar atingia sete anos.

Durante o Estado Novo, em 1939, o colégio passou a denominar-se “Grupo Escolar Protásio Alves”, homenageando o médico, professor e primeiro diretor da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul. Nesse período, a professora Delma Rosendo Gehm já pertencia ao corpo docente deste colégio. Em 1946, foi cedido o prédio para a escola Ginásio Estadual Oswaldo Cruz, mudando-se para a Avenida Brasil, nº 908 (hoje Padaria Avenida). Em 1956, o colégio volta ao seu antigo prédio. Em 1963, no mesmo prédio, passou a funcionar o Ginásio Estadual de Passo Fundo, criado pelo decreto 14.195 de 04/10/1962, como curso noturno. Em 1964, passou à ter horário também à tarde, com um corpo docente de 41 professores, sob a direção da professora Moema de Toledo Rodrigues. Com a reforma do ensino, o Grupo Escolar Protásio Alves e o Ginásio Estadual passaram a ter direção única, assumindo as funções a professora Marly Piccinini de Souza, isto em 1972. Em 29 de agosto de 1973, foi inaugurado o novo bloco de aulas na ala poente da escola.

As direções que passaram pelo Colégio Elementar e pela Escola Protásio Alves, desde 1911: Cristiano Nóbrega Lins (1911); Nestor de Oliveira (1911 a 1914); Adelino P. de Souza (1915 a 1918); Antônio G. Coutinho (1919 a 1920); Eulina Bernardes Braga (1920 a 1939); recebeu uma placa sugestiva na parede do educandário, quando se aposentou. Presentes as autoridades do município: prefeito Arthur Ferreira Filho; Arthur Lângaro Dipp; Ignacinha Vargas Marques Araújo, prof^a Delma Rosendo Gehm e a menina Eulina Braga Chedid; Arnoldina Caminha (1939); Almery Pereira e Silva (1940 a 1945); Hilda G. do Prado (1946); Suria Dipp (1946 a 1951); Laila de Oliveira Polita (1951 a 1960); Olga Caetano Dias (1960 a 1963); Vera Schaan Ferreira (1963 a 1967); Carmem Biasuz Leite (1967 a 1972); Marly Piccinini de Souza (1973 a 1975); Ides Sirotá Viuniski (1976); Marco Aurélio Pereira Favero está pela 3ª vez eleito (2006).



Professores da Escola Elementar em 1929.

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO - ARQUIVO AUTOR

Banco da Província

Jabs Paim Bandeira ()*

Com o desenvolvimento econômico experimentado por Passo Fundo no início do século XX, o banco da Província do Rio Grande do Sul S/A instalou-se na cidade no ano de 1912, primeiramente na antiga Rua do Comércio (Avenida Brasil) esquina com a Rua 10 de Abril; depois, devido ao grande crescimento produtivo e financeiro do município o banco mudou-se definitivamente para o endereço nas esquinas da Rua Morom com a Rua Bento Gonçalves, quando da construção de sua sede própria em estilo neoclássico, inaugurada em 6 de setembro de 1922. Nesse local, funcionou até 1972, quando da unificação do Banco da Província, Banco Nacional do Comércio e Banco Industrial e Comercial do Sul S/A, transformando-se em Sulbrasileiro, que após intervenção do Banco Central, em 1985, passou a Banco Meridional do Brasil. O novo banco então mudou para o prédio ao lado onde funcionava o Banco Industrial, na Rua Bento Gonçalves. Em 1989, passou a pertencer ao Santander. O antigo prédio foi comprado pelo Banco Itaú, que lá funciona até hoje.

Na década de 50, a agência tinha 25 funcionários, 4 mulheres e 21 homens.

O gerente e o contador sempre eram funcionários vindos de outras cidades, e no segundo andar do prédio existia dois apartamentos, amplos e luxuosos para residência deles.

Herne Ludwig, Carlos Soares Moreira, Enio Kilppe, Wilmar Torriane e Osvaldo Camargo fizeram parte da gerência nas décadas de 50 e 60. Funcionários Nestor Closs, Arthur Sossemback, Domingos Netto, Francisco Silveira Salles, Dalva Rosander e Ladi Damian faziam parte do quadro na época. Os funcionários Nilo Quadro (hoje com 90 anos) e Lauro Schilling (com 80 anos) ainda residem em Passo Fundo.



Primeira agência do banco na Av. Brasil, esquina com a 10 de Abril.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Segunda agência do banco na esquina da Praça Marechal Floriano.



FOTO: CZAMANSKI - ARQUIVO SELMA COSTAMILAN



FOTO: CZAMANSKI - ARQUIVO SELMA COSTAMILAN

Funcionários na segunda agência do Banco da Província.

Nesse período houve uma grande greve dos bancários que reivindicavam aumento salarial, durante 20 dias de paralisação eles fizeram passeatas no centro da cidade, mas sem transtornos à ordem pública.

Da lista dos grandes clientes da época estavam o comendador Anonni Nedeff, o empresário Avelino Andreis, a Fábrica de Pregos Gerdau, o Frigorífico Borella e a Brahma. Contam que o funcionário da Brahma subia a pé e sozinho até o banco, levando o maote com vultosas somas em dinheiro que nunca ocorreu nenhum assalto naquela agência. Transações comerciais eram feitas na forma de duplicatas ou com notas promissórias e, inicialmente, os empréstimos eram feitos até com vale, outras vezes, em confiança, sem qualquer documentos, valia a palavra empenhada, o chamado “fio de bigode”.

No centenário de fundação do Banco da Província, em 1958, um grandioso jantar foi realizado, somente para os funcionários e seus familiares, nas dependências do restaurante que funcionava no edifício Birmann, na Morom em frente à praça.

Praça Tamandaré

Marco Antonio Damian (*)

Em 1892 foi inaugurada a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Imaculada, na Rua Uruguai. Idealizada desde 1863, o projeto do templo ficou vários anos arquivado, mas finalmente naquele ano abriu suas portas aos fiéis. Defronte à igreja, um terreno amplo servia para que os passo-fundenses se reunissem a aguardar as missas. Foi então que o poder público resolveu dar ao local a forma de uma praça. Assim, ficou conhecida como Praça da Igreja. Com o imponente templo ao seu lado, o logradouro passou a ser a primeira praça do recém-criado município de Passo Fundo, pois até 1891, ainda se chamava Vila de Passo Fundo.

Em 1913, o intendente municipal coronel Pedro Lopes de Oliveira denominou-a de “Praça Tamandaré”. Mesmo assim, por muitos anos, a população continuou chamando-a de Praça da Igreja. Nesse mesmo ano, iniciou-se a arborização do local com a plantação de bambus e árvores nativas. Foi em 1916, ainda sob o governo do coronel Pedro Lopes de Oliveira, que foram plantados os plátanos, que hoje frondosos, cercam o local, emoldurando com rara beleza a quase centenária praça.

Na gestão do intendente Armando Araújo Annes, em 1925, a Prefeitura Municipal iniciou um trabalho contundente para transformação e embelezamento da praça. Foi construído um quiosque, que através de concorrência pública escolheu seu ecônomo. O quiosque, além do tradicional café, possuía barbearia e engraxateria. Ficou sendo o ponto de encontro dos passo-fundenses aos domingos. Na mesma época, foi inaugurada profusa iluminação elétrica, deixando a mais assimétrica praça da cidade ainda mais bela, alegre e segura. Suas vias de passagem foram calçadas com revestimento de mosaico. Anos mais tarde, o quiosque foi demolido, deixando mais espaço a seus frequentadores.

O belíssimo monumento que embeleza a parte central da Praça Tamandaré foi o primeiro construído em Passo Fundo. Trata-se do busco do coronel Gervásio Annes, uma figura importante e antológica do meio político da cidade. Foi intendente municipal entre 1896 e 1908, chefe do Partido Conservador, depois Partido Republicano, e chefe legalista da Revolução Federalista. O coronel Gervásio faleceu no dia 4 de abril de 1917. Seus amigos e correligionários, pertencentes ao Clube Pinheiro Machado, tendo à frente Júlio Edolo de Carvalho, presidente da Comissão Promotora da Homenagem a Gervásio Annes, angariaram fundos para a construção do monumento.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Foram quase cinco anos de trabalho do escultor Pinto do Couto, que residia no Rio de Janeiro, para confecção da espetacular obra de arte. O busto do coronel Gervásio, tallado em bronze, foi inaugurado na Praça Tamandaré no dia 27 de fevereiro de 1920. O inflamado discurso na inauguração do monumento foi proferido pelo historiador e presidente do Grêmio Literário Passo-Fundense, Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

Desde aquela época até os dias atuais, as pessoas fazem a mesma pergunta: Por que o monumento está virado de costas para a igreja? Uma das respostas dos historiadores é a de que na época havia um confronto entre a Igreja Católica e a Maçonaria, por questões ideológicas e de poder. Sendo o coronel Gervásio, membro da Maçonaria, bem como as pessoas que mandaram erigir o monumento, assim ficou determinado.

Por volta de 1943, o prefeito interino Moacir Índio da Costa queria mudar o busto para a Avenida Brasil, defronte ao Paço Municipal. A idéia, porém, não foi adiante.

Desde o ano 2000, um grupo de moradores das proximidades da praça criaram a Associação dos Amigos da Praça Tamandaré. A entidade, sem fins lucrativos e decretada como de utilidade pública, busca diuturnamente junto ao poder público recursos para a revitalização, embelezamento e segurança da Praça Tamandaré, de vital importância como ponto turístico e de lazer e a mais freqüentada de Passo Fundo.



Colégio Nossa Senhora da Conceição

Alcides Sartori (), Jurema Carpes do Valle (**)*

O Colégio Nossa Senhora da Conceição é um tradicional e moderno educandário marista da região do Planalto do Rio Grande do Sul. Tradicional, porque tem mantido seus princípios educacionais, formando jovens bem preparados, intelectual, moral e civicamente. Moderno, porque continua, evoluindo através dos tempos, atualizando sua estrutura, seus métodos e, especialmente, seu corpo docente e administrativo.

Teve início em 3 de fevereiro de 1906, quando os irmãos maristas fundaram em Passo Fundo o Colégio São Pedro, fechado em 1910. Estava situado na Avenida Brasil, onde atualmente encontra-se o Círculo Operário. Em 1914, os padres palotinos que, desde 1905, dirigiam a Paróquia de Passo Fundo, construíram amplo lance de madeira que foi chamada de Escola Nossa Senhora da Conceição.

O professor Emílio Stigler conseguiu o retorno dos irmãos que, adquirindo a escola, fundaram, em 1º de março de 1929, o Ginásio Nossa Senhora da Conceição. Com 78 alunos no primeiro dia de aula, já eram 170 em junho do mesmo ano.

Urgia construir um prédio a fim de acolher tantos alunos. Em 1930, foi inaugurado um prédio de três andares, na Rua Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente, onde ergue-se hoje o conjunto residencial Nossa Senhora da Conceição.

Em 10 de dezembro de 1943, foi benta a pedra fundamental do edifício, na Rua Paissandu, esquina com a Fagundes dos Reis. Em 26 de setembro de 1947, realizou-se a transferência da sede do antigo para o novo, majestoso e atual Colégio Nossa Senhora da Conceição. E, ano após ano, o *gigante da Paissandu* vem colocando inúmeros alunos nos bancos das universidades, encaminhando-os, com base e segurança, para a sua vida profissional.

O colégio procura oferecer aos seus alunos um crescente domínio do conhecimento já produzido e acumulado pelas diversas ciências; procura desenvolver em seus educandos a capacidade de análise da realidade, o exercício consciente e cristão da cidadania, a vivência da solidariedade e a construção do saber a serviço da vida.

Seu projeto educativo, seguindo os ideais de São Marcelino Champagnat (fundador dos irmãos Maristas), tem como objetivo o acompanhamento do aluno em suas necessidades, num trabalho de educação integral, englobando todos os aspectos da formação humana, utilizando-se, para isso, das mais atualizadas teorias de ensino-aprendizagem.

(*) Professor, advogado; ex-aluno e ex-professor do Colégio Marista Conceição.

(**) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

A área cultural e artística é desenvolvida, desde as primeiras séries, em várias modalidades. Projetos educativos envolvem alunos e pais, nos aspectos culturais e artísticos. Eventos como a Feira de Ciências, a Expo-Zoo, a Mostra Artística, Feiras de Literatura, Festivais Infantis e Juvenis e encontros com escritores também são incentivados. São priorizadas, ainda, conscientizações acerca de a ecologia e o meio ambiente, da cidadania e da solidariedade.

O Colégio Marista Conceição dispõe de ambientes modernos, ativos e desafiadores que estimulam a socialização e a afetividade, a criatividade e a independência, a autonomia e a interação com o outro e o mundo, procurando o equilíbrio educativo que é a base de todo ser humano feliz.

Sob a direção atual do irmão Onorino Moresco e o auxílio dedicado de 59 professores e dezenas de auxiliares administrativos o colégio dedica-se, hoje, a 122 alunos da educação infantil, a 454 alunos do ensino fundamental e a 250 alunos do ensino médio, totalizando 826 educandos.

Nesses 101 anos de atividades (03 de fevereiro de 1906 a 2007) os irmãos maristas já entregaram à sociedade brasileira milhares de jovens bem preparados que atuam, hoje, em todo o Brasil, como profissionais competentes e cidadãos íntegros que colaboram para uma pátria cada vez mais forte, democrática e feliz, cumprindo, assim, na íntegra, seu lema: “Nós educamos para toda a vida!”

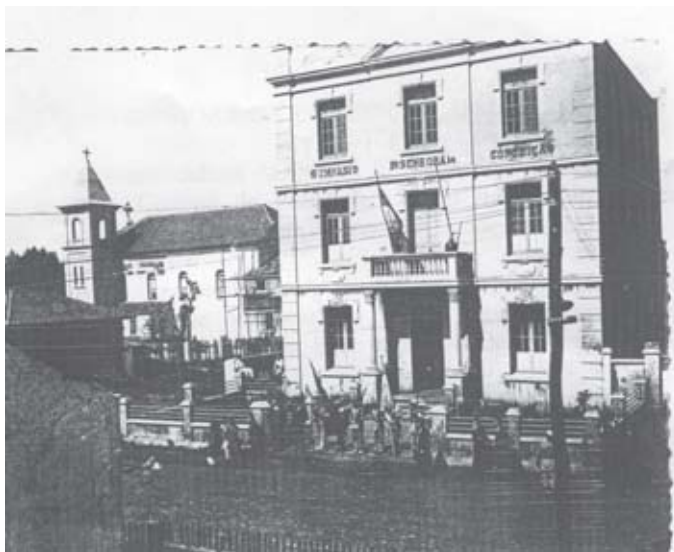


FOTO: ARQUIVO AUTOR

Colégio Marista Conceição, sede da Rua Teixeira Sorares, na primeira metade do século XX.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Colégio Marista Conceição, sede atual.

Hospital da Cidade

Paulo Adil Ferenci ()*

No início do século XX, a comunidade passo-fundense era constituída de grupos étnicos distintos, entre os quais o dos italianos e o dos alemães, muitos católicos e outros não-católicos, entre eles iniciados na maçonaria, cada grupo com suas características próprias e suas diversidades ideológicas, políticas, de costumes, de crenças e de ideais, todos convivendo com aqueles que há várias gerações tinham suas raízes fincadas no fértil e diversificado solo da região. Dentre eles, muitos idealistas, como Francisco Antonino Xavier e Oliveira, nome que se identifica com a própria história de Passo Fundo da primeira metade daquele século. Entre inúmeros outros ideais, ele tinha um em especial: a cidade precisava de uma casa de saúde. Em torno desse ideal, ele conseguiu reunir os cidadãos de Passo Fundo, independentemente de suas divergências étnicas, religiosas, filosóficas e políticas. E no dia 20 de julho de 1914, domingo, nascia o Hospital de Caridade de Passo Fundo, mais tarde mudando seu nome para Hospital da Cidade de Passo Fundo.



Diretoria do Hospital da Cidade, 14/07/1920.

De todos os lares e de todos os lugares surgiam tijolos, cimento, madeiras, e das caixas de coleta espalhadas pelas casas de comércio da cidade onde era colocado o troco das compras do dia-a-dia, o numerário necessário para adquirir os materiais não recebidos por doações. Trabalhando como voluntários aos sábados à tarde e domingos e feriados, inúmeras pessoas, anonimamente, participaram da construção dos alicerces e das primeiras paredes do futuro hospital. Assim, todos os habitantes de Passo Fundo participaram de alguma forma da construção da obra idealizada por Antonino Xavier e Oliveira, numa demonstração efetiva de que a união de todos torna possível a realização do sonho de alguns para atender às necessidades dos que precisam. Também gratuitamente, comerciantes, comerciantes, operários, profissionais liberais transformavam-se em administradores, gerentes,

De todos os lares e de todos os lugares surgiam tijolos, cimento, madeiras, e das caixas de coleta espalhadas pelas casas de comércio da cidade onde era colocado o troco das compras do dia-a-dia, o numerário necessário para adquirir os materiais não recebidos por doações. Trabalhando como voluntários aos sábados à tarde e domingos e feriados, inúmeras pessoas, anonimamente, participaram da construção dos alicerces e das primeiras paredes do futuro hospital. Assim, todos os habitantes de Passo Fundo participaram de alguma forma da construção da obra idealizada por Antonino Xavier e Oliveira, numa demonstração efetiva de que a união de todos torna possível a realização do sonho de alguns para atender às necessidades dos que precisam. Também gratuitamente, comerciantes, comerciantes, operários, profissionais liberais transformavam-se em administradores, gerentes,

(*) Advogado; promotor de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, aposentado, professor da UPF e presidente do Conselho Administrativo do Hospital da Cidade e do Hospital Bezerra de Menezes desde 1996.

cozinheiros, enfermeiros, atendentes, auxiliares de serviços gerais, todos coordenados por um médico, e atendiam os pacientes que procuravam os serviços do novel hospital. Doenças epidêmicas que acometeram os passo-fundenses foram tratadas com dedicação incomum, e muitos foram salvos, outros tiveram seus últimos dias acompanhados com dedicação e carinho. Algumas décadas mais tarde, a comunidade passo-fundense uniu-se novamente entorno de outro ideal semelhante: a construção de um hospital psiquiátrico. Sob a



FOTO: ARQUIVO APL

liderança incansável de Helena Engelsing Lângaro, mediante a realização de rifas, quermesses, coleta de jornais e papéis velhos, nasceu o Hospital Espírita Bezerra de Menezes.

Hoje, na realidade, essas duas instituições estão unidas e formam, o Complexo Hospitalar Hospital da Cidade de Passo Fundo e Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes, uma instituição que transcende os limites da cidade e atende pessoas de mais de 150 cidades dos três estados do Sul do Brasil, e até de outros Estados.

Com o Hospital São Vicente de Paulo, outra instituição que também nasceu da vontade e determinação dos passo-fundenses, e outras instituições de saúde, forma o terceiro polo de assistências à saúde da região Sul do Brasil, segundo informações do IBGE.

No seu primeiro estatuto, elaborado por seus fundadores, que ainda se encontra em vigor, foram traçados os principais objetivos da instituição Hospital de Caridade de Passo Fundo, dentre eles, o atendimento a todos que precisassem de seus serviços, sem qualquer restrição em razão de raça, cor, credo ou ideologia política, priorizando a caridade com que atuam seus dirigentes em todos os níveis e associados, além de dedicar-se ao ensino nas áreas da saúde e da assistência hospitalar.

Este último objetivo foi buscado com a criação da primeira Escola de Enfermagem na década de 1940, que hoje conta com mais de 600 alunos, e a partir da segunda metade da década de 1990, com o convênio firmado com a Universidade de Passo Fundo, para a admissão de estagiários nas áreas da medicina, da enfermagem, da psicologia, da fisioterapia e da farmácia, contando anualmente com mais de 100 estagiários universitários, além dos estagiários dos seus cursos técnicos, e com o credenciamento da instituição como Hospital-Escola para oferecer Residência Médica em várias especialidades da Medicina. Com isso, a instituição mantém-se atualizada técnica e cientificamente para melhor prestar seus serviços aos pacientes que a procuram, para melhor formar seus médicos residentes e orientar seus estagiários técnicos e universitários.

Essas instituições comprovam que os passo-fundenses, quando unem seus esforços a um ideal, estes tornam efetivamente uma feliz e próspera realidade.

Cervejarias Serrana, Continental e Brahma

Elisabeth Souza Ferreira (*)



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVOAFL

Movimentação de clientes e fornecedores da Cervejaria Serrana, em 1929.

Passo Fundo teve a sua origem ligada ao transporte, porque era local por onde os tropeiros cortavam caminho no Planalto Médio para chegar à Feira de Sorocaba, em São Paulo. A agricultura se revelava como uma das principais forças da economia em formação. A ferrovia ligava o Sul ao Centro do país. Os fazendeiros paulistas também se deslocavam até aqui para negociar.

Dentre os muitos tropeiros de mulas que passavam por Passo Fundo, oriundos dos mais diversos lugares, estava o jovem Mário Borges Thevenet, morador de Uruguaiana, que trazia seus animais para um repouso merecido nos muitos campos espalhados da região antes de seguir viagem em direção ao Planalto Paulista. Foi assim que ficou conhecendo a cidade e se apaixonando por sua localização. Decidiu-se a fixar residência na cidade que na época já dispunha de várias casas comerciais, madeireiras e moinhos de arroz, trigo e milho. Havia também uma cervejaria artesanal, pertencente a João Corá que abastecia todo o mercado, de Santa Maria a Marcelino Ramos. Ele importava a cevada da Argentina e o lúpulo da Tchecoslováquia. Esse último vinha enrolado em linho. As garrafas de cerveja eram transportadas em caixas de madeira e, às vezes, até empalhadas com palha de cevada quando se tratava de uma viagem mais longa. Era a forma rudimen-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

tar encontrada para protegê-la contra as intempéries e o atrito dentro dos trens ou mesmo em cima das carroças. Foi assim até a chegada de um técnico cervejeiro europeu, chamado Walter Barbieux, filho de Jorge Barbieux, que fixou residência no município em 1915. Casou-se com Leofrida, uma das filhas de Mário Borges Thevenet. Adquiriram, então, a Cervejaria Serrana, de Bramatti e João Corá, e apostaram no seu crescimento, ampliando-a até a produção da cerveja Gaúcha.

Em 1918, Walter Barbieux seguiu em direção à Europa, dedicando-se ao seu aperfeiçoamento cervejeiro em Hamburgo, entre 1919 e 1925. Em 1926, resolveu ampliar ainda mais a sua cervejaria, importando uma caldeira que desembarcara em Porto Alegre e chegara de trem a Passo Fundo. O transporte da caldeira exigiu o auxílio de dois caminhões para puxá-la à frente e segurá-la atrás. Essa operação despertou a curiosidade das pessoas simples da época. Pouco a pouco, a cervejaria artesanal passou a ser industrial. Produzia, além da cerveja, guaraná e limonada gasosa.

O guaraná vinha em tonéis do Amazonas. A limonada era produzida com limão natural de Marcelino Ramos. Todos os produtos eram naturais, com água pura de um poço artesiano. O limão era pasteurizado e acondicionado em garrafas de vidro. Apenas na água de soda é que se fazia uso de um produto químico, o sódio. Além da cerveja Serrana, também se produzia a Cervejinha Preta Gauchita.

Não havia água encanada para os habitantes de Passo Fundo nesse período. Portanto, o poço artesiano da cervejaria, forneceu água para muitas pessoas que a buscavam quase sempre nos meses de seca. Walter e Leofrida Barbieux possuíam um sócio chamado Otto Bade que acabou vendendo a sua parte para a Cervejaria Continental e, em 1945, acabaram vendendo-a totalmente para a Cervejaria Brahma.

A Cervejaria Brahma acompanhou o desenvolvimento do município, deixando na memória de todos os passo-fundenses a lembrança do famoso apito da fábrica que tocava diariamente, marcando o horário do almoço e o do final do expediente, bem como da chegada do Ano Novo por muitas e muitas décadas. Foi um dos principais símbolos de Passo Fundo.



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO APF

A sétima arte

Marco Antonio Damian (*)

Roberto Silva, também conhecido por Robertinho era um paulista que chegou a Passo Fundo na primeira década do século XX com uma idéia fixa na cabeça e uns estranhos aparelhos nas mãos. Alugou um velho galpão na Rua General Neto, onde hoje se situa o Banrisul, que pertencia ao capitão Jovino Freitas e ali instalou a primeira sala de cinema de Passo Fundo. Chamava-se Cinema Patê. Conta o médico Jovino Freitas, que em meio à sessão cinematográfica, muitos ratos corriam insistentemente nos caibros que sustentavam o telhado. Robertinho, o pioneiro, instalou seu cinema em outros locais, como na Rua Morom, defronte à Praça Marechal Floriano. Ainda na década de 1910, outra sala foi instalada na Av. Brasil esquina com a Sete de Setembro. Chamava-se Cinema Central e pertenceu à família Reichmann, que posteriormente transferiu-se com cinema e tudo para Erechim.

O primeiro grande cinema de Passo Fundo foi inaugurado em 1920. Era o majestoso Cinema Coliseu, situado na Rua General Neto de propriedade de Florêncio Della Mía. Tinha a capacidade para aproximadamente 500 espectadores e três tipos de ingressos. A platéia, sentava-se em cadeiras de palha de frente para a tela, a frisa e os luxuosos camarotes. Nessa época o cinema ainda não tinha sonorização. Assim, orquestras tocavam música durante toda a exibição do filme, como Claro Pereira Gomes, Ormino de Freitas Ubaldo, Quirino Barbosa e Felipe Passe. Essa situação perdurou até 1931, quando os filmes chegaram com sonorização parcial. Nos momentos em que as cenas eram silenciosas uma vitrola era acionada para entreter os assistentes.

O Cinema Coliseu também foi palco de shows que marcaram a sociedade passo-fundense, como o do Teatro de Revista com a vedete Virginia Lane e suas pernas perfeitas, o ator Procópio Ferreira, o cantor/tenor Vicente Celestino e o Rei da Voz, Francisco Alves. Grandes clássicos do cinema ganharam a tela do Coliseu. Por exemplo: “M”, o vampiro de Dusseldorf; Encouraçado Potenkim; Maria Antonieta; Luzes da Cidade e todos os outros filmes de Charles Chaplin.

Em 1948, o Cinema Coliseu foi destruído por um incêndio que acabou também com o Café Colombo, que se situava ao lado. Alguns anos depois foi reconstruído e voltou a funcionar, até meados de 1953, quando a Empresa de Cinemas Rossi, de Porto Alegre, adquiriu o cinema e mudou seu nome para Cine Real.

Ainda no final dos anos 30, o empresário Eduardo Valandro abriu o Cine Imperial, situado na Rua Bento Gonçalves esquina com a Rua General Osório. Pouco tempo depois da inauguração, um incêndio terminou com a sala de cinema. Assim, já nos anos 40, o

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Cinema Imperial, ainda com o mesmo proprietário, ressurgiu na parte térrea do Ed. Rotta, na Rua General Neto, até sua extinção.

Outras duas salas tiveram seus dias de glórias nos anos 30, quando empresários viam nas salas de cinemas um negócio altamente rentável. Um deles teve vida efêmera, o Cine Avenida, situado na Rua Morom. Outro durou

pouco mais de cinco anos, o Cine Rex, localizado na Avenida Brasil, entre as Ruas Bento Gonçalves e General Neto. O Cine Rex passava seriados, ou seja, um filme era cortado em seu momento mais crucial para ter continuidade no domingo seguinte.

Com a chegada da Empresa de Cinemas Rossi em Passo Fundo adquirindo os cinemas Coliseu, depois Real e Imperial, o segmento ficou monopolizado. O Cine Real foi transformado numa grande sala, com mais de mil assentos. Era chamada “A Casa dos Grandes Espetáculos”. A sessão das 20 horas no domingo era um grande acontecimento. O Cine Real ficou em atividade até o final dos anos 70, quando deu lugar a um banco. Ainda da Empresa Rossi foi inaugurado, em 1967, o Cinema Coral, na Vila Rodrigues. A cidade crescia pelos lados da Praça Santa Terezinha e no bairro São Cristóvão. Assim, o Cine Coral viria atender àquela população.

Desde a década de 50, a Empresa Turismo Cine-Hotéis Reunidos, de propriedade de Tadeu Nedeff, construía um hotel de luxo, defronte à Praça Marechal Floriano. Junto a esse havia uma sala de cinema que serviria também para shows e peças teatrais. Inaugurado em 1962, o Cine Teatro Pampa realmente era luxuoso. Suas cadeiras estofadas abrigavam duas mil pessoas. O Cine Teatro Pampa era palco de shows imperdíveis, como Nelson Gonçalves, Ângela Maria, além de peças de teatro, onde a magnífica Sandra Bréa ficava para mais de duas mil pessoas que se acotovelavam até nos corredores do Pampa.

Em 14 de dezembro de 1968, um grande estrondo seguido por chamas gigantescas e muita fumaça saíram do Pampa. Muito se perdeu, mas felizmente, o hotel ficou intacto. O cinema ficou dois anos em reconstrução. O Cine Pampa voltou a funcionar no natal de 1970, com o filme *O planeta dos macacos*; fechou definitivamente em 2005 e se transformou num estacionamento.

Atualmente, as salas se posicionaram nos *shoppings*. Duas salas no Shopping Bella Città e outras duas no Bourbon. São pequenas, mas confortáveis, modernas e atendem perfeitamente aos cinéfilos.



Cinema Coliseu, 1930.

FOTO: CZAMANSKI



Clubes de futebol

Marco Antonio Damian (*)

O futebol já era uma realidade no Estado em 1913. Praticamente todos os municípios gaúchos tinham clubes organizados e alguns até mesmo campeonatos constituídos. Em 1915, em Passo Fundo, foi criado o Sport Club União. Jogava partidas entre seus próprios associados e contra clubes de Cruz Alta, onde o futebol estava mais desenvolvido. O União, anos depois, realizou fusão com o Clube Comercial (Clube União Comercial). O futebol foi deixado de lado e, após desfeita a fusão, o clube desapareceu.

Em 1918, o futebol voltou a ser lembrado; no Bairro Boqueirão nasceu, em 12 de maio, o Sport Club Gaúcho. Seu rival foi o Grêmio Esportivo, clube de camisas brancas, que, ainda incipiente, foi agregado ao 14 de Julho. Gaúcho x Grêmio Esportivo realizaram vários jogos até 1921, quando o último desapareceu.

Dionísio Lângaro, Herculano Annes e Telêmaco Pires convidaram amigos e pessoas ligadas ao Grêmio Esportivo para criarem um clube de futebol que combatesse o Gaúcho. Em 26 de junho de 1921, nasceu o Grêmio Esportivo 14 de Julho. A maioria de seus dirigentes pertenciam à colônia italiana da cidade. Teve seus estádios nos seguintes locais: frente ao Quartel do Exército, depois onde hoje está a Corsan, na Vila Cruzeiro. Em 1949, inaugurou seu majestoso Estádio Celso da Cunha Fiori, no antigo Passo, onde, atualmente, situa-se a estação rodoviária e finalmente no bairro São Cristóvão, o Estádio Vermelhão da Serra. Seu título mais importante foi o de campeão estadual da segunda divisão, em 1968, tendo seu time base a seguinte formação: Cavalheiro, Osvaldo, Amâncio, Tomé e Noé (Vacaria); Zé Carlos (Gitinha) e Santarém (Pedruca); Tuta, Mariotti, Abílio e Picão.

Seguindo a linha de outras cidades onde funcionava a Viação Férrea do Rio Grande do Sul, tais como Cruz



Jogadores em pé: Amâncio, Nadir, Maneca, Machado, Honorato e Geraldo. Agachados: Raul Matté, Arthur, Bebeto, Roberto e Antoninho. 1967.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Alta, Santa Maria, Bagé e Rio Grande, os funcionários da empresa fundaram um clube de futebol, o Riograndense Foot Ball Club, que tinha as cores verde e vermelha, porém foi um clube coadjuvante, praticamente sem torcedores, exceto pessoas ligadas aos ferroviários. Este durou de 08/08/1925 até 1968. Teve seus momentos de glória na primeira metade dos anos 40, em que conquistou o campeonato da cidade em quatro oportunidades e chegou a ser semifinalista do campeonato estadual, perdendo para o Internacional, em 1941. Contava com craques do quilate de Jamegão, Polaco, Marcondes, Adão, Toró, Come-Bola e os irmãos Sabino e Isabelino.

Ligado à Brigada Militar, surgiu em 08/06/1931 o Sport Club Cruzeiro. Disputou numa época em que o futebol estava em baixa, com a inatividade de Gaúcho e 14 de Julho. Teve em seu elenco bons jogadores e conquistou duas vezes o campeonato da cidade. Foi extinto em 23/08/1938, por determinação do alto comando da Brigada Militar, pois seus estatutos assim determinavam.

Numa dissidência do Gaúcho, surgiu o Independente Grêmio Atlético de Amadores, no dia 21/10/1941, quando se reuniram pessoas da alta camada da sociedade passo-fundense, no então requintado Hotel Avenida. O clube foi campeão cidadão, pela primeira vez, em 1946, contando com jogadores como Josino Marques, Barão, Bino, Avás Lima, Vadila Marques, Nino Di Primio, Flávio e Noio Annes e o goleiro Caio Rostro, entre outros. Como se pode ver, todos de tradicionais famílias passo-fundenses. Inaugurou seu belíssimo estádio da Tingaúna, em 1951, tendo como anfitrião o Grêmio Porto-Alegrense, que pela primeira vez pisava em nosso solo. O Independente disputou o campeonato estadual de amadores durante várias décadas e hoje ainda se mantém vivo participando de competições municipais, como a maior atração, pela sua tradição e pelo seu estádio.

Em novembro de 1949, o Internacional de Porto Alegre com seu famoso *rolo compressor* veio a Passo Fundo e arrasou Gaúcho e 14 de Julho, com goleadas históricas. Boa parte dos jogadores eram estudantes, especialmente do Instituto Educacional. Envergonhados com as derrotas, deixaram seus clubes de origem e na residência de José Ecil dos Santos Borges deram vida ao Esporte Clube Atlético, com as cores azul e branco, as mesmas do IE. Disputou o campeonato da cidade em 1950, chegando ao vice-campeonato. Em 1951 chegou ao título e em 1952, abandonou a competição antes do seu término e desapareceu. O time campeão de 1951 tinha como base: Flávio Araújo, Avás Lima e Edson; Vete, Zizi Annes e Centenário do Amaral; Jorge Berthier, Eblen Kalil, Nery Simão, Silveira e Caíco Marques.

Em 1986 surgiu a idéia de realizar a fusão dos dois maiores clubes. Sob os auspícios do poder público municipal e entidades empresariais deram vida ao Esporte Clube Passo Fundo. No dia 10 de janeiro daquele ano foi efetivada a fusão, que não logrou êxito. O Gaúcho, em novembro do mesmo ano, deixou a nova agremiação. Como os resultados de campo eram expressivos, inclusive com a conquista do título da segunda divisão, não restou alternativa ao Esporte Clube Passo Fundo, a não ser incorporar o 14 de Julho e seu patrimônio.



Clube Visconde do Rio Branco

Maria de Lourdes Isaias ()*

Antes de 1910, algumas famílias negras da comunidade já se reuniam, muitas vezes para jogar bocha, esporte marcante da época, outras para debater sobre a futura sociedade. Após uma década, já mais organizadas, as famílias Almeida, Bernardes, Isaias e vizinhos e amigos reuniam-se nas datas festivas religiosas como da Imaculada Nossa Senhora da Conceição, do Divino Espírito Santo e também do Arcanjo São Miguel. Em 1912 se organizou a primeira reunião oficial da futura sociedade, mas foi na segunda que fundou-se a Sociedade José do Patrocínio, nas quais participavam: Candido Bernardo da Cruz, Claro Severo, Bento Isaias, Claro Pereira Gomes, Antão Bernardo da Cruz, Salomé de Almeida, Domingos de Almeida, Eugenio Mello, João Theodoro de Almeida, João Bernardo da Cruz sendo eleito como tesoureiro honorário Claro Pereira Gomes.

Por volta de 1914, chegou à cidade um circo, cujo palhaço, Sebastião Braga, incentivou o prosseguimento da sociedade, por isso por um certo período a sociedade foi conhecida pelo nome de Sociedade Cultural Sebastião Braga, mas em 1916, deliberou-se pela mudança do seu nome para Clube Visconde do Rio Branco, cuja primeira diretoria foi eleita no dia 23 de abril de 1916, data oficial de fundação. Essa sociedade era presidida por uma mulher, fato peculiar para a época, Dona Madalena (Tia Madalena Gorda), uma senhora de posses, que fornecia alimentação para o Presídio Municipal.

Os associados começaram a angariar fundos para a aquisição de um terreno e construção da sede social (Rua Moron nº 2680), que foi inaugurada em 1932 e ampliada em 1947, tendo sido registrado seu primeiro estatuto em 1949, o qual deixava clara a aceitação de diferentes etnias da sociedade (válido até hoje) e enfatizava a sociedade com fins culturais. A sociedade sempre teve participação ativa nas festividades momescas, sendo que remontam ao Bloco Carnavalesco Trinta Três da Pontinha, na década de 1920, que evolui para os blocos e cordões carnavalescos representantes da sociedade nas festividades, sendo que na década de 1950 foi organizada uma escola de samba que deu origem a outras entidades carnavalescas que ainda hoje animam o nosso carnaval local.

É importante salientar que o Clube Visconde não era originalmente uma escola de samba, mas uma sociedade recreativa e cultural, por ser ponto de convergência de pessoas que participavam das festividades populares do carnaval da cidade, deu origem a outras entidades que fizeram e fazem parte destes festejos; na área cultural, citam-se as congadas, ternos de reis, bumba meu boi; manifestações oriundas das tradições e costumes do povo africano que para estas terras veio, destas raízes advêm o Grupo Cultural Afro-brasileiro

(*) Professora e historiadora da Cultura Afro-Brasileira.

Zumbi (já que no momento presente, que apresentava encenações de teatro e dança fundadas nestes elementos culturais).

Em memoráveis bailes de debutantes, meninas da sociedade local e da região eram apresentadas à sociedade, contando com madrinhas (mulheres influentes da sociedade local), entre as quais, as sras. Alice Costi e Noeli Albuquerque.

A participação de suas representantes no concurso de Miss Passo Fundo, também se constitui em um marco nas suas atividades, citando-se a participação das srts. Maria Eli Xavier e Danuza da Silva Escobar, onde a primeira foi eleita Miss Passo Fundo, no final dos anos sessenta. Houve eventos sociais que contaram com a presença de orquestras de sucesso nacional, citando-se a participação do Musical Casablanca, dirigido pelo famoso maestro Sabiá. A visita no início dos anos setenta do Grupo Cultural Afro-Brasileiro da Bahia, o qual participou de um dos carnavais de inverno promovidos pela sociedade, contando com a presença do cantor de expressão nacional, Emílio Santiago.

O Clube Visconde do Rio Branco, participante sempre presente na agenda social da cidade, congregando em suas atividades as diversas classes sociais, na mais perfeita harmonia, sem, no entanto deixar de caracterizar a sua inserção como representante de um dos grupos étnicos que formam nossa comunidade.

Devido a diversos problemas contextuais, teve sua sede quase que totalmente destruída no final da década de 90. Hoje com muito esforço, um grupo de descendentes das antigas famílias que fundaram o Clube, inicialmente capitaneado pelo saudoso prof. Edy Isaias, falecido em agosto de 2001, luta pela defesa e perpetuação das culturas populares.

O Visconde, como uma sociedade que acolhe a todos aqueles que se identificam com os anseios culturais populares, notadamente ligados ao afro-descendentes, é uma prioridade numa sociedade pluralista como a que estamos construindo em nossa terra, idéia que permanece viva nos corações e mentes de todos que estão ligados à cultura e tradição de nossa gente, nestes cento e cinquenta anos de Passo Fundo.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Coroação da rainha, em baile comemorativo do aniversário da entidade, na década de 1950. A prof^a. Maria de Lourdes Isaias da Cruz, futura esposa de Adyl da Cruz, presidente da sociedade, descendente direto dos primeiros fundadores da sociedade, tenente Eduardo Isaias, Milton Montenegro, Augusto Isaias e Antenor Isaias, prefeito Municipal Daniel Dipp, Lamaison Porto, radialista da Rádio Passo Fundo, e Arthur Lângaro, presidente do Clube Comercial de Passo Fundo.

Sport Club Gaúcho

Meirelles Duarte ()*

12 de maio de 1918, no tradicional e histórico bairro do Boqueirão, na residência da família Issler, um grupo de jovens sem muitas opções de lazer na cidade, resolvia fundar um clube de futebol, já que todos, em seus colégios, demonstravam grandes aptidões neste esporte. Dos dados de fundação, nomes, escolha das cores, primeira bola e do primeiro estádio já se falou bastante e edições inteiras já foram dedicadas ao clube alvi-verde. Hoje, teríamos perante a grande família “periquita” que nos reportar ao clube, que com uma existência tão longa, uma história recheada de feitos inéditos e inesquecíveis, tornou-se uma



FOTCA-ARQUIVO AUTOR

A equipe do Gaúcho, em 1920. Na primeira fila, temos o nº 1, Alberto Morsch; nº 2, Dionísio Lângaro; nº 3, Deoclécio Rostro. Na 2ª fila, Brasil Trindade, Arthur Lângaro e Amadeu Goelzer; na fila da frente, Dario Ferreira, Pedro Rossal, Bentinho, Paco e Bueno. Os militares, em pé, eram Sargento Tarço e soldado Miotto.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

verdadeira paixão perante seus torcedores e uma legenda, sendo lembrado em todo o Estado, quando se fala no futebol de Passo Fundo.

A razão de viver – O S.C. Gaúcho é futebol; sua imagem, por mais que se fique distante do seu estádio, do seu gramado e por tanto tempo, sempre será o futebol guerreiro, empolgante, apaixonante, ao ponto de transformar seus torcedores em aficionados fanáticos que, mesmo sabendo da sua inatividade, vivem sempre a esperança de um dia poder revê-lo nos gramados do Rio Grande do Sul e, de forma especial, no acolhedor Estádio Wolmar Salton, de tão memoráveis jornadas bem vividas na memória de todos.

O Gaúcho de hoje – O Sport Club Gaúcho está representado por um riquíssimo patrimônio, um complexo de piscinas que contém, desde a velha e pioneira piscina semi-olímpica, infantil, até as térmicas e para deficientes físicos. Seu patrimônio é um dos mais ricos do interior, pois soube conservar seu gramado, dependências, faltando-lhe tão somente, para candidatar-se a jogos oficiais, recompor suas luminárias, cujos postes duraram por mais de 10 anos e foram destruídos por um vendaval e nunca mais foram reconstruídos. O quadro social aumentou nos últimos tempos, tornando a agremiação uma das mais concorridas o ano inteiro, com suas piscinas e saunas. Mesmo com estas afluências, o futebol continua bem latente na lembrança e na mente de todos os torcedores que não admitem seu sepultamento exatamente pela tradição e pelo brilhante passado. O problema existe, pois está estampado na face de cada um dos velhos torcedores que, enquanto existirem, estarão clamando pela volta do clube de futebol. Vamos ver até quando irão nesta luta persistente.

A grande esperança da massa alvi-verde em poder rever um dia seu clube nos gramados de nosso Estado é o fato de que, de direito, o clube continua existindo filiado à Federação Gaúcha de Futebol e apto, a qualquer momento, a retornar às atividades normais, começando pela luta na segunda divisão. O retorno, que para muitos apavora pelos gastos que poderia representar, tem seu caminho traçado na formação de uma equipe constituída exclusivamente por atletas locais mantendo-se na ativa, como fazem várias equipes, inclusive a mais antiga do Brasil, o Sport Club Rio Grande, que para manter sua imagem, participa, ano a ano, com uma equipe constituída exclusivamente de jogadores revelados em suas divisões inferiores.



Hospital São Vicente de Paulo

Welci Nascimento (*)

Dois anos após a fundação da Sociedade de São Vicente de Paulo em Passo Fundo (1916), apareceu, por aqui, uma epidemia chamada “gripe espanhola”, a qual foi uma máquina de matar. Já tinha atacado o planeta inteiro, deixando, segundo se noticiou, mais de 20 milhões de mortos, isto é, 1% de população. No Brasil, foram mais de 300 mil mortos; em Passo Fundo, por não dispor de nenhuma proteção, foi uma calamidade. A “peste”, como o povo a denominou, atacou, vorazmente, a cidade.

Os vicentinos foram à luta para proteger, primeiramente, as pessoas pobres, praticamente abandonadas. Tomaram a iniciativa de alugar uma casa grande que se localizava nas imediações onde, hoje, é a Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, transformando-a num hospital, que foi chamado de Hospital São Vicente de Paulo, patrono dos vicentinos, com a finalidade precípua de atender às pessoas pobres tomadas pela terrível epidemia.

Em novembro de 1918, o hospital agasalhou os primeiros doentes contaminados pela gripe, cujo número foi, sucessivamente, aumentando. Durante o surto da gripe, foram tratadas 76 pessoas, sendo que 15 faleceram, “todos confortados com os Santos Sacramentos”, dito pelo padre João Rafael Iop, vigário da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e um dos fundadores do Hospital São Vicente de Paulo.

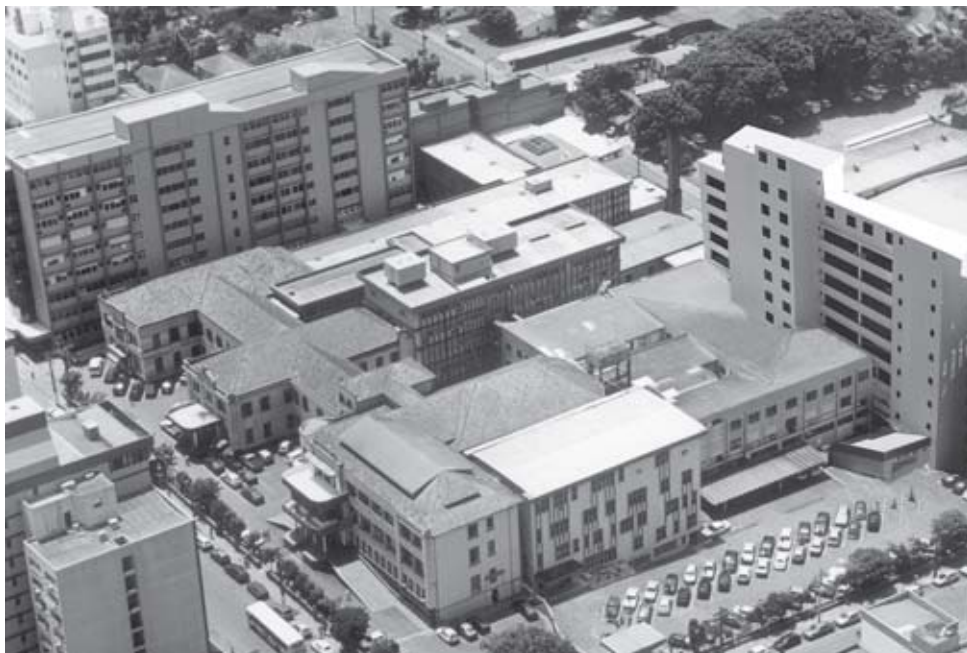
A população de Passo Fundo, concorria, generosamente, com dinheiro e objetos para organizar o hospital e os doentes eram tratados pelos médicos Nicolau de Araújo Vergueiro, Carlos Meyer e Ivo Barbedo, auxiliados pelo farmacêutico Antônio Manoel Maminha, que era vicentino.

O jornal *O Gaúcho* publicava a notícia, dia 29 de dezembro de 1918, da inauguração do Hospital São Vicente de Paulo, que, desde 4 de novembro, vem prestando relevantes serviços, tendo agasalhado muitos doentes. Em 24 de janeiro do ano seguinte a Diretoria já publicava o balancete geral da receita e da despesa. O padre João Rafael Iop, o Apostolado da Oração da Igreja Matriz e a Conferência Vicentina Nossa Senhora Aparecida concluíram que o trabalho mais importante realizado na cidade de Passo Fundo no início do século XX foi a fundação e instalação do hospital.

Hoje, a Associação Hospitalar São Vicente de Paulo é um hospital geral de ensino, referencial numa região de dois milhões de habitantes, com finalidade estatutária de “re-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Vista aérea recente do Hospital São Vicente de Paulo.



ceber e tratar, gratuitamente os enfermos indigentes sem distinção de raça, credo e nacionalidade [...]” O São Vicente, como é mais conhecido, consolidou-se como “a marca da saúde”; aproximou a região Sul do Brasil e a cada ano que passa reforça esse conceito pela alta complexidade que apresenta.

Ao longo de sua história, o Hospital São Vicente de Paulo vem contribuindo com projetos que beneficiam o cuidado com idosos e crianças pobres, administrados pela Sociedade de São Vicente de Paulo. Em 1918, eram três leitos e três médicos; hoje, segundo dados de 2006, são 537 leitos e um corpo clínico formado por 450 médicos e mais de 2.000 funcionários. Conquistar a satisfação das pessoas, em todas as etapas da prestação de serviços, é o que busca o Hospital São Vicente de Paulo. Em 2005, a internação hospitalar alcançou 28.811 pessoas originárias dos mais diversos pontos do Sul do Brasil.

“O Hospital São Vicente de Paulo encontra-se em boas condições gerais, com muita higiene e bastante ordem, sendo todos os doentes convenientemente atendidos neste período de epidemia que nos surpreendeu em triste situação [...]”, dizia Nicolau de Araújo Vergueiro no ano de 1918. O médico humanitário já previa o futuro do Hospital. Já antevia um amplo e moderno complexo hospitalar para beneficiar a população de Passo Fundo e o Sul do Brasil.

O trabalho das Diretorias do Hospital São Vicente de Paulo, funcionários e seu corpo clínico, ao longo do tempo os credenciam para constar nos anais do sesquicentenário do município de Passo Fundo.

De *footing* a bobódromo, uma instituição comunitária

Paulo Monteiro (*)

Desde a Antigüidade, com a Ágora dos gregos, a praça transformou-se no centro de cidadania, por excelência. O poeta Castro Alves definiu-o muito bem nos versos que se tornaram famosos: “A praça, a praça é do povo / Como o céu é do condor.”

Na praça, os cidadãos se reúnem para reuniões políticas e comemorações cívicas e esportivas, como os antigos gregos.

A Praça Marechal Floriano é o “coração” de Passo Fundo. Até 1921 era cercada. O acesso ao seu interior se fazia através de porteiros giratórias existentes nos seus quatro cantos. Informa a professora Delma Rosendo Gehn, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, que no ano de 1918 ali já existia um quiosque. “Era o lugar de encontro dos passo-fundenses, onde eram discutidos os problemas sociais, políticos e econômicos, bem como onde a juventude tinha a oportunidade de ver os namorados”, conforme palavras textuais da historiadora.

Reeditava-se, aqui, uma das práticas da *belle époque*, da capital federal. Ponto de onde se revelavam as novidades e nascedouro de fofocas, as praças daquele período serviam de passarelas para as *senhorinhas casadoiras* e as *casadinhas* à procura de possíveis aventuras extra-conjugais. *Dom Juans* também faziam desses locais observatórios privilegiados.

Ao redor da Praça Marechal Floriano localizaram-se os principais cinemas de Passo Fundo. O primeiro deles surgiu em 1915, onde hoje está o prédio do Fórum, mudando-se pouco depois para a praça. Dois anos depois, na esquina da Avenida Brasil com a Sete de Setembro, onde está a a Comercial Zaffari, surgiu outro cinema, conhecido por Quinta. Em 1920, surge o Cine Coliseu, na Marechal Floriano, de propriedade de Florêncio Della Méa.

Com o aparecimento dos cinemas aumentou a concentração de pessoas em torno da praça, concentração que passou a ser conhecida como *footing*. O fotógrafo Deoclides Czamanski, em entrevista ao jornal *Rotta*, de 31 de março a 13 de abril de 2003, recordou aqueles encontros. “Lembro-me de que, em 1937, nos reuníamos na Rua General Netto, em frente ao cinema Coliseu, que se localizava onde hoje funciona um bingo. Os

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

rapazes ficavam parados na calçada, enquanto as moças circulavam de um lado para outro, em plena rua, que, para isso era interrompida”. “Quando era para iniciar a apresentação da (fita) soava uma sirene e a concentração se dispersava. Uma parte entrava no cinema; outros iam para o Café Elite, que ficava ao lado da Catedral, e os rapazes mais afoitos dirigiam-se para os cabarés. Naquela época, preferiam o Cabaré da Maroca, que ficava na Rua Capitão Eleutério, onde hoje se situa o Edifício Ghelen. Depois se mudou para a Rua XV de Novembro”.

Deoclides, que registrou com suas lentes fotográficas momentos paisagens e aspectos da vida passo-fundense, ao longo de décadas, também documentou a antigüidade do encontro de jovens ao redor da Marechal Floriano. Com o tempo, o movimento se modificou. Cessou a interrupção da Gen. Netto para o trânsito de veículos; as moças deixaram de circular pelo meio da rua. Os automóveis tomaram conta da pista de rolamento. O *footing* mudou de nome. Criou-se um neologismo, tipicamente passo-fundense: *bobódromo*.

Autódromo é o local onde os carros correm; motódromo, para motocicletas e *bobódromo*, onde os “bobos” circulam nos seus automóveis, para olharem as netas e bisnetas das *senhorinhas* de outros tempos.

Com o crescimento da cidade, a reunião mudou-se para a Rua Moron. O local ficou pequeno e os jovens se transferiram para a Avenida Brasil, entre as ruas Teixeira Soares e 10 de Abril.

Motoristas que precisam atravessar a Avenida Brasil reclamam das filas formadas pelos carros que circulam em baixa velocidade e que conferiram o nome de *bobódromo* à concentração. Canteiros e calçadas são tomados por moços e moças. Alguns consomem bebidas alcoólicas, mas a maioria prefere refrigerante ou o velho e tradicional chimarrão.

Os moradores das adjacências reclamam do barulho e das brigas. Uma estudante de Educação Física, entrevistada pelo jornal *Rotta*, disse que “o pessoal aqui é sadio. Ninguém vem para arrumar encrenca, para brigar. Estes sabem que aqui não é a praia deles e vão pros bares. Ali é que surgem as confusões”. “Confusões”, diga-se a bem da verdade, acontecem sempre que há concentrações de seres vivos, seja num vergel, entre flores; seja numa praia entre leões marinhos ou num serpentário. Por que não ocorreriam num *footing* ou *bobódromo*?

O certo é que a reunião de jovens iniciada ao redor da Praça Marechal Floriano, ainda na primeira metade do século passado, resistiu ao tempo e até adquiriu um nome caracteristicamente local. Quando Passo Fundo completa o sesquicentenário de vida independente o *footing* se transformou numa instituição comunitária, e até com um nome tipicamente local: *bobódromo*.

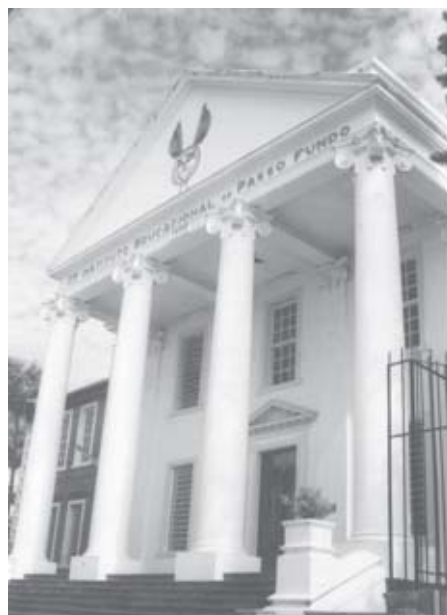


Instituto Gymnasial - o “IE”

Osvandré Lech ()*

Em 1919, a Intendência Municipal ofereceu à Igreja Metodista a Praça Boa Vista, localizada no distante Bairro Boqueirão, para a construção de uma escola. O rev. Jerônimo Daniel antecipou-se à construção e iniciou as atividades escolares num improvisado chalé de madeira junto ao pequeno templo central, na Rua Bento Gonçalves, já em 1920. Com 121 alunos (63 meninos e 58 meninas), a nova escola quebrava dois paradigmas: sistema misto e orientação metodista em cidade de pronunciada influência da Igreja Católica Romana. Mary Deckard, professora na Universidade do Texas, EUA, soube das dificuldades financeiras para construir a escola e liderou campanha para obtenção de fundos entre os alunos daquela instituição. A resposta foi imediata e os majestosos edifícios Texas (na Av. Brasil, com 11 salas de aula, biblioteca, grêmio literário, salão nobre, secretaria e administração) e Jerônimo Daniel (internato para 50 meninos, salas de estudo, refeitório, localizado na esquina das ruas Paissandu e Cel. Miranda) foram inaugurados em fevereiro de 1923, graças ao trabalho do rev. Daniel Lander Betts e do prof. Germano Peterson. Estava instalado o Instituto Gymnasial, uma tradição de ensino, esporte e cultura, que atraía alunos de toda a região. A Olimpíada dos Colégios Metodistas do Rio Grande do Sul, por exemplo, é considerada a mais antiga do Brasil e iniciou em 1928, quando três reitores de escolas metodistas reuniram-se pela primeira vez para estimular “a mente sã e o corpo forte”: Jesse Moreland (Porto Alegre), Eugene Chesson (Passo Fundo), e William R. Schisler (Uruguaiana).

O prédio Lucita Werner e a “Vila” Francisca Betts são inaugurados em 1937 sob a direção do mítico rev. William Richard Schisler, um reitor celebrado por todas as gerações de ienses. Em agosto de 1943, passa a se chamar de “Colégio José Bonifácio do Instituto Educacional de Passo Fundo”. Em 1963, a nova denominação é “Instituto Educacional de



FOTG: ARQUIVO AUTOR

1960-70 - Fachada do monumental prédio Texas, nos “anos de ouro” do IE.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Passo Fundo”. O prédio de laboratórios Daniel Betts foi inaugurado em 1975 sob a direção do rev. Prócoro Velásquez Filho, Armando Rezende (conselho diretor) e bispo Sady Machado. O prédio Armando Rezende foi inaugurado em abril de 1977. O Ginásio de Esportes William R. Schisler, que substituiu o imemorável pavilhão de madeira demolido em 1976, foi inaugurado em abril de 1981 sob a direção do prof. Elmo Farias de Albernaz. A direção do IE também se preocupou com o bem-estar dos seus professores e funcionários; muitos deles receberam moradia nas vizinhanças do colégio, um significativo agregado econômico. Por fim, em 1996, passa a denominar-se Instituto Educacional de Passo Fundo da Igreja Metodista.

Mais do que construir prédios e trocar de razão social, o IE é lembrado pela excelência dos seus reitores, pela obstinação na arte de ensinar dos seus professores e pelo amor à escola dos seus funcionários.

O idealismo de William Richard Schisler. O cheirinho do pão-com-molho do “seu Ervino”. A inflexibilidade das ordens do “seu Kneipp”, no Internato, e do Oscar Carvalho na Secretaria. O orgulho em falar do IE pelos diretores Eduardo Gustavo e Adyles Otto em frente ao prédio Dallas, onde os alunos fechavam a Av. Brasil e exercitavam o civismo e o amor à pátria. A dedicação da prof.^ª Lourdes Pithan ao pegar na mão pequenina e auxiliar a escrita das primeiras letras no prédio todo de madeira – que valor teve isto! O entusiasmo do prof. Casquinha (Cláudio Wagner) orientando seus atletas nas me-

moráveis “batalhas” contra o Conceição, o CENAV e o Notre Dame, no velho ginásio. Que escola de vida! A musicalidade dos festivais da primavera. As eletrizantes apresentações no Salão Nobre, que era o “palco do mundo”. A garbosidade das bandas adulta e mirim nos desfiles da Semana da Pátria. A dedicação e seriedade em educar de centenas de professores de várias gerações, dentre eles, Luiz Spalding, Letícia Wagner, Thalita Mendonça, Lina da Cunha, Beverly e Ned Walther. O esforço contínuo e altruísta desses professores formou milhares de vencedores para a vida! O IE é ainda tudo isto.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

1920 – Chalé de madeira atrás da Igreja Metodista Central. Na foto Jerônimo Daniel, Antônio Rolin, Germano Peterson, José Pinheiro e William R. Schisler.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Circa 1940 – Os fundos do prédio Texas e o moderníssimo ginásio de esportes todo de madeira. Em primeiro plano, um Ford bigode transita pela empoeirada Rua Paissandú.

Hotéis de Passo Fundo

Ana Paula Wickert (*), Atílio Tramontini (**)

Até a entrada do século XX, Passo Fundo se assemelhava a uma pequena vila colonial, onde predominava o aspecto rural, com edificações simples, normalmente de um pavimento destinadas à moradia e comércio local. O grande impulso econômico e social aconteceu com a chegada da ferrovia em 1898, permitindo um contato mais expressivo com o centro do Estado e, posteriormente, em 1911, com São Paulo.

A população urbana cresceu consideravelmente em apenas duas décadas e em 1920 a feição da cidade começava a se modificar. Inicialmente, no século XVIII,

o núcleo urbano se formava próximo à fonte da mãe preta, em direção ao Boqueirão, e ao lado da igreja Matriz estava localizado um dos primeiros hotéis da cidade, o Hotel Flórida. O novo meio de transporte modificou a dinâmica da cidade, e o crescimento que acontecia ao longo da Avenida Brasil passou a seguir em direção à *gare* da estação férrea, ao longo das ruas General Neto e Bento Gonçalves. Nesses eixos que ligavam a antiga Rua do Comércio (atual Av. Brasil) à estação férrea, foram construídos os principais hotéis da primeira metade do século XX.

O Hotel dos Viajantes foi o primeiro a se instalar na Rua General Canabarro, em frente à estação férrea. Inicialmente, era uma construção simples com apenas um pavimento, em poucos anos foi ampliado para um sobrado e passou a ser denominado Hotel Petraco (atual Caixa Econômica Federal). Outro hotel construído logo da chegada da ferrovia foi o hotel Internacional, na Rua do Comércio ao lado dos trilhos da viação, constituindo inclusive um ponto de parada do trem. Na década de 1920, observou-se a construção de dois



Hotel Internacional.



Hotel dos Viajantes.

(*) Arquiteta, professora e pesquisadora da UPF.

(**) Arquiteto e professor da UPF.

hotéis mais imponentes se comparados com o contexto arquitetônico da cidade na época. Os hotéis Avenida e Glória são sobrados imponentes, localizados em esquinas, com decorações ecléticas, simbolizando uma nova fase na cultura da cidade que se modernizava, e ainda hoje são marcos referenciais na paisagem urbana.

Em 1930, o imigrante Alessandro Lago, proprietário de terras próximas à linha férrea, que já havia investido na construção de uma casa comercial em frente ao Hotel Glória, observando o crescimento da procura pelo setor hoteleiro construiu em diagonal ao seu comércio o Hotel Roma, posteriormente denominado Hotel Nacional devido a questões políticas. Além desse, na região ainda havia o Hotel Itália, posteriormente chamado Brasil, atualmente estabelecido como Turis Hotel.

Na década de 1960, o desenvolvimento econômico da cidade reflete-se em uma mudança na tipologia construtiva do centro da cidade, com início do processo de verticalização. Os hotéis seguem o mesmo caminho. O primeiro foi o Turis Hotel, construído em frente à Praça Marechal Floriano, seguindo os ícones da modernidade, especialmente em relação aos brises solares que caracterizam sua fachada. Em seguida, o Rio Hotel, Itatiaia, Serrador e San Silvestre são implantados na área central seguindo a mesma tendência de edifícios em altura.

Atualmente, a tendência da hotelaria em Passo Fundo é atender a um novo mercado, que exige não apenas a hospedagem, mas sim todo um programa de usos complementares como espaço para convenções, eventos, lazer, *fitness center*, gastronomia regional e internacional, não esquecendo o conforto e qualidade dos serviços. Nesse novo conceito, foram construídos o Maitá Palace Hotel, Hotel Da Vinci e mais recentemente o Hotel Villa Vegueiro, representativo da arquitetura pós-moderna com uso de materiais contemporâneos como vidro e estrutura metálica, respondendo a um amplo programa de necessidades.

O setor se mantém como um dos mais expressivos da cidade, sendo que hoje o sindicato da classe hoteleira de Passo Fundo possui vinte hotéis cadastrados, os quais somam 950 unidades habitacionais, totalizando 1.900 leitos disponíveis (S.H.B.R.S. Passo Fundo 2007).



Hotel Avenida.

FOTO: ANAPALLAWICKERT



Prédio onde funcionava o Hotel Glória.

FOTO: ANAPALLAWICKERT



Villa Vegueiro Hotel.

FOTO: ARTUR FERRAO



Turis Hotel.

FOTO: ANAPALLAWICKERT



1920

Parada da Mocidade

Meirelles Duarte (*)



Na Parada da Mocidade de 1945, Tao Morbini, no alto, era conduzido por seus colegas do Instituto Educacional e os trofeus conquistados por seu colégio.

Dentre os fatos marcantes de nossos 150 anos de existência, vários sugeriram a inesquecível Parada da Mocidade. Inicialmente, poderia representar um fato de pouco significado e que nem mereceria figurar entre os demais deste livro. Como cheguei a viver os últimos anos desta colorida e disputadíssima Parada da Mocidade, posso afirmar que a escolha ou indicação foi muito apreciada e prontamente acolhida pelos responsáveis por esta publicação. Além de colorir a Semana da Pátria, onde a cada dia havia um evento e no quinto a Parada da Mocidade, que era o grande momento, só superado pelas comemorações do 7 de Setembro.

Foi um movimento que permaneceu por três décadas entre nós. As décadas de 1920, 30 e 40 foram as mais importantes e que mais marcaram. A de 50 foi igualmente movimentada, mas já perdendo todo aquele volume que reunia dirigentes educacionais, alu-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

nos de todas as idades e seus familiares. A grande conquista da Parada da Mocidade pode ser encontrada no espírito de patriotismo, de brasilidade que sabia inculcar na mente de todos os jogos da cidade. Havia, também, uma rivalidade saudável entre os colégios, um procurando melhor se apresentar do que o outro. Essa rivalidade é que provocou o surgimento dos carros alegóricos, dos belos uniformes e finalmente das inesquecíveis bandas marciais, especialmente as dos colégios, Instituto Educacional, Marista Conceição, Notre Dame, Bom Conselho, Nicolau de Araújo Vergueiro e outros mais. Essas bandas levantavam o público, que muitas vezes era tão numeroso como o dos desfiles de 7 de setembro.

O Desfile da Mocidade projetou vários nomes nos meios esportivos que se constituíam em atrações à parte. Temos o caso do estudante do Instituto Educacional, Tao Morbini, que era portador do físico mais perfeito na cidade e que se tornou, também, um grande jogador de futebol tendo, inclusive, sido contratado pelo Vasco da Gama do Rio de Janeiro onde participou, com raro brilho, de um campeonato carioca inteiro. Ruy Barbisan foi outro que surgiu nas Paradas da Mocidade. Esse igualmente era detentor de um invejável físico como alterofilista que era.

Dentre os grandes momentos vividos nos meios educacionais e cívicos de nossa cidade, a Parada da Mocidade vem abrilhantar e enriquecer a memória dentro destes 150 anos de existência de nossa querida Passo Fundo. Vale ainda registrar que a Parada da Mocidade não se limitava à participação dos colégios; também participavam as entidades sociais, como Comercial e Caixaeral; os principais clubes de futebol, como o Gaúcho e o 14 de Julho, figuravam entre os desfilantes com seus membros, exibindo seus troféus, aparecendo com seus tradicionais uniformes.

A cidade e os seus jovens filhos seriam outros se voltasse a Parada da Mocidade, com seus atrativos conduzindo nossos jovens por caminhos seguros, longe das mortíferas drogas, inculcando-lhes um amor-pátrio que hoje inexiste, o que representa um desfalque profundo na formação de nossos patrícios, perdendo todos, principalmente, o nosso querido Brasil.

O Independente, no Desfile da Mocidade de 1949, conduzia a estrela do clube e seu mascote, o cãozinho Pirolito. Os atletas são: Alceu e Nívio Belotti, Egidio Relon e Jeová Medeiros.



Acisa

Sergio Cláudio Ricci ()*

A ACISA foi fundada em 25 de janeiro de 1921 e teve como fundador e primeiro presidente Gabriel Bastos. Foi um momento importante para a história de Passo Fundo. Ao longo de seus oitenta e seis anos participou da conquista de várias melhorias para a nossa cidade e região, tais como: construção de estradas e rodovias, telefonia, água, energia elétrica, esgoto, instalação de bancos, dos correios, do SENAI, do SENAC, do SEBRAE, entre outros. Entre suas metas, a ACISA defende a livre iniciativa, a democracia e o bem-comum; incentiva o empreendedorismo como o principal meio para distribuir riqueza, desenvolvimento, emprego e com isso dignidade ao ser humano, que deve ter suas necessidades básicas satisfeitas; promove cursos, palestras e ajuda na execução de feiras e amostras de nossas potencialidades, como a EFRICA, e programas como o Junior Achievement.

A ACISA adquiriu sua sede própria no ano de 1975, que está situada no quinto andar do edifício Palácio do Comércio, na Rua General Neto. O grande marco da história da ACISA foi a unificação da Associação Comercial com o CIRP – Centro das Indústrias da Região do Planalto –, e da CICASP – Câmara da Indústria Comercio, Serviços e Agropecuária –, que juntas formaram a ACISA – Associação Comercial Indústria de Serviço e Agropecuária – no ano de 1988.

Essa união de entidades fortaleceu Passo Fundo na representatividade de seus principais segmentos econômicos, como: comércio, indústria, serviços e agropecuária. A ACISA passou a ser a entidade-mãe com o objetivo de unir e somar esforços quando o assunto for de interesse comum, como, por exemplo, a luta pela redução da carga tributária. Por isso, quatorze entidades como CDL, SINDUSCON, Sindicatos do Comércio, Agropecuária, Hotéis, Hospitais, da Educação, entre outras, todas estão representadas na ACISA como diretores natos, formando um fórum ideal para se discutir projetos e ações para o desenvolvimento integral de Passo Fundo e região, fora disso cada segmento tem sua entidade focada especialmente na sua atividade. Muitos foram os que se doaram à entidade participando de reuniões. Nesses 86 anos, a ACISA teve os seguintes presidentes: Gabriel Bastos (1921 a 1922, 1931 a 1932), Virgílio Porto (1922 a 1924), Max Ávila (1924 a 1928, 1933 a 1935), Olmiro Bueno, (1935 a 1936), Arthur Lângaro (1936 a 1943), Balduino Gehen (1943 a 1944), Olinto Oliveira (1944 a 1946), Nicandro Oltramari (1946 a 1947), Wolmar Antonio Salton (1947 a 1943, 1967 a 1969), Dionísio Lângaro (1953 a 1957), Conrado Hexsel (1957 a 1959), Achiles Rocha D'Ávila (1959 a 1961), Adolfo Floriani (1961 a 1965, 1969 a 1973), João Iaione (1965 a 1966), Salin Buaes (1966 a 1967), Luiz Formighieri (1966 a 1967), Reny

(*) Empresário.



Sérgio Ricci, Ayrton L. Dipp, Júlio C. Canfilde Teixeira e Márcia Menegusi.

Grazziotin (1967 a 1969), João José Holbach (1969 a 1972), Vanius Stechow (1972 a 1975), Ivo Biazus (1973 a 1977), Thadeu Annoni Nedeff (1975 a 1980), Nilo Fernandes (1977 a 1983), Gilson Grazziotin (1979 a 1982), Ivanio Bernardon (1980 a 1983, 1981 a 1990) Bruno Borella Borges (1982 a 1984), Paulo Giongo (1983 a 1985), Cláudio Zanatta (1984 a 1986), Jabs Paim Bandeira (1985 a 1987), Renato Miranda (1986 a 1988), Marco Stefani (1987 a 1989), Luiz Alberto Carrão (1990 a 1992), João Roberto Beine (1982 a 1984, 2000 a 2002), Sérgio Cláudio Ricci (1994 a 1996), Celso Antonio Menegaz (1996 a 1998), Odolir Di Domenico (1998 a 200), Flavio Ovídio Maritan (2002 a 2004), Jorge Morsch (2004 a 2006), Paulo Serena (2006 a 2007).

O Exército Brasileiro

Irineu Gehlen (), Alori Batista Castilhos (**)*

O Exército Brasileiro por muitas décadas fez parte da vida ativa do município de Passo Fundo e região, através da unidade militar que aqui se instalou e conviveu, principalmente, por parte de seus integrantes, muitos filhos do próprio município e outros que aqui chegaram e deixaram destacado trabalho em prol da comunidade passo-fundense.

Desde os diversos comandantes, oficiais, subtenentes/sargentos, cabos/soldados, funcionários civis, seus familiares, todos fizeram e fazem parte de um grupo de cidadãos seletos e orgulhosos que merecem sempre ser lembrados e homenageados por nós que ficamos com uma nostálgica saudade da partida da unidade do Exército Brasileiro de Passo Fundo, rumo a Francisco Beltrão (PR).

A saída da unidade deixou um vácuo econômico-empresarial, social, nos esportes, no civismo, na segurança, pois é o expoente máximo na garantia da lei e da ordem (texto legal). Deixou também um vácuo na contribuição da formação da disciplina consciente do cidadão e no sonho de muitos jovens em iniciar uma carreira militar em seu próprio município. Afinal, quem não lembra dos desfiles garbosos e das demonstrações de civismo durante as datas festivas. Afinal, quem não lembra dos elegantes bailes de formatura dos oficiais do NPOR no Clube Comercial. Muitos desses oficiais, sendo hoje destacados empresários ou cidadãos de valor, que engrandecem o município pela sua formação familiar e militar. Em fim, todos que passaram pela caserna verde-oliva, oficiais, ST/Sgt e Cb/Sd, funcionários civis, foram ou são multiplicadores de valores de toda ordem que encontram “eco” positivo por onde passam.

O esquadrão sediou os Ciclos de Estudos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – ADESG –, nos anos de 1972, 1978, 1990, 1993 e 1997, com a participação de ilustres passo-fundenses que, conseqüentemente, ampliaram e vêm ampliando a sua bagagem de conhecimentos e valores a serviço da comunidade, sendo os mesmos multiplicadores e formadores de opiniões muito bem-vindas ao município.

Atualmente, com a transferência da unidade, ficaram em Passo Fundo 530 inativos e pensionistas e seus familiares. Fundou-se então a Associação dos Militares da Reserva Remunerada e Pensionistas de Passo Fundo, hoje presidida pelo subtenente Itacir

(*) e (**) Membros da Academia Passo-Fundense de Letras.

Scapini. Essa entidade vem com muito profissionalismo e com meios dos próprios militares amparando os veteranos e seus familiares em seus problemas e dificuldades. A entidade tem vínculo direto com o Hospital Militar de Cruz Alta e com o Comando de Artilharia Divisionária AD/3, também de Cruz Alta.

O Exército Brasileiro mantém no município uma célula fardada, que é uma delegacia de serviço militar, abrangendo outros 26 municípios. Trabalha no alistamento militar e desembaraço de diversas outras documentações de interesse dos munícipes, tendo como delegado um militar com posto de oficial, atualmente o 1º tenente Jesus Maurício da Silva.

Histórico do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado: 1894 – Criado em cumprimento ao decreto 1.682, de 28 de fevereiro, com a denominação de 13º Regimento de Cavalaria, na cidade de São Paulo; 1894 – Em 08 de maio foi transferido para Curitiba (PR); 1909 – Denominou-se 2º Regimento de Cavalaria Independente, transferido para Guarapuava (PR); 1911 – Denominou-se 5º Regimento de Cavalaria Divisionário; 1914 – Transferido para Castro (PR); 1915 – Participou da Campanha do Contestado; 1924 – Participou da Revolução Federalista em São Paulo; 1930 – Participou das Revoluções de 30 e 32 em São Paulo; 1939 – Retornou a Curitiba (PR); 1945 – Partiu para a 2ª Guerra Mundial, representado por um oficial e 90 praças, que combateram bravamente nos campos da Itália, como integrantes da gloriosa Força Expedicionária Brasileira; 1946 – Em 20 de julho passou a denominar-se 20º Regimento de Cavalaria, tendo logo seu efetivo reduzido e transformado em um núcleo provisório, o 1º/20º Regimento de Cavalaria; 1949 – Em 20 de janeiro foi transferido para Passo Fundo (RS), vindo a ocupar as antigas instalações do 3º/8º Batalhão de Infantaria, construída em 1923; 1973 – Denominou-se 3º/1º Regimento de Cavalaria Motorizado; 1981 – Denominou-se 3º/5º Regimento de Cavalaria Mecanizado; 1987 – Denominou-se 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, subordinado a 16ª Brigada de Infantaria Motorizada, com sede em Santo Ângelo (RS); 1992 – Em 24 de julho mudou a subordinação para a 3ª Divisão de Exército “Divisão Encouraçada”, com sede em Santa Maria (RS); 2000 – Em 13 de junho mudou a subordinação para a 15ª Brigada de Infantaria Motorizada sediada em Cascavel (PR); 2000 – Em 01 de julho transferido para Francisco Beltrão (PR), Guarnição na qual permanece até hoje, como integrante orgânico da 15ª Brigada de Infantaria motorizada, com sede em Cascavel (PR).

“Exército Brasileiro!! – Você pode não ver, mas estamos sempre presentes – junte-se a nós!”

“À Pátria Nada se Pede – Tudo se Dá!! “



A revolução que iniciou em Passo Fundo

Paulo Monteiro ()*

Nas eleições para presidente (governador) do Estado, realizadas em 25 de novembro de 1922, entre Borges de Medeiros, que concorria à reeleição, e Assis Brasil, pela oposição, aconteceram denúncias de fraudes, durante as votações e de falsificação dos resultados finais pela comissão competente da Assembléia Legislativa. Um dos mais combativos líderes da oposição (libertadores) era Artur Caetano da Silva, deputado passo-fundense.

A Revolução de 1923 foi tramada por três homens: o deputado Arthur Caetano, que sublevaria Passo Fundo e região, Batista Luzardo, de Uruguaiana e Alegrete, e Adalberto Correia, que levantaria Quaraí e Santana do Livramento. O início do levante estava preparado para a madrugada de 25 de janeiro de 1923, data em que Borges de Medeiros tomaria posse para seu quinto mandato à testa do governo do Estado.

Em Passo Fundo, as reuniões revolucionárias aconteciam na sede do Partido Federalista, que se situava na Rua Moron, proximidades da Praça Marechal Floriano. Os federalistas, base da campanha de Joaquim Francisco de Assis Brasil, foram engrossados com dissidentes republicanos, que haviam enfrentado os federalistas durante a Revolução Federalista (1893/1895), destacando-se o general João de Deus Menna Barreto e coronel Pedro Lopes de Oliveira. A política autoritária e centralizadora do médico Nicolau de Araújo Vergueiro, atirou essas lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense nos braços da oposição assisista.

Os revolucionários passo-fundenses traçaram um plano bastante simples: cercar e tomar a cidade. Para tanto, concentraram uma parte de suas forças no Campo do Meio e outra em Carazinho. Os primeiros, comandados por Simão Machado, Quim César, Fernando Goelzer e Pedro Lopes de Oliveira, entre outros, cercariam a cidade pelo sul e pelo leste; os segundos, sob as ordens do general João de Deus Menna Barreto e coronel Salustiano de Pádua, atacariam pelo oeste e pelo norte. Os guerrilheiros do Campo do Meio seriam apoiados pelo veterano maragato Felipe Portinho, e as de Carazinho por Leonel Rocha, de Palmeira, experiente guerrilheiro de 1893.

Quando Borges de Medeiros foi empossado, a 25 de janeiro de 1923, o deputado Artur Caetano não estava mais em Porto Alegre. Voltara a Passo Fundo para acender o estopim revolucionário. Do município, passou o seguinte telegrama a Arthur Bernardes, presidente da república: “Senhor presidente da República. Rio. A situação de desespero

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

criada pelo borgismo compressor e sanguinário, transformou hoje nossa ativa região ser-rana em acampamento militar. Quatro mil cidadãos levantaram-se no dorso das coxilhas, protestando de armas na mão contra a usurpação do tirano. Sobre Passo Fundo caíam diaramente as cóleras da ditadura, porque Passo Fundo foi o baluarte do bernardismo no Rio Grande do Sul. Não correrá mais sangue se o ditador renunciar incontinenti ao seu falso mandato, ou se Vossa Exa. desdobrar sobre as nossas plagas infortunadas as garantias constitucionais que nos falecem, integrando o Rio Grande no concerto da nação brasileira. Arthur Caetano da Silva.”

Os revolucionários praticamente não tinham armas e recursos. Apenas, varas sape-cadas de camboim, que serviam de lanças ou taquaras, cujas pontas eram lâminas de tesouras de tosar ovelhas.

O levante não ocorreu nos demais pontos do Estado. Os libertadores de Artur Caetano, apoiados pelos combatentes de Leonel Rocha e Felipe Portinho, nos primeiros meses, sustentaram, sozinhos, o movimento armado.

Os libertadores do Campo do Meio, com elementos da cidade, ao entardecer de 24 formaram um cinturão da Petrópolis à Santa Marta; as tropas de Menna Barreto e Salustiano de Pádua cortaram as comunicações em Carazinho e se aproximara à cidade unindo as duas pontas do semicírculo. Na tarde de 25 de janeiro, Quim César aproximou-se do Tiro de Guerra, na atual Vila Rodrigues, mas encontraram os chimangos entrincheirados na Vila Cruzeiro e um trem blindado que os protegia. Avançando com o trem blindado os legalistas desalojaram os sitiantes da Petrópolis, mas não conseguiram avançar. Outros dois trens foram blindados pelo engenheiro Júlio Ávila.

Na noite de 26 de janeiro, os comandados de Jango Padre atacaram o Quartel do Exército, fazendo os chimangos recuarem para a Praça Tamandaré e transferirem as munições para o prédio da Intendência (Prefeitura Velha). O QG legalista mudou-se para a sede do Clube Pinheiro Machado (Academia Passo-Fundense de Letras).

O plano de invadir a cidade a 28 de janeiro só não se concretizou porque Menna Barreto e Salustiano de Pádua se desentenderam. Resquícios de 1893. A situação era gravíssima. O tenente-coronel João Cândido Machado (Brigada Militar), o major Antônio Garcez Caminha (Exército) e o intendente Nicolau Vergueiro, inspecionaram as linhas e planejaram concentrar suas forças no Boqueirão até à chegada de reforços.

A situação permaneceu tensa até dia 30 de janeiro. Reunidos no Saladeiro São Miguel (Charqueada Velha), os principais líderes revolucionários decidiram levantar o cerco. Aproximava-se da cidade o temido Firmino de Paula, à frente de uma grande força, armada de modernos fuzis, metralhadoras de grosso calibre e seus famosos degoladores do Boi Preto.

Menna Barreto e Salustiano de Pádua partiram na direção de Palmeira das Missões para unirem-se a Leonel Rocha e os demais revolucionárias para a Serra de Erechim, reforçando as forças de Felipe Portinho. Mas a luta aqui iniciada continuaria. Os combates de Quatro Irmãos e do Desvio Giaretta que o digam.



Colégio Notre Dame

Helena Rotta de Camargo () e Irma M. Gregórie Schwiegershausen (**)*

O espírito missionário é uma característica essencial da Congregação de Nossa Senhora, desde a sua fundação (1804), em Amiens (França), pela eminente pedagoga Júlia Billiard. Seu Instituto Notre Dame espalhou-se pela Bélgica (1804), Holanda (1823), Alemanha (1850) e Brasil. No dia 07 de junho de 1923, a convite dos padres franciscanos, chegaram a Passo Fundo dez irmãs da Congregação alemã para aqui dedicar sua vida e seu trabalho à evangelização, à educação da juventude e a outras obras de assistência social-caritativa. Cinco dirigiram-se a Não-Me-Toque, futuro centro do distrito missionário São José, e cinco foram incumbidas de fundar uma escola em Passo Fundo. Foi assim que, em 1º de agosto, numa casa de 11 peças, alugada à Rua Moron, ao lado da atual Joalheria Endres, foi aberto o Colégio Notre Dame, com 17 alunas. Era a primeira escola particular feminina em Passo Fundo. As irmãs, que não dominavam a língua portuguesa, dedicavam-se à educação artística das jovens, com aulas de música, pintura, corte e costura e trabalhos manuais. Duas professoras leigas – Edith Goelzer e Dolores Barros – assumiram o ensino das matérias do curso primário. Rapidamente, a escola tornou-se conhecida na cidade e nas redondezas e o número crescente de matrículas exigiu um espaço mais amplo. Em 1924, o ano letivo iniciou em outra casa alugada, na Rua Bento Gonçalves, com 110 alunas, sendo 20 internas.

Em 1929, a Congregação comprou um terreno e construiu um prédio próprio para estabelecimento de ensino, na Avenida Brasil Oeste, onde funciona até hoje, com cerca de mil alunos, 92 professores e 32 auxiliares de administração. Pelo constante aumento do número de alunos e também de irmãs professoras, em virtude do ingresso de jovens brasileiras na Congregação e da chegada de mais missionárias da Alemanha, ampliou-se a atuação do colégio, que abriu o Curso Ginásial (1931), o Curso Científico e Clássico (1958), e a Escola Normal Notre Dame (1942), a qual formou 1.163 professoras primárias, em mais de 35 anos de atividade. Também a Escola Normal Regional Santa Cruz (1954), anexa ao Colégio Notre Dame, entregou a 389 jovens o diploma de Regente de Ensino para o Meio Rural. Seguiram outros cursos profissionalizantes: Técnico em Contabilidade, Habilitação de Magistério para as séries iniciais, Auxiliar de Patologia Clínica e Desenhista de Decoração. Desde 1940, o Colégio Notre Dame abriu-se, gradualmente, à co-educação, ad-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Religiosa da Congregação de Nossa Senhora.

mitindo, não só alunas, mas também meninos em todos os cursos. Em 1937, o distrito São José foi elevado à categoria de província, com a designação de Província da Santa Cruz, e sede em Passo Fundo. Em 1941, foi desmembrada do colégio a Escola Menino Jesus, na Vila Rodrigues. Em 1957, a província participou da fundação do Consórcio Universitário Católico e da Faculdade de Filosofia. Nos pri-



FOTO: ARQUIVO NOTRE DAME

Entrada principal do Colégio Notre, na Av. Brasil.

meiros anos, três irmãs de Notre Dame lecionavam diversas disciplinas no Curso de Pedagogia. A Associação de Pais e Mestres, a de Ex-Alunas e o Grêmio Estudantil ND marcam presença atuante na vida da comunidade educativa. A pastoral escolar acompanha as festas do ano litúrgico. Também são comemoradas as datas cívicas, as festas juninas e outras mais. E, a pedido da Caritas Diocesana, durante alguns anos, irmãs do Colégio Notre Dame ministraram aulas de religião nas escolas públicas Protásio Alves e Fagundes dos Reis. Atuaram também na coordenação do núcleo diocesano da AEC e da catequese. Ainda hoje, atendem as mulheres do Presídio Regional e os jovens detentos do CASE. Desde o início, as irmãs ND prestam assistência social-caritativa ao povo necessitado das periferias, sobretudo no bairro Victor Issler, com Catequese e Pastoral da Saúde. No bairro São Luiz Gonzaga, a Congregação mantém um ambulatório para os pobres. A três quilômetros do centro da cidade, foi adquirida pelo Notre Dame uma pequena chácara (1931), que, cultivada e desenvolvida com o nome de “Casa Santa Cruz”, desde 1984 oferece a grupos de religiosos e leigos um espaço aprazível para retiros, encontros e descanso.

A Rede ND de Educação sem Fronteiras, a partir de Passo Fundo, estende-se hoje para além de diversas cidades do Estado. Faz-se presente em Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e no Acre. Em 1993, enviou as primeiras missionárias brasileiras para Moçambique, na África. Fiéis ao carisma, ao espírito e aos princípios religiosos, filosóficos e pedagógicos, herdados de sua mãe espiritual Júlia Billiard, as irmãs consideram sua vocação como uma obra de fé, de amor e esperança. Educar é, como dizia Santa Júlia, colocar a criança no caminho de sua felicidade terrena e eterna. O Colégio Notre Dame, em comunhão de princípios e ideais com a família e a Igreja, procura colaborar na construção de um mundo novo, mais humano, mais justo e solidário, o mundo dos sonhos de Deus.

Jornal *O Nacional*

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca (*)



Autoridades homenageando *O Nacional* em 19 de junho de 1968.

Em 19 de junho de 1925 um grupo de figuras expoentes da política e da sociedade passo-fundense (Americano de Araújo Bastos, Hiran de Araújo Bastos, Teófilo Guimarães, Armando Annes, Herculano Annes) fundou o jornal *O Nacional*, tendo como seu diretor o advogado Herculano Annes e como objetivo principal, além de informar através da notícia, dar sustentação política ao grupo liderado pela família Annes.

Pouco após a fundação, o menino Múcio de Castro, empregou-se como entregador de jornal para ajudar no sustento da família, uma vez que o pai deste, Leão Nunes de Castro, havia perdido suas patentes de coronel do extinto Corpo Especial da Brigada Militar. Em pouco tempo, passou a trabalhar na expedição (que fazia a dobra e distribuição do jornal) e logo em seguida foi promovido a chefe do dito setor. Antes mesmo de completar 18 anos foi conduzido para a redação e logo em seguida para a chefia da mesma. Passou a acumular a gerência comercial e logo após foi nomeado diretor. Nesse ínterim, a família Annes foi perdendo interesse pela dita folha, e em 1940 vendeu o título, móveis utensílios e uma precária gráfica para Múcio de Castro. A partir desse momento, se modifica a história do jornal *O Nacional*, transformando-se num órgão totalmente independente e baluarte dos interesses da comunidade da então pequena cidade de Passo Fundo, fazendo com que a figura do jornal se confundisse com a de Múcio. A militância política de Múcio de Castro o levou, no ano de 1954, a ser eleito o mais jovem deputado esta-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

dual pela legenda do PTB de Getúlio Vargas, como também a exercer uma liderança política, sem nunca sobrepor os seus interesses aos da comunidade passo-fundense, razão esta da lisura da linha editorial de *O Nacional*.

O jornal se engajou em todas as lutas pelo progresso e solidificação de Passo Fundo como pólo regional, principalmente na criação e fundação da Universidade de Passo Fundo, que teve o início de seus debates em sua redação. Uma de suas principais características na linha editorial sempre foi a luta pelo Estado democrático de direito. Foi um dos órgãos que mais se envolveu nos movimentos para a redemocratização do país pós-golpe de 64, tendo sido um dos poucos jornais a ter sua edição empastelada em 1965, pelo então comandante do Exército de Passo Fundo, major Grei Belles, que aliás foi nomeado comandante desta região pelo pleito feito pelo diretor Múcio de Castro ao então presidente da República João Goulart, que era seu amigo pessoal. Essa postura ideológica do jornal custou o cerceamento de todos os projetos de expansão de seu parque gráfico, através de importação de equipamento ou de financiamentos através de qualquer banco estatal ou de fomento empresarial, além de dificultar as buscas a canais de rádio e difusão que na época eram na verdade concessões unicamente de caráter político àqueles que eram subservientes ao regime da militar.

O jornal *O Nacional*, em toda a sua história, sempre foi um órgão que através da sua linha editorial lutou pela solidificação das instituições de Passo Fundo e teve envolvimento direto com os clubes de serviços e entidades filantrópicas (Patronato de Menores, APAE, Comitê de Cidadania Contra a Miséria e a Fome etc.).

Hoje *O Nacional* é um dos órgãos de comunicação mais respeitados em nível estadual e nacional, com 83 anos de uma história escrita dentro dos critérios de lealdade com a sua comunidade e, principalmente, afinada com os interesses desta. Formatou-se como empresa, tendo cada vez mais investido em tecnologia e profissionais, que não só proporciona ao seu leitor um jornal de qualidade gráfica e editorial, como também lhe possibilita independência financeira para manter o seu direito de opinião sem a subserviência a qualquer segmento, seja ele público ou privado.

Banda Marcial do Colégio Nossa Senhora da Conceição homenageando *O Nacional*.



Consulado Italiano

Aldo Alessandri ()*

Conforme dados informativos e alguns documentos, tivemos um correspondente consular, sr. Giácomo Gubbiani, que representava o governo da monarquia italiana. No fim de 1927, foi instalada a Agenzia Consolare D'Italia Regia. No mesmo ano foi nomeado Lodovico Della Mea, como sucessor de Giácomo. No ano de 1928, o governo italiano nomeou Francesco Benoni, como sucessor de Lodovico Della Mea. Após esta data temos a nomeação de Giovanni De Cesaro, e, posteriormente, de Giovanni Ângelo Miotto, que este último no ano de 1942, devido à Segunda Guerra Mundial, a embaixada e os consulados foram fechados no Brasil. A reabertura do corpo consular da Itália aconteceu no início do ano de 1950, sendo como titular o dr. Oreste Medaglia, sucessor de Giovanni Miotto.

Em 1952, chegava a Passo Fundo, Aldo Alessandri. Grande evento da época foi o Programa em Língua Italiana “La voce d’ itália”, apresentada por ele na Rádio Municipal. No centenário da imigração italiana foi feito um evento, presidido por Tranquilo



Monumento em homenagem à terra italiana. Parte a fronteira à Agência Consular Italiana de Passo Fundo.

(*) Representante comercial.

Grazziotin e o prefeito Edu Azambuja. Na época, o cônsul geral da Itália no Rio Grande do Sul era Renato Rabbi. Nesta ocasião a Família Alessandri conheceu o cônsul, que com várias indicações de autoridades locais o consulado geral da Itália através da Embaixada e do Ministério das Relações Exteriores da Itália nomearam Aldo Alessandri para agente consular da Itália, pois o dr. Oreste Medaglia estava residindo em Porto



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Alegre. A jurisdição consular foi aumentada em 118 municípios. Começava um trabalho árduo para recadastrar os italianos natos residentes nesta região. Eles eram da imigração 1946-1960, pois os antigos de 1875 99% eram falecidos e tinham ainda alguns da imigração 1920-1940.

Coquetel oferecido pelo Consulado Geral da Itália, em Porto Alegre, confraternizando com a Governadora do Estado, Ieda Crusius, junto com a representante do consulado de Passo Fundo, Elhoy Bertoldo Alessandri, com o esposo Cavaliere Aldo Alessandri e demais autoridades, em 2007.

Aldo Alessandri fundou nove associações ítalo-culturais brasileiras, sempre acompanhado por sua esposa Elohy Bertoldo Alessandri, e trouxe para o município a Associação Italiana de Cultura do Rio

Grande do Sul, que hoje tem parceria com a UPF para estudo da cultura e da língua italiana. Em 1999, a agência consular da Itália com o apoio do Comitato Piazza Itália, junto com o Centro Italiano Leonardo Da Vinci, com a comunidade ítalo-brasileira e com o apoio de várias etnias construíram uma praça chamada “Itália” com oito monumentos e com mais dois em outro local.

No ano 2000, o Ministério das Relações Exteriores da Itália nomeou Elohy Bertoldo Alessandri como sucessora de Aldo Alessandri que, devido à idade, deixou o cargo compulsoriamente. Na ocasião, Aldo Alessandri foi nomeado “Cavaliere” pelo presidente da República Italiana e pelo primeiro ministro ao mérito da República Italiana. Elohy Bertoldo Alessandri, até hoje titular do Consulado, desenvolveu grande trabalho, incluindo monumentos em homenagem ao sesquicentenário. Na jurisdição consular há 8.500 brasileiros com dupla cidadania, sendo 1.500 só no município de Passo Fundo. O nosso município hoje é considerado o ponto mais alto da “chama ítálica reacendida” após a Segunda Guerra Mundial, para assim resgatar os antepassados italianos, com a visão filantrópica e, também, confraternização entre todas as etnias.

150 Momentos mais importantes da história de Passo Fundo



Ponte francesa no Rio Passo Fundo

Jorge Alberto Salton ()*

O Rio Passo Fundo já teve uma ponte construída à imagem e semelhança das pontes de Paris e com pedras fixadas por cimento vindo da Inglaterra. Difícil de acreditar? Muitas coisas referentes ao passado de nosso rio são difíceis de acreditar. A começar que nele deslizava-se de canoa, dava-se alguns mergulhos e um que outro peixe se pescava.

Na minha infância, junto com meus irmãos e mais alguns vizinhos, construímos uma tosca canoa de difícil manobrabilidade e de fácil afundamento. Por medida de segurança, fixamos dentro da canoa, amarrada por uma corrente, uma bóia feita de rolha. No primeiro dos inúmeros desastres náuticos que viriam a se repetir, quando a água começou a tomar conta, o mais afoito de nós agarrou-se à bóia e jogou-se na água. Óbvio que a rolha escorreu por entre seus braços e permaneceu presa pela corrente. A canoa acabou não afundando e o único que iria se salvar acabou sendo o único a naufragar.

Era difícil andar de canoa no rio, porém quando ele alagava, a criançada imaginava navegar num oceano. Próximo à ponte que existe hoje dando acesso ao CTG Lalau Miranda, para o lado do centro da cidade, havia um açude que por ocasião dos alagamentos ligava-se ao rio. E a partir de 1956, próximo de onde hoje está a Câmara de Vereadores e uma quadra aberta de futebol de salão, construiu-se a Lagoa do Centenário. Tudo virava num grande lago. Ah! que saudade daqueles abençoados alagamentos!

Os mergulhos eram feitos, mesmo em tempo de poucas chuvas, próximos de onde hoje é a rodoviária, num local conhecido como “Redondão” ou “Pocinho”.

Com o aumento das moradias ao longo do rio, aos poucos, a garotada foi se afastando dele. Os peixes começaram a não ser mais peixes. Pegávamos coisas estranhas com nossos anzóis. O açude acabou e deu lugar a casas e edifícios. Da canoa não restou nem fotografia. A cidade que terminava na ponte, transformou-se. Agora é apenas o centro da cidade que termina na ponte. Incrível para alguém como eu que sempre morou por aqui!

Fui a pé à primeira sessão de cinema do Bourbon junto com um filho comentando essas coisas. Ele disse admirar os escritores de ficção científica quando conseguem adivinhar com correção o futuro: “Tenho certeza que nenhum de vocês que andavam de canoa por aqui previu a existência de cinemas à margem do rio”. É verdade. Nós, ribeirinhos, até custamos a acreditar. Nos orgulhamos do progresso, mas conservamos algumas saudades. Uma delas: a ponte de pedra à francesa.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

No local onde a Avenida Brasil cruza o rio, havia uma ponte magnífica, com uma amurada de pedra trabalhada, simples e imponente ao mesmo tempo. Uma cópia das pontes do Sena. Quem determinou sua construção foi alguém que sempre gostou de trazer para cá a novidade e o progresso, alguém que, na juventude, morou na capital francesa e em outros lugares deste planeta. Isso no início do século XX. Armando Araújo Annes nasceu e viveu a maior parte de sua longa vida às margens do Rio Passo Fundo. Num longo período na margem direita, noutro período mais longo ainda na margem esquerda. Gostava do rio.

Entre 1926 e 1928, quando intendente do município, contratou Dante Mosconi e deu-lhe as orientações tendo por bases suas recordações de Paris. A obra alcançou vinte e três metros de comprimento e sete de largura. Feita com pedras fixadas com cimento vindo da Inglaterra, pois aqui não havia, apresentava três arcos e quatro pilares. Em sua amurada foram colocados quatro candelabros de ferro para a iluminação. Na época, o intendente administrava um município de aproximadamente cento e vinte mil habitantes. Sim, cento e vinte mil habitantes! Cidades importantes de nossa região eram distritos de Passo Fundo: Carazinho, Marau, Não-Me-Toque, Sarandi, Selbach, Tapera, Ernestina, Pontão, Coxilha, Saldanha Marinho, Colorado, entre outras. Mesmo assim, dava para tratar bem nosso rio.

Sonhar com cinemas era demais naquela época em que o rio tinha ponte francesa, navegabilidade, alegria de criança e um homem progressista que gostava dele. E agora? Será demais sonhar que o nosso rio volte a ter vida e a sorrir?

Falando em *nosso* rio, cabe lembrar Fernando Pessoa: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”.



Fundação Lucas Araújo

Santina Rodrigues Dal Paz ()*



FOTO-ARQUIVO AUTOR

Major Lucas José de Araújo.

Lucas José de Araújo nasceu em Rio Pardo no dia 24 de agosto de 1842. Casou-se em Passo Fundo com Ana Joaquina Xavier de Oliveira, conhecida como Sinhara. O casal não teve filhos.

Lucas de Araújo ingressou no 5º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional em 1860 e pouco tempo depois participaria da guerra contra o Paraguai. Ali participou de diversos combates, merecendo elogios dos seus superiores.

Em três de outubro de 1867 Lucas José de Araújo caiu gravemente ferido no campo de batalha em consequência de um golpe de sabre na cabeça e outro de ponta de espada nas costelas. Socorrido, foi levado ao hospital, ficando impedido de prestar serviço militar, por motivo de saúde.

Retornando a Passo Fundo, teve intensa participação na vida pública, tanto que foi eleito conselheiro municipal (vereador), entre 1891 e 1895, exercendo a presidência do Conselho. Em 1906, novamente, foi eleito vereador.

Tendo conquistado uma enorme extensão de terras e não tendo herdeiros, fez um testamento no dia 22 de novembro de 1915, doando todos os seus bens para a entidade que criasse em Passo Fundo um asilo para crianças órfãs e desvalidas. Foram seus testamentários: Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando de Araújo Annes e Athanagildo Rodrigues da Silva, sendo o escrivão Ricardo Rico. Depois de deixar, conforme seu desejo, o grande patrimônio para nossa cidade, morreu tranquilo dia 10/01 de 1919.

Ao passar do tempo, em maio de 1928, já houve interesse por parte da Sociedade Beneficente das Damas de Caridade, tendo como 1ª Presidenta a Senhora Honorina Lima Ávila, bem como muitas pessoas abnegadas ajudaram a levar em frente esta grandiosa obra social. Mas a Associação teve muitas dificuldades de gerir os negócios da referida obra e transferiram a administração do Asilo Lucas Araújo (hoje Fundação Beneficente Lucas Araújo) para o governo Diocesano da Diocese de Passo Fundo (Bispo D. Cláudio Colling) em uma Assembléia Geral, realizada em 12 de julho de 1955, seguindo todos os trâmites legais.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 08 de dezembro de 1956, foram ordenados sacerdotes, Pe. Paulo Augusto Farina e Pe. Élydo Alcides Guareschi e vieram para Passo Fundo. Pe. Paulo também recebeu de D. Cláudio Colling, Bispo da Diocese, atribuições. E em 06 de janeiro de 1957, Pe. Paulo Augusto Farina foi nomeado Superintendente da Fundação Beneficente Lucas Araújo, cargo que ocupa já por meio século, com muita dedicação e, como bom administrador, a entidade foi crescendo e formando Departamentos de Assistência. Foi ampliando, inaugurando obras como o Lar da Menina em 21/04/1960. Em cada ano a obra assistencial foi suprindo suas necessidades (cada departamento é uma história a parte). Pe. Paulo Farina ainda dirige com muito amor e competência esta obra social, que já beneficiou centenas e centenas de pessoas que por lá passaram. Dedicação de 50 anos a esta obra fantástica que completa seus 79 anos de existência. Dedicação, amor, sacrifício são os segredos do sucesso.

Eis aqui um rápido registro de um dos momentos importantes na história de Passo Fundo, quando completa seu sesquicentenário. Momento este proporcionado pela bondade de Lucas José de Araújo.



Prédio histórico do Lar da Menina e parte das crianças educadas pela Fundação Beneficente Lucas Araújo e seus professores.

Um carnaval que passou em Passo Fundo...

Maria de Lourdes Isaias ()*

*A*s origens do carnaval têm sido buscadas nas mais antigas celebrações orgíacas, que remontam ao Império Romano. Em Portugal, liga-se muito à antítese entre o religioso e o profano. Resumindo: ao período da quaresma antecedia-se o de liberação, com manifestações tipo o entrudo e a permissão de comer carne, por exemplo.

Em terras de Passo Fundo, segundo relatos do prof. Edy Isaias, tudo começa a tomar forma com a fundação do Clube Visconde do Rio Branco, pois de dentro deste originaram-se as mais variadas manifestações e entidades que deram vida ao carnaval da cidade como hoje conhecemos. Assim, em 23 de abril de 1916 (dia de Ogum), surgiu o Clube Recreativo Visconde do Rio Branco. A memória da escravidão era ainda muito viva. Não por acaso, o Visconde ficava nos limites do bairro Boqueirão, segundo relatos, “um reduto passo-fundense dos crioulos”. Seu fundador foi Sebastião Braga, que, ao contrário do nome, era negro e palhaço de profissão, chegado a Passo Fundo em um circo de burlantim.

O primeiro e mais famoso bloco do clube foi o Trinta e Três da Pontinha (foto), que desfilou pela primeira vez em 1933. Os carros alegóricos montados pelo bloco tinham mais de quatro metros de altura e eram iluminados, além do que as fantasias eram de cetim e lamê importados, tudo custeado pelos integrantes da entidade, sem apoio do poder público. Quanta diferença...

Apesar do claro caráter étnico, uma vez que “todos os negros da cidade se encontravam no Clube Visconde”, a agremiação não tinha caráter xenófobo ou racista, promovendo bailes de integração com outro clube freqüentado pela elite. Porém, mesmo aí se percebe a sobrevivência do preconceito nascido de séculos de escravidão: segundo o prof. Edy Isaias, enquanto o Visconde recebia quantos foliões da entidade mais abastada quisessem visitá-lo, na noite seguinte “era selecionada uma turma do Visconde para dançar uns minutos” no outro clube.

Assim, desde os anos do bloco Trinta e Três da Pontinha, além de outros como Sacarolha e Vai-Como-Pode, até os nossos dias, o Carnaval de Passo Fundo somente evoluiu. Nas décadas de sessenta e setenta era comum que com as Escolas de samba desfilassem blocos de sociedades, tais como as dos Clubes Juvenil, Comercial e Caixerai, tornando o

(*) Professora e historiadora da Cultura Afro-Brasileira.

carnaval de rua uma verdadeira festa de alegria e integração social de nossa comunidade. Não se pode esquecer de citar a participação de Armando Cavalcante, que foi um dos mais famosos reis momos do carnaval da cidade. Nesse ínterim, os memoráveis carnavais promovidos pela extinta Rádio Municipal, organizado pelo radialista Carlos Alberto Valadares, nas quadras defronte as suas instalações na Rua Independência.

De dentro do Clube Visconde do Rio Branco, surgiram entidades importantes do carnaval de Passo Fundo, tais como: Garotos da Batucada, foi a primeira escola de samba fundada em Passo Fundo, no ano de 1952; os Particulares do Ritmo, campeão por muitos anos do carnaval de rua, Bonsucesso, Mocidade Independente, União da Vila, Bambas da Orgia, Imperadores do Samba, Águia Dourada, Pandeiro de Prata, Era de Aquários, Acadêmicos do Sol etc.

Como carnavais memoráveis citamos os de 1970, quando o carnaval de rua de Passo Fundo passou a incorporar as estruturas utilizadas no do centro do país (enredos, fantasias enredo, porta-bandeira, porta estandarte, comissão de frente, bateria, alegorias...). Uma participação muito importante foi a do Clube Industrial, que em 1985 organizou um memorável enredo, uma das mais numerosas e produzidas encenações de enredo de carnaval.

Por fim, como tributo a tantos que abrilhantaram o carnaval de rua de nossa cidade, devemos citar: Cláudio Dorinho Machado, Olinto Lima, Clododomiro Machado, Francisco Eucalião da Silva, Valentin Viana, José Leônidas Ribeiro, Benoni Von Borowsky, Wolmar Santos, Maria da Graça, Walter Ribeiro, José Antonio Cavalheiro, Jorge Carrão, Fabio, Saul Custódio, Nery Ribeiro, Jorge Pinheiro, Djanira Ribeiro, José Antonio Tedesco, Ivaldino Rezende, Alvarino da Silva Azeredo, Marquito Campos, Ramon Gadenz da Silva, Ramonita Iza Machado da Cruz, Sabão, Terezinha da Silva Isaias, Armando Almeida da Cruz. Com certeza muitos outros anônimos carnavalescos desta festa popular, cujas participações tornaram esta festividade uma das melhores e mais concorridas do interior do Estado.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Bloco carnavalesco Trinta e Três da Pontinha, década de 30.

Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro - EENAV

Helena Rotta de Camargo (*), Valesca Oliveira Brenner (**)



Alunas da ENOC desfilando na Semana da Pátria.

FOTO: ARQUIVO AUTOR

A história do ensino profissionalizante em Passo Fundo está ligada à *EENAV*, a qual, embora passando por diversas transformações, mantém-se fiel a sua origem. Em fins da década de vinte, no século passado, fazia-se sentir na região a necessidade da criação de um educandário para formar professores. O movimento pró-criação desta escola, que recebeu a denominação de “Escola Complementar”, partiu da iniciativa da professora Eulina Braga. Assim, no ano de 1929, foi instalada oficialmente a “Escola Complementar”, com uma matrícula de 57 alunos. Já em 1943, a escola, que até essa data havia diplomado 14 turmas, num total de 236 alunos, passou a chamar-se Escola Normal Oswaldo Cruz – ENOC. Três anos mais tarde, foi autorizado o funcionamento do Ginásio Estadual, que se incorporou à Escola Normal já existente.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Ex-diretora da EENAV.

Em 1958, o Ginásio Estadual passou a denominar-se Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, em homenagem aos relevantes serviços prestados por esse médico à causa da educação no município. No ano seguinte, a Escola Normal Oswaldo Cruz e o Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, sob uma única direção, iniciaram suas atividades em prédio próprio, nas proximidades da Praça Tamarandé. Um ano depois, o governo estadual transformou o ginásio em Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, o bom e velho “CENAV”, junto à Escola Normal Oswaldo Cruz.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Alunas da Escola Complementar de Passo Fundo, 1929.

Em outubro de 1975, realizou-se a unificação da ENOC e do CENAV, sob a denominação de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Nicolau de Araújo Vergueiro, que oferecia o ensino de 1º e 2º graus completos. Dezoito anos após (1993), por solicitação da comunidade, a escola começou a ministrar, além do 1º grau, também a educação infantil.

A fim de adequar-se à nova legislação, no ano de 2000, recebeu nova denominação (Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro), a qual perdura até os dias atuais. Sua filosofia consiste em oportunizar conhecimento e formação que possibilitem a promoção do ser humano social, baseada nos pilares do aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

A entrada principal da escola encontra-se voltada para a Rua Capitão Araújo, sob nº 444, pois na planta original está prevista uma escadaria que deveria dar acesso ao prédio por essa rua. Contudo, a construção da escada nunca se concretizou, e o acesso se dá pela Paissandu, nº 1.839, atual endereço do educandário.

No decurso de sua história educativa, social e cultural, a EENAV foi construindo sua identidade própria, a qual se fez, se faz e se refaz no próprio caminhar. A qualidade do ensino oferecido por seu corpo docente é fruto da herança semeada pelos inúmeros profissionais que passaram pela instituição, entre eles os seus diretores, aos quais o grande complexo educacional que é hoje a EENAV rende sua homenagem. São eles: Reynaldo Haeuer, Mathilde Mazzeron, Maria Fialho Crussius, Nadyr Alves Simoni, Letícia Lago, Maria Conceição Teixeira Kurtz, Airbal e Adibal Corralo, Maria Lucila Bueno, Therezinha de Jesus Langone, Yone de Oliveira Nöthen, Calos Humberto Roemro, Suzana Leite Einloft, Olga Caetano Dias, Jesus Almeida, Syrlei Dias Costamilan, Helmut Spaniol, Dioneia Canalli, Leda Martins, Maria Teresa Dal Agnol, José Carlos Morando, Jussara Benck Porch, Valeska Oliveira Brenner e José Carlos Miranda. Cabe a toda a comunidade enavista buscar o que ainda não é, a partir do que foi e do que está sendo. “Somos semeadores não apenas de palavras, mas também de idéias, afetos e atitudes”.



Revolução de 1930: aspectos locais

Alberto Antonio Rebonatto (*)

As eleições presidenciais de 1º de março de 1930 não foram favoráveis à Aliança Liberal. A apuração conferiu 1.091.700 votos a Júlio Prestes e 737.000 a Getúlio Vargas. O resultado foi recebido com desconfiança e protestos. A famigerada *degola*, processo em que os eleitos da Aliança Liberal eram substituídos por candidatos governistas, por meio da fraude na apuração dos votos, imperava em todo o país. Esses fatos, aliados à comoção causada pelo assassinato de João Pessoa, definiram a eclosão do movimento revolucionário, a partir de planejamento elaborado no Rio Grande do Sul. A tática usada era o convite às unidades militares federais para que se associassem ao movimento. Entendiam os revolucionários que a adesão do 8º Regimento de Infantaria de Passo Fundo era fundamental para a causa, por se tratar da unidade mais próxima de Santa Catarina, que facilitaria a passagem das tropas para o Paraná, e porque seu comandante, coronel Estevão Leitão de Carvalho, desfrutava de grande prestígio no seio das Forças Armadas. A primeira tentativa de engajar o coronel Leitão e sua unidade ao movimento ocorreu em 4 de agosto. Em 16 de setembro, nova tentativa. Dessa vez, Virgílio portava uma carta de Getúlio Vargas com mais um pedido de adesão e o convite para que o coronel Leitão assumisse a chefia do Estado-Maior do exército revolucionário. Ante a segunda negativa, foi solicitada sua neutralidade, também recusada. Leitão reafirmou seu dever de soldado fiel ao governo. Os contatos continuaram através de correspondência. Virgílio chegou a dizer em carta de 30 de setembro que “o seu dever – perdoe-me a franqueza – é ficar ao lado da nação e a nação está conosco.” O coronel Estevão, também por carta, respondeu em 3 de outubro: [...] “se a nação está consigo, se ela quer, por uma revolução, quebrar os moldes políticos que livremente escolheu e condensou na Constituição que nos rege, que o faça. A nação é livre de fazê-lo. O soldado, não.”

Ante a impossibilidade de contar com a ajuda do coronel Leitão, os revolucionários, lideradas por Nicolau de Araújo Vergueiro, prepararam-se para tomar o quartel. Para alertar a população, às 17 horas do dia 3 de outubro, foi distribuído por toda a cidade o seguinte comunicado:

Ao povo de Passo Fundo

Governador Civil desta Praça, em nome da Revolução brasileira, cumpre-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de calma, ordem e respeito. Povo da minha terra confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo. O exército, que é tirado do teu seio, está conosco

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

em sua quase totalidade. A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre. Tem calma. Não desesperes porque a nossa ação é patriótica. Será punido sumária e severamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação. A esta hora, todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança com a bandeira da liberdade à frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir com a labareda dos seus ideais, a bastilha onde os maus brasileiros, políticos profissionais, vêm tramando a nossa infelicidade. Tudo por um novo Brasil, são e redimido (Passo Fundo, 3 de outubro de 1.930 – dr. Nicolau de Araújo Vergueiro).

Logo após, a movimentação de tropas civis armadas, que já era grande, intensificou-se; a prefeitura proibiu o fornecimento de alimentos ao quartel; o cabo encarregado da correspondência foi preso durante a tomada dos correios por civis armados; a energia elétrica e o telefone do regimento foram cortados. Os revolucionários se dividiram em 4 grupos: o primeiro, sob o comando do coronel Edmundo Dalmácio de Oliveira, ocupou a linha férrea, da Rua Uruguai até os fundos do Quartel; o segundo, comandado pelo coronel Quim César, posicionou-se na zona sul, da Rua Uruguai até o chafariz; o terceiro, sob as ordens do coronel Marcos Bandeira, colocou-se a oeste do quartel, e, o quarto grupo, sob o comando do coronel Pires e Lacerda de Almeida Junior, completou a cerco até suas tropas se unirem às do coronel Edmundo. Houve violenta troca de tiros.

Os revoltosos dispunham de 200 mil tiros, além de armas modernas, de fabricação alemã. Possuíam mais poder de fogo do que a unidade do Exército. A refrega durou várias horas. Morreram em combate os cabos Amantino Albuquerque, de 19 anos, de Campo do Meio, e Sady Freitas Vieira, mais dois soldados que não foram identificados. Além da troca de tiros, houve verdadeira guerra de informações. Chegou um telegrama que informou a adesão ao movimento do general Gil de Almeida, comandante da 3ª Região Militar. O coronel Leitão chegou a anunciar que também se integrava, mas voltou atrás ao descobrir que a informação era falsa.

Às três horas da manhã de 4 de outubro prevaleceu o bom-senso. Sitiantes e sitiados assinaram acordo. Os oficiais legalistas se entregaram e foram aprisionados, o regimento foi dissolvido e o quartel entregue ao Nicolau Vergueiro. A revolução conseguiu o caminho livre para as tropas e ponto de apoio para as que vinham da Fronteira e Missões buscando se integrarem ao exército revolucionário.

Não se registrou durante a tomada do regimento qualquer ato de vandalismo. A partir de 4 de outubro, começaram a ser formados em Passo Fundo corpos de voluntários para se juntarem às tropas combatentes. Um, com o nome de João Pessoa, foi convocado e organizado por Álvaro Schell de Quadros e Victorino Reveilleau; outro, pelo líder libertador Quim César. Cada passagem de tropas e cada embarque de voluntários era motivo de festa na gare da Viação Férrea, com direito a discursos, hinos, banda de música e longas despedidas. Passo Fundo aderiu e se integrou totalmente ao vitorioso movimento revolucionário de 1930.



Escola Joaquim Fagundes dos Reis

Dilse Piccin Corteze ()*

No ano de 1981 direção, professores, alunos e comunidade em geral comemoravam os cinquenta anos da Escola Estadual de 1º e 2º graus Joaquim Fagundes dos Reis com muitas festas e homenagens. Sob a direção da professora Ana Maria Radaelli da Silva, foi realizado um amplo resgate histórico da escola, desde a sua instalação até o momento, dando origem a um texto intitulado *Momentos da Nossa História*. A partir desse, fornecido pela atual vice-diretora Norma dos Santos Machado, que tomamos conhecimento dos fatos e nos baseamos para escrever este artigo.

Descobriu-se que o decreto de criação do Grupo Escolar do Boqueirão, datado de 28/06/1928, foi em 9 de abril de 1931 e criava a escola no velho casarão da Avenida Brasil, esquina com 20 de setembro. No local, já funcionava uma pequena escola municipal que veio a se transformar no Grupo Escolar do Boqueirão.

As atividades do novo estabelecimento de ensino só iniciaram em 15/04/1931, sob a direção da professora Adelina Silveira Carpes, pelas professoras Maria Cunha, Maria Alba Braga, Ormelina Luterotti dos Santos, Sylla Aragon e 130 alunos distribuídos do 1º ao 5º ano, sendo que no fim do primeiro ano registraram-se matrículas de 202 alunos.

O Grupo Escolar Boqueirão funcionou durante 15 anos no prédio inicial na Avenida Brasil, após foi transferida para a Rua Paissandu, no local onde hoje se encontra a Escola Nicolau Araújo Vergueiro.

O terceiro endereço ocupado pelo Grupo Escolar Boqueirão foi o antigo prédio do Colégio Conceição, na Rua Teixeira Soares, em frente ao Hospital São Vicente, onde hoje se encontra o Edifício Conceição. A escola permaneceu neste local por oito anos.

De 1960 a 1962, a escola funcionou nas dependências do quartel do Exército Nacional; era uma escola sem um local próprio para suas instalações.

A prefeitura municipal de Passo Fundo, na pessoa do então prefeito municipal, Mário Menegaz, sensibilizado com a falta de instalações próprias da Escola, deu o primeiro passo para a concretização de um velho sonho – desapropriou os terrenos localizados na Avenida Brasil, esquina 10 de abril, local denominado “Taipa”, doando-os ao Estado do Rio Grande do Sul para que ali fosse construído o prédio do Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis. Em novembro de 1962, foram ocupadas as dependências definitivas da obra inacabada que contou, inicialmente, com dois blocos.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 10 de setembro de 1966, com a presença da delegada de Educação, professora Olga Caetano Dias, do prefeito municipal Mário Menegaz, direção, professores, alunos e demais autoridades, foi inaugurado o novo e atual prédio da escola.

Os registros revelam a implantação dos cinco primeiros anos de escolaridade na data de 09/04/1931 e do 6º ano em 1967. Essa situação perdurou até 1972, início do período de vigência da lei 5.692/71, quando foram implantadas sucessivamente a 6ª, 7ª e 8ª séries, enquadrando a escola na tipologia de Primeiro Grau completo.

A escola não pára de crescer. Em março de 1972, mudou-se para o mesmo prédio do Grupo Escolar Joaquim Fagundes dos Reis o Colégio Comercial Estadual, com direção, professores e funcionários próprios, que havia sido criado em 14 de junho de 1971 e funcionava nas dependências do então Grupo Escolar Monte Castelo.

Em 30 de junho de 1975, sob a direção da professora Therezinha K. Hespanha, deu-se a unificação administrativa das duas escolas e, em 1976, pela aprovação de seu regimento, o Colégio Comercial passou a denominar-se Escola Estadual de Segundo Grau de Passo Fundo. Finalmente, através da portaria 19.884, publicada no *Diário Oficial* de 28 de setembro de 1979, as duas escolas foram unificadas sob a denominação de Escola Estadual de 1º e 2º Graus Joaquim Fagundes dos Reis.

O atual nome da escola foi escolhido em 1940 para homenagear um dos primeiros habitantes de Passo Fundo, o capitão Joaquim Fagundes dos Reis, homem que lutou pela emancipação do município e exerceu a presidência da primeira Câmara Municipal.

A Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis ressalta uma trajetória de luta, crescimento e bravura promovida pelas milhares de pessoas que por esta passaram: diretores, professores, alunos e comunidade, que sempre batalharam para levar bem alto o nome da escola e de Passo Fundo.

Lembrando o hino da Escola que diz: “Quem aqui entra, tem esperança, tem um futuro e uma lembrança”.



A construção da Catedral Nossa Senhora Aparecida

Dom Urbano Allgayer (*)

Todas as dioceses devem ter a sua catedral, de acordo com o antiqüíssimo costume obrigatório para o culto divino (conforme cânon 1.205 do Código de Direito Canônico). Não é necessário que a catedral, igreja-mãe da diocese, seja um templo suntuoso. Vale para a catedral o que é prescrito para as igrejas em geral: “Na construção e restauração da igreja, usando o conselho de peritos, observem-se os princípios e normas da liturgia e da arte sacra” (CÂNON 1.216). Vale, de modo especial, para a catedral, a prescrição seguinte: “Concluída devidamente a construção, a nova igreja seja quanto antes dedicada, ou pelo menos benzida, observando-se as leis da sagrada liturgia. As igrejas, principalmente as catedrais e paroquiais, sejam dedicadas com rito solene” (CÂNON 1.217, parágrafos 1 e 2).

A nossa catedral foi planejada e construída em etapas. Em 29 de julho de 1930 dom João Becker, arcebispo metropolitano de Porto Alegre, veio para verificar o local onde poderia ser construída a igreja, futura catedral, e a instalação do bispado. Um projeto inicial de Victorino Zani, em estilo gótico, não foi aceito por seu alto custo. Dia 29 de abril de 1935, dom Antônio Reis, bispo de Santa Maria, deu a bênção à pedra fundamental da futura catedral, no mesmo local onde fora construída a primeira capela (entre os anos de 1934/1935). Em 1938, foram concluídos os alicerces e as obras tiveram continuidade.

Executada sem projeto definido, foi admirável o resultado conseguido. Na análise do engenheiro Ronaldo Marson, “os arcos circulares, descobertos pelos etruscos, aparecem no plano geral e revelam mais as características do estilo romano [...] A fachada da Catedral segue a arquitetura clássica, mostrando o notável ecletismo dos romanos, mestres em aproveitar tudo aquilo que admiravam na ciência construtiva dos povos que iam conquistando” (Welci Nascimento, *De capela a catedral*, Passo Fundo, 2000).

Em 25 de dezembro de 1965, dia de Natal, com rito solene, bênção e dedicação, de volta do Concílio Vaticano II, dom Cláudio Colling presidiu a inauguração oficial da catedral, nas dimensões atuais, porém inacabada. Em 1975, foram desenhados os painéis em alto relevo do interior. Desde a bênção da pedra fundamental até sua inauguração, transcorreram trinta anos conforme dados colhidos no livro-tombo da Catedral. No dia 12 de março de 1950, como bispo auxiliar de Santa Maria, dom Cláudio Colling viera residir em Passo Fundo, onde juntamente com a Comissão Central Pró-Bispado, presidida por Er-

(*) Bispo emérito de Passo Fundo.



FOTO: ARQUIVO AUTOR

Vista frontal da catedral Nossa Senhora Aparecida.

gio da torre, marcando as horas com sonoridade; os sinos harmoniosos, chamando os fiéis ao culto; as esculturas dos quatro evangelistas e de N^{ra} S^{ra} Aparecida no frontispício; os três pórticos da entrada, encimados por séries de pórticos menores em estilo romano, até o cimo da fachada; o monumento de Jesus Cristo de braços abertos, junto à entrada. Na parede dos fundos do presbitério, encontra-se o painel de Cristo ressurgindo do sepulcro. Três outros maravilhosos painéis, de autoria do artista polonês Arysyrach Kasznrewicz, circundam o altar, representando o Natal, a Páscoa e o Pentecostes. Na cúpula sobreposta ao altar-mor, exposto à luz solar, encontra-se um grande vitral representando a Última Ceia, de autoria do artista sacro Emilio Zanon. As estações da Via Sacra são representadas por 14 grandes vitrais, que adornam as paredes laterais da catedral. A 15^a estação, a ressurreição de Cristo, é representada pelo painel da Páscoa. A catedral mede 75,80 m de comprimento e 23,10 m de largura, espaço distribuído por três pisos, além do subsolo, com o salão comunitário; primeiro piso – *hall* de entrada, nave e presbitério; segundo piso – coro e depósito; terceiro piso – torre com relógio e carrilhão dos sinos.

Honra seja dada a Deus e gratidão aos abnegados benfeitores, vivos ou já falecidos, generosos promotores dessa epopéia arquitetônica, a Catedral de N^{ra} S^{ra} Aparecida de Passo Fundo.

nesto Morsch, deu início à organização da futura diocese, instalada em 22 de julho de 1951, sob o pontificado de Pio XII. Como primeiro bispo diocesano, dom Cláudio Colling a pastoreou por 30 anos, até 1981, ano em que assumiu a arquidiocese de Porto Alegre.

A Catedral de Nossa Senhora Aparecida é um belo símbolo de Passo Fundo, realçado pela imagem clássica da Praça Marechal Floriano, tendo à frente o monumento da cuia gigante e o verdor dos arbustos. Trata-se de um monumento bem executado de arte sacra, apropriada para acolher paroquianos, devotos de N^{ra} S^{ra} Aparecida e visitantes. Aliás, o turismo religioso é incentivado pela Igreja e pela sociedade, que recomendam a boa acolhida aos peregrinos.

Chama a atenção dos moradores e turistas o par de torres reluzentes, visíveis a longa distância; o reló-

Jornal Diário da Manhã

Santina Rodrigues Dal Paz ()*

O jornal *Diário da Manhã* iniciou suas atividades em 28 de novembro de 1935, fundado pelo jornalista de escol, Túlio Fontoura, homem nascido em Livramento, um idealista, que preparou sua obra desde muito cedo, fazendo o que mais gostava: o jornalismo. De Porto Alegre, mudou-se para Passo Fundo, em 1926, onde assumiu, com 21 anos, a direção do semanário *A Gazeta*, aí permanecendo até 1930.

Em 1931, fundou o semanário *A Luta*, de sua propriedade, mas em 31/12/32, por determinação do interventor Flores da Cunha, teve que suspender a circulação do mesmo e fechar suas portas.

O *Diário da Manhã* foi o primeiro jornal de edição diária da cidade de Passo Fundo, então com 30 mil habitantes, matutino e com notícias fartas. Na primeira edição informava sobre a Intentona Comunista, acontecimento que abalou os frágeis fundamentos do regime. Desde o início, a credibilidade sempre foi e permanece sendo a mola mestra. Passo Fundo cresceu e com ela o jornal. Aos poucos, conquistou novas fronteiras; ultrapassou os limites do Rio Grande do Sul e entrou em Santa Catarina.

Suas máquinas começaram a funcionar numa casa situada na esquina da Av. Brasil com a Av. General Netto. Em 1939, o jornal mudou-se para casa própria, na esquina da Rua Coronel Chicuta com a Rua Independência. Hoje, está na Av. Sete de Setembro, esquina com a Rua Independência.

A postura de seu líder na redação ou no *Refúgio* era de sempre escrever seus editoriais baseados na realidade, mostrando aos leitores toda a verdade dos fatos. Em 1979, o jornalista Túlio faleceu em Porto Alegre, dia 17 de setembro, após ter trabalhado mais de meio século, com nobreza, desprendimento e combatividade. Deixou sua obra maravilhosa entrando para a história.

Em 1972, o jornalista Dyógenes Auildo Martins Pinto auxilia Túlio Fontoura e assume como diretor do Jornal, promovendo a modernidade. O processo da linotipia ao *offset* em 1974, agilizou e deu condições para desenvolver as idéias básicas de Túlio Fontoura. Dyógenes não perdeu tempo, esteve sempre atento e, soube conduzir a empresa jornalística *Diário da Manhã*. Homem ardoroso e de visão empresarial privilegiada, integrou-se com a comunidade, dedicando-se à causa social. Exerceu um jornalismo democrático, verdadeiro, decente e correto como demonstrava em seus editoriais. Dizia sempre que “um jornal sem editorial é como um corpo sem alma”.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



FOTO: CZAMANSKI

Aniversário do Diário da Manhã, onde, entre outros, aparecem: a) Túlio Fontoura, fundador do jornal; b) Dr. João Dêntice e c) Sr. Mário Goelzer.

Seu último editorial, o do dia 1º de maio de 1998, foi uma homenagem a todos os trabalhadores, indistintamente. Nos meses de maio e junho, envolveu-se por inteiro na preparação da viagem que realizaria como chefe da Delegação Brasileira de Lions. Concretizando seu sonho, já na Inglaterra, em Birmingham, longe de sua Pátria, mas realizando o que mais lhe fascinava, o Lions Club Internacional. Seu coração não resistiu e morreu cumprindo o seu dever. Partiu muito cedo, pois tinha projetos seus a serem executados. Realizou obras, como o Hospital de Olhos, localizado na UPF.

O *Diário da Manhã* ficou abalado e sem os baluartes do jornalismo (Túlio e Dyógenes). Em seguida brotaram energias, porque a família não esmoreceu. A empresa jornalística, com crescimento e trajetória brilhantes, prosseguiu adquirindo forças de que precisava. A jornalista Janesca Martins Pinto e Vinícius Martins Pinto, na companhia de sua mãe Clélia Fontoura Martins Pinto e de sua avó Lucilla Lima Fontoura, decidiram reforçar e conservar a obra deixada por Túlio e Dyógenes.

A partir do ano 2000, o jornal passou a ser impresso em cores. Portanto, o primeiro jornal diário colorido, impresso em Passo Fundo, em gráfica própria. O *Diário da Manhã* trabalha com tecnologia de primeiro mundo; foi o primeiro a ser impresso em rotativa própria; o primeiro a ser composto em fotocomposição eletrônica. Em seguida veio a *internet* e o jornal modernizou-se ainda mais. E não tardou para adquirir duas concessões de rádios: Diário AM e Diário FM. Integrada neste grupo corajoso, a sempre ativa Ilânia Preto Martins Pinto e num futuro próximo estará atuando Túlio Martins Pinto.

O *Diário da Manhã* reinaugurou em dezembro de 2002 suas novas instalações da Av. Sete de Setembro. Esse foi um gesto fantástico da família que acredita em dias melhores e no sucesso desta empresa. A história da Empresa Jornalística Diário da Manhã se confunde com a própria história de nossa Passo Fundo e região.



Círculo Operário Passo-Fundense

Helena Rotta de Camargo (), Irma Maria Trombini (**)*

A Igreja Católica, no decurso de sua história, vem se empenhando na defesa dos oprimidos, pobres e operários. Foi assim que, em diferentes épocas e segundo as necessidades, vem empregando meios adequados à manutenção da paz e da justiça social. Um desses momentos decisivos da Igreja, no que diz respeito às classes menos favorecidas, ocorreu com o Papa Leão XIII, no século passado. Sua encíclica denominada “*Rerum Novarum*” constitui-se num documento em defesa do operário moderno e na afirmação de seus direitos. A partir desse documento começaram a surgir os Círculos Operários no mundo todo e também no Brasil.

Em Passo Fundo, o movimento circulista foi implantado em 1935, por iniciativa do padre Brentano, com a denominação de Círculo Operário Passo-Fundense. Em virtude de seu caráter cristão, a entidade escolheu como patrono, São José, considerado o modelo dos operários. Desde então, muita coisa foi realizada no município em favor dessa classe. Sobre tudo, melhorou sensivelmente sua condição de vida, tanto social, como moral e intelectual.

A primeira reunião da nova entidade realizou-se na casa de Ludovico Dela Méa. Nessa oportunidade, foi solicitada ao diretor da Instrução Pública do município uma sala para reuniões e para que pudessem ser ministradas, provisoriamente, aulas noturnas para os sócios.

O passo seguinte foi a confecção de carteiras de trabalho e a criação da ala feminina do Círculo, cuja função consistia em desenvolver a economia doméstica, criando hortas caseiras e ensinando os operários a gastarem conforme suas rendas familiares.

Em julho de 1936, o Círculo Operário já atuava em sede própria, localizada no antigo Asilo Lucas Araújo, ocasião em que iniciou o cadastramento dos desempregados, constituindo-se numa espécie de agência de empregos para a indústria e o comércio local.

O próprio sindicalismo foi implantado em Passo Fundo em 1937, por solicitação do Círculo. Com a presença de um representante do Ministério do Trabalho, os metalúrgicos, padeiros e industriários da madeira reuniram-se e formaram seus respectivos sindicatos, passando a contar com a proteção da lei.

Foi em janeiro de 1938 que a diretoria do Círculo Operário decidiu empenhar-se na fundação de uma escola, a mesma que ainda continua em funcionamento e onde os cida-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Diretora da Escola Círculo Operário Passo-Fundense.

dados do futuro são esclarecidos acerca de seus direitos, a fim de que possam lutar por eles. O primeiro endereço da casa de ensino foi o Asilo Lucas Araújo, por concessão das Damas de Caridade e do Hospital São Vicente de Paulo. A direção da escola ficou a cargo da Congregação Notre Dame, que ministrava a instrução em duas salas de aula.

Outras vantagens importantes foram conseguidas pelos associados, naquela época, dentre as quais, a redução no preço do atendimento, por parte do Hospital São Vicente, o serviço jurídico gratuito, a organização de um grupo de escoteiros circulistas, a instalação de farmácia e ambulatório para os casos de emergência.

Gradativamente, as atividades do Círculo Operário Passo-Fundense foram se ampliando. Instalou-se o cinema, organizaram-se jogos entre as crianças, criou-se um pecúlio para os associados, adquiriu-se um terreno junto à Avenida Brasil, defronte ao Notre Dame, onde a instituição atuou até 2006.

A Prefeitura Municipal, pelo prefeito Arthur Ferreira Filho, doou a madeira para a construção da sede da escola regular e da profissionalizante. Em seguida, iniciaram-se as tratativas para a fundação de uma cooperativa de consumo para atendimento dos circulistas.

A nova sede do Círculo Operário foi inaugurada em 26 de novembro de 1945 e logo ampliou-se a assistência social, com a instalação de um consultório dentário. Em fins de 1948 foi inaugurada a Escola Leão XIII e o salão de diversões para os associados.

Diversas congregações religiosas, entre elas, as Irmãs Vicentinas, as de São José e as Salvatorianas, além das já mencionadas irmãs de Notre Dame, contribuíram para o desenvolvimento educacional da instituição. Só mais tarde os professores leigos começaram a integrar seu corpo docente.

A partir da década de 70, a assistência aos assalariados foi novamente intensificada, com a instalação da Assistência Social Diocesana Leão XIII, que se tornou uma entidade à parte, mantenedora dos cursos profissionalizantes, enquanto a escola passou a denominar-se Escola Assistencial do Círculo Operário – 1º grau. Ambas desenvolvem suas atividades na Rua Marcelino Ramos, nº 231.

A sociedade contou com a atuação de cinco presidentes, que muito se empenharam no seu crescimento. Foram eles: Albino Franchini, José Bilhar Vargas, João Andrade (releito por várias gestões) e Manuel Garrido. Atualmente, a administradora do Círculo Operário Passo-Fundense é a professora Irma Maria Trombini.



Alunos da Escola Assistencial do Círculo Operário durante comemoração cívica.

FOTO: ARQUIVO AUTOR

1938

Academia Passo-Fundense de Letras: dados relevantes

Welci Nascimento (*)



FONTE: FOTO MODERNA PASSO-FUNDO

Primeiros integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras, vendo-se, entre outros: Gomercindo dos Reis, Túlio Fontoura, Arthur Ferreira Filho, Verdi De César, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Sante Uberto Barbieri, Athos Branco da Rosa, Sabino Santos e Píndaro Annes.

Corria o ano de 1938, quando foi criado o Grêmio Passo-Fundense de Letras. Vivíamos, politicamente, num regime de exceção. Era o chamado “Estado Novo” idealizado por Getúlio Vargas em 1937. Nesse ano, Vargas preparou uma nova Constituição e, na verdade, um novo regime político. Decretada a Constituição, o Congresso Nacional foi fe-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

chado, suspenderam-se as eleições, proibiu-se a fundação de partidos políticos e a imprensa foi censurada.

Como os governantes dos Estados da Federação, os prefeitos municipais foram nomeados, uma vez que as eleições foram suspensas. Em Passo Fundo, foi nomeado Arthur Ferreira Filho para dirigir os destinos do município.

Com o nome do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de agosto daquele ano, era fundada uma casa de cultura cujo primeiro presidente foi o ex-intendente de Passo Fundo, escritor e historiador Arthur Ferreira Filho.

No entanto, o idealizador do Grêmio, hoje Academia, foi o pastor da Igreja Metodista, Sante Barbieri, que recém havia chegado a Passo Fundo com sua família, para o exercício do seu ministério. A idéia de Sante Barbieri era reunir os intelectuais da cidade “para reconhecer o valor que as letras têm na formação moral e cívica do povo, contribuindo, pelo pensamento e pelas idéias com a grandeza do Brasil”.

Subscreveram o memorial de fundação em 7 de abril de 1938 as seguintes pessoas: Arthur Ferreira Filho, Sante Uberto Barbieri, Gabriel Bastos, Tristão Feijó Ferreira, Aurélio Amaral, Odete Barbieri, Celso Fiori, Pedro Silveira Avancini, Herculano Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando de Araújo Kanters, Túlio Fontoura, Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Verdi De Cézaro, Daniel Dipp, Athos Brando da Rosa, Heitor da Silveira, Sabino Santos, Gomercindo dos Reis, Píndaro Annes, Waldemar Ruas, Lucile Scheleder e Oscar Kneipp.

A atitude dos seus fundadores vem a confirmar a alma literária dos moradores desta terra. Já nas décadas finais do século XIX, em 15 de fevereiro de 1883, um grupo de jo-



FONTE: FOTO MODERNA/PASSO FUNDO

Arthur Ferreira Filho falando durante a instalação da Academia Passo-Fundense de Letras.

vens da cidade de Passo Fundo criou o Clube Amor à Instrução, de caráter literário. Registros em documentos do ilustre médico e político passo-fundense Nicolau de Araújo Vergueiro comentam que o citado clube discutia assuntos como, por exemplo, “O que tem sido mais benéfico para o Brasil: as armas ou a literatura? Qual o relacionamento entre a família e a escola?” “As reuniões eram acaloradas, trazendo grande bagagem para o aprimoramento da cultura no município de Passo Fundo”, registra a historiadora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, Delma Rosendo Ghen.

Em 1938, com a fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, o eco do trabalho literário aqui ilustrado chegou ao Rio de Janeiro, então capital da república, quando o seu fundador Sante Uberto Barbieri visitou a Academia Brasileira de Letras.

Depois de vinte e três anos de trabalho literário e desenvolvimento das letras na cidade, o Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1961, foi transformado em Academia Passo-Fundense de Letras, tendo sido eleito presidente o poeta, prosador e professor da Universidade de Passo Fundo, Celso da Cunha Fiori.

Desde a sua fundação, a academia tem as suas atividades culturais no prédio situado na Av. Brasil, n. 792, remanescente do histórico clube político Pinheiro Machado, defensor dos ideais republicanos. A transferência de prédio, hoje totalmente remodelado, com exceção do frontispício, que conservou as linhas arquitetônicas, resultou dos entendimentos entre Nicolau de Araújo Vergueiro, sócio-fundador da Academia e o coronel Frederico Graeff, então presidente do Clube Pinheiro Machado, fundado em 16 de março de 1904. Desde então, o prédio foi colocado à disposição do Grêmio Passo-Fundense de Letras e transferida a propriedade pelo remanescente do Clube Pinheiro Machado ao sodalício.

Com o passar dos anos, o prédio foi se deteriorando em face da ação do tempo, sendo reformado constantemente, até quando não foi mais possível usá-lo. O seu interior foi demolido restando somente a parede frontal. Face a esta situação, os acadêmicos faziam as reuniões numa das salas da antiga reitoria da UPF, situada na Av. Brasil. Como a universidade não mais cedeu suas dependências para a academia, esta passou a realizar suas reuniões na residência ou nos escritórios dos presidentes. Os prefeitos Osvaldo Gomes e Júlio Teixeira encaminharam a construção do prédio, sendo que somente na administração do prefeito Airton Lângaro Dipp foi possível concluir a obra, no ano de 2007, restando dar acabamento ao Salão de Atos, sendo presidente Antônio Augusto Meirelles Duarte.

Objetivos – A academia destina-se a congregar, exclusivamente, os escritores de Passo Fundo, com a finalidade primordial de auxiliá-los a desenvolver e expandir a cultura em todos os níveis do conhecimento humano. Além disso, a academia coopera para que as obras dos escritores de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul sejam cada vez mais conhecidas, bem como procura cultuar a memória dos escritores brasileiros, contribuindo com o aprimoramento da língua nacional. Além do mais, suas dependências estão sempre à disposição da cidade para realização de lançamentos de livros de todos os escritores passo-fundenses ou não, bem como o espaço para outros eventos culturais.



Primeiros integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras. Todos pertenceram ao Grêmio Passo-Fundense de Letras, que se transformou na academia atual.

Administração – A Academia Passo-Fundense de Letras é administrada pela Diretoria, Conselho e Assembléia Geral. A Diretoria é constituída pela Presidência, Secretaria Geral, Secretaria Executiva, Tesouraria e Biblioteca.

O Conselho é constituído por seis membros e a Assembléia Geral é constituída de todos os membros efetivos, cujo número é limitado em 40, sendo cinco as categorias: fundadores, efetivos, licenciados, correspondentes e beneméritos. As vagas são abertas por falecimento de um membro efetivo e pela passagem de membro efetivo à categoria de licenciado. Ocorrendo vaga na academia, é fixado edital cuja inscrição é feita pelo candidato que deve residir em Passo Fundo. Seus trabalhos literários, acompanhados do *curriculum vitae* serão examinados por uma comissão designada pelo presidente, que expede um parecer perante a Assembléia Geral, que decide o ingresso ou não do pretendente à vaga.

Obras – Ao longo do tempo, foram publicadas pelos acadêmicos, na cidade de Passo Fundo, as mais variadas obras, tais como poesias, ensaios literários, discursos, crônicas e críticas literárias tanto de autores da cidade, como da região do Planalto Médio. Ao longo da sua existência, patrocinou concursos literários na área estudantil, colaborou na constituição de comissões para avaliar trabalhos literários realizados por inúmeras instituições da cidade, como a Embrapa, a Coleurb, entre outras.

A Academia Passo-Fundense de Letras sediou a Biblioteca Pública Municipal, criada em 2 de abril de 1946 e o Instituto Histórico de Passo Fundo, sendo, por vários anos, a casa guardiã da vida literária da cidade.

O prédio da academia, ora tombado pelo poder público municipal como patrimônio histórico, abrigou também o Clube Pinheiro Machado, associação político-partidária, durante as primeiras décadas do século XX; a Escola Complementar, com a finalidade de formar profissionais; foi ocupada pelo Tiro de Guerra nº 225 de Passo Fundo, e foi espaço da Biblioteca Pública Municipal.

Desde sua fundação, as mais expressivas pessoas da política, do comércio, da vida literária, das áreas médica e jurídica, do jornalismo, do magistério, que defenderam e defendem o valor que a literatura tem na formação moral e cívica do povo que contribuiu com a grandeza de Passo Fundo, passaram pela Academia Passo-Fundense de Letras.

O prédio da Academia, hoje, é moderno e confortável. Em seu interior há salas para reunião, biblioteca, espaço para lançamento de obras literárias, anfiteatro, cozinha, banheiros e elevador para conduzir pessoas com dificuldades físicas.

Todos os sábados, pela manhã, os acadêmicos reúnem-se para tratar de assuntos pertinentes ao funcionamento regular da Academia, bem como ouvir trabalhos realizados pelos acadêmicos em âmbito literário.

Obras – A academia, ao longo dos anos, publicou o seu anuário, onde os acadêmicos davam relevo aos acontecimentos da literatura sul-rio-grandense. O *Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras* tinha como objetivo perpetuar a história literária do sodalício em Passo Fundo, oferecendo elementos de informação aos estudiosos e aos que se dedicavam à pesquisa bibliográfica e histórica.

Além do anuário, a academia publicou jornais literários como *O Guarani*. Através do seu jornal, com publicação bimestral, informava o que vinha acontecendo no âmbito interno, bem como servia de espaço para a publicação de trabalhos literários de seus acadêmicos.

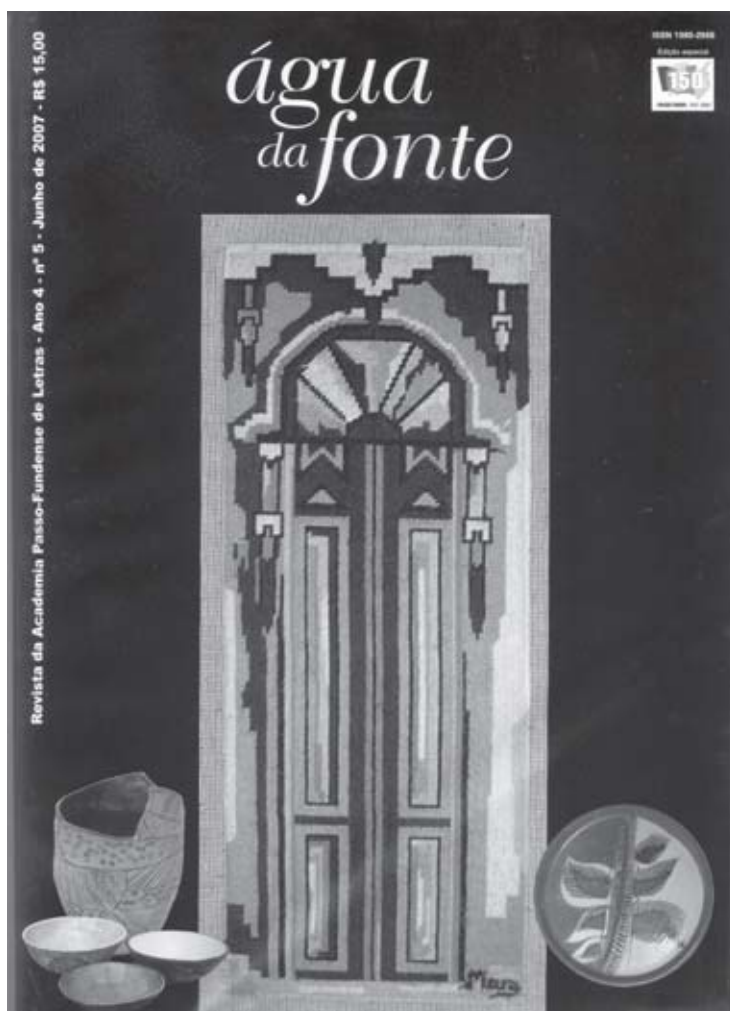
Hoje, graças ao esforço e à dedicação de todos os acadêmicos, a Academia Passo-Fundense de Letras edita uma revista literária com circulação semestral, chamada *Água da Fonte*, tendo como editores os acadêmicos Gilberto Cunha e Paulo Monteiro, com opiniões e conceitos emitidos pelos acadêmicos e com espaço reservado a outras pessoas da comunidade. A tiragem da revista *Água da Fonte* é de 1.200 exemplares, com uma média de 150 páginas, a grande maioria ilustrada, com o objetivo de promover a cultura passo-fundense.

Hoje, a academia conta com poetas e poetisas, como Francisco Garcia, Craci Terezi-nha Ortiz Dinarte, Jurema Carpes do Valle, historiadores como Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Paulo Monteiro, cronistas como Antônio Augusto M. Duarte; romancistas como Jorge A. Salton. Pela Academia Passo-Fundense de Letras passou o maior historiador da região norte do Rio Grande do Sul, Francisco Antônio Xavier e Oliveira. Ele deixou re-

gistrada em suas anotações uma obra organizada do homem e do espaço no Planalto Rio-Grandense e reescreveu a história regional.

Outra historiadora de renome que faz parte da Academia é a professora Delma Rosendo Ghen, que reescreveu a história de Passo Fundo através de fontes confiáveis.

Resta lembrar as palavras de Sante Uberto Barbieri, o idealizador do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em conversa com o presidente da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, em 1938, ao comunicar a criação do que seria mais tarde a Academia Passo-Fundense de Letras: “Duas coisas desejamos dizer-lhe: a responsabilidade que assumimos perante o resto do Brasil é grande. Precisamos conservar a posição de liderança, não esmorecendo no trabalho, no estudo, no amor às letras [...]”.



Edição especial da revista Água da Fonte, da Academia Passo-Fundense de Letras, dedicada a comemorar os 150 anos da emancipação político-administrativa de Passo Fundo.



Academia Passo-Fundense de Letras: atos de instalação

Paulo Monteiro (*)

No dia 7 de abril de 1938, foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por um grupo de intelectuais sob o estímulo do escritor Sante Uberto Barbieri.

A entidade realizou intensas atividades que culminaram com a criação da Biblioteca Pública Municipal, a introdução do Movimento Tradicionalista Gaúcho na Região, e a instalação da Universidade de Passo Fundo. Passados 23 anos de sua criação, o Grêmio se transformou em Academia Passo-Fundense de Letras, durante sessão solene realizada no salão da Biblioteca Pública, no prédio onde hoje o sodalício está precariamente instalado, após reforma de qualidade questionável.

Pela ata de instalação da Academia e pelo noticiário de *O Nacional* e *Diário da Manhã*, sabe-se que os atos tiveram ampla repercussão, sendo transmitidos pelas duas rádios locais de ondas médias, Passo Fundo e Municipal, e filmados pela reportagem da TV-Piratini.

A solenidade, ocorrida no dia 7 de abril de 1961, foi aberta pelo acadêmico José Gomes, que passou a direção dos trabalhos ao então presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, Arthur Ferreira Filho, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que formou a mesa com autoridades representativas do município, entre as quais, o juiz diretor do Foro, o presidente da Câmara de Vereadores, o prefeito Benoni Rosado e líderes religiosos.

Arthur Ferreira Filho deu posse aos acadêmicos que ocuparam as primeiras cadeiras do novel sodalício. Foram os seguintes, por ordem alfabética, e seus respectivos patronos: Arthur Süssembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral (Sante Uberto Barbieri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Belém), César José dos Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni (Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes (Dom Aquino Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Ernani Fornari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo Bilac), Sabino Santos (Erico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Vêrdi De César (Raquel de Queiroz).

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Também foi empossada a primeira diretoria acadêmica, assim constituída: presidente, Celso Fiori; primeiro vice-presidente, Túlio Fontoura; segundo vice-presidente, Mário Braga Júnior; secretário geral, Arthur Süssembach; subsecretário, Paulo Giongo; tesoureiro, Verdi De César; tesoureiro adjunto, Rômulo Cardoso Teixeira; bibliotecário, Jurandyr Algarve e bibliotecário adjunto, Gomercindo dos Reis.

Dois longos discursos foram pronunciados na oportunidade. O primeiro pelo presidente Celso da Cunha Fiori, salientando a importância do ato, e o segundo por Arthur Ferreira Filho, representando a Academia Riograndense de Letras.

Além desses, duas outras manifestações tornadas públicas com referência à Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras merecem lembrança: dois acrósticos, poemas em que os versos se iniciam com as letras dos nomes homenageados. Escreveu-os o poeta Gomercindo dos Reis, que os publicou em *O Nacional* de 7 de abril de 1961. O primeiro dedicado à população de Passo Fundo, sob o título de *Academia Passo-Fundense de Letras*; o segundo ao presidente do sodalício, *Celso da Cunha Fiori*, um dos advogados mais conceituados da região. Pelo significado dos mesmos para a história local transcrevemos o primeiro deles abaixo.

Academia Passo-Fundense de Letras

Homenagem à Comuna, pela instalação, hoje, da Academia Passo-Fundense de Letras.

Avante, brasileiros, para a frente,
Com os cursos primários, secundários,
A instruir o forasteiro, e a nossa gente,
Dando Academia e grêmios literários!
Eleva, ó rio-grandense, a nossa terra,
Maravilhosa, aos píncaros da glória!
Invicta, vai além, na paz se aferra,
Altiva e já com as palmas da vitória!

Pára e contempla a nossa pátria, agora:
As Campinas, seriemas a cantar..
Seus ranchos, o tropeiro estrada afora,
Sua gloriosa Bandeira a tremular,
Os campos, os trigais, a lua da aurora!

Feliz do homem que tiver um dia,
Um trator, a mulher, o sol e a lua..
Não precisa falar na Academia,

Dizer a prosa, ou verso, que extenua.
Em defesa da pátria estremecida,
No comércio, na indústria, na pecuária,
Saberá lutar e vencer na vida,
Em Batalha gloriosa e voluntária!

Dá a tua alma, dá o teu peito varonil,
E avante, pelas glórias do Brasil!

Lutar e repelir o mau poder,
Esse que ao povo e à pátria causa danos,
Tratarás na tua memória até morrer!
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:
A força do direito há de vencer
Sobre o direito da força dos tiranos!...

Gomercindo dos Reis (7-4-1961)



Academia Passo-Fundense de Letras: confrades de 1938 a 2007

Santina Rodrigues Dal Paz ()*

A Academia Passo-Fundense de Letras, antes denominada “Grêmio Passo-Fundense de Letras”, surgiu no dia 7 de abril de 1938. O termo inicial de fundação foi assinado pelas 25 pessoas presentes ao ato. Conforme o que foi decidido na reunião preliminar de 31/03/1938, teve lugar na Prefeitura Municipal de Passo Fundo, no dia 7 de abril de 1938, às 20h 30min, a sessão de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Sante Umberto Barbieri, bispo da Igreja Metodista, deu início à reunião, usando da palavra, na qualidade de delegado da Academia Rio-Grandense de Letras, propôs que fosse aclamado presidente da solenidade que ora se iniciava o sr. Arthur Ferreira Filho. Para secretariar os trabalhos, foi convidado o dr. Verdi De Césaró, que redigiu extensa ata relatando o histórico acontecimento.

A primeira diretoria eleita e empossada ficou assim constituída: Arthur Ferreira Filho, presidente; Gabriel Bastos, vice-presidente; Sante Uberto Barbieri, secretário geral; Verdi De Césaró, 1º secretário; Lucila Schleder (Ronchi), 2º secretário; Daniel Dipp, tesoureiro e Antônio Athos Branco da Rosa, bibliotecário.

No dia 29/04/1939, às 20h 30min, conforme ata nº 04, foram aprovados os estatutos da entidade.

O Grêmio Passo-Fundense de Letras, no dia 16/09/1939, foi reorganizado, começando, assim, a sua segunda fase de atividade, que culminou com a transformação do *Grêmio* em *Academia*, por iniciativa do acadêmico Celso da Cunha Fiori. Esse fato ocorreu no dia 20/05/1960, em sessão presidida pelo confrade José Gomes, presidente do Sodalício.

A Academia Passo-Fundense de Letras foi instalada em 07/04/1961 conforme ata nº 01, livro 045 estando na presidência o acadêmico Celso da Cunha Fiori. Sua diretoria estava assim constituída: Celso da Cunha Fiori, presidente; Túlio Fontoura, vice-presidente; Mário Braga Júnior, 2º vice-presidente; Arthur Sussebach, secretário geral; Paulo Giongo, sub secretário; Verdi De Césaró, tesoureiro; Rômulo Cardoso Teixeira, 2º tesoureiro e Gomercindo dos Reis, bibliotecário.

Em 1961, a Academia Passo-Fundense de Letras foi declarada de utilidade pública, conforme projeto de lei nº 1/61, no governo do prefeito Benoni Rosado e Centenário Amaral, presidente da Câmara de Vereadores.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Relação dos acadêmicos desde a fundação da entidade

- 01 - Alexandre D. Teixeira
- 02 - Agostinho Both
- 03 - Alberto Antônio Rebonatto
- 04 - Alcione Niederauer Correa
- 05 - Alori Batista Castilhos
- 06 - Amaury Paes Leme
- 07 - Ana Carolina M. da Silva
- 08 - Antônio Athos Branco da Rosa
- 09 - Antônio Augusto Correa
- 10 - Antônio Augusto Meirelles Duarte
- 11 - Antônio Bitencourt Azambuja
- 12 - Antônio Carlos Machado
- 13 - Antônio Donin
- 14 - Antônio Kurtz Amantino
- 15 - Antônio Miguel Guedes
- 16 - Antônio Oliveira
- 17 - Antônio Uflacker
- 18 - Antônio Xaves de Oliveira
- 19 - Anildo Sarturi
- 20 - Armando de Souza Kanters
- 21 - Arlindo Luiz Osório
- 22 - Arthur Ferreira Filho
- 23 - Arthur Sussenbach
- 24 - Ary Aires de Mello
- 25 - Aurélio Amaral
- 26 - Benedito Hespanha
- 27 - Berecil Garay
- 28 - Brasileiro Bastos
- 29 - Camilo Leôncio Ribeiro
- 30 - Carino Corso
- 31 - Carlos Alceu Machado
- 32 - Carlos Frederico R. Pereira
- 33 - Carlos Roberto da S. Hecktheüer
- 34 - Celso da Cunha Fiori
- 35 - César Dias Filho
- 36 - César José dos Santos
- 37 - Carlos de Danilo Quadros
- 38 - Carlos Frederico Cotrin
- 39 - Craci Terezinha Ortiz Dinarte
- 40 - Daniel Dipp
- 41 - Daniel Viuniski
- 42 - Delma Rosendo Gehm
- 43 - Delorges Caminha
- 44 - Dilse Piccin Corteze
- 45 - Diógenes A. Martins Pinto
- 46 - Edgar de Oliveira Garcia
- 47 - Edy Izaias
- 48 - Elido Alcides Guareschi
- 49 - Elizabeth Souza Ferreira
- 50 - Elisomero da Costa Moura
- 51 - Eurípedes Facchini
- 52 - Francisco Antonino Xavier e Oliveira
- 53 - Francisco Mello Garcia
- 54 - Gabriel Bastos
- 55 - Getúlio Vargas Zauza
- 56 - Gelásio Maria
- 57 - Gilberto R. Cunha
- 58 - Gomercindo dos Reis
- 59 - Gustavo V. Veras
- 60 - Herculano Araújo Annes
- 61 - Heinz Boor
- 62 - Heitor Pinto da Silveira
- 63 - Heitor Saldanha
- 64 - Helena Rotta de Camargo
- 65 - Hugo Roberto Kurtz Lisboa
- 66 - Irineu Gehlen
- 67 - Ironi Gozzi Andrade
- 68 - Ilza de Azeredo Nedeff
- 69 - Isaac Melzer
- 70 - Ítalo Marcon



71 - Ítalo Goron
72 - Jabs Paim Bandeira
73 - Jacques D'ávila
74 - Jacques Rabello Ribas
75 - Jaime Toledo Pinheiro
76 - João Batista Winck
77 - João Correa Lima
78 - João José Boeira Guedes
79 - João Roman Vieda
80 - Jorge Alberto Salton
81 - José Antônio Machado
82 - João Carlos Bona Garcia
83 - Jorge Edeth Cafruni
84 - Jorge Luiz Niederauer de Lima
85 - José Gomes
86 - José Pereira Batista
87 - José Pedro Pinheiro
88 - José Rodrigues da Silva
89 - Juan Pedro Ottenstein
90 - Júlio Feijó
91 - Jurandyr Algarve
92 - Jurema Carpes do Valle
93 - Lindolfo Kurtz
94 - Loiva Urban
95 - Lucilla Schleder Ronchi
96 - Luiz Braga Westin
97 - Luiz Juarez Nogueira de Azevedo
98 - Luiz Marcelo Algarve
99 - Manoel Nelson da Silva
100 - Maria De Lourdes Paes Leme
101 - Marco Antonio Damian
102 - Marilda K. Parizzi
103 - Mário Braga Júnior
104 - Mário Cavalheiro Lisboa
105 - Mário Daniel Hoppe
106 - Mário Fonseca
107 - Mário Lopes Flores
108 - Maurício Sirotsky Sobrinho

109 - Miguel Erami Guedes
110 - Milton Guimarães da Silva
111 - Mirian S. Moisés Schuch
112 - Ney Eduardo Possapp d'ávila
113 - Nicolau de Araújo Vergueiro
114 - Nidia Bolner Weingartner
115 - Noé Pereira Machado
116 - Odalgiro Gomes Correa
117 - Odete de Oliveira Barbieri
118 - Onildo Gomide
119 - Orfelina Vieira Melo
120 - Oscar Kneipp
121 - Osvandré Lech
122 - Octacílio de Moura Escobar
123 - Otto Gustavo Otto
124 - Paulo Domingos da Silva Monteiro
125 - Paulo Giongo
126 - Paulo Maria
127 - Paulo Prado Machado
128 - Paulo Renato Ceratti
129 - Pedro Ari Veríssimo da Fonseca
130 - Pedro dos Santos Pacheco
131 - Pedro Ernani P. Frank
132 - Pedro Silveira Avancini
133 - Píndaro Odilon Brasileiro Annes
134 - Reissoly José dos Santos
135 - Ricardo José Stolfo
136 - Roberto Wisoski Amarante
137 - Rogério Moraes Sikora
138 - Romeu Carlos Alziro Gehlen
139 - Romeu G. S. Pithan
140 - Rômulo Cardoso Teixeira
141 - Ruy Santiago
142 - Sabino Ribas Santos
143 - Sady Machado da Silva
144 - Sante Uberto Barbieri
145 - Santina Rodrigues Dal Paz
146 - Santo Claudino Verzeleti

147 - Saul Sperry César
148 - Segundo Brasileiro Reis
149 - Selma Costamilan
150 - Severino Ronchi
151 - Simone do Valle Müller
152 - Tenack Wilson de Souza
153 - Tenebro dos Santos Moura
154 - Tereza Z. A. Almeida

155 - Tristao Feijó Ferreira
156 - Túlio Fontoura
157 - Umberto Lucca
158 - Verdi De Césaro
159 - Valdo Nunes Vieira
160 - Waldemar Camillo Ruas
161 - Welci Nascimento
162 - Victor Oscar Graeff

Presidentes da APL (1938 a 2007)

01 - António Augusto Meirelles Duarte
(sete mandatos)
02 - Antônio C. Oliveira (dois mandatos)
03 - Arthur Ferreira Filho
04 - Aurélio Amaral
05 - Benedito Hespanha
(cinco mandatos)
06 - Celso da Cunha Fiori (seis mandatos)
07 - César José dos Santos
08 - Delma Rosendo Gehm
09 - Francisco Antonino Xavier e Oliveira
10 - Gelásio Maria
11 - Irineu Gehlen (seis mandatos)
12 - Ironi G. Andrade
13 - José Gomes
14 - José Pedro Pinheiro

15 - Mário Daniel Hoppe
16 - Nídia Bolner Weingartner
17 - Octacílio de Moura Escobar
18 - Paulo Renato Ceratti
(quatro mandatos)
19 - Ricardo José Stolfo
20 - Romeu G. S. Pithan
21 - Rômulo Cardoso Teixeira
22 - Sabino Ribas Santos
23 - Sady Machado da Silva
24 - Santina Rodrigues Dal Paz
25 - Saul Sperry César
26 - Túlio Fontoura
27 - Umberto Lucca (três mandatos)
28 - Verdi De Césaro (dez mandatos)
29 - Welci Nascimento



Rotary Club

Santina Rodrigues Dal Paz (), José João Holsbac (**)*

Em 1905, após longos contatos com pessoas amigas de diversas profissões, Paul Percy Harris, homem jovem, culto, advogado, simples e preocupado com o semelhante, fundou o Rotary, no dia 23 de fevereiro em Chicago, EUA. Hoje, o Rotary marca presença no mundo inteiro, a aceitação foi universal. A entidade tem como meta a nobre missão de servir, trabalhando em favor da educação, saúde, promoção humana e assistência social. É a única instituição privada a sentar-se à mesa do Conselho Comunitário da ONU, ao lado da UNICEF, participando intensamente dos projetos humanitários dessa organização mundial.

O Rotary realiza obras notáveis, como a Campanha da Pólio Plus, onde são aplicados milhões de dólares doados por rotarianos para erradicar doenças, em especial a poliomielite no mundo. Outra situação preocupante é a alfabetização; para isso o Rotary oferece intercâmbio de grupos de estudos, bolsas de estudos para diversos países; ajuda em projetos que tenham ou que tragam benefícios às comunidades. A Fundação Rotária é a mola mestra do Rotary na promoção de programas que melhoram e salvam a vida de milhões de pessoas no mundo. Na questão da consciência ambiental também a instituição, tem ações concretas.

Em Passo Fundo, essa Organização foi fundada no dia 20 de julho de 1939, em uma reunião na Biblioteca do Clube Comercial, às 20h 30min, com a liderança do sr. James H. Roth, representante do Rotary Internacional, que procedeu a leitura dos Estatutos do Rotary, orientando a todos os homens fundadores: Nicolau de Araújo Vergueiro, Mauro Machado, Arthur Lângaro, Otto Bade, Francisco Berlovitz, João De Césaró, William Richard Schisler, Jaime Laus, Antônio Schell Loureiro, Tenack Wilson de Souza, Walter Barbieux, Arlindo Ferreira de Souza, Carlos Rotta, Teodoro Appel, Tristão Ferreira, Ivo José Ferreira, Píndaro Annes, João Schapke Jr., Isaac Birman, Clodoaldo Brenner, Hyran de Araújo Bastos e Álvaro Berthier de Almeida.

Em seguida, iniciaram os trabalhos com a presença do clube padrinho – Rotary Club Cruz Alta. Seu primeiro presidente o foi Nicolau de Araújo Vergueiro. Em 1960-1961, foi escolhido Passo Fundo para eleger seu primeiro governador, Múcio de Castro, governador do Distrito 467. As reuniões eram realizada no Café Elite, Hotel Franz, Hotel Turis

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Empresário e rotariano.

entre outros locais. Em 1965, o Rotary Club Passo Fundo já foi padrinho do Rotary Club Passo Fundo Norte. Era 1996 este último foi padrinho do Rotary Club de Passo Fundo – Integridade.

Em 1960, o Rotary entregou ao Estado a Escola E. Salomão Iochpe, atendendo necessidades da educação. Iniciou na presidência de Tadeu Anoni Nedeff e concluiu na gestão de Américo Cerqueira. A escola também recebeu um gabinete dentário.

A Escola Municipal Irmã Maria Catarina foi beneficiada com ampla reforma. Na falta de espaço, o Rotary construiu uma sala de aula; e, em 2007 montou um laboratório com equipamentos de informática, dando o nome de Sala dr. Victor Hugo Lacerda (rotariano).

O prédio da Fundação Educacional do Menor de Passo Fundo foi entregue ao município em 30 de abril pela lei nº 1.382 de 1970. Os trabalhos foram liderados por Tadeu Anoni Nedeff (rotariano). Pensando em profissionalizar os meninos, o Rotary trouxe para esta fundação o SENAI. O Rotary abre caminhos aos profissionais no mercado de trabalho. Empenhou-se também para a criação da Escola de Belas Artes, que hoje faz parte da UPF. Em 2000, o Rotary foi parceiro com a família Carlos Madaloso na construção da Casa de Apoio, que abriga pessoas que acompanham familiares hospitalizados; o rotariano Ironi Andrade liderou o andamento da construção e mobília.

Os rotarianos realizaram atividades paralelas às maiores promoções, como: campanhas de vacinação (Polio Plus); da parceria no Programa de Alfabetização, com a Secretaria da Educação do Município; de Campanhas Comunitárias; de prestação de serviços voluntários em datas comemorativas, levando alegria e presentes às crianças e jovens das escolas, creches e entidades; proporciona plantações de árvores frutíferas nas escolas e entidades, que já estão colhendo os frutos que são bem aproveitados. Esses são exemplos que marcam na educação de cada criança e adulto no nosso município.

Há, ainda, a Casa da Amizade, presidida pelas esposas dos rotarianos e seguem o ideal rotário. São pessoas que prestam serviços como voluntárias, em benefício do ser humano.



Menegaz S/A

Daniel da Silveira Menegaz ()*

A indústria Menegaz S/A teve início a partir da mudança de cidade de João Menegaz, no ano de 1937, de Caxias do Sul para Getúlio Vargas. João Menegaz era ferreiro e torneiro mecânico de elevada qualidade, sendo especialista em locomóveis a vapor e fundição. Inicialmente, foi contratado para instalar um moinho em Getúlio Vargas, porém, viajando a passeio para Passo Fundo, encontrou-se, casualmente, com Hermínio Biazus, um dos sócios da empresa Irmãos Biazus, tendo sido convidado a ser sócio da mesma. Aceitou o convite e transferiu-se para Passo Fundo, trazendo na bagagem todo o maquinário que possuía em Caxias do Sul.

A sociedade constituída teve como funcionários os filhos Mário Menegaz, que atendia à parte mecânica, Armando Menegaz, que cuidava da fundição, com auxílio de Orlando e Aldino João. A nova firma realizava atividades de consertos gerais, fabricação de serrarias *Tissot*, trilhadeiras, atafonas e máquinas de matar formigas, em ritmo de rápido desenvolvimento. Passados cinco anos, em 1944, os irmãos Biazus venderam sua parte na empresa para os irmãos Tagliari, Tranqüilino Zanin e Celso da Cunha Fiori, que gerou a constituição, então, da Firma Menegaz, Tagliari & Cia. Ltda., continuando na fabricação dos mesmos produtos, acrescentando à linha de produção cilindros para moagem de trigo e milho, máquinas para limpeza de cereais, descascadores de arroz, britadeiras, serras petiças e grades cheias, para beneficiamento de madeiras. Em função dos problemas de importação durante a II Guerra Mundial, a empresa passou a fabricar motores a explosão, com 10 HP, para serem utilizados em trilhadeiras. Realizavam a fabricação, também, de gasogêneos, alimentados com lenha e carvão, tendo sido, por sua vez, instalados em caminhões e automóveis, para locomoção, sem necessidade de gasolina, cujo uso era racionado na época.

Em 1951, com o desligamento da família Tagliari da constituição social da empresa, a sociedade passou a denominar-se “Menegaz, Giavarina & Cia. Ltda”, em razão do ingresso de novos sócios. A partir de 1956, a empresa passou a produzir apenas implementos agrícolas. Na década de 60, a família Giavarina retirou-se da sociedade, resultando no nome



Mário Menegaz.

(*) Assessor jurídico da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, professor universitário e advogado.

Menegaz S/A – Indústria e Comércio. Em 1974, foi acrescentado à produção todo o conjunto de máquinas para fenação, obtendo, em agosto de 1975, o prêmio de “Distinção Indústria”, concedido pela Federasul, levando em conta a alta tecnologia empregada na fabricação, bem como o *design* e a comercialização da prensa enfardadeira. A empresa foi transferida, em 1979, para as novas instalações sediadas no distrito industrial João Menegaz, com 20 mil m² de construção, numa área de 12 hectares, cedida pela Prefeitura Municipal, chegando a ter mais de mil funcionários. Nessa época, contava ainda com filiais em Campo Grande (MT) e Uberlândia (MG), exportando seus produtos para mais de



Comemoração dos 50 anos da Menegaz S/A.

dez países, com a produção concentrada nas máquinas de fenação, plantio, semeadura e colheita.

A empresa Menegaz S/A manteve o seu crescimento e diversificação de atividades, porém, desde o ano de 1987, deparou-se com uma crise sem precedentes neste setor produtivo. Iniciou-se, então, período de grandes dificuldades financeiras até que, no final de 1991, foi levada a dificuldades incontornáveis e, finalmente, viu-se obrigada a pedir concordata, concedida em julho de 1992. Em 10 de maio de 1994, a empresa estava com impostos atrasados, de modo que a fábrica, por isso, foi tomada judicialmente pelo Estado do Rio Grande do Sul com penhora e usufruto, o qual nomeou dois administradores, todavia, em 13 de março de 1998, fora decretada a falência e o encerramento de todas as atividades.

Banco do Brasil

João Carlos Lencines Bolner (*)

Inaugurada em 13/05/1939, a filial em Passo Fundo foi a 92ª agência em território brasileiro. Iniciou na Rua Moron, nº 1.747, onde hoje está Ed. Kieling. Edegar Maciel de Sá, primeiro gerente, liderava seis funcionários. No início de 1950, mudou-se para o nº 1.485 na mesma rua, onde está a Preço Único. O gerente era Antônio Edwiges Guglielmi de Oliveira, dispondo de 27 colaboradores. Em 1969, a atual sede na Rua Bento Gonçalves, nº 377, esquina com a Avenida Brasil, foi concluída. Para ali se transferiu no mesmo ano, sob a gerência de César Raul Voltolini, com 85 funcionários. Durante o “milagre econômico brasileiro”, a CREAMI daqui, sob a chefia de Dyógenes Auildo Martins Pinto e, posteriormente, de Ario Dante Pedro Rebechi, aplicou maciços recursos na agricultura, em custeio e investimentos, chegando a, num único dia, liberar contratações de 20 colheitadeiras automotrizes e 30 tratores. A agência Passo Fundo alcançou a 3ª posição, dentre as da região Sul, ficando atrás apenas das centrais de Porto Alegre e Curitiba. Como decorrência e fato pitoresco, contam que o então presidente do banco, Nestor Jost, satisfeito com o elevado desempenho da agência, convidou César Raul Voltolini para assumir a subgerência da filial de Roma, na Itália, a título de promoção por merecimento. César esquivou-se, dizendo: “Obrigado, colega Nestor. Mas prefiro ser o 1º em Passo Fundo que o 2º em Roma”.

Por mais de uma década a cidade sediou o CESEC, órgão de escol na prestação de serviços computadorizados às agências de uma vasta região do Estado e de parte de Santa Catarina. Contando com mais de 600 colaboradores, o CESEC Passo Fundo foi um dos maiores do banco, e seu fechamento, em decorrência do sistema *on-line*, ocasionou a transferência da maioria de seu pessoal a outras dependências do país. Assim, entidades, como a AABB e a COOBB, tiveram enorme redução em seu quadro social, com reflexos negativos em suas atividades, hoje afinal superados. Sob a máxima de Juvenal: *“mens sana in*



Prédio do Banco do Brasil em construção.

FOTO CZAMANSKI - ARQUIVO SELMA COSTAMILAN

(*) Funcionário aposentado do Banco do Brasil.

corpore sano”, a AABB – Associação Atlética Banco do Brasil –, de Passo Fundo foi constituída em 9 de julho de 1954, uma das mais antigas do país. Faz parte da Federação Nacional de AABBs, considerado um dos maiores grupamentos de clubes sociais do mundo. Credite-se ao Instituto Educacional o ato cavalheiresmo de colocar suas instalações e campos à disposição dos atletas abebeanos de então, pois a entidade ainda não possuía sede.

Dentre seus fundadores, registra-se que Odil Pedro da Silveira Perez e Heins Boor até hoje freqüentam a sede. Atualmente, preside a AABB Passo Fundo Rodrigo Ries Gonçalves, contando com 720 associados, aí incluídos os sócios comunitários.

A Fundação Banco do Brasil (FBB), braço social do Banco, teve forte atuação na década de 90, quando apreciável montante foi aplicado, a fundo não-reembolsável, em convênios com entidades locais, como a Universidade de Passo Fundo, a Embrapa, o Hospital São Vicente e outras. Merece destaque o Projeto Análise de Rebanhos Leiteiros, profícua parceria entre a FBB e a UPF, para implantação de laboratórios e tecnologia de referência internacional.

Junto à Agência Centro Passo Fundo, cuja Gerência Geral é exercida por Elmo Alfonso Backcs, funciona também a Agência



Prédio do Banco do Brasil em 2007.

Bento Brasil, da qual é gerente Jaime Francisco Braun, ambos liderando com dinamismo seus respectivos quadros de funcionários capacitados e atenciosos, em número de 37 e 35 respectivamente. Passo Fundo conta, ainda, com mais três agências autônomas, que são Bairro São Cristóvão, Bairro Boqueirão e Bairro Vera Cruz. Existem também vários quiosques de auto-atendimento e caixas eletrônicos espalhados por pontos estratégicos da cidade, proporcionando comodidade aos clientes e usuários em suas operações bancárias. No mesmo prédio central, funcionam outros órgãos com jurisdição sobre dependências da região, quais sejam: GEREV – Gerência Regional de Varejo; GEREI – Gerência Regional de Logística; URR – Unidade Regional de Reestruturação e Tesou – Tesouraria Regional –, esta supridora de numerário para uma vasta rede bancária. Ali também atende a CASSI – Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil –, entidade que zela pela saúde dos servidores ativos ou aposentados e de integrantes do plano Saúde Família, de todo o norte do Estado.

O NUJUR – Núcleo Jurídico –, antigamente denominado “Contencioso do Banco do Brasil”, seção regional da empresa que trata de demandas judiciais, naquele prédio também está instalado. Dentre seus ilustres chefes, destacaram-se os funcionários advogados Odalgiro Gomes Corrêa, Ney Menna Barreto, José Catharino Ferreira, Roberto Leyser, Ludgero Frankini Cruz e José Carlos Caries de Souza.

Os cafés de Passo Fundo

Meirelles Duarte (*)



Vemos, com suas esposas, os Drs. Jovino Freitas, Miguel Kosma e Admar Petracco, casais tradicionais passo-fundenses num final de tarde no Café Elite. Década de 40.

Passo Fundo sempre desfrutou de locais para os bons momentos da vida. Foram muitos e famosos os cafés da cidade. Nos referimos aos mais centrais, já que em vilas e bairros o que sempre existiu e ainda hoje encontramos em grande número, são bares que também têm sido escolhidos para os encontros de amigos. O mais famoso café da cidade foi o Elite, que, por mais de meio século, era o local dos encontros que determinaram e influíram nas caminhas políticas, esportivas, econômicas e sociais da cidade. Viveu, vencendo os anos, na Avenida General Netto, proximidades, hoje, da catedral. No verão, mantinha suas portas abertas as 24 horas, pois sempre havia alguém para fazer sua refeição, tomar seu cafezinho e ou fazer seu lanche, além de oferecer o *chopp* mais bem preparado da cidade, vindo em barris de madeira, direto da Cervejaria Gaúcha, mais tarde, Brahma. O Elite notabilizou-se, também, pela sua cozinha; ninguém preparava um filé, arroz, ovos e fritas com tanto sabor. Aos domingos, a fina flor da sociedade disputava suas poucas mesas para o almoço, também de grande tradição. As grandes personalidades da

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

cidade, desde o prefeito, juiz de Direito, delegado de Polícia, líderes políticos e empresariais, tinham um local próprio e diário para o encontro das rodas de café. No carnaval, o Elite oferecia a tradicional sopa da madrugada, para curar ressacas. A família Bordignon, por 3 gerações, foi quem administrou o estabelecimento.

Ainda no centro da cidade, tivemos o Café Amarelinho, que nasceu na parte térrea do Edifício Fiori, próximo ao Correio. Era todo amarelo por dentro e no alto de uma sobreloja, havia um piano para ser dedilhado pelos frequentadores. Depois, passou para a parte térrea do Edifício Serrano, transformando-se, anos após, no Café Haiti. Aos primeiros tempos do Café Elite, tivemos um muito frequentado, cujo proprietário era o senhor Luiz Martins de Castro, que funcionava junto ao Cine Coliseu, na Rua Moron. Era famoso pelos pastéis que valiam por uma refeição. Sem a denominação de café, mas por muitos anos funcionando com grande clientela, tivemos o Bar Independência, na esquina da General Netto com a rua de mesmo nome, e quase defronte, o famoso Bar Gaúcho, igualmente muito frequentado, este mais voltado para os italianos, pois servia comida e bebida bem ao gosto dos napolitanos, além de ser um tradicional ponto de boemia.

No Café Elite, comemoravam-se aniversários, datas de entidades sociais e esportivas e havia, até, uma dependência que era reservada para as senhoras nas décadas de 40, 50 e 60, pois não eram dadas a frequentar estes locais.



Vemos à esquerda o casal Amauri Paes Lemes. À direita, com suas esposas, Drs. Miguel Kosma, Sabino Arias e Harri François. Café Elite. Década de 40.

Liga Passo-Fundense de Futebol

Santo Claudino Verzeleti ()*

A Liga Passo-Fundense de Futebol – LPF – foi fundada em 08 de maio de 1940, por aficionados deste esporte. Sua finalidade principal consistia no desenvolvimento e cultivo do futebol amador, segundo as normas estabelecidas pela legislação vigente. Propunha-se, para isso, manter a mais completa harmonia entre as associações filiadas, as quais, por sua vez, ficavam subordinadas à fiscalização da Liga, quanto à observância do Estatuto.

A organização da entidade e a presidência, nos seus primeiros passos, coube a Celso da Cunha Fiori, que lhe deu cunho jurídico e incentivou o seu funcionamento. Faziam parte da primeira Diretoria: Delmar Sitoni (presidente), Deoclécio Rostro (1º vice-presidente), Murilo Coutinho Annes (2º vice-presidente), Antônio Augusto Correa (1º secretário), Pedro Mencia (2º secretário), Sérgio Osório (1º tesoureiro), Leonel Ramos da Silva (2º tesoureiro), Amílcar Rostro (diretor do Departamento de Inscrições), Sady D. Vianna (adjunto do Departamento de Inscrições).

Também foram filiados à Liga, como representantes dos clubes: Franklin Mader (do Sport Club Gaúcho), Luiz Carlos de Carvalho (do Grêmio 14 de Julho), Eduardo Barreiro (do Independente G. A. de Amadores), Cantidio Lamaison (do Riograndense F. C.).

Os eventos esportivos se sucederam com entusiasmo e com a participação da comunidade, ensejando, de vez em quando, rusgas de cunho ideológico.

A mais importante missão da LPF consistiu em ampliar horizontes, criar novos valores esportivos e oportunizar aos atletas o aperfeiçoamento na arte do futebol.

Muitos deles foram posteriormente contratados por grandes equipes do Rio Grande do Sul e de outros Estados do Brasil, graças à seriedade com que eram treinados e disciplinados.

Entre os presidentes que dirigiram a Liga, destacou-se Armando Cavalcanti, pela imposição de rígidas normas disciplinares, quando mais de quarenta clubes participaram do campeonato varzeano. Criou-se, em sua administração, o Projeto Dente-de-Leite, que obrigava a cada clube inscrever também um atleta mirim. Por mais de seis anos, a liderança desse dirigente movimentou o desporto da cidade e da região. Depois dele, assumiu a direção Santo Claudino Verzeleti, dando continuidade ao trabalho.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Posteriormente, em virtude de divergências políticas entre Cavalcanti e o então prefeito Fernando Machado Carrion, a Prefeitura Municipal, através do decreto 108/ 82, retomou o campo Delmar Sitoni. Com o ato, a Liga ressentiu-se da falta de um local público apropriado para os jogos, não restando alternativa ao presidente em exercício, senão a criação de uma categoria nova, fora daquele estádio, a qual se tornou a 2ª divisão do futebol varzeano. Cada clube filiado obrigou-se a improvisar seu campo de futebol, administrar os jogos e pagar a arbitragem. À LPF coube elaborar o regulamento disciplinar para as competições e realizar a supervisão geral. Para dar oportunidade e incentivo aos clubes, houve entendimento de que desceriam dois clubes da 1ª divisão, e da 2ª subiriam dois.

Até os dias atuais, a LPF sofre o prejuízo de não dispor de um campo próprio, embora o Delmar Sitoni tenha sido construído para o futebol varzeano, como muito bem identificam as placas afixadas no portal de entrada. Numa delas se lê: “Novembro de 1968 – um sonho do futebol menor que se torna realidade”. Na outra, colocada pela administração Mário Menegaz: “A gratidão do futebol menor”.

É lá, por certo, o verdadeiro lugar do Dente-de-Leite. A bem da verdade, entretanto, é forçoso reconhecer que o referido estádio não está cumprindo com suas finalidades, pois houve a interferência de interesses políticos que falaram mais alto.

Em vista das circunstâncias, Verzeleti, o presidente de então, empenhou-se em conseguir outro campo para a Liga, obedecendo aos critérios determinados na sua criação. E, após longo período em busca de recursos, logrou êxito e fez a aquisição de uma área no Parque da Roselândia.

Com a construção da quadra, efetuada na administração do prefeito Júlio Teixeira, a Liga Passo-Fundense de Futebol resgatou o direito e o desejo de oferecer um futuro melhor para seus atletas, com a retomada da história interrompida.

Nas proximidades, foram construídas também quadras para futebol sete e vôlei, área verde abundante e um lago para uso dos associados. Mas não faltou, da parte de alguns passo-fundenses menos idealistas, o invejoso empenho em paralisar a continuidade e a conclusão das canchas esportivas. Em decorrência, e ainda por outras razões pouco louváveis, a LPF entrou novamente em declínio. Lamentável para o esporte amador de Passo Fundo, e para os desportistas abnegados (Jorge Duarte, Roberto França, Helio Toldo, Pedro Kurtz, Francisco da Silva e Raul Matte), que nunca mediram esforços na batalha diuturna de vê-lo expandir-se, e desejosos de formar jovens identificados com os nobres valores que emergem das quadras.



Aeroportos São Miguel e Lauro Körtz

Jabs Paim Bandeira ()*

Em 29 de outubro de 1940 foi inaugurado um campo de pouso, a mando do governo federal, em São Miguel, distrito de Pulador, sede do aeroclube, fundado por Armando Czamanski e Ruy Della Méa, recebendo, com regularidade, os aviões da VARIG, a partir de 5 de maio de 1942, com vôos às terças e sexta-feiras; para Porto Alegre, sendo o primeiro avião a fazê-lo o *Livramento*, matrícula PP-VAF, monomotor de 350 HP com capacidade para cinco passageiros. A tarifa era de cr\$ 206,60. O primeiro agente foi Jaime Laus e o encarregado dos serviços Waldemar Abrahão.

Em abril de 1947 entra no mercado a SAVAG (Sociedade Anônima Viação Aérea Gaúcha) fazendo três viagens por semana, em vôo para Porto Alegre, sem escala. Passou depois a operar com o avião Douglas para 22 passageiros. A agência em Passo Fundo era representada por Fredolin Paim.

Chegou-se a ter três companhias aéreas atuantes em São Miguel. Além das já citadas, existiu a Real Aerovias, que vinha a Passo Fundo para transportar os produtos suínos, produzidos pela Z.D. Costti e pelo Frigorífico Borella de Marau.

Junto ao Aeroporto de São Miguel ativamente funcionava o aéro clube, o qual, desde a inauguração da pista, oferecia seu respeitado curso de brevê, onde daqui saíram diversos e competentes aviadores, os quais galgaram o grau de comandantes desta prestando relevantes serviços até nossos dias.

O aeroporto de São Miguel não é pavimentado, mas ensaibrado em uma pista firme e bem sedimentada, na qual podem pousar aviões de regular porte. Ele não é balizado, só permitindo vôos durante o dia. Muitas vezes eu, com 15 anos, colocava lampiões sobre a pista, abaixo de chuva, a fim de dar visibilidade para o avião, quando trabalhava para a SAVAG.

Posteriormente, dado a necessidade de aumentar a pista e as condições para receber outros aviões, já se preparando para o futuro e o desenvolvimento do comércio aéreo de passageiros e cargas em nosso município, a administração municipal resolveu investir em um novo aeroporto nas margens da Rodovia BR 258, junto à Fazenda da Brigada Militar.

O então deputado Daniel Dipp, pai do atual prefeito Airton Dipp, tem aprovado o projeto de lei de sua autoria de 29 de maio de 1957: dá ao aeroporto de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, a denominação de Aeroporto Lauro Körtz, lei 3.559, de 05 de junho de 1959.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



FOTOGRAFIA EL CZAMANSKI

Vista interna do Aeroporto Lauro Körtz de Passo Fundo, agosto de 2007.

A criação do terminal foi muito oportuna, pois veio consolidar essa cultura da região, principalmente para a população de Passo Fundo, do uso constante do avião, a qual teve seu início em 1942, tendo uma interrupção no final de 1969, para voltar com todo o vigor na década de 1970, com aviões da Rio Sul, primeiramente, com Bandeirante (15 passageiros), depois o Brasília (30 passageiros), fazendo vôos para São Paulo e Porto Alegre.

Inicialmente, o Aeroporto Lauro Körtz era empedrado, depois passou a ser ensai-brado. Numa visão futurística, com empenho da CICASP, hoje Associação Comercial, go-vernadores do município e do Estado asfaltaram e balizaram o terminal, capacitando-o para vôos noturnos. Finalmente, ampliaram a pista e recentemente a estação de passageiros. Passo Fundo e suas lideranças olharam para além do horizonte.

No ano de 2000 a Rio Sul resolveu retirar de circulação os Brasília, o que culminou num movimento envolvendo a Câmara de Vereadores, os deputados federais Airton Dipp e Beto Albuquerque e a população civil, para demover a direção da Varig e Rio Sul da idéia de ficarmos sem aviões. Garantimos a vinda do Jetclass, para 50 lugares. Um novo movimento, mais tarde, trouxe o Boeing.

O governador Germano Rigotto inaugurou em dezembro de 2006 a ampliação do ter-minal de passageiros do Aeroporto Regional Lauro Körtz, que foi adequado à nova deman-da, para oferecer melhor atendimento e conforto aos usuários. Com 747,95 metros qua-drados, a área tem percentual de ampliação de 127%. O pátio, que era de 4 mil metros, foi aumentado para 7,2 mil metros quadrados. O terminal foi projetado em 1990, para pouso e decolagem de aeronaves com capacidade para até 30 passageiros. Mais tarde, passou por modificações, recebendo aviões de até 50 passageiros. Com as melhorias ga-nhou condições ideais para chegada e saída de Boeing 737, que comporta 132 pessoas.

Com a crise da Varig, passamos quase 45 dias sem aviões. Então vieram os Fokker, para 100 passageiros, da Ocean Air. Hoje, temos mais uma companhia atuando em nos-so Lauro Körtz, a NHT, que utiliza aeronave com capacidade para 27 passageiros. A co-municação aérea é algo que distingue e capacita o nosso município, entre outros, no sen-tido de receber outros investimentos.

Biblioteca Pública Municipal

Helena Rotta de Camargo (), Marilza Bragagnolo (**)*

A Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski está situada na Rua Moron, nº 2.019 A, no centro de Passo Fundo, cidade que conquistou, recentemente, o título de Capital Nacional da Literatura. Fundada em 2 de abril de 1940, foi instalada no dia 12 de outubro do mesmo ano, proporcionando acesso gratuito à comunidade passo-fundense, com um acervo inicial de 2.302 volumes.

Arthur Ferreira Filho, prefeito do município de Passo Fundo, usando da atribuição que lhe conferia o art. 12, nº II, do decreto-lei federal 1.202, de 8 de abril de 1939, considerou que era do espírito do Estado Novo o dever dos poderes públicos incentivar a cultura popular; e que nenhum outro meio seria melhor e mais eficiente que as bibliotecas públicas, para atingir essa finalidade patriótica. Considerou ainda que a cidade de Passo Fundo, pelo seu desenvolvimento material e pelo progresso intelectual de sua sociedade, estava a exigir a criação de um estabelecimento público de cultura, onde todos, indistintamente, sem quaisquer ônus, pudessem adquirir e aperfeiçoar o conhecimento. Por fim, considerando que a benemérita iniciativa comum do Grêmio Passo-Fundense de Letras e do Rotary Club, no sentido de dotar a cidade de um estabelecimento desse gênero, deveria merecer todo o apoio do Poder Público, resolveu e decretou a criação da Biblioteca Pública Municipal, que ficou instalada na sede do referido Grêmio e sob sua direção autônoma.

Somente no dia 30 de abril de 1973, um convênio celebrado entre a Prefeitura Municipal, representada pelo prefeito Edú Villa de Azambuja e o Instituto Nacional do Livro, formalizou a criação, instalação e manutenção da Biblioteca Pública de Passo Fundo.

Em julho de 1976, a biblioteca foi obrigada a interromper, temporariamente, o atendimento ao público, tendo em vista a interdição do prédio da Academia. Por iniciativa da Prefeitura Municipal, o acervo foi transferido para a Rua Bento Gonçalves, nº 251, próximo à Clínica César Santos, onde permaneceu até a construção da sua própria casa.

O projeto da nova biblioteca foi elaborado pelo estudante de arquitetura da Unisinos, Arno Viuniski, com desenho de Vilma Picoli. Seria construída na área da Praça Tamandaré, com formato hexagonal para evitar a derrubada de árvores. Foram apresentados vários argumentos a favor, e outros tantos contra a localização da biblioteca no interior de uma praça. Por essa razão, a idéia foi abandonada e o prédio da biblioteca acabou sendo construído no local onde se encontra hoje.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Coordenadora da Biblioteca Pública Municipal.



Interior da Biblioteca, onde usuários dispõem, além de livros, de acesso à internet.

Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Social do Comércio (SESC): o assistencialismo secular

Alessandro Batistella ()*

Com as primeiras fissuras do Estado Novo começaram as articulações da oposição e as manifestações de diversos segmentos da sociedade em prol da volta do regime democrático. No transcorrer do primeiro quinquênio da década de 1940, suas vozes ecoavam cada vez mais alto na sociedade, sobretudo a partir do segundo semestre de 1944.

Paralelamente às manifestações democráticas, a partir de 1944, começaram a eclodir algumas greves pelo país, que se tornaram mais abundantes e frequentes a partir do ano seguinte. Essas greves foram favorecidas pelo momento em que vivia o país: além do enfraquecimento do sistema repressivo do Estado Novo, o Brasil, no geral, vivia um período de crescimento inflacionário em virtude da guerra, enquanto os trabalhadores enfrentavam o arrocho salarial e os esforços de guerra.

Em suma, ao mesmo tempo em que a ampla frente democrática contra o Estado Novo chegava ao seu auge, no primeiro semestre de 1945, o movimento operário e sindical começou a se rearticular. Nesse contexto, novos e independentes sindicatos foram criados nos Estados mais industrializados. Além disso, surgiram algumas organizações intersindicais, dentre elas o Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), organizado por lideranças comunistas, em abril de 1945, à revelia da legislação, evidenciando o ressurgimento da esquerda.

Apesar de participar diretamente na deposição de Getúlio Vargas, o General Eurico Gaspar Dutra venceu as eleições presidenciais de 2 de dezembro de 1945 e foi empossado no início de 1946. No entanto, ao assumir o governo, Dutra adotou uma política econômica liberal que somente agravaria a situação econômica do país. Soma-se a isso um outro problema a ser enfrentado: a inflação, que vinha crescendo desde o fim do Estado Novo. Sem dúvida, a carestia de vida foi responsável pela eclosão de inúmeras greves ainda nos primeiros dois anos do governo Dutra. Tomando um exemplo de Passo Fundo, houve, nessa época, uma greve geral dos bancários, uma greve geral dos ferroviários e uma efêmera greve dos trabalhadores do Moinho Passo-Fundense, além de movimentos populares contra a carestia de vida.

Segundo Astor Diehl (1990, p. 116), os empresários paulistas viam o crescimento dessa política reivindicatória por parte dos trabalhadores como perigosa. Assim, em junho de

(*) Historiador.

Inauguração da nova sede Sesi. 1) Wolmar Salton, prefeito de Passo Fundo; 2) Luiz Mandelli, presidente da Fiergs; 3) Sinval Guazelli, governador do Estado; 4) Arnaldo Prietto, ministro do Trabalho; 5) Bem-Hur Costamilan, delegado regional do Sesi; 6) Hazis Kalil, superintendente do Sesi; 7) Dino Rosa (vereador e radialista).



1946, o governo foi pressionado por Roberto Simonsen e Morvan Dias de Figueiredo, líderes industriais de São Paulo, a assinar o decreto de criação do Serviço Social da Indústria (SESI), com objetivo de, em longo prazo, combater o reaparecimento de organizações autônomas entre operários e combater a influência dos comunistas nos sindicatos.

Entre os seus objetivos específicos estava estudar, planejar e orientar, direta e indiretamente, os meios que contribuem para o bem-estar social dos trabalhadores industriais. Embora a função imediata fosse baixar o custo de vida, concedendo vários benefícios aos trabalhadores, o Sesi procurou também *abafar* o protesto político através da estimulação do sentimento e espírito de justiça social entre as classes (ibid., p. 116). Geralmente, o Sesi integrava as federações estaduais de industriais. No Rio Grande do Sul, o Sesi, criado em 1946, ligava-se à Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS).

Com praticamente os mesmos objetivos do Sesi, mas logrando alcançar os trabalhadores do setor terciário, em setembro de 1946 foi criado, pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), o Serviço Social do Comércio (SESC). Se por um lado foi criado o Sesi e o Sesc, por outro, o governo Dutra empreendeu uma nova onda de repressão ao sindicalismo, fechando diversas organizações de trabalhadores e intervindo nos sindicatos contrários à sua orientação. E mais, ao alinhar-se incondicionalmente aos Estados Unidos, promoveu a entrada do Brasil na Guerra Fria em 1947, o que deu início, no plano interno, à perseguição aos comunistas.

De certa forma, o Sesi/Sesc tinha uma política muito parecida com a empreendida pela Igreja Católica através dos Círculos Operários. Nesse sentido, tratava-se de um assistencialismo secular, visando, principalmente, semear a *paz social*, isto é, solucionar, de maneira harmônica, as contradições inerentes ao binômio capital-trabalho.

Na verdade, a criação do SESI/SESC deu-se também em razão do insucesso do assistencialismo temporal – via circulismo – no centro do país. Entretanto, devemos lembrar que no Rio Grande do Sul o projeto circulista obteve um enorme êxito.

Particularmente em Passo Fundo, o movimento operário e sindical, no pós-1945, foi marcado pela continuação da hegemonia da corrente católica, através do Círculo Operário Passofundense (COPF), embora naquele período a maioria dos líderes sindicais locais tivesse alguma vinculação ao PTB ou a Getúlio Vargas. Na verdade, havia uma grande afinidade entre circulistas, trabalhistas e getulistas. Quanto aos comunistas locais, estes não tiveram sucesso no âmbito sindical, uma vez que os sindicatos passo-fundenses estavam sob a égide do Círculo Operário Passo-Fundense⁶.

Além de sua incontestável influência nos sindicatos locais, o COPF, no pós-1945, intensificou a sua política assistencialista, o que garantia o seu sucesso entre os trabalhadores locais. Entre esses benefícios estavam: consultório médico gratuito aos associados e seus familiares, a Escola Doméstica Santa Izabel (destinada às esposas e filhas dos operários circulistas), um curso primário (Curso São José) para os filhos dos circulistas. Nesse sentido, convém lembrar que, em outubro de 1950, foi instalado um gabinete dentário pelo SESI⁷, que, embora destinado aos trabalhadores do Sindicato nas Indústrias de Alimentação, acabou favorecendo todos os trabalhadores sindicalizados circulistas.

Apesar de ter instalado um gabinete dentário, a delegacia do SESI em Passo Fundo foi criada efetivamente a 17 de janeiro de 1951, sendo nomeado como delegado da entidade João Andrade, então presidente do COPF e representante do Ministério do Trabalho na cidade.

Nessa época, segundo Astor Diehl (1990, p. 117), o SESI, no Rio Grande do Sul, assim como nos demais Estados, já prestava uma significativa gama de serviços e convênios em termos de assistência, sobretudo nas áreas da educação social e da saúde.

Instalado no mesmo prédio do Círculo Operário Passo-Fundense, a delegacia local do SESI, pelas atividades desenvolvidas no campo assistencial, logo se destacou. Em parceria com o COPF, promoveu uma série de assistências aos trabalhadores das indústrias de Passo Fundo, dentre elas:

- em colaboração com os sindicatos reunidos e o Círculo Operário, mantém um gabinete dentário no mesmo Círculo e outro na Vila Rodrigues, no Salão Paroquial da Igreja Santa Terezinha;
- no centro da cidade, em colaboração com o Círculo Operário, mantém dois cursos de corte e costura e um de bordado; um curso idêntico na Vila Rodrigues, em colaboração com a Paróquia Santa Terezinha; em Vila Coxilha possui dois cursos de corte e costura, em Tapejara um e outro em Sertão;
- promove a exibição de filmes educativos e recreativos, com três sessões semanais, nas vilas desta cidade, em locais apropriados, ao ar livre, para os operários e suas famílias;
- promove o financiamento de bicicletas aos operários, financiamento de máquinas de costura às famílias dos operários e o financiamento e assistência técnica a coope-

rativas de consumo (Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores nas Indústrias de Passo Fundo);

- faz o financiamento de duas bolsas de estudo no SENAI (Escola Nilo Peçanha, em Caxias do Sul).

Dessa forma, em virtude dos benefícios proporcionados aos seus associados, a atuação conjunta do COPF e do SESI angariam a simpatia do operariado local. Essa situação dificultou muito os objetivos dos comunistas locais, que obtiveram magros resultados nas suas militâncias junto aos trabalhadores passo-fundenses.

Por sua vez, o SESC em Passo Fundo, durante os anos 1950, teve uma participação menos intensa do que o SESI no que tange à política assistencialista. Em outubro de 1956, inaugurou um gabinete dentário destinado aos comerciários sindicalizados locais. Posteriormente, a delegacia local do SESC seria efetivamente inaugurada no dia 18 de maio de 1957.

No âmbito nacional, a partir da década de 1960, além das áreas da educação e saúde, o SESI/SESC passou a enfatizar também o esporte, que serviria como elemento de inclusão social. Posteriormente, também seriam enfatizados a cultura e o lazer.

Portanto, a criação do SESI/SESC revela as interfaces de uma mesma moeda. De um lado, integrado ao sistema corporativista consagrado pela CLT, fora criado com o intuito de promover o assistencialismo para combater a influência de algumas correntes político-ideológicas nos sindicatos – sobretudo a comunista –, tentar conter a onda de greves e semear o espírito da “paz social”. Por outro lado, é inegável o seu sucesso. Atuando em vários âmbitos – educação, saúde, lazer, cultura, etc. –, o SESI/SESC supriu algumas carências estatais e proporcionou aos trabalhadores gozarem de muitas benesses.

Ademais, convém lembrar que, sobretudo a partir dos anos 1970/1980, com a crise mais aguda do circulismo, o assistencialismo secular do SESI/SESC viria a ocupar os espaços dos Círculos Operários.



Novo prédio do SESC, no centro de Passo Fundo, em outubro de 2007.

Surgimento do rádio em Passo Fundo

Meirelles Duarte ()*

Deixando de lado as 4 emissoras FMs da cidade, vamos nos reportar às AMs, que vincularam-se à própria história de Passo Fundo. Tudo começou na década de 40 quando o interior, em matéria de rádio, só ouvia as rádios Gaúcha e Farroupilha, da capital, Nacional, Tupi e Bandeirantes do Rio de São Paulo e as emissoras argentinas, que mais potentes do que as nossas, predominavam no “dial” dos rádios. Em Passo Fundo, logo após o término da II Guerra, instalou-se um serviço de auto-falantes no centro, que das 18 às 20 horas, nos dias de semana, das 10 às 13 e das 18 às 20, nos domingos, tocava páginas musicais e dava os avisos de interesse público.

O nascimento da pioneira – Depois de instalar as primeiras emissoras de sua rede de 15, em Caxias do Sul e em Novo Hamburgo, o empresário Arnaldo Ballvé, voltou-se para Passo Fundo. Após um levantamento com o apoio das autoridades, instalou a emissora com os estúdios na Rua Coronel Chicuta, sua torre de madeira na praça em frente à Igreja Santa Teresinha. Tudo pronto, veio o grande dia da inauguração com um dos maiores coquetéis que a cidade havia tomado conhecimento e os primeiros sons já eram capturados para a alegria geral de toda a região. Foi no dia 19 de agosto de 1946 que, ao final da tarde, no Clube Caixeiral, a recepção se efetivou e um grande baile veio após. No dia seguinte, no Cine Coliseu, um grande espetáculo artístico com valores da cidade e da capital. A gerência foi entregue ao jovem Maurício Sirotsky Sobrinho que tornou-se, depois, o maior nome dos meios de comunicação do Sul do Brasil. A Rádio Passo Fundo fez escola em matéria de rádio em toda a região. Uma lista das mais ricas, em conteúdo, conseguiu para dar ao rádio brasileiro grandes profissionais.

A Rádio Municipal – A segunda emissora AM surgiria em 1954, após uma sessão tumultuada da Câmara de Vereadores. Foi preciso seguranças presentes para que a sessão chegasse ao fim, e o prefeito Daniel Dipp conseguia, pela diferença de 1 voto a aprovação da emissora. Durou até 1978 quando, por um decreto presidencial, foi extinta, alegando-se irregularidades várias na sua forma de trabalhar e manter-se. Dominava a maior parte dos ouvintes, uma emissora realmente popular, e muito querida por todos.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Rádio contemporâneo: programa ao vivo com radialistas e jornalistas da Rádio Planalto AM.

A Rádio Planalto – Por inspiração do bispo dom Cláudio Colling, criou-se a emissora da paróquia de Passo Fundo. Surgiu potente e com uma programação bem atualizada e moderna. Sua direção foi entregue ao padre Paulo Augusto Farina que a dirigiu com muito sucesso por vários anos. Ainda hoje ocupa um lugar de destaque juntamente com a sua emissora de FM. Foi fundada em 5 de abril de 1969.

A Rádio Uirapuru – Ocupando a frequência que fora da Rádio Municipal, nasceu a Rádio Uirapuru em 26 de novembro de 1981. Conseguiu manter o mesmo nível da Rádio Municipal, ampliando suas atuações nos departamentos musicais e de notícias. Quando de sua criação, eram seus diretores-proprietários o Luiz Fragomeni, Bruno Markus e Thadeu Annoni Nedeff. Ainda hoje consegue manter seu nível de sintonia em padrões apreciáveis e de grande aceitação.

Rádio Diário da Manhã – A pioneira Rádio Passo Fundo, vendida, deu lugar a uma nova emissora, a Rádio Diário da Manhã, no mesmo local do “dial”, mas com uma programação diferenciada, formando uma cadeia que se interliga, em vários momentos, tornando-se uma emissora não só local mas também regional.

A educadora Maria Fialho Crusius

Paulo Sérgio Crusius ()*

“[...] Alfabetizei durante muitos anos e este magistério deixou profundas raízes no sentido de que ficou em mim a necessidade de amar as crianças e de dar a elas tudo que estivesse ao meu alcance e que viesse em proveito do ensino que de mim recebiam... todas me entusiasmasavam pelo bem que me queriam, pela vontade de aprender [...]”. (M.F.C.)

Nascida em 26 de fevereiro de 1914 em São Luís Gonzaga (RS), Maria adquiriu o hábito da leitura escutando histórias contadas por sua mãe. No ano de 1932 concluiu o curso de magistério em São Leopoldo no momento em que nascia a Cruzada Nacional de Educação para Combate do Analfabetismo. Iniciou sua carreira em Boa Esperança (atualmente Colorado), tendo posteriormente trabalhado nas principais escolas de Passo Fundo, e também a Universidade de Passo Fundo.

As interrogações de como ensinar eram muitas e a afligiam. “Qual seria a melhor cartilha ?” “[...] como e o que deveria trabalhar nas primeiras horas de aula?” “[...] como fazer para os alunos escreverem corretamente?” Ela observava, ouvia, estudava, buscava, discutia e com carinho e mansidão de alma tentava sempre modificar a forma de ensinar.

Referia que as situações que mais a estimulavam no magistério eram alfabetizar as crianças e ensinar matemática, buscando o que hoje se conhece como alfabetismo funcional, preocupando-se especialmente com a “alfabetização matemática”, conceituação sugerida para os estudos iniciais dessa ciência.

Maria Fialho Crusius (Dona Maria, como era conhecida por todos), refletiu e interiorizou profundamente o significado da alfabetização que ela, em não aceitando restringir-se somente ao ler e escrever, promoveu a educação através de suas atividades e projetos à frente do seu tempo.

Já sabia que a alfabetização era a mola propulsora do desenvolvimento humano. Buscava desde então que seus alunos tivessem a capacidade de utilizar a leitura, a escrita e informações numéricas, usando essas habilidades para aprender a se desenvolver ao longo da vida. Assim em 1947, servindo o projeto de educação de adultos, iniciou volun-



Maria Fialho Crusius, década de 40.

(*) Médico.

tariamente no “antigo quartel do 20” a contribuição para ensinar adultos a ler e escrever. Embora bastante simples no formato, essa atividade se constituiu numa nova postura da cidade e região frente ao analfabetismo.

Entendia o estudo como trabalho difícil, exigindo uma postura crítica e sistemática para obter a disciplina intelectual, proporcionando aos alfabetizandos a oportunidade de atitudes frente ao mundo e demonstrando sempre uma grande humildade em face do saber. Por isso, soube compreender e criticar para construir a dinamização frente ao aprendizado, buscando constantemente soluções para melhoria da qualidade na educação.

Em 1975, ao fundar o Laboratório de Matemática da UPF, demonstrou, baseando-se na teoria de Piaget, que ao ensinar nada se dá pronto; se faz com que os alunos, de acordo com seu nível de desenvolvimento, realizem atividades partindo da *ação*, levando-os a construir por si mesmos os conceitos da escrita e da matemática pela ativação da própria inteligência. “[...] Com isso, pretende-se que os alunos reinventem, por elaboração da inteligência, a história dos processos de formação dos conceitos, vindo de suas origens fundamentais para chegar à abstração, à generalização, à sistematização e à capacidade de operacionalizar-los conscientemente. Com isso, pretende-se desenvolver, gradativamente, o espírito de crítica [...]” (M.F.C.)

Conceitos esses que certamente constituem a base sólida das sociedades bem estruturadas econômica, cultural ou socialmente.

Ao longo de sua existência, o Laboratório de Educação Matemática apresentou metodologia inovadora, mudando o eixo tradicional do ensino centrado no professor para um voltado ao aluno e à forma como esse aprende (o que causava certa dificuldade inicial aos professores que aderiam ao método). O seu arrojo inicial deu margem a uma maturidade teórica percebida hoje. Serviu de fonte inspiradora para a criação dos Laboratórios de Matemática na Unisinos e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Reverenciando a significativa atuação e papel pioneiro da professora Maria Fialho Crusius, tanto na divulgação de idéias, como nas metodologias educacionais, obteve o reconhecimento da sociedade por meio da outorga de títulos, tais como: “Cidadão Passo-Fundense” (1990), pela Câmara de Vereadores de Passo Fundo; “Professor Emérito” (1991), pela Secretária de Estado da Educação do Estado RS; “Professor Emérito” (1993), pela Universidade de Passo Fundo; “Homenagem de honra na entrega de certificados a quinhentas mulheres alfabetizadas – Projeto Especial do MEC” (1997), Porto Alegre.



Maria Fialho Crusius, década de 90.

Z. D. Costi & Cia. Ltda.

Celi Maria Costi Ribeiro ()*

A empresa Z. D. Costi & Cia. Ltda. teve como fundador Zeferino Demetrio Costi, filho de imigrantes que aqui aportaram por volta de 1879. Ao passar por Passo Fundo, na década de 1940, Demetrio, como era conhecido, encantou-se com o desenhar de um horizonte aberto, na imensidão dos campos passo-fundenses.

Era o alvorecer de uma indústria de produtos suínos que, em 1948, reunia um grupo de sócios, que, posteriormente, desligar-se-iam da empresa para fundar o Frigorífico Planaltina. A sociedade foi transformada em companhia limitada, permanecendo na empresa Zeferino Demetrio Costi e Valdomiro Lamaison. Mais tarde, associaram-se Sidney Celso Costi e Eronilde Ribeiro. Os documentos registram 1º de dezembro de 1948 como a data de início das atividades do primeiro frigorífico de Passo Fundo, instalado, primeiramente, em armazém existente em terras recém-adquiridas. No início, dedicou-se ao refino da banha; depois, à produção de embutidos e ao curtimento de couros.

A área da empresa fica na Avenida Presidente Vargas, atual Bairro São Cristóvão. Chamava-se, na época, Avenida Mauá, Bairro Exposição. Quem hoje transita pelo bairro não consegue imaginar as precárias condições daquela época: terra de chão batido, ruas mal traçadas, falta de luz elétrica, de água encanada e sistema de esgoto, com transporte público precário e carência de mão-de-obra e de apoio do poder público.

O primeiro passo foi incentivar os moradores da região a criarem suínos, matéria-prima para o funcionamento do frigorífico. Quanto à mão-de-obra, foi suprida com a busca, na zona rural do município, de pessoas com vontade de trabalhar e com a oferta de moradia para os operários. Nasciam, assim, as duas vilas operárias próximas à indústria: uma à Rua Camilo Ribeiro e a outra nos fundos da própria indústria, hoje chamado “Beco do Costi”. Foi adquirida uma olaria que fabricava os tijolos para a construção das casas e prédios da indústria.

A sede do frigorífico sempre foi em Passo Fundo, com filial em São Paulo, e representações em Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, Maceió e Vitória. Exportava para Bélgica, Espanha, Portugal, Chile e Ilhas Canárias.

Em 1966, por ocasião da 1ª Feira de Exposição Industrial, Comercial, Serviços e Agropecuária de Passo Fundo (EFRICA), a Z. D. Costi & Cia. Ltda. pôde demonstrar a pujança de sua produção. Com a marca *Deliciosa* já consagrada, apresentou a linha de produtos principais, todos derivados de animais. Em primeiro lugar, a banha; depois, frescais

(*) Professora do curso de Secretariado Executivo Bilingüe da UPF, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e em Gestão de Recursos Humanos.



Prédio onde funcionava a Z. D. Costi & Cia. Ltda., na Av. Presidente Vargas, em Passo Fundo.

– vários tipos de linguiças; cortes especiais – lombo, pernil, carré, filé, costela, paleta; cozidos – apresuntado, mortadela, salsicha; salgados – chispes, orelha, rabo, língua, costela. Fabricavam sabão, que, pela qualidade, não conseguia atender a todos os pedidos. Um curtume oferecia couros coloridos para a confecção de sapatos e vestuário, que, por seu padrão de qualidade, foram bem aceitos pelo mercado europeu. Posteriormente, foi implantada, ainda, uma fábrica de ração animal.

A pluralidade de fatores étnicos, políticos e culturais influenciou o crescimento da empresa, que oferecia emprego, moradia e atendimento na área da saúde. Adotando tecnologias sempre mais avançadas, a empresa deu grande impulso à região. Por conseqüência, a liderança e o pioneirismo empresarial facilitaram o progresso do bairro, contribuindo para a implantação de melhores condições de vida. Assim se criou a paróquia S. Cristóvão, organizou-se o Clube Industrial, instalou-se a Escola Estadual Jerônimo Coelho e o Colégio Cecy Leite Costa, implantou-se linha de coletivos urbanos, houve o calçamento das ruas. O esporte também recebeu impulso com a organização de um time de futebol amador, o Grêmio Esportivo Costi, cujos jogadores eram selecionados entre seus empregados.

Por seu pioneirismo, espírito empreendedor e atuação empresarial, vários prêmios foram concedidos à empresa, na pessoa de seu fundador Zeferino Demetrio Costi, com destaque ao da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), que lhe concedeu o prêmio Mérito Industrial 1975.

As dificuldades foram surgindo em razão do contexto socioeconômico mundial e nacional, como os diversos planos financeiros do governo, o que levou à decadência da empresa, que acabou por fechar as portas e hoje é massa falimentar.

Apesar dos percalços, não se pode desconhecer a significativa e fecunda contribuição da empresa para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Bairro São Cristóvão. Hoje, o bairro oferece todas as condições para que seus moradores vivam com qualidade, distinguindo-se como uma área de progresso, que impulsionou não só Passo Fundo, mas toda a região do Planalto Médio gaúcho.

As carreteras e os grandes pilotos

Marco Antonio Damian (*)

Em 26 de setembro de 1948 foi criada a Copa Rio Grande do Sul de Automobilismo Porto Alegre/Passo Fundo. Os 824 km ida e volta tinham o seguinte percurso: saída de Porto Alegre, São Leopoldo, Nova Petrópolis, Caxias do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Marau, Casca, Guaporé, Bento Gonçalves, Farroupilha, Feliz, São Sebastião do Caí e a chegada a Porto Alegre. O vencedor, com seu Ford 1939, após 8 horas e 53 minutos na estrada, foi o passo-fundense Alcídio Schroeder, chamado de “Alcides Schleder”. Ficava mais fácil. Dessa forma, Passo Fundo conheceu seu primeiro herói e grande piloto. A vitória de Schroeder deu ânimo e motivação para que outros entusiastas passassem a competir, e, assim, Passo Fundo ingressou no cenário do automobilístico.

Com outros pilotos ingressando no circuito, a ARVO (Associação Rio-Grandense de Pilotos), que organizava as competições, criou outras provas de estrada incluindo Passo Fundo nos roteiros. Em 1950, foi corrida a 1ª Copa Festa da Uva, com os pilotos saindo de Caxias do Sul, vindo até Passo Fundo e retornando a Caxias do Sul. Nessa prova, formou-se a dupla Alcídio Schroeder e Orlando Menegaz, que chegaram em 3º lugar, pilotando o mesmo Ford 1939. Em 1951, a prova, para homenagear o pioneiro dos pilotos gaúchos, Norberto Jung, tinha o percurso Erechim/Passo Fundo/Cruz Alta, despontando outro talento passo-fundense, Aido Finardi, o rei das curvas.

As provas de estrada foram as primeiras que abrangiam Passo Fundo. A população esperava, por horas, a chegada dos carros, que, após uma breve parada na Avenida Brasil retornavam às esburacadas e empoeiradas estradas. Acompanhavam qualquer notícia porventura através de rádio, que cobrisse parte dos trechos percorridos. Eram vozes entusiasmadas de narradores como Ernani Behs, Ivan Castro (o Gordo), Mauricio Sirotski, Oscar Chaves Garcia (de Estrela, pai do comentarista político Alexandre Garcia) e outros tantos. E vibrava com os heróis do volante, que corriam praticamente sem nenhuma segurança. Orlando Menegaz, talvez o maior piloto passo-fundense de todos os tempos, não tinha dó nem piedade do carro que dirigia. Andava sempre no limite, fosse qual fosse a consequência.

O campeonato gaúcho de automobilismo, disputado desde 1952, teve em 1954 a prova decisiva em Passo Fundo. A Av. Brasil foi o palco da corrida e um público estimado em mais de 20 mil pessoas se empilhava nos passeios e canteiros ao longo do percurso. Sem nenhuma proteção, cada espectador via as carreteras passarem a toda velocidade a sua fren-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

te. A prova foi vencida por Diogo Ellwanger, na categoria força livre, e Catharino Andreatta, na categoria *standart*.

Outra decisão na cidade ocorreu no campeonato gaúcho de 1957. Era o ano do centenário e 12 de outubro foi reservado para a final, mas choveu muito e alegando falta de segurança para si e para o público os pilotos se recusaram a participar. Foi transferida para o dia 2 de fevereiro de 1958, mas de certa forma esvaziada. Muitos pilotos se recusaram a decidir o campeonato no ano seguinte, mas a prova se realizou com cinco carros alinhados na Avenida Brasil, defronte ao Hotel Avenida, para a largada. A prova foi emocionante e outra vez um extraordinário público prestigiou o acontecimento. O vencedor foi Orlando Menegaz, com seu Chevrolet nº 24.

Nossos ídolos da velocidade marcaram efetivamente seus nomes na história com a conquista da sexta edição das Mil Milhas Brasileiras, em 1961. Uma equipe passofundense, tendo à frente Orlando Menegaz e Ítalo Bertão, trouxe o troféu mais cobiçado do automobilismo nacional.

Ainda nos anos 60, as velhas e vigorosas carreteras foram ficando para trás. Deram espaço para os DKWs, Simcas, Volkswagens (os fuscas), FNM/JK e Gordinis. O grande nome dessa geração foi Rui Menegaz, sobrinho de Orlando, vencedor de várias provas importantes e idealizador e projetista de um carro de corrida único, o Caninana.

As provas de rua se sucederam com carros mais velozes e pilotos tão furiosos quando os antigos heróis das carreteras. O público se acostumou em presenciar carros fazendo curvas em duas rodas na Av. Presidente Vargas, a primeira asfaltada, entrando na Rua Duque de Caxias. Velocidade até então inadmissível e muita adrenalina.

Acostumados com as provas de velocidade, também as corridas de lambretas e as gincanas em duplas mistas passaram a fazer parte da rotina nos domingos. Em 1966, aconteceram muitas provas. As 6 Horas de Passo Fundo, no dia 4 de dezembro, reuniu aproximadamente 30 mil pessoas ao longo do percurso. Vibraram com o Simca nº 74 de Rui Menegaz e Ronaldo Wesper, à segunda colocação geral, atrás do catarinense Plínio Laursen. A prova teve enorme *grid*. No dia 29 de setembro de 1968, ocorreu a última corrida de automóveis nas ruas de Passo Fundo. A prova 300 Km de Passo Fundo ou Prova Mário Menegaz, teve a vitória da dupla de Caxias do Sul, Juvenal Martini e Walter Dal Zotto, pilotando o Simca nº 77.

As corridas de rua foram proibidas em 1968, após os acidentes com morte ocorridos na prova 12 Horas de Porto Alegre, abrindo uma enorme lacuna a todos os amantes da era romântica do automobilismo.



1º Centenário de Passo Fundo. Rua Teixeira Sorares. esquina com a 7 de Setembro, 1957.

Serviços públicos de segurança em Passo Fundo

Hugo Roberto Kurtz Lisbôa ()*

A primeira companhia de bombeiros foi instalada em Passo Fundo em 26 de dezembro de 1949, trazendo alívio à população que não dispunha desse serviço. Esse esquadrão ficou subordinado à Polícia Montada; posteriormente, ficou sob a direção do Grupo de Combate a Incêndios de Caxias do Sul e, em 1992, foi elevada de nível, sendo criado o 7º Grupamento de Combate a Incêndio ficando como uma entidade pertencente à cidade. Finalmente, em 2004, foi denominado “7º Comando Regional de Bombeiros”, como conhecemos até hoje.

Há cerca de 10 anos, numa pesquisa realizada por estudantes de Medicina, procurou-se avaliar a capacidade de prestar primeiros socorros a uma pessoa com um quadro agudo e grave como uma parada cardíaca ou um acidente com traumatismo extenso, por exemplo. O questionário foi aplicado a porteiros dos hospitais, motoristas de táxi próximos do hospital, soldados da Brigada Militar e bombeiros. Os bombeiros foram os que tinham maiores conhecimento de como atender uma vítima dessa situação.

Com o aumento de veículos com maior potência e de estradas asfaltadas houve um grande crescimento de acidentes nas rodovias, o que exigia premente controle e fiscalização nesta área. Em 1953, foi iniciado o policiamento rodoviário com os guardas rodoviários do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), sob comando da Brigada Militar, para a qual foi incorporado definitivamente em 1967. Em 1981, a companhia foi transformada em Batalhão de Polícia Rodoviária, sendo a 2ª Companhia Rodoviária sediada em Passo Fundo. Com a nova reestruturação, o Batalhão de Polícia Rodoviária foi transformado em Comando Rodoviário, tendo sede em Passo Fundo. O 1º Batalhão Rodoviário da Brigada Militar, que é responsável pelo Policiamento Rodoviário de 197 municípios, com mais de 3.900 km de malha viária, em suas 137 rodovias. Para se ter uma idéia da sua necessidade e atuação, neste ano até julho de 2007, no Brasil, foram atendidos 62.830 acidentes que resultaram em 3.464 mortos, infelizmente.

A Polícia Montada instalou-se em 1931 na cidade e atualmente leva o nome de 3º Regimento de Polícia Montada, sendo patrono o coronel Jorge Pellegrino Castiglione. Sua

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

patrulha é feita por uma dupla, na maioria das vezes, montada em cavalos impondo respeito não apenas pela farda e armas que carregam, mas também pela altura e imponência.

Seu nome oficial é Comando Regional de Policiamento Ostensivo e sua instalação na cidade deu-se em 1974 com o nome de Comando de Policiamento de Área 3 e foi instalado na Avenida Brasil, nº 743, em prédio pertencente à Universidade de Passo Fundo, onde permaneceu até 1998. Após essa data, foi instalado provisoriamente nas dependências do Quartel do 3º Regimento de Polícia Montada para, mais adiante, ser transferido definitivamente para uma sede própria na Rua Coronel Pelegrini, nº 562, no Bairro Rodrigues, em Passo Fundo, onde permanece até os dias de hoje. Mais recentemente teve o nome alterado para Comando Regional de Polícia Ostensiva – Planalto, com responsabilidade territorial em 84 municípios.

Na sua sede, anos atrás, realizavam-se bailes, tendo à porta soldados enfileirados com uniforme, como os Dragões da República. Os oficiais apresentavam-se com seus uniformes de gala, dando muita pompa e circunstância ao baile.

Hoje, mais do que nunca, precisamos da sua presença nas ruas, pois tem havido uma escalada de crimes de todas as espécies em Passo Fundo. A causa básica, não há dúvidas, é a grande disparidade entre as classes socioeconômicas. A falta de educação e desemprego são fatores agravantes, ainda mais com a falta de punição dos graves crimes que têm sido cometidos em todos os escalões do governo nestes últimos anos, o que passa um péssimo exemplo à sociedade em geral.



Grazziotin S/A

Olanir Graziottin ()*

Após análise minuciosa, os quatro irmãos Tranqüilo, Plínio, João e Idalino abriram, a 24 de maio de 1950, na Av. Presidente Vargas nº 64, o atacado Grazziotin, com um capital inicial de 300 mil cruzeiros (aproximados R\$ 110.000,00) emprestados pelo pai Valentin Grazziotin. Em 1952, ocorreu a primeira mudança na sociedade, com a entrada de Valentin, outros irmãos e outros sócios. Expandem-se os negócios e a empresa entra no ramo de importação e exportação. Exportava cereais e lã de ovelha e importava armários, arame farpado, soda cáustica, armas e munição. Tornou-se fornecedora de grãos para os grandes centros do Brasil, para onde levava feijão branco e preto produzidos na região, apresentados com um diferencial: “feijão do saco para a panela”, pois o feijão era catado à mão e limpo antes de ser vendido ao consumidor. Em constante expansão na década de 60, foi adquirido o prédio e as mercadorias da empresa Max Ávila, na Av. Pres. Vargas, nº 20, onde em 1965 foi inaugurado um moderno prédio, no qual ainda hoje se encontra uma das lojas Grazziotin. Quando o Brasil conseguiu a estabilidade da inflação, fins de 1960, a Grazziotin experimentou crescimento acentuado, trabalhando com eletrodomésticos, vendendo no crediário em até 36 pagamentos e sendo a primeira loja da região a ter sistema automatizado de venda. Houve um período em que apenas num pedido ao fornecedor foram adquiridos mil fogões, tão grande era a demanda. Na mesma proporção em que o comércio do varejo crescia, decaía o comércio por atacado, de tal forma que, no final de 1970, a Grazziotin que se conhecia nada mais tinha a ver com a que iniciara 20 anos antes, em termos de foco de negócio.

A empresa dos anos 70, já com a segunda geração participando da administração, era uma empresa varejista, comercializando móveis, eletrodomésticos, bazar, ferragem e material de construção, com um sistema de comercialização de segunda vanguarda. Colocava a mercadoria ao alcance da mão do cliente, eliminando as prateleiras, as gavetas e tudo o que separasse o consumidor do produto. Em 1971, foi feita a opção pela expansão com abertura de filiais, a primeira sendo em Erechim. Em 1974, foi adquirido um computador IBM/3. No mesmo ano, passou à Sociedade Anônima, com ações comercializadas na Bolsa de Valores.

Os anos 80 iniciaram árduos para o comércio. A empresa tinha duas opções: entrar na guerra da concorrência e correr os riscos deste processo ou mudar. Optou por mudar. Embora sem ter conhecimentos para trabalhar com moda, a direção foi buscar o conhecimento necessário para se redimensionar, transformando-se em loja de moda e bazar. Em

(*) Empresário.

1981, a razão social mudou para Grazziotin S/A. Começou a abertura da empresa em redes diferentes. Inicia o processo de modernização, separando o material de construção do restante da loja, ficando o nome Grazziotin para a linha de moda, calçados, perfumaria, cama, mesa e banho. Em 1984, foi criada a rede Tottal para materiais de construção. Em 1985, foi criada a rede Por Menos, que se destaca por ser uma loja de descontos, apresentando linha popular de moda e bazar.



Família de Valentin Grazziotin e Raquel Bordin (sentados ao centro) em foto de 1947. Em pé, da esquerda para a direita, em destaque aparecem os fundadores Tranquilo, João, Plínio e Idalino.

Em 1989, surgiu a rede Franco Giorgi, oferecendo produtos de moda masculina com marca própria e padrões internacionais. Em 1989, foi criada a Grato S/A., em sociedade com a Todeschini, e foi adquirida grande área de terras na Bahia. Em 1994, instituiu o sistema APR, da Administração Por Resultado, onde passou a premiar os funcionários com parcela do lucro da empresa. Em 1995, teve início a automação das lojas, com computação ampla. Em 2003, foi criada a empresa Centro Shopping e constituímos a Grazziotin Financiadora.

O compromisso da empresa é com a continuidade filosófica de que as empresas devem durar. Portanto, busca a consolidação de propósitos comerciais, administrativos, financeiros, logísticos e mercadológicos. Continuamos a dar a maior importância às pessoas, são elas que fazem a empresa e os resultados. Direcionados para o lucro como foco e pelas realizações pessoais e coletivas, temos em nossos recursos humanos o nosso maior capital, e com a máxima atenção no treinamento, desenvolvimento e capacitação de nossos colaboradores. O *slogan* de 2007, “Visão global – Estratégia local”, dá a dimensão de nossa força às pessoas, de ter em cada ação e em cada local de trabalho. Com esta filosofia que herdamos de nossos antepassados, com o vigor e dedicação de todos, acreditamos no desenvolvimento e crescimento progressivo de nossa empresa que tem hoje 57 anos de trabalho. Uma história junto aos nossos clientes, investidores e fornecedores. Nos sentimos orgulhosos de poder compartilhar esta trajetória bonita, prazerosa e vitoriosa.

O ano de 2006 consolidou o Grupo Grazziotin no cenário nacional, pois foi eleita pelo quarto ano consecutivo como a 1ª em gestão de pessoas do Brasil, dentre as empresas de 1001 a 2000 empregados. Esse reconhecimento foi atribuído através de uma pesquisa realizada pelo Jornal *Valor Econômico* em parceria com o Instituto Hay Group. Tal distinção, demonstra na prática o resultado das ações empreendidas na construção de um ambiente de trabalho que seja saudável, tendo como norte em suas ações a ética e a disciplina, onde todos crescem e se desenvolvem juntos com a empresa.

A empresa atua nos três estados do Sul, onde atualmente estão instaladas 230 lojas.

Imprensa alternativa em Passo Fundo

Celestino Meneghini (*)

Os periódicos surgiram, quase todos, movidos por caráter heróico ou algum desejo onírico. Tratando-se de imprensa alternativa (e esta merece definição jornalística), especificamente falando, esta impõe rigor e objetivos jornalísticos comprometidos com a qualidade da comunicação escrita; aborda princípios da livre informação, evidenciando o senso crítico, antepondo-se ao senso comum. Não é isenta do pensamento próprio e provocativo, mas sem comportamento cerceador.

Na segunda metade do século passado, a primeira publicação que usava (ainda que de modo rudimentar) a impressão em *off-set* foi a revista *Agenda*, do jornalista João Freitas, que foi uma espécie de sucessora do jornal *O Repórter*, o qual, no ano de 1969, reunia jornalistas conhecidos na cidade, entre eles, Francisco Delmar Kotelinski, também já falecido. O jornal *Expresso*, (editado pelo professor de redação Edy Isaias), remanesce ao tempo em que se usava a linotipo (impressão tipográfica), que só foi superada pelos jornais diários a partir de 1974.

No final da década de 70 surgiu o *Jornal da Tarde*, semanário com impressora própria, que se manteve por aproximadamente um ano e meio. Pul-



Edição de 4/05/1922.



Edição de 24/05/1995.



Edição de 30/08/1996.

(*) Advogado e jornalista.

sando jornalisticamente, surgiu o semanário *Jornal de Ronda*, no final de 70, do jornalista Argeu Santarém. Era uma publicação abrangente, marcada por opinião vigorosa. Antes de completar seu segundo ano encerrou as atividades. Deixou uma lacuna.

Na década de 80, Ivaldino Tasca, evidenciado pelo conhecimento especializado no jornalismo agropecuário, editava o periódico *Gazeta Rural*, colhendo um momento de grande transformação tecnológica, florescente na agropecuária. Em plena expansão, sua publicação foi interrompida quando o mesmo assumiu a política partidária para concorrer a deputado federal. Nessa mesma linha, deve ser citado o trabalho dirigido pelo agrônomo e jornalista Gilberto Borges, com o jornal *Plantio Direto*, iniciado em parceria com Tasca, de ampla tiragem, e distribuição nacional e em países da América do Sul, dirigido à agricultura. Gilberto faleceu prematuramente. O jornal foi reconhecido pela excelência editorial. Sua ausência foi perda irreparável.

Na década de 90, surgiram o *Jornal da Cidade*, de um grupo de jornalistas: Júlio Pacheco, Carlos Fonseca, Carlos Giugno, Rogério Sikora e colaboradores; *Rotta*, iniciado por Mário Quadros; *Tropeiro dos Pampas* – de Armando Cavalcante, *A Nota*, de Odolir Foresti; *O Planalto*, de Vilmar Palma, e *O Cidadão*, de Celso Carlos Meneghini, que depois foi parceiro de Júlio Pacheco na publicação em formato *standard* do *Jornal Cidade*. A revista *Somando*, publicação da Fundação Planalto, inseriu-se num contexto jornalístico cultural. O mais recente jornal alternativo a manter periodicidade é o *Cadafalso*, dirigido à crítica de arte e cultura, em estilo polêmico por excelência, editado por Daniel Bittencourt e João Vicente Ribas, oriundos da Faculdade de Comunicação.

Hoje, permanecem em circulação os periódicos *Rotta*, *A Nota*, *O Planalto* e *Cadafalso*.



Edição de 23/02/2000.



Edição de ago. e set. 2000.



Edição de 16 a 31 de ago. 2007.

Frigorífico Planaltina

João Carlos Tedesco ()*

A criação do suíno para a extração principalmente da banha teve um grande dinamismo ainda nas primeiras décadas do século XX, bem como uma grande rede de comércio e de indústrias, essas, em sua grande maioria, de expressão regional e com forte organização artesanal. O comércio da banha foi sempre o foco articulador da vida econômico-mercantil da categoria de comerciantes e pequenos industriais, a qual sempre caracterizou a região colonial e seus novos espaços decorrentes. A criação de suínos, matéria-prima para a extração daquela, foi, em grande parte, desenvolvida pelos imigrantes alemães e italianos. A cultura do milho esteve associada à criação de suínos, pois era o cereal utilizado no engorde dos mesmos para a produção de banha. A banha chegou a ocupar o primeiro lugar nas exportações do Rio Grande do Sul.

Na metade da década de 1950, começa a funcionar as Indústrias Reunidas Planaltina S/A. em Passo Fundo. Segundo a imprensa local, esta veio a constituir-se num dos maiores frigoríficos de suínos do Estado e, por muitos anos, figurou em primeiro lugar no abate de suínos. Seu fundador, o empresário Félix Sana, desligou-se da sociedade da qual fazia parte no Frigorífico Z. D. Costi, fundado alguns anos antes, e passou a constituir a empresa com capital aberto, associativo.

Mais precisamente em outubro de 1956, começa a funcionar o Frigorífico Planaltina, localizando-se a poucas quadras de distância do Frigorífico Z. D. Costi & Cia. Ltda. A estratégia de agregação de capital externo se deu com a forma associativa, via cotas-capital. Desse modo, funcionários, agricultores, empresários de outros ramos investiram na indústria. Muitos agricultores que migravam do meio rural passavam a trabalhar no mesmo. De acordo com a Ata de Assembléia Geral Extraordinária, em 1961, os acionistas das Indústrias Reunidas Planaltina S/A., representavam mais de dois terços do capital social.

No início da década de 1960, Alberto Zílio passou a fazer parte da diretoria do frigorífico. O mesmo esteve vinculado ao ramo do comércio e resolveu investir no setor industrial que, na época, apresentava-se dinâmico. A origem de muitos que compunham a diretoria dessa indústria e/ou dos que investiam na mesma provinham do comércio ou de experiências anteriores em pequenas indústrias nas colônias.

As décadas de 1960-1970 foram apontadas como sendo o auge econômico da indústria e a expansão urbana da categoria de comerciantes do meio rural e que possuíam fortes vínculos com o comércio urbano de Passo Fundo. Além dos nomes citados, fizeram parte da diretoria também Cyro Marques, Erwino Schereiner, Juarez Zílio e Marcelino

(*) Professor da Universidade de Passo Fundo.

Andreis. Alguns anos depois, Félix Sana se afastou do frigorífico para dirigir o Frigorífico Nacional em Carazinho, tendo, alguns anos após, retornado. Alberto Zílio, em 1967, afastou-se da diretoria e Fiorindo Cervieri, outro membro, foi trabalhar com frigoríficos em Ibirubá; Juarez Zílio saiu para assumir um cargo político na cidade e Marcelino Andreis foi o que permaneceu até o final.

O frigorífico atuava em setores sinérgicos da atividade, ou seja, desde o abate até o refinamento de banha e fabricação de embutidos como salame, copa, salaminho, salsicha etc.; os bovinos e ovinos eram abatidos em menor quantidade somente para abastecer a cidade e uma parte da carne de gado era destinada à fabricação de embutidos. O suíno era a matéria-prima utilizada em grande quantidade.

A marca *Aliança*, produzida no Planaltina, ganhou premiações pela qualidade. Desde o início, a empresa exportou congelados para São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia e, também, no início dos anos 70 para a Suíça.

Além do matadouro e frigorífico, havia, também, o curtume, no qual se beneficiavam os produtos do próprio estabelecimento bem como os que eram comprados de outros fornecedores. O curtume fornecia matéria-prima para a indústria nacional de calçados e se destacou, também, no mercado internacional; tinha capacidade para industrializar mil couros diários.

Não obstante o grande dinamismo que a indústria teve em Passo Fundo, a crise começou a se fazer presente no final dos anos 70, motivada por uma série de fatores em cadeia; dentre elas, podemos citar a falta de um processo mais moderno de gestão, a falta de planejamento da oferta de suínos e bovinos; as exigências sanitárias e infra-estruturais no interior da indústria, a substituição, em grande parte, da banha pelo óleo de soja no auge desse cultivar; baixo nível tecnológico nas operações industriais, bem como ausência de novos produtos e de um padrão de qualidade, dificuldade de erradicação de doenças nos suínos sendo o prejuízo arcado pelo frigorífico, a localização da indústria demandava altos investimentos no campo ambiental, os movimentos com abaixo-assinados eram organizados pelos moradores do entorno, reclamando da poluição ambiental, especialmente sobre o mau cheiro ocasionado pelo depósito de couros do curtume e pelos esgotos; além disso, foram frequentes os desentendimentos entre diretores em termos de metodologia de trabalho e de visão de mercado, some-se a isso fatores de mercado e do mercado de câmbio (desvalorizações cambiais no início dos anos 80), a concorrência com grandes grupos que já estavam operando com práticas diferentes dificultava ainda mais a exportação dos produtos; para fazer frente a esses processos, o frigorífico necessitava canalizar vultosos investimentos em infra-estrutura. Na visão da diretoria que ainda restava, não havia outra alternativa senão a concordata. A mesma foi solicitada em 1983.

Enfim, o Planaltina foi expressão de uma dinâmica de desenvolvimento e correlação entre a agricultura e a indústria regional; manifestou formas de gestão e de visão de mercado que demandavam alterações; contribuiu em muito no movimento econômico de Passo Fundo e região; dinamizou a produção de suínos do meio rural; empregou um grande número de funcionários; contribuiu para a urbanização de Passo Fundo, em especial dos bairros Planaltina e São Cristóvão.







FOTO: CZAMANSKI - ARQUIVO SELMA COSTAMILAN

Vista aérea (sul para o norte). No detalhe o Frigorífico Planaltina (abaixo) e a Semeato S/A (acima). Bairro São Cristovão. Passo Fundo.



FOTO: CZAMANSKI - ARQUIVO SELMA COSTAMILAN

Vista aérea (noroeste para sudoeste). Frigorífico Planaltina. Bairro São Cristovão. Passo Fundo.





Carreteira - 1º Centenário de Passo Fundo, 1957.



1º Centenário de Passo Fundo, Av. Brasil, Passo Fundo, 1957.

Construção da catedral Nossa Senhora Aparecida, em frente à Praça Marechal Floriano, por volta de 1950.



300 Kilômetros - Av. Presidente Vargas - Passo Fundo, 1968.





1905: Festa de São Miguel, a mais tradicional manifestação da religiosidade popular passo-fundense.



A festa do segundo milênio: entrada do santuário de Nossa Senhora Aparecida.



Quando a família Graziottin completou em 1979, seu centenário no Brasil, inaugurou o prédio do Centro Administrativo, um complexo moderno, com 2.800 m² de área construída, junto à área de distribuição central, hoje com 21.000 m², abrigando a administração da empresa que estava dispersa em vários locais, num terreno de 85.000 m².

Comercial Graziottin aproximadamente em 1968.



Heloyza Almeida, na Serra do Carneiro, em Ciriaco, levando auxílio aos leproso no Natal, 1952.



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO SELMA COSTAMILIAN

FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO SELMA COSTAMILIAN



Heloyza Almeida, distribuindo enxovais para mãe carente, Passo Fundo, 1962.

Presídio local. Distribuição de doações do R.C. Norte, Passo Fundo, 1975.



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO SELMA COSTAMILIAN



Desfile da Semana da Pátria, com o tema: Diário da Manhã.
Ano de 1965. Escola Notre Dame.

Aniversário do Diário da Manhã, ano de 1968. Vendo-se, entre outros: Dr. Tobia Westein; Prof. Sabino Santos; Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca; Dr. César José Santos; Dr. Reisoly José dos Santos; Jor. Mário César Sperry; Sebastião Nunes.





Antigas instalações do Lar da Menina, primeira metade do século XX.



Lar da Menina segunda metade do século XX



FOTO: CZAMANSKI-ARQUIVO SELMA COSTAMILIAN

D. Cláudio Colling, primeiro Bispo Diocesano de Passo Fundo, em 1965.



FOTO: CZAMANSKI

Dom Cláudio Colling, 1966.





Semeato S/A,
Fábrica 1, Passo
Fundo, década de
1970.



Produção da Semeato S/A, Passo Fundo, 03/05/1972.

Da esquerda para a direita. De pé: 1) ?; 2) Alceno Busch; 3) Ivo Braga; 4) Nelson Petry; 5) Alaor Rossal; 6) Leandro Quadros; 7) Ruy Kampitz; 8) Fernando Carrion; 9) Antônio Serena; 10) Flávio Benvegnú; 11) Adão Nascimento; 12) Antônio Dutra Martins; 13) Nilo Fernandez; 14) Daniel Busch. Agachados: 15) Volmir de Paula; 16) ?; 17) ?; 18) ?; 19) Nelson Quadros; 20) Eluyr Reschke; 21) ? (guri); 22) Romeu Machado; 23) Odilon Ayres; 24) Fidêncio Franciosi; 25) Serpinha.



Primeiro tablado a céu aberto, na sombra do mato, do parque de rodeios, onde estava sendo realizada a dança da chula.



Vista aérea do parque da Roselândia, onde se realizou o 1º Rodeio Internacional de Passo Fundo.





Foto aérea, onde se mostram os 22 hectares pertencentes ao frigorífico Z. D. Costi em área nobre da cidade.



Uma das primeiras equipes do Grêmio Esportivo 14 de Julho, Passo Fundo, 1921.

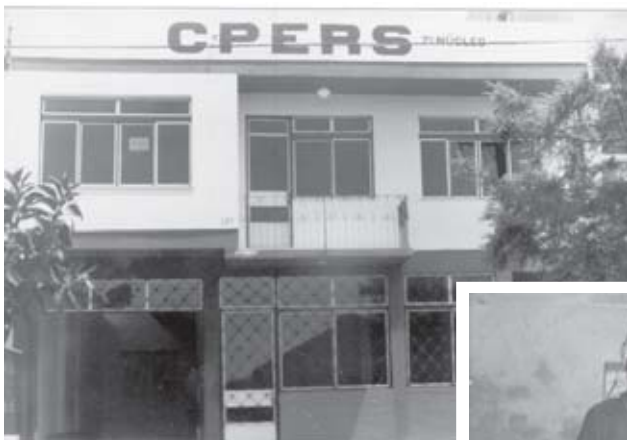
Petracco Hotel, na esquina das ruas Gen. Neto e Gen. Canabarro, início do século XX.



Vista parcial do novo estádio do 14 de Julho em 24 de abril de 1968.

Festividade do Lançamento, da Série B, de Títulos Patrimoniais do Grêmio Esportivo 14 de Julho, em 22/10/1967.





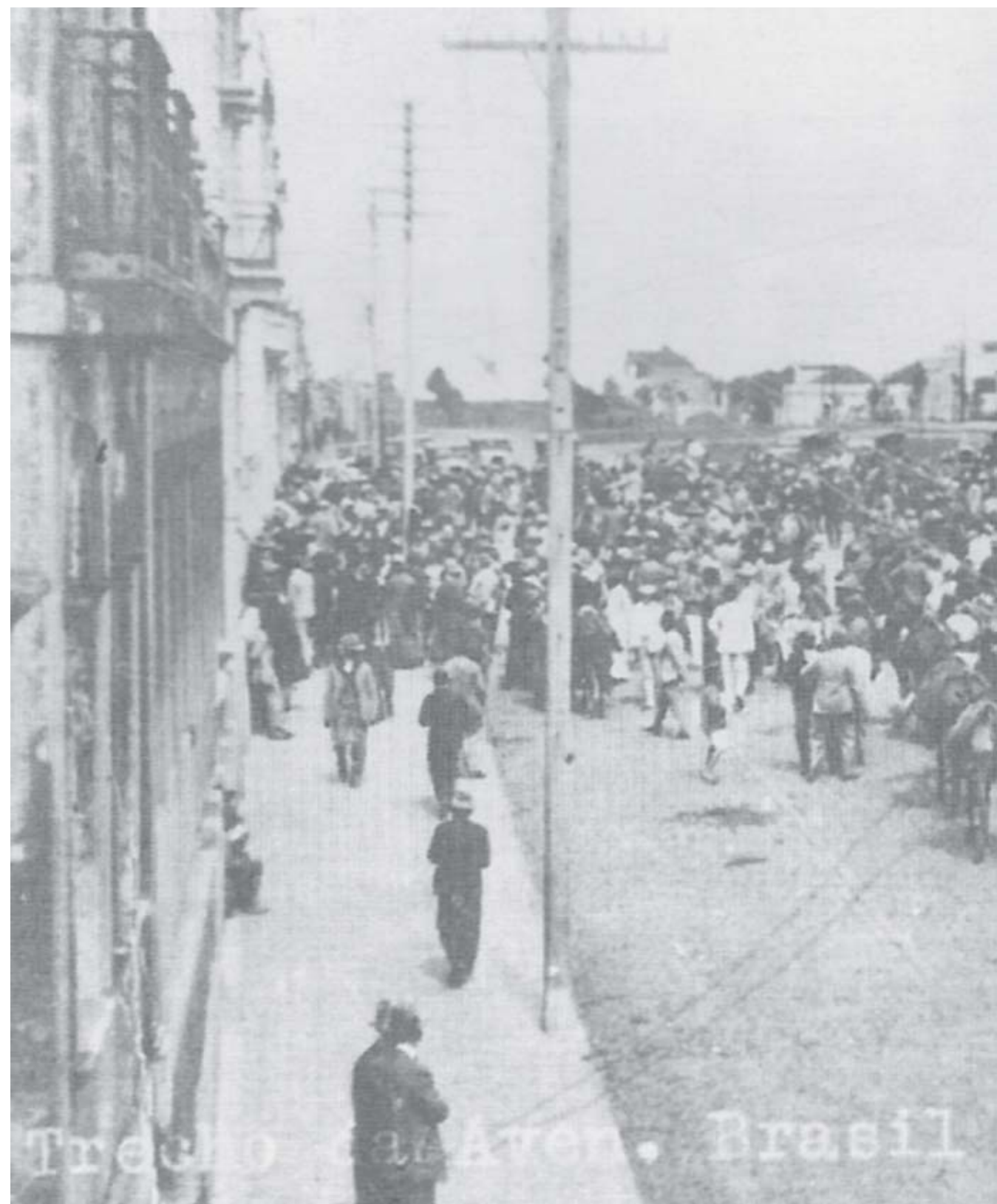
Sede do CPERS
Sindicato, 2001.

Funcionário João Meira,
manuseando uma impressora
nas oficinas do Jornal *Diário da
Manhã*, nos anos 1950.



Desfile de alunos pela Avenida
Brasil, década de 1970.





Trecho da Aven. Brasil

Revolução de 1930 em Passo Fundo. Manifestação de apoio popular em frente à Intendência Municipal, em 3 de outubro.



- P. Fundo. (Avila.)



Z. D. Costi e o envolvimento cívico.



Z. D. Costi anos iniciais.

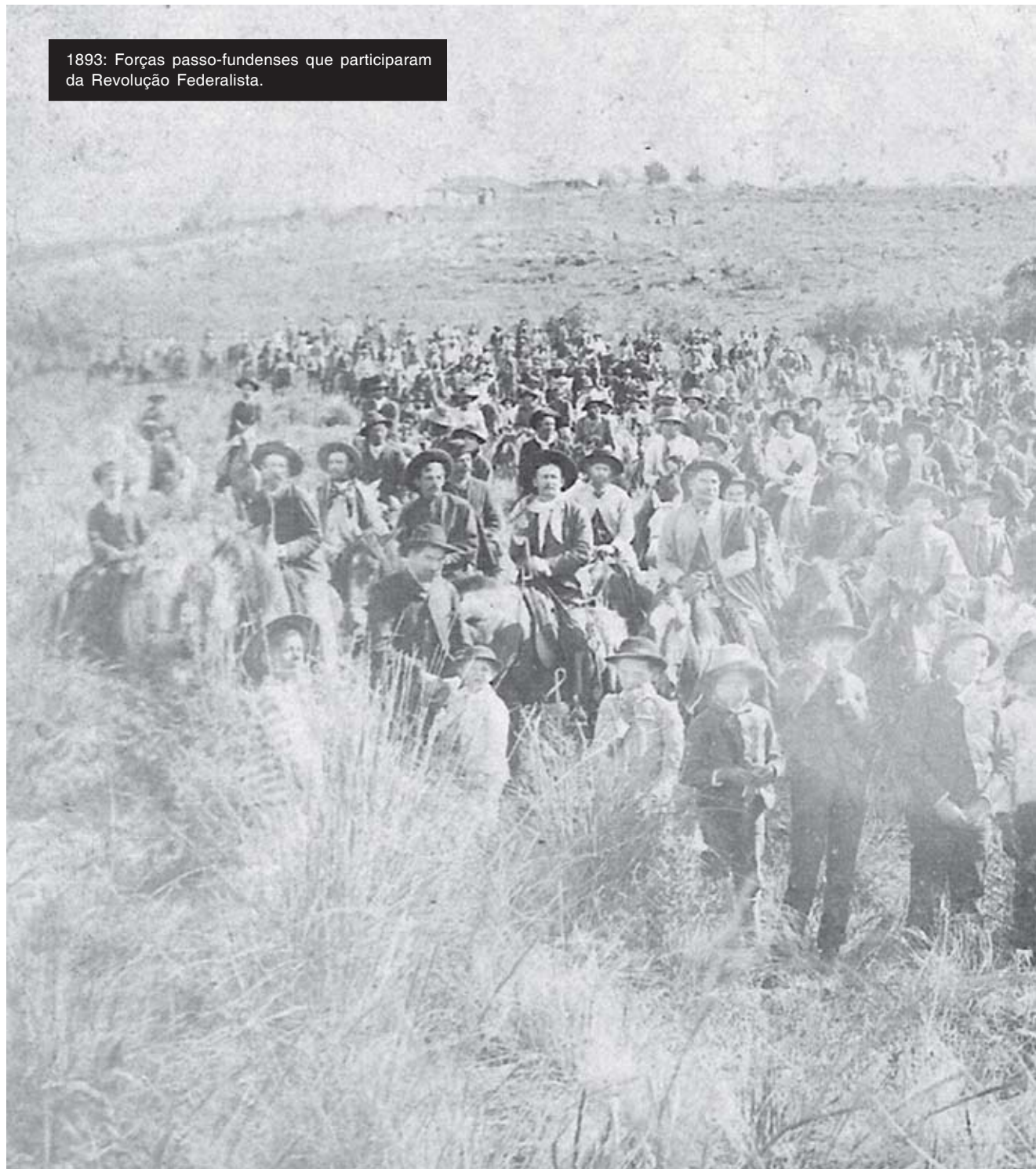
Faculdade de Direito,
Passo Fundo, na escada
alta da Avenida Brasil,
em 1957.



Vista aérea da Facul-
dade de Agronomia.
Passo Fundo, 1968.



1893: Forças passo-fundenses que participaram da Revolução Federalista.





Dom João Cláudio Colling

Euclesio Eloy De Bortoli ()*

O papa Pio XII, pela Bula Papal *si qua diocesis* de 10-03-1951, criou a Diocese de Passo Fundo, compreendendo a região Norte do Estado, e, em 23-03-1951 nomeou dom João Cláudio Colling como 1º bispo, tendo sido empossado em 22-07-1951.

Dom Cláudio, fiel à formação jesuítica, e com sua palavra franca, fluente e invejável memória, com seu carisma e inquebrantável fé, construiu as bases de uma igreja viva, participativa, comunitária, profética, missionária, acolhedora, servidora e orante.

Pela sua visão, buscou alavancar o desenvolvimento religioso, social, cultural e econômico do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, tendo se tornado um grande líder, cidadão e pastor.

No campo religioso, dedicou-se à formação integral dos sacerdotes, tendo construído os seminários de Tapera, Erechim e Passo Fundo. Fez erguer a Casa de Retiros, acolheu e apoiou os movimentos e associações leigas, fundou a Rádio Planalto AM.

Assessorado pelos sacerdotes, promoveu a criação de novas paróquias, e, em 1976, transferiu ao bispo d. João Hoffmann a nova Diocese de Erechim, desmembrada de Passo Fundo.

Nascido em Harmonia (Montenegro) aos 24 de junho de 1913, filho de ferreiro e agricultor, criou-se no amanho da terra e, por isso, se identificou com o colono, com quem gostava de conviver, tendo em sua vida articulado ações em favor dos agricultores e com a Fundação Gaúcha do Trabalho – FETAG – atuava junto aos poderes constituídos.

No meio urbano, diante do clamor da pobreza nas cidades, procurou soluções. Tão logo a Diocese ter recebido a Fundação Lucas Araújo, fez surgir o Lar da Menina, a Creche Menino Deus, os abrigos de idosos (S. José e João XXIII) e a Escola Cristo Redentor. Destaca-se a criação e funcionamento da Assistência Social Leão XIII, para educar e profissionalizar crianças e jovens, indistintamente, dentre os mais carentes, mantendo nos bairros oito núcleos onde são alimentados nos centros de juventude (3.900 refeições diárias), bem como assistência dentária. Para tanto, d. Cláudio buscou na Alemanha *padrinhos* para a Leão XIII, apoio que perdura graças à continuidade imprimida pelos bispos sucessores d. Urbano e d. Ercílio. Anualmente, centenas de jovens se profissionalizam graças À Leão XIII.

No campo da educação, tendo em vista a convicção de d. Cláudio que a educação do povo era fundamental, empenhou-se ao lado de lideranças de Passo Fundo e dos sacerdotes na criação do Consórcio Universitário Católico (04-12-1956) e da Universidade de

(*) Professor Jubilado da UPF.



Dom Cláudio Colling. 1981

Passo Fundo. O sonho do bispo era uma universidade em Passo Fundo. Começou fundando o consórcio, com todo o apoio da Diocese para formar professores para o ensino médio (filosofia, pedagogia, história, geografia e letras).

A Universidade de Passo Fundo foi criada por ato do então presidente da República Arthur da Costa e Silva, em audiência pública no Palácio Piratini, aos 02-04-1968, estando presentes autoridades educacionais, – d. João Cláudio Colling e os dirigentes da SPU.

D. Cláudio tinha especial carinho pelo Hospital São Vicente de Paulo, seus médicos, dirigentes, funcionários e doentes. Ele fez várias viagens à Alemanha conseguindo de seus amigos e da Igreja vultosos auxílios materiais que modernizaram o HSVP, tornando-o uma notável referência nacional.

Passo Fundo viveu cem anos de intranquilidade em relação à titularidade dos terrenos, os chamados “terrenos foreiros”. Esses pertenciam à Mitra Diocesana ocupados e com construções mediante simples alvará municipal. Dom Cláudio com o prefeito Daniel Dipp, aos 06-12-1954, selou em definitivo um pacto, tendo a Mitra passado todos os terrenos ao município de Passo Fundo, mediante Escritura Pública do 2º Cartório de Notas. Começou aí o crescimento imobiliário da cidade passo-fundense.

Em 04-12-1981 d. Cláudio despede-se de Passo Fundo depois de 30 anos como bispo. Designado pelo papa, tomou posse como arcebispo metropolitano de Porto Alegre aos 06-12-1981 e lá permaneceu até 13-07-1990 quando tornou-se arcebispo emérito da capital gaúcha. Nessa condição, retorna a Passo Fundo, sua amada cidade, hóspede do Hospital São Vicente, ainda com planos de trabalhar na casa. Todavia, ele foi chamado à casa do Pai aos 3-09-1991. Foi homenageado na Catedral de Passo Fundo e sepultado com honras eclesiásticas na cripta da Catedral de Porto Alegre.

Ele deixou um testamento, que está arquivado na Mitra Diocesana de Passo Fundo, do qual extraímos um resumo:

“Nascido de família humilde, mas profundamente católica, quero viver e morrer na minha fé. Quero pedir perdão a Deus e aos meus semelhantes pelas falhas e omissões que cometi no exercício de minha vocação.

Pobre nasci e pobre quero morrer, pondo em prática o que o velho arcebispo d. João Becker, de Porto Alegre, nos aconselhava:

“Tratai de viver de tal modo que, ao morrer, se possam apresentar a Deus com três sem: sem dinheiro, sem dívidas e sem pecados.” É o que peço a Deus diariamente. Não tenho nenhum imóvel, nem carro e tampouco ações e qualquer organização comercial ou bancária.”

Do Conservatório Municipal de Música à Faculdade de Artes e Comunicação da UPF

Mercedes Cogo (), Nilza Rodrigues Giovanetti (**)*

Aos 19 de junho de 1952, foi fundado o Conservatório Municipal de Música pelo Rotary Clube e, aos 8 de setembro do mesmo ano, a Escola Municipal de Belas Artes. A fusão das duas escolas – Música e Artes Plásticas – deu-se aos 30 de abril de 1955, surgindo como Instituto de Belas Artes. Na Música, eram ofereci-



Apresentação do Coral universitário da Universidade de Passo Fundo em colaboração com a Faculdade de Filosofia.

dos: piano, acordeom, teoria e solfejo, história da música e análise harmônica; nas Artes Plásticas: arquitetura, desenho do modelo vivo, desenho do gesso e do natural, modelagem, geometria, anatomia artística, perspectiva e sombra, arte decorativa e história da arte. As professoras fundadoras foram: Nilza Rodrigues Giovanetti, Ondina Marques Daudt, Irene Arminda Wagner Teixeira, Mercedes Cogo, Cecília Borges Kneipp, Laura Borges Felizardo, Adelaide Borges Barbisan e Cecília Zingano do Amaral. O Instituto de Belas Artes integrou-se com a sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo em 14 de junho de 1957, e teve as seguintes denominações ao longo de sua existência: Conservatório Municipal de Música, Instituto de Belas Artes, Faculdade de Belas Artes, Instituto de Artes e, atualmente, Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo. Hoje, oferece licenciaturas, agências, laboratórios e outros: Licenciatura em Música, Licenciatura em Artes Visuais, Agências de Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Rádio e TV, Laboratórios de Fotografia, TV e Vídeo, Rádio e

(*) Uma das professoras fundadoras da Universidade de Passo Fundo.

(**) Primeira diretora do Instituto de Belas Artes, atualmente aposentada.

Percussão, Grupo de Teatro “Viramundos”, Grupos de Danças “Tanz” e Danças Étnicas. Grupos de Música Jazz, Chorinho e Coral Universitário. Projeto de Extensão Suzuki (violinos) e Musicografia Braile.

Seus diretores foram: Nilza Rodrigues Giovanetti, Cecília Zinguano do Amaral, Ondina Marques Daudt, Irene Arminda Wagner Teixeira, Suzana Leite Einloft, Mercedes Cogo, Ivanilde Anna Marini, Elba Ferreira da Costa, Maria Cezária de Britto Ramos, Cilene Maria Potrich e César Augusto Azevedo dos Santos, seu atual diretor. A Faculdade de Artes e Comunicação (FAC) tem ex-alunos representando-a com mérito, espalhados pelo mundo: Brasil, Estados Unidos, França, Itália e Alemanha. Eles são sucesso com trabalhos selecionados e premiados, bem como, apresentando-se em concertos para as mais exigentes platéias. A FAC participa na formação de professores, artistas e comunicadores integrando-se as demais faculdades e à comunidade com seus trabalhos. Daí decorre sua importância. É uma faculdade em constante ebulição, multiplicando talentos e estimulando novos e conscientes apreciadores das *várias linguagens*.

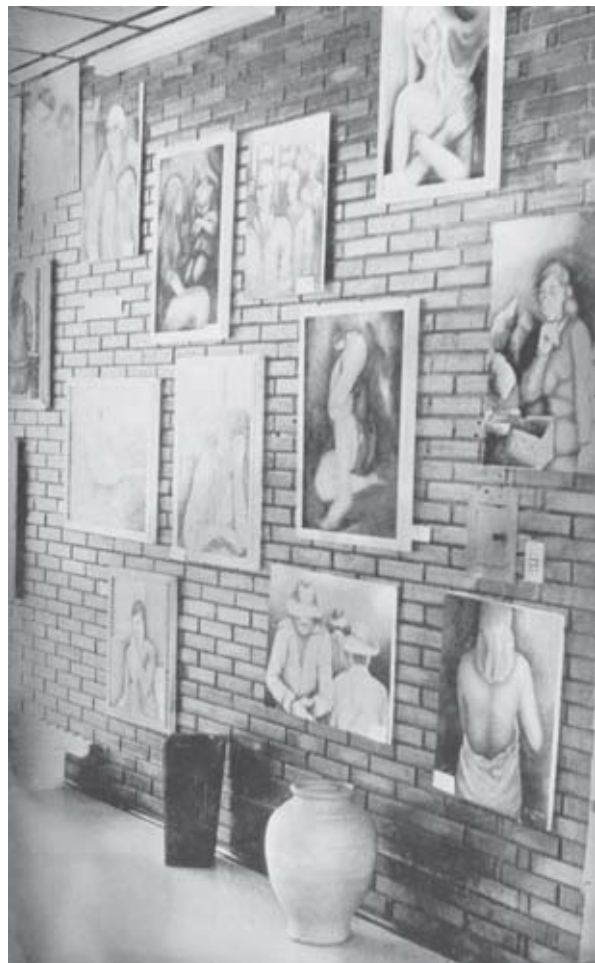


FOTO AUTOR DESCONHECIDO - ARQUIVO MERCEDES COGO

Painel permanente de exposições doa alunos da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF

Parte do público presente numa das apresentações públicas da Faculdade de Belas Artes.



FOTO SPORT - ARQUIVO MERCEDES COGO

CTG Lalau Miranda

Welci Nascimento (*)

Na década de 1920, surgiu, no Rio Grande do Sul, um movimento cultural denominado de “Regionalismo Rio-Grandense”, trazendo à tona a cultura gaúcha que, no dizer dos críticos daquela época, estava prestes a se apagar. A figura do gaúcho estaria morrendo? O escritor Roque Callage (1919) dizia, através das páginas do velho *Correio do Povo*: “O gaúcho tem outro tombo na andadura”. Chegamos a um estágio, dizia ele, “onde os costumes estão sendo apagados. Só ficou no coração do gaúcho a saudade pelo orgulho do passado heróico”. Estaria havendo um imobilismo cultural? Os grêmios gaúchos, fundados no interior do Estado, embora elitizados, procuravam reviver a chama gaúcha.

Na prática, o que se observava é que a cultura e as tradições gaúchas estavam num processo de esquecimento na memória do povo.

Vai daí que um grupo de estudantes do tradicional colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre, quase todos com origem no interior do Rio Grande, resolveu criar o primeiro centro de tradições gaúchas. Era o “35 CTG”, no final da década de 40, o qual dinamizou de tal forma as tradições gaúchas que passou a ser alvo das atenções das cidades do interior gaúcho.

No ano de 1952, um grupo de passo-fundenses constituído pelos senhores Tenebro dos Santos Moura, Ney Vaz da Silva, Jorge Cafruni e Múcio de Castro se reuniu nas dependências do jornal *O Nacional*, sob a liderança do jornalista Múcio de Castro, para ouvir o professor Antônio Donim, recém chegado da cidade de Rio Grande, que desejava transmitir uma notícia. Dizia o professor: “Está surgindo no Rio Grande do Sul uma sociedade que procura cultuar as tradições dos gaúchos. Outras cidades do Rio Grande do Sul, já fundaram suas entidades. Passo Fundo necessita contar com um desses Centros para impedir que desapareçam, sufocadas pela veracidade da evolução, as tradições e a genuína alma gaúcha, que nosso passado heróico goza de admiração de todos os brasileiros.”

A idéia foi amplamente debatida e o jornalista Cafruni, de imediato, tomou todas as providências para que fosse realizada uma reunião mais ampla, com a participação de lideranças do interior. Pessoas “campeiras”, no dizer do nosso escritor. Em 24 de janeiro, nas dependências do Clube Comercial, estavam reunidos Gomercindo dos Reis, Sabino Santos, Juliano Poletto, Falbo Pimentel, Conrado Hexsel, José Paim Brites, Francisco A. Xaviel e Oliveira, Heitor Saldanha, entre outros. O grupo ultimou os preparativos para a realização de um programa na Rádio Passo Fundo.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em 24 de março de 1952 foi eleita a primeira patronagem, cuja escolha recaiu na pessoa do jornalista Múcio de Castro, e o Centro passou a chamar-se CTG Lalau Miranda em homenagem ao sr. Estanislau de Barros Miranda, “tradicionalista de escol”, como costumavam dizer, pelas suas qualidades campeiras e artísticas, proprietário de terras na região do Butiá e Passo do Miranda, nascido em Passo Fundo em 1853 e falecido em 1916.

Daí em diante, o CTG Lalau Miranda não mais parou. Varou fronteiras, levando em seus aperos as tradições do Rio Grande do Sul. Sua invernada de danças, muito bem treinada pelo tradicionalista Ivo Paim, encantava as pessoas das cidades por onde passava. Nas décadas de 1950, 60, 70 e 80, o CTG percorreu o norte do Rio Grande do Sul e os Estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e Goiás se apresentando com suas invernadas artística e campeira e auxiliando os gaúchos que residiam fora do Rio Grande a fundarem um CTG. Getúlio Vargas, presidente do Brasil,

mandou um avião a Passo Fundo para levar o CTG Lalau Miranda a fim de se apresentar, com sua invernada de danças, na Capital da República, Rio de Janeiro. A Rádio Nacional e o Teatro do Rio de Janeiro foram palcos onde se apresentou o CTG Lalau Miranda.

O CTG 101, ao longo de sua trajetória, um verdadeiro “embaixador da cultura gaúcha”. Suas invernadas artística e campeira, se apresentando nos festivais e nos rodeios tradicionalistas gaúchos, quase sempre, alcançavam os primeiros lugares nas diversas modalidades que disputavam. Como ainda vem acontecendo, conquistando platéias e tornando Passo Fundo conhecido no Brasil e além-fronteira.

Por tudo o que fez, e ainda faz, o CTG Lalau Miranda, através das suas patronagens, peões e prendas, merece constar neste livro, que registra os fatos mais importantes no ano em que Passo Fundo completa 150 anos de emancipação política.



Sede antigo CTG Lalau Miranda.



Sede atual CTG Lalau Miranda.

O primeiro Plano Diretor

Haroldo Loguercio Carvalho (*)

Na história de uma cidade como Passo Fundo, a existência de três planos diretores de desenvolvimento urbano aparecem como um atestado de que seu crescimento constituiu-se numa constante na preocupação dos gestores municipais. Mais importante ainda é destacar que do primeiro plano diretor de 1953 ao atual, em vias de implementação, distam apenas 54 anos. Isso quer dizer que nesse último meio século a cidade se viu impelida a pensar e repensar sobre seu passado e suas perspectivas de futuro.

Elaborado na gestão do prefeito Daniel Dipp, o primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) da cidade foi assinado pela equipe do engenheiro e urbanista Edvaldo Pereira Paiva, Demétrio Ribeiro, Francisco Macedo e Edgar Graeff, sendo que os dois primeiros são também os pioneiros nos estudos urbanos no Rio Grande do Sul, responsáveis pela disciplina de evolução urbana da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, existente desde 1947.

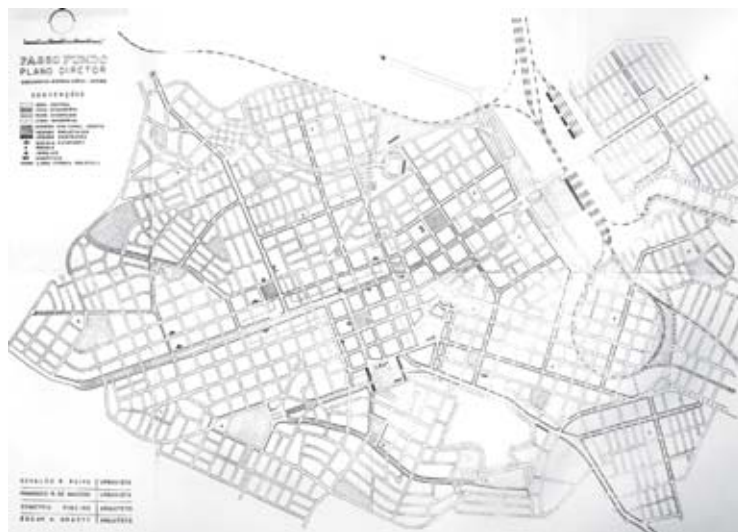
Dentre as preocupações centrais do PDDU de 1953, destacavam-se as relativas ao padrão estético da cidade e a seu futuro como pólo comercial e industrial. Recuperaram, seus formuladores, a memória da cidade como entreposto comercial evidenciada na disposição de sua principal via, a Avenida Brasil e seu sentido Leste-Oeste ao longo do qual se consolidaram, desde o século XIX, as principais edificações. Posteriormente, no início do século XX, com a chegada da rede ferroviária, outro importante eixo iria ganhar importância para o futuro da cidade. Assim, o encontro da Av. Brasil com a Sete de Setembro passa a ser o núcleo convergente entre o passado *tropeiro* e o presente *mecânico* a atestar a capacidade de atração que Passo Fundo tinha na relação com sua macroregião.

Na década de 1950, o tropeirismo já era uma lembrança do passado, mas a sua velha via de acesso transformava-se para receber aquele que viria a se transformar no estereótipo do progresso: o automóvel. Mas não só esse, o acompanharam os caminhões e ônibus que trouxeram e levaram pessoas e riquezas da cidade que crescia a um ritmo acelerado para os padrões da época.

O aspecto mais marcante do Plano Diretor de 1953 está precisamente condensado na idéia que tiveram seus autores sobre a inevitabilidade do crescimento da cidade. Em todo texto transparece a certeza de que Passo Fundo transformar-se-ia na mais importante cidade do Planalto e, como decorrência, a ação do poder público deveria ser no sentido de criar as condições favoráveis a este destino, levando em conta dois aspectos fundamentais: crescimento e estética.

(*) Professor doutor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UPF.

Na opinião dos formuladores do plano, dentre os fatores principais a distinguirem Passo Fundo como uma cidade de futuro promissor e, portanto, necessitada de planejamento, está a importância da sua localização como pólo de atração regional para o comércio externo, especialmente com Porto Alegre. Contrapondo a condição de “entroncamento” com a de “entrepoto”, projetaram Passo Fundo para tornar-se o centro regional do Norte do Estado, título



Passo Fundo - Plano Diretor de 1953.

que mais tarde seria buscado com a “Capital do Planalto”. O sucesso da triticultura e o otimismo com a futura cultura do soja somados à indústria frigorífica e à indústria de implementos agrícolas estava a disponibilidade de mão-de-obra resultante da crescente migração campo-cidade. Portanto, era visível aos olhares da época, que o perfil urbano de Passo Fundo deveria ser organizado de forma a concretizar-se como cidade de atração. Nesse aspecto, não há como negar a acuidade da percepção dos autores do plano. A cidade ficou dividida em apenas cinco zonas distintas.

Em relação à estética da cidade, destacam-se duas observações. A primeira referia-se à precária qualidade das habitações existentes ao longo da Avenida Brasil. Como acesso principal da cidade, esta deveria ser totalmente remodelada, preservando-se, no entanto, a largura, característica gravada na identidade da população. De resto, recomendaram a substituição das casas de madeira com amplas áreas ao entorno por habitações de alvenaria com mais de um pavimento. Ao longo da artéria central, jardins e canteiros deveriam ser construídos para oferecer bem-estar à população. Configurava-se dessa forma o aburguesamento da cidade na medida em que as populações mais pobres que ainda restavam na área central deveriam ser deslocadas para áreas periféricas. A segunda observação referia-se à proposição de construção dos seguintes *órgãos*: Centro Cívico, que deveria contar com a Prefeitura, Fórum e Biblioteca, Estação Rodoviária, edifícios comerciais e Obelisco. A localização prevista é onde hoje se localiza o parque da Gare. Estádio Municipal com capacidade para 10 mil espectadores localizado nas imediações da parte baixa do atual bairro Vergueiro. Por fim, o Mercado e sua Praça, num projeto realmente modernizador para a cidade. Pela importância histórica que adquiriu, o primeiro PDDU de Passo Fundo foi reimpresso no ano 2000, na gestão do prefeito Júlio Teixeira, que dava início à elaboração do planejamento contemporâneo, o agora chamado Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado.

Cultura Artística e Grupo Escola de Teatro Amador Delorges de Caminha

Charles Pimentel ()*

Fundada em julho de 1953, a Cultura Artística era uma entidade constituída por sócios, que pagavam uma mensalidade. Apesar de ser uma entidade registrada, não tinha sede própria, funcionando onde era conveniente.

Entre suas finalidades, a Cultura Artística procurava tornar acessível à população a música erudita, através da apresentação de recitais – inclusive com artistas estrangeiros –, e produzir peças teatrais na cidade.

Sem dúvida, a Cultura Artística representou um marco para a história cultural de Passo Fundo. Ninguém melhor para falar um pouco dessa entidade do que um de seus fundadores e atual integrante, Paulo Giongo. Assim, reproduzir-se-á, ao longo do presente texto, alguns trechos da entrevista com Giongo.

Primeiramente, acerca dos recitais promovidos pela Cultura Artística, ele confirmou que trouxeram um conjunto de Berlim, na Alemanha, que se apresentou na Catedral Nossa Senhora Aparecida; outro de Viena, Áustria; um terceiro veio de Nápoles, Itália. Naquele período de 54 anos, promoveram 116 recitais em Passo Fundo, a maioria de canto, piano, violino e outros instrumentos. As receitas dos recitais eram empregadas na própria entidade, para auxiliar na vinda de outros conjuntos, já que, pelos estatutos da Cultura Artística, a entidade tinha obrigação de realizar no mínimo quatro recitais por ano.

Giongo revela que também apresentaram em Passo Fundo recitais de várias partes do Brasil e da América do Sul. Nos últimos anos, os artistas locais foram mais prestigiados. Segundo Giongo: “Entendo que nós devemos prestigiar artistas locais ou regionais, porque os artistas que vêm de fora – São Paulo, Rio, Porto Alegre e outras cidades etc. – têm cachê muito alto, tirando oportunidades de pessoas da região. Nós tínhamos excelentes músicos, atores, compositores, em toda a região, ávidos por uma chance de apresentarem-se.”

Dentre os artistas locais que se apresentaram pela Cultura Artística, Giongo destaca Marta Bernardon, que foi uma das maiores sopranos. Apresentou oito recitais na Cul-

(*) Editor.

tura Artística. Ela trazia um tenor ou barítono acompanhante. O pianista vinha de Porto Alegre.

Com relação ao teatro, Giongo relata algumas atividades promovidas pela Cultura Artística: “Há anos atrás, para os cinemas de Passo Fundo (Imperial, Real), vinham récitas de São Paulo e do Rio, apresentar 3 ou 4 peças de teatro. Procópio Ferreira, Maria Dela Costa, Santo Polônio, figuras internacionais do teatro brasileiro e da televisão, deram récitas aqui. Aconteciam em três ou quatro noites, com uma peça por noite.

Ademais, também não se pode esquecer do grupo passo-fundense Escola de Teatro Amador Deolorges de Caminha, da qual Giongo foi presidente durante muitos anos: “O grupo Escola de Teatro Amador Deolorges de Caminha foi o teatro mais premiado do Rio Grande do Sul. Eu comecei a fazer as récitas principalmente no Cine Pampa, depois fomos para o Teatro São Pedro, fomos para São Paulo, Brasília. Éramos todos artistas amadores: médicos, farmacêuticos, advogados... As moças e senhoras faziam as roupas. Com as receitas obtidas fazíamos os cenários; o próprio grupo fazia.”

No entanto, nos últimos anos, a Cultura Artística parece que entrou numa fase de ostracismo. Para Giongo, esta fase difícil se deu em virtude do falecimento de Clélia Miotto Vaz, então presidente da entidade: “Houve uma fase obscura com o falecimento da Clélia Miotto Vaz, na Europa. Na realidade, nós trabalhávamos na Cultura Artística baseados no trabalho da Clélia. Faz quatro anos que ela faleceu. Grande parte de todo o arquivo estava com ela e a pessoa encarregada de me entregar este arquivo desapareceu com os arquivos.”

Visando a superar essas dificuldades, atualmente, a Cultura Artística passa por uma fase de reformulação. Foi feita uma parceria com o Centro Cultural Leonardo Da Vinci, um convênio, numa tentativa de reformular a Cultura Artística para que volte às atividades normais. E, também, está sendo feito um convênio com a Universidade de Passo Fundo.



Max Uriarte. 29 de junho de 1996.



Peça: *Os inimigos não mandam flores*, de Pedro Bloch. Atores: Jane Pimentel e Valter Portela. Cine Teatro Pampa, Passo Fundo, década de 1950.

Faculdade de Filosofia da UPF

Pablo Morenno ()*

Sócrates, Platão e Aristóteles jamais imaginaram em sua vida grega que dependeriam da vontade de um bispo chamado Cláudio para serem conhecidos na Capital Nacional da Literatura. “Ímpetuoso e impaciente. Quando tomava uma decisão não havia quem o segurasse. Foi assim na criação da Faculdade de Filosofia. Agiu com rapidez que surpreendeu muitas pessoas. Elaborado o processo de criação da faculdade, buscou logo o apoio dos deputados federais e do presidente da República. Naqueles dias, o presidente Juscelino Kubistchek e o vice João Goulart participaram da Festa Nacional da Colheita do Trigo, em Erechim. Durante o churrasco, dom Cláudio obteve a assinatura de ambos e a recomendação para que o processo seguisse de imediato ao exame do MEC. Haveria alguém a opor-se?” Assim escreveu Alcides Guareschi sobre dom Cláudio.

Foi desse modo que os anseios crescentes da região em ter um centro formador de professores foi sendo satisfeito. Dom Cláudio Colling, em 22 de junho de 1956, no Colégio Notre Dame, reuniu representantes de várias entidades educacionais da cidade. No final do encontro, nascia o CUC – Consórcio Universitário Católico, grupo que elaboraria os primeiros traços do sonho universitário em Passo Fundo imediatamente.

A ata de fundação já determinava o funcionamento dos cursos de Filosofia, Geografia, Letras, História e Pedagogia. Para organizar a documentação necessária e selecionar os professores foram autorizados o cônego José Gomes, representando o bispo, o irmão Gelásio, pela Sociedade Meridional de Educação e padre João Patalón dos Missionários da Sagrada Família. Como sede provisória foi escolhido o Colégio Conceição, na Rua Paissandu, 889.

Com o apoio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, chegaria nos meses seguintes à cidade o irmão Faustino João para assessorar o projeto.

Em outubro de 1956, o Ministério da Educação, com vistas à aprovação, esteve em Passo Fundo para verificar as condições de funcionamento da nova faculdade. A fiscalização de Franklin Olivé Leite foi positivada pelo parecer 466/56, no qual o Conselho Nacional de Educação aprovava o funcionamento da Faculdade de Filosofia de Passo Fundo com três cursos superiores: Filosofia, Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas. Em 4 de

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

dezembro de 1956, era assinado o decreto federal de autorização, assumindo como seu primeiro diretor o padre, e futuro bispo, José Gomes.

Em 1965, depois da reunião de recursos de várias fontes, a Faculdade de Filosofia passava a seu próprio prédio e, agregando aos cursos já em funcionamento, a Faculdade de Enfermagem e Serviço Social.

Paralelamente, organizava-se na cidade a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo desde 1950 que havia criado a Faculdade de Direito, em 1956, a Faculdade de Odontologia, em 1959, a Faculdade de Agronomia em 1960 e a Faculdade de Medicina, em 1961, que iniciaria a primeira turma somente em 1970.

Na busca por um espaço para a Faculdade de Medicina e também devido às crises da SPU, o complexo que hoje conhecemos como Universidade de Passo Fundo começa a deixar de ser sonho. Dom Cláudio Colling ofereceu, em 1961, as dependências do Hospital São Vicente de Paulo para a instalação da Faculdade de Medicina. Os opostos se atraem. Para negociar a transformação de dois grupos em uma universidade, foram indicados por dom Cláudio os professores João Patalón e Alcides Guareschi. As negociações avançaram e, em 1962, o presidente da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, César Santos, e o presidente do Consórcio Universitário Católico, dom Cláudio Colling, assinaram um acordo com o qual se informou ao Ministério da Educação o acerto conjunto para a criação da Universidade de Passo Fundo.

Porém, a fusão entre entidades com interesses diversos não foi fácil. A SPU era uma organização laica, o CUC era declaradamente católico. Superadas as dificuldades, em 13 de maio de 1967, às 14h30min, a Universidade de Passo Fundo veio à luz, tendo como primeiro reitor Murilo Coutinho Annes, vice-reitor Acadêmico Elydo Alcides Guareschi, e vice-reitor Administrativo Alcione Niderauer Corrêa. Elydo Alcides Guareschi, que assumiria como reitor de 1982 a 1998, presidiu a consolidação da instituição que, reconhecida pelo decreto federal 62.835, em 6 de junho de 1968, conta hoje com sete *campi*: Passo Fundo, Carazinho, Casca, Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Soledade e Sarandi e é uma das mais importantes do ensino superior do Sul brasileiro.

Sócrates, Platão e Aristóteles, com certeza, se sentiriam em qualquer praça de Passo Fundo como no centro de sua Atenas. Ao longo de seus 150 anos, principalmente graças à universidade, a terra da Jornada Nacional de Literatura e do Festival Internacional de Folclore se transformou no maior pólo cultural do interior do Estado.



Fundação da Faculdade de Direito

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo ()*

A criação e instalação da Faculdade de Direito, em 21 de abril de 1956, apresenta relevante significado para a história da cidade. A idéia de uma universidade começara a tomar corpo em Passo Fundo no ano de 1950, com a fundação da Sociedade Pró-Universidade (SPU). No corpo de associados da SPU, figuravam os notáveis de Passo Fundo: religiosos; diretores de escolas públicas e privadas; políticos, os proprietários dos dois jornais diários; profissionais liberais, especialmente médicos, advogados, engenheiros e odontólogos; os principais empresários, comerciantes e industriais; magistrados e promotores públicos decididos a um esforço sem medidas para a cidade poder ter sua universidade. Lembro-me de alguns nomes, como os de Múcio de Castro, César Santos e João Junqueira Rocha. Consta que o precursor da idéia foi Antônio Donin, professor de português e intelectual de escol, que, através das páginas de *O Nacional*, escrevia preconizando insistentemente que Passo Fundo, o norte do Estado e o Planalto Médio deveriam ter suas faculdades e formar uma universidade.

O esforço de todos os componentes da SPU, principalmente de seus dirigentes, primeiro João Junqueira Rocha e depois César Santos, resultou frutífero. Com o apoio decidido do poder público local e de nosso representante na Câmara Federal, deputado Daniel Dipp, no início de 1956, mediante decreto federal assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek e referendado por seu ministro da Educação, obtido o parecer prévio do Conselho Federal de Educação, foi autorizado o funcionamento de uma faculdade de direito. Com a contribuição da Prefeitura Municipal, cujo ocupante era então Wolmar Salton, foi comprado o palacete Barbieux, situado no início da escada alta, na Avenida Brasil, defronte à Prefeitura velha, hoje Museu Histórico Regional.

Foi desde logo constituído o corpo docente, através de concurso público. Veio a ser formado por advogados experimentados, promotores, juizes de direito e por um médico, para a cadeira de Medicina Legal. O currículo abrangia as cátedras existentes nas outras faculdades de Direito do país. O corpo docente, então, ficou assim composto:

Disciplina	Série	Professor	Atividade profissional
Economia Política	1º ano	Carlos Nicolau Galves	Advogado em Passo Fundo
Teoria Geral do Estado	1º ano	Mario Arthur Pansardi ¹	Juiz de direito em Passo Fundo
Introdução à Ciência do Direito	1º ano	Reissoly José dos Santos	Juiz de direito em Passo Fundo
Direito Romano	1º ano	Ítalo Goron	Promotor público em Passo Fundo

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

¹ Não lecionou: substituído pelo advogado Rui José Rache.

Disciplina	Série	Professor	Atividade profissional
Direito Civil I (teoria geral)	2º ano	Ney Menna Barreto	Advogado em Passo Fundo
Ciência das Finanças	2º ano	Verdi de César	Advogado em Passo Fundo
Direito Penal I (teoria geral)	2º	Walter Graeff	Advogado em Carazinho
Direito Constitucional	2º	Ernani Graeff	Advogado em Carazinho
Direito Civil II (Contratos e Obrigações)	3º	Jorge de Oliveira Wiedmann ²	Promotor de justiça em Passo Fundo
Direito Penal II (parte especial)	3º	Mário Braga Júnior ³	Advogado em Passo Fundo
Direito Comercial I (Direito Cambiário e Contratos)	3º	Celso da Cunha Fiori	Advogado em Passo Fundo
Direito Internacional Público	3º	Rômulo Cardoso Teixeira	Advogado em Passo Fundo
Medicina Legal	4º	César José dos Santos	Médico em Passo Fundo
Direito Civil III (Direito das Coisas)	4º	Frederico Cornélio Daudt	Advogado em Passo Fundo
Direito Comercial II (Falências e Concordatas)	4º	Salim Perotto Buaes	Advogado em Passo Fundo
Direito Judiciário Civil I	4º	Murilo Coutinho Annes	Advogado em Passo Fundo
Direito Industrial e do Trabalho	4º	Mário Daniel Hoppe	Advogado em Passo Fundo
Direito Civil IV (Família e Sucessões)	5º	Leo Stumpf ⁴	Advogado, depois magistrado, em Getúlio Vargas
Direito Administrativo	5º	Daniel Dipp ⁵	Advogado em Passo Fundo, ex-prefeito e deputado federal
Direito Judiciário Civil II	5º	Ruy Guimarães Silveira	Promotor de justiça em Carazinho
Direito Judiciário Penal	5º	Eduardo Barreto Viana ⁶	Advogado em Porto Alegre
Direito Internacional Privado	5º	Antônio Montserrat Martins	Advogado em Soledade

Por indicação da mantenedora, foram escolhidos: como diretor, Reissoly José dos Santos (juiz de direito da 1ª vara da comarca) e, como vice, Mário Braga Júnior (advogado). Assumiu como secretário Sabino Santos e como auxiliar deste D. Lorena Lajus Sperry, (D. Moreninha). A instalação solene e festiva deu-se no feriado de 21 de abril de 1956. Uma multidão se congregou desde cedo, ocupando não só os pátios da mansão Barbieux; espalhou-se pelo largo fronteiro, diante da Prefeitura e pelas ruas adjacentes. A primeira aula foi ministrada no dia seguinte, numa sala contígua ao pátio interno, bordado de colunas, em estilo andaluz, montada apressadamente pelo dinâmico professor Celso Fiori, que chegou a carregar pessoalmente as carteiras indispensáveis. Proferiu-a o professor Carlos Galves, já um jurista consagrado, versando sobre Economia Política. Ao primeiro exame vestibular haviam ocorrido jovens de todo o Estado e de Santa Catarina. Integravam a primeira turma, formada em 1960, entre outros famosos, Ruy Rosado de Aguiar Júnior, que depois seria ministro do Superior Tribunal de Justiça, e Juarez Teixeira Diehl, procurador do Estado e por três vezes diretor da Faculdade.

² Não lecionou: substituído pelo juiz Euripedes Facchini.

³ Não lecionou: ao falecer, foi substituído pelo advogado Celso Antônio Busato.

⁴ Não lecionou: foi substituído pelo advogado Frederico Guilherme Morsch.

⁵ Não lecionou: foi substituído pelo promotor Dante Gabriel Guimaraens.

⁶ Não lecionou: foi substituído pelo promotor Benedito Hespânia.



Primeiro centenário de Passo Fundo

Marco Antonio Damian (*)

Depois de 100 anos de progresso, o ano de 1957 foi efusivamente comemorado pela população passo-fundense. Era o centenário de emancipação política e econômica do nosso município. A cidade se vestiu de festa e vários eventos marcaram a passagem do centenário. O prefeito Wolmar Antonio Salton criou diversas comissões para a organização desses eventos e o mais importante deles foi a 7ª Festa Nacional do Trigo, que reuniu em Passo Fundo as mais altas autoridades nacionais e estaduais. A Comissão Principal Pró-Festejos era assim constituída: prefeito Wolmar Antonio Salton, presidente; Dionísio Lângaro, representando a Associação Comercial; Vitório Dinardo, representando a Associação Rural; Reyssoli José dos Santos, representando o ensino superior; irmão Gelásio Maria, representando o ensino secundário; Armando Lima, representando os sindicatos; capitão Geraldo Majela Monteiro Bernardes, representando o 1/20º R.C.; Carlos De Danilo Quadros, representando os jornalistas e general Geisel, representando a Cooperativa dos Triticultores de Passo Fundo.

A efeméride começou com o concurso para eleger o hino do centenário, onde foram vencedores o senhor Arthur Sussenbach, que compôs a letra, e a professora Irene Wagner Teixeira, que produziu a música.

Naquele ano, Passo Fundo escolheu, entre suas milhares de beldades, três rainhas, belas e intelectuais jovens, que representaram o município nos muitos eventos. A primeira foi Célia Ferreira, Miss Passo Fundo, que representava o Centro Acadêmico das Faculdades de Passo Fundo. Ela teve a incumbência de representar a cidade no concurso de Miss Rio Grande do Sul. Depois foi eleita por voto popular, por meio de cupons depositados em urnas espalhadas pela cidade, a Rainha do Centenário. Cinco concorrentes receberam mais de cem mil votos e ao final foram submetidas a um júri especial, composto por autoridades e personalidades representativas do município. A escolhida foi Márcia Kozma, de tradicional família passo-fundense. As demais competidoras ganharam o *status* de princesas. Finalmente, em outro evento no Clube Comercial, o Baile do Centenário escolheu a Rainha da 7ª Festa Nacional do Trigo e os jurados escolheram Gládis Maria Marson.

Entre os muitos eventos esportivos, a Rústica Centenário de Passo Fundo, cuja largada e chegada se deu na Rua Moron e foi vencida por Churchill Juarez Dall'Oglio, representando o São Paulo do Bairro Boqueirão. A prova hípica aconteceu nas raias do quar-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

tel do 1/20º Regimento de Cavalaria e o vencedor foi o tenente João Edi Kraemmer, montando o cavalo Garoto. A corrida automobilística Primeiro Centenário, realizada nas ruas centrais da cidade, cujo percurso ficou apinhado de assistentes, teve mais uma consagração de Orlando Menegaz, que estreava sua carretera com motor Corvete. Na prova preliminar, entre os motocicletos, o ganhador foi Flaviê Silva. No futebol, aconteceu o campeonato citadino e o 14 de Julho suplantou o Gaúcho, no Estádio da Baixada, por 1 x 0, gol de Caíco, e ficou com o inédito título de Campeão do Centenário, que muitos anos após ainda orgulhava os rubros.

O ponto maior das festividades do centenário foi inegavelmente a 7ª edição da Festa Nacional do Trigo. Reconhecida como a Capital Nacional do Trigo essa referência serviu de inspiração para uma frase da música “Gaúcho de Passo Fundo”, do compositor e cantor Teixeira, hoje o hino oficial do município. Nos canteiros das Avenidas Brasil e Presidente Vargas, foram plantados trigo mourisco e feijão soja, para mostrar aos visitantes da feira a pujança agrícola do município.

No dia 19 de outubro de 1957, o vice-presidente da República, João Belchior Goulart, solenemente fez a abertura da festa. Entre as autoridades estavam o prefeito Wolmar Salton, Mário Meneghetti, ministro da Agricultura, Percival Barroso, ministro do Trabalho, Leonel de Moura Brizola, prefeito de Porto Alegre, Jorge Lacerda, governador de Santa Catarina e vários deputados estaduais e federais, entre eles Victor Loureiro Issler, Vitor Graeff e Elpídio Fialho, todos com fortes vínculos com Passo Fundo.

Os quatro pavilhões construídos para abrigarem a feira eram denominados: Agroindustrial, Trigo, Cultural e Festas e se localizavam atrás da atual Prefeitura Municipal, proximidades do Rio Passo Fundo. Nas duas semanas da feira, milhares de pessoas visitaram os pavilhões. *Shows* artísticos abrilhantaram a festa, entre eles o Trio Nagô, cantando inesquecíveis boleros e o pianista Arnaldo Rebello, professor da Escola Nacional de Música.

O desfile dos carros alegóricos seria o ápice das festividades não fosse um lamentável acidente que por sorte não teve um fim trágico. A carreta que levava a rainha Márcia Kozma e suas princesas se desprende do trator que a puxava na subida da Rua Coronel Chicuta e desceu desgovernada atravessando a Avenida Brasil em alta velocidade. Duas princesas atendendo aos gritos da população pularam da carreta, que felizmente foi desviada em um poste de luz e parou contra a parede da sapataria de Jorge. Apenas um grande susto e algumas escoriações.

Nem tudo foi festa e homenagens. Durante o Congresso Nacional dos Triticultores, severas divergências entre os produtores e representantes do governo federal, especialmente com o ministro Mário Meneghetti, quase resultou em vias de fato. O problema era o baixo preço da saca em relação aos custos de produção. Comparando aos dias atuais, essas reivindicações não são meras coincidências.



Cultura do trigo

Gilberto R. Cunha (*)

Quando das comemorações do centenário de Passo Fundo, em 1957, a Prefeitura Municipal, gestão Wolmar Salton, mandou imprimir a obra *Rememorações do Nosso Passado*, que havia sido escrita em 1949 por Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1959), com vistas ao concurso de história local, aberto em cumprimento da lei nº 70, de 16 de dezembro de 1948. Nela, o *pai da história de Passo Fundo* destaca, em capítulo especial dedicado ao trigo, que referências sobre o cultivo desse cereal em nosso município constavam da primeira estatística agrícola organizada pela Câmara Municipal, em 1858. E como a criação do município datasse do ano anterior, supunha ele, que era bem possível que o cultivo de trigo na região, ainda que em menor escala, fosse prática corrente no período anterior ao desmembramento de Cruz Alta.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira faz diversas menções sobre o cultivo de trigo em Passo Fundo desde os primórdios de sua criação em 1857. Ele cita, por exemplo, que por ocasião da “Exposição Brasileira-Alemã”, de Porto Alegre, realizada em 1881, a comissão encarregada da remessa de produtos do município, estampou em seu relatório o seguinte texto: “Lembramos as palavras do naturalista dr. Reinaldo Hensel que disse quando aqui esteve, no ano de 1865, que os municípios de Passo Fundo e de Vacaria podiam fornecer de trigo, centeio e cevada a todo o Império”. O próprio Antonino, encarregado de elaborar o folheto *O município de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908*, que acompanhou o mostruário de produtos, escreveu nele sobre o trigo: “Também esta planta dá-se vantajosamente em nossas terras, tendo já larga cultura. Sua produção ordinária, pelos métodos rotineiros, varia de 40 a 60 alqueires por um de planta”.

Ao mesmo tempo em que enaltece o cultivo de trigo de Passo Fundo, o *pai da história local* se antecipa em buscar explicações por que, mesmo parecendo ser um empreendimento de êxito e seguro, a cultura do “cereal rei” não progrediu como poderia no passado. Entre as causas, ele cita a localização geográfica do município (longe dos mercados consumidores), a dificuldade de transporte e a falta de vias de comunicação (estradas). Uma expectativa de mudança desse cenário veio com a estrada de ferro e a colonização do Alto Uruguai. Antonino também depositou uma grande esperança na Estação Experimental de Engenheiro Englert, criada pelo governo da União em 1937, para expandir o trigo na região.

Passo Fundo recebeu, no final dos anos de 1930, uma unidade dos Moinhos Rio-Grandenses S/A., ligada ao Grupo Bunge e Born. O moinho produzia a afamada farinha

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

de trigo Primor (usando trigo nacional e importado), tendo suas dependências localizadas próximas à linha férrea, contando com desvio da ferrovia para carga e descarga em seu pátio. Quando encerrou atividades, o prédio do moinho passou a servir à Cooperativa Tritícola de Passo Fundo Ltda. (COOPASSO).

Antonino Xavier e Oliveira, após anos de enfermidade, faleceu

nas primeiras horas do dia 10 de julho de 1959. Presenciou em vida (embora a saúde abalada e a idade avançada talvez não lhe permitissem acompanhar os festejos) a VII Festa Nacional do Trigo, que aconteceu na cidade, no marco das comemorações do centenário de criação do município. Na ocasião, trigos foram semeados nos canteiros centrais da Avenida Brasil e montou-se o pavilhão do trigo junto à Exposição Agro-Industrial do 1º Centenário, realizada no terreno da atual prefeitura municipal. A senhorita Gládis Marson, filha do triticultor, Antonio Marson Filho, foi escolhida Rainha Nacional do Trigo, tendo o evento, em 20 de outubro de 1957, recebido a visita do presidente João Goularte. Mas, o que Antonino não conseguiu alcançar em vida, foi o surto de desenvolvimento na agricultura passo-fundense que começou impulsionado pela triticultura, após os anos 1960.

O trigo foi a primeira lavoura de base tecnológica da agricultura do Sul do Brasil. Programas do governo federal incentivaram o cultivo de trigo no país, ainda nos anos 1940. No município, os irmãos Mário e Amadeu Goelzer se destacaram entre os pioneiros a realizarem lavouras mecanizadas de trigo, nos campos do Butiá. No rastro da triticultura, surgiram em Passo Fundo novos e importantes empreendimentos. Cabe destacar, a Cooperativa Tritícola de Passo Fundo Ltda. (COOPASSO), a Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UPF, a Embrapa Trigo, a Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudanças do RS (APASSUL), a OR Melhoramento de Sementes Ltda. e a Fundação Pró-Sementes de Apoio à Pesquisa, por exemplo. Além do desenvolvimento de um consolidado parque industrial de máquinas agrícolas (que começou voltado ao trigo) e de inúmeros estabelecimentos de revenda de insumos agropecuários e escritórios de assistência técnica.



Colheita de trigo na Avenida Brasil, Wolmar Salton, 1957.

Lions Clube

Nilo Fernandez (*)

Em 20 de dezembro de 1958 era instalado o primeiro Clube de Lions de Passo Fundo, integrado, na época, por expressivas personalidades de nossa sociedade.

A nova entidade logo se integrou na dinâmica social, advindo daí atividades as mais variadas de cunho filantrópico, entre outras, a preocupação do Lions em propiciar os meios para controle da natalidade, visando, em especial, às comunidades mais carentes.

Por outro lado, também foram realizadas obras mais perenes, como:

- Em parceria com o Rotary Clube, foi criada a Sociedade Pró-Patronato de Menores, que posteriormente transferiu todo o seu patrimônio para a Fundação Educacional do Menor, que presta até nossos dias importante assistência ao menor desamparado;
- Foi criada uma escola de corte e costura que vem desenvolvendo um trabalho importante na formação de profissionais da área;
- Foi construída uma escola de 1º Grau na Vila Entre Rios, que abriga cerca de 300 alunos, atuando em parceria com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo;
- Com o aporte de expressivos recursos provindos da Associação Internacional de Lions Clubes foi possível viabilizar a construção do Hospital de Olhos que vem prestando relevantes serviços na área de oftalmologia, servindo como referência, os trabalhos ali desenvolvidos.

A Associação Internacional reconhece as áreas destinadas à atuação dos Clubes, área essa que se divide em distritos, que são administrados por companheiros que durante sua gestão são denominados de Governador de Distrito, no nosso caso, pertenceríamos ao Distrito L-7, depois L-22 e por último L-D-7.



(*) Nilo Fernandez, ex-governador (1973/1974), Distrito L-22.

(**) *In memoriam.*

O Lions de Passo Fundo, desde sua fundação, mercê da liderança que desfruta no Distrito ao longo de sua história, contou com uma plêiade de onze governadores. Foram eles: CL Ervin Crusius** (1967/1968); CL Plínio Rosseto** (1970/1971); CL Nilo Fernandez (1973/1974); CL Napoleão Sffogia** (1976/1977); CL Waldir Dal Bosco** (1981/1982); CL Nelso Serpa** (1982/1983); CL Heiror Verardi (1984/1985); CL Isac Chedid Said (1986/1987); CL Diogines A. Martins Pinto** (1989/1990); CL Adelvino Parizzi (1994/1995); CL Adalberto Prates (1999/2000).



1959

Hospital Beneficente Dr. César Santos

Carlos Torres ()*



Atualmente, o hospital vem desempenhando seu papel social no atendimento de baixa complexidade que envolve internações, consultas, exame de diagnóstico e pronto-atendimento.

Em 1952 foi doado por Ernesto Formigheri e sua esposa, Marieta Pretto Formigheri, um terreno para a construção de um hospital. Daniel Dipp, o prefeito eleito para o quadriênio de 1952-1955 deu início à construção do hospital em 10 de setembro de 1952, decretando crédito especial para a obra no artigo 53 da Lei Orgânica do Município.

Na administração de Wolmar Salton em 1959, o mesmo solicitou às irmãs salvatorianas para assumirem a direção do hospital. No dia 30 de dezembro de 1959, na presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, aconteceu a inauguração do hospital.

Em maio de 1960, no governo do então prefeito Benoni Rosado, iniciou o atendimento à população.

(*) Farmacêutico.



Primeira equipe de profissionais da área da saúde. Ao centro o dr. Alberto Lago.

Em 13 de julho de 1961, a lei municipal nº 942 fez a doação em comodato do hospital à Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo. A sociedade, com um hospital em seu patrimônio, mesmo sob forma de comodato, põe-se de acordo consigo própria auxiliando no pedido de reconhecimento de sua Faculdade de Medicina. E nessa época passou a chamar-se Hospital das Clínicas.

Em 24 de abril de 1964, o governo municipal de Mario Menegás reverteu ao patrimônio do município o hospital, pela lei nº 1.070.

Em 1968, houve novamente uma alteração em sua denominação passando a chamar-se Hospital Municipal de Caridade de Passo Fundo.

Em 1970, foi novamente alterado o nome para Hospital Municipal de Caridade Dr. César Santos.

Em 04 de agosto de 1971, com a lei nº 1.418, transformou-se o Hospital Municipal Dr. César Santos em autarquia, ficando vinculado ao poder executivo municipal.

No ano de 2005, iniciou-se um trabalho de resgate da história do Hospital Municipal, através da coordenadora do projeto Loreli Garcez (Lorinha), quando foi criado o acervo do hospital.

Ferrovias L-35

Santo Claudino Verzeleti (*)

A construção do tronco sul de uma estrada de ferro, ligando os municípios de Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, Passo Fundo, Iraí e Foz do Iguaçu, seria a redenção do sistema ferroviário do centro do Estado e o conectaria com os países andinos.

Por esse motivo foi iniciada a edificação do principal trecho, Passo Fundo/Porto Alegre, da L-35, também chamada “Ferrovias do Trigo”, atualmente “EF-491”.

Resultado de um projeto de alta tecnologia, de traçado retilíneo e construída para bitola estreita, apresentava infra-estrutura para implantação imediata de bitola larga e, em razão disso, projetaram-se inúmeros túneis e viadutos gigantes, tornando seu custo extremamente elevado. Devido ao excessivo ônus, o Ministério dos Transportes encomendou à Empresa de Assessoria e Planejamento (Asspan), um estudo sobre a viabilidade econômica da Ferrovias do Trigo. O resultado do trabalho sugeriu a impossibilidade da sua conclusão, ocorrida em 1988.

O efeito foi imediato. Em carta-circular aos empresários da região, o engenheiro-chefe do Distrito Ferroviário, com sede em Porto Alegre, comunicava o encerramento dos trabalhos na L-35, e das respectivas medições, para acerto final com as empreiteiras. Formou-se assim o consenso geral de que a *Ferrovias do Trigo* estava definitivamente sepultada.

Foi quando Salim Buaes empunhou a bandeira da missão quase impossível, qual era a de concluir a ferrovia Passo Fundo/Porto Alegre. Diretor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas da adolescente Universidade de Passo Fundo, Buaes assumiu o comando da ingente tarefa. Em seminário na universidade, com os participantes desesperançosos, foram criadas várias comissões de trabalho. As pesquisas ficaram por conta das faculdades de Economia e Agronomia.

Certa feita, estávamos em audiência com o ministro dos Transportes, Mário Andreazza, no Rio de Janeiro, quando Salim Buaes iniciou a exposição de nosso objetivo. O ministro atalhou, claro e incisivo: a prioridade do Ministério dos Transportes, no Rio Grande do Sul, era a barragem no Rio Taquari, tornando-o navegável do porto de Estrela até a capital e, em decorrência, até o porto de Rio Grande. Com as pesquisas em mão, Salim provou ao ministro que 52% da produção de grãos, no Estado do Rio Grande do Sul,

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

concentrava-se nas regiões do Planalto Médio e das Missões, na ponta norte da L-35, e que Porto Alegre restaria prejudicada sem esta ferrovia.

A etapa seguinte foi trazer para o campo de luta a imprensa e as lideranças do Estado, com toda a comunidade apoiando o projeto.

O sonho da *Ferrovia do Trigo* renasceu ao ser instalado, em Passo Fundo, o Pólo Petrolífero, que passou a distribuir produtos de petróleo para todo o Norte do Estado e Oeste catarinense, com uma enorme economia nos fretes.

E a L-35, hoje EF-491, desvincilhada da mentalidade estreita da administração estatal, veio a ser um dos maiores empreendimentos econômicos, oportunizando um desenvolvimento considerável para a toda a região. A participação do povo qualificou os argumentos de sua efetivação. No plenário da Assembleia Legislativa, o deputado Darcilo Giacomazzi pronunciou-se a respeito da L-35, aplaudindo as reportagens do jornalista Antonio Carlos Ribeiro, que demonstrou a viabilidade econômica da ferrovia, contestando o Ministério dos Transportes. O jornal *Correio do Povo* abraçou a causa com um trabalho magnífico, que fez despertar o governo federal e, especialmente, o Congresso Nacional, quanto à relevância do projeto.

Tais manifestações motivaram também o apoio de entidades representativas do município e de toda a região circunvizinha. Entre elas: a Universidade de Passo Fundo, a Prefeitura Municipal e outras de destacada atuação na vida política local e regional.

Entretanto, o impasse da ligação ferroviária com Passo Fundo permanecia, a despeito de o *Correio do Povo*, em várias edições do jornal, emitir comentários contundentes acerca da odisséia da ferrovia que não chegava ao fim.

Por sua vez, *O Nacional* e o *Diário da Manhã*, de Passo Fundo, hipotecaram solidariedade à causa, com manchetes favoráveis ao clamor do povo.

Finalmente, depois de quase meio século, a importante estrada tornou-se realidade. Sem sombra de dúvidas, um marco no desenvolvimento econômico de grande extensão do Rio Grande do Sul, que, por este feito, muito deve a Eurico Gaspar Dutra, Clovis Pestana, Ernesto Geisel, Dirceu Nogueira, Murilo Coutinho Annes, Salim Buaes e Mário Menegaz.

A inauguração aconteceu durante a administração municipal Wolmar Salton/ Firmino Duro, e possibilitou a Passo Fundo tornar-se um dos maiores centro agroindustrial e comercial do interior do Rio Grande do Sul.



Semeato S/A

Welci Nascimento ()*

*P*aolo Rossato (com 29 anos) e seus irmãos, unidos, em 1883, deixaram Maldagn, na província de Vecenza, com destino a “Campo dos Bugres”, hoje Caxias do Sul. Paolo viveu 92 anos, tendo falecido em 1946. Na década de 1930, seu neto Paulo Rossato veio residir em Passo Fundo, trazendo nas veias o espírito empreendedor de seu ancestral; estabeleceu-se em Passo Fundo e fundou a empresa de transporte Sulina; na década de 50, iniciou atividades lavoureiras, sendo um dos pioneiros na mecanização agrícola do município.

No início dos anos sessenta, despontava a cultura da soja em Passo Fundo. Era uma época em que o maquinário usado pelos agricultores era quase todo importado, pois não havia uma tecnologia própria para o cultivo do solo e a assistência técnica, por sua vez, era carente. Foi aí, então, que surgiu a Mecânica Agrícola Rossato Ltda. em Passo Fundo, com 68 metros quadrados de área construída, para suprir de peças os lavoureiros da região. Seu fundador foi Paulo Rossato, homem do campo, com profunda visão empresarial, que colocou como a finalidade da indústria atender às necessidades dos lavoureiros, adaptando e comercializando máquinas e implementos agrícolas, de acordo com as peculiaridades da região do planalto.

Não demorou muito e a indústria lançou no mercado uma semeadeira e uma adubadeira com tecnologia própria para o solo de Passo Fundo.

Corria o ano de 1982 quando a Mecânica Agrícola Rossato Ltda. mudou a razão social para Semeato S/A. – Indústria e Comércio e assume o controle acionário da Piratininga Implementos Agrícolas S/A, no município de Butiá (RS), a fim de garantir o fornecimento próprio e para terceiros, na fabricação de discos de aço para implementos agrícolas.

A Semeato expandiu-se até o estado de Minas Gerais, para consolidar o seu crescimento vertical e tornar-se auto-suficiente em sua matéria prima principal: o aço. Em face do seu crescimento, necessitou instalar uma divisão comercial, a qual se localizou na Av. Presidente Vargas, em Passo Fundo, onde concentra e coordena as áreas ligadas à comercialização em geral das empresas do grupo.

Além da matriz em Passo Fundo, começa a manter filiais de apoio à comercialização de peças localizadas em pontos estratégicos das regiões produtoras do Brasil, como em Ponta Grossa (PR), Dourados e Uberlândia (MG).

Nos anos 80, a Semeato aumentou seu potencial no desenvolvimento de máquinas e implementos com tecnologia avançada, proporcionando aos agricultores aumento de pro-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

atividade; tornou-se peça-chave na introdução e divulgação do plantio direto que promove a preservação do meio ambiente e tem se difundido em todo o mundo. A empresa é composta por oito fábricas que desenvolvem um processo de fabricação, promovendo a alta qualidade de seus produtos e serviços.

Em consequência do sucesso da tecnologia da Semeato no sistema de plantio direto, o Brasil e seus países vizinhos têm adotado este sistema. Atualmente, a empresa lidera a técnica do plantio direto no Brasil e na América do Sul e introduz o sistema em diversos países da Europa, conquistando, continuamente, o mercado dos cinco continentes.

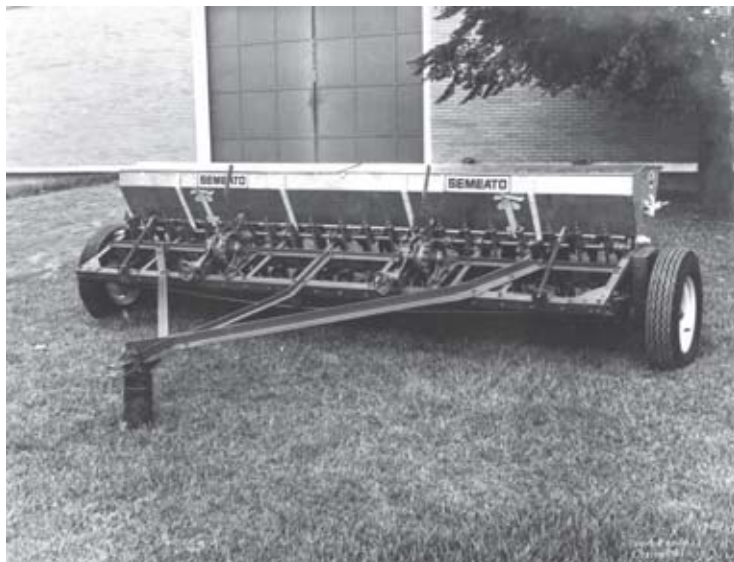
Preocupada com o caráter social e educacional, a Semeato criou a Escola Profissionalizante com capacidade para 40 alunos na faixa etária de 16 a 18 anos.

A Semeato é a maior fábrica de máquinas agrícolas e peças de reposição para o plantio direto, as quais têm auxiliado agricultores do mundo inteiro, oferecendo credibilidade e precisão. A maior preocupação foi sempre a qualidade de seus produtos. As fábricas produzem e comercializam produtos em quatro outros segmentos: discos agrícolas, peças de aço e fundidas, peças de ferro cinzento e ductil, produtos para cozinha e *camping*.

Nos anos 80, a Semeato concentrou seu potencial no desenvolvimento de máquinas e implementos agrícolas, proporcionando aos agricultores aumento de produtividade e confiabilidade.

O comando da Semeato S/A de Passo Fundo está sob a presidência do dr. Roberto Rossato, descendente de Paolo Rossato, um dos primeiros imigrantes italianos e desbravadores de Caxias do Sul. Além disso, a empresa trabalha junto aos agricultores, construindo relacionamentos. É uma aliança que fornece total compreensão das necessidades dos clientes. A sua expansão e os milhares de empregos diretos oferecidos faz com que a empresa mantenha um amplo programa de benefícios sociais para atender às necessidades básicas dos empregados, tais como assistência médica e farmacêutica, refeitório industrial, seguro de vida, creches, prêmio assiduidade etc.

Motivada pela crise porque passa o setor de agronegócio no Brasil, especialmente no Sul, a Semeato, nos anos 2005/2006, foi forçada a demitir mais de mil trabalhadores diretos. Hoje, emprega 1.500 trabalhadores diretos, embora persista a crise no setor.



Máquina produzida pela Semeato, Passo Fundo.

FOTO: GZAMANSKI

Teixeirinha

Paulo Monteiro (*)

Victor Matheus Teixeira, o Teixeira-
rinha, era filho de Saturnino Francisco
Teixeira e Ledurina Matheus Teixeira.
Nasceu “no interior de Santo Antônio
da Patrulha, em um lugar chamado
Fundo Quente (um vale fundo entre os
montes, conforme pesquisa do Padre
Antonio da Gruta), numa pontinha de
Mascarada, entre Varzedo e Boa Espe-
rança”, conta Israel Lopes, em *Teixeiri-
nha, o Gaúcho Coração do rio Grande*.
Hoje, o “lugar” pertence a Rolantes.
Com poucos meses de vida, a família
mudou-se para Padre Tomé, em Ta-
quara. Foi o primeiro filho do segundo
casamento de seu pai. Este faleceu de
ataque cardíaco em 1933, quando Victor
tinha seis anos. Sua mãe faleceu no dia
28 de maio de 1936, em consequência de
queimaduras. Aí começou sua peregrina-
ção. Morou com parentes até os 16
anos, quando foi trabalhar em granjas.
Aumentou a idade para 18 anos. Morou
e trabalhou numa pensão em Porto
Alegre. Nesse tempo, aprendeu a ler e
a escrever. Comprou um violão. Trabalhou como vendedor de doces, carregador de ma-
las, engraxate e carroceiro.

Teixeirinha estreou em rádio cantando sambas. Desiludido com a vida na capital vol-
tou para o interior. Trabalhou numa fazenda de arroz. Em 1949 ingressou como auxiliar



Monumento ao Teixeira, no centro de Passo
Fundo. Obra de Paulo Siqueira.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

de operador de máquinas no Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem – DAER. Continuou fazendo música e dupla com Pereirinha. Teve outros parceiros.

Passou a viver maritalmente com Maria Ezi Pereira, com quem teve um casal de filhos. Demitido do DAER, em 1955, perambulou pelo interior, como uma espécie de “músico mam-bembe”. Montou uma banca de tiro ao alvo na Avenida Brasil com 7 de Setembro, em Passo Fundo, e começou a apresentar-se no programa *Alô, Rio Grande*, da Rádio Passo Fundo. Casou com Zoraida Lima, em 1957, fixando residência em Soledade. No ano seguinte voltou a Passo Fundo, onde encontrava muito apoio, especialmente de Ivo Paim e Iray Paim Varella. Continuou viajando e passou a apresentar-se na Rádio Municipal.

Em 1959, graças ao apoio de seus amigos passo-fundenses, gravou um compacto simples (duas músicas). Estourou nas paradas. Em 1960, ao gravar *Gaúcho de Passo Fundo e Coração de Luto*, tornou-se celebridade. Mudou-se para Porto Alegre. Enriqueceu. Em 1962, em Bagé, iniciou sua dupla mais famosa, com uma acordeonista de 15 anos, Mary Teresinha Brum. Passou a viajar com ela, que era acompanhada pela avó, Alzira. Tornaram-se amantes. Tiveram filhos. Gravaram filmes juntos. Em 1980, separaram-se. Magoado, Teixeira atacou Mary em versos. Ela revidou com a autobiografia *A Gaita Nua*, expondo até a intimidade do casal.

Teixeirinha faleceu no dia 4 de dezembro de 1985, ao lado de Zoraida e dos filhos que teve com ela. Seu enterro foi um fenômeno de massas. Suas músicas continuam fazendo sucesso. Convertida ao cristianismo evangélico, Mary Terezinha, hoje, “canta para Jesus”.

O sucesso de Teixeira é simples. Suas letras têm princípio, meio e fim. Começa direto: “*Me perguntaram seu eu sou gaúcho*”, “*O maior golpe do mundo*”, “*Soledade, terra de gaúcho forte*”. Continua contando uma história. E termina direto, também. Segue a tradição dos poetas de cordel e dos cantadores de décimas, os nossos payadores. Todos continuam uma tradição milenar. Todos – Teixeira e seus modelos – falam direto à alma dos simples, para horror de alguns intelectuais e muitos intelectualóides. Infelizmente, filosofia é para poucos e Estética é para um número ainda menor de estudiosos.

Não há nada de misterioso na popularidade de Teixeira. Até o velho Aristóteles pode explicá-lo.



A mais recente biografia, escrita com a colaboração do autor do presente artigo.



Autobiografia de Mary Teresinha, onde revela sua convivência íntima com Teixeira.

Assistência Social Diocesana Leão XIII

Pablo Morenno ()*

“Eles assim fizeram e apanharam tão grande quantidade de peixes que as redes começaram a romper-se.” (Lc 5,6)

Para realizar o ágape, ou a caridade, ou qualquer trabalho de promoção humana, como já sabe o saber popular, há dois caminhos: dar o peixe ou ensinar a pescar.

Dar o peixe é sempre mais fácil e rápido, principalmente nos dias de hoje, em que o peixe está acessível em qualquer supermercado. Difícil é ensinar a pescar. É preciso saber de caniços, redes, iscas, tipos de águas, dias propícios, luas. E depois cansar-se com o peixe no mar ou no rio, limpar, lavar, e até zelar pelo meio ambiente.

A Assistência Social Leão XIII nasceu em 25 de março de 1960 distribuindo peixes. Naquele momento, ante a iminente necessidade, antes de conduzir as pessoas até o rio, era preciso alimentá-las primeiro. Foi com esse objetivo que dom Cláudio Colling reuniu um grupo de cristãos: distribuir alimentos vindos dos Estados Unidos.

Logo, porém, o grupo descobriu. O ágape, a caridade, gera dependência. Era preciso preparar as pessoas para seu próprio sustento. E isso foi muito rápido. Já em 1961, instalaram-se os primeiros cursos profissionalizantes da Leão XIII, como o de bordado industrial. Em 1962, veio o de funilaria, sapataria, corte e costura e marcenaria. Em 1963 e 1964: arte culinária, malharia, cabeleireiro e manicure.

Em 1965, o grupo de cristãos comprometidos já aprendera que, embora ensinar a pescar exigisse muito, a longo prazo, era o caminho mais eficaz. Desse modo, em 1965, além da destacada ajuda da Leão XIII às vítimas da enchente e da neve, surgiram os canteiros de uma horta comunitária.

Neve, enchente, anos de ditadura. O mar não estava para peixe. Os pescadores mestres começaram a passar por dificuldades. Para solucioná-las, em 1972, criou-se a Cáritas Diocesana que assumiu a direção e a organização.

Um dia, outro dia, os cristãos antenados vislubraram no mar do mundo cardumes apinhados de crianças e jovens sem assistência. Uma idéia nova: que tal um Centro de Juventude? A pergunta, rapidamente, transforma-se em resposta. Era 1974. Ao mesmo tempo, o trabalho com jovens e crianças, faz nascer outra idéia. Além dos cursos profissionalizantes, era preciso uma escola que preparasse os jovens para o mundo do trabalho e a industrialização crescente do Brasil. O projeto saiu da imaginação, foi para o papel, foi mostrado ao Misereor e ao governo alemão, teve o maior apoio. Os primeiros tijolos foram assentados em 1975 e, em 1977, o projeto havia virado construção.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Quem acha que no ensino da pesca pouco se aprende se engana. Os cristãos da Leão XIII, ensinando, mais aprenderam. Entre as lições, a descoberta: é preciso atender as crianças e adolescentes em suas vilas, plantar lá onde está a miséria e a pobreza uma semente de esperança. Foi o começo da descentralização da Leão XIII com a criação dos centros de juventude. Vieram como um cardume: Vila Victor Issler em 1976, Vila Bom Jesus em 1978 e bairro São Luiz Gonzaga em 1980.

A pesca foi aumentando. Pescadores aprendizes se transformaram em mestres.

Em 1981, surgiu o apadrinhamento de crianças no Brasil e na Alemanha, através da Kinderhilfe Passo Fundo e.V. Mais. Em 1981 e 1982 surgiram as creches Berço da Esperança na Vila Luiza e Rita Sirotsky na Vila Santa Maria. Em 1983/84, o Centro de Juventude da Vila Ipiranga e em 1986 o da José Alexandre Zacchia.

As parcerias continuaram. Era preciso pescar mais e melhor. Em 1987, assinou-se o convênio com a UPF/Faculdade de Medicina para atendimento ambulatorial. Em 1988, foi a vez da Faculdade de Odontologia entrar no projeto.

Em 1988, nasce a Escola Agrícola Santo Antão, hoje cedida para a Fazenda Esperança Feminina, que abriga e trata mulheres com dependência química.

Ao longo dos anos, muitas reformas no corpo e na alma da Leão XIII, sempre com o apoio da comunidade, dos padrinhos, com o auxílio da Kinderhilfe e da Paróquia St. Theresia da Alemanha.

No relatório de 2006, consta o total de formandos do ano no Centro de Educação Profissional, antiga Escola Profissionalizante: 1.041. O atendimento médico, de enfermagem e odontológico da instituição registrou em 2006 o número de 26.446 consultas. Nos centros de juventude e creches foram atendidos, no ano de 2006, 3.227 crianças, adolescentes e jovens.

A história da Assistência Social Diocesana Leão XIII mostra, ao longo de seu navegar em Passo Fundo, que dar o peixe é sempre muito mais fácil. Contudo, ensinar a pescar, embora mais difícil, demonstra um melhor e maior amor, muito mais eficaz. Jesus, que queria as crianças muito perto de si, e que chamou jovens pescadores a segui-lo, deve andar lá pelo céu com um largo sorriso.



Faculdade de Agronomia da UPF

João Carlos Sandri Pires ()*

A partir de junho de 1960 começaram a ser veiculadas notícias sobre a criação das faculdades de Agronomia, de Odontologia e de um Curso Superior de Agrimensura, pela SPU, a terem início em 1961. Assim, em junho e julho, na imprensa local, constam convites para reuniões objetivando a criação dos cursos de Agronomia e Agrimensura. Em consulta ao professor Luiz Eurico Spalding, um dos signatários dos convites, o mesmo esclareceu que, na realidade, eram dois os processos de criação, o de Agronomia e o de Agrimensura, sendo que em uma das reuniões decidiu-se pela fundação da Faculdade de Agronomia.

A fundação da Agronomia, segundo a ata original, ocorreu em dezenove de setembro de 1960, em reunião que contou com a participação de 17 técnicos em Agronomia e Medicina Veterinária presidida por Reissoly Santos. Na ocasião, escolheu-se a lista tríplice aos cargos de diretor e vice-diretor a ser enviada à Diretoria da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo. Os indicados ao cargo de diretor foram Flávio Coutinho Annes, Jesuíno D'Ávila e Heitor Menna Barreto; para vice-diretor os nomes foram os de Jesuíno D'Ávila, Flávio Coutinho Annes e Têlio Antinolfi. Posteriormente foram indicados pela Direção da SPU, como diretor Flávio Coutinho Annes e vice-diretor Jesuíno D'Ávila.

Em janeiro de 1961, o governador Leonel Brizola destinou CR\$ 50 milhões em apólices do governo do Estado à Faculdade de Agronomia; em 29/04/1961 foram abertas as inscrições ao vestibular que oferecia 25 vagas. Em 03/05/1961, em reunião da qual participou o presidente da SPU, César Santos, foi aprovado convite para que Leonel Brizola proferisse a aula inaugural e ao mesmo tempo recebesse o diploma "Honoris Causa" pelos serviços prestados à criação da Faculdade de Agronomia; em 24/05/1961 a SPU, pelo decreto federal nº 50.665 de 24/05/1961, recebe ordem do Ministério da Educação autorizando o funcionamento da Faculdade de Agronomia; o Ministério da Agricultura, por meio da Superintendência do Ensino de Agronomia e Veterinária, aprova os seguintes professores para comporem o corpo docente: Flávio Coutinho Annes, Francisco Finkelstein, Jesuíno D'Ávila, José Israel da Silveira, Ruy Schardong, Paulo Hélio Mayer, Ângelo Antonio Brito, Heitor Menna Barreto, Armênio Silveira da Fontoura, Carlos Alberto Burnett, Luiz Eurico Spalding, Ivar M. de Cesaro, Dirceu Vieira Torres, Ivo Nunes, Augusto Paiva Netto, Elcio V. Fernandes e José S. Reis.

Finalmente, em 26 de maio de 1961, com a aula inaugural proferida pelo governador Leonel Brizola, iniciaram-se as atividades da Faculdade de Agronomia.

(*) Eng. Agr. Ex-aluno da 1ª turma (1971) e ex-professor do Curso de Agronomia da FAMV/UPF.

Em 1963, a faculdade contava com três turmas que contabilizavam 86 alunos. Neste ano, desenrolou-se uma verdadeira guerra entre a Direção da SPU e alunos e professores que buscavam melhores condições de ensino para a faculdade de Agronomia. O ponto nevrálgico da questão foi à busca por esclarecimentos sobre o destino dado aos CR\$ 50 milhões concedidos por Leonel Brizola, para a infra-estrutura do curso. O movimento cresceu, teve apoio de outras faculdades, do setor estudantil secundarista e acabou desaguardando no campo da política partidária. Ao final do ano, por solicitação de professores e alunos, e após vitória realizada pelo Ministério da Agricultura, o curso teve suas atividades interrompidas e os alunos transferidos para cursos de Agronomia em Universidades Federais no Rio Grande do Sul. A maior parte para a UFRGS em Porto Alegre.

Em 1964, em consequência do fechamento da Faculdade de Agronomia e de outros fatores daí advindos, é solicitada intervenção. Determinada a intervenção é nomeado interventor Murilo Coutinho Annes.

Em 1965, num acerto entre o governo do Estado e o Ministério da Agricultura, a Faculdade de Agronomia, naquele momento sob a direção de Ângelo Antonio Brito, reabre com vestibular para 35 vagas. As aulas iniciam num galpão reformado, antiga marcenaria, no atual Campus Central. Com a grande nevada ocorrida em Passo Fundo em agosto de 1965, desaba o referido galpão e as aulas passam a ser ministradas no prédio da Av. Brasil, hoje Campus III da UPF. No final de 1965, o ministro da Educação, Tarso Dutra, destina CR\$ 200.000 para iniciar a construção do prédio da Faculdade de Agronomia, o que realmente ocorre a partir de 1966.

Repete-se a situação de 1963. Faltam as condições de ensino e em fins de 1966, novamente, o curso é fechado. Graças à intervenção de Rubens Maciel, conselheiro do Conselho Federal de Educação, são validados os estudos realizados em 1965 e 1966 e 64 alunos são transferidos para Universidades Federais no Rio Grande do Sul.

Embora sem atividades em 1967, a Faculdade de Agronomia tem revalidado o decreto 50.665, de 24 de maio 1961, que a criou, por meio do decreto 60.659, de 26 de abril de 1967, assinado pelo ministro da Educação, Tarso Dutra, e pelo presidente Arthur da Costa e Silva.

Assim, em 1968, volta a funcionar a Agronomia agora com 35 alunos e em prédio próprio, o primeiro construído no *Campus* universitário da UPF. Chegou-se a 1971, ano de graduação da primeira turma sem que o curso fosse reconhecido pelo Ministério da Educação. Assim, após quatro anos de reuniões, apelos e greve, os 38 alunos dando um crédito à Direção da Faculdade e à Reitoria da UPF, em 4 de dezembro de 1971, tendo como paraninfo o ministro da Agricultura Luiz Fernando Cirne Lima, recebem seus diplomas em branco, na solenidade de formatura. Finalmente em 2 de fevereiro de 1972, pelo decreto federal 70.097, assinado pelo presidente Emilio Garrastazu Médici, foi concedido o reconhecimento à Faculdade de Agronomia.



Faculdade de Odontologia da UPF

Rui Getúlio Soares (*)

A Universidade de Passo Fundo nasceu do esforço coletivo de diversos grupos e pessoas interessados na valorização e divulgação do conhecimento, da cultura e da formação de profissionais para a região de Passo Fundo. Tanto a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo como o Consórcio Universitário Católico, através de um grupo expressivo de profissionais renomados, na década de 1950, deram início às reuniões que resultariam na criação das faculdades. Num encontro da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo com César Santos, João Junqueira da Rocha, Jorge Edmar Cafruni, Ney Menna Barreto, Paulo Ferreira Leite, Paulo Giongo e Reissoly José dos Santos e, como convidado, o bispo diocesano dom Cláudio Colling, tornou-se evidente a necessidade de criação de cursos superiores em Passo Fundo. Foram definidos os critérios para a criação dos cursos que se julgava serem necessários na comunidade. Foi quando o cirurgião-dentista Paulo Ferreira Leite reivindicou a criação de uma faculdade de odontologia. A idéia germinou, sendo este designado como coordenador e responsável pela faculdade embrionária.

A primeira ata oficial de fundação da faculdade registra: “Aos vinte e oito dias do mês de dezembro de 1959, na sala de reuniões da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, às vinte horas e trinta minutos, por convocação do Doutor Mário Ascânio Frediani, teve lugar a reunião oficial com a finalidade de fundar a Faculdade de Odontologia de Passo Fundo. Estiveram presentes à referida reunião os professores Reissoly José dos Santos, e Mário Braga Júnior representando a Sociedade Pró-Universidade e os cirurgiões-dentistas Álvaro Vargas Junqueira da Rocha, Antônio Chaves de Oliveira, Aparício Garcia Dornelles, Bruno Edmundo Markus, Bruno Reynaldo Patussi, Castelar Martinez, Derly Socias Schlottfeldt, Joaquim Gomes, José Carlos Moraes, Lívio Arnaldo Miotto, Mário Ascânio Frediani, Milton Sperry Winckler, Raul Domingues, Richard Edward Tibbits, Roberto Sehn, Theobaldo Ângelo Locatelli, todos considerados fundadores oficiais da Faculdade de Odontologia da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo”.

Para a efetiva instalação da faculdade exigia-se um regimento, cuja elaboração ficou sob a responsabilidade dos professores Bruno Edmundo Markus, Mário Ascânio Frediani e Milton Sperry Winckler, tendo sido aprovado pela congregação em 28 de janeiro de 1960. Assim, a Faculdade de Odontologia pouco a pouco delineava sua estrutura e organização acadêmica conforme os padrões adotados pela Sociedade Pró-Universidade.

O decreto 50.579, de 12 de maio de 1961, autorizou o funcionamento da Faculdade de Odontologia de Passo Fundo, porém a inexistência de um prédio adequado para o

(*) Reitor da Universidade de Passo Fundo, gestão 2006-2010.

funcionamento da faculdade passou a ser a grande preocupação. Para tanto, foram adaptadas algumas dependências no Centro de Saúde, cedidas pela Secretaria dos Negócios da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, outras no sub-solo do Hospital César Santos, então denominado “Hospital Universitário” e, ainda, algumas na Avenida Brasil, 743, atual Campus III. Apesar das adequações, o deslocamento constante de um espaço físico a outro, distantes entre si, dificultava o desempenho das atividades didáticas.

De qualquer forma, a idéia tornara-se realidade e o primeiro concurso vestibular ocorreu no período de 25 a 31 de maio de 1961, oferecendo 28 vagas, das quais foram preenchidas 16.

O professor César Santos proferiu a aula inaugural no dia 5 de junho de 1961, oportunidade em que estavam presentes os alunos recém-aprovados no vestibular para o curso de Odontologia e todos os alunos dos cursos mantidos pela Sociedade Pró-Universidade. Compareceram como convidados especiais o prefeito municipal, o representante da Câmara de Vereadores, deputados, altas autoridades federais e estaduais e pessoas representativas da comunidade passo-fundense.

Atualmente, nos mais de seis mil metros quadrados de área física da Faculdade de Odontologia também estão instaladas, para atendimento aos pacientes, quatro clínicas, com 126 equipamentos de atendimento odontológico, quatro ambulatórios intramuros e três extramuros, clínica do bebê, centro de esterelização, centro de radiologia, centro cirúrgico, centro de pós-graduação, laboratório de informática, auditório para demonstrações, auditório central e sala de atendimentos especiais com microscópio operatório.

O corpo docente está composto por 81,4 % de mestres e doutores, que preparam 485 alunos matriculados. Com instalações das mais modernas do Brasil e da América Latina, a Faculdade de Odontologia da Universidade de Passo Fundo dispõe de equipamentos de alta tecnologia para atender as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em quatro décadas de história, mais de mil e seiscentos profissionais foram preparados para contribuir para a melhoria da qualidade de vida da região de Passo Fundo e o Sul do Brasil.



Primeira localização das faculdades de Odontologia e Direito, década de 1960.



Prédio atual da Faculdade de Direito.

Vitória passo-fundense nas Mil Milhas Brasileiras

Marco Antonio Damian (*)

Desde a primeira edição das Mil Milhas, em 1956, que pilotos passo-fundenses se fazem presentes. Orlado Menegaz, Ítalo Bertão, Alcídio Schroeder, Aido Finardi, Daniel Winick, Silvan Bernardon, Rui Menegaz e mais recentemente Nino, Joacir e Edemar Stédile, Hugo Vargas Filho, Marcelo Vargas, Cláudio Ricci, Guilherme Augustin e outros, são nomes que já cintilaram na mais tradicional prova do automobilismo brasileiro. O grande Orlando Menegaz ao lado de Aristides Bertuol, de Bento Gonçalves, haviam alcançado a glória máxima, em 1957.

Porém, em 1961, a sexta edição, uma equipe genuinamente passo-fundense rumou a São Paulo. A carreteira Chevrolet nº 9, motor Corvete, embarcou num avião da Cia. Aérea Savag, junto com os pilotos Orlando Menegaz e Ítalo Bertão. A equipe de apoio seguiu via terrestre. O chefe de box era Daniel Winick junto com Ruy Barbisan, um fenomenal esportista desta terra. Ambos realizaram vários estudos das médias de velocidade das edições anteriores da corrida e concluíram que andando um pouco acima da média nossos intrépidos pilotos chegariam entre os primeiros colocados.

Foram três dias sem descanso. Winick comandava os mecânicos Oribes Marques e Gervásio Ronchi, estes auxiliados pelos também pilotos Sinval Bernardon e Aido Finardi. Numa barraca próxima ao box, Setembrino R. da Silva (assim, apenas com o R. ele gostava de ser chamado) comandava os churrasqueiros “Cabo Velho” e “Ferro Velho Tróglio”. Eles alimentavam a equipe ao mesmo tempo em que espantavam os mosquitos com uma espessa nuvem de fumaça. O velho Czamanski, atento, com sua máquina Rolleiflex, registrava fotograficamente aqueles momentos inesquecíveis.

O *grid* de largada era composto por 44 carros. Em sua maioria, modernos FNM/JK, DKW e Simca. Em menor número das carreteras, consideradas ultrapassadas pela imprensa especializada. A nº 9 estava colocada na 11ª posição na largada estilo Le Mans. Os carros em sentido oblíquo e os pilotos em pé no outro lado da pista. Dada a ordem de partida os pilotos correram até seus carros e saíram freneticamente rasgando a pista. Era exatamente meia-noite.

O arrojado Orlando Menegaz conduziu brilhantemente na primeira parte da prova e ao chegar ao box para a troca de piloto estava na quinta colocação. Com habilidade Bertão, devolveu o carro a Menegaz duas horas depois, em terceiro lugar. Ao amanhecer Menegaz travava um duelo de tirar o fôlego com o FMN/JK do lendário Chico Landi.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Os dois entravam e saíam das retas lado a lado, brigando pela segunda posição e fazendo o imenso público delirar. No box passo-fundense a tensão aumentava. Entre pedaços de costela assada, Barbisan confirmava a excelente média de velocidade dos pilotos. Dona Maria Bertão, esposa de Ítalo, sentada sobre um tonel, passada a noite toda anotando nas planilhas, volta a volta. Sono e cansaço nem pensar. Na pista Menegaz deixara Landi para trás, entregando a nº 9 a Bertão para concluir a prova.



FOTO: CZAMANSKI

A famosa carreteira nº 9, fotografada em 19/03/1961.

Outro espetacular confronto então aconteceu. Bertão contra o paulista Camilo Cristóforo, que conduzia a carreteira nº 4. Na Curva Um os dois mergulharam lado a lado. Assim, todos os olhares tensos e atentos se voltaram para a reta dos boxes. Para felicidade dos gaúchos, Bertão apontou na frente de Cristóforo, chegando ao limite inacreditável de 215 km/h no final da reta.

Nas dez últimas voltas Bertão, que se livrara de Cristóforo, administrava a corrida na primeira colocação. Mas ao passar pelo box Winick deu-lhe um sinal de alerta. Christian Heins, companheiro de Chico Landi se aproximava perigosamente. O ambiente que era tranquilo ficou carregado. Orlando Menegaz, com seu forte temperamento, típico italiano, esbravejava e soltava palavrões para todos os lados. Rigorosamente ninguém imaginava que pudesse perder uma prova praticamente ganha, mas o perigo de perdê-la começava a assombrar. Bertão, que naquelas alturas poupava o motor com medo que ele quebrasse, voltou a pisar fundo. Passou então a ter dificuldades em ultrapassar os retardatários, a maioria paulistas, que *trabalhavam* pela vitória da dupla de conterrâneos Landi/Heins. As últimas voltas no circuito de Interlagos foram de arrepiar. Bertão pisando fundo, fazendo manobras radicais e Heins cada vez mais ao seu encaço. Heroicamente, Bertão recebeu a bandeirada final a parcos 12 segundos de Christian Heins. Era a vitória de Passo Fundo em Interlagos, vitória de um grupo de heróis, que trouxe para os rincões do Rio Grande do Sul mais uma vitória sobre os paulistas, numa acirrada rivalidade que perdura até hoje no automobilismo brasileiro.

O box passo-fundense explodiu de alegria. O sacrifício fora recompensado. A festa da vitória foi indescritível e a cidade se enfeitou para receber seus insuperáveis pilotos e equipe. Mesmo as extraordinárias vitórias obtidas por algumas gerações de pilotos no automobilismo, nenhuma foi tão consagradora, tão bela e significativa, quando esta mas Mil Milhas de 1961.



7º Núcleo do CPERS

Selma Costamilan (*)

Há 62 anos, o CPERS/Sindicato, tem sido a instituição que veementemente defende a educação pública de qualidade através da luta pela valorização profissional e a exigência de verbas para a educação, fazendo do nosso Estado destaque nas avaliações da UNESCO como Estado de melhor índice de qualidade de ensino.

Essa luta se estende por todo o Estado com a organização dos 42 núcleos da entidade. Em Passo Fundo, a organização do CPERS deu-se em 1962, tendo a frente a destacada professora Olga Durgante Poletto, que coordenava um trabalho de conscientização da classe em relação aos seus direitos, em especial, neste período, ao professor que atuava em escola de difícil acesso. Lutou pela regulamentação e efetivação de professores contratados que atuavam sem direitos e à margem da justiça.

Continuou o trabalho a educadora Santina Rodrigues Dal Paz que atuava como coordenadora dos interesses da categoria na 7ª região, organizando a filiação de associados e exigindo um local próprio para o atendimento das questões funcionais e educacionais da categoria, trabalho que possibilitou, em 1974, a criação do 7º Núcleo do CPERS, com sede em Passo Fundo. Em 14 de setembro do mesmo ano foi realizada a eleição em lista tríplice da primeira diretora do 7º Núcleo. Por unanimidade foi eleita a professora Santina Rodrigues dal Paz para o período 1974 a 1981. Suas ações se intensificaram na organização e na estruturação do núcleo que funcionava na Avenida Brasil, já com 466 associados. Iniciou-se a discussão com a categoria sobre o Plano de Carreira do Magistério Público Estadual. Durante essa gestão, organizou-se a primeira greve (de 53 dias) da categoria, deflagrada em 07/04/79. A categoria com sua força conseguiu nomeação de 20 mil concursados e 70% de aumento parcelados.

A sucessora foi a professora Helena Andreis Lorenzato – gestão 1982-1984, a qual no primeiro ano de mandato deflagrou nova greve. A categoria exigia o cumprimento do acordo de greve de 1980 e reagia contra a tentativa de intervenção no CPERS pelo governador Amaral de Souza, que diante da mobilização dos educadores retrocedeu na sua ação.

Em 08 de outubro de 1983, a partir dos esforços da Direção, a professora Helena inaugurava a atual sede própria do 7º Núcleo, situado à Rua Antônio Araújo, no 253.

O sucessor foi o professor Lorivan Ficher Figueiredo, eleito para a gestão 1984-1987. Em 1985, teve 60 dias de greve, reivindicando: a) 2,5 salários mínimos escalonados; b) 13º salário; c) 35% da receita de impostos para a educação, com pelo menos 10% para o pla-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

no trimestral de conservação e construção de escolas; d) eleições de diretores de escolas (lista tríplice);

Em 1987, no maior período de enfrentamento da categoria, foram 96 dias de greve que possibilitaram: a) garantia do Plano de Carreira; b) não discriminação dos aposentados; c) garantia de emprego aos contratados.

O professor Ernane Carlassara de Oliveira é o sucessor eleito, o que administrou o Núcleo por duas gestões: 1987-1990 e 1990-1993. Neste período ocorreram quatro períodos de greve. Em 1988 foram nove dias que garantiram: a) unidocência; b) cronograma de regularização das promoções; c) redução do período de reajustes da trimestralidade para bimestralidade. Em 1989, foram 42 dias de greve. Conquistas: a) publicação e pagamentos das alterações de níveis; b) nomeação de três mil professores. Em 1990, foram 58 dias de greve. Conquistas: a) recomposição da pirâmide do Quadro de Carreira para garantir as promoções; b) elaboração do anteprojeto de lei para eleições de diretores e conselhos escolares. Em 1991, foram 74 dias de greve. Conquistas: a) 191,61% de reajuste salarial parcelado; b) retirada da proposta de abono; c) ano letivo não começou conforme proposta do governo; d) mobilização da comunidade em defesa do ensino.

A sucessão ocorreu com a eleição de Meibe Ribeiro, gestão 1993-1996, momento de forte reorganização do CPERS.

Já a professora Salete Possan Nunes, dirigiu de 1996 a 2004. Intensificou-se a visita às escolas de todo o núcleo, resgatando a necessidade dos representantes de escolas e os representantes municipais para o fortalecimento e organização dos trabalhadores em educação. Aconteceu uma forte campanha de discussão e elaboração de proposta sugestão do Plano de Carreira dos Funcionários de Escola.

Em 1997, houve 14 dias de greve. Foi a retomada das greves do magistério com ampla participação da base da categoria e com apoio da comunidade.

Em 2000 ocorreram 32 dias de greve. Conquistas: a) 14,9% de reajuste parcelado; b) reajuste de 20% no vale-refeição; c) fim da sobreposição dos níveis.

Em 2004 aconteceram 29 dias de greve. Conquistas: a) garantia do IPE público; b) garantia da condição de dependência para cônjuges ou companheiros.

A sucessora foi Terezinha Bullé da Silva para a gestão 2004-2007. Terezinha dirigiu a forte greve de 2006, foram 37 dias marcados de surpresa pela grande adesão da categoria. Conquistas: a) reajuste de 8,57% parcelado em cinco vezes; b) promoção de professores referentes a 2001 e compromisso de garantir a promoção dos funcionários de escola de 1999; c) atualização do repasse para as escolas; d) suspensão dos contratos de gestão e do processo de municipalização.

O CPERS/Sindicato tem uma história de luta que não se resume em questões salariais, as reivindicações sempre tiveram como pano de fundo a melhoria da qualidade do ensino, a história da educação gaúcha que se destaca devido à consciência dos educadores que sabem que nada se conquista sem organização e sem luta.



Instituto Estadual Cecy Leite Costa

Santina Rodrigues Dal Paz ()*

Em 29 de março de 1963, o Círculo de Pais e Mestres do Grupo Escolar Jerônimo Coelho reuniu-se para formar a Comissão Pró-Criação de um Ginásio no bairro Exposição (São Cristóvão) que ficou assim constituída: Zélia Colossi, diretora do Jerônimo Coelho e as diretoras, Delcy S. Oliveira, do G. Alberto Pasqualini e Ady Peres Melgaré, do G. Salomão Iochpe; Irany Santos Pereira; Francisco Werney; padre Paulo Augusto Farina, diretor da Casa Lar da Menina; tenente Irineu Queiroz Neto; cel. Octacílio de Moura Escobar, da Brigada Militar. A Comissão recebeu a adesão da Brigada Militar, das indústrias do bairro, na pessoa de Zeferino Demétrio Costi; Camilo Ribeiro; Eronilde Ribeiro; Vitor Hugo Lacerda, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e também a adesão da Câmara de Vereadores e da Prefeitura Municipal.

A base estava lançada. Faltava aprovar o convite à professora Santina Rodrigues Dal Paz, para a Direção do referido ginásio. O convite veio assinado pela delegada de Ensino, Olga Caetano Dias; dom Cláudio Colling, bispo Diocesano; diretora da EENAV, Therezinha de Jesus Langone; Mário Goelzer e Fredolin Paim, representantes da comunidade.

Santina Dal Paz, em 19 de abril de 1965, imediatamente, iniciou as inscrições para os Exames de Admissão ao Ginásio, a formação de seu Corpo Docente e funcionários. Na época, contava a diretora com os professores Arno Otto Kiehl e Iracy Palma Azevedo e a funcionária Hermínia Pereira.

Para realizar seus estudos no Ginásio Estadual Orientado Para o Trabalho (GOT), inscreveram-se 220 alunos e foram aprovados 107, formando três turmas. O Exame de Admissão foi realizado graças à colaboração da diretora do Ginásio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, que convocou seu Corpo Docente para aplicar e corrigir as provas, visto que Santina pertencia a esta escola onde funcionava também a Escola Normal Oswaldo Cruz – ENOC.

Em maio de 1965 a Direção deu início às atividades escolares no Grupo Escolar Salomão Iochpe, que serviu de berço para a nova entidade escolar com 9 professores. Lá permaneceu até 1966 quando a primeira ala do GOT ficou pronta, na Avenida Presidente Vargas. Terreno este, doado pelo prefeito, na época, dr. Benoni Rosado, em 8 de abril de 1963.

Quando da instalação do governo do Estado do Rio Grande do Sul, na nossa cidade, em 25 de janeiro de 1964, o governador-engenheiro Ildo Meneghetti, autorizou a constru-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

ção do tão desejado Ginásio (GOT). Projeto já em andamento desde 1963. E no momento em que o governador esteve na comunidade, tendo como prefeito municipal Mário Menegaz, externou o desejo de que o ginásio levasse o nome de Dona Cecy Leite Costa. Nesse seu gesto nobre homenageava o esposo de dona Cecy, o gaúcho Adroaldo Mesquita da Costa que ocupava o cargo de consultor geral da República, homem que prestou relevantes serviços ao Rio Grande do Sul e ao Brasil.

O nome de Cecy foi aprovado pela Direção e o Corpo Docente, pois, embora não fosse passo-fundense, viveu parte de sua vida em Passo Fundo, participando de atividades culturais. Aqui passava as férias com suas irmãs Geny Leite Quadros, esposa de Alvaro Quadros e Jovina Leite Vergueiro, esposa de Nicolau de Araújo Vergueiro, também reconhecida pelos seus dotes culturais, suas qualidades morais e religiosas.

Esta escola recebeu várias denominações: Ginásio Estadual Orientado Para o Trabalho (GOT); Escola Estadual Vocacional Cecy Leite Costa; Ginásio Estadual Cecy Leite Costa; Colégio Estadual de 2º Grau Cecy Leite Costa. Em 13 de outubro de 2000, passou a denominar-se "Instituto Estadual Cecy Leite Costa". Ao longo destes anos foram criados vários cursos para atender às solicitações da juventude passo-fundense.

Os diretores desta escola: Santina Rodrigues Dal Paz, Arno Otto Kiehl, Maria Helena F. D'Agostin, Isac Baril, Geraldo F. Hallwass, Marilena Palma de Souza, Rejane Bernardon Reveilleau, Tadeu Clair Fagundes de Souza, Paulo Roberto Grunewald, Dorival José Zonta, Aldenes Ramires Rocha, Teresinha Izolani Pan, Ademir Inácio Rodighero. Seu privilegiado corpo docente e dedicados funcionários nunca mediram esforços para dar a melhor educação possível a milhares de alunos.



Bloco do Colégio Cecy, já em funcionamento. Entrada de alunos,



Primeira formatura no Cecy Leite Costa, 1966. Parainfo dr. Adroaldo Mesquita da Costa. Clube Comercial. 1) Profª. Olga Caetano Dias - delegada do Ensino; 2) profª. Santina R. Dal Paz - diretora da Escola; 3) profª. Maria Dias da Costa - filha de Cecy Leite Costa; 4) dr. Adroaldo Mesquita da Costa - esposo de Cecy Leite Costa; 5) sr. Mário Menegaz - prefeito de Passo Fundo; 6) dr. Lauro Guimarães - promotor público de Passo Fundo.

A tragédia do vôo 280

Marco Antonio Damian (*)

ErEram aproximadamente 17:25 horas de uma segunda-feira, dia 1º de julho de 1963. O avião Douglas DC-3, prefixo PP-VBV 280, da Varig, saíra de Porto Alegre com destino final a Erechim e naquele horário decolava do aeroporto de Carazinho, sua primeira escala. A segunda seria em Passo Fundo. Ao decolar, o telegrafista de bordo Ari Santos se comunicou com o aeroporto Lauro Körtz, solicitando as condições meteorológicas. A resposta foi contundente e nervosa: “Peço para apressarem-se, pois um forte nevoeiro se aproxima pelo setor sul”. O aeroporto de Passo Fundo, em que pese às circunstâncias desfavoráveis do tempo, naquele momento, oferecia condições para pouso.

Pouco mais de 30 minutos depois, naquela tarde fria de inverno, os passo-fundenses deixavam seus trabalhos apressados, encaminhando-se às suas casas. Repentinamente, surpreenderam-se com o enorme avião que parecia perder altitude. Voava rasante, atravessando denso nevoeiro. Maior surpresa tiveram os funcionários da Olaria São João, localizada no então distrito de São João da Bela Vista. O enorme avião passou a poucos metros de suas cabeças e próximo ao mato ali existente espatifou-se contra um pé de sapopema. O estrondo foi ensurdecedor. O Douglas DC-3, foi abrindo uma clareira no pequeno mato e as chamas clarearam a noite que se previa gelada.

Quem chegou primeiro ao local foram os empregados da Olaria São João, Nicanor Vihnsti, Miguel Rodrigues e Nicanor Lima de Carvalho. Assustados, assistiram à cena mais estarrecedora de suas vidas. O avião em destroços, corpos parcialmente mutilados que jaziam ao solo e alguns sobreviventes se arrastando para longe do avião que jorrava combustível. Imediatamente, as primeiras testemunhas do insólito acidente procuraram ajudar os poucos sobreviventes da tragédia. Eles eram cinco. Duas mulheres e três homens. Uma delas, depois reconhecida como Virginia Lima pôs-se a rezar, ajoelhada próximo ao avião. Em poucos minutos sua voz foi enfraquecendo e ela ainda teve tempo de olhar para o céu cinzento, quase escuro, e tombar sem vida. Outro sobrevivente, José Aramis Rodrigues, também rezava e assim o fez até chegar ao Hospital São Vicente de Paulo. Em menos de 20 minutos começaram a chegar os socorros. O sargento Vitalino, da Brigada Militar, inicialmente comandou as operações ao lado de outros policiais militares, policiais civis, bombeiros, policiais rodoviários, militares do exército e até escoteiros, todos chamados ao local para apagarem o fogo, socorrerem os sobreviventes, resgatarem os corpos e também para evitarem saques ao avião. Vários médicos entre eles Sabino Frias, foram prestar socorro no local. O fato sinistro e sanguinário consternou fas-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

cínio à população. Milhares de pessoas acorreram ao local. Mais de 800 veículos ficaram estacionados ao longo da rodovia. Pessoas perdidas na escuridão, algumas caminharam mais de cinco quilômetros, com frio intenso, para chegarem ao local. Era um acontecimento único.

A tripulação era composta por quatro pessoas, todas mortas no momento do acidente. O comandante se chamava Magnus Bacheuser, que momentos antes da queda foi arremessado para fora da aeronave. Com profundo corte no crânio, foi encontrado a uns 20 metros do local. Os demais eram: o co-piloto José Luis de Moraes Azevedo, o telegrafista Ari dos Santos e o comissário de bordo, Milton Galvão Balaro. Entre os nove passageiros do avião sete morreram no local ou no hospital. Os dois que sobreviveram foram: José Aramis Rodrigues e Celanira Nunes, irmã da outra passageira Virginia Lima. Os mortos eram: Paulo da Silveira

Fernandes, engenheiro agrônomo, funcionário da Secretaria Estadual de Agricultura e professor da Faculdade de Agronomia de Passo Fundo. Morava em Porto Alegre, mas havia residido nesta cidade e era casado com Déa Rache Fernandes, de tradicional família passo-fundense; dom Luiz Felipe de Nadal, bispo da Diocese de Uruguaiana, vinha a Passo Fundo para participar de um encontro religioso da Congregação Marista; Marialvo Bonassina, era funcionário da CEEE e poucos dias antes regressara de Paris, onde havia feito curso de aperfeiçoamento. Vinha a Passo Fundo ministrar curso de eletrotécnica para os funcionários da empresa. Delmar Luiz Rigoni era aluno da Faculdade de Direito de Passo Fundo, na época com frequência livre. Vinha prestar provas, pois se formaria no final daquele ano. Nelson João Panizzotto, de Porto Alegre, era viajante comercial do Laboratório E. R. Squibb. Virginia Lima, também de Porto Alegre, viera com a irmã Celanira visitar outra irmã que estava enferma e Amílcar Morganti, residia em Erechim e regressava de Porto Alegre, a sua cidade.

As causas do acidente do vôo 280 da Varig foram investigadas e analisadas pela Comissão de Acidentes, ligada à Comissão Permanente de Estudos Técnicos da Aviação Civil. Após alguns meses de investigação, chegaram à conclusão de que poderia ter sido falha humana, em razão do tempo desfavorável. Poderia o comandante ter se comunicado com o aeroporto e seguido viagem até encontrar condições mais favoráveis para o pouso, em outra cidade e região. Passaram 44 anos deste acontecimento e felizmente nunca mais ocorreu tragédia dessa natureza em nossa cidade.



O Nacional, 02 de julho de 1963.

FOTO: ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL

Luis Carlos Prestes: a derrota do *Cavaleiro da Esperança*

Argeu Santarém (*)

Líder da famosa Coluna Prestes em 1926 e da chamada Intentona Comunista de 1935, já à frente da Aliança Nacional Libertadora, senador eleito em 1946, Luiz Carlos Prestes, o lendário *Cavaleiro da Esperança* foi expurgado do Exército quando era capitão da força e passou grande parte de sua vida preso ou exilado.

No conturbado ano de 1963, então secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Prestes anunciou comício em Passo Fundo.

O *Partidão*, assim era chamado o Partido Comunista Brasileiro, ainda era clandestino. Prestes, depois de cassado em 1948, viveu exilado na União Soviética e só reapareceu com a ascensão de João Goulart em 1961. Com sua ordem de prisão revogada pelo Supremo Tribunal Federal, mas com o PCB clandestino, Prestes se jogou na campanha política que indicaria governadores, deputados, senadores e prefeitos, apoiando candidatos comprometidos com o nacionalismo, principalmente com o PTB de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e noutros Estados com grande influência da esquerda nacionalista.

Recém-saído de outra clandestinidade, o líder comunista enfrentava toda a sorte de pressões do macarthismo que grassava pelo mundo inteiro. Sua visita a Passo Fundo provaria essa intolerância. Seus correligionários escolheram o largo fronteiro ao Altar da Pátria (esquina da Avenida Brasil com a General Netto), local tradicional de todos os eventos políticos à época.

Com os protestos de fanáticos anticomunistas do recém-criado MTR e dos partidos conservadores PSD e UDN, – que no município apoiavam Mário Menegaz para prefeito e Ildo Meneghetti para governador – de padres, irmãos maristas e entidades pias, o ambiente de preocupação e intransigência foi exacerbado pelos grupos de cavalarianos da Brigada Militar, sob o comando do coronel Jofre Tomatis, confundindo segurança com constrangimento.

A Rádio Passo Fundo, a única na cidade, então dirigida por Gildo Alves Flores, teve suas transmissões interrompidas quando Prestes ia iniciar seu pronunciamento. A linha do transmissor foi cortada por anti-prestistas e turbas armadas com paus e ferros espalharam os expectadores. Os padres – o bispo era o polêmico Cláudio Colling – tiveram ativa participação, e no momento em que foi anunciada a palavra do líder comunista os sinos dobraram afinados e centenas de foguetes e rojões foram lançados contra o palanque dos

(*) Jornalista e escritor.

Avanços da ortopedia e traumatologia

Osvandre Lech (*)

Seis diferentes fases sumarizam o contínuo avanço e progresso na área de ortopedia e traumatologia da cidade de Passo Fundo.

Os cirurgiões Gerais – O cirurgião geral era o responsável pelo atendimento dos *quebrados e cortados*, embora os *justa ossi*, massagistas que *colocavam o nervo no lugar* (Alceu Laus era o ícone da classe), eram muito procurados. Sabino Arias, Sérgio Lângaro, Paulo Fragomeni, Elton Ventura e Alberto Lago, que foi se especializar na Argentina e Itália e possuía uma extensa biblioteca ortopédica, são os principais destaques.

Isaac Matone, o primeiro especialista – Em 1963, no momento de maior expansão da comunidade judaica na cidade, Matone foi um dos primeiros *especialistas*, depois de treinar na USP (1959) e na Santa Casa (1960) de São Paulo. Ele logo entendeu o custo do pioneirismo na provinciana Passo Fundo, pois teve muitos problemas ao tentar implantar a nova especialidade. Sua primeira cirurgia foi uma transferência tendínea para tratar pé paralisado pela poliomielite (paralisia infantil), muito comum na época. Já tratava fraturas com placa e parafusos e operava hérnias de disco lombar. Decidiu retornar a São Paulo em 1970 e mantém-se ativo até os dias atuais.

Dois consultórios com os mesmos ideais – Os fronteirizos Gaston Endres e Carlos Leal fundam o Pronto Socorro de Fraturas (PSF) em 1970 e se tornam professores da Faculdade de Medicina em 1971. Em seguida, o passo-fundense Orley Tisot integra o grupo. Em 1976, depois de curta associação ao Pronto Socorro, Paulo Bertol funda em parceria com José Gouveia o Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT). Os dois consultórios lutam pelos mesmos ideais – atendimento qualificado baseado em crescimento científico. Nessa fase, a cidade se transforma no centro ortopédico de todo o noroeste do gaúcho e oeste catarinense.

Dois residências médicas – Como a polaridade estava estabelecida, o início da residência médica ocorreu também nos dois serviços, sob a coordenação do Hospital-Escola São Vicente de Paulo, com credenciamento do MEC e da SBOT. O PSF iniciou em 1979 com Mauro Mielauskas e Paulo Fernandez. O IOT inicia em 1980 com Osvandre Lech. Ambos os serviços formaram dezenas de profissionais altamente qualificados, a quase totalidade aprovada no rígido exame para obtenção ao título de especialista em Ortopedia e Traumatologia da SBOT, que trabalham em diversos Estados brasileiros. O ex-residente Ingo Schneider (IOT 1982-83) implantou residência médica em Joinville (SC), difundindo assim os conceitos aqui aprendidos. No início dos anos 80, de forma pioneira em

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

todo o país, o IOT estabelece a rotina de atendimento por especialidade na busca da melhor qualidade de atendimento. A ortopedia passo-fundense possui rápido crescimento, pois é capaz de resolver 100% dos casos complexos e desenvolver grande produção científica (pesquisa básica, conferências, artigos científicos e livros publicados no país e exterior, pós-graduação, treinamentos em renomados centros internacionais, desenvolvimento de próteses de quadril, fixadores externos para fraturas do punho, pioneirismo nacional em banco de ossos e transplante de menisco, centro de reimplante micro-cirúrgico, jornadas e congressos médicos, liderança política em entidades ortopédicas etc.).



Doutor Alberto Lago e assistente realizando atendimento traumatológico de emergência no início dos anos 60.

Treinamento pós-residência médica – O destaque nacional e respeitabilidade da ortopedia na *cidade do interior* chamou a atenção de colegas interessados em especialização ortopédica, atividade até então realizada apenas em grandes centros. Em 1993, Narciso do Nascimento, de Natal (RN), desembarcou em Passo Fundo para treinar ombro e cotovelo. O ciclo nunca mais parou. Hoje, a ortopedia local treina especialistas nas áreas de coluna, quadril, joelho, ortopedia pediátrica, mão e microcirurgia, ombro e cotovelo.

As novas clínicas – O aumento do corpo clínico, funcionários, pacientes atendidos e operados foi determinante para que ambas as clínicas construíssem simultaneamente as suas novas unidades. Com características próprias voltadas às necessidades de cada serviço, o PSF (já inaugurado em abril) e o IOT (a ser inaugurado em setembro) passarão a oferecer a partir de 2007, ano dos 150 anos de Passo Fundo, maior conforto e praticidade ao paciente com necessidades de atendimento ao sistema músculo-esquelético.

Ortopedistas atuantes no município em 2007:

PSF – Orley Fauth Tisot, Renato Tadeu dos Santos, Rodrigo Arnold Tisot, Carlos Francisco M. de Oliveira, Carlos Roberto Vargas Leal, Francisco José dos Santos Neto, Gaston Endres, César A. de Quadros Martins, Alexandre Fróes Michelin, Airton Rodrigues, Milton Valdomiro Roos, Antero Camisa Júnior, Julio Paim Rigol, Michelle Zanferari (conforme *site* www.psf.med.br).

IOT – José Saggin, Osvandré Lech, Fernando Lauda, Tercildo Knop, André Kuhn, Luiz Henrique Silva, Antonio Severo, André Hübner, Jung Ho Kim, Érverton Lima, Luis Gustavo Calieron, Paulo Piluski, Osmar valadão Lopes Jr., Gustavo Robinson (conforme *site* www.iotrs.com.br). Celso Scorsatto, Luiz Fernando de Oliveira, João Saraiva, Tatiana Pitágoras, Sebastião Gomes Vidal F^o.

Passo Fundo, sede do governo estadual

Alberto Antonio Rebonatto ()*

O engenheiro Ildo Meneghetti foi um dos governadores que mais prestigiou Passo Fundo no exercício do poder. Só no seu segundo mandato, em pouco mais de 90 dias, esteve na cidade três vezes.

Uma visita foi de caráter festivo. Ocorreu em trinta e um de dezembro de 1963, por ocasião da posse do prefeito Mário Menegaz e do vice Adolpho João Floriani. Viajando em avião particular, compareceu à cerimônia, que aconteceu às 16 horas na Câmara Municipal, presidida pelo vereador Otacílio de Moura Escobar e regressou à capital.

A segunda visita foi de trabalho. Aconteceu em 25 de janeiro de 1964, quando transferiu a sede do governo para Passo Fundo, e, daqui, passou a administrar o Rio Grande. Não foi uma transferência simbólica. Instalou efetivamente o seu gabinete em nossa cidade e passou a despachar das dependências do Turis Hotel. Em sua companhia, vieram os secretários Adolfo Fetter, da Agricultura, Hélio Helbert, da Saúde, Almir Borges Fortes, da Energia e Comunicações e Ariosto Jaeger, da Educação, que chegou no dia seguinte. Integraram, ainda, a comitiva governamental, o engenheiro Elísio Telli, diretor geral do DAER, o coronel Orlando Pacheco, chefe da Casa Militar, o coronel Gonçálio Cúrio de Carvalho, assessor especial do governador, o doutor Ari Caldeira, assessor do gabinete da Secretaria de Administração e Planejamento, o doutor Hipólito Kuntz, superintendente do Ensino Médio da Secretaria de Educação e Cultura e o doutor Dolmy Antônio Tarrasconi, diretor geral da Secretaria de Administração.

As audiências e despachos com os prefeitos da região iniciaram às 15 horas do mesmo dia, logo após a instalação oficial. À noite, o governador foi homenageado por próceres do PSD com um jantar na casa de João Grazziotin, ocasião em que recebeu as boas vindas do prefeito Mário Menegaz.

O governo e sua comitiva permaneceram em Passo Fundo até o dia 28, quando foram homenageados com um banquete no restaurante do Turis Hotel. Em nome das classes econômicas, falou o doutor Augusto Trein. Representando os mais de 40 prefeitos presentes, discursou o senhor José Maria Vigo da Silveira, prefeito de Tapejara, e a moção de agradecimento, subscrita por todos os prefeitos, foi lida por Paulo Roberto Pires, secretário municipal de Passo Fundo.

A terceira visita foi ditada pela prudência. Aconteceu em primeiro de abril de 1964, e foi uma decorrência da grave crise institucional que se abateu sobre o país, que culminou com a destituição do presidente João Goulart, que havia sido empossado em 1961,

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

graças à “campanha da legalidade”, liderada pelo então governador do Rio Grande do Sul, doutor Leonel Brizola. Os acontecimentos se precipitaram depois do comício de 13 de março, promovido pelo Comando Geral dos Trabalhadores, no Rio de Janeiro, e que contou com a presença de mais de 150 mil pessoas, ocasião em que foi apregoada nova ordem política e social para o país, com a implantação das “reformas de base”. O movimento revolucionário eclodiu em 31 de março.

O Rio Grande do Sul já vivia um clima de inquietação. O anúncio da revolução dividiu o Estado entre favoráveis e contrários ao governo central. Até o 3º Exército, aparentemente, não estava coeso; enquanto o comandante, general Ladário Telles, se manifestava pró-governo, diversos generais assumiram publicamente que apoiavam o grupo revolucionário, juntamente com as tropas por eles comandadas. O indicativo de luta armada era muito forte. Ildo Meneghetti era frontalmente contra o governo de Jango. Ante as circunstâncias, sem conhecer o posicionamento real das Forças Armadas no Estado e, com a certeza de que uma das primeiras tentativas de ataque, se houvesse, seria à capital, o governador tratou de salvaguardar a autoridade do seu posto, e procurou refúgio em Passo Fundo, onde se sentia mais seguro. Viajou secretamente, acompanhado apenas dos coronéis Orlando Pacheco, chefe da Casa Militar e Gonçalves Cúrio de Carvalho, seu assessor especial, além de Augusto Muniz dos Reis, que exercia elevado posto na Polícia Civil. Chegou às 20:40 horas e instalou seu governo junto ao quartel do 2º Batalhão da Brigada Militar, de cujo comandante, major Victor Hugo Martins, havia recebido cumprimentos e apoio.

Depois de instalado, adotou várias medidas de impacto, como a requisição da Rádio Passo Fundo, de todas as viaturas do DAER e da CEEE e de todas as reservas de combustíveis da região. Nomeou Antônio Frederico Knoll encarregado do Serviço de Imprensa da Casa Civil. Abriu inscrição de voluntariado junto ao quartel da Brigada Militar e convocou todos os oficiais reformados da Brigada que estivessem na região. No dia dois de abril, mandou publicar nota oficial do governo gaúcho, concitando os militares do Exército e da Brigada a se incorporarem ao movimento revolucionário, bem como, pedindo ao povo que organizasse a resistência democrática no Estado. No dia 3 de abril, com a situação definida tanto em nível federal como no âmbito estadual, retornou para Porto Alegre, guarnecido por expressiva escolta militar.



Governador Ildo Meneghetti.

ACERVO AUTOR

Câmara de Dirigentes Lojistas

Odilon Garcez Ayres ()*

Foi nas dependências da Joalheria Hexsel, (Av. Brasil, 325), a seis de agosto de 1964, tendo a frente um grupo de proeminentes líderes do comércio lojista, que nascia para servir aos lojistas e a comunidade Passo-Fundense, o Clube de Diretores Lojistas de Passo Fundo, tendo como metas primordiais desenvolver a aproximação entre dirigentes de lojas a varejo, criando clima propício à cooperação, à troca de idéias e informações, e dentro desse todo, criar um clima favorável para manter um departamento cadastral para cobertura de vendas a crédito, bem como, para cooperar com autoridades, associações de classe e entidades, para o bem estar da comunidade e dos Lojistas.

Conrado Augusto Hexsel (Joalheria Hexsel); Manoel Edú Reis (Lojas Floriani); Napoleão Sfoggia (Papeleria Líder); Samuel Zimmermann (Casa Sonora); Jaime Kwitko (Casa São Paulo); Giulio Césare da Casto (Casas Paris); Ruby Waldomiro Falleiro (Joalheria Falleiro); Ícaro Sfoggia (Livraria Nacional); Wilson Barnewitz (Vidraçaria Scarinci); Nahum Schwartzmann (Casa Rayon); Ademar de Oliveira Poças (Casa Genta); Luiz Formighieri (Casa Primavera); Jorge Waldir Ortiz Cunha (Casas São Carlos); e Remy Grazziotin (Comercial Grazziotin Ltda.), foram os Lojistas fundadores.

Com sua sede localizada na época, na Rua Moron, 1605, 1º andar, sala 2 do Edifício Eleonora, os primeiros passos do CDL foram de grande sacrifício e abnegação.

Desde a 4ª Convenção Nacional do Comércio Lojista, realizada em São Paulo, em 1963, houve a presença do CDL de Passo Fundo. Foram quarenta e quatro participações com expressivas caravanas nas Convenções Nacionais, e quase outras tantas em Convenções e Seminários Estaduais.

Esta participação lhe valeu a realização em 1968, do 3º Seminário Estadual dos SPCs do RS e, em 1973, da 4ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 7º Seminário Estadual de SPCs e da pioneira, 1ª Convenção Feminina Lojista do Rio Grande do Sul; em 1979 da 10ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 13º Seminário Estadual dos SPCs e da 7ª Convenção Feminina Lojista, e por último, em 1990, da 21ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 24º Seminário Estadual de SPCs e da 18ª Convenção Feminina Lojista.

Outros eventos se sucederam e Passo Fundo se firmou como Pólo Regional no comércio e na prestação de serviços. A CDL tem presença marcante na comunidade com o lema: “Unidos servimos melhor”.

E foi com este lema, que sua primeira Diretoria foi eleita e estava assim constituída: Presidente, Conrado Augusto Hexsel; Vice-Presidente, Jaime Kwitko; Diretor Secre-

(*) Escritor.

tário, Aldo Bettinelli Battisti; Diretor de Relações Públicas, Ruby Waldomiro Falleiro; Diretor Tesoureiro, Giulio César da Casto, e Diretor Social, Manoel Edú Reis.

O Departamento de SPC é um capítulo à parte. Fundado em 15 de agosto de 1960 é o quarto do Brasil. Teve quatro Diretorias, tendo sido o seu primeiro Secretário Executivo o Sr. Paulo de Souza Nunes. A Odilon Garcez Ayres, coube a primazia e a honra de ter sido o primeiro Secretário Executivo das duas entidades coligadas, CDL e SPC.

Sua sede própria está localizada no 4º andar do Edifício Palácio do Comércio, na Av. General Neto, 434, e de Clube de Diretores Lojistas, passou a denominar-se Câmara de Dirigentes Lojistas. Graças a mais importante das Convenções, a de 1973, que, foi possível a compra da Sede própria da CDL.

O ato de compra, firmado pelo Presidente Clélio Ênio Sciéssere e seus pares da gestão 74/75, com o empresário e Lojista da Casa São Paulo, Sr. Jaime Kwitko, foi o clímax da gestão, que teve início na 1ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, realizada em Santa Maria, quando seu Secretário Executivo, Sr. Danton Pereira dos Santos forneceu ao Secretário Executivo da CDL e SPC de Passo Fundo, informações sobre o “modus operandis” de como se conseguir uma sede própria. E o caminho encontrado foi a 4ª Convenção trazida da 3ª Convenção realizada em Cachoeira do Sul.

Agilizado o processo, juntamente com o Dr. Gaspar Pedro Santin, Delegado da Federação das CDLs do Rio Grande do Sul junto ao Governo, quando se realizou a 4ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, governador do Estado, Euclides Trichês, se fez representar pelo Secretário de Estado de Turismo Roberto Eduardo Xavier, como palestrante, e na abertura da Convenção pelo Secretário de Estado da Indústria e Comércio, Dr. Edson Baptista Chaves, que mandou o “sinal verde”, que possibilitou a compra de quase um andar inteiro do Palácio do Comércio.

Em 1964 eram apenas três dezenas de Lojistas filiados, em 1973, já somavam noventa e três e em 2007, são oitenta filiados a CDL e oitocentos e cinquenta no SPC, números do sólido progresso.



FOTOS ODILON GARCEZ AYRES

1) Na Rua Capitão Eleuthério, 439-449, primeira sede do SPC; 2) na Rua Moron, 1599, primeira sede do CDL e SPC; 3) na Rua Independência, 506, segunda sede do CDL-SPC.



Neve em Passo Fundo

Gilberto R. Cunha (*)

A neve é um tipo de precipitação aquosa em que cristais de gelo se ligam uns aos outros formando os popularmente denominados flocos de neve. A temperatura, a umidade e a natureza dos núcleos de condensação (partículas diversas que se encontram em suspensão na atmosfera) determinam a forma e a estrutura dos cristais e o tamanho dos flocos. Há quem afirme que não há dois cristais de neve iguais.

Fisicamente, a origem desses cristais de gelo se dá com passagem de vapor d'água diretamente do estado gasoso para o sólido, via o processo de sublimação. Isso ocorre quando a temperatura do ar é inferior à temperatura do ponto de congelamento da água. A aparência dos cristais de gelo varia desde estrelas de seis pontas (hexagonais) até a de agulhas e prismas (estas últimas sob condição de temperaturas extremamente baixas, ao redor de -20°C). O formato dos cristais é um reflexo da organização que as moléculas de água assumem quando congelam. Essa organização é governada pela atração elétrica entre as moléculas de água.

A precipitação de neve, a partir de um mecanismo frontal, está bastante atrelada ao nível de resfriamento vertical da atmosfera, sendo muito influenciada pela altitude do local. O fenômeno recebe o nome de nevada, quando ocorre sem a presença de vento ou tempestade (caso mais comum no Brasil), e de nevasca, em que tempestades, com ventos fortes e turbulentos, espalham as partículas de neve no ar.

Neve é um fenômeno meteorológico restrito às latitudes temperadas e polares ou às altitudes mais elevadas na faixa tropical. Em razão disso, no Brasil, registros de ocorrên-

Quadro de ocorrências de neve em Passo Fundo.

1912	2 de setembro	1960	20 de maio e 1º de setembro	1978	12 e 14 de agosto
1916	15 de junho	1962	05 de julho	1979	30 de maio
1925	6 a 8 de junho	1965	10 de julho, 19, 20 e 21 de agosto	1980	16 de setembro
1933	20 de junho e 12 de julho	1966	5 de agosto	1990	20 de julho
1942	julho	1969	9 de julho	1993	31 de julho
1952	18 de junho	1972	30 de agosto	1994	25 de junho, 8 e 9 de julho
1953	4 de julho	1975	17 e 18 de julho	1999	15 de agosto
1955	28, 29 e 30 de julho			2000	12 e 13 de julho
1957	20 de julho				

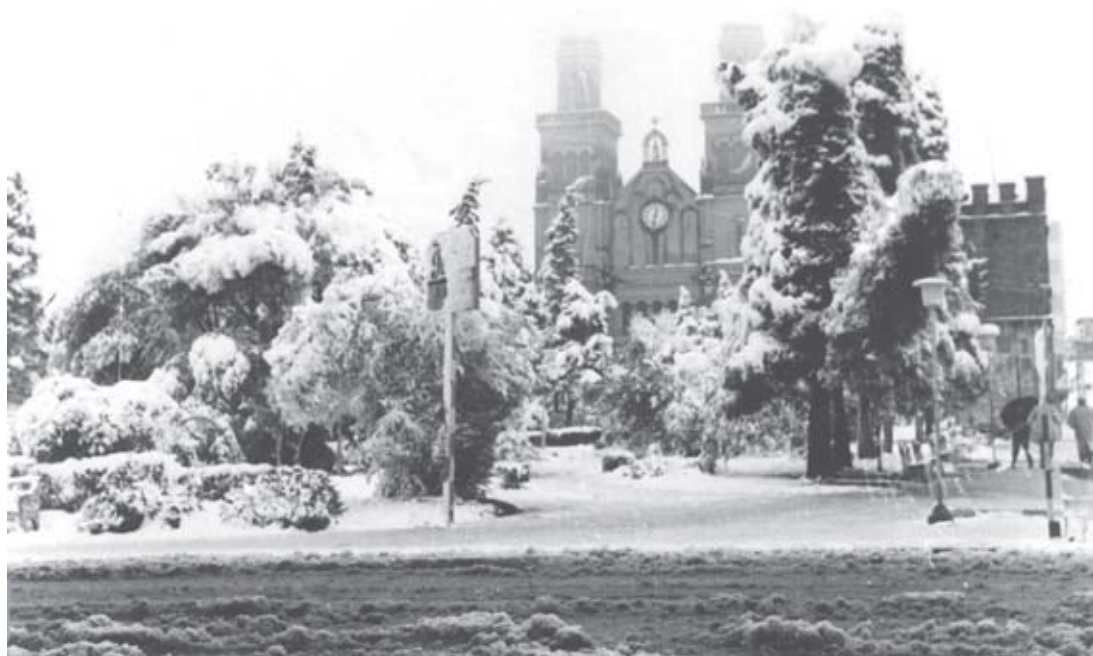
(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Neve de 1942.

cias de neve restringem-se às regiões Sul e Sudeste e, nelas, nos locais de altitudes elevadas.

Em Passo Fundo (28°15'S, 52°24'W e altitude de referência de 687 m), apesar de não ocorrer neve todos os anos, esse fenômeno não pode ser considerado uma raridade. As observações meteorológicas oficiais em Passo Fundo tiveram início em agosto de 1912. Com base nesses dados e em outras fontes de documentação (jornais, revistas, história oral etc.) foi possível o resgate de várias ocorrências de nevascas em nossa cidade e região, conforme consta a seguir. As mais intensas foram as de 1912, 1942, 1965 e 1990.



Neve de 1965.

Maria Elisabeth de Oliveira

Pablo Morenno ()*

Em 15 de novembro de 1965, uma tarde de domingo, às 15h15min, uma kombi des-governada subiu a calçada na Rua Padre Valentim. Tinha vindo pela Avenida Presiden-te Vargas, e, de repente, virou à direita. Uma garota que conversava com as amigas foi atingida violentamente.

A garota, que veio a falecer, chamava-se Maria Elisabeth de Oliveira. Nascera em 6 de fevereiro de 1951, filha de Leda Morandi de Oliveira e Alcides de Oliveira. Faltava pouco para completar seus quinze anos. Ela estava ali naquela tarde de bate-papo com suas amigas Maria Inês, Nair Dallagnese e Jandira Zanotto. Estas duas últimas foram fe-ridas levemente pelo mesmo veículo.

Logo a notícia se espalha. Era uma menina meiga, alegre, de amizade fácil e ativa. Era participante da Paróquia Santa Terezinha, estudava no Colégio Estadual de Passo Fundo, participava do conjunto “Os Beatles Passo-Fundenses”, e tinha muitos amigos. Maria Elisabete, ainda com vida, foi socorrida por outra kombi, a do vizinho Aquiles Micheletto e levada ao Hospital São Vicente. Os amigos e conhecidos correm para lá. Todo mundo conhecia a filha de seu Alcides, gerente da Madeireira Gaúcha S/A em Lagoa Ver-melha. Os Morandi de Oliveira eram envolvidos na comunidade onde moravam. As rá-dios locais interromperam as transmissões futebolísticas para noticiar o desastre. Tanta gente se juntou na entrada do hospital que seu pai teve dificuldade para vê-la ainda com vida.

Embora trágico, o fato seria logo esquecido se, de boca em boca, os familiares e ami-gos da jovem não começassem a repassar alguns fatos que tornavam aquela história dife-rente. Maria Elisabeth previu sua morte prematura, escolheu o caixão antecipadamen-te e o vestido azul que lhe serviria de mortalha.

Por estes motivos, ou outros, desde o mesmo dia de seu funeral, o povo começou a visitar o túmulo daquela garota e a depositar rosas, sua flor preferida. O movimento foi se alastrando e, antes mesmo de completar um ano de sua morte, os padres de todas as igrejas de Passo Fundo, pediam para que as pessoas evitassem visitar o túmulo.

A advertência teve o efeito contrário. E as simples visitas foram deixando marcas e histórias. Logo aparecia um bilhete agradecendo uma graça, uma carta relatando o que

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

se achava um milagre. Quase sempre, contam os devotos, prenunciados por perfume de rosas, ou rosas que, inesperadamente, são entregues por alguém.

Assim, como a notícia do acidente naquele domingo, a devoção a Maria Elisabeth ultrapassou os limites da cidade, do Estado e até do país. Seu túmulo, agora tornado uma capela maior, logo na entrada à direita do cemitério da Vera Cruz, sempre está cheio de rosas, bilhetes, pedidos, agradecimentos, velas. Além de seus conterrâneos, o livro de visitas traz assinaturas de devotos de quase todos os municípios do Estado, do Uruguai e da Argentina. É difícil um domingo em que não haja um ou mais ônibus de romeiros vindos das mais variadas partes. Nos finais de semana mais próximos ao aniversário de sua morte, chegam a ser dezenas.

Embora a Igreja Católica olhe com reservas a devoção a esta jovem, trata-se da prudência costumeira de não tornar inexplicável aquilo que, pelo tempo ou pela ciência, possa ter qualquer explicação. Aos olhos do povo, porém, a garota que morreu tragicamente e gostava de rosas é muito amiga do Todo Poderoso. Basta pedir a ela para se curar de um câncer, conseguir um emprego, passar no vestibular, ter um filho saudável, conseguir uma casa, recuperar um carro roubado... Estas e outras graças encontram-se contadas e assinadas. Para ver é só ir à capela de Maria Elisabeth no Cemitério da Vera Cruz.



Gaúcho na divisão especial

Meirelles Duarte ()*

O grande sonho do futebol de nossa região traduzia-se no desejo de um dia termos uma de nossas equipes figurando entre os chamados “grandes” do futebol do Estado. Até chegamos um pouco mais longe, pois admitíamos que não uma, mas duas equipes poderiam conseguir esse galardão. Foi o que terminou acontecendo, iniciando-se, esta conquista pelo Gaúcho, em 1966, e dois anos mais tarde pelo 14 de Julho. O feito do Gaúcho foi grandioso, pois nunca havia surgido ou-



Debaixo de muita chuva, o médico do Gaúcho, Elton Ventura, comemora com Daison Pontes e Meca a grande conquista do Gaúcho em 1966.

tra agremiação entre os grandes do futebol, nestas regiões do Estado. Queríamos ver em jogos oficiais, tanto o Grêmio como o Internacional, além, naturalmente, de outros como Juventude, Flamengo, de Caxias, Pelotas e Brasil, da capital da zona sul. Enfim, era nada menos que maioria de um futebol que lutou tanto, com enormes sacrifícios para chegar à glória de uma invejável classificação.

A cidade estava totalmente motivada para a busca de tão aguardado título. Não foi fácil e não foi, também, num único ano. Em 1965, o Gaúcho já tinha pinta de campeão do interior, perdendo, por pequenos detalhes a classificação final. Superou um a um os ótimos adversários de sua região e também dos representantes da Missões. Teve uma série de jogos clássicos com o seu velho rival, o 14 de Julho que também já se ensaiava para alçar vôo e buscar algo mais expressivo para si e para a cidade. Mas, em 1965, coube ao

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande, ir às finais com o Gaúcho e vencê-lo nas cobranças das penalidades. A decisão foi em Rio Grande num clima de grande tensão, uma multidão a prestigiar a inesquecível partida que, com mais habilidade na cobrança dos 5 pênaltis, Nico superou Gitinha e colocou o time da zona sul na divisão especial. Desclassificado somente em cobrança de penalidades máximas, o Gaúcho, antes de regressar para Passo Fundo, ainda nos vestiários, teve a promessa do presidente Aniello D'Arienzo de que o time seria mantido sem qualquer dispensa o que viria facilitar e garantir esta classificação. Foi uma previsão correta, não foi só o coração que falou mas o conhecimento da matéria.

Assim em 1966, após superar adversários praticamente de todo o interior, o Gaúcho chegou a grande final com o Uruguaiana, jogando a primeira partida na Fronteira, numa tarde de 40° C. Perdeu o 1º jogo, lá por 1x0. No domingo seguinte, com a cidade inteira tomando todas as dependências do Estádio Wolmar Salton, o Gaúcho venceu os 90 minutos por 4x0 e a prorrogação por 1x0, gol inesquecível do ponteiro Antoninho que passou para a história do clube e de nosso futebol. Os heróis daquela jornada foram: Nadir, Maneca, Amâncio, Daizon Pontes e Machado, Gringo, Gitinho, Raul Matté, Meca, Arthur, Adair Bica e Antonio. O árbitro da grande final foi Flávio Cavedini. O jogo, especialmente nos 90 minutos iniciais, desenrolou-se debaixo de muito chuva, o que não conseguiu afastar a grande torcida que se atirou, com roupa, nas piscinas, para comemorar o feito alverde, inédito no futebol de nosso Estado.



A invasão e a retomada da universidade

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo ()*

O estabelecimento principal da futura Universidade de Passo Fundo localizava-se na Avenida Brasil, na quadra em frente à prefeitura velha. Ali, mantidas pela Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU), funcionavam no verão de 1967 as Faculdades de Direito, Ciências Políticas e Econômicas, Odontologia, e Belas Artes. Em 1964, havia sido decretada a intervenção na mantenedora SPU, por parte do governo estadual, autorizado pelo Ministério da Educação. À época, o governador do Estado era Ildo Meneghetti. Em Passo Fundo, o prefeito era o sr. Mário Menegaz, correligionário do governador. A intervenção deu-se a instâncias do prefeito, adversário político dos irmãos César e Reissoly Santos, respectivamente presidente e superintendente da SPU, além o último ser também diretor da Faculdade de Direito. No próprio ato de intervenção foi nomeado interventor, e também diretor interino da Faculdade de Direito, devido ao afastamento de Reissoly Santos, o sr. Murilo Coutinho Annes.

Em seguida, no mesmo ano de 1964, foi substituída a direção da SPU. Em lugar de César Santos foi eleito para a sua presidência o padre Elydo Alcides Guareschi. Com a ativa participação do bispo diocesano, dom Cláudio Colling, começava a preparação da fusão da SPU com o Consórcio Universitário Católico, que mantinha a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o que veio a possibilitar a criação da Universidade de Passo Fundo, ocorrida no ano de 1968.

Em Passo Fundo, a ARENA, partido do governo, havia apoiado o nome do senador Tarso Dutra, intimamente ligado a Mario Menegaz e a seus companheiros mais próximos, como os futuros deputados Romeu Martinelli e Augusto Trein. O governador Perachi e seu chefe da Casa Civil, João Dêntice, tinham como seus sustentáculos em Passo Fundo, o jornalista Túlio Fontoura, diretor do Diário da Manhã e, paradoxalmente, o prócer emedebista e antigo presidente da SPU, César Santos.

Assim que, ao assumir Perachi Barcellos o governo do Estado, com João Dêntice na chefia da Casa Civil, os dirigentes de seu partido em Passo Fundo, Mário Menegaz à frente, passaram a ser tratados quase como inimigos. César Santos, o ex-dirigente da SPU, passou à condição de aliado e amigo do governador.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Tardaram poucos dias para que fosse levantada a intervenção na SPU e nas faculdades por ela mantidas. Um decreto do governador pôs fim à intervenção estadual, mandou devolver as instalações aos antigos dirigentes. Assim, os antigos dirigentes, com os professores César e Reissoly à frente, apoiados pelo comando da Brigada Militar, ingressaram nos prédios das faculdades, na quadra da Avenida Brasil/Paisandu. Acompanhados de adeptos e simpatizantes, juntamente com alguns professores e militantes do MDB, expulsaram o interventor Murilo Annes, o padre Guareschi e seus colaboradores mais próximos, aos quais não permitiram sequer permanecer no local. Isso se deu nos primeiros dias de fevereiro de 1967.

Não tardou a reação de Mário Menegaz. Ao tomar conhecimento da situação, sua primeira atitude foi determinar o cerco do quarteirão onde funcionavam as diversas faculdades. Sem intimidar-se com o apoio aparente da Brigada, funcionários do município e militantes do governismo local, comandados pelos vereadores Fidêncio Franciosi e Arthur Canfield, bem como por Adão Pinto Vieira, servidor municipal, conseguiram retomar à força os recintos universitários. O quarteirão, como se fosse uma operação bélica, foi bloqueado, usando-se patrulas e outras viaturas da municipalidade. Ingressando no local onde se encontravam os dirigentes da antiga SPU, os dois vereadores os obrigaram a retirar-se. Assim, mediante esse desforço imediato, a posse dos próprios da futura universidade foi restituída ao interventor Murilo Annes. Isso se passou numa ação de surpresa, segundo sei. Em continuação, foi mantido o cerco e os funcionários da prefeitura permaneceram guarnecendo o recinto, para evitar nova invasão e novos confrontos, até definição judicial, em seguida providenciada.

Imediatamente foi mobilizado o setor jurídico. Com Celso Fiori à frente, grande advogado e diretor da Faculdade de Direito, um grupo de professores dessa faculdade preparou um mandado de segurança ou uma reintegração de posse visando manter a nova diretoria da SPU, presidida pelo padre Alcides Guareschi, na posse dos bens da SPU. Todos os juízes de Passo Fundo se deram por impedidos, não querendo se pronunciar sobre a causa. O juiz de Carazinho, Nelson Costi, foi quem concedeu ordem judicial, acatada pelo governo do Estado, que referendou a situação, ou seja, manteve na direção (e na posse dos bens) da SPU a nova diretoria e o interventor e futuro reitor Murilo Annes.

Seguiu-se uma renhida batalha judicial, em Passo Fundo, no Tribunal do Estado e até no Supremo Tribunal Federal. A Justiça, apesar da contrariedade do governador Perachi e de seu chefe da Casa Civil, João Dêntice, sempre deu razão ao interventor Murilo e à nova diretoria da SPU, presidida por Guareschi. Com isso, sempre com o apoio do senador Tarso Dutra, devido à atitude oportuna de Menegaz, secundado pelos vereadores Franciosi e Canfield, foi possível, um ano depois, a criação da Universidade de Passo Fundo.



APAE

Selma Costamilan ()*

Entre as pessoas que se sobressaíram na história de Passo Fundo, fosse pela inteligência, fosse pelo dinamismo, estão Alice Sana Costi e seu esposo Zeferino Costi, que num só esforço, procuraram, sempre dentro de um trabalho consciente, não só a verdadeira realização de uma vida, mas viver também o sentido do outro, especialmente do diferente (excepcional). A essa sintonia é que cabe a responsabilidade da função da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), bem como de seu sucesso: o funcionamento da escola.

Alice e Zeferino não possuem conhecimentos adquiridos em universidade, mas conservam em suas mãos, os conhecimentos e as experiências contidas no livro da vida humana e se empenham na solução dos problemas que se apresentam como uma única intenção, a promoção humana.

Em 1967, D. Alice deixa o conforto do lar e procura na comunidade o apoio para o problema do excepcional. E foi muito feliz, porque seguindo os pontos-chave indicados pelo marido conseguiu a conscientização e levou todos os poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário –, e a população em geral, a compreender que era necessário mudar de atitude e que a expressão: “É preciso fazer!” deveria ser substituída pela ação de imediato.

Funda-se a APAE em junho de 1967, e no mês seguinte sua presidente, Alice Costi, participa do III Congresso da Federação Nacional das APAEs, onde pelo interesse demonstrado da APAE de Passo Fundo, embora com quatro dias de vida, já conseguiu ser filiada à federação e participar oficialmente do congresso.

Para adquirir melhores conhecimentos sobre o assunto, seguiu para São Paulo e Rio de Janeiro, onde visitou 19 estabelecimentos de ensino especial, em institutos para crianças deficitárias, e regressou em setembro, certa de que, com amor e compreensão, muito se conseguirá de uma criança limitada.

Prossegue a campanha de conscientização da comunidade. Foram 43 palestras para alunos, pais e professores, no Círculo Operário, Rotary, Lyons, Interact, Seminários, Sindicatos, SESI, Câmara dos Vereadores etc.

Solicitou à Secretaria da Educação a criação da escola para excepcionais e, dadas as condições conseguidas pela presidente da APAE, para atender os requisitos exigidos, como: prédio mobiliado, participação espontânea de uma equipe de médicos e dentistas para triagem e atendimento às crianças, merenda escolar, biblioteca e o número de sócios capazes de manter a escola, o secretário de Educação atendeu ao pedido.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Em agosto de 1968, após um mês de trabalhos intensivos que vieram beneficiar não só a criança excepcional, mas a comunidade onde ela se encontra, a 31 de agosto, com a presença do secretário da Educação, e uma delegação da Secretaria de Educação composta de psicólogos, coordenadoras e responsáveis pelo Departamento do Ensino Especial, Passo Fundo foi contemplado com a abertura oficial da Escola da APAE, mais tarde denominada Escola O Sorriso do Amanhã.

As diretorias da APAE sempre enfrentaram dificuldades econômicas e de toda sorte. Os esforços e dedicação de toda a equipe – diretores, professores, funcionários, colaboradores – devem ser reconhecidos por toda a comunidade. Os presidentes foram: Alice Sana Costi (1967 a 1986) – idealizadora e fundadora (sua garra e entusiasmo foram fundamentais na concretização deste sonho, hoje realidade); Ivanilde Anna Marini (1986 a 1988); Noelly Sabegin Albuquerque (1988 a 1991; 1994 a 1999); Olenca Ferreira (1991 a 1994); Ana Cristina Albuquerque (1999 a 2002); Elba Ferreira da Costa (2003-2007); Caxiense Gayer (atual presidente).

Contando com a parceria da comunidade, muito a entidade avançou; novos programas foram instituídos, muitos alunos que estavam em fila de espera estão sendo atendidos. No ano de 2000, iniciou o ano letivo com 299 alunos matriculados, findou ao ano de 2005, com 379 alunos. Nessa caminhada, de mãos dadas com a comunidade, criou-se estrutura física de novas salas de aula, equipamentos e recursos humanos para dar conta dessa clientela aumentada. Instalou-se o Centro de Equoterapia. Inaugurou-se uma creche para crianças especiais, manutenção das Casas Lares. Adquiriu-se um veículo para o transporte da equoterapia, dentre muitos outros investimentos para melhoria de atendimento especializado.

Diante dessa realidade, colaboradores e comunidade em geral, a APAE precisa incondicionalmente, continuar contando com esta parceria. Com ela muito já foi feito, mas muito ainda terá que fazer para que estas pessoas especiais possam continuar na busca de sua cidadania e inserção social com dignidade, segundo Elba Ferreira da Costa, ex-presidente.



Sede da APAE, Passo Fundo.

Universidade de Passo Fundo

Rui Getúlio Soares ()*

Na década de 1950 foram lançados os alicerces que viabilizaram a criação dos primeiros cursos superiores em Passo Fundo. Segundo as leis vigentes na época, os cursos deveriam ter uma entidade mantenedora que assegurasse sua manutenção e funcionamento. Nesse sentido, foram criados em Passo Fundo dois grupos mantenedores do ensino superior: a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU) e o Consórcio Universitário Católico (CUC).

Em 1962, as duas instituições elaboraram um documento que foi encaminhado à Presidência da República, no caso, o então presidente João Goulart, solicitando a criação da Universidade Federal de Passo Fundo. Em 28 de junho de 1967, as mesmas entidades uniram-se para criar a Fundação Universidade de Passo Fundo. No ano seguinte, foi oficialmente constituída a Universidade de Passo Fundo, sendo declarada de utilidade pública municipal pelo decreto 7/67, de 3/7/1967; estadual, pelo decreto 18.679, de 16/10/1967, e federal, pelo decreto 62.575, de 22/4/1968.

A Universidade de Passo Fundo, com sua sede em Passo Fundo, mantida pela Fundação Universidade de Passo Fundo, é uma instituição filantrópica, de caráter comunitário e regional, reconhecida pelo governo federal pelo decreto 62.835, de 6 de junho de 1968. Sua implantação resultou do amadurecimento de uma experiência de ensino superior que se operava na região desde, pelo menos, 2 de fevereiro de 1950, quando se reuniram líderes da comunidade, sob a liderança do médico e político César Santos, e criaram a Sociedade Pró-Universidade com o objetivo de fundar uma universidade. Só mais tarde, no ano de 1956, seria criada a primeira faculdade da SPU com o curso de Direito.

Vista aérea da UPF,
agosto de 2007.



(*) Reitor da Universidade de Passo Fundo, gestão 2006-2010.

Os documentos oficiais desta instituição registram as principais decisões que foram tomadas pela diretoria da SPU, como, por exemplo, em 16 de setembro de 1953 foi autorizada a compra do prédio da família Barbieux, situado na Avenida Brasil, no qual seria instalado o primeiro curso; para seu funcionamento, depois de muitas dificuldades, foi obtida a autorização do Conselho Nacional de Educação; aos 21 de abril de 1956 realizou-se a aula inaugural da faculdade, ministrada por João Carlos Machado, integrante do Conselho Nacional de Educação, que abordou o tema “O desenvolvimento do ensino universitário no mundo e no Brasil”.

No mesmo ano de 1956, em reunião no Colégio Notre Dame, foi criado o Consórcio Universitário Católico, integrado pela Mitra Diocesana de Passo Fundo e por várias outras instituições de caráter confessional tradicionalmente ligadas à educação na cidade, oficializando-o em 29 de junho de 1956. A iniciativa da organização partiu do bispo diocesano dom Cláudio Colling que, na ocasião, manifestou a necessidade de criação de uma entidade destinada a atender à formação de professores, que poderia ocorrer sob a forma de cursos isolados ou constituídos em universidade. A proposta aprovada foi a de um consórcio, que, em 1957, criou a Faculdade de Filosofia, implantando os cursos de Filosofia, Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas.

Assim, de um lado, a Sociedade Pró-Universidade continuou investindo na ampliação das oportunidades acadêmicas com a criação das faculdades de Ciências Políticas e Econômicas, Odontologia e Agronomia, incorporando também o Instituto de Belas Artes. De outro, o Consórcio Universitário Católico ampliou a Faculdade de Filosofia através dos cursos de Ciências Naturais e Estudos Sociais.



Os episódios dos conturbados anos que antecederam o golpe militar de 1964 refletiram-se também nas instituições de ensino superior recém-criadas em Passo Fundo. Em decorrência de inúmeras denúncias de irregularidades e por dificuldades políticas, ocorreu em 1964 uma intervenção federal na SPU, que passou a ser dirigida pelo advogado e professor Murilo Coutinho Annes.

Em 2 de abril de 1968, no Palácio Piratini, em Porto Alegre, o presidente da República Arthur da Costa e Silva assinou o decreto de criação da Universidade de Passo Fundo na presença do ministro da Educação Tarso Dutra e de autoridades representativas do Planalto Médio do Rio Grande do Sul.

A instalação da UPF ocorreu em 11 de maio de 1968 com a posse da primeira reitoria, constituída pelos professores Murilo Coutinho Annes, reitor, Elydo Alcides Guareschi, vice-reitor acadêmico, e Alcione Niederauer Corrêa, vice-reitor administrativo.

A importância da mobilização de diversos segmentos e personalidades ligadas à política e cultura de Passo Fundo iniciaram a viabilização do movimento de interiorização do ensino superior e as cidades-sede de instituições de ensino superior transformaram-se em pólos dinamizadores do desenvolvimento das regiões. A presença da UPF como instituição comunitária (art. 213 da Constituição Federal) pode ser verificada pela atuação dos profissionais que aqui buscaram sua formação profissional. Desde a fase originária, quando foi instalado o primeiro curso superior, a UPF já formou mais de quarenta mil profissionais, técnicos e pesquisadores, que contribuem com sua atuação no desenvolvimento da região. Muitos desses egressos alcançaram destaque como professores, políticos e empresários.

Por ser uma instituição voltada para sua região, assumiu a conformação de uma universidade comunitária, cujas principais características são a de ser pública não-estatal, surgida de iniciativas essencialmente comunitárias, definida como não-confessional, não-empresarial e sem alinhamento político-partidário ou ideológico de qualquer natureza; procura desenvolver um serviço educativo e científico sem fins lucrativos, sendo todos os excedentes financeiros reaplicados em educação e somente em território nacional; seu patrimônio não pertence a um dono, grupo privado ou confissão religiosa, mas a uma fundação comunitária, cuja totalidade dos bens tem destinação pública, revertendo, em caso de dissolução, para o controle do município. Seus balanços são de domínio público, sendo, após análise e aprovação internas, submetidos a auditores independentes, a um conselho fiscal e à aprovação do Ministério Público; sua mantenedora tem um Conselho Diretor, cujos membros, eleitos pela Assembléia Geral, não são remunerados no exercício de suas funções; elege democraticamente seus dirigentes para os diferentes níveis da administração; mantém entre os integrantes de seus conselhos superiores representantes da comunidade externa e vincula as atividades de ensino, pesquisa e extensão às necessidades regionais, destacando-se projetos ligados ao desenvolvimento humano, econômico e social.

Essas características dão à Universidade de Passo Fundo um caráter de instituição “pública não-estatal”.

Desde 1993, a Universidade de Passo Fundo tornou-se uma instituição *multicampi* (parecer 772/93 do Conselho Federal de Educação), implantando unidades nos municípios-pólo da região: Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Soledade, Carazinho, Casca e Sarandi. Desde sua origem, a UPF demonstrou intenção de assumir um compromisso com o desenvolvimento da região. Essa disposição da universidade, de ser um centro irradiador e transformador da estrutura cultural de sua área de abrangência, encontrou respaldo junto aos municípios de maior importância regional. Essas intenções e propósitos levaram à concretização do atual modelo de organização *multicampi* da instituição, constituindo uma área de atendimento que abrange mais de uma centena de municípios, região esta caracterizada por uma estrutura fundiária na qual predominam os pequenos e médios produtores rurais.

Atualmente, a Universidade de Passo Fundo tem como missão “produzir e difundir conhecimentos que promovam a melhoria da qualidade de vida e formar cidadãos competentes, com postura crítica, ética e humanista, preparados para atuarem como agentes de transformação”.

Em consonância com seus princípios orientadores e visando a cumprir sua missão, a UPF procura estabelecer interfaces com a sociedade, participando na identificação e na solução de problemas socioeconômicos dos municípios de sua região de abrangência por meio de iniciativas voltadas à educação integral, que possam contribuir para a melhoria das condições de vida e para o desenvolvimento regional sustentável. O estabelecimento de vínculos com a comunidade regional está pautado em diferentes iniciativas realizadas pelas diferentes unidades acadêmicas, seus centros e núcleos.

Na área de educação superior, a inserção da universidade processa-se pela oferta de cursos de graduação e pós-graduação, de programas e projetos de pesquisa e de extensão, os quais são dimensionados pelas unidades acadêmicas, com base no perfil da demanda regional. Ao formar um profissional-cidadão, a UPF está contribuindo para a melhoria da educação ministrada na região em diferentes níveis (fundamental, médio e superior), bem como na melhoria dos serviços prestados à comunidade regional, em diferentes áreas do conhecimento.

Assim, a UPF nasceu como uma instituição de caráter filantrópico. Suas ações procuram privilegiar a formação de profissionais que assumem o compromisso da transformação da sociedade, pois sua política de responsabilidade social está alicerçada, além de na sua própria trajetória histórica, nas novas exigências relacionadas ao ensino superior e em suas modalidades de avaliação institucional. A instituição define como dimensões sociais, além da formação de profissionais, o desenvolvimento de pesquisas, a difusão de conhecimentos e a sua vocação regional e comunitária no compromisso com ações de inclusão social e promoção da cidadania; na defesa do meio ambiente, especialmente no âmbito da região de sua abrangência, na promoção do desenvolvimento econômico sustentável, assim como na defesa da memória regional, da produção artística e do patrimônio cultural.



Faculdade de Medicina

Carlos Antonio Madalosso (*)

Em 1957, por ocasião do centenário do município, iniciou-se uma mobilização a fim de criar uma faculdade de medicina, que não progrediu principalmente pelo escasso número de profissionais médicos de nossa comunidade. Em 1961, iniciou-se nova tentativa para a criação da faculdade, novamente barrada pela insuficiência de professores residentes no município. Em 1968, o então ministro da Educação reuniu médicos e afirmou seu desejo de interiorizar o ensino médico propondo a criação da faculdade, que foi aceita pela classe médica com algumas restrições.

Em 30 de abril de 1969, o presidente Artur da Costa e Silva autorizou o funcionamento da Faculdade de Medicina pelo decreto 64.436. O médico Sabino Arias, que já residia no Rio de Janeiro, desempenhou grande papel nesta aprovação, uma vez que acompanhou com dedicação a tramitação do proces-



ACERVO AUTOR

Há 30 anos, os formandos de 1979 organizavam o 3º Curso Medicina de Urgência, para angariar fundos. Osvandré Lech, organizador do evento, apresentava as autoridades no velho anfiteatro do Hospital São Vicente: Felice Sana (in memoriam), Rudah Jorge, Paulo Santos, Carlos Madalosso, Carlos Mattos, Paulo Sérgio Crusius, Álvaro Miranda (in memoriam), Jorge Teixeira.



ACERVO AUTOR

3º Curso de Medicina de Urgência, realizado em 1977, reuniu a totalidade dos alunos da Faculdade de Medicina. Na platéia é possível identificar Diógenes Bassegio, Hugo Carvalho, Jaime de Bastiani, Eduardo Scortegagna.

(*) Médico, ex-diretor da Faculdade de Medicina, líder comunitário.

so e se fez ouvir quando necessário.

O Hospital Municipal, que já havia sido doado à Universidade de Passo Fundo anteriormente, negou-se sediar a faculdade. O Hospital São Vicente via com restrições a instalação da faculdade. Foi necessária a intercessão de dom Cláudio Colling, homem de grande visão, para que esse hospital se tornasse um Hospital Escola.

De início, o Hospital São Vicente recebeu um grande número de aparelhos doados pelo MEC, desde Eletrocardiógrafos até um completo RX, qualificando o atendimento médico. A seguir, migraram para Passo Fundo médicos especialistas convidados a lecionar em nossa novel faculdade. O professor Aventino Agostini deixou Brasília para vir residir em Passo Fundo, onde instalou moderno serviço de patologia, o segundo no interior do Estado. Pela necessidade de prepararem-se para o magistério, muitos de nossos jovens foram a outros centros no Brasil e ao exterior trazendo uma grande elevação para o padrão médico de nossa cidade. Essa melhoria elevou nossa cidade à referência médica no Sul do país, desenvolvendo os hospitais e ampliando oportunidades para empregos na área da saúde. Foram diretores da faculdade neste período os médicos Eclérion de Araújo Trein, Carlos Antonio Madalosso, Gilberto Tubino da Silva, Luiz de Moura Fragomeni, Douglas Pedroso e Luiz Carlos Manzatto, atual diretor.

A criação da faculdade foi um dos marcos mais relevantes no desenvolvimento de nosso município que pode ser assim demonstrado:

- 1) A área médico-hospitalar é, junto com a educação, a grande empregadora de nosso município.
- 2) O número de médicos aumentou nesses 30 anos de 50 para cerca de 750.
- 3) A área médico-hospitalar é a que mais atrai forasteiros para nossa cidade. Cálculos demonstram que a vinda de pessoas para Passo Fundo ultrapassa 5 mil por dia.
- 4) Muitos pacientes, em especial idosos, buscam recursos médicos em nossa cidade, sendo que para tal alocam ou compram residências estimulando a nossa atuante construção civil.
- 5) Os laboratórios de análises são os melhores do interior do Estado.
- 6) Houve grande crescimento de estabelecimentos farmacêuticos bem como distribuidoras de medicamentos que oferecem centenas de empregos.
- 7) A atividade dos médicos ultrapassa os limites da medicina, não sendo poucos os médicos que possuem construtoras, entidades comerciais e desenvolvem o agronegócio.
- 8) Foi criada em Passo Fundo uma cooperativa de crédito, a Unicred, considerada a melhor do Brasil em eficiência.
- 9) Desenvolveu a Medicina nos municípios da região, que dispõe de um dos melhores níveis praticados no Brasil.

Pelas razões acima e por outras não incluídas, julgamos que a fundação da Faculdade de Medicina deve ser incluída como um dos fatos mais relevantes no desenvolvimento de nosso município.



Sistema Plantio Direto na Palha: uma revolução na agricultura brasileira

Gilberto R. Cunha (*)

São mais de 23 milhões de hectares cultivados, anualmente, sob sistema plantio direto no Brasil. Sem dúvida, a adaptação/desenvolvimento deste sistema agrícola para uso nas condições brasileiras (clima, solo, diversidade biológica e aspectos sociais e econômicos) representou um marco na história da nossa agricultura. Quer seja gerando/difundindo tecnologias de cultivos, criando/adaptando equipamentos de semeadura e capacitando técnicos e agricultores para a adoção da nova prática, por meio de suas instituições de pesquisa, de ensino, da indústria de máquinas agrícolas, do setor de insumos, das empresas de comunicação e de organização de eventos (Revista Plantio Direto, por exemplo) etc., o nome de Passo Fundo permanecerá para sempre entre os principais protagonistas dessa autêntica revolução na busca de uma agricultura de base conservacionista no país.

O sistema plantio direto na palha deixou perdidas no tempo imagens de lavouras arrasadas pela erosão hídrica, riachos assoreados, rios avermelhados pelas partículas de solo levadas pelas águas de chuva e *envenenados* por agroquímicos, que transfiguravam a paisagem das coxilhas e campos cultivados do Sul do Brasil, nos idos dos anos de 1970 e começo da década de 1980.

A primeira experiência oficialmente registrada sobre plantio direto na região aconteceu em Não-Me-Toque, em 1969. Os professores da Faculdade de Agronomia da UFRGS, Newton Martins e Luiz Fernando Coelho, cultivaram um hectare de sorgo, usando uma semeadora importada dos Estados Unidos. Um incêndio destruiu a máquina e não foram levados adiante estes trabalhos da UFRGS. Depois, os estudos foram retomados com soja em Cruz Alta, na sede da atual Fundacep, em 1971, e, no ano seguinte, na Estação Experimental de Passo Fundo (hoje Embrapa Trigo). Também cumpre ressaltar o esforço desenvolvido pela ICI do Brasil S.A., pioneira na introdução de herbicidas dessecantes no país, que, a partir de 1973, realizou trabalhos envolvendo a sucessão trigo-soja em plantio direto, estabelecendo um escritório em Passo Fundo. A pesquisa em plantio direto na região passaria a ser executada, sistematicamente, a partir de 1975.

O controle da erosão hídrica se fazia imperativo. Todavia, dificuldades operacionais com semeadoras que não se prestavam para as nossas condições de solo e controle inefi-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

ciente de plantas daninhas (herbicidas inadequados) limitavam a expansão do sistema. A situação começou a se alterar a partir dos anos de 1980, quando se fomentou a troca de experiências entre técnicos e produtores rurais, mudando-se o enfoque de método alternativo de preparo de solo para o de sistema de cultivo baseado na diversificação de espécies, na rotação de culturas, na mobilização do solo exclusivamente na linha de semeadura e na manutenção de cobertura permanente do solo. O cultivo de aveia preta (como cultura de cobertura no inverno) e o uso do milho em rotação com a soja no verão passaram a ser preconizados e amplamente difundidos. No entanto, até o começo dos anos de 1990,



Cultura da soja em sistema plantio direto na palha.

Rio Grande do Sul. Tratou-se de uma proposta de pesquisa e desenvolvimento, alicerçada em parcerias entre organizações públicas e privadas de diversos segmentos (pesquisa, ensino, assistência técnica, extensão rural, cooperativismo, administração pública municipal, comércio e indústria de insumos e de equipamentos agrícolas), envolvendo um forte programa de capacitação teórico-prática, que durou até 1998, e consolidou as bases do sistema plantio direto na nossa agricultura.

Foram estudados e validados em campos de produtores esquemas de rotação de cultivos, adaptados e desenvolvidos novos equipamentos para semeadura direta, que tornaram as máquinas acessíveis também para os pequenos e médios produtores rurais. Inegavelmente, o sistema plantio direto ajudou a consolidar Passo Fundo como um centro de referência mundial em mecanização agrícola. Empresas como Semeato (que surge em 1982, quando a Mecânica Agrícola Rossato Ltda. muda a razão social para SEMEATO S/A.) e Kuhn-Metasa (que surgiu em 2005, a partir da aquisição, pelo grupo francês Kuhn, da Divisão Agrícola da Metasa, que havia sido criada em 1997) e seus portfólios de produtos orientados para o sistema plantio direto são testemunhas incontestes deste fato.

ainda havia limitações de máquinas para semeadura, com o predomínio de semeadoras de grande porte, impedindo a adoção desse sistema nas pequenas propriedades rurais.

Um novo salto aconteceria em 1993, quando, a partir de Passo Fundo, foi implementado o projeto METAS, sob coordenação do pesquisador da Embrapa Trigo, José Eloir Denardin, visando à viabilização e difusão do sistema plantio direto no

I Feira Regional de Ciências

Luiz Eduardo S. Spalding (*)

Em 1969, o nosso planeta vivenciava a *corrida espacial*, uma disputa entre duas grandes superpotências, Estados Unidos da América e União Soviética. Ambas investiram muito dinheiro em ciência e tecnologia para obter o domínio do Espaço. Nesse clima de valorização da ciência, o governo brasileiro realizou, de 22 a 29 de setembro de 1969, a I Feira Nacional de Ciências, no Rio de Janeiro.

Mostrando muito dinamismo, os professores e alunos de Passo Fundo, liderados pelo professor Luiz Eurico Spalding, da Universidade de Passo Fundo, foram ao Rio de Janeiro e apresentaram os seus trabalhos. Entretanto, o maior interesse da viagem era buscar o conhecimento sobre a realização de feiras de ciências para inserir, imediatamente, nosso município no cenário da valorização da ciência que estava crescendo no país e no mundo. Fundamental nessa conquista foi a participação orientadora do Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado do Rio Grande do Sul (CECIRS), sediado em Porto Alegre e liderado pelos professores Nelson Camargo Monte e Georg J. Hennig. A I Feira Regional de Ciências realizou-se em Passo Fundo de 6 a 9 de novembro de 1969. O local escolhido para sediar o evento foi pavilhão da EFRICA, que recebeu melhorias de última hora, consumindo muito trabalho dos profissionais envolvidos. Ocorreram atividades paralelas à feira, como a apresentação de conjuntos musicais do município, lançamentos de foguetes espaciais do Rio de Janeiro e também construídos por estudantes da nossa região, vôos de aeromodelismo na Praça do Hospital da Cidade, entre outras.

Os estudantes premiados até o terceiro lugar foram: Antônio Dal Masso, do Instituto Educacional de Passo Fundo; Cezar Ernesto Detoni, do Colégio Estadual Montovani de



Aspecto externo da I Feira Regional de ciências em Passo Fundo (1969).

(*) Professor e engenheiro elétrico.

Erechim e Rosana Dozza e Alzira Telles, ambas do Colégio Notre Dame de Passo Fundo.

Nos anos que se seguiram a 1969, foram realizadas várias feiras em Passo Fundo, entre municipais, regionais e, inclusive, estaduais. Em 2004 a Universidade de Passo Fundo fez uma homenagem aos pioneiros de 1969 pelos 35 anos dessa iniciativa e reassumiu a organização dessas feiras regionais, com pleno êxito.

Alunos do Instituto Estadual Cecy Leite Costa, em 1969, mostrando sua vocação para ciência e tecnologia. Tradição seguida com a implantação do Curso Técnico de Eletrônica e pela Incubadora Empresarial Tecnológica, em 1988.



Visão geral dos estantes e a logomarca da Feira que é utilizada até hoje.

Complexo Roselândia

Getúlio Vargas Zauza (*)

Falar sobre a importância do Complexo Roselândia exige breve consideração sobre as origens da área que abriga esse empreendimento e também sobre seu idealizador, Iradi Laimer. Eu o conheci quando ambos aguardávamos nossa vez na fila interminável do Bannisul. Passou a falar-me sobre o ideal de transformar a área num empreendimento de lazer, turismo e cultura. Eu via em seu projeto uma bela alternativa para oferecer meios de recreação para crianças e jovens principalmente, mas também para adultos de todas as idades. Isso tudo tendo em vista o crescimento vertical da cidade onde todos ficam confinados em *gaiolas*. Inclusive, escrevi uma série de artigos no *O Nacional* relacionando a vida nesse tipo de residência com o surgimento de doenças do sistema nervoso (perturbações da vida afetiva) conhecidas também como neuroses.

Na época, já se podia prever o aumento populacional, particularmente devido ao êxodo rural, trazendo como conseqüência a necessidade de geração de emprego e mais, que a falta de emprego acarretaria o aumento da pobreza e daí à miséria, à delinqüência, à insegurança e intranqüilidade.

Quanto à origem da área em questão, primeiramente pertenceu desde 1871 ao bisavô de Iradi, Antônio Bento de Souza, depois a Eugênio Laimer, casado com Francisca Bento de Souza, filha de Antônio Bento de Souza. Parte da área original pertenceu ao pai de Iradi, Eduardo Laimer. Iradi recebeu como herança uma porção de terra com 15 hectares e, posteriormente, adquiriu mais 90 hectares.

Em 1969, em visita a São Paulo, conheceu a Roselândia daquele Estado. Ficou encantado. Na revista *O Cruzeiro* tomou conhecimento da existência de grandes parques temáticos mundiais.

A beleza topográfica da área e o fato de ser o início da bacia hidrográfica do Guaíba exerceu um importante influência na decisão de lutar pela criação de um pólo turístico em Passo Fundo, pois além de preservar os mananciais hídricos proporcionaria um desenvolvimento econômico, social, cultural e oportunidades de trabalho para as gerações futuras, contribuindo dessa forma para erradicar o caos de miséria e insegurança que já está instalado nesta cidade.

O ideal pelo qual o Iradi, bem como de outras pessoas que reconheceram o valor do projeto e estão lutando pelo mesmo ainda não se realizou, mas está em andamento. Prova é o número de instituições que já estão em pleno funcionamento na região oferecendo trabalho e lazer a uma parcela da população passo-fundense, tais como:

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

1) Roselândia Parque Clube, com 1.200 sócios; 2) Clube Recreativo Juvenil, com 13.500 sócios e 35 funcionários; 3) Associação dos Engenheiros Agrônomos, com 148 sócios e um funcionário; 4) CTG Lalau Miranda; 5) Associação dos Funcionários da Caixa Econômica Federal; 6) Kartódromo Clube de Passo Fundo; 7) Associação de Engenheiros e Arquitetos de Passo Fundo, com 200 sócios e um funcionário; 8) Acomac, com 100 sócios e um funcionário; 9) Área do Rodeio Crioulo Internacional; 10) Sindicato dos Comerciantes, com 5.000 sócios e seis funcionários; 11) Clube Recreativo Industrial, com 6 mil sócios e 10 funcionários; 12) Associação dos Funcionários INSS, com 120 sócios; 13) Clube dos Advogados; 14) Paradel Clube; 15) Liga Passofundense de Futebol; 16) Centro Hípico Irineu Ghelen; 17) Centro Hípico Motez-Toaza; 18) Canil Job Iaione; 19) Canil do Aguirre; 20) Zanotto Roselândia (produção de rosas); 21) Clube Recanto IPAI; 22) Panela Preta Cavaleiros do Planalto; 23) Funzotur; 24) Arcon.

Portanto, hoje, o Complexo Roselândia já conta com 24 entidades, 26.268 sócios que desfrutam os benefícios do empreendimento e aproximadamente 60 funcionários permanentes, sendo que periodicamente acolhe mais de 100 mil pessoas para usufruírem o prazer das mais diversas atividades culturais, sociais e esportivas oferecidas nessas entidades.



Vista aérea parcial do complexo Roselândia.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)

Selma Costamilan ()*

Criado em 22 de janeiro de 1942, pelo decreto-lei 4.048 do então presidente Getúlio Vargas, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) surgiu para atender a uma necessidade premente: a formação de mão-de-obra para a incipiente indústria de base. Já na ocasião, estava claro que sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o País. Euvaldo Lodi, na época presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), e Roberto Simonsen, à frente da Federação das Indústrias de São Paulo, inspiraram-se na experiência bem-sucedida do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional e idealizaram uma solução análoga para o parque industrial brasileiro. Dessa maneira, o empresariado assumiu não apenas os encargos, como queria o Governo, mas também a responsabilidade pela organização e direção de um organismo próprio, subordinado à CNI e às Federações das Indústrias nos Estados.

Ao fim da década de 1950, quando o presidente Juscelino Kubitschek acelerou o processo de industrialização, o SENAI já estava presente em quase todo o território nacional e começava a buscar, no exterior, a formação para seus técnicos. Logo, tornou-se referência de inovação e qualidade na área de formação profissional, servindo de modelo para a criação de instituições similares na Venezuela, Chile, Argentina e Peru.

Nos anos 1960, o SENAI investiu em cursos sistemáticos de formação, intensificou o treinamento dentro das empresas e buscou parcerias com os Ministérios da Educação e do Trabalho, e com o Banco Nacional da Habitação. Na crise econômica da década de 1980, o SENAI percebeu o substancial movimento de transformação da economia e decidiu investir em tecnologia e no desenvolvimento de seu corpo técnico. Expandiu a assistência às empresas, investiu em tecnologia de ponta, instalou centros de ensino para pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Com o apoio técnico e financeiro de instituições da Alemanha, Canadá, Japão, França, Itália e Estados Unidos, o SENAI chegou ao início dos anos 1990 pronto para assessorar a indústria brasileira no campo da tecnologia de processos, de produtos e de gestão.

Em todo o país, hoje, a média de 15 mil alunos dos primeiros anos transformou-se em cerca de 2,3 milhões de matrículas anuais, totalizando aproximadamente 41 milhões de matrículas desde 1942. As primeiras escolas deram origem a uma rede de 713 unidades operacionais, distribuídas por todo o Brasil, onde são oferecidos mais de 1.800 cur-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

tos e prestados, ao ano, 85.478 serviços de assessoria técnico-tecnológica e laboratorial às empresas.

A Agência SENAI de Treinamento de Passo Fundo foi inaugurada em 5 de agosto de 1972. Inicialmente, funcionou nas dependências da Fundação Educacional do Menor de Passo Fundo – Patronato de Menores –, onde ficou até 1977. Em junho deste ano, mudou-se para um



Alunos do Centro de Formação Jorge Barbieux.

novo prédio localizado na Rua Independência 380, junto ao Centro Integrado SESI/SENAI, com a designação de *Centro de Formação Profissional Jorge Barbieux*.

No dia 1º de julho de 1977, contando com a presença de uma comitiva composta por Otto Ernesto Dietrich (Diretor do SENAI/RS), Paulo Cezar Junqueira (representante da direção do Departamento Nacional), Luiz Mandelli (Presidente da FIERGS), João Woog (Presidente do Conselho Regional do SENAI/RS), Luiz Otávio Vieira (Diretor do Departamento Regional do SESI/RS), do Ministro do Trabalho, Arnaldo da Costa Prieto, e do então governador do Rio Grande do Sul, Sinval Guazelli, dentre outras autoridades, foi solenemente inaugurada as instalações do *Centro Integrado SESI/SENAI Jorge Barbieux* de Passo Fundo.

Desde então, considerando o parque industrial, o SENAI desenvolveu um trabalho muito intenso na área de treinamento, atuando em diferentes ramos de modo a atender as especialidades das indústrias da região. Eram ministrados cursos nas áreas de Mecânica Geral, Mecânica Agrícola e Eletricidade.

Em 19 de outubro de 1991, o SENAI mudou-se para a Rua Caxias 116 (Bairro Vera Cruz). Em 12 de julho de 2001, teve sua nomenclatura alterada para *Centro de Educação Profissional Jorge Barbieux*.

O CEP-SENAI Jorge Barbieux tem como principais produtos e serviços:

- Aprendizagem industrial: nas modalidades de mecânico de usinagem e eletricitista instalador;
- Curso de iniciação e aperfeiçoamento: objetiva formação especial em várias áreas, tais como eletroeletrônica, metalmecânica, segurança do trabalho, automotiva, entre outras;
- Assessoria técnica e tecnológica: nas áreas de processo da empresa, sendo subsidiada financeiramente pelas empresas que solicitam o serviço.

O kartismo em Passo Fundo

Marco Antonio Damian (*)

Em 1972, os pilotos estavam praticamente órfãos, pois as corridas de rua haviam sido proibidas, devido às tragédias ocorridas alguns anos antes, entre seus carros e os espectadores. Passo Fundo, como ocorre até hoje, é pródiga na revelação de grandes e vitoriosos pilotos que não têm casa própria para treinar e competir.

A proibição de corridas de rua falava em automóveis, mas não de *kart*, e assim mais de uma dezena de pilotos adquiriram os equipamentos e se organizaram para competições. Inicialmente, a prova era domar a máquina, o que foi fácil, pois todos eles vinham do automobilismo. Depois, era pensar em dar maior potência ao motor e diminuir o peso pessoal (do piloto) e do equipamento, para torná-lo mais veloz. Os treinamentos eram realizados no pátio da Cesa, pois era um dos poucos locais asfaltados da cidade.

Chegou então o dia 5 de junho de 1972, data da primeira prova de kart disputada em Passo Fundo. A pista improvisada foi o centro da cidade, nas ruas asfaltadas General Neto, General Osório, Bento Gonçalves e Morom. Alguns sacos de areia foram estrategicamente colocados em curvas apertadas. Exatamente onze karts estavam inscritos, número muito acima do esperado. Mas o domingo amanheceu cinza, nublado, um pouco triste. A chuva era iminente e realmente deu as caras. Nada, porém, arrefeceu o ânimo entre os competidores e o público foi enorme. Aproximadamente cinco mil pessoas se espremeram entre guarda-chuvas ao longo do trajeto.

Foram quatro baterias, todas de altíssima velocidade, adrenalina em alta e o coração batendo forte. Cada bateria consistia em dez voltas na improvisada pista. A primeira bateria foi vencida por Ison Iaione, com Paulo Tagliari em segundo lugar e Roberto Albuquerque, de Carazinho, em terceiro. No descanso merecido, os preparadores, na maioria os próprios pilotos, ajustavam seus equipamentos para a segunda largada, que foi vencida por Hércules Borges, tendo Paulo Tagliari chegado em segundo lugar e Carlos Alberto Oltramari, em terceiro. O povo delirava com o arrojo dos pilotos. A fumaceira e o estrepitante barulho dos motores, era coisa familiar e saudosa para os passo-fundenses. Veio então a terceira bateria, vencida por Paulo Tagliari, seguido de Hércules Borges e Celso Menegaz. O asfalto liso e perigoso não era empecilho para nenhum dos intrépidos homens voadores. A média de velocidade era de 80 km por hora. Considerando os empíricos equipamentos, era alucinante para os pequenos carrinhos. A quarta e última bateria foi vencida por Roberto Tasca, com Paulo Trevisan, em segundo, e Hércules Borges, na terceira colocação.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Ao final da contagem de pontos, quem ergueu o primeiro troféu do kart, em Passo Fundo, foi Hércules Borges, com 22 pontos, seguido por Paulo Tagliari, com 21, Izon Iaione, com onze, Paulo Trevisan, João Carlos Klaus e Roberto Tasca, com nove, e Celso Menegaz, com oito pontos.

Ainda em 1972, outras provas foram realizadas no centro da cidade e no trevo da saída para Porto Alegre, o do Boqueirão. Lá os pilotos largavam como em Le Mans. Alinhavam os karts em oblíquo e na bandeirada corriam até eles e o mais ágil dava a partida primeiro. Uma largada emocionante, mas extremamente perigosa.

Essas primeiras corridas entusiasmaram os corredores e aficionados e empolgaram o público. Assim, no ano seguinte, 1973, passou-se a cogitar a construção do kartódromo, através da Associação de Automobilismo de Passo Fundo, presidida então por Renato Tagliari. Agregaram-se pessoas influentes e entusiastas da velocidade, como Ítalo Bertão, elevado à condição de presidente honorário da associação. As verbas escassas das mensalidades dos sócios eram insuficientes. Dessa forma, promoções, como competições de kart ou quilômetro de arrancada, eram realizadas, com o único objetivo de arrecadar fundos que iriam exclusivamente fazer parte do caixa para construção do kartódromo. Mas essas iniciativas se tornariam inócuas sem colaborações de suma importância, como os de Iradi Laimer, que doou a área da Roselândia, Lander Machado, que sem qualquer custo conseguiu maquinário para a terraplanagem e desenhou, com a ajuda dos pilotos, o melhor traçado e deu os primeiros e gigantescos passos para concretização da obra, Fernando Machado Carrion, então presidente da Cinteia, que custeou a base e o asfaltamento da pista e o prefeito Edu Villa de Azambuja, um entusiasta do esporte, que nada negou a qualquer solicitação da associação. Assim, em 1979, na gestão do presidente Nereu Grazziotin, foi inaugurado o Kartódromo da Roselândia.

Foram eles que trouxeram o novo esporte a motor para Passo Fundo. O amor pela velocidade e a paixão pela adrenalina moveu os jovens pilotos a iniciarem um movimento que chega ao ano de 2006, com a organização e o patrocínio de um campeonato gaúcho de kart. Foram centenas de pessoas entre pilotos, preparadores ou apenas abnegados dirigentes. Porém, entre os pioneiros podem ser destacados Sérgio Ughini, Roberto Tasca, João Carlos Klaus, Paulo Afonso Trevisan, Paulo Tagliari, Hércules Borges, Mauro Machado, Ison Iaione, Caetano Borella, Antonio Carlos Oltramari, Moacir Cabeda, Guilherme Locatelli Wolff, Celso Menegaz, Ivânio Bernardon, Ernani Rigon, Roberto Albuquerque (Carazinho), José Alexandre Tagliari, Renato Tagliari, José Schroeder, César Paulo Ghiggi, Luiz Carlos Tizatto, Nereu Grazziotin, Nivaldo Grazziotin, Nilton Bertão, Edson Bertão, Hélio Ughini, um ícone desse esporte, Joacir e Fernando Stedile entre outros.



Embrapa Trigo

Gilberto R. Cunha (*)

Com a finalidade de incentivar o cultivo de trigo no Brasil, o governo federal aprovou a lei nº 470, de 9 de agosto de 1937, que criou a Estação Experimental de Trigo, a qual foi inaugurada em 1939, passando a se chamar “Estação Experimental de Passo Fundo”, com sede na localidade de Engenheiro Luiz Englert (hoje pertencente ao município de Sertão, criado em 1963). A triticultura colonial era praticada em terras de mata. O local, uma área de



Pórtico de entrada da Embrapa Trigo.

cerca de 1.700 ha, fora escolhido por se assemelhar aos preferidos pelos colonos para cultivar trigo. Devido às limitações de localização e, especialmente, com o deslocamento das lavouras de trigo das áreas de mata para áreas de campo, em 1969, essa estação foi transferida para os arredores da cidade de Passo Fundo. Surgia aí, inaugurada em 1972, a Nova Estação Experimental de Passo Fundo, cujas instalações, localizadas às margens da Rodovia BR 285, altura do km 294, viriam abrigar, a partir de 28 de outubro de 1974, a primeira unidade descentralizada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa: O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa Trigo).

A Embrapa foi formalmente instalada em 26 de abril de 1973. A nova instituição buscava dinamizar a estrutura de pesquisa agropecuária no país, com o objetivo de tornar o Brasil um grande produtor de alimentos. Na organização da empresa, eram contemplados centros nacionais de pesquisa por produtos, temáticos e ecos-regionais. E entre os produtos considerados importantes para o desenvolvimento do país estava o trigo. A resolução nº RD 006/74, assinada pelo diretor da Embrapa, dr. Almiro Blumenschein, designou Augusto Carlos Baier, Rui Colvara Rosinha, Eryson Pires Coqueiro, Avahy Carlos da Silva, Mário Bastos Lagos, Amarilis Labes Barcellos, Ottoni de Souza Rosa e Walter Frederico Kugler, para, sob coordenação do primeiro, prepararem o anteprojeto de implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo – CNPT –, com prazo até 30 de setembro daquele ano para a apresentação do relatório.

O grupo de trabalho reuniu-se em Brasília, de 30 de julho a 3 de agosto de 1974. Analisaram-se a tradição de cultivo de trigo no país, o embasamento técnico disponível e a infra-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

estrutura de produção. E foi com base na concentração da produção, na representatividade ecológica, na infraestrutura de pesquisa e de produção, na tradição de pesquisa, na concentração de pesquisadores e no êxito de tecnologias geradas (tecnologia criada no Sul se adapta ao Norte, mas a recíproca não é verdadeira) que, por unanimidade, definiu-se pela região Sul para a localização do CNPT. Três locais foram cogitados para sediar o novo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa: Ponta Grossa, Cruz Alta e Passo Fundo. Londrina e Sete Lagoas complementariam as atividades do CNPT.



Uma viagem de observação foi realizada de 18 a 20 de agosto, sendo visitadas as bases de Ponta Grossa (IPEAME), de Londrina (IAPAR) e de Sete Lagoas (IPEACO). Não se visitou Passo Fundo e nem Cruz Alta, por serem locais conhecidos dos membros da comissão. Londrina foi confirmada como sendo um ótimo local para receber atividades satélites em pesquisa de trigo e Sete Lagoas foi descartada, passando-se a considerar Brasília para essa finalidade.

Na visão dos membros do grupo, para receber as instalações do CNPT, sobressaíram-se, em ordem: Passo Fundo, Cruz Alta e Ponta Grossa. Para corroborar a definição, via questionários distribuídos, foram entrevistados técnicos que trabalhavam com trigo no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, em Mato Grosso e em Goiás. As respostas evidenciaram Passo Fundo como a primeira opção, Cruz Alta como a segunda e Londrina em terceiro lugar.

E foi assim que a cidade de Passo Fundo foi definida como sede do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Em 28 de outubro de 1974, com a “missão de executar e coordenar as atividades de pesquisa em todas as regiões tritícolas do país, objetivando aumentar a produção nacional de trigo”, houve a inauguração do CNPT, 1ª Unidade Descentralizada da Embrapa, com a presença do então presidente da República, general Ernesto Geisel.

A Embrapa Trigo, hoje (2007), conta com um quadro de 213 empregados (sendo 51 pesquisadores) e ocupa uma área de 447 ha, com 230 ha de campos experimentais e 18.224 m² de área construída (laboratórios, administração, auditórios, salas de pesquisadores, casa de apoio, casas de vegetação, telados, banco de germoplasma, celeiro, garagem, unidade de beneficiamento de sementes e posto meteorológico). Passados 33 anos de existência, há a consciência de que a Embrapa Trigo cumpriu um papel importante na superação de muitos entraves que inviabilizavam o desenvolvimento da triticultura brasileira. Outros, todavia, ainda estão aí, exigindo uma preparação permanente da empresa para o emprego de novos enfoques em pesquisa, desenvolvimento e inovação.

O início da Psicologia

Getulio Vargas Zauza ()*

O primeiro psicólogo radicado em Passo Fundo foi o dr. Pe. Patalon, o que em 1974, já fazia alguns atendimentos na área de psicoterapia; dava assistência aos alunos da Escola Especial O Sorriso de Amanhã, mas sua atividade principal era realizar o exame psicotécnico em candidatos à obtenção da licença para conduzir veículos automotores.

O fato de trabalhar na supervisão escolar oportunizou-me fazer contato com as comunidades vizinhas: Carazinho, Não-Me-toque e Vitor Graeff. Nas duas primeiras, dei assistência às respectivas escolas especiais, atendendo aos alunos, orientando os professores, organizando e coordenando a equipe científica. Na APAE de Passo Fundo, também realizei as mesmas tarefas, organizando e coordenando a equipe científica multiprofissional durante nove anos até o momento da aposentadoria em 1982.

Na 7ª Delegacia de Educação, fundei, sob a supervisão do Departamento de Educação Especial da SEC, o Núcleo de Assistência psicológica (NAP), ao qual competia orientar os professores relativamente à avaliação do nível de maturidade das crianças ingressantes na 1ª série do 1º grau. Ainda era competência do NAP avaliar psicologicamente os educandos dessa série caso apresentassem dificuldades de aprendizagem, diagnosticando as causas, indicando todos os procedimentos necessários para resolver as dificuldades, e ainda, inicialmente, ensinando recursos psicopedagógicos às professoras. Após algum tempo, a DE disponibilizou a formação de duas psicopedagogas para dar atendimento aos educandos e orientação na área aos professores.

Ao mesmo tempo em que realizava centenas de avaliações e diagnósticos, fiz palestras em instituições das comunidades, ora a pedido das mesmas, ora cumprindo o programa da 7ª DE. Nessas palestras, explicava o que é a Psicologia e os benefícios que se pode obter com seu emprego, tanto na clínica psicoterápica, como auxiliante no processo educacional, bem como no setor empresarial.

Assim, em pouco tempo abriu-se campo para vários outros psicólogos. A população entendeu rapidamente os benefícios que se pode obter com a Psicologia, especialmente ante a resolução de tantos casos que antes nem sonhavam que pudessem ter solução. Também foi se preparando o terreno para a profissão de psicopedagogo, que tantos benefícios tem trazido para crianças, que sem esse recurso estariam condenadas ao analfabetismo. Ainda, outro grande avanço deu-se com a colaboração dos psicólogos, psicopedagogos e neurologistas realizando um trabalho integrado em benefício das crianças com distúrbios nas áreas indicadas.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Para citar apenas mais uma das muitas conseqüências benéficas da vinda da Psicologia para Passo Fundo, tem-se a criação do Curso de Psicologia na Universidade de Passo Fundo. E, neste sentido, não pode deixar de mencionar ser o denodado esforço, interesse e sacrifício do professor Agostinho Both, que deve ser reconhecido como o “pai” do referido curso. É a ele que a comunidade de Passo Fundo e de toda a região norte do Rio Grande do Sul deve agradecer.

Quanto ao meu trabalho pessoal, posso citar ainda que nestes 32 anos que vivo e trabalho aqui, considerando a longa duração de uma psicoterapia, já tratei um número considerável de pessoas, pois contando os que se encontram em tratamento, são 670 (seiscentos e setenta) os pacientes de consultório. Agora, se fosse levar em conta diagnósticos de crianças e orientação individual aos pais, sem contar os pacientes da clínica, devo estimar cerca de 10 mil atendimentos extra clínica particular.

Ainda quero citar como hipótese de outras conseqüências importantes e benéficas foi uma conversa que tivemos a professora Tânia Rösing e eu há muitos anos por solicitação sua sobre a importância que teria o ler ou contar histórias infantis às crianças para o seu desenvolvimento psicológico (da alma e espírito) saudável. Nessa conversa amical, afirmei que é após a demonstração à criança do amor que se tem por ela, uma das melhores coisas que se pode e deve fazer, especialmente os Contos de Grimm os quais contêm um profundo sentido espiritual.

Hoje, ao escrever este relato me ocorre a (talvez vã) idéia de que nessa amical e despretensiosa conversa não esteve ocultamente o gérmen do que a professora Tânia veio a criar: a fantasticamente importante Jornada Nacional de Literatura Brasileira, reconhecida por lei federal.

Ainda quanto à Psicologia em Passo Fundo, coube a mim ser o primeiro psicólogo clínico radicado aqui. Se isso foi o gérmen para o desencadeamento do que veio após, não sei. O que posso afirmar com absoluta segurança é que ela trouxe progresso científico e cultural para a comunidade, além de todos os demais benefícios para as profissões já citadas, para crianças, pais e professores, especialmente das primeiras séries.

Ao dr. Patalon e a mim coube a menor parte nesse processo.



Reservas Ecológicas Arlindo Haas e Maragato

Rogério Benvegnú Guedes (*)



Instalação da Reserva Maragato, em 2007.

A primeira conquista na conservação de um remanescente de floresta com araucárias em nosso perímetro urbano veio através da persistência de um grupo de passo-fundenses preocupados com a proteção da área chamada de “Invernadinha do Matadouro”. Em 29 de outubro 1974, através da lei 1.714, o executivo municipal representado pelo prefeito Edu Villa de Azambuja estabeleceu comodato de uma área de 26,42 ha em favor da Sociedade Botânica de Passo Fundo, uma organização não governamental científica e ambientalista. O local fazia parte da primeira área industrial do município, oficialmente constituída em 23 de dezembro de 1954, pela lei municipal nº 554.

(*) Ambientalista.

Em 1980, a Invernadinha passou a se denominar “Reserva Arlindo Haas”, homenagem póstuma a um militante ambientalista passo-fundense tragicamente falecido em acidente de trânsito.

O Grupo Ecológico Sentinela dos Pampas, reconhecida entidade ambientalista de nossa cidade, realizou várias ações em prol da Arlindo Haas entre elas as conhecidas “campanhas do palanque”, que com o auxílio da comunidade conseguiu cercar parcialmente a reserva. A Universidade de Passo Fundo, por meio de convênio desde 25 de agosto de 1999, vem realizando projetos de extensão e pesquisa na Reserva Arlindo Haas.

Outra iniciativa inovadora foi a criação, em 2007, da Reserva Maragato, com área de 41,60 ha. Essa é a primeira Reserva Particular do Patrimônio Natural do Planalto Médio gaúcho, fato este que quebra um paradigma, que é o de somente contar com o poder público na criação e gestão de áreas protegidas. Para alcançar seus objetivos, a reserva conta com a colaboração de entidades e instituições, onde cabe destacar o apoio do 3º Batalhão Ambiental da Brigada Militar, que realiza ações de fiscalização e atividades de educação ambiental para o público escolar da região. A organização não governamental Guardiões da Vida acompanha todo o processo de criação e efetivação da Reserva Particular do Patrimônio Natural Maragato, buscando junto aos diversos setores da sociedade a consolidação dessa importante unidade de conservação.

Diante destes exemplos que devem ser seguidos e incentivados, cabe refletir como se deu o desenvolvimento da nossa sociedade e a transformação da paisagem natural como consequência da ocupação do território.

Os relatos feitos pelos jesuítas espanhóis pelos anos de 1636 na então redução de Santa Teresa, localizada em Passo Fundo (conhecida como Santa Teresa de Los Piñales devido a imponente floresta com araucárias e erva-mate), descrevem uma surpreendente diversidade de plantas e árvores nativas, frutíferas e flores silvestres, bem como a riquíssima fauna com dezenas de mamíferos, anfíbios, répteis, aves, peixes, abelhas e outros insetos que aqui existiam. Se fossemos remeter estas descrições para a atualidade, poderíamos até pensar que o relato dos jesuítas se trata da floresta amazônica e não do território passo-fundense. É relevante citar que por volta de 1920 nossa região ainda possuía praticamente metade de seu território coberto com floresta de araucárias e a outra de campos nativos.

Constatamos, então, que é necessária e urgente a ampliação de áreas protegidas em nosso município não só para a conservação da natureza e de sua biodiversidade, mas também para proteger recursos hídricos abundantes em nosso território rico em nascentes, verdadeira benção da mãe natureza para os que aqui vivem.

Nossa sociedade tem pela frente o grande desafio de continuar criando oportunidades de crescimento, priorizando o bem-estar social sem que isto nos conduza à perda da identidade cultural e a extinção do patrimônio natural.

As futuras gerações têm o direito de conhecer e usufruir as riquezas da mãe-terra, experimentar o pinhão e tomar o bom chimarrão, tradição que herdamos de nossos ancestrais.



Rio Passo Fundo, o Nilo passo-fundense

Rogério Moraes Sikora (*)

“Por isso, água querida, nós te devemos tanto
não haveria a vida sem este teu encanto
Tu vieste a nós como um presente, enviado pela mão divina
Que, para nos dar saúde e vida, te fez pura e cristalina” *
(Homenagem à água, de Clóvis Oliboni Alves)

O local onde hoje existe a cidade de Passo Fundo era uma passagem de tropeiros. Conservando o batismo que lhe foi dado pelos índios colorados, é chamado “Goyo-en”, palavra composta que na sua língua significa muita água, rio fundo e, portanto, por analogia, pode-se também traduzir por “passo fundo”.

Remonta o nome desta cidade aos velhos dias em que, para evitar a volta e demais inconvenientes da antiga estrada por Viamão e Santo Antônio da Patrulha, os tropeiros entraram pela campanha, ainda deserta, fazendo o trajeto da viagem do sul rio-grandense para São Paulo e vice-versa, passando por aqui. O Rio Passo Fundo foi sempre um marco referencial importante para a passagem dos tropeiros que abriram esse novo caminho para encurtar o trajeto até a feira de Sorocaba e de lá às Minas Gerais.

Ao vão que hoje chamamos “passo”, estendeu-se o nome ao rio respectivo e ao lugar da cidade, originada muito depois em pequeno núcleo de moradores formado junto à estrada, no centro da atual Av. Brasil, para não confundir-se com outro passo fundo situado pouco aquém do local em que posteriormente surgiu a Vila de Lagoa Vermelha, era chamado “Passo Fundo de Missões”, denominação com a qual aparece ainda em 1856 em documentos públicos. O rio que assim foi denominado “Passo Fundo” é o mesmo Uruguaimirim do tempo dos jesuítas.

Na localidade de Povinho Velho, na saída para o Município de Mato Castelhano, encontram-se as nascentes dos Rios Jacuí e Passo Fundo, local onde nascem esses importantes rios, cujas bacias hidrográficas são responsáveis pelo abastecimento de 70% (setenta por cento) da população de nosso Estado.

O Rio Passo Fundo foi testemunho de todos os momentos da nossa história. Viu chegar o índio; aproximar-se o bandeirante explorador; o interessado povoador; o trabalhador imigrante; viu passar o tropeiro; chegar o cargueiro; instalar-se o comerciante; mais

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

tarde o industrial, o estudante e todos os demais que vieram somar esforços para construir esta gente alegre e esta terra hospitaleira.

Se o rio pudesse falar, diria tudo o que presenciou por aqui: o início do povoamento, a implantação do progresso e a busca do desenvolvimento e do bem-estar de todos os seus habitantes.

Apesar de sua grande importância na origem de nossa cidade, tal como o Rio Nilo, dando origem à civilização, nem todos o respeitam como merece. Há, em nossos dias, toda forma de agressão e poluição, as quais vão comprometendo seu futuro.

Por outro lado, há projetos que visam à recuperação e à preservação do Rio Passo Fundo, os quais propõem trabalhar com atividades de recuperação de seus ecossistemas e envolvimento de toda a comunidade passo-fundense. Esses projetos buscam reverter o alto nível de poluição provocado pelo lixo, entulho e esgoto, entre outros, com atividades que envolvem desde palestras para estudantes até plantio de recuperação das matas ciliares.

Essa tarefa de sensibilizar, informar e formar pessoas é da mais relevante importância para ajudar a salvar o Rio Passo Fundo, a qual figura entre os diversos desafios a serem vencidos para se conseguir uma gestão sustentável da água em nossa cidade.

Em outras palavras, hoje se trabalha para resolver muitas questões polêmicas da melhor maneira, para que as futuras gerações tenham um planeta mais equilibrado onde viver.



Monumentos históricos

Dilse Piccin Corteze^(*)

Muitos monumentos e marcos históricos foram e continuam sendo construídos no decorrer dos tempos, para rememorar acontecimentos históricos. Alguns, com significados e influências distintas para cada grupo social ou pessoa. Existem para que os interessados possam refletir sobre o passado, compreendendo um pouco do que representam perante o processo de transformação cultural e tecnológico. Assim tomando-os por exemplos a serem seguidos ou evitados. Por isto, melhor para conhecer a história de Passo Fundo é visitar seus monumentos. A professora Orfelina Vieira de Melo, coordenadora do Grupo Pró-Memória de Passo Fundo, em seu *Resgate aos Monumentos e Marcos de Passo Fundo-RS*, de 1994 a 1997, afirma que os “Monumentos, Placas, Painéis, Marcos contam pedaços da História de um Povo. Aí ficam materializados a cultura, a arte, o espírito cívico e até a mentalidade imperante em determinadas épocas”.

Encontramos diversos tipos de monumentos na cidade: obeliscos, estátuas, bustos, placas, esfinges, túmulos, chafarizes, marcos, portais, painéis, esculturas, em locais variados, de diferentes formas, idades e inscrições sempre marcando, sinalizando e lembrando à população que circula nas ruas, fatos antigos ou recentes que marcaram Passo Fundo.

Nos canteiros centrais da Avenida Brasil, principal via da cidade, os transeuntes podem visualizar vários monumentos de diferentes formas, com significados e mensagens



A importância da estrada de ferro para Passo Fundo é representada no “Monumento ao Ferroviário”, como é denominado pela população.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

próprias. Dois obeliscos comemorativos a fatos históricos de grande importância: um em frente à Escola Estadual Protásio Alves, com duas placas destacando fatos de épocas diferentes – o tiro de guerra 225 e Sesquicentenário da Independência do Brasil; outro em frente à antiga prefeitura marca a comemoração do Primeiro Centenário de Passo Fundo.

Espalhados pelo percurso da antiga Rua das Tropas são encontrados monumento a Thadeu Annoni Nedeff, voltado para a rua Capitão Araújo; Joaquim Fagundes dos Reis, “O fundador de Passo Fundo”; Praça e monumento à Mãe Preta, em frente à Escola Fagundes dos Reis; Dr. Nicolau Vergueiro, político de atuação estadual; praça e monumento em homenagem a Teixeira, conjunto arquitetônico, dando projeção especial à escultura com sucatas de metais e placa com os dizeres – “Pra ver as prendas mais lindas do mundo cheguei em Passo Fundo no cantar do galo”; antiga pira da Pátria e jarrão que ornamentam o obelisco do Centenário de Passo Fundo; monumento em homenagem aos jesuítas em frente a igreja de São Vicente de Paulo; Bebedouro do Boqueirão, ao lado do Posto da Brigada Militar; Veleiro em comemoração aos 500 anos do descobrimento do Brasil, junto ao trevo para Soledade; na outra extremidade da avenida, saída para Erechim, está o monumento homenageando os Cavaleiros do Mercosul. Os bustos nos lembram personalidades que marcaram uma época da história: professor Ernesto Tochetto e a sua sala de aula, na praça que recebe seu nome; Gervásio Lucas Annes, chefe do Partido Republicano e legalista de 1893, construído em 1920, no centro da Praça Tamandaré; Francisco Antônimo Xavier e Oliveira, “pai da historiografia de Passo Fundo” e político, a praça com seu nome, frente ao Hospital da Cidade, do qual foi um dos fundadores.

A Praça Marechal Floriano, em frente à catedral de Passo Fundo, encerra diversos monumentos. Em forma de busto, exibindo inscrições significativas, encontramos monumento em homenagem ao Ex-Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, ao lado do busto do presidente encontra-se a placa com sua Carta Testamento; Dr. César Santos, médico conceituado; jornalista Múcio de Castro; o também jornalista Túlio Fontoura; a Cuia representando o chimarrão símbolo da hospitalidade; monumento em forma de santuário para homenagear Dom Cláudio Colling, primeiro Bispo da diocese, em frente à porta principal da Catedral.

A Praça da Gare é palco de momentos históricos que marcam a memória de muitos passo-fundenses e a lembrança de muitos fatos importantes, que não devem ser esquecidos: O Trole, que lembra a Viação Férrea; a Pira da Pátria; a Bíblia Sagrada; Monumento ao Homem Voador, lembrando a imaginação do ferroviário que no seu trem voava com o mundo em suas mãos, sustentado por um grande pedestal ornamentado com peças do mundo ferroviário.

Muitos outros monumentos são encontrados distribuídos pelos diversos recantos da cidade e arredores de Passo Fundo. Todos têm sua história para contar. Merecem cuidados e atenção por parte de todos. Com eles será possível manter um pouco mais a memória de fatos importantes.



Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi

Santo Claudino Verzeleti ()*

Fundado em 21 de junho de 1976, o Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi destina-se a congregar pessoas da comunidade passo-fundense que se disponham a promover e apoiar a divulgação da cultura ítalo-brasileira, bem como os usos e costumes de ambos esses povos.

Do seu estatuto social constam os seguintes objetivos: a) organizar, desenvolver e manter uma escola de língua italiana; b) organizar e manter biblioteca e museu, sobretudo alusivos a sua especialidade; c) propiciar e/ou promover a realização de festivais, concursos, exposições, encontros, palestras, congressos, seminários e a organização de corais, grupos de dança e teatro, bem como outras atividades de caráter cultural; d) promover intercâmbio com entidades culturais e sociais da comunidade, propiciando sua eventual adesão ao Centro.

Conforme consta da ata de fundação da entidade, reuniu-se, para este fim, um grupo de passo-fundenses atuantes. São eles: Verdi De Césaró, Paulo Renato Ceratti, Ivo Biazus, Múcio de Castro, Eurípedes Facchini, Guido Nelson Medaglia, Flávio Benvegnu, Hélio Freitag, Carlos Alberto Madalosso, Celina Madalosso, Juliano Poletto, Paulo Giongo, Antônio Borges, Heméterio Vieira, Atílio José Dornelles, Euclides Bordignon, Salim Buaes, Paulo Airton Nöthen, Antônio Felix Crivello, Arlindo Postal, Wolmar Antônio Salton, Alcione N. Correa, Sabino Correa Machado, Orlando Marin, Derli Marcon, Benedito Hespanha, José Fernando Belém de Carvalho, Manoel R. Cordeiro, Guaracy Barroso Marinho, Ides Sirotá Viuniski, Carmem Magalhães, Lourdes Vitali Subtil, João B. Mello de Freitas, Etevlino Garbossa, Edi Maria Eidt, João José Angonese, Hélio Bernardon, Edu Villa de Azambuja, Hélio de Souza Mattos, Idalino Grazziotin, José B. Schnor, Padre Ermindo Contini, Diogo L. Rossini, Ruy Bastian, Diogo Morsch, Luiz Eurico Spalding, José C. Ferreira, Jorge Berthier de Almeida, Osvaldo Venturini, Ernesto F. M. Goelzer e Santo Claudino Verzeleti.

A comissão organizadora, por sugestão de Verdi De Césaró, escolheu o nome de Anita Garibaldi (1821-1849), para designar a entidade, com o intuito de homenagear a brasileira nascida em Morrinhos/SC, que se uniu a Giuseppe Garibaldi e a seu lado lutou em suas campanhas no Brasil e na Itália, tendo casado com ele em 1842, em Montevidéu.

A jovem Anita distinguiu-se como intrépida guerreira, tanto na Guerra dos Farrapos como, posteriormente, na terra de seu marido, onde morreu vítima duma lesão pul-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

monar, durante a retirada de Roma. Por sua combatividade e seus feitos, foi homenageada com um monumento em Ravena e outro em Nice, onde foi enterrada. Seus atos de bravura até hoje são festejados pelos italianos e por seus descendentes no Brasil.

No dia 20 de maio, data oficial da imigração italiana proveniente do Vêneto, o Centro Cultural Anita Garibaldi, através de sua escola de língua italiana, realiza festividades e programações culturais. O Centro está instalado em sede própria, na Casa de Cultura da Fundação Santo Claudino Verzeleti, Rua Independência, nº 36.

Além das atividades já mencionadas, o centro também desenvolve, há 31 anos, um programa radiofônico em língua vêneta, na Rádio Diário da Manhã, que visa a difundir sua política educacional e os usos e costumes de seu povo. O programa vai ao ar aos sábados, das 13 às 14 horas.

Outro ponto alto na divulgação da cultura trazida pelos italianos é o Museu do Imigrante, que narra, por meio de objetos típicos usados na roça e nas lides diárias, a história dessa brava gente, no Rio Grande do Sul, e especialmente no Planalto Médio.

O centro cultural possui também uma ampla biblioteca, com obras literárias desde o ano de 1890, quando da existência da antiga Società de Mutuo Socorso Iolanda Margherita di Savoia, hoje Clube Caixeiral Campestre.

No mural dos ex-presidentes da entidade, destacam-se os nomes de Santo Claudino Verzeleti, Ângelo de Lima, Osvaldo Venturini, Eloísa Bedin, Euclides Bordignon, Cláudio Chiaradia, Honorino Gasparetto, Dorothea Morsch, Valdocir Roman, Ederson Luiz Scandolara, Jorge Cansi e o atual presidente, Etelvino Garbossa. Todos com amplas realizações, nas áreas cultural, social, recreativa e esportiva.

O centro cultural já formou mais de mil alunos em língua e cultura italiana, alguns dos quais são professores, espalhados por toda a região.

Participaram da primeira Diretoria: Santo Claudino Verzeleti, Euclides Bordignon, Vilmo Bedin, Osvaldo Venturini, Carino Corso, Eurípedes Facchini, Antônio Ferri, Eugênio Zibetti, Giovanni Corso, Alberto Poltronieri, Verdi De Césaró, Idalino Grazziotin, Flávio Benvegna, Mário di Vaia, Luiz Fragomeni, Luiz Soldatelli, Antônio Marson, Leopoldino D'Arienzo. Conselho Fiscal: Ivo Biazus, Hélio Bernardon, Tranqüilo Grazziotin, Pedro Ario Rebecchi, Guido Medaglia. Suplentes: Giovanni Panassolo, Pe. Rodolfo de Cândido, Ângelo de Lima, Alberto Scortegagna, Adirbal Corralo.



Museu Histórico Regional - MHR e Museu de Artes Visuais Ruth Schneider

Dilse Piccin Corteze ()*

O Museu Histórico Regional de Passo Fundo está instalado no prédio construído no início do século passado para ser a Intendência Municipal, que teve sua construção iniciada no ano de 1909 e concluída em 1911, trabalho este realizado pelo imigrante italiano Luiz Ricci, aqui chegado em 1894. Além desta obra, ainda fabricava tijolos, telhas e extraía pedras que serviam de alicerces.

O prédio abrigou a Intendência Municipal, até 1930, e a Prefeitura Municipal, até 1976, quando foi construído o Centro Administrativo Municipal. A partir daí, o Museu Histórico passou a funcionar em uma das salas da antiga Intendência.

O Museu Histórico Regional foi criado em 1977, por decreto do prefeito municipal de Passo Fundo, com o nome de Museu Histórico-Cultural, e estava vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura. O museu tem por objetivo a preservação e difusão da memória e do acervo histórico-cultural da região. Seu acervo é divulgado através de exposições temáticas temporárias centradas na história local e regional.



Antiga Intendência Municipal, onde funciona o Museu Histórico Regional.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

O museu esteve em funcionamento durante o período de 1977 a 1990. Depois de aproximadamente cinco anos desativado, reiniciou as atividades em 1996 por um convênio entre a Prefeitura Municipal e a Fundação Universidade de Passo Fundo. Desde então, assumiu a sua designação atual (MHR) e está instalado no mesmo prédio ocupado pelo Museu de Artes Visuais Ruth Schneider.

O MHR conta com uma equipe de professor, museóloga, auxiliares de museu e estagiários do curso de História da UPF. Além da preservação e divulgação da memória e do patrimônio histórico depositado em seu acervo, a equipe desenvolve atividades de ação pedagógica e educação patrimonial junto a diferentes setores da sociedade, de maneira especial, para as escolas da rede municipal, estadual e particular de ensino nos seus diversos níveis.

Em 1995, o museu foi restaurado para melhor abrigar seu acervo composto de muitas doações feitas pela artista plástica passo-fundense Ruth Schneider, razão pela qual o museu tem o seu nome.

O espaço do Museu Histórico contém um acervo na área antropológica, indígena, tecnológica, documental, fotográfica, além de outros setores que registram o cotidiano da comunidade. Isso graças à participação dos passo-fundenses que fazem doações e empréstimos de objetos ou documentos, o que vem ocorrendo desde sua inauguração, atestando a credibilidade que o museu vem despertando.

Já o Museu de Artes Visuais Ruth Schneider é mais abrangente, pois além de conter a maior produção da artista que lhe dá o nome, abriga, através de doações, a visão da arte contemporânea do Rio Grande do Sul, contendo em seu acervo nomes respeitáveis e significativos da trajetória artística do Estado.



Clube de Esportes de Passo Fundo (Cecon)

Santo Claudino Verzeleti ()*

A fundação do Clube de Esportes de Passo Fundo obedeceu a critérios desportivos, visando sobretudo interceder junto aos poderes públicos pelos direitos e interesses legítimos da comunidade e das pessoas físicas e jurídicas, além de promover o intercâmbio esportivo nas diversas modalidades do esporte é a sua tarefa primordial.

Foi fundado em 23 de fevereiro de 1979, em decorrência da transformação do Departamento de Esportes dos Contabilistas (DESC). Imbuídos de espírito esportivo, e conhecedores das necessidades de participação, em nível estadual, em competições variadas, seus fundadores criaram a entidade, sob o signo dos anéis olímpicos.

O sonho se concretizou graças ao empenho e à abnegação dos seguintes esportistas: Cláudio Goelner, Lucindo Robin, João Rodrigues da Silva Campos, Alceu Fernandes Carvalho, Ivan Dreher Simões, Marcos Luciano Ferraz, Neucir Rebelato, Wilson Tassi, Abílio Celso Fuão, Vilson Rizzo, João Artur Fortes, Fernando O. Annes, Jorge Engers, Rui Mattos de Souza, Renato Justi, Francisco Xavier, Volmar Souza, Paulo Nunes, Carlos Alexandre Pereira, Sérgio E. P. Sander, Elton Wojann, Carlos Roberto Redel, Ruy Barbisan, Aldo Martio, Luiz F. Klaus, André Luiz Trindade, Telmo M. Vargas, Eduardo Fabiani, Bernardo Martio, Ernani Carlassara de Oliveira, Jorge Roberto Santos, Vernei Barbosa dos Santos, José de Melo Engers e Santo Claudino Verzeleti.

A Diretoria, por sua vez, ficou assim constituída: *Presidente: Santo Claudino Verzeleti; vice-presidente: Cláudio Raphael Goelner; Departamentos – de Administração: João Artur Fortes, Vilson Rizzo; Financeiro: Vilmo Bedin; Jurídico: Celso Gonçalves; de Promoções: Guilherme Wolff e Jorge Engers; Esportivo: Renato Justi e Lucindo Robin; de Patrimônio: Armando da Silva Rocha e Jorge Rien. Conselho Fiscal: Neucir Rebelato, Marcos Luciano Ferraz e Wilson N. Tassi.; suplentes: Benhur Baggio, Rubens de Araújo e Flávio Airton Dias.*

A entidade prosseguiu em suas atividades desportivas, aglutinando jovens devotados à causa, e concitando-os a participar do esporte amador. Assim, o Clube Cecon cresceu e se promoveu. Com o atleta Ernani Carlassara de Oliveira, conseguiu o título de Campeão Estadual, nas modalidades de 800 e 1500 metros, no ano de 1979. Com Jorge de Mello Engers, que, em 1978, sagrou-se Campeão Internacional da Maratona Fischer, conquistou também o Campeonato Estadual da Maratona de Porto Alegre. Com Ênio de

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Souza Vargas, foi Campeão Estadual de Corrida de Fundo, em 1981. Bernardo Martio, no Ciclismo, venceu o Campeonato Estadual em 1981, 1982 e 1983, e, no Regional, venceu todas as provas de 81 a 85. O Cecon participou ainda, em nível estadual, sob a direção do professor Renato Justi, do Campeonato Estadual de Voleibol, com ótima performance. Em 1978, através do desportista Abílio Fuão, participou do Campeonato Estadual de Futebol de Salão, galgando posições invejáveis, tendo em vista a modalidade e as dificuldades financeiras enfrentadas pelo Clube.

O Campeonato de Bicicross, sob a orientação do técnico Ciro Lopes Filho, propiciou ao Cecon o 5º lugar, pelo sul-americano, em Buenos Aires, no ano de 1990, com Lucirene Lopes, e o 1º lugar com Eduardo Burlamaque. Em 91, o clube obteve a quinta colocação nacional, com o piloto Guilherme Lopes. Em 92, o 2º lugar sul-americano feminino, com Letícia Lopes. No mesmo ano, pelo mundial, em Salvador/BA, entre 1.560 atletas, Guilherme Lopes conquistou a 14ª colocação geral, a 2ª posição gaúcha e a 3ª pelo campeonato brasileiro. Em 1998, o atleta Vitor Aneris trouxe para Passo Fundo o 2º prêmio na Meia Maratona de Paris (França), e o 1º na Meia Maratona de Roma (Itália). Em 2001, Rosa Jussara foi campeã da Maratona de Blumenau (Santa Catarina).

No Atletismo, o Cecon conseguiu, em Passo Fundo, por meio de Marcos André Annes, a 1ª colocação na Corrida Noturna de Verão; e, com Tiago Annes, o 4º lugar. Na Maratona Estudantil de 3 mil metros, Marcos Júnior conquistou a 6ª posição e Tiago Mateus a 8ª. Na Rústica Nacional Marcopolo, mini-rústica de 3 mil metros, Marcos Júnior classificou-se novamente, dessa vez na 15ª posição.

Muitos atletas se destacaram usando a camisa do Cecon. Entre eles, Eloy Rodrigues Schleder, tetra-campeão da preliminar na Corrida de São Silvestre, em 1983; 3º lugar, nos Dez Mil Metros Internacional, em São Paulo, e bi-campeão na San Fernando, em Motevidéu (Uruguai).

Foi uma época em que Passo Fundo impôs respeito em todas as competições esportivas, graças à disciplina e à dedicação de seus dirigentes e ao empenho e espírito esportivo dos atletas. É importante que se diga que os bons resultados obtidos foram consequência de muitas lágrimas, muito suor e sacrifício.

O lema do Clube e de todos os que dele participaram era: “O esporte une. Participe!”



A revolta dos motoqueiros

Rogério Moraes Sikora (*)

O mês de fevereiro de 1979 foi eivado pela violência policial, desencadeando fatos que terminaram marcando, de forma indelével, a memória de todos. Clodoaldo Teixeira era um jovem como outros tantos de sua geração; trabalhava, tinha sonhos e expectativas. Em 5 de fevereiro, saiu de seu local de trabalho (Equipagro) para fazer seu alistamento na Junta Militar, já que iria prestar serviço militar no ano seguinte; passava pela Rua Independência, porquanto o curso de pré-vestibular Gama, que tinha sede na frente da Praça Marechal Floriano, era um ponto onde se reuniam os jovens motoqueiros passo-fundenses, quando um policial militar fez soar dois silvos breves, determinando que Clodoaldo parasse sua motocicleta. Assustado diante da patrulha policial e temendo represálias, resolveu não parar, porquanto além da motocicleta não ser sua, não possuía habilitação. Clodoaldo não imaginava que aquela fuga, ingênua, seria fatal. Para fugir da abordagem, conduziu a motocicleta, dobrando à direita, ingressando na Rua General Neto. Foi o que bastou para despertar a fúria e a ira dos policiais, os quais iniciaram uma perseguição pelas ruas da cidade, conduzindo o veículo militar, popularmente conhecido como “pata-choca”.

Amedrontado, Clodoaldo resolveu buscar abrigo junto ao seio de sua família, local onde certamente se sentia seguro e protegido, passando a se dirigir para a casa de seus pais, na Rua Antônio Araújo, esquina com a Rua Lava-pés, na Vila Annes. Buscando chegar à casa dos pais, dobrou à esquerda, na Rua Lava-pés, sempre com os policiais em sua perseguição. Acuado, viu Sérgio Danilo Barufaldi, e foi reduzindo a velocidade da motocicleta, aproximando-se da calçada, como que pedindo socorro ao amigo. Nesse momento, Sérgio ouviu um disparo de arma de fogo. Pôde perceber que o tiro fora disparado pelos policiais militares. Ouviu um segundo tiro, momento em que se jogou, de costas, na parede de uma casa, procurando se proteger, oportunidade em que visualizou um dos policiais militares, apoiar o braço na janela da viatura e fazer mira, antes de desferir o terceiro tiro, pelas costas. O tiro foi fatal. O tiro que ceifou a vida do jovem Clodoaldo, a menos de 50 metros da casa de seus pais.

A morte de Clodoaldo e as condições de sua morte correram a cidade como um rasilho de pólvora, já que era muito bem relacionado. Às 21 horas, o trânsito, na área central, estava tumultuado, em especial à frente da Catedral. Jovens conduzindo motocicletas e fitas pretas circulavam pelo local gritando palavras de ordem, em protesto.

A terça-feira, dia 6, já amanhecia tensa; a família desesperada, os amigos inconformados, a comunidade revoltada. A notícia veiculada nos jornais e nas emissoras de rádio davam conta do acontecido, despertando a curiosidade e a revolta de todos.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Logo após o enterro de Clodoaldo, no Cemitério da Petrópolis, houve uma carreato com centenas de motoqueiros, dirigindo-se ao centro da cidade, protestando contra a morte injusta do rapaz.

A Brigada, procurando evitar os protestos, fechou os acessos ao centro da cidade, impedindo ingressar numa área, definida por um quadrado, entre a Avenida Brasil e a Rua Independência; e entre a Rua Coronel Chicuta e a Rua Morom. Entretanto, não era apenas motoqueiros que estavam revoltados com a morte de Clodoaldo, mas toda a comunidade. Jovens, portando cartazes e faixas pretas, gritavam palavras de ordens e desafios aos policiais militares que se encontravam no local. Uns viajavam os policiais, enquanto outros circulavam com as motocicletas, nervosamente, pela pista de rolamento, sobre as calçadas e, até por dentro da Praça Marechal Floriano. Os populares acompanhavam os motoqueiros e faziam coro nas palavras de ordem.

Uma viatura policial chegou ao cruzamento da Rua Independência com a General Neto, aproximadamente seis policiais descem e começam a tentar controlar a situação, mas são apedrejados por populares. Acuados, correm a pé, alcançando a viatura e batendo em retirada. Outros policiais, na Morom, próximo à Coronel Chicuta, também são apedrejados, momento em que um deles dispara um tiro para cima. Populares, advertem os policiais que a situação está fora de controle e que deveriam deixar o local para evitar o pior. Ouviram o conselho dos populares e se dirigiram, a pé, ao Comando do CPA3, perseguidos por populares. Muitos outros populares, despertados pelo disparo da arma de fogo, seguiram ao encalço desses brigadianos.

Os policiais militares, enfim, alcançam abrigo no prédio do CPA3, na Avenida Brasil, onde hoje funciona a Livraria da UPF, porém uma verdadeira multidão cerca o prédio e começa a gritar palavras de ordem. Nesse momento, ouve-se uma saraivada de tiros. Do outro lado da rua, na calçada fronteira ao Museu de Artes Ruth Schneider, o jovem operário Adão Faustino, de apenas 19 anos, que sequer fazia parte dos protestos, deu um grito e tombou. Pessoas que estavam ao redor perceberam que o jovem sangrava no pescoço e providenciaram socorro. Não iria adiantar. Adão Faustino era a segunda vítima fatal.

Na frente do CPA3 os protestos continuavam e mais duas pessoas foram feridas. Uma delas era Joceli Machado, que foi socorrido e levado, às pressas, ao hospital. Com a situação totalmente fora de controle, o major Isauro Piaguaçu Pires Corrêa, comandante do Esquadrão do Exército, colocou todo o efetivo nas ruas para conter a fúria popular. A ação do Exército permaneceu por toda a madrugada.

A quarta-feira, dia 7, amanheceu tensa, mas já sem conflitos entre populares, motoqueiros e policiais militares. A imprensa de todo o Estado e do país registram os fatos. Autoridades públicas municipais se manifestam na imprensa lamentando os fatos e pedindo serenidade a todos. O secretário de Estado da Justiça e Segurança visita Passo Fundo, e determina a troca de comando do 3º RPMon. Infelizmente, no dia 22 de fevereiro, há a terceira vítima fatal. Joceli Machado também morre.

O ano de 1979 ficou tristemente lembrado pela “revolta dos motoqueiros”.



Praça Marechal Floriano

Francisco Mello Garcia (*)

Conheci a cidade de Passo Fundo, com aproximadamente dez anos de idade, e isto foi um verdadeiro sonho para um menino que vivia na roça. Entre tantas coisas que minha mente gravou, está a Praça Marechal Floriano, e de forma muito destacada o lago que ainda hoje ali permanece. Nele existiam muitos peixes coloridos, de vários tamanhos. Além disso, belos canteiros com flores de muitas cores, entre uma vegetação verde. Ali se podia desfrutar do lazer, recreação e religião.



A cuia, no centro da Praça Marechal Floriano, é um dos símbolos de Passo Fundo. No detalhe a construção do prédio Serrador, em 1965.

Tudo ao redor da praça, enfim, cinemas Real, Imperial e Pampa, os restaurantes, cafés e as casas de jogos que ali funcionavam. As missas da Catedral, quem não lembra a das dez horas nas manhãs de domingos, ela tinha um *glamour* especial, pois após seu término, havia a esperança de encontrar alguma pessoa, também muito especial, o mesmo era feito antes e após as saídas dos cinemas. Tudo isso tem um registro de coisas do passado, mas na essência, não o é pois nossa praça ali está, eu e tantos outros, também é verdade, que muitos já se foram, a exemplo o inesquecível Peri que guarnecia a praça com tanta dedicação e carinho, como se ela fosse sua propriedade particular. Porém, como acho que neste mundo pouca coisa nos pertence, aproveito para documentar através de uma

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

poesia o que significa para mim, a praça principal de Passo Fundo. Considerando que nem da própria vida somos donos, a Praça Marechal Floriano vai continuar participando da vida de muitos como um centro de reflexão, meditação e paixão, para quem de alguma forma, ama esta terra.

Porém, se considerarmos só o presente e o futuro, gostando ou não, um dia tudo o que aconteceu estará no passado, com certeza eu mesmo não estarei mais aqui para contar história ou estórias em forma de poesia, como a que segue...

As primaveras de nossa praça

Meu amor ainda hoje eu me lembro
fim de setembro e o desabrochar das flores,
rosa em botão que mexeu meu coração
encheu meus olhos de beleza e de cores.

Meu amor, ainda hoje às vezes volto
ando na praça da sempre minha cidade,
os passarinhos me parecem ser os mesmos
nos meus amigos eu espelho a minha idade...

A catedral como fiel testemunha
viu em silêncio o nosso amor atrevido,
naquele banco entre arbustos e flores
a gente achava que estava muito escondido...

O tempo foi e nesta praça eu não te encontro
eu volto e conto esta história só pra mim,
mas acredito que ao passares neste ponto
fazes o mesmo lembrando que foi assim...

Mas na verdade esta saudade não passa
nunca desfaça lembranças boas assim,
e se voltares a sentar no mesmo banco
conta pra ele o que falavas pra mim...

Na realidade sou mais um velho na praça
que anda sem graça chegando a lugar nenhum,
hoje é o tempo e tua falta é que me abraça
beijo e amasso se tornou coisa comum...

Outros idosos que freqüentam este ambiente
sinto que todos têm um passado na mente,
quem envelhece pelo que já me parece
só solidão é que vai sobrando pra gente...

Na nossa praça ainda sinto o teu visual
ninguém esquece uma paixão de adolescente,
pra que a velhice se torne menos real
eu imagino nosso passado presente...

Na primavera quando ar se enche de odores
Aqui eu volto e voltarei até meu fim...
Pra relembrar o que vivi naquele banco
com a flor menina que enfeitava meu jardim...

Mas na verdade esta saudade não passa
nunca desfaça lembranças boas assim,
e se voltares a sentar no mesmo banco
conta pra ele o que falavas pra mim...

Arquivo Histórico Regional - AHR

Benhur Jungbeck (*)

Das estradas de terra e casas de madeira às sólidas construções do século XX, calçamento com pedras irregulares... prédios oficiais e casas das famílias mais reconhecidas. Nesses tempos procuramos cada vez mais um sentido para o patrimônio histórico e cultural ainda remanescente em Passo Fundo. É também nesse sentido que a história da cidade e região é constantemente revista na busca de respostas mais verossímeis para o já acontecido, que melhor representem aqueles fatos dos que aqui viveram, suas casas de comércio, suas igrejas, sua vida.

Com a aceleração das transformações sofre, também, o patrimônio. Segundo Marilena Leite Paes, a “velocidade *versus* avanços tecnológicos, atingem em cheio o universo daqueles que têm como matéria-prima de seu desempenho profissional a informação”. Os espaços de registro e guarda das informações que podem manter aquelas recordações em sua forma mais palpável ainda são exíguos diante da quantidade de dados que poderiam ser guardados.



AHR, vista interna das instalações.

É nesse sentido que este texto insere-se; na demonstração das atitudes possíveis e a cada dia mais necessárias para a preservação da memória documental que ainda resiste à ação do tempo e do homem. Falamos do trabalho desenvolvido pelo Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo que iniciou suas atividades em meados dos anos 1980 em uma pequena sala no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e que neste ano de 2007 completa 11 anos, em novo endereço, na Rua Paissandu.

O AHR volta seu foco de trabalho para os conjuntos documentais em papel produzidos principalmente em Passo Fundo e região, mas também, concomitantemente, para outros documentos significativos à pesquisa histórica. Sendo o local privilegiado para a conexão entre a memória escrita e a história, busca, também, a ligação entre aqueles que a

(*) Professor mestre em História pela Universidade de Passo Fundo e assistente do Arquivo Histórico Regional.

escrevem e os que produzem documentação, a sociedade. E envolver a comunidade regional numa conjugação de esforços para a preservação é um dos motes principais do AHR.

O conjunto documental do AHR perfaz o período entre a década 1830 e os dias atuais. Podem-se pesquisar nos arquivos públicos atividades governamentais das esferas federal, estadual e municipal; são atas, discursos, relatórios, publicações, legislação. Os arquivos sociais são constituídos por documentos de instituições beneficentes, educacionais ou representativas com sede em Passo Fundo. Jornais da cidade e região, revistas, anuários, almanaques, podem ser vistos nos arquivos de comunicação social. Nos arquivos pessoais estão os documentos provenientes de acervos individuais, sendo exemplos os acervos de Antônio Carlos Machado e Clodoaldo Brenner. Há uma biblioteca auxiliar com títulos versando sobre temas de histórias municipais, psicologia, direito, religião, política, entre outras. E, em fase de organização, o conjunto documental do judiciário com processos findos das Comarcas de Passo Fundo e Soledade.

FOTO: ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL

Anna Amélia do Nascimento se refere aos cuidados que devemos dar aos fragmentos da memória escrita como uma atividade essencial e, para a qual devemos “portanto, constatar a presença dos documentos que ficaram sabendo-os poucos e dispersos, e dar proteção, restauração e classificação a esses elos com o passado histórico”.

A era da comunicação e da informação devem despertar o indivíduo e a sociedade para a necessidade da preservação dos caminhos já percorridos e suas recordações. A harmonia entre o presente e o passado pode estar, também, nesse fio condutor do escrito. Ambos, momentos do vivido, ligados pelo registro. Sempre fragmentos, no entanto, a partir deles, o reconhecimento dos fatos, das pessoas, da identidade, do individual ao coletivo. O acesso a esses documentos é um direito legal e social que deve ser exercido. Todavia, para que isso aconteça a comunidade deve privilegiar, com doações de seus acervos institucionais e pessoais, esses locais que se dedicam à conservação da memória.

O Arquivo Histórico Regional tem seu acervo aberto sem restrições à pesquisa com uma política arquivística ampla e voltada ao acesso e à disseminação das informações e das técnicas.



1980

TV UMBU - RBS TV Passo Fundo

Charles Pimentel (*)



Maurício Sirotski Sobrinho (esquerda), na inauguração da TV Umbu, hoje RBS, vendo matéria de Meirelles Duarte (centro) no jornal *O Nacional*.

No dia 28 de maio de 1980 entrava em funcionamento em Passo Fundo a TV Umbu, o primeiro canal de televisão local – que, logo em seguida, estabeleceu um convênio com o grupo RBS. Paulo Giongo, um dos fundadores da emissora, forneceu-nos alguns detalhes: “Um dia, lendo o Diário Oficial da União, constatei que tinha sido aberto o edital para concorrência de um canal de televisão em Passo Fundo. Juntei seis amigos e disse: ‘Vamos concorrer a esse canal de televisão!’ Outras entidades concorreram também, como a TV Gaúcha, que hoje é a RBS. Os jornais *Diário da Manhã* e *O Nacional* também concorreram. Então, quando saiu no Diário Oficial que o meu grupo havia ganhado o canal, ficamos desesperados, pois não sabíamos o que fazer. Ganhamos um elefante branco!”

(*) Editor.

Giongo afirmou que manter o canal de televisão era tarefa quase impossível, pois a maioria do material necessário ao funcionamento da emissora era importado. Comprava-se dos Estados Unidos até microfones e fitas para gravação, com valores convertidos de ienes para dólares e depois para a moeda brasileira. Enfim, após ganhar a concorrência, notaram que não tinham condições financeiras suficientes para viabilizar o funcionamento pleno do canal televisivo. A associação ao grupo RBS foi a solução encontrada. O convênio foi negociado com Maurício Sirotski Sobrinho. Foi definida a programação e assim superou-se a questão financeira.

Assim, a TV Umbu tornou-se filiada ao grupo RBS, retransmitindo em Passo Fundo a programação da RBS TV, que, por sua vez, retransmitia a programação da Rede Globo.

Acerca de seu espaço local, que aumentava gradativamente, a TV Umbu exibia do noticiário local entrevistas com pessoas da comunidade, comentários esportivos entre outros. Essas exibições ocorriam durante o tempo que era destinado à programação local de alguns programas da RBS, como a TV Mulher e o Bom Dia Rio Grande.

Para a gravação dos programas locais, Paulo Giongo revela que para montar o cenário algumas firmas comerciais forneciam partes do cenário, como móveis, roupas para as apresentações. Em contrapartida, faziam os agradecimentos ao vivo.

Atualmente, a Rádio e TV Umbu Ltda. RBS TV tem seu espaço local em programas diários, como o Jornal do Almoço e o RBS Notícias, e durante os comerciais.



Romaria Diocesana a Nossa Senhora Aparecida

Pablo Morenno ()*

O evangelista Lucas nos conta que, depois da morte de Jesus, cheios de desesperanças, dois discípulos de Jesus voltam para sua cidade, Emaús. De repente, um desconhecido se junta a eles. Seguem caminhando e vão desabafando ao desconhecido suas frustrações e desespero.

12 de outubro de 1980. Umas 200 pessoas caminham no interior do Seminário Diocesano de Passo Fundo. Outubro de 2006. 150 mil pessoas caminham desde a Catedral Nossa Senhora Aparecida, no centro da cidade, até o Santuário. De 200 pessoas a 150 mil pessoas parece milagre da multiplicação dos pães; parece pesca milagrosa; parece grão de mostarda que vai crescendo e se transformando em árvore enorme.

O caminho sempre foi metáfora da vida. Caminhar, trilhar, rumar. Caminhar sozinho não tem graça. Ou melhor, caminhando sozinho não se consegue graças. Com o tempo, foram se juntando uns aos outros. E o que começou como apenas uma caminhada dentro do seminário transformou-se em romaria. O que era para ser apenas um caminho, transformou-se em rumo, em meta.

1981. A romaria começa com uma novena de antecipação. A caminhada, desta vez, é um pouco mais longa. Inicia na empresa Bertol, mais de 200 pessoas. Trajeto de um quilômetro.

1982. O caminho de alonga um pouco mais. Agora a partida é do trevo na saída para Porto Alegre. Trajeto de dois quilômetros e meio, um pouco mais de gente.

1983. Grandes mudanças. A saída é da Catedral. Sete quilômetros de caminho. Mas não é só o caminho. A procissão é antecipada e preparada por uma novena nas paróquias e deixa de ser realizada no dia 12 de outubro. Agora passa a ser realizada no segundo domingo de outubro.

Na caminhada, tem gente que vai descalça, que paga promessas, que sonha promessas. Gente que caminha porque caminhar é metáfora; porque caminhar é superação da vida. Os passos vão ficando para trás. O horizonte vai esperando a gente na frente. Nos conta o Padre Ladir: “Os principais atores deste grande evento, que é a Romaria de Nossa Senhora Aparecida, são pessoas humildes, na sua maioria operários, pequenos agricultores, moradores das periferias das cidades. O que leva essa grande multidão a sair de casa ainda de madrugada e caminhar muitos quilômetros em direção ao santuário? An-

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Romaria de Nossa Senhora Aparecida, já é uma das maiores do Estado.

gústias e esperanças, pedidos e agradecimentos fazem parte da bagagem dos romeiros. É muito comum ouvir da boca deste povo simples pedidos de dias melhores, emprego, paz e principalmente saúde para algum de seus familiares.”

1980. 2006. 2007. A Romaria Diocesana a Nossa Senhora Aparecida transformou-se em um referencial entre os acontecimentos da cidade, ante o elevado número de devotos vindos de todas as regiões. No caminho há lugar para todos, mas, principalmente, para os mais humildes e necessitados. Assim como a vida que a gente trilha. E vai de pés descalços, e vai fazendo promessas, e vai tendo esperanças. As graças vêm. Quando não vêm, o povo vai até elas pé por pé. Fé por fé. Assim se vai levando a vida. Em rumos. Em romaria.

Quem achava que andava sozinho, de repente, descobre-se acompanhado, como os discípulos de Emaús. O passo do outro dá sentido a nossa caminhada. A esperança do outro torna suportável as perdas da vida. Caminhar acompanhado faz renascer a esperança. E a romaria cresce ano a ano. Cada um achando seu rumo na vida. Fé por fé. Pé por pé.

1980

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac)

Selma Costamilan (*)



Prédio onde funciona a Faculdade de Tecnologia do SENAC.

Criado pelo Decreto-Lei nº 8.621, em 10 de janeiro de 1946, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) é uma instituição de educação profissional, de direito privado, que tem o objetivo de colaborar na obra, difusão e aperfeiçoamento do ensino profissional no setor terciário (comércio e serviços). Integrada à Confederação Nacional do Comércio (CNC), está aberta a toda a sociedade, oferecendo cursos e programação que vão desde a Formação Inicial até a Educação Superior.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

No Rio Grande do Sul, o SENAC foi instalado em 13 de setembro de 1946 e ao longo destes mais de 60 anos de atividades no Estado desenvolve pessoas e organizações por meio de ações de educação profissional, qualificando e aperfeiçoando profissionais para o mercado de trabalho.

Em Passo Fundo, a Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/RS) foi instalada em 1980. Percebendo a receptividade da comunidade e a demanda de capacitação em nível superior na área de Informática, em 2004, a unidade passou para Faculdade de Tecnologia Senac Passo Fundo. Há quase 28 anos auxiliando na capacitação da comunidade, a Faculdade já capacitou mais de 150 mil alunos e atualmente atende, também, as localidades Água Santa, Alto Alegre, Barros Cassal, Camargo, Campos Borges, Capão Bonito do Sul, Casca, Caseiros, Charrua, Ciríaco, Constantina, Coxilha, David Canabarro, Ernestina, Espumoso, Gentil, Ibiaçá, Ibiraiaras, Ibirapuitã, Jacuizinho, Lagoa Vermelha, Marau, Mato Castelhana, Mormaço, Muliterno, Nicolau Vergueiro, Parai, Pontão, Ronda Alta, Rondinha, Sananduva, Santa Cecília do Sul, Santo Antônio da Palma, São Domingos do Sul, Sertão, Soledade, Tapejara, Vanini, Vila Lângaro e Vila Maria.

Com o propósito de “Educar para o trabalho no comércio de bens, serviços e turismo”, o SENAC oferece em Passo Fundo e na sua área de abrangência cursos de capacitação profissional desde a formação inicial até o nível superior, proporcionando a educação continuada.

O SENAC tem por princípio, além do desenvolvimento de competências para o trabalho e a identificação de perfis profissionais com atualização permanente, o compromisso com o planejamento de programas e ações que visem à preservação do meio ambiente e da qualidade de vida.

O primeiro diretor do SENAC Passo Fundo foi Roberto Salvo e o atual diretor é Paulo Ivan Schutz Beux.



As jornadas literárias e a Capital Nacional da Literatura

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing ()*

Quando se fala em Passo Fundo fora do Rio Grande do Sul e nos meios intelectuais latino-americano, europeu, canadense, norte-americano, há uma ligação direta da cidade com as jornadas literárias, movimentação cultural inusitada com 26 anos, promovida pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal. Exatamente quando nossa cidade comemora 150 anos de existência. É preciso resgatar a história dos ciclos de desenvolvimento da cidade, de ações na área educacional, cultural e social, especialmente considerando o trabalho de 39 anos da UPF a serviço da transformação e do aprimoramento local e regional.

Passo Fundo realiza uma ação cultural diferente: divulga antecipadamente as obras dos autores convidados, estimula a leitura, fomenta o debate interdisciplinar do conteúdo das obras à luz de um tema central. Colocar frente a frente autor e leitor pressupõe iniciar esse diálogo anteriormente, na etapa da pré-jornada, através do contato com as obras desse autor. As jornadas literárias objetivam a formação de um leitor crítico que priorize o texto literário, passando, também, a se constituir num intérprete das linguagens veiculadas em diferentes suportes e das peculiares a manifestações culturais como a dança, o teatro, o cinema, a pintura, a escultura, a fotografia, a arquitetura, a arte circense.

Em 1981, o escritor Josué Guimarães e sua esposa Nydia visitavam seus cunhados Caio e Heracy Machado. Na conversa que mantivemos, Josué me perguntou sobre a UPF, curso de Letras. Respondi-lhe que a situação do Curso era rotineira. As ações culturais só aconteciam na capital. Manifestei-lhe um desejo: organizar um evento com a participação de escritores gaúchos, empregando metodologia diferenciada: a leitura antecipada de suas obras. Josué apoiou a iniciativa e a 1ª Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura foi realizada no prédio onde funciona a Faculdade de Medicina, no centro da cidade, com a presença dos escritores Armindo Trevisan, Antônio Carlos Rezende, Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Carlos Nejar, Cyro Martins, Mário Quintana, Sérgio Capparelli e Deonísio da Silva, em agosto daquele mesmo ano, com um público de 750 pessoas.

Ao término, fizemos a avaliação. Josué sugeriu, em função do grande sucesso, que o evento fosse nacional e bienal. Realizamos novamente a pré-jornada, preparando os leitores. Em agosto de 1983, acontecia a 1ª Jornada Nacional de Literatura: Antônio Callado, Millôr Fernandes, Otto Lara Rezende, Fernando Sabino, Luis Fernando Verissimo, Luiz

(*) Professora doutora da Universidade de Passo Fundo. Criadora e coordenadora geral das jornadas literárias de Passo Fundo.

Antônio de Assis Brasil, Lya Luft, Orígenes Lessa e um público de 1.100 pessoas no Play Center do Juvenil.

Em 1982, a Associação de Leitura do Brasil, responsável pela realização do COLE na Unicamp – Congresso de Leitura do Brasil –, através de Ezequiel Theodoro da Silva, sugeriu a realização do Seminário Regional de Leitura em Passo Fundo, atividade a ser desenvolvida em diferentes regiões brasileiras. Aceitamos o desafio. Pesquisadores do centro do país vieram a Passo Fundo. O evento foi realizado no Cine Teatro Pampa durante o dia e à noite, na Catedral Nossa Senhora Aparecida com mais de mil pessoas.

De 1984 a 1987, a UPF participou do Programa Salas de Leitura, instituído pela FAE/MEC – Fundação de Assistência do Educando. Instalamos, na região, 1.127 salas de leitura. Paralelamente, conseguimos trazer o Projeto Encontro Mercado (IBM-Brasil), com a vinda dos escritores Ferreira Gullar, Rubem Braga, Ignácio de Loyola Brandão, Márcio Souza, Oswaldo França Júnior e Thiago de Melo.

Foi criado o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – em funcionamento há dez anos no Campus I. Como laboratório do curso de Letras, propicia o desenvolvimento de práticas leitoras multimídiais para crianças, pré-adolescentes, adolescentes e adultos durante toda a semana, nos três turnos.

Outro desdobramento das jornadas foi a criação da 1ª Jornadinha, em 2001, atendendo aos interesses e às necessidades específicas de alunos de 1ª a 4ª séries, de 5ª a 8ª séries e de Ensino Médio.

Surgiram bibliotecas, livrarias, ações em municípios, envolvendo autores e artistas presentes nas jornadas literárias em seus 26 anos de ação ininterrupta, resultado do trabalho realizado por uma equipe interinstitucional e interdisciplinar comprometida com o ato de ler e com o potencial da leitura no desenvolvimento do cidadão crítico.

Essa movimentação cultural permanente e inovadora (por onde já passaram 576 escritores e pesquisadores), transformou Passo Fundo em Capital Nacional da Literatura, através da lei federal nº 11.264, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, título defendido na Câmara Municipal por Marcos Cittolin, na Câmara Federal pelo deputado Beto Albuquerque e no Senado, pelo senador Sérgio Zambiasi. As jornadas literárias fazem parte do Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, através da lei 12.295, de 21 de junho de 2005, proposta pelo deputado Giovani Cherini.

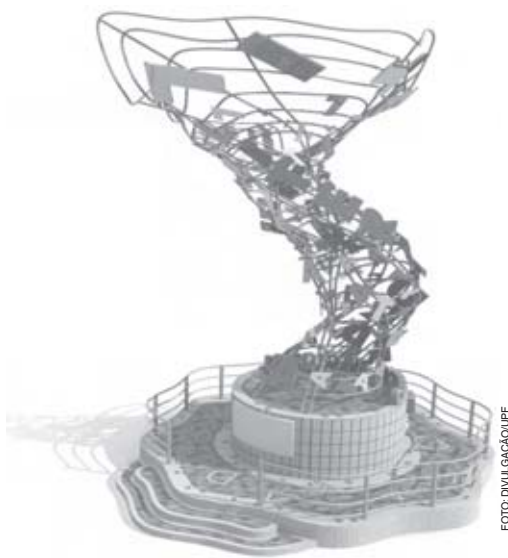


FOTO: DIVULGAÇÃO/UPF

Monumento símbolo da Capital Nacional da Literatura.



Sinduscon e o crescimento imobiliário

Marco Antônio Lima (*)

O SINDUSCON – Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Passo Fundo teve sua criação em 1986, com a outorga da carta sindical pelo ministro do Trabalho, mas desde 1981, alguns empresários, dentre eles Eduardo Matevi e o líder da classe trabalhadora, Edson Freitas, iniciaram a luta para o setor ter a representatividade que merece, com a criação da Associação da Construção e Mobiliário. A partir deste fato a construção se organizou e despontou como setor econômico de grande importância para a cidade e região. O setor se tornou autônomo em relação ao Sindicato de Porto Alegre, e isto se traduziria num encontro de interesses e benefícios recíprocos para empregados e empregadores regionais, criando um clima de confiança e respeito mútuo, fundamental para alavancar este setor na cidade e região.

A entidade teve, até agora, nove presidentes: Eduardo Matevi, de 1981 a 1990; Sidney Melnick, de 1990 a 1992; Ubirajara Morsch, de 1992 a 1994; Ulisses Giacomini, de 1994 a 1996; Pércles Martins Pinto, de 1996 a 1998; Sérgio Montipó, de 1998 a 2000; Luiz Giacomini, de 2000 a 2002; Marco Benvegnú Lima, de 2002 a 2006 e, atualmente, Plínio Donassolo, que estenderá sua gestão até 2008.

As principais conquistas do SINDUSCON são: 1. Criação do índice Custo Unitário Básico da Construção (CUB), pela primeira vez no interior do Estado, que se tornou referência não só para a cadeia construtiva, mas também para um grande número de negócios, tal sua fidelidade e credibilidade; 2. Busca da interiorização de recursos para financiamentos habitacionais. O volume de negócios e obras evoluiu de tal forma que transformou nossa geografia urbana e caracterizou Passo Fundo como uma das praças de menor índice de inadimplência no Brasil; 3. Criação, conjuntamente com o Sindicato Laboral, da 1ª Câmara de Conciliação Prévia implantada fora das capitais, no interior do Brasil, a qual permite uma solução ágil e objetiva entre trabalhadores e empregadores no que tange a demandas trabalhistas, evitando que eventuais conflitos ganhem a esfera da Justiça do Trabalho; 4. Realização de várias feiras expositoras, (sendo a principal a Construmóveis) que possibilitam a rápida comercialização das obras executadas na cidade; 5. Conquista da sede própria (1994), que hoje possui modernas e atuais instalações de pavimento inteiro no Edifício Pathenon, na Rua Cap. Eleutério, 639/cj. 01, possibilitando aos seus asso-

(*) Engenheiro civil, presidente do Sinduscom em dois mandatos.

ciados espaço multimídia para reuniões e palestras; 6. Intensiva participação de seus associados nos Encontros Nacionais da Construção (ENICs e CONFICs) trazendo para a região de abrangência todas as novidades do setor; 7. Organização de vários Encontros Estaduais (desde 1990), como o do Simpósio Sul-Americano da Construção (1995), a Mostra de Arquitetura e Decoração (MOSAICO-2001); ativa participação junto à CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção), representantes junto à FIERGS, ao Conselho Superior da Construção e ao IGEC – (Instituto Gaúcho de Estudos da Construção), conselhos e órgãos municipais; convênio com a Faculdade de Engenharia e Arquitetura da UPF. 8. Convênio com o SENAI, proporcionando a seus associados a adesão ao PBQP-H (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade na Habitação), garantindo que as empresas tenham aprimoramento de seus sistemas construtivos, colaboradores treinados, racionalização de suas obras, tendo produtos com melhor qualidade e com custos menores; 9. Extensão de base territorial, além de Passo Fundo, Carazinho, Frederico Westphalen e Sarandi; 10. Ativa participação na atualização do PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo (2006-2007); 11. Como obra social, a entidade se engajou na construção da Escola da Cidadania do Comitê Municipal Contra a Fome e Miséria e pela Vida, no bairro Záchia, em Passo Fundo.

Hoje, a entidade conta com 40 sócios ativos e com mais de mil empresas que recolhem obrigações sindicais, as quais movimentam toda a região nos setores da construção e mobiliário. O rápido crescimento horizontal e a grande verticalização do centro da cidade, deve-se à contribuição ativa dos associados do SINDUSCON, hoje com mais de duzentos prédios em construção, que ajudam a fazer a história de nossa terra e distribuem emprego e renda na região norte do Estado.

Com o advento da atualização do PDDI, a construção civil está tendo um impulso muito grande no volume de obras que iniciaram e iniciarão neste ano de 2007, incrementando o setor de demanda intensa em materiais e mão-de-obra.

Podemos destacar ao longo do tempo algumas empresas associadas tradicionais na cidade, que marcaram época na construção civil: Kwitko & Melnick, Atel, Bacalchuck, Mattos, Salton, Seta, Formatec, Trevisan, João de Barro, Polígono, Giacomini, Balen, Basso e Canova, Prepasso, Scorssato, Terres, Investplan, Bolsa, Secco, Senger, Dilermando Leal, Gobbi, Martins e MML.

A cadeia da construção civil é responsável por 18% do PIB brasileiro e pode-se afirmar que na cidade de Passo Fundo este número é quase idêntico ao nacional, sendo o SINDUSCON, através de seus associados, um impulsionador de emprego e renda aos mais de 3.500 colaboradores diretos e indiretos que ajudam a tornar esta cidade pólo da região Norte, já com 150 anos, mais bonita e vertical, progressista e moderna, num local ótimo para se viver.



1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha

Odilon Garcez Ayres ()*

Em 1984, o CTG Lalau Miranda já havia adquirido 7,5 hectares de terras na Roselândia, por 60 milhões de cruzeiros, a troco de 120 Títulos Patrimoniais, aceitos no negócio, pelo Sr. Irady Laimer.

Com o propósito do prefeito Fernando Machado Carrion de alocar recursos e realizar todos os anos uma edição do rodeio a patronagem do CTG. Lalau Miranda, capitaneada pelo Dr. Eluyr José Reschke, avocou a si a realização do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha.

Depois de várias reuniões aglutinando forças, pois esse empreendimento era um desafio para os passo-fundenses, instalou-se o QG. Do 1º Rodeio, nos altos da antiga Câmara de Vereadores, hoje Teatro Municipal Múcio de Castro.

Instalada a Secretaria Geral, iniciou-se estruturação das diversas Comissões e a agilização dos patrocínios para a feitura de cartazes, folders, livretos e regulamentos e convites, os quais foram remetidos em número de 1.500 para todos os CTGs do RS, SC, PR, SP, MS e RJ, confirmando a data de sua realização de 14 a 17 de novembro de 1985.

Apesar da data imprópria para os campeiros, a receptividade esteve acima do esperado, com o trabalho pertinaz de Oscar Pinto Vieira e Plínio Mena Barreto, que conseguiram graciosamente 300 bois para laçar .

Quase 20% das 728 entidades filiadas ao MTG participaram, inclusive de outros estados.

Os Concursos de Mais Prendada Prenda, Chula Adulto, Chula Mirim, Danças, Adulto, Danças Mirim, Canções Conjunto, Gaita Ponto, Gaita Ponto Livre, Gaita Tecla, Violão, Declamação de Piá, Declamação de Prendinha, Declamação de Peão, Declamação de Prenda, Bandoneon, Trovadores, Laço Duplas, Nacional de Patrões, Laço Guri Duplas, Nacional de Rédeas, Rédeas Guri e Nacional de Gineteadas, contaram com representantes das 132 entidades presentes, recebendo um total de Cr\$ 36.450,000 de prêmios.

Um anel de brilhante foi oferecido pela Joalheria Hexsel a Márcia Vieira, eleita a Mais Prendada Prenda do Rodeio, representando o Terra Pampeana de Passo Fundo e um

(*) Escritor.

óculos solar para Taniamar Helena Reschke, eleita Primeira Prenda do Rodeio, juntamente com Patrícia Fagundes, 2ª Prenda e Débora Biazus Nicolini, eleita Prenda Simpatia do 1º Rodeio.

A Comissão Central Executiva, lembrada em placa de bronze e abençoada pelo Padre Paulo Aripe que oficiou a Missa Crioula, estava

assim constituída: Dr. Flávio Benvegnú (Presidente); Nilo Fernandez (1º Vice-Presidente); Adão Nascimento (2º Vice-Presidente); Dr. Eluyr José Reschke (Coordenador); e Odilon Garcez Ayres (Secretário Geral), todos satisfeitos com a afluência dos convidados. Passo Fundo, não tão receptiva nos primeiros dias de Rodeio, rendeu-se ao sucesso do evento quando os motores dos aviões da Esquadrilha Brasileira da Fumaça roncaram sobre o céu da Capital do Planalto e encantaram os presentes com suas arrojadas acrobacias aéreas.

Uma caravana de automóveis jamais vista tomou conta dos seus acessos empedrados, para apreciar de perto o espetáculo e sentiram a magnitude do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, que já está em sua 13ª edição.

Hoje, 2007, o acesso ao Rodeio no Parque Turístico da Roselândia está totalmente asfaltado, a infraestrutura é perfeita e dos dez mil visitantes em 1985, foram 55.000 pessoas que participaram do evento, para assistir e aplaudir 56 municípios gaúchos que se fizeram representar e mais 11 de Santa Catarina, dois do Paraná, dois de São Paulo, um da Bahia, um de Rondônia, um do Distrito Federal, um de Goiás e um do Mato Grosso, perfazendo 2.515 competidores nas lides campeiras, e entre elas, 430 duplas de laçadores, que bateram laço arduamente em 819 reses para levar um automóvel zero como brinde.

Nas competições artísticas, foram 2.099 peões e prendas nos concursos de solistas, invernadas de danças, declamadores, gaiteiros, chuleadores, danças de salão, trovadores e mais 27 grupos de danças das Escolas de 1º grau, entreveradas no tablado coberto Maurício Sirotski Sobrinho.



Concurso de gineteadas, 1985.

1ª Carreta do Agasalho

Odilon Garcez Ayres ()*

“Aqueça seu coração antes do inverno”, é o slogan da campanha que se desenvolve em Passo Fundo, coletando roupas para serem distribuídas à população carente. A iniciativa nasceu nos quadros sociais do CTG Lalau Miranda, sob a patronagem de Eluyr José Reschke, com o apoio dos órgãos da imprensa locais e da Prefeitura.

Tudo começou em 1984. A Comissão Coordenadora fez visitas às autoridades, para obter apoio.

Foram feitas explicações nos órgãos de comunicação social e as autoridades, como o comandante do 3º RPMon, ten.-cel. Jair Santos, o bispo diocesano, Dom Urbano Algayer, que aderiu à campanha; de ambos também, juntamente com o Diretor de Assistência Social e Hermes Longhi, representando a Passotur, na visita ao Major Costa e Silva, Comandante da Unidade do Exército Nacional, que se engajou na campanha cedendo duas viaturas para o transporte das doações.

A Comissão Coordenadora, tendo à frente o Patrão do CTG Lalau Miranda, Eluyr José Reschke, e os companheiros Odilon Garcez Ayres, Dirceu Gonçalves e Hermes Longhi, foram recebidos pelo Gerente da TV Umbu e Rádio Atlântida FM, Milton Marcucci, pelo Vice-Reitor Acadêmico da Universidade de Passo Fundo, professor Agostinho Both, e pela Secretária da Reitoria, Professora. Dóris Azambuja; na 7ª. DE, pelas professoras Iara e Neusa; no Colégio Instituto Educacional pela professora Cenira Barbisan e na EENAV, pela professora Angela Lângaro, que dispensaram as melhores das atenções e se prontificaram a empregar seus esforços para o mais absoluto sucesso da 1ª Carreta do Agasalho.

Enquanto a TV Umbu fazia tomadas mostrando a realidade dos mais necessitados, as rádios martelavam a mesma notícia, os jornais esmiuçavam o acontecimento, os Esporteiros batiam de porta em porta, a Invernada de Danças do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda participou da missa dominical na Catedral Nossa Senhora Aparecida e após seu término, distribuiu folhetos aos que haviam participado do ato religioso.

No dia 29 de abril de 1984, o CTG Lalau Miranda, realizou a “1ª Carreta do Agasalho”, juntamente com as seguintes entidades: S. C. Gaúcho, Diretoria de Assistência Social, Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura, jornais Diário da Manhã e

(*) Escritor.

O Nacional, emissoras de rádio – Rádio Planalto, Rádio Passo Fundo e Rádio Uirapuru, Atlântida FM, Diário da Manhã FM e Planalto FM, RBS e TV Umbu e a Coordenadoria da 7ª Região do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Participaram e apoiaram o Grupo de Escoteiros Guaranis e Cariris, 3º R C Mec do Exército Nacional, CPA-3 e 3º RPMont, da Brigada Militar, Corpo de Bombeiros e Secretaria de Serviços Urbanos. A guarnição do Exército Nacional e a Brigada Militar colocaram à disposição veículos para arrecadação nas vilas, com o concurso de 30 escoteiros dos grupos mencionados. Participou do evento, também, a 1ª Prenda da 7ª Região do MTG, Eliane Carpes.

O recolhimento das doações desenvolveu-se durante todo o dia 29 de abril de 1984, na Praça Marechal Floriano, parte fronteira à Catedral Nossa Senhora Aparecida, das 9 às 19 horas.

O evento foi coroado de êxito, pois em seis pontos especiais de arrecadação, exatas 444 pessoas fizeram donativos de roupas para adultos e crianças, além de utensílios de cama, mesa e banho, totalizando 3.325 peças e mais 62 cobertores novos, adquiridos com o numerário doado e depositado na Caixa Econômica Estadual, que totalizou Cr\$ 289.000,00.

Depois de meses de trabalho das abnegadas esposas dos membros da patronagem foram aquinhoadas as seguintes entidades: Confraria Vicentina Sta. Terezinha, Santa Clara, Lucas Araújo e Nossa Sra. Aparecida; Cebem – Centro de Bem Estar do Menor; Creche Criança Feliz Rua Manoel Portela; Cebem – Núcleo Dona Júlia, Creche Santa Izabel, Creche Vicentina Vila Fátima, Colégio Valinhos; Assistência Diocesana Leão XIII; Cebem – Núcleo Centro; Creche Santa Izabel; Lar Emiliano Lopes; Albergue Pe. Roque, Escola Sebastião Rocha (Valinhos), Escola Antonino Xavier Oliveira, da Vila Jardim, Escola Georgina Rosado, Escola Dileta Barroso Marinho, Escola Pe. Luiz Serraglio, Escola Lucile Fragozo Albuquerque, Escola Etelvina Rocha Duro, Diretoria da Assistência Social DAS, Sami - Sociedade Auxílio Maternidade e Infância e Ambulatório da Vila Entre Rios.

O evento prosseguiu sua trajetória brilhante e desprendida, e neste ano do Sesquicentenário de Passo Fundo, o CTG. Lalau Miranda, repartiu as honras pioneiras, e juntamente com a Prefeitura Municipal, a Semcas, Sesc-rs e 7ª Região Tradicionalista, realizaram uma carreta que arrecadou milhares de peças de roupa e algumas toneladas de alimentos.

“Daí de graça o que de graça recebeis” (Lucas 9 e Matheus 10.6).



O sistema viário e rodoviário do entorno da cidade de Passo Fundo tem 32 km de extensão, sendo composto de quatro perimetrais.

As duas avenidas principais (Av. Brasil e Presidente Vargas) conectam-se com o sistema viário perimetral, que foi concebido para desviar o tráfego pesado de caminhões das avenidas. Esse sistema foi concebido e planejado por DNER, DAER e Prefeitura Municipal de Passo Fundo na década de 70 e implementado totalmente na década de 80.

Após a construção das perimetrais, até 1985, foi possível em 1986 estabelecer a pavimentação definitiva das avenidas da cidade, pois até esta data não era boa e não tinha capacidade estrutural para suportar o tráfego rodoviário da longe distância que fluía pelas ruas e avenidas.

O sistema perimetral, além de servir, principalmente, de desvio, também é alimentado pelo sistema radial urbano composto por 8 radiais: Radial 1, ligando a Av. Brasil Oeste ao bairro Santa Marta; Radial 2 ligando o Centro à Vila Lucas Araújo à Vila Jardim; Radial 3, ligando a Av. Presidente Vargas à Vila Lucas e ao Dom Rodolfo; Radial 4, ligando a Av. Presidente Vargas à Vila Planaltina e à Roselândia; Radial 5, liga a Av. Presidente Vargas ao Bairro São Luiz Gonzaga e Parque Farroupilha, na BR 285, atravessando, ainda, os bairros Santa Maria, Vila Nova; a Radial 6 liga a Av. Brasil Leste à BR 285, passando e dando acesso ao distrito industrial e ao polo petrolífero; a Radial 7 liga a Av. Brasil Centro à BR285, passando pelos bairros Fátima – Issler até a BR 285; a Radial 8 liga os bairros Vera Cruz, Hípica, Leão XIII, Nenê Graeff e Xangrilá até a Perimetral Oeste.

O sistema viário de Passo Fundo ainda está incompleto. É necessário a construção de trincheiras na Av. Brasil, em alguns cruzamentos desta, para melhorar o tráfego de veículos na cidade, estimado em 100 mil veículos em circulação diária. As trincheiras deverão ser executadas em breve, pois são necessárias há mais de 10 anos.



Construção Civil

Marco Antônio Lima (*)

*P*asso Fundo foi iniciada em 1827/1828, por Manole Ise das Neves, mas antes disso, já servia de passagem ao *caminho dos paulistas*, principalmente no Boqueirão onde encontravam relativa segurança. Em 1843, o novo núcleo continha nove casas e sessenta pessoas. Em 1847, passava à categoria de Freguesia e já possuía mais de mil habitantes e, em 1857, tornou-se vila, emancipando-se politicamente (com a instalação da Câmara Municipal), quando existiam sete ruas traçadas.

Inicialmente, a economia era baseada na exploração da erva-mate, logo após a exploração da madeira (1902), de grande repercussão sobre o crescimento do núcleo. Em 1910 entrou em cena a exploração de produtos suínos e, posteriormente, a cultura do trigo. Já em fins do século XIX, o surgimento da ferrovia veio criar novas condições para o desenvolvimento da cidade, transformando-se em seu elemento mais importante.

No início do século XX, era proibido edificar casas de madeira na Av. Brasil (antiga Rua das Tropas), e não se podia cobri-las com tabuinhas ou qualquer coisa que não fosse telha de barro. A Intendência obrigava os proprietários das casas comerciais e das moradias a renovar, a cada dois anos, a pintura, bem como obrigava a murar a frente dos prédios. Muitos prédios já estavam em ruínas, a Intendência deu um prazo para os proprietários efetuarem a demolição, com a nomeação de dois peritos para realizar vistorias do casario velho. Os três prédios históricos da cidade, construídos no início do século XX, estão na Avenida Brasil. São eles: a Intendência Municipal, a Câmara Legislativa e o Clube Pinheiro Machado, onde era a sede do partido republicano. Hoje estes prédios abrigam o Museu Municipal, o Teatro Múcio de Castro e a Academia Passo-Fundense de Letras. Houve outros que fizeram época: o primeiro “edifício alto” da cidade – Edifício Planalto; o primeiro elevador – instalado no Edifício Fiori; primeiro prédio “de bairro” – Edifício Don Guilherme; o primeiro prédio “redondo” – Edifício Policlínica; a ampliação dos Hospitais São Vicente de Paulo e da Cidade; os prédios do campus da UPF; Parque da EFRICA etc.

A construção civil acompanhou a cidade em todos seus ciclos, desde a construção das Igrejas até os “arranha-céus” que hoje despontam, dando um aspecto de grande metrópole regional. Mas, a partir da criação e solidificação da Universidade de Passo Fundo (UPF) e da afirmação da cidade como grande centro médico e de saúde, a construção experimentou seu maior impulso de crescimento. Com a vinda de alunos da região para a cidade, houve um grande número de obras executadas, verticalizando rapidamente o centro da cidade.

(*) Engenheiro civil e presidente do Sinduscon em dois mandatos.

A construção civil tornou-se um importante setor de crescimento e desenvolvimento da cidade desde a criação do SINDUSCON – Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Passo Fundo em 1986. Mas, desde 1981, alguns empresários, dentre eles Eduardo Matevi e o líder da classe trabalhadora, Edson Freitas,



FOTO: AUTOR NÃO IDENTIFICADO - ARQUIVO ODILONG AYRES

Vista aérea de Passo Fundo em novembro de 1964.

iniciaram a luta para o setor ter a representatividade que merece, com a criação da Associação da Construção e Mobiliário. A partir desse fato, a construção se organizou e despontou como setor econômico de grande importância para a cidade e região. O setor se tornou autônomo em relação ao Sindicato de Porto Alegre, e isto se traduziria num encontro de interesses e benefícios recíprocos para empregados e empregadores regionais, criando um clima de confiança e respeito mútuo, fundamental para alavancar este setor na cidade e região.

Criou-se o índice Custo Unitário Básico da Construção (CUB), que se tornou referência não só para a cadeia construtiva, mas também para um grande número de negócios, tal sua fidelidade e credibilidade. Se buscou interiorização de recursos para financiamentos habitacionais, e o volume de negócios e obras evoluiu de maneira que transformou nossa geografia urbana e caracterizou Passo Fundo como uma das praças de menor índice de inadimplência no Brasil. A entidade foi pioneira, e conjuntamente com o Sindicato dos Trabalhadores, foi criada a 1ª Câmara de Conciliação Prévia, implantada fora das capitais, no interior do Brasil, que permite uma solução ágil e objetiva entre trabalhadores e empregadores no que tange a demandas trabalhistas, evitando que eventuais conflitos ganhem a esfera da Justiça do Trabalho. Foram realizadas várias feiras expositoras – Construmóveis – que ainda possibilitam rápida comercialização de obras executadas na cidade.

Nos últimos anos, as construtoras associadas se reciclaram, com adesão ao PBQP-H (Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade na Habitação), com aprimoramento de sistemas construtivos, treinamento de colaboradores, racionalização em suas obras, obtendo uma melhora considerável no produto final – obras com custos menores. Em 2007 ocorreu a atualização do PDDI – Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, onde a construção civil continuará contribuindo muito mais para o desenvolvimento de Passo Fundo, agregando trabalho e renda para os milhares de trabalhadores que direta ou indiretamente ajudam a construir esta cidade.



Faplan: fábrica de sonhos e talentos

Adilvo Sordi (*)

Respeito, empreendedorismo, criatividade, bom humor e reconhecimento, essas são algumas palavras que marcam a trajetória de 18 anos do Sistema Educacional Garra, em que aspiração e força de vontade unem-se para construir uma história de muitos talentos oriundos de seus alicerces. A Faplan (Faculdades Planalto) vem crescendo junto com Passo Fundo, ampliando fronteiras e abrindo horizontes com suas modernas instalações, seus cursos de formação superior e, também, através do reconhecimento obtido pelo MEC, caracterizando a instituição como um lugar seguro para que os sonhos sejam depositados e deles germine um grande jardim de realizações.

A história do Sistema Educacional Garra teve início no ano de 1989 com o Pré-Vestibular, desde então manteve liderança absoluta, conquistando os maiores índices de aprovação no segmento. A partir de 1993, o Garra, por meio de associações, iniciou suas atividades através do EJA, Terceirão e, após, o primeiro e segundo anos com o Instituto Educacional. Em 2000, implantou-se o Ensino Médio de forma independente. Já em dezembro de 2001 marca-se um importante capítulo na história do Sistema educacional Garra: dá-se então a implantação da Faplan (Faculdades Planalto).

A Faplan alia modernidade, conforto e beleza, em suas dependências, ao clima de nostalgia e história. A sede da Faculdade localiza-se, hoje, onde era a antiga Cervejaria Brahma, mantendo e preservando a chaminé, símbolo da história do município e, nesse ano, inaugurou seu mais novo prédio, com 15 novas salas de aula amplas, com capacidade para 60 alunos cada sala, ar-condicionado eletrônico, cadeiras estofadas com mesa, central de atendimento contando com atendentes treinadas, central telefônica e computadores de última geração, garantindo rapidez e segurança para os alunos. Nesta primeira etapa, foram executadas duas edificações. A obra ainda está em andamento, o primeiro bloco, inaugurado no dia 4 de maio, consta de um complexo de sete pavimentos e área total de, aproximadamente, 1910 m², no segundo bloco, situam-se apenas salas de aula. A



FOTO: DIVULGAÇÃO/FAPLAN

Estilo contemporâneo do novo prédio.

(*) Diretor da Faplan.

infraestrutura do novo prédio possui sedes centrais, laboratórios de informática disponíveis em todos os turnos, biblioteca com cadastro informatizado – biometria (leitura digital humana), além de disponibilizar mais de 14.000 exemplares, terminais com acesso a Internet, salas de estudo em grupo e individual.

Além disso, a instituição disponibiliza cursos de Administração: linhas de formação em Empresas, Comércio Exterior e Marketing, Direito, Ciências Contábeis, e, a partir



Da esquerda para direita: André Agostini, Paulo Fernando de Oliveira, Lorivan Figueredo, Airton Dipp - prefeito, Adilvo Sordi, Max Sanches e Nederson Espíndola, na inauguração do prédio em 2007.

desse semestre, Curso de Licenciatura em Letras, Curso Superior em Gestão da Tecnologia da Informação e, também, o Curso Superior em Gestão Comercial. O Curso de Administração da Faplan, em apenas seis anos de existência, destacou-se de forma significativa, atingindo conceito MB (Muito Bom) no MEC, média 4 no ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) e 5 no IDD (Indicador da Diferença entre os Desempenhos, observados nos alunos que entram e

nos alunos que saem dos cursos superiores). Lembrando que as notas vão de 1 a 5. O ENADE é composto por várias etapas, uma delas é a aplicação de um exame nacional de desempenho para alunos ingressantes e alunos concluintes dos cursos de Instituições de Ensino Superior. O desempenho desses estudantes gera uma média que é composta de 25% de seu peso para alunos iniciantes e 75% para concluintes. Já o IDD mede o quanto cada instituição agregou de conhecimento ao aluno durante o período que esteve cursando a faculdade. O resultado da avaliação, divulgado pelo INEP, veio a confirmar a qualidade da metodologia aplicada pela Faplan, a qual obteve média quatro no ENADE e cinco no IDD.

A Faplan, assim como a cidade de Passo Fundo, cresce e desenvolve-se a cada piscar de olhos, mas mantém a consciência de que o que mais importa é a educação, os seus alunos e a formação dos mesmos. Priorizando por qualidade tanto em suas dependências, quanto nos cursos que disponibiliza, nos projetos que elabora, enfim em toda sua estrutura, ela não só forma para o mercado de trabalho, como forma também para a vida, sendo que desta incrível fábrica de sonhos e talentos, brotam as asas para que alcancem futuros promissores.

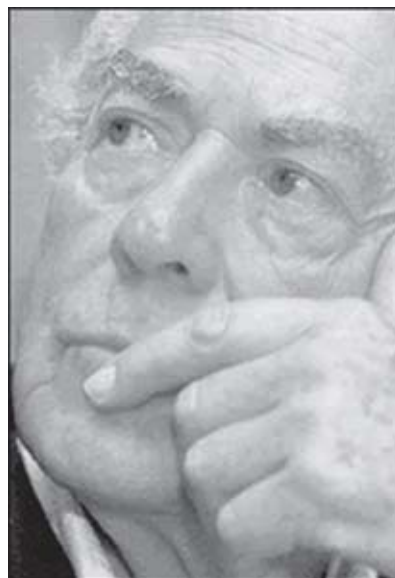
Leonel Brizola: É por velho que o diabo mais sabe

Argeu Santarém (*)

Depois de 15 anos de exílio, o político considerado como o maior opositor do movimento militar de 1964, Leonel de Moura Brizola, anistiado, retornou ao Brasil. Depois da apoteótica recepção em 7 de setembro de 1979 em São Borja, o ex-governador gaúcho e ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro, iniciou sua campanha nacional pelo retorno do PTB. O país foi percorrido em todos os quadrantes reunindo veteranos e novos quadros do trabalhismo, histórico e nacionalista, agora social-democrata, como dizia Brizola. Manobras palacianas em Brasília tentaram mais uma vez imobilizar o ex-governador e a Justiça Eleitoral entregou o PTB a outro grupo postulante, claramente adesista, sob o comando de Ivete Vargas.

Sem o velho PTB, Brizola empenhou-se na criação do novo partido, o Partido Democrático Trabalhista, o PDT, alinhado à social-democracia internacional. O Brasil despertava para novos tempos. A campanha das *Diretas Já* – monumental mobilização popular que agitou o país pela volta das eleições diretas – não vingou pelo voto subserviente do Congresso que ainda respirava o arbítrio. Finalmente, em 1989, foram realizadas as primeiras eleições diretas para a presidência desde 1959.

Os candidatos Fernando Collor de Mello do desconhecido PRN; o metalúrgico Luiz Inácio da Silva, o Lula, e o ex-governador Leonel Brizola pelo PDT eram os candidatos que em todas as pesquisas apareciam como favoritos. O deputado Afif Domingues do PFL, Ulisses Guimarães do PMDB e o ruralista Ronaldo Caiado, como aconteceu, perderiam disparados.



FONTE: SITE OFICIAL DO PDT

Brizola: herdeiro político de Getúlio Vargas e João Goulart.

(*) Jornalista e escritor.

Com o primeiro turno marcado para 15 de novembro, os candidatos percorreram o país em busca de votos. A passagem de Brizola por Passo Fundo estava sendo aguardada com expectativa alucinante. A loucura brizolista seria confirmada no dia em que o ex-governador aqui esteve protagonizando a liderança do maior comício político em toda a história do município. Do trevo de acesso a Carazinho, na BR-285, até o Parque da Gare, local do encontro, dezenas de milhares de pessoas se acotovelaram pelas calçadas, janelas dos edifícios e até nos galhos de árvores da Avenida Brasil, todos queriam ver de perto o líder que voltava. Na Gare, seguramente 30 mil pessoas acompanharam Brizola até o final do seu pronunciamento. Embalado pelo carinho de conterrâneos (Brizola nasceu no interior de Carazinho ao tempo em que o vizinho município era distrito de Passo Fundo), o velho caudilho sentia-se em casa, mas sempre alerta e cuidadoso.

Brizola havia desembarcado no aeroporto de Passo Fundo e seguira até Carazinho onde, após visitar o túmulo da mãe na localidade de Cruzinha, comandara, lá também, um grande comício de campanha. A bordo de uma camioneta do então vice-prefeito Carlos Armando Salton, Brizola viajava com o prefeito Airton Dipp, com o então deputado Édson Pedroso e com o secretário-geral do PDT em Passo Fundo, Paulo Magro. Hábito antigo do *Caudilho*, o ex-governador Brizola pediu um pastel com uma taça de café com leite. A caravana parou exatamente junto a uma viatura da Polícia Rodoviária Federal. Paulo Magro tomou a informação dos policiais que sugeriram um restaurante próximo.

Acostumado a evitar contatos com as dezenas de policiais que o espionavam no exílio, Brizola continuava se resguardando, mantendo nos primeiros tempos de seu retorno, um discreto afastamento de policiais, temeroso de que pudessem lhe acontecer outras coisas indesejadas. Mal Paulo Magro entrou na viatura após ouvir a indicação dos policiais, Leonel Brizola tocou na sua perna e alertou:

— Companheiro, você é ainda muito jovem. Tens muito a aprender. Por exemplo: Nunca pergunte a um militar aonde devemos ir, pois nunca se sabe para onde ele vai nos mandar.

Como escreveu José Hernandez no épico *Martin Fierro* “*El diablo sabe por diablo pero mas sabe por viejo*” (*O diabo sabe por ser diabo mas mais sabe por ser velho*).



Brizola - A visita triunfal a Passo Fundo

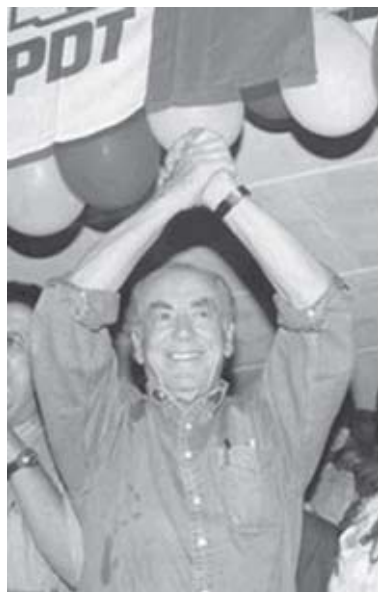
Rogério Moraes Sikora (*)

Leonel de Moura Brizola sempre teve grande identificação com Passo Fundo, onde mantinha grande contingente de simpatizantes, correligionários e eleitores. Essa idolatria por Brizola certamente é reforçada por ter nascido no povoado de Cruzinha, que pertenceu a Passo Fundo até 1931, quando passou à jurisdição de Carazinho.

Com a anistia brasileira em 1979, Brizola retornou ao Brasil. No ano de 1989, candidatou-se à presidência da República, nas primeiras eleições diretas, após o golpe militar de 1964. Nessa época, havia grande agitação nos meios políticos, após tantos anos sem os eleitores poderem escolher o maior mandatário do país. Em pouco tempo, as campanhas dos mais diversos candidatos tomaram as ruas de todo o Brasil empolgando até mesmo os eleitores mais desesperançosos com a política.

Brizola passa a percorrer todo o Brasil, levando sua campanha, a qual rapidamente se torna uma das favoritas dos eleitores. Com a proximidade da data das eleições, em 15 de novembro, havia grande expectativa quanto à possibilidade de Brizola visitar Passo Fundo, terra de onde saiu há décadas, para talvez se tornar o presidente da República.

No dia 20 de outubro de 1989, reúnem-se com a direção estadual do PDT o deputado estadual Éden Pedroso, o ex-prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise e Matheus Schmitt especialmente para tratar da vinda de Brizola a Passo Fundo. Nos dias que a antecederam, a visita de Brizola era o tema preferido dos eleitores e políticos nos cafés, partidos políticos, rodas de amigos e no meio universitário.



Gesto característico do líder trabalhista: as mãos unidas sobre a cabeça levantada.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Finalmente, no dia 1º de novembro de 1989, a cidade já acordava na mais ansiosa expectativa, aguardando o comício que Brizola faria naquela noite. Dezenas de militantes já se mobilizavam, desde às 17 horas junto ao Altar da Pátria, em frente à Academia Passo-Fundense de Letras. As horas pareciam passar lentamente, para todos aqueles que depositavam suas esperanças no experiente político e para todos aqueles que o acompanhavam, desde os tempos do velho PTB.

Sua chegada estava prevista para 19 horas e 30 minutos. Nessa hora, as ruas da cidade estavam tomadas por populares, especialmente, no Altar da Pátria e junto ao Parque da Gare, onde uma imensa multidão cantava hinos da campanha. Dezenas de ônibus e caminhões se dirigiam ao Parque da Gare trazendo eleitores e simpatizantes. Pontualmente, às 21 horas, a chegada de Brizola é anunciada por estrondosa e demorada queima de fogos, cujo foguetório se estendeu por vários minutos e deixou grande nuvem de fumaça no centro da cidade.

A partir do Boqueirão, em cima de um pequeno caminhão, acompanhado por Aírton Dipp, Éden Pedroso, Augusto Trein e vereadores, Brizola inicia a carreata, aberta por centenas de motoqueiros, que o conduziria até o centro da cidade. O percurso entre o Boqueirão e o Altar da Pátria, o qual poderia ser feito, facilmente, em poucos minutos, exigiu mais de sessenta minutos trafegando.

Ao longo do percurso, todas as calçadas, em ambos os lados, estavam tomadas por eleitores que acenavam, agitavam bandeiras e mostravam cartazes da campanha, tornando a pista de rolamento em estreito corredor humano, o qual obrigava o caminhão que conduzia Brizola a manter baixíssima velocidade. Muito sorridente, Brizola parecia tranqüilo, acenava e dava atenção a todos, demonstrando não estar com pressa e nem estar incomodado com a lentidão da carreata.

Finalmente, às 22 horas, Brizola chega ao Altar da Pátria. O anúncio de sua chegada fez o povo delirar. Todos queriam tocá-lo, vê-lo de perto, trocar algumas palavras, se possível. Em seu discurso, o qual durou uma hora, Brizola disse que se sentia satisfeito e emocionado de estar novamente em Passo Fundo. Ao longo do discurso Brizola foi ovacionado muitas e demoradas vezes, terminando por dizer; “Estou do lado do povo”, sendo aplaudido, ininterruptamente por muitos minutos, e aos gritos de “Brizola! Brizola!”.

Na luta política brasileira, Brizola destacou-se como o principal adversário do governo militar em declínio, com tão grande apoio popular, o que o levou a promover a maior carreata e o maior comício que a cidade já viu.



Festival Internacional de Folclore

Getulio Vargas Zauza (), Paulo Dutra (**)*

Entre os acontecimentos importantes de nossa comunidade foi lembrado por muitas pessoas, e com absoluta razão, o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo, (FIFPF) criado por Paulo Dutra em 10 de junho de 1992 como Secção Estadual do RS do (CIOFF).

Além de Paulo Dutra (presidente), foram fundadores do Festival: Anabel Tessaro, André Souza, Angélica Weissheimer, Edegar Paiva, Elba Costa, Elisane Regina Cayser, Erni Cogo, Eugênio Menegaz, Fátima Trombini, Flávio Antônio Cavalheiro, Gustavo Maias, Iracema Comiran, João Volmar da Rosa, José Carlos Gheller, Jovilde Bruneto, Júlio Tadeu Koswoski, Lourdes Maria Bortoncello, Márcia Santos, Maria Adamoi, Maria Tereza Tomazini, Maribel Tessaro, Miriê Tedesco, Paulo Cafelli, Paulo Ivan Ferenci, Paulo Sérgio Gradaschi, Rogério Luis Kurek, Rogério Silva, Saete Suzana da Silva, Tadeu Karczeski, Taniamar Reschke, Terezinha Marinelli, Zulmara Isabel Colussi.

Os ideais dos criadores do FIFPF são os mesmos dos criadores do CIOFF Mundial, tais como: a) Colaborar com a difusão cultural conforme o campo de atividades do CIOFF Mundial, incluindo congressos, assembléias, festivais internacionais de folclore, mostras de artes tradicionais e organização no campo da música, bailes populares, artes tradicionais e etnografia; b) promover e preservar os valores culturais em defesa da identidade estadual e nacional; c) manter, apoiar, salvaguardar e cuidar do folclore, das criações artísticas populares, costumes e tradições, assim como da arte cênica popular; d) melhorar o intercâmbio internacional, nacional e estadual de experiências e informações entre os membros do CIOFF, especialmente no campo dos acontecimentos estaduais, nacionais e internacionais, folclore e atividades similares referentes à arte popular conforme o Regimento do Estatuto B da UNESCO; e) conservar a paz e fortalecer a amizade entre os povos; f) documentar e pesquisar os grupos folclóricos autênticos do Estado, no intuito de preservação e prestígio dos grupos perante a comunidade estadual, nacional e internacional, bem como apoiar, incentivar e divulgar as pesquisas de preservação existentes e em andamento; g) realizar e apoiar a realização de festivais folclóricos locais, regionais, nacionais e internacionais; h) incentivar a participação de seus membros no maior número possível de realizações culturais estaduais, nacionais e internacionais; i) incentivar a participação dos municípios do Estado representados pelos movimentos culturais, como membros da Secção Estadual do RS do CIOFF .

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

(**) Criador do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo.

Tendo como propósito maior o entendimento internacional – paz entre os povos, especialmente no campo das artes e da cultura –, o CIOFF, atualmente, contribui para: a) reconhecer e estimular as culturas tradicionais dos povos; b) manter, apoiar e cuidar do folclore e da criação artística popular, costumes e tradições, com outras entidades; c) promover a alegria e a participação de muitas pessoas na tutela da herança cultural; d) majorar constantemente os métodos para elevar a qualidade artística e organizacional dos Festivais Internacionais de Folclore e dos demais acontecimentos, tais como: simpósios, conferências, seminários, cursos de treinamentos e aperfeiçoamento [...]”.

Além dos objetivos acima, também promover a inclusão social, proporcionando a oportunidade de pessoas de todos os níveis sociais, econômicos, culturais, religiosos e profissões estarem juntas sem nenhuma distinção entre si colaborando para uma nobre realização que é promover a arte popular como cultura, conhecimento e entretenimento para as pessoas desta e de outras comunidades, muitas das quais não teriam a possibilidade de assistir e conhecer artistas populares que expressam usos e costumes tradicionais, não apenas de diversão, mas também de cultos religiosos do passado de seus povos.

O FIFPF não é apenas uma festa é um espetáculo. Ele traz no seu bojo uma série de significações, tais como benefícios econômicos focais do momento e a longo prazo como tornando a cidade conhecida internacionalmente, abrindo perspectivas para o desenvolvimento do turismo.

Para mostrar que o FIFPF veio para ficar e é necessário que não só fique, mas que cresça. Em todas as edições participaram 84 países e 600 grupos folclóricos de diferentes Estados brasileiros. Apenas como uma amostra, só em 1998 se apresentaram três mil artistas naquele festival.

Devemos ainda salientar como importante, além do copioso número de voluntários de todas as origens, o que demonstra o espírito de participação já existente, ainda que o FIFPF colabora para causas nobres em nosso povo.

Não poderíamos deixar de destacar a importância da colaboração das entidades de saúde, segurança, imprensa, educação, empresariais, religiosas, os poderes municipal e estadual e um grande número de voluntários sem cuja colaboração não poderia ser realizado o festival com a segurança e tranqüilidade com que fora feito.



Festival Internacional do Folclore: povos de diversos países se encontram em Passo Fundo.

Comitê Municipal da Cidadania

Eloyza Goelzer de Almeida ()*

“Só é feliz aquele que faz da sua vida um fim e não um meio de servir, pois aqui viemos para servir e não para ser servidos.” (Allan Kardec)

“Dar de si antes de pensar em si”. (Paul Harris – Rotary)

“Passo Fundo tem muitas coisas bem ensinadas e mal aprendidas.” (Conrado Hessel).

“Comitê da Cidadania..., O trabalho mais lindo... Uma anarquia organizada... Uma armação ilimitada... Uma caixa de surpresas... Um aprendizado dia a dia... Experiências... De buscas constantes...” (Eloyza de Almeida)

“Comida para quem tem fome. Agasalho para quem tem frio”. Essa foi a idéia de Herbert de Souza – Betinho – quando se reuniu com alguns companheiros de lutas e ideais. A idéia foi imediatamente aceita por um grande número de líderes, como dom Mauro Morelli e um torneiro mecânico, hoje presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Era o início de um longo processo de resgate da dignidade humana que teve vários nomes em diferentes partes do Brasil. Hoje em dia é conhecido como “Fome Zero”, que foi o primeiro ato do recém-empossado presidente Lula no primeiro mandato. Em Passo Fundo a idéia foi lançada em 14 de julho de 1993. No entanto, autoridades da época e outros participantes esqueceram do propósito central logo após o lançamento. Três mulheres resolveram prosseguir com a idéia de Betinho: Marga (Recursos humanos), Dorotéia (Ambientalista) e Eloyza (especialista em trabalhar com pobreza e miséria e suas mazelas), ela encontrou a oportunidade de realizar uma idéia de há muito imaginada, ser concretizada:

Sobras de comida serem recolhidas e entregues para quem tem fome ao invés de serem jogadas fora; sucatas recicladas tornando-se úteis e transformando-se em fonte de renda.

A idéia de Betinho estava cristalizada, mas com características próprias. Formava-se, assim, o Comitê da Cidadania com um jeito gaúcho de Passo Fundo!

O Comitê, que sobrevive com o trabalho de voluntários, foi logo abraçado pela comunidade e aprovado por organizações públicas e privadas como Prefeitura Municipal, Universidade de Passo Fundo, Embrapa, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, SESI, ACISA, RGE, CORSAN, SINDUSCON etc.

As doações recebidas das pessoas e instituições são espontâneas e felizmente acontecem com grande frequência e abundância. “É proibido pedir um quilo de farinha de milho... não pode!”, lembra a mentora do projeto Eloyza.

(*) Presidente do Comitê da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida.

Existem oitenta grupos de trabalho que se distribuem em diferentes atividades, como, por exemplo a equipe do preparo de 25 “sopões” no “Restorante da D. Luiza” (sopa com inúmeros nutrientes, altamente calórica); equipe do ônibus que faz as coletas e também as entregas; a equipe da camionete que recolhe as doações de sucatas e vários itens que serão reciclados e posteriormente distribuídos gratuitamente; a equipe de ensino de artesanato popular destinado especialmente a migrantes da zona rural que não têm qualquer capacidade ou treinamento para outros tipos de trabalho. Com isso, estas pessoas que viveriam da mendicância certamente sentem-se mais úteis por estarem fazendo “algo de bom para outras pessoas que precisam”. Todas as equipes de trabalho seguem uma regra simples: “Ajude para ser ajudado.”

O Comitê da Cidadania tornou-se um trabalho *sem igual* pela diversidade daquilo que é feito em termos de resgate social de seres humanos considerados excluídos sociais ou “abaixo da linha de pobreza”. É importante dizer que as atividades do Comitê foram se expandindo e acontecendo de forma simples, sem planejamento e sem basear-se em ambição ou promoção pessoal.

Organizar a atividade dos papeiros e catadores agora é meta do Comitê da Cidadania, já que não é admissível que uma cidade culta e que reza, veja cidadãos-irmãos subir e descer as ruas da nossa cidade como se fossem *burros de carga* em busca do mísero sustento diário, geralmente o ganha-pão de muitos deles.

O Comitê da Cidadania é uma ONG. Torná-lo *imexível* é vontade comum de autoridades, diretoria atual, voluntários e também dos bem-feitores, através de uma OSIP.

Muitas pessoas falam em gozar a vida viajando, indo a festas e tantas outras coisas mais. “Gozar a vida meus irmãos, é fazer bom uso da vida que Deus nos dá!” (Lether Neuhans).



FOTO: AUTOR DESCONHECIDO, ARQUIVO SEMIJA COSTANILAN

1970 – O casal Odorico e Heloysa levando alimento ao presídio, conseguido através do chefe da CNAI do Rio Grande do Sul,



ARQUIVO AUTOR

Ônibus a serviço do comitê.

Efrica - Parque Wolmar Salton

Jorge Alberto Salton ()*

Em 1993, por ocasião da inauguração do Parque de Exposições Wolmar Salton, recebi a incumbência de agradecer a homenagem em nome da família. O ex-prefeito Mário Menegaz seria homenageado na cerimônia devido ao fato de duas feiras, EFRICA 1ª e 2ª, terem sido realizadas sob sua liderança. Recebi dele um ultimato: se não falasse em seu nome ele não compareceria à cerimônia, pois não estava disposto a discursar.

Assim, minha fala, foi acrescida de mais essa importância histórica e foi feita na presença não só do prefeito municipal, Airton Dipp, do presidente da Câmara de Vereadores, Tadeu Karzesky, como na do governador do Estado, Alceu Collares.

De tal forma, após saudar as autoridades e todos os presentes, com Mário Menegaz a minha direita, comecei a discursar tendo a intenção de fazer referência as gerações que haviam construído o Parque de Exposições do Centenário, as EFRICAS e o Parque de Exposições, que estava naquele momento sendo inaugurado. Muitas já haviam, infelizmente, se calado. Queríamos lembrar delas.

“Minhas palavras serão palavras de agradecimento. A começar pelo autor do projeto de denominação deste parque, o vereador dr. Jairo Caovila, em extensão aos demais vereadores e ao senhor prefeito pelo ato de aprovação do mesmo.

Nós, familiares, nos sentimos comovidos ao ver nosso pai tão afetuosamente lembrado. A ele agradaria este momento por perceber que através de seu nome se faz, em verdade, uma homenagem a sua geração. A todos que, junto com ele, no dia 7 de agosto de 1957, há trinta e seis anos, quando Passo Fundo comemorava cem anos de emancipação política, a todos que junto com ele reunidos estavam assim como nós aqui estamos e inauguravam uma obra similar a esta: o Parque de Exposições do Centenário de Passo Fundo.”

Naquela cerimônia de 1957 – e foi uma cerimônia também importante, inclusive presentes estavam João Goulart, então vice-presidente de nosso país, Ildo Meneguetti, governador de nosso Estado, Leonel Brizola, prefeito de Porto Alegre, o arcebispo dom Vicente Scherer, vários ministros –, naquela cerimônia se congregavam engenheiros, políticos, operários, empresários, todos envolvidos naquele trabalho. Em tudo muito semelhante ao momento de agora.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

O Parque de Exposições do Centenário fora uma obra arrojada: quatro grandes pavilhões. Curiosamente, um deles, ainda existente, era na ocasião o maior pavilhão em arco de madeira construído no Rio Grande do Sul. Posteriormente, como todos sabemos, no local do parque foi construída a atual prefeitura e a atual Câmara de Vereadores.

Aquela grande exposição coordenada por nosso pai, na ocasião prefeito municipal, envolveu toda a comunidade através de um órgão chamado de Comissariado, que reunia representantes de todas as entidades de Passo Fundo, desde clubes, sindicatos, colégios etc.

Um marco histórico, sem dúvida, no desenvolvimento de nossa cidade e região. Aquela grande exposição foi, acima de tudo, o clímax do trabalho de toda uma geração.

Felizmente, muitos dos que labutaram naquela ocasião estão aqui conosco fortes e atuantes. Entretanto e infelizmente, muitos outros já se foram.

Compreendemos as razões da escolha do nome de nosso pai: em sua vida encontramos inúmeras ações no sentido da promoção do desenvolvimento e do progresso econômico de Passo Fundo. Foi assim sempre. Já no início de sua vida como político, era vereador, e criou o projeto que doou a área, onde hoje se instala o distrito industrial.

Nós, familiares, entendemos que esta homenagem vai além de uma só pessoa. É a homenagem de uma geração a outra geração. Este parque é também um pouco o Parque do Centenário que já não mais existe.

Com certeza nosso pai gostaria de dividir esta homenagem com muitos passo-fundenses. Em especial com o sr. Mário Menegaz, presente nesta cerimônia. Industrialista pioneiro, ex-prefeito de dois mandatos, foi o sr. Mário Menegaz que, aproveitando o Parque do Centenário e dando continuidade aquele tipo de evento, realizou com sua equipe de trabalho a 1ª e a 2ª EFRICA .

Achamos que a homenagem também deve ser dividida com todos aqueles que mediante seu esforço permitiram a realização desta magnífica 3ª EFRICA .

Naquele 7 de agosto de 1957, a inauguração do Parque de Exposições do Centenário, diferente de hoje, fez-se sob pingos de chuva. Mas, igual a hoje, havia muita alegria. Adultos estavam eufóricos. As crianças, como sempre felizes. Havia muita criança. Lembrou bem, era uma delas.

Recordo das luzes do Parque Tupy, de um trator de vidro que havia na exposição, da colheitadeira de roda de carroça num *stand* a girar. Do ônibus Papafila a engolir filas de mais de cem pessoas, dos adultos colhendo trigo nos canteiros do boqueirão.

Recordo de sons, sons de instrumentos, música, do som da voz dos adultos. De muitas vozes de adultos.

Onde estarão aquelas vozes? Algumas já se calaram. Já se calaram, mas vejo aqui, não foram esquecidas.

Obrigado”.

Natal Som Luz e Amor

Neiva Bonamigo Tonial ()*

Em 1996, o grupo pretendia evangelizar o Natal, realizando uma simples iluminação da Igreja Santa Teresinha, o que atraíu grande parte da população para o evento. Tantas foram as pessoas que trabalharam e contribuíram, que o evento ultrapassou os limites da comunidade. O entusiasmo contagiou Passo Fundo, repercutindo na região, em outros Estados e até em países vizinhos.

O objetivo do evento sempre buscou promover a união das famílias; valorização do espírito religioso do Natal; divulgar a cultura comunitária e popular; fortalecer a integração das comunidades através do turismo e de manifestações artísticas e culturais típicas de cada região; projetar Passo Fundo no cenário cultural e artístico do Estado, bem como no Mercosul.

Além da presença da comunidade da Sta. Teresinha, o Natal contou com a participação das comunidades luterana – São João e metodista – BETEL, congregando os sacerdotes e pastores que acolheram o povo indistintamente. Uma verdadeira onda de ternura e amor instalava-se na Praça Capitão Jovimo desde 1996, quando mais de um milhão de lâmpadas brilhavam encantando a todos.

A fantástica casa do Papai Noel aumentava a cada edição, com o bom-velhinho que reunindo toda a sua família para agradar as milhares de crianças que vinham acompanhadas dos pais, avós, tios e parentes, pois ninguém queria perder a oportunidade de experimentar a delícia do espírito natalino e cristão.

A união, o respeito e adoração eram visíveis no rosto das famílias que todas as noites recolhiam-se em frente ao majestoso presépio vivo no interior da Igreja, ou nos presépios montados no centro da praça e ao lado do palco, onde o Menino Jesus estava sempre presente.

Durante a realização das festividades eram arrecadadas doações de grande quantidade de brinquedos, nitidamente estimuladas pelo espírito de irmandade da festa, para serem distribuídas às pessoas carentes.

A cada abertura e encerramento do Natal, o céu era iluminado com um colorido e o esperado *show* de fogos destacava a gloriosa iluminação interna e externa da Igreja Sta. Teresinha.

Nas praças de alimentação, os voluntários se desdobravam para atender bem todo o povo que se aglomerava para degustar deliciosos pasteis, cachorros-quentes e pizzas, sempre embalados pelo som das crianças cantando na charmosa Maria Fumaça, tendo

(*) Ex-presidente da Associação Cultural Natal, Som Luz e Amor, comunidade Santa Terezinha, Passo Fundo.

por perto um verdadeiro batalhão de policiais da Brigada Militar, os guardas municipais (chamdos de “azuizinhos”) e mais seguranças especialmente contratados.

Destaque especial merecia o palco de apresentações artísticas e culturais pelas suas amplas dimensões, localização e decoração, possibilitando excelentes condi-

ções para as manifestações culturais e plena visibilidade do grande público que participava dia-a-dia gratuitamente das inúmeras apresentações de cunho natalino. Esse evento consolidou-se, tornando-se o de maior público, duração e número de apresentações, propiciando manifestações culturais a mais de uma centena de instituições e artistas, para um público superior a 400 mil pessoas.

A parte espiritual mereceu a participação de pastores e padres da comunidade, com momentos ecumênicos, litúrgicos e celebrativos, envolvendo a todos com profundas reflexões e recolhimento, revivendo os fatos ocorridos há dois mil anos. Toda imprensa com seu trabalho tornou possível a divulgação de todos os acontecimentos.

Como parceiros, estavam a Prefeitura Municipal, Lei de Incentivo a Cultura do Estado, políticos, comércio em geral, Grupo de Escoteiros, entidades, escolas, agências e centenas de pessoas que se doaram para que tudo acontecesse a contento.

O destaque principal ficou sempre por conta dos 350 voluntários, que a todas as tarefas solicitadas assumiram, aceitando o desafio para que o Natal fosse de todos.

Optamos por não citar nomes, uma vez que com certeza, poderíamos esquecer e de modo algum gostaríamos de magoar alguém.

O importante foi a marca que todos deixaram na cidade, e principalmente no coração de cada um. A cidade, nestas oito edições, acercou-se do verdadeiro Espírito Natalino, e com certeza sentimos todos muita falta.



Pós-Graduação da Faculdade de Agronomia - UPF

Jurema Schons ()*

*A*os poucos foram incorporados mais professores e alunos ao projeto de pesquisa. Logo após assumir a Direção da Faculdade de Agronomia (FA), em 1982, o professor Floss, em conjunto com os demais docentes, elaborou um plano de capacitação, para, de início, titular os docentes em nível de mestrado, para fortalecer o curso de graduação, a pesquisa e as atividades de extensão. A iniciativa teve o apoio do reitor da UPF, Elydo Alcides Guareschi, do vice-reitor de Graduação, Agostinho Both e, posteriormente, de Salete Cleusa Bona que assumiu a mesma Vice-Reitoria, e Luiz Carlos Najourks, vice-reitor de Pesquisa e Extensão. Com grande parte do corpo docente qualificado em nível de mestrado, fez-se necessário elaborar novo plano de capacitação docente em nível de doutorado. Eram os primeiros indícios de que, com um bom número de doutores, a Faculdade poderia instalar um curso de Mestrado. Em março de 1988, fez-se contato com a Embrapa, para avaliar a possibilidade de realização de um mestrado conjunto.

No final de 1993 estava concluída uma comissão pró-mestrado, de parte da UPF, pelos professores Erlei Melo Reis, Mauro Antônio Rizzardi e Pedro Alexandre Varella Escosteguy e, de parte da Embrapa Trigo, pelos pesquisadores Ariano Morais Prestes, Irineu Lorini (substituído após por José Roberto Salvadori) e Maria Irene Baggio. Em março de 1994, estabeleceram-se três áreas de concentração: manejo do solo, fitotecnia e proteção de plantas. Atuou com o consultor Caio Vidor da UFRGS. Em julho de 1994, Tania Rösing assumiu a Vice-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e Erlei Melo Reis, a Direção da FAMV, e este elaborou a proposta do Mestrado em Manejo de Doenças de Plantas e a submeteu a apreciação de Ayno Jacques (UFRGS).

A concepção original foi de um Mestrado em Agronomia com área de concentração em Manejo de Doenças de Plantas, aprovado pelas instâncias internas da UPF e da Embrapa Trigo, iniciando as atividades no dia 4 de março de 1996, sob a coordenação de Erlei Melo Reis, na época, também diretor da FA. A implantação do Curso foi apoiada pela Vice-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e contou com a colaboração e parceria da Embrapa Trigo, através do chefe-geral Benami Bacaltchuk. As instituições firmaram um Termo de Cooperação Técnica. A primeira turma contou com 10 alunos matriculados.

(*) Ex-coordenadora do Programa de Pós Graduação em Agronomia (PPGAgro) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária (FAMV-UPF).

O Conselho Nacional de Educação reconheceu o Curso e publicou no *Diário Oficial* da União em 30 de dezembro de 1998. O Curso foi aprovado com conceito 3 na CAPES (em uma escala de 3 a 5). Vale ressaltar que, no início, o curso contou com a colaboração de docentes da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP, Piracicaba, SP.

A primeira defesa de dissertação de mestrado foi em 27 de fevereiro de 1998, pelo eng.-agr. João Américo Wordell Filho, orientado pelo dr. Ariano Moraes Prestes.

Em 1999, foi aprovado pela UPF, o projeto de uma nova área de concentração, em Produção Vegetal, elaborado por uma comissão de professores liderada por Elmar Luiz Floss. A nova área de concentração foi implantada em 2000, sob a coordenação de Jurema Schons, tendo como diretor, na época, Walter Boller e, como Vice-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, Solange Longhi. Com isso, incorporou-se um grande grupo de professores que, na maioria, acabara de doutorarem-se. Paralelamente, após análise criteriosa dos relatórios enviados anualmente a CAPES/MEC concedeu conceito 4, passando o curso a se denominar Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGAGRO). Mais uma conquista. Com coragem e ousadia, a FAMV, confirmou seu pioneirismo na UPF, implantando, em 2004, o primeiro Doutorado, em Agronomia nas áreas de Concentração em Fitopatologia e Produção Vegetal, cujo projeto foi elaborado pelos professores Alexandre Augusto Nienow, Jurema Schons e Pedro Alexandre Varella Escosteguy, liderados por Alexandre Augusto Nienow que, na qualidade de coordenador do Programa, foi o responsável pela implantação do Curso. O diretor da FAMV era Mauro Antonio Rizzardi e o vice-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação Carlos Alberto Forcelini.

Hoje o Programa de Pós-Graduação em Agronomia oferece mestrado consolidado e o doutorado em fase de consolidação. Atuaram como coordenadores os professores Erlei Melo Reis (03/1996 – 04/1998), Jurema Schons (05/1998 – 02/2002), Alexandre Augusto Nienow (03/2002 – 02/2006) e Jurema Schons (03/2006 até a presente data, com mandato até fevereiro de 2008). O programa cresceu nesses 11 anos, com os investimentos da UPF e contribuição dos pesquisadores e da infraestrutura da Embrapa Trigo.

O programa conta, em 2007, com 24 professores-pesquisadores, com título de Doutor obtido em instituições nacionais e estrangeiras. Até abril de 2007 foram defendidas 96 dissertações, sendo 57 na área de Concentração em Fitopatologia e 39 em Produção Vegetal. Os números são significativos e refletem o desempenho do corpo discente e docente do PPGAGRO, que realiza um trabalho sério, a fim de capacitar profissionais para o mercado de trabalho das mais diversas regiões do Brasil, bem como para outros países da América do Sul, levando consigo o nome da Universidade de Passo Fundo.



ACE/RGO/AUTOR

Prédiada Pós-Graduação da FAMV inaugurado em 15 de maio de 1998.

Comercial Zaffari e Bella Città

Cleci Zaffari

O Bella Città Shopping Center foi inaugurado em 05 de novembro de 1998 – ano em que a Comercial Zaffari, empresa idealizadora do projeto, completou 41 anos de fundação –, situando-se num dos pontos centrais de Passo Fundo (na esquina das Avenidas Brasil e Sete de Setembro). O nome “Bella Città”, de origem italiana, é uma homenagem feita à população do Planalto Médio, onde se concentra um grande número de descendentes italianos.

O Bella Città Shopping Center inaugurou sua primeira fase com 21 mil metros quadrados, contando com uma grande rede de lojas, duas salas amplas de cinema, praça de alimentação e um espaçoso estacionamento. O Bella Città também disponibiliza um sistema de ar condicionado central, um sistema de som ambiente e um sistema preventivo contra incêndio.

A sinalização do shopping, foi inspirada em lugares italianos, como por exemplo a *Villa Delizia*, denominação da praça de alimentação e eventos. As cores também foram projetadas a partir da bandeira da Itália. O shopping possui 60 lojas dos mais variados artigos – moda feminina, masculina e jovem, marcas famosas, lojas de conveniência, calçados, acessórios, perfumaria, revisteira, serviços bancários, *fast food*, lazer e diversão. Entre lojistas e funcionários da administração do Shopping, o Bella Città gera cerca de 500 empregos diretos.

Atualmente, o Bella Città Shopping Center passa por ampliações. As obras iniciaram em 2006 e estão previstas para serem concluídas em abril de 2009. Com a nova fase, serão 46.396 metros quadrados de área construída, contando com 606 vagas de estacionamento, 8 escadas rolantes e 63 novas operações, totalizando 123 lojas. O Bella Città Shopping, com a inauguração da nova fase, em 2009, vai gerar mais 500 empregos (totalizando mil empregos diretos) e se consolidará como o segundo maior shopping do interior do Estado, ficando atrás apenas do Iguatemi de Caxias do Sul.

Comercial Zaffari e Bella Città Shopping Center

Em 1957, João Zaffari, ao desligar-se do quartel, abriu um pequeno negócio na própria casa da família, transformando-a em armazém com o nome de Casa Brasília e com a razão social “Irmãos Zaffari Ltda”. Com o crescimento dos demais irmãos e com a chegada dos primos, que também trabalhavam no armazém, o negócio prosperou e então, necessitou de ampliação.

(*) Presidente da Comercial Zaffari - Passo Fundo.

Assim, em 1968, o negócio ampliou-se. Empolgados com a novidade que estava surgindo nas principais cidades brasileiras – as lojas de supermercado – foi instalado o primeiro supermercado da Comercial Zaffari, na Avenida Presidente Vargas. Dois anos depois, a empresa instalou no centro da cidade um dos maiores supermercados da rede, hoje Zaffari Bella Città, loja âncora do Bella Città Shopping Center. Em 1972, foi inaugurada mais uma loja em Passo Fundo, o Zaffari Pelegrini; em 1973, a primeira loja fora do município de Passo Fundo, na cidade de Carazinho. A partir daí, foram inauguradas várias lojas (15 espalhadas pelo Estado), exigindo a criação de um depósito central e de um centro administrativo.

A Comercial Zaffari também desenvolve projetos sociais, como o Projeto João Zaffari e o Restaurante Popular. Os alunos do Projeto João Zaffari têm entre 15 e 16 anos e aprendem noções sobre

estrutura e funcionamento de empresas, saúde e ações preventivas, cidadania, empreendedorismo, comunicação, informática, logística, armazenagem, reposição, exposição, perdas e desperdícios de mercadorias, atendimento ao cliente, trabalho em equipe e pós-vendas. Após o término das aulas, os alunos recebem o diploma e todos eles são encaminhados ao mercado de trabalho. O projeto realiza-se nas dependências do Recursos Humanos da Comercial Zaffari e funciona 11 meses durante o ano para que sejam formados 24 adolescentes neste período.

Por sua vez, o Restaurante Popular de Passo Fundo, com uma média de 500 refeições por dia, beneficia principalmente as classes mais baixas da sociedade. O cidadão paga apenas R\$1,00 pelo almoço, que tem um custo de R\$3,00. Os R\$2,00 restantes são bancados pela Comercial Zaffari, através da Lei da Solidariedade, do Projeto Fome Zero do Governo Federal.



Avenida Brasil, esquina com a Sete de Setembro, na fase “pré-Bella Città”. Ao fundo, vê-se o antigo prédio da fábrica de pregos da Gerda, depois adaptado para supermercado. A célebra esquina foi onde Teixeira iniciou sua vida artística cantando numa tenda de tiro ao alvo.



Bella Città, em agosto de 2007, em fase de ampliação da área do Shopping Center.

Sebrae

Selma Costamilan ()*

Em 17 de julho de 1972, após a realização do II CONCLAP, em que se discutiu o processo de desenvolvimento do Brasil, e por iniciativa do BNDE e do Ministério do Planejamento, foi criado o Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa (CEBRAE). Nasce, formalmente, a instituição, dentro da estrutura do Ministério do Planejamento, oriunda de iniciativas de apoio aos pequenos estabelecimentos realizadas no Nordeste e no BNDHS.

O Cebrae foi criado com um Conselho Deliberativo formado pela FINEP, ABDE (Associação dos Bancos de Desenvolvimento) e o próprio BNDE, iniciando a sua atuação através do credenciamento de várias entidades estaduais já existentes. Por exemplo: o IBACESC, em Santa Catarina, o CEDIN, na Bahia, o IDEG, no Rio de Janeiro, o IDEIES, no Espírito Santo, o CNDL, no Rio e o CEAG/MG, em Minas Gerais. Dois anos depois, em 1974, o Sistema CEBRAE contava já com 230 colaboradores, dos quais apenas sete no núcleo central, e estava presente em 19 Estados.

Evolução – Nos primeiros 15 anos de existência o CEBRAE passou por várias fases. Cada administração procurava imprimir um ritmo diferente de trabalho, buscando cada vez mais a eficiência do sistema através de seus agentes à época, isto é, o IBACESC, em Santa Catarina, o CEDIN na Bahia, o IDEG, no Rio de Janeiro, o IDEIES, no Espírito Santo, o CDNL, ainda no Rio de Janeiro, e o CEAG, em Minas Gerais.

Já em 1977, o CEBRAE operava programas específicos para as pequenas e médias empresas. Em 1979, havia formado 1.200 consultores para as micro, pequenas e médias empresas. No final dos anos 70, programas como PROMICRO, PRONAGRO E PROPEC levaram ao empresariado o atendimento de que necessitavam, fosse na área de tecnologia, fosse na de crédito ou mercado.

A partir de 1982, o CEBRAE passou por uma nova fase, atuando mais politicamente junto às micro, pequenas e médias empresas. É nessa época que surgem as associações de empresários com força de atuação junto ao governo. É quando o setor passa a reivindicar mais atenção governamental para seus problemas e o CEBRAE serve como canal de

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

ligação entre as empresas e os demais órgãos governamentais no encaminhamento das questões ligadas aos pequenos negócios.

A organização funcionava como sistema, com interação intensa entre o órgão central e os agentes. Promoviam-se, trimestralmente, encontros com os dirigentes regionais para trocar idéias, experiências e metodologias.

No governo Sarney e no governo Collor, o Cebrae enfrentou uma operação desmonte. Mudou-se do Planejamento para o MIC (Ministério da Indústria e Comércio). Havia uma grande instabilidade orçamentária. Muitos técnicos deixaram a instituição. Em 1990, o CEBRAE quase fechou. Foram demitidos 110 profissionais, o que correspondia a 40% do seu pessoal.

O CEBRAE transforma-se em SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) em 9 de outubro de 1990, pelo decreto 99.570, que complementa a lei 8.029, de 12 de abril, que desvinculava o Cebrae da administração pública, transformando-o em serviço social autônomo.

O Sebrae chegou em Passo Fundo no ano de 1998, com a criação do Balcão SEBRAE, após parceria com ACISA (Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agropecuária de Passo Fundo), onde a entidade oferece uma sala e uma assistente para o SEBRAE.

O SEBRAE iniciou suas atividades com um técnico (Cláudio Viapreira), no endereço da ACISA (Avenida General Netto, 443 – 5º andar), onde respondia pelos trabalhos do SEBRAE nos municípios da produção e nordeste.

No ano de 2003 foi criada a Regional Planalto e Norte, que faz parte do processo de descentralização do SEBRAE, com o supervisor Jéferson Emílio de Souza, o escritório consta no endereço Rua Morom, 1060 sala 1.

Atualmente a Regional Planalto e Norte e suas unidades de atendimento (Carazinho, Tapejara, Erechim e Cruz Alta), respondem por 110 municípios, atuando por projetos setoriais.



Fábrica de biodiesel - BSBios

Antônio Roso (*)

A BSBios Indústria e Comércio de Biodiesel Sul Brasil S/A. foi fundada em 02 de maio de 2005, em Colorado (RS), pelos sócios-fundadores Erasmo Carlos Battistella, Fabiana Venzon Battistella e Marcelo Venzon, com a finalidade de instalar uma indústria de produção de biodiesel na região, tendo por objetivo a comercialização, beneficiamento, industrialização, importação, exportação e distribuição de cereais e sementes oleaginosas, óleos vegetais, biodiesel, glicerina, seus derivados e sub-produtos, tendo como foco principal a produção do biodiesel.

Após a criação da empresa, iniciaram os estudos de viabilidade econômica e financeira, a fim de definir o local mais adequado para a instalação da indústria. Analisando diversos municípios, o de Passo Fundo foi eleito a melhor opção, devido à sua localização estratégica em termos de logística, e por ser uma região de abundância de matéria-prima, sendo considerado um pólo (ou centro) agrícola no país. Também, foram considerados os incentivos propiciados pela Prefeitura Municipal.

Com a mudança na localização da indústria, novos sócios incorporaram o grupo BSBios. AR Administração e Participação Ltda, *holding* que representa o diretor presidente da BSBios Antonio Roso; Montagener e Wagner Ltda, *holding* que representa os sócios Paulo Montagener e Mario Wagner.

Um marco importante na construção da indústria foi o financiamento concedido à BSBios pelo BNDES, que aprovou o primeiro financiamento da linha especial para uma planta de fabricação de biodiesel no país. No decorrer das obras de terraplanagem, e com o financiamento liberado, a BSBios foi a primeira empresa na região Sul do Brasil, e uma das dez primeiras empresas no país a receber o Selo Combustível Social, com cerimônia realizada no Palácio do Planalto, em 17 de novembro de 2005, o qual é concedido às empresas que utilizem matéria-prima oriunda da agricultura familiar na produção do biodiesel, proporcionando incentivos fiscais às empresas portadoras do mesmo.

O lançamento da pedra fundamental das instalações da indústria ocorreu em 20 de junho de 2006. Na oportunidade, estiveram presentes, o presidente da república Luis Inácio Lula da Silva, alguns ministros, o governador Germano Rigotto, prefeito municipal Airton Dipp, e demais lideranças políticas e empresariais. Mais de 4 mil pessoas prestigiaram o evento.

(*) Empresário.

Após o lançamento da pedra fundamental, iniciou-se a construção da unidade industrial, que tem capacidade de produção de 110 milhões de litros de biodiesel por ano, e 12.800 toneladas de seu sub-produto, a glicerina.

Durante a instalação da indústria, a empresa iniciou o desenvolvimento de programas para o fomento de culturas alternativas na região para a produção de biodiesel, como o PPMB – Programa Produção de

Mamona BSBios, PPGB – Programa Produção de Girassol BSBios, e PPCB – Programa Produção de Canola BSBios, os quais são desenvolvidos em parceria com agricultores, cooperativas e empresas, gerando assim, a inclusão social. O Programa Produção de Mamona BSBios merece destaque, uma vez que esta cultura era desconhecida até então na região Sul. A safra 2006/2007, mesmo com dificuldades, teve êxito e a empresa está dando continuidade ao projeto, que utiliza técnicas de mecanização para o cultivo do grão.

Durante o desenvolvimento da obra, a empresa teve a incorporação de mais dois acionistas, o grupo ARPAL Participações Ltda, e Paludo Participações Ltda, *holdings* que compõem o grupo Vipal Borrachas S/A., representadas pelo sócio Arlindo Paludo.

O andamento das obras ocorreu num ritmo acelerado. A indústria foi construída em apenas dez meses, e entrou em operação no dia 25 de maio de 2007, ano que coincide com o aniversário de 150 anos do Município de Passo Fundo. O projeto ao todo compreende um parque industrial que tem por objetivo extrair óleo de 3.000 toneladas de soja/dia, e conseqüente processamento do biodiesel, o que fará com que Passo Fundo se torne referência nacional pelo tamanho e qualidade do empreendimento desenvolvido.



Lançamento da pedra fundamental pelo presidente Lula e diretores da BSBios.



Curso para funcionários.

Alguns heróis do esporte

Marco Antonio Damian (*)

Felipão – A inconfundível fisionomia italiana, os gestos bruscos, os modos às vezes nada discretos e irritados, a capacidade de liderança e o conhecimento das estratégias do futebol são características marcantes do passo-fundense nascido no Bairro Boqueirão, Luiz Felipe Scolari, ou simplesmente Felipão. O vitorioso e competente técnico de futebol é um orgulho de nossa sesquicentenária cidade. Mesmo tendo deixado Passo Fundo ainda jovem, Felipão mantém laços estreitos e vários familiares na cidade. Luiz Felipe Scolari ganhou notoriedade no futebol com a conquista da Copa do Brasil pelo Criciúma, de Santa Catarina, até então um clube fora do mapa dos grandes vencedores. Foi do Grêmio Portoalegrense, entretanto, que Felipão partiu para o estrelato com as conquistas da Taça Libertadores da América, Campeonato Brasileiro, bi-Campeonato Estadual, Recopa Sul-Americana e Copa do Brasil. Foram cinco títulos expressivos, em menos de três anos de trabalho. A consagração veio em 2002, quando a Seleção Brasileira, comandada por Luiz Felipe Scolari, foi pentacampeã mundial. Durante aquele mês de junho de 2002, a mídia nacional voltou seus espaços para Passo Fundo, a terra de Felipão. Após, o treinador foi contratado para dirigir a seleção de Portugal e a levou ao vice-campeonato da Eurocopa e semifinalista da Copa do Mundo de 2006.

Kita – Anos antes, o futebol passo-fundense deu outro grande atleta para a Seleção Brasileira. Recebeu o nome de seu avô e virou João Leithart Neto. Desde criança atendia pelo epíteto de Kita. A várzea e posteriormente o time juvenil do Sport Club Gaúcho, revelaram um atacante grandão, desengonçado para correr, mas de uma presença inigualável dentro da área. Marcava gols de cabeça e com ambos os pés. Ao chegar no Internacional de Porto Alegre, em 1984, após passar pelo 14 de Julho, Brasil de Pelotas, Criciúma e Juventude de Caxias do Sul, foi convocado para a Seleção Brasileira Olímpica, que representou o país nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Voltou para o Brasil com a medalha de prata no peito, a primeira medalha olímpica conquistada no futebol. Na competição, Kita marcou dois gols e deixou registrado seu nome na história da Seleção Brasileira. Outro feito foi a artilharia do campeonato paulista jogando pela pequena Internacional da cidade de Limeira. Os 26 gols que marcou ajudaram seu clube a conquistar inédito título do paulistão. Kita foi para o Flamengo carioca e em sua estréia fez dois gols contra o Corinthians. Ao lado de Zico, Leandro, Bebeto, Renato Gaúcho e outros craques foi campeão brasileiro, em 1987. Outro título importante foi a Copa do Brasil, em 1989, pelo Grêmio Porto-Alegrense.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Na partida semifinal contra o Bahia, marcou o gol isolado que remeteu seu time para a finalíssima. A carreira de Kita foi brilhante e encerrada no Esporte Clube Passo Fundo, ainda marcando gols, embora com uma lesão crônica no joelho. Kita continua residindo em Passo Fundo onde é constantemente requisitado para entrevistas e reportagens pela mídia brasileira.

Marcos Daniel – A concentração e a seriedade que mostra nas quadras do mundo inteiro são as mesmas que apresentava quando engatinhava no seu esporte favorito, jogando no Clube Comercial ou na AABB de Passo Fundo. Marcos Daniel se preparou para ser um profissional do tênis, com objetivos claros, alcançando degrau a degrau no difícil e solitário esporte. Deixou sua cidade, com 13 anos de idade, para residir sozinho em Porto Alegre e treinar exaustivamente no Clube Leopoldina Juvenil. Os anos foram passando e ele vencendo torneios em sua categoria no Brasil e no exterior. Foi o número um do *ranking* brasileiro dos 14 aos 18 anos. Ainda com idade de categoria juvenil recebeu um presente. Foi convocado para a equipe brasileira na Copa Davis de 1996. Ao adentrar no penoso e intricado mundo do circuito profissional de tênis, o passo-fundense teve grave lesão que o afastou das quadras por mais de um ano. Com hercúlea determinação e garra voltou ao circuito e foi galgando posições. Venceu vários torneios, participou de Grand Slam, venceu adversários consagrados, participou de mais uma Copa Davis e chegou a ser o 80º do *ranking* mundial e o 1º do *ranking* brasileiro, em 2006. Neste ano foi o único brasileiro a disputar o famoso torneio de Roland Garros. A imprensa especializada, incluindo *sites* de esporte do mundo todo mencionou o “gaúcho de Passo Fundo”, que representou o Brasil.

Gustavo e Murilo Endres – No momento são dois irmãos que levam o nome de Passo Fundo constantemente ao alto do pódio. Os gigantes Gustavo e Murilo Endres, jogadores da Seleção Brasileira de Voleibol. Nascidos nesta cidade e criados na Vila Rodrigues, tiveram uma meteórica e retumbante carreira no esporte. Inicialmente Gustavo, o mais velho, deixou as quadras do Colégio Conceição para a “peneira” do Banespa. Aprovado, passou pela categoria juvenil e na fase adulta do clube. Convocado pela primeira vez em 1997, para a seleção brasileira, foi campeão mundial e eleito o melhor bloqueador da competição. Consagrado, levou para o mesmo Banespa o irmão Murilo, o qual já tinha no currículo títulos pela seleção gaúcha. Com ambos no time, o Banespa conquistou, após oito anos, o campeonato paulista. Jogador vibrante, com uma impulsão extraordinária e muita força, tornou-se o meia de rede da seleção brasileira ao lado do irmão. Gustavo e Murilo, além de defenderem as cores verde e amarela, atuam em clubes italianos, são ídolos dos torcedores e excelentes exemplos de que Passo Fundo é uma cidade geradora de esportistas do mais alto nível. Em 15 de julho de 2007, ao encerrar a revisão deste livro os irmãos Endres comemoram na Polônia, junto com o técnico Bernardinho e o restante da seleção, o impensável “octacampeonato” mundial de volei (campeão por oito vezes consecutivas).



Instituições de ensino superior

Eduardo Roberto Jordão Knack (*)

*P*ara pesquisar a história do ensino superior de Passo Fundo é imprescindível iniciar com a instituição pioneira nesse processo – a Universidade de Passo Fundo (UPF) e os movimentos que a solidificaram. A UPF surge da fusão de duas entidades de 1950, a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo, que tinha como objetivo fomentar cursos superiores para formar novos professores devido expansão do ensino na região. Também com esse objetivo, foi fundado o Consórcio Universitário Católico em 1956.

Através da fusão dessas duas entidades, nasce a Fundação UPF. Esse foi o início do ensino superior em Passo Fundo, que criou uma instituição sólida, hoje com 1.202 professores de 48 cursos de graduação, com diversos cursos de especialização, cinco mestrados, um doutorado e várias atividades voltadas a pesquisa e extensão.

Outra instituição importante, que expandiu as atividades de ensino superior foi o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). Foi instalado em Passo Fundo na década de 1950, devido à modernização do campo e o crescimento de atividades urbanas que exigiam profissionais cada vez mais especializados. O Senac de Passo Fundo oferece à comunidade cursos técnicos de nível médio, cursos de graduação, especialização e investe em atividades de pesquisa e extensão.

Também é importante mencionar o Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE), criado pelo Instituto da Sagrada Família (ISAFSA) em 1981. Começou suas atividades em 1982 para o estudo e a pesquisa de filosofia dos membros da Congregação dos Missionários da Sagrada Família (MSF). Mas no transcorrer dos anos de 1980, abriu as portas para o ingresso de membros da comunidade geral. Atualmente, continua com o curso de filosofia, também agrega cursos de especialização e atividades de pesquisa e extensão.

Em 2001, foi criada outra instituição de ensino superior, a Faculdade Planalto. A instituição mantenedora da FAPLAN, a Sociedade Educacional Garra, foi criada em 1989. Apenas em 2001 inicia atividades de ensino superior, através da Faculdade de Administração. Hoje já oferece um curso de especialização e diferentes cursos de graduação.

A IMED Faculdade Meridional tem origem em 2001. Em 2003, a IMED iniciou suas atividades de ensino superior com cursos de pós-graduação na área do direito em convênio com o Instituto de Pesquisa e Estudos Jurídicos e o Complexo de Ensino Superior de

(*) Graduado e mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo.

Santa Catarina / CESUSC. Posteriormente, abre seus cursos de graduação em direito e outras áreas.

Em 2003, começa a ser planejada a Portal Faculdades. Efetivada em 2005, oferece cursos de Ciências Contábeis, Sistemas de Informação e Administração. Em parceria com outras instituições a Portal, além de cursos de graduação, oferece diversos cursos de especialização.

Consideramos as instituições citadas acima como exemplo do processo de solidificação do ensino superior que tornou Passo Fundo uma cidade pólo na área da educação. Através do breve histórico de cada instituição, podemos refletir um pouco a respeito do tema deste ensaio.

As duas primeiras instituições nascem em um momento de expansão urbana e modernização do município. A UPF é resultado da consolidação da educação na cidade⁸ e do crescimento populacional, responsável pela necessidade de mais escolas de ensino básico na região. O Senac, também originado nesse processo de transformação, atende a necessidade de profissionalizar uma mão-de-obra urbana para trabalhar em atividades do comércio e da indústria nascente.

No início do ano 2000, Passo Fundo recebe um aumento considerável da oferta de cursos superiores e profissionalizantes, quadro que caracteriza uma nova conjuntura. Esse *boom* do ensino superior na cidade certamente não é um caso isolado, está inserido no processo de modernização e na velocidade das transformações tecnológicas que todo o mundo enfrenta.

As instituições privadas com fins lucrativos crescem cada vez mais. Vistas por uns como benefício para sociedade, abrindo novas vagas e expandindo o mercado de trabalho, e por outros, receosos quanto ao resultado dessa expansão, são vistas como mercantilização do ensino⁹.

O ensino superior, nesse contexto, merece ser questionado. As instituições e seus alunos devem se perguntar: o ensino superior produz cultura, conhecimento, ou é apenas mais uma fria relação mercantil? Um bom caminho, entre tantos outros, para sair desse dilema, é o investimento em atividades de pesquisa e extensão, em parceria com instituições públicas e filantrópicas, para expandir o seu campo de ação, o que poderia qualificar mais os seus alunos e beneficiar a sociedade sem deixar de lado a lucratividade.



A história do Rio Passo Fundo e os desafios para os próximos 150 anos

João Grando (*)

Não seria exagero afirmar que sem o rio não existira a cidade. À beira dessas águas os primeiros povoados da região foram formados. Os tropeiros que atravessavam o planalto médio para buscar mulas, sebo e charque nos pampas armavam ali seus acampamentos, que com o passar dos anos transformaram-se em povoados e um dia constituíram o município. O Rio Passo Fundo, desde muito antes de os tropeiros lhe batizarem com o nome que carrega hoje, é testemunha de todos os momentos da história dessa região. Os primeiros habitantes, os índios, reconheciam sua grandiosidade chamando-lhe goioen, que significa “rio fundo” ou “muita água”. Os jesuítas referiam-se a ele como Uruguaimirim, numa comparação ao Rio Uruguai, o maior da região. Ao longo da história, no entorno do Rio Passo Fundo, 31 municípios se formaram, chegando-se atualmente a cerca de 400 mil pessoas em sua área de abrangência.

Desde a nascente no Povinho Velho, localidade na divisa entre os municípios de Passo Fundo e Mato Castelhanos, o rio percorre 200 quilômetros até desaguar no Rio Uruguai. No percurso, encontram-se seus tributários arroio Miranda, arroio Facão e arroio Butiá, à margem direita; passo d’Areia, arroio do Cedro, arroio Sarandi e arroio da Entrada, à esquerda; entre outros. O Rio Passo Fundo carrega suas águas em direção ao norte, para a bacia hidrográfica do Rio Uruguai, do qual é um dos principais afluentes. Ao lado de sua nascente, tem origem o Rio Jacuí, que tem vazão em direção ao sul, para a bacia hidrográfica do Guaíba. Por abranger as nascentes de rios formadores de duas bacias hidrográficas, Passo Fundo é considerado um divisor das águas do Estado. Essa formação do relevo, uma coxilha que se estende em direção à cidade, pode ser notada no Centro, próximo à Catedral Nossa Senhora Aparecida. As águas da chuva que caem sobre a Praça Marechal Floriano drenam em direção à bacia do Uruguai, enquanto as do lado oposto correm no sentido da bacia do Guaíba.

Essa riqueza hídrica foi um dos principais pilares do desenvolvimento da região. As contribuições do Rio Passo Fundo e seus afluentes foram de diversos tipos. Ente elas, destacam-se a geração de energia hidrelétrica, o abastecimento da pecuária, da agricultura, da indústria e das cidades, que só puderam se expandir devido à existência desses recursos. Além de atender a essas necessidades, o rio tem fundamental importância por ser a mais valiosa reserva de biodiversidade aquática da região. São cerca de 60 espécies de peixes, entre lambaris, bocudos, traíras e jundiás, além de centenas de outros organismos

(*) Professor da Universidade de Passo Fundo.



Passo Fundo à noite, 2007.

que vivem nesse ambiente. A existência dessa riqueza biológica proporciona à população um espaço de recreação e uma fonte de alimentação saudável, sem contar os benefícios que gera ao possibilitar interações entre água, vegetações e animais desse ecossistema.

Apesar de sua importância, o Rio Passo Fundo corre sérios riscos de comprometer a vida de suas águas. Os casos mais graves ocorrem no perímetro urbano, onde as intervenções em seu leito natural e a poluição alteram a qualidade da água, comprometendo a vida dentro rio, sendo poucas as espécies que resistem às condições adversas encontradas. Corre-se o risco de se sacrificar o rio que possibilitou o desenvolvimento da região e que é fundamental para garantir a vida pelos próximos tempos. Os estudos realizados demonstram que a reversão da situação atual deve ser buscada por meio da “renaturalização” desses ambientes. A recuperação dessas áreas possibilitaria regenerar o ecossistema, alcançando estágio semelhante ao encontrado nas condições naturais, onde há muito mais vida. Com a cooperação de diferentes áreas do conhecimento é possível alcançar soluções que integrem a valorização ecológica do rio com seu aproveitamento por parte da população, como acesso à água para a indústria, agricultura, a recreação, a aqüicultura, entre outros benefícios.

Para concretizar uma iniciativa como essa, o Rio Passo Fundo pode ser transformado em uma Área de Preservação Ambiental (APA), local que contempla a preservação e exploração racional dos recursos naturais, seguindo os critérios da sustentabilidade ambiental. Se durante mais de 150 anos o Rio Passo Fundo proporcionou desenvolvimento econômico e social ao seu povo, é compromisso de todos garantir os cuidados necessários para que o rio viva por muito mais tempo.

Impresso no Brasil

Primavera de 2007

Livraria e Editora Méritos Ltda.

Fone/Fax: (54) 3313-7317

Página na internet: www.meritos.com.br

E-mail: sac@meritos.com.br